

FABIANA BIGATON TONIN

***ÁGUAS REVESSAS: CONFLUÊNCIAS DA MEMÓRIA,
LITERATURA E HISTÓRIA NAS MEMÓRIAS INÉDITAS
DE ALBERTO RANGEL***

Texto para dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

CAMPINAS
2009

T614a

Tonin, Fabiana Bigaton.

Águas Reversas : confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel / Fabiana Bigaton Tonin. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Francisco Foot Hardman.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Rangel, Alberto, - 1871-1945 - Crítica e interpretação. 2. Memória. 3. Literatura brasileira. 4. Literatura - História e crítica. I. Hardman, Francisco Foot. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Águas Reversas: convergence of memory, literature and history in the unpublished memoirs of Alberto Rangel.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Rangel, Alberto, - 1871-1945 - Criticism and interpretation; Memoirs; Brazilian literature; Literary history.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman (orientador), Prof. Dra. Ivone Cecília D'Ávila Gallo e Prof. Márcio Orlando Seligmann-Silva. Suplentes: Prof. Dr. Jefferson Cano e Prof. Dr. Carlos Eduardo Fernandes Neto.

Data da defesa: 26/02/2009.

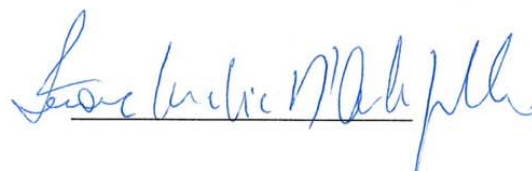
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

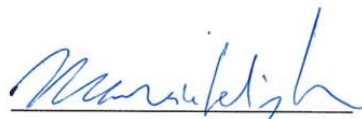
Francisco Foot Hardman



Ivone Cecília D'Ávila Gallo



Márcio Orlando Seligmann-Silva



Jefferson Cano

Carlos Eduardo Fernandes Netto

IEL/UNICAMP

2009

AGRADECIMENTOS

Em vários momentos – como ocorre a muitos, eu sei – achei que não finalizaria esse trabalho. Conforme ia me “embrenhando” nos escritos de Rangel, mais tinha certeza do tamanho (e da insanidade) de tal empreitada. Contudo, cheguei ao fim. Mais exatamente, chegamos. Porque muitas pessoas fizeram parte desse projeto e me apoiaram, fosse com um sorriso, um ombro amigo, um happy hour no fim de uma semana mais difícil. É a essas pessoas que dedico esse trabalho e quero agradecer:

A minha família, que em momento nenhum, duvidou de meu potencial – meu pai, Durval, que tantas vezes saiu de Piracicaba para me trazer a Campinas, tantas vezes veio até minha casa para me acarinhar quando eu estava atolada no trabalho; minha mãe, Cida, que alimentou com capuccinos, afagos e tanta paciência mais esse desafio; meu irmão Eduardo, amigo e companheiro incondicional (e facilitador – o que seria desse trabalho sem o meu laptop?) – a vocês, meus queridos mais queridos, que são responsáveis por tudo de bom que eu possa ser, todo meu amor e gratidão;

A meus tios e tias – uns mais distantes, outros mais próximos (e os das saudades enormes – tio Agenor e tia Latife): Cecília (interlocutora para todas as horas), Nenê, Edenir, Elza, Dorival, Ivete, Augusto, enfim, mesmo mais longe, pessoas importantes que me deram estabilidade e carinho, sempre;

A meus primos Antônio, Ramira, Patrícia, Reginaldo e Fábio, e aos pequenos Rapha e Enzo, pelo carinho e acolhida sempre amorosa;

Ao Ulisses, por ter surgido tão surpreendentemente e ter se tornado um amigo tão querido e um interlocutor tão delicado, também a Ilge, pela paciência, e a Julieta, pelas visitas fortuitas, mas cheias de leveza e força;

A “minha família” de Goiânia, que me acolheu sempre com tanto carinho: d. Sueli, sempre preocupada e cuidadosa, mimando à distância; Dr. Antônio, pelo carinho de sempre; Marcelo e Aline, sempre queridos;

Ao professor Foot pelo carinho e apoio desde a graduação; e que, acreditando em meu potencial, acompanhou e incentivou o desenrolar desse projeto, encaminhando, delimitando as leituras e escritos; mais que orientador, um exemplo;

Aos meus professores e amigos de outros tempos, que sempre apostaram em mim e que são parte decisiva da finalização de mais essa etapa: professor Luiz Dantas, aquele que inspirou e deixou tantas saudades; a Mônica, amiga e colega cuja presença se faz na herança das leituras e no exemplo de educadora; João, aquele que primeiro incentivou; Jaime, o que sempre apoiou; Grego, amigo carinhosíssimo de todas as horas; Rosa, a que sempre me pôs de volta à realidade;

Aos meus alunos, tantos e de tantos lugares, em especial, aos que viram mais de perto tudo isso acontecendo – Raquel, Lígia, Ricardo, Hugo, meninos do Portal e Cidade Alta (Piracicaba) e do colégio Progresso, turma da Cooperativa;

Ao doutor João Pauli, que, mais que médico, foi um ombro querido, sempre disposto a ouvir e incentivar;

Aos tantos amigos, que mais que colegas de trabalho, suportaram minhas inseguranças e souberam, como ninguém, partilhar minhas dificuldades quando conciliar as aulas e o mestrado era um desafio e tanto: Jean, companheiro de caronas e almoços inesquecíveis; Renata, mais que chefe, uma mestra; Ana Maria, amiga doce e colega das discussões literárias; Ivan, amigo filósofo, sempre pronto a dividir agruras acadêmicas; Dexter, grande mestre que “segurou a barra” nessa reta final; Lena, sempre pronta a flexibilizar e compartilhar boas experiências e um abraço carinhoso; Pietro, Carol, Fábio, Rafael, Ricardo Márcio, Edson, amigos preciosos que me deram o ombro, além de horas de boas conversas e bons encontros para “desanuviar”;

A Cris, amiga, mestra queridíssima, que apoiou, valorizou e sempre teve um abraço pronto e a acolhida mais generosa;

A Ana Teresa, amiga, irmã recente, tão intensa; companheira de área, de leituras e agruras tantas, pelos almoços, happy hours, pela generosidade tamanha sempre no tempo certo, pelo exemplo a seguir;

A Flavinha, minha sempre querida amiga e irmã, companheira de shopping, de almoços e exemplo de mulher forte e dedicação acadêmica, que sempre me deu apoio e soube o que me dizer e como me segurar antes que eu desistisse de tudo;

Ao Ricardo, que soube sempre acalmar e dar o apoio risonho (além dos impagáveis happy hours providenciais de quinta-feira, claro);

Aos amigos mais distantes – mais nem por isso, menos queridos e importantes – FÁ e Estelinha – amigas de tempos de infância e adolescência, sempre prontas para me receber e acolher; Hugo e Fernando, colegas do tempo da História, sempre bons interlocutores; Alê, tão querida companheira de república, de doçura ímpar;

A Carmem, querida amiga e cúmplice das letras, dos cafés, das saudosas quintas-feiras de sol; pela ajuda sempre incondicional e pelo bom colo, ainda que por meios virtuais;

A Patrícia, colega de graduação, companheira de agruras e desencontros acadêmicos, amiga querida e terna dos cafés bissextos, sempre impagáveis;

Aos amigos mais novos, mas tão preciosos: Fábio, Ricardo, Rodrigo, Guto – pelas palavras sempre encorajadoras e leituras atentas;

A Cynthia, amiga que dividiu experiências, leu com generosidade meus trabalhos e deu conselhos importantes;

A Olívia, pesquisadora incansável, pelas sugestões preciosas e pelo exemplo de pessoa e profissional;

Aos professores Márcio Seligmann e Jefferson, pela leitura atenta, conselhos preciosos (que tentei incorporar nesse trabalho, ciente de que muito ainda deve ser feito) e muita paciência na qualificação;

A Ivone e Carlos, leitores de uma “qualificação extra-oficial”, que indicaram caminhos importantíssimos (que tentei seguir, sem muita certeza de ter conseguido concretizá-los);

A Alexandre, mais que namorado, amigo, colega de curso e leituras, companheiro de empreitadas acadêmicas, leitor atento e revisor generoso, pelos quase seis anos de vivência, muita paciência e amor, apoio incondicional e fé em mim, quando nada

mais em mim parecia salvar-se – meu amor e gratidão por me ajudar a ser uma pessoa melhor (e uma pesquisadora um pouquinho mais competente também...).

RESUMO

Este trabalho elabora uma edição dos dois primeiros volumes das memórias de Alberto Rangel, intituladas *Águas Revessas*. Fez-se o estabelecimento do texto, através da conferência com os originais depositados no CEDAE/IEL. Também foi elaborado um breve estudo sobre cada um dos livros, bem como uma análise preliminar sobre a construção da memória nessa obra.

Assim, foram feitas pesquisas e leituras dos principais textos do autor, a fim de se analisar o estilo e o papel que essa obra pode ocupar no panorama literário brasileiro. Manteve-se, contudo, a atenção concentrada edição e na leitura atenta dos dois volumes apresentados nos anexos.

Vale ressaltar a importância da recuperação da obra do autor através desses textos que permanecem inéditos e desconhecidos. Através deles, pode-se enriquecer a produção literária brasileira do século XX, destacando-se a qualidade de uma obra de caráter memorialístico.

Palavras-chaves: Alberto Rangel; biografia; memórias; literatura brasileira; memórias: história e crítica.

ABSTRACT

This dissertation elaborates an edition of the first two volumes of memoirs of Alberto Rangel named *Águas Revessas*. The text was established through the comparison with the originals deposited in CEDAE / IEL. A brief study on each book by Rangel and a preliminary analysis on the construction of the memoir in the author's work were also conducted.

Therefore, research and readings of the major texts of the author were also done in order to analyze the style and the importance of this work in the Brazilian literary scenario. However, the scope focused on the reading and editing of the volumes, which are presented in the in annexes.

The importance of restoring the work of the author through those texts that are unpublished and almost unknown is noteworthy. Through these texts, the Brazilian literary production of the twentieth century can be enriched, highlighting the quality of a work with memorial character.

Keywords: Alberto Rangel; biography; memoirs; Brazilian literature; memoirs: history and criticism.

SUMÁRIO

1. Ponto de partida: um mergulho inicial	1
2. Introdução: caminhos das águas de Rangel	5
2.1. Uma breve notícia do projeto	6
2.2. Alberto Rangel e sua obra	8
2.3. Algumas gotas das <i>Memórias</i>	15
3. Memória e fazer literário	23
3.1. Artes da memória	23
3.2. Escritas do eu	35
4. Alberto Rangel: a construção de um narrador-personagem	47
4.1. Um narrador-personagem “moderno”?	47
4.2. A composição do narrador-personagem	54
5. Considerações finais	69
6. Referências bibliográficas	73
6.1. Bibliografia – base	73
6.2. Bibliografia – outras obras de Alberto Rangel consultadas	73
6.3. Bibliografia de apoio	74
7. Anexos	79
Anexo I = <i>Águas Revessas</i> , vol. I: <i>Primeiros Tempos</i>	
Anexo II = <i>Águas Revessas</i> , vol. II: <i>A Caça do Recruta</i>	

1. Ponto de partida: um mergulho inicial

O encontro foi fortuito, mas o encantamento, imediato. Meu contato com a obra de Alberto Rangel foi inesperado. Contudo, enriquecedor, posto que desafiador e pleno de surpresas. Ao descobrir os originais de seus cinco volumes de memórias – as *Águas Reversas* –, pude perceber a riqueza de um escritor esquecido, completamente “sepultado” tanto pelo cânone que o excluiu, como pela crítica especializada, que pouco o cita. Nos últimos anos, algumas tentativas de trazer à tona sua obra têm sido feitas, mas de maneira parcial e, por vezes, tais “resgates” permanecem restritos a esta ou aquela instituição¹, de modo que a obra do escritor pernambucano continua desconhecida, apagada.

Assim, raras são as iniciativas como a de Philomena Filgueiras², estudiosa que trouxe à tona, em seu trabalho minucioso de estudo filológico e estabelecimento do texto de *Quando o Brasil amanhecia*, a força dos textos de Rangel, aqui ainda na vertente histórica (talvez possamos dizer, de crônica), à moda de grandes autores que fizeram da escrita da história material vívido dos rumos de suas nações, bem como suporte para a narrativa literária e para a busca da *belle lettre*, do tom poético.

A partir dos poucos que ousaram falar sobre sua obra, o que se pode ler, comumente, é que a escrita de Rangel não é simples, mas muito rebuscada. Para um autor que escrevia na virada do século XIX, adentrando uma época de velocidade e fragmentação, parâmetros que se tornariam regras também para o fazer literário, Rangel estava na contracorrente. Não o encontraremos junto aos romances ditos inovadores, nem às poesias repletas de oralidade, provocadoras de rupturas diversas na linguagem formal. Não estará ele no movimento das Vanguardas, embora confirme sempre, no decorrer de seus livros, a indefectível influência europeia – em especial, da cultura francesa, como bem se poderia prever para um homem de sólida formação intelectual em sua época. Apontado por alguns como “parnasiano” ou “simbolista”, o fato é que Rangel pertencia àqueles que

¹ Alguns movimentos nesse sentido foram feitas recentemente, como a reedição de *Inferno Verde* (Manaus: Editora Valer, 2008) e o trabalho de Ana Sílvia A. da Fonseca, sobre os contos de Alberto Rangel publicados na revista *O Cenáculo* (dissertação de mestrado, Unicamp 2000, sob orientação de Francisco Foot Hardman).

² RANGEL, A. *Quando o Brasil Amanhecia (Fantasia e Passado)*. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor, preparada por Philomena Filgueiras, prefaciada por Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

não abandonariam tão cedo a minúcia da escolha das palavras – por vezes, em seu texto explodirão os termos preciosistas, estranhíssimos aos ventos carregados das novas estéticas artísticas do século XX – mas também as imagens fortes como as presentes em *Inferno Verde* (1908), livro de maior sucesso do autor – não por acaso, volume de contos, narrativas mais curtas. Nesse volume, sua pintura do homem e do cenário amazônico trazem um pulsar intenso, o qual permita, talvez, relacioná-lo à postura de crítica social, exame do homem e do meio – com tons de reminiscência naturalista, mas também de nuances regionalistas, como a literatura feita nos final do século XIX e mesmo aparentada aos romances posteriores do chamado Modernismo brasileiro. Tome-se como exemplo o trecho do conto “Obstinação” (*Op. cit.*, p.164-8):

O apuiseiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado, estendendo sobre ele milhares de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuiseiro não se enumeram. Cada célula microscópica, na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. É a luta sem um murmúrio. Começa pela adaptação ao galho atacado de fio lenhoso, vindo não se sabe de onde. Depois, esse filete entumesce e, avolumado, se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança, constrangente, para malhetar a presa, a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuiseiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdesce imortal.

O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero enleado, decidido a romper o laço da distrição, mas o manietador parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que o arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isso irremediavelmente. Com um facão, poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláceo colado à árvore, para que, em renovos, o carrasco reacometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipio é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável, na república dos embriões sinérgicos. O que fica basta sempre à revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre. (...)

Representava, na verdade, esse duelo vegetal, espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuiseiro social.

Eis uma mostra da força da prosa de Rangel. Farfalhante, como aponta Augusto Meyer (1956), inquieta, repleta do gosto pelo detalhe e pela descrição minuciosa. Não é

diferente com as *Águas Revessas*. Como se fosse possível mimetizar o movimento das águas, tanto quanto às correntes, como aos círculos concêntricos que reverberam quando caem pedras, flores e os mais diversos objetos e materiais, Alberto Rangel procura as palavras em sua forma, som, significado mais preciso e precioso para valer a força da levada de seu passado. Como assinalou Meyer, sobre esse fazer artesanal do texto literário, pode-se afirmar que é: “(...) uma das poucas demonstrações de vontade tensa e disciplina rígida em nossa literatura de frutos verdes, arrancados com falho e folha, para matar a fome.” (1956, p. 11). Tal comentário, feito a propósito do já citado trecho de *Inferno Verde*, pode ser estendido às demais realizações de Rangel: seu incansável estilo não deixa brechas para palidez ou mesmices. Pode sim cansar o leitor menos afeito a tais fímbrias abundantes (e não menos importantes) em seus escritos. Uma mostra contundente disso aparece nos primeiros capítulos do volume I, quando o autor se põe a investigar o porquê do retomar e escrever as memórias, como localizá-las, delimitá-las e legitimá-las pelo contexto em que vive, bem como recuperar as origens de sua família; assim elabora quase como um estudo genealógico, propriamente dito³.

Enfim, mérito ou não, a escrita de Alberto Rangel comprova a riqueza de um importante momento cultural e literário no Brasil: enquanto muitos propõem certa “homogeneização” em parâmetros fundados pelos caldos modernistas, segundo os quais existem e valem os autores canonizados e sacralizados pela então chamada “tradição”, os escritos desse pernambucano são prova que muito (e muito diferente) se fez concomitantemente. Contudo, boa parte do rico mosaico dessas primeiras décadas do século XX, com a diversidade e farfalhos de seus autores e obras, foi eclipsado em nome de uma excessiva exaltação dos chamados “modernistas”.

Tendo em vista tais considerações é que investimos nessa recuperação e, por que não dizer, nessa descoberta de um autor, dos possíveis desdobramentos da literatura de Rangel e das concepções de memória, história e arte nela presentes, a fim de que se possa enriquecer o conhecimento sobre o fazer literário no século XX, firmemente ancorado nas heranças do XIX – todavia não menos valioso por isso. Afinal, nem só de vanguardas ou

³ Vide Volume I: capítulos 1 (*Incipit*), 2 (*O Conceito de Império e sua Significação*) e 3 (*As Origens*), páginas de 9 a 56.

“contra-correntes”, mas também de tessituras, redes e águas do passado que se reelaboram e se misturam, faz-se a literatura brasileira.

2. Uma introdução ao caminho das *Águas Reversas*

Recuperar parte da obra inédita de Alberto Rangel, mais especificamente, os dois primeiros de seus cinco volumes de *memórias*, a obra *Águas Reversas* – eis o que se pretende fazer através desse trabalho. A obra esquecida pela crítica, pela historiografia e pelo que se chama “cânone” (o que atinge não só as memórias, como os demais livros de Rangel) espera pelo interesse e estudo, a fim de poder, enfim, integrar o panorama da literatura brasileira do começo do século XX. As “águas” de Rangel remetem a uma intensa tradição de (re)construção de fatos vividos e testemunhados através dos diversos recursos da escrita e do hibridismo dos gêneros da ficção e da memória: a recomposição das histórias de sua vida e de seu mundo, sob o olhar do protagonista, às vezes centro, às vezes parte de um todo recuperado e reelaborado. Na obra em foco, as memórias, longe de ser gênero homogêneo, trazem em si a miscelânea entre escrita literária, o relato histórico, o ensaio e até mesmo crônica jornalística⁴.

Apesar dos rótulos (para vários críticos, como comentar-se-á a seguir, trata-se de um escritor de “tendências simbolista-impressionistas”) e das notas que o deixam à margem da história literária, Alberto do Rêgo Rangel (1871-1945), um “ilustre esquecido” desempenhou os papéis de historiador, prosador, autor “coadjuvante e menor” (embora a crítica cite-o, quase sempre, à sombra dos demais) ou ainda na tímida posição de “discípulo” de Euclides da Cunha. Mais raramente é lembrado como autor daquela que figura como a sua obra mais conhecida, o livro de contos *Inferno Verde* (1908). Entretanto, esse escritor, “representante incorrigível do conservadorismo romântico – simbolista e do antimodernismo”⁵, de obra hoje tão obscura e desconhecida, em sua prosa, seja a ficcional – mergulhada sim, por vezes, em cores e tons fortes da poética simbolista, mas com substancialidade própria, estilo marcante –, seja a histórica ou a de *memórias*, merece ser retomado através da literal “descoberta” de sua obra.

⁴ Partimos das considerações mais gerais acerca dos gêneros mencionados, os quais apresentam variações diversas no próprio tempo da escritura do texto de Rangel; por exemplo, no caso da crônica, pode-se compreender desde uma escrita que retomada episódios históricos, bem como um texto leve, às vezes de tom humorístico, e diretamente ligado aos fatos contemporâneos ao autor.

⁵ HARDMAN, F. F. “Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização”. In: *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998, p. 187.

2.1. Uma breve notícia do projeto

O projeto, desenvolvido entre os anos de 2006 e 2009, buscou o resgate dos volumes I e II da obra inédita *Águas Revessas*, composta num total de cinco volumes, na qual Rangel promove o relato de sua vida, margeando-o com notas da história política e literária de seu tempo.

Nessa ampla e “esquecida” obra, vislumbram-se a riqueza do repertório do contista, do biógrafo e do historiador, a erudição que transbordante em seus escritos e, descobrimos, além da ficção e das obras de cunho histórico, a força de um texto memorialístico: trata-se dum painel rico e multicolorido com acontecimentos, fatos, personalidades, eventos – em especial, os literários, que compõem tais volumes inéditos das *Águas Revessas*.

A proposta apresentada e seus frutos (os quais, porém, ainda pedem cuidados, acertos e aprimoramentos) são um primeiro momento de recuperação dessa obra memorialística de Alberto Rangel, através do estabelecimento do texto definitivo para publicação dos dois primeiros volumes. Os originais – apresentados em duas versões – encontram-se depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e já houve um primeiro movimento de reorganização por Francisco Foot Hardman, em projeto do CNPq (1992-1994)⁶. Cabe destacar que, conforme expressado pelo autor, valemo-nos da segunda versão dos originais, datilografados e com anotações manuscritas (não se sabe ao certo se pelo próprio Rangel ou por um secretário particular). Assim, ao longo deste trabalho, quando nos remetemos aos originais, estamos fazendo referência à segunda versão dos escritos.

O trabalho desenvolvido cumpriu os passos previstos no princípio do projeto. O primeiro foi o estabelecimento do texto definitivo dos dois primeiros volumes – na expectativa de haver uma publicação dos mesmos. Há duas versões dos originais, sendo que o autor manifestou em vida que a versão a ser tomada como definitiva deveria ser a

⁶ HARDMAN, F. F. “Fantasia e passado: as memórias inéditas de Alberto Rangel (1871-1942)”. Campinas: IEL/Unicamp, Brasília: CNPq (Projeto de Pesquisa, 1992).

_____. “Memória, ficção e história em Alberto Rangel (1871-1945): um farfalhante na contracorrente do modernismo”. Campinas: IEL/Unicamp, Brasília: CNPq (Projeto de Pesquisa, 1994).

segunda⁷. O original já foi transposto para o suporte eletrônico. Cumpriu-se o cotejamento e a conferência do texto digitalizado com as cópias dos originais presentes nos arquivos do CEDAE. A princípio, tal passo pode parecer menor, mais simples, contudo, revelou-se desafiador: ao examinar linha a linha as páginas originais, pode-se acompanhar não só o artesanato do texto, observando-se a escrita e a reescrita intensa de cada parágrafo, mas também o intenso trabalho de um leitor constante de si mesmo e de suas escolhas. Durante esse momento, talvez o mais longo do projeto, além de cotejar os originais com o texto digitado, foi necessário completar as muitas lacunas: capítulos parcial ou inteiramente ausentes foram digitados e completaram a existente edição eletrônica. Tal passo exigiu atenção redobrada, visto tratar-se de um trabalho minucioso, em que cada palavra foi transposta para esse novo suporte. Apesar de muito trabalhoso, tal passo revelou-se compensador: o contato com um original, ainda inexplorado, trouxe, além da satisfação, um quê de aventura: o sabor da novidade aliado à possibilidade de apresentá-lo ao público. Com certeza, é grande a responsabilidade e haverá muito ainda que se ajustar e adequar; contudo, cremos na importância desse primeiro e essencial mergulho.

Paralelamente, foram elaboradas as muitas notas. Algumas ainda estão inconclusas: Rangel, homem de extrema erudição, por vezes, cita autores, refere-se a obras que nosso tempo e mesmo muitos de nossos compêndios já esqueceram. Outro ponto contemplado nas notas, de maneira panorâmica, foram alguns esclarecimentos sobre léxico. Em determinados trechos, deparamo-nos tanto com palavras cujo uso já desapareceu (como se poderia prever), quanto com étimos nem sempre registrados por dicionários e/ou enciclopédias. Em muitos casos, podem-se supor regionalismos oriundos da linguagem oral, bem como neologismos criados pelo autor, autorizados por uma ou outra passagem. Ainda para a composição das notas, recorreu-se a outras obras sobre o autor (poucas, porém, fundamentais, como a de Philomena Filgueiras⁸), além de enciclopédias de literatura, história e dicionários especializados, especificados ao final desse trabalho. Outra

⁷ *Idem, ibidem.*

⁸ RANGEL, A. *Quando o Brasil Amanhecia (Fantasia e Passado)*. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor, preparada por Philomena Filgueiras, prefaciada por Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

parte importante também anotada nesses dois volumes foram as traduções às passagens várias citadas pelo autor em idiomas diversos – primordialmente o francês, tanto o moderno quanto o arcaico, mas também o latim, o inglês, o alemão e outras línguas fazem parte do repertório de citações de Rangel em suas memórias.

Enfim, propôs-se um breve estudo dos volumes, realizados a seguir nos capítulos dessa dissertação, à guisa de introdução aos volumes aqui apresentados e de iniciação ao debate literário dessa obra do autor. Através dessa análise inicial, almejou-se o enquadramento da obra de Rangel no panorama do memorialismo brasileiro, de modo a perceber peculiaridades, a notar características próprias e exclusivas dessas memórias, bem como a estabelecer correspondências entre *Águas Revessas* e outras realizações similares na literatura brasileira (ou mesmo estrangeira, como se apontará oportunamente).

Executado esse “primeiro mergulho”, temos um movimento de retomada dessas *memórias*, através dessas atividades/etapas acima descritas. Assim, pretende-se o resgate das *Águas Revessas* de Alberto Rangel e a reavaliação da importância do autor no painel da maiúscula *Literatura Brasileira*.

2.2. Alberto Rangel e sua obra

Ilustre desconhecido. Essa expressão, clichê popular, pode ser aplicada com precisão ao se tratar de Alberto Rangel, engenheiro, historiador, ficcionista. Pouco lembrado, com poucas referências na crítica literária brasileira consultada, o autor encontrou notoriedade mais expressiva com seu volume de contos *Inferno Verde* (1908), mesmo assim, muitas vezes, sob a pecha de imitador ou “discípulo” de Euclides da Cunha. Pernambucano do Recife, ainda na infância conheceu as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde residiu com a família. Foram mudanças e andanças que produziram impressões indeléveis em sua personalidade e sua obra. Depois, na maturidade de sua vida e produção, Rangel dividiu-se em estadas na Europa – onde esteve durante boa parte das duas Grandes Guerras – e no Brasil, principalmente, no Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 1945.

Durante tantas viagens e diversas atividades exercidas – engenheiro, secretário de governo, comerciante, pesquisador e historiador – sua produção literária desenvolveu-se sobre dois pilares básicos: a história e biografia de figuras e fatos brasileiros. Rangel se tornou razoavelmente conhecido pela reunião das cartas trocadas entre D. Pedro I e a Marquesa de Santos, na obra *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos (À vista de cartas íntimas e de outros documentos públicos e privados)*, publicada em 1916. A elaboração da biografia de uma das mais controversas figuras da história brasileira, o *Conde d’Eu, Gastão de Orléans (O último Conde d’Eu)*, em 1935, também lhe rendeu alguma notoriedade – nem toda ela positiva. Tais experiências são alguns dos frutos que Rangel pôde colher através de seu ofício como organizador/pesquisador de arquivos europeus sobre a história brasileira, trabalho desenvolvido com um vigor extremo. Em 1923, por exemplo, convidado por D. Pedro de Orléans e Bragança, enquanto organizava os arquivos do Castelo d’Eu, na França, é chamado pelo governo brasileiro para fazer pesquisas sobre o período da Independência do Brasil, no *Public Record Office*, em Londres⁹.

Algum reconhecimento lhe veio também através da prosa de ficção, que pode ser considerada, em alguns momentos, como portadora de fortes nuances simbolistas e impressionistas. Segundo várias fontes, dentre as quais citamos Andrade Muricy¹⁰, atuou como colaborador da revista *O Cenáculo*, veículo que reuniu os principais nomes da intelectualidade paranaense do período e que foi fundamental para a produção simbolista. A referência de tal participação é breve e não nos deixa muitas pistas sobre seus textos. Contudo, pela natureza de sua prosa, da qual são belas amostras os contos de *Inferno Verde* (1908), *Quando o Brasil amanhecia* (1919) e *Livro de Figuras* (1921), pode-se notar um estilo trabalhado no cuidado extremo (exagerado?) com a palavra, na erudição de suas referências, na fluência das descrições que extrapolam o plástico para, por vezes, inundar os textos com um quê de poético e trágico. Tome-se como exemplo o que ocorre no conto “Maibi”, publicado em *Inferno Verde*. No cenário dos seringais e da “escravidão branca”, Maibi é dada a outro homem como pagamento de uma dívida do marido. Dias depois, desaparece. Ao ser reencontrada, temos a seguinte cena:

⁹ *Apud* Filgueiras, *op.cit.*, p. XXIII.

¹⁰ MURICY, A. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

O Zé Magro acercou-se, tremendo, a examinar a realidade terrível; na crucificada reconheceu, estupefato, a mulher do Sabino e do Sérgio.

Atado com uns pedaços de ambécima à “madeira” da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha a morta. Nos recipientes o leite estava coalhado – um sernambi vermelho...

Tinha esse espetáculo de flagício inédito a grandeza emocional e harmoniosa de imenso símbolo pagão, com a aparência de holocausto cruento oferecido a uma divindade babilônica, desconhecida e terrível. É que imolada na árvore, essa mulher representava a terra... (*Op. cit.*, p.217-218)

Aqui temos alguns aspectos do que se pode chamar a “estética” de Alberto Rangel: o vocabulário precioso e rebuscado, ora regionalista (*sernambi*, espécie de molusco), ora simplesmente difícil (*flagício* por “flagelo”), a impressão forte da cena chocante vista e descrita com a frieza do analista letrado e cientificista do final do XIX, o gosto pela metáfora e pela hipérbole, dentre outros pontos que poder-se-ia destacar. *Inferno Verde*, seu livro mais lembrado oferece, pois, bons exemplos para reconhecer o estilo do autor. O livro de contos de 1908 rendeu-lhe certa atenção; a crítica que comentou a obra e o autor parece ser unânime em alguns pontos: o talento e a indubitável sofisticação na elaboração da linguagem, qualidades vistas simultâneas, por vezes, ao exagero de trechos ditos quase “ilegíveis”, confirmados pela presença de arcaísmos, vocabulário excessivamente culto, referências literárias, históricas, mitológicas que, obviamente fogem não só ao senso comum, como a muito do que se chama, atualmente, de “cultura letrada”. Definido grosso modo como livro de capital importância na tendência do Regionalismo literário brasileiro, *Inferno Verde* recebe várias “classificações”, como, por exemplo, a de “livro de *cenar e cenários do Amazonas*”, em que a

“*linguagem [é] áspera e tortuosa, inçada de termos rebuscados, como na exasperada perplexidade ante a violência da natureza amazônica*”; “*prosa emaranhada e [de] tom pessimista*”,

cujo autor seria herdeiro de uma espécie de “regionalismo amazônico”, oriundo de Euclides da Cunha¹¹.

Há, contudo, críticos mais sensíveis à beleza da obra, reconhecendo-lhe valor peculiar tanto na elaboração da linguagem quanto na peculiar pintura da Amazônia. Peregrino Jr.¹², ao analisar a produção literária ligada à tal temática, aponta o contato com a Amazônia, espécie de paraíso e inferno, como fonte de “permanente perplexidade” para quem quer que a tomasse como exercício. O crítico aponta uma uniformidade nos livros que tratam do assunto, dizendo que “(...) *quase todos mostram [...] um reverbativo tumulto verbal e uma inevitável fuga lírica*”. Na sequência dessa afirmação, cita Péricles de Moraes, segundo o qual, a Amazônia “*não é assunto para escritores medíocres*”. Assim, pode-se pressupor um certo “mérito” na obra de Alberto Rangel por, então, estar incluído no seletivo grupo dos que enfrentaram o desafio de falar sobre a Amazônia e o fizeram de maneira personalíssima, digna de nota. Peregrino Jr. segue localizando Rangel na que classifica como “Segunda fase” da produção literária do surto regionalista amazônico, definindo o estilo de *Inferno Verde* como “(...) *torturado, descrição da terra e do homem num certo tom grave e triste de espanto, exaltação da perplexidade*”. Vai mais longe ao definir o estilo do autor como “*rígido, inquieto e castigado, o pungente realismo*”. Fecha sua referência a Rangel elogiando os “acertos”: “*páginas (...) fortes e poderosas*”, mas com certos excessos e rebuscamentos.

Além desses, referem-se a *Inferno Verde* ainda Agrippino Grieco¹³ – enfatizando também obras de sua produção historiográfica e apontando Rangel como nova força da literatura nacional – e Alceu Amoroso Lima¹⁴, que também dedicará breve estudo sobre outra obra de Rangel, *No limiar do Brasil*, sobre a qual questiona o estilo: seria de simplicidade e clareza ou “*impressão impetuosa e desgovernada*”? E mesmo tachando Alberto Rangel como representante dos “*escritores incorretos e confusos*”, reconhece a

¹¹ MOISÉS, M.; PAES, J. P. (org.). *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 349-50.

¹² PEREGRINO Jr. “O Regionalismo na Ficção. Grupo Nortista.” In: COUTINHO, A. (dir.) *A Literatura no Brasil* - vol. II. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955, p. 161.

¹³ GRIECO, A. *Evolução da Prosa Brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, p. 234-51.

¹⁴ LIMA, Alceu Amoroso. “*No limiar do Brasil*” in *Primeiros Estudos – contribuição à história do modernismo literário. (O pré-modernismo de 1919 a 1920)*. Rio de Janeiro; Agir; 1948.

importância de seu trabalho em que o histórico toma ares romanescos, pela força da elaboração linguística, e da composição fortemente visual de seu estilo.

Vale destacar que a Amazônia e a “vida e paisagens no Brasil equatorial”¹⁵ renderam mais à pena de Rangel: o volume de contos *Sombras n’água* (1913) traz em seus textos mais algumas preciosidades. Focando a paisagem, e nela, a existência humana, em seus sucessos e estertores, Rangel “continua”, de certa forma, o panorama iniciado em *Inferno Verde*. Novas histórias entre o embate da floresta e das forças humanas completam o trabalho sobre o entorno amazônico.

Ao reunir esses poucos apontamentos, é fundamental ressaltar um aspecto patente na prosa de Rangel, inclusive em *Águas Revessas*: as escolhas lexicais do autor (processo inevitável quando se lê com cuidado tais escritos), as quais oscilam entre termos regionais e neologismos, de um lado, e étimos do vocabulário clássico e precioso (por vezes, “preciosista”, para alguns), do outro. Há ainda que se notar uma descrição plástica, que sugere força às cenas, muitas vezes colocada como próprio motor do enredo. Em *Inferno Verde* e *Sombras n’água*, o autor emaranha ao retrato da Amazônia as citações numerosas, muitas vezes compondo epígrafes e comparações por meio de frases, versos, apontamentos que se valem de um apelo “clássico” (tomados tanto da mitologia greco-latina quanto de passagens bíblicas), religioso e literário, não raro usuais ao século XIX, como Victor Hugo. As citações ou os exemplos literários são incorporados às cenas locais descritas, que constroem assim belas e inusitadas molduras aos fatos narrados.

Em *Águas Revessas*, tais “tendências de estilo” firmam-se como características marcantes e atestadoras da erudição de Rangel, passando a ser determinantes quanto à orientação e à legitimação do discurso do *narrador*, que não pode dispor de sua bagagem intelectual para reconstruir seu passado. Dito de outro modo, em *Águas Revessas*, as lembranças, as histórias, sejam de natureza mais íntima, sejam aquelas tomadas de fatos que poder-se-ia dizer de “conhecimento público”, são continuamente vinculadas às reminiscências dos autores e das leituras prediletas: em outras palavras, uma ampla consciência intelectual dialoga com a influência da tradição literária e artística, tecendo a narração ficcional e o relato histórico em meio a tais vozes grandiloquentes. Somem-se a

¹⁵ Subtítulo de *Sombras n’água*.

essa teia preciosa, o jogo intertextual, as digressões poéticas e os trechos em que Alberto Rangel derrama poesia em imagens exuberantes, sob metáforas cálidas ou sombrias.

Prova disso são os trechos e “tomadas” que compõem esse *fazer poético*, através de linhas repletas de ritmo combinadas com aliterações e assonâncias, como se compusesse prosa-poética. Tais aspectos da forma acabam por fundir-se ao conteúdo transformando do texto, dando à prosa peculiar e cuidadoso tratamento. Um exemplo bastante significativo é o que se lê a seguir, retirado do capítulo 4 (*A Nasceça*) do volume I (*Primeiros Tempos*), em que se pode perceber não apenas o ritmo, mas também a cadência da alternância de consoantes, em aliterações de /v/, /p/, /m/ e /f/:

A alerta da vida, sustida na encruzilhada do seu começo! O novo ser avisava, num alvéolo daquela pequena praça provinciana, abrir o seu caminho de itinerante, - esperem, que hão de ver! - para o flutúo ou o naufrágio, a cheia ou a minguá, o aproveitamento do fruto ou a morte da flor... (Volume I, p. 54)

Outro exemplo está na sequência do capítulo 4, em que notamos a reiterada alternância entre /t/ e /r/, intensificando a expressão da passagem:

[...] o terror das trevas correlatas para onde iria, aos trancos e barrancos... (Volume I, p. 54)

O artesanato da linguagem não se fecha em um uso artístico limitado, que poderia ser dito pejorativamente “parnasiano”, em que a forma simplesmente esvazia o conteúdo. O já citado Agrippino Grieco¹⁶, ao falar dos escritos históricos de Rangel, elogia a capacidade que este tem em avivar os documentos e lapidar as belezas, “*fornecendo a nota realista sob a enganosa aparência romântica*” e elogiando sua “*visão superiormente artística*”. Grieco define como “sempre honrada”, “digna” a linguagem desse trabalho burilado, de esforço de ourivesaria na elaboração do texto. O trabalho dessa “reconstrução” histórica pode ser observado em suas obras mais conhecidas – como a reunião das cartas da Marquesa de Santos – bem como em *Quando o Brasil amanhecia*, em que Rangel recupera fatos e personagens da história de um Brasil colonial e em *Livro de Figuras*, volume

¹⁶ GRIECO, A. *Gente nova no Brasil – Veteranos e alguns mortos*. São Paulo: Editora José Olympio, 1948, p. 237-45.

curioso em que se reúnem histórias e passagens (reais e fictícias) da vida de “Filósofos” como Aristóteles e Diógenes, de “Heroínas” e “Amorosas” (conforme a denominação do próprio Rangel no índice) como Joana D’Arc, Heloísa, a menos lembrada Maria Quitéria de Jesus¹⁷, passando também por episódios de homens dedicados à vida política como Péricles, Maquiavel (na seção “Políticos”) e Floriano Peixoto (enquadrado na seção “Tiranos”). Compõem ainda o livro outras partes, como “Aldeias”, “Soldados”, “Demônios”, “Lendas”, “Aves”, “Semi-deusas” e “Carrilhão de Símbolos”. Realmente, o *Livro de Figuras* lembra um grande álbum, uma espécie de almanaque de temas e figuras literários que Rangel se põe a resgatar e reconstruir, e sobre os quais também reflete. Além do já citado cuidado com palavras e descrições, pode-se também observar certa delicadeza (romantismo piegas?) em algumas cenas, como prova o trecho que encerra o capítulo “Marília de Dirceu”, em que Rangel “reconstrói” a história de D. Maria Dorothea, amada de Tomás Antônio Gonzaga, a partir de um dedal que teria sido por ela usado, nos vários momentos em que esperava o retorno do poeta exilado. Ao saber que Gonzaga se casara com outra, “Marília” deixa-se abater:

D. Dorothea, lindamente envolta no seu vestido negro de crepe e gibão com espartilhos, reclinou a cabeça no espaldar de sola do sofá. Ficou da alvura de uma angélica. Todos se precipitaram à desmaiada. Quando Marília veio a si, rolara-lhe no regaço o dedal de seu amor. Não tornaria a recolhê-lo no escrínio com as flores e as rimas de Dirceu; e nunca mais haveria de servir-se dele. Sua mão laboriosa se utilizaria de algum outro que não lhe devesse recordar mais cousa alguma. (*Op. cit.*, p. 83)

Esse trabalho com o mínimo, com a minúcia, é outra constante nas obras de Rangel. Nas *Águas Revessas* vários são os momentos em que um detalhe assume o primeiro plano, como os utensílios de guerra ou domésticos nos épicos homéricos. Aquilo que se poderia dizer “acessório” assume as vezes de fato capital.

Tanto cuidado com a escolha dos elementos compositivos é marca digna de estudo (senão de apreciação) na prosa de Alberto Rangel. Tal aparente “derramamento” de

¹⁷ Maria Quitéria de Jesus (1792?-1853?) é apontada como “heroína” das guerras da Independência do Brasil. Teria conseguido entrar para o exército disfarçando-se de homem e tornou-se muito reconhecida pela coragem demonstrada no desempenho de atividades militares.

linguagem, que poderia, à primeira vista, assustar, merece também sua atenção crítica e línguística. Ambos são valores intrínsecos dos volumes de *memórias* do autor, aspectos observados nos volumes de *Águas Revessas* que conferem tom próprio à prosa de Alberto Rangel, definindo um estilo indubitavelmente literário (i.e. tratamento especial com a linguagem) à escritura dessas memórias.

Em suma, ao analisar, grosso modo, seu estilo, sua “estética”, percebe-se o *luxo* do vocabulário, a cadência da poesia que transforma o usual em preciosidade, em momento de contemplação e elevação. A isso, somem-se citações, referências quase exaustivas que não deixam dúvidas quanto à formação apoiada em leituras clássicas dos autores gregos e latinos, bem como de Shakespeare, Voltaire, Hugo e tantos outros visitados ao longo de seu texto. Tais aspectos resumem um pouco do seu estilo próprio, que pode ser sintetizado, a nosso ver, por citações de um crítico já referido nesse trabalho: Agrippino Grieco¹⁸, que a respeito do conjunto da obra de Alberto Rangel, sentencia, “*foi dos que provaram que o Brasil existe literariamente*” através de “*sua visão superiormente artística*”, ressaltando que na prosa do escritor pernambucano “*(...) tudo é vivaz, vivacíssimo*” – não sem certa de ironia (quicá a relembrar os superlativos pomposos do José Dias machadiano). Talvez por tanta vivacidade, tantos “meandros” intertextuais rebuscados numa poesia de figuras sofisticadas e pouco dadas ao comum, sua prosa (seja a ficcional ou a histórica, bem como a memorialística, em especial a de *Águas Revessas*) tenha sido condenada ao esquecimento. Nosso presente trabalho pretende mostrar que essa sentença é, em boa medida, injusta, e sua revogação se faz possível – e muito válida.

2.3. Algumas gotas das *Memórias*

Em cinco volumes inéditos, estão reunidas as *memórias* de Alberto Rangel: são, além dos quadros da vida do autor, impressões e registros de todo um período de intensas mudanças no Brasil e no mundo, testemunho do indivíduo e do intelectual ciente não só da força de suas palavras, mas também da premência dos registros ante o frenético turbilhonamento das alterações ao seu redor. Como já fizeram outros reconhecidos

¹⁸ GRIECO, Agrippino. *Evolução da Prosa Brasileira*. Rio de Janeiro; Ariel; / ; p.234-251.

escritores, Rangel optou por tratar, nesses volumes, do período de sua vida que compreende a infância, a juventude e o ingresso na vida adulta (1871-1900).

Águas Reversas apresenta-se como texto caudaloso, longo e fluente, repleto das cores nacionais e da erudição característica de seu autor e de sua geração. Seus cinco volumes compreendem a infância e a juventude passadas no Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo até, grosso modo, o abandono da carreira militar em 1900. Mais que mero relato de vida, da simples descrição de seus feitos e méritos ou de acontecimentos familiares e cotidianos, tais memórias podem ser compreendidas, como indicou Francisco Foot Hardman¹⁹, como “*esplêndido mosaico sobre vida literária entre 1870 e 1910*”. Esse mosaico faz-se pelas narrativas intercaladas das impressões pessoais, dos testemunhos sobre figuras capitais de nossa literatura como, por exemplo, Júlio Ribeiro e Euclides da Cunha, bem como de “desconhecidos” aos quais Alberto Rangel contempla com especial apreço, como o poeta Ezequiel e sua musa e também poeta Narcisa Amália²⁰.

Escritas dos meados dos anos 30 até o início da década de 40 (1937-1942), período em que autor viveu entre a Europa e o Brasil, os volumes atestam não só as “impressões”, mas documentam momentos ímpares da história nacional, como a morte de José Bonifácio e os embates que antecederam a Proclamação da República. Nessas *memórias*, além do cunho documental-histórico, o autor surpreende com seu olhar muito particular, suas observações de cunho poético que transfiguram o “real”, o “documental”, extraindo o tom cotidiano e prosaico de muitos fatos corriqueiros e aparentemente banais, através dum intenso trabalho com a palavra.

Ora, é preciso que se diga que tratando de um livro de memórias, é preocupação central entender como a *memória* de um autor (que pode ser considerado o *narrador* e *personagem central*, simultaneamente)²¹ se constrói, se evidencia e se revela no texto. Essa faculdade, dom, recuperação do experienciado, reconstrução de percepções do

¹⁹ HARDMAN, F. F. “Fantasia e passado: as memórias inéditas de Alberto Rangel (1871-1945)”. Campinas: IEL/Unicamp, Brasília: CNPq (Projeto de Pesquisa, 1992).

_____. “Memória, ficção e história em Alberto Rangel (1871-1945): um farfalhante na contracorrente do modernismo”. Campinas: IEL/Unicamp, Brasília: CNPq (Projeto de Pesquisa, 1994).

²⁰ Volume I, capítulo 27 (*O Ezequiel*), p. 132-55.

²¹ Tomamos aqui algumas considerações e conceitos de Phelippe Lejeune presentes na obra *Le pacte autobiographique* (1975). No capítulo seguinte, aprofundaremos a discussão sobre memória e construção do texto autobiográfico, ampliando tal discussão.

passado, está impregnada das visões do sujeito vivido – por exemplo, as primeiras e pungentes experiências do indivíduo: o olhar da criança assustada e desafiada a superar um medo²², a percepção confusa por várias mudanças de cidade, relativamente frequentes, as impressões terríveis da escola, a dor pela morte do irmão ou ainda quando da morte do pai.

A presença da voz madura, do homem no momento presente da escritura, do adulto que reconstrói e impregna o discurso, retomando o passado a partir do que constituiu sua formação, sua ideologia, seus valores, define a perspectiva e a moldura por onde contemplar-se-ão os relatos da memória. Quando Alberto Rangel aprecia a poesia de Ezequiel, ou quando se refere, no último capítulo do volume I²³, à importância da oralidade enquanto suporte para preservação de narrativas e da própria cultura de uma época, temos exemplos de observações e enquadramentos que só são possíveis ao *narrador adulto*, que pretende juntar as “pontas do tempo”. Assim, o fenômeno da *memória* não diz respeito à mera recuperação do passado, mas mostra-se como uma construção intelectual, como simultâneo *resgate*, *reflexão* e *(re)criação* – e no caso do presente texto, como em tantos outros, a construção literária de retorno e reelaboração da experiência por meio da experiência com a linguagem²⁴. Assim, se há a completa impossibilidade de recuperar, de reviver o passado (dificuldade que pode ser, em alguma medida, comparada à do historiador²⁵), a experiência de lembrar, seja no registro oral, ou no escrito (como o objeto aqui estudado), constrói-se na *releitura*, em que se acrescentam à memória pessoal (falha, incompleta), a memória do grupo, da família, da sociedade, que preenchem as “falhas” do *eu-narrador*. Por isso, caso se espere um “documento absoluto” de um período, é preciso certo cuidado com aquilo que define, literalmente, a reescrita personalíssima, algo que

²² Por exemplo, no capítulo 17 do Volume I, Alberto Rangel narra como fora desafiado, numa noite em que se contavam histórias de terror e fantasmas, a enfrentar o escuro do corredor da casa para buscar determinado objeto para a mãe. Trata-se de um momento crucial em que se nota o resgate da “voz da criança” em meio ao relato memorialista do narrador.

²³ Volume I, Capítulo 70 (*A Tradição Oral*), p. 382-97.

²⁴ Citemos Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos* (p. 9), retomando os estudos de Henri Bergson a respeito da memória: “(...) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

²⁵ *Idem*, p. 21.

poderia ser chamado de “construção do mundo das memórias”, posto seu exercício de re-enfoque, preenchimento, organização do vivido no espaço e no fluir do texto.

Diante dessas breves observações, nota-se como é importante ler e analisar as *Águas Revessas* como painel que mescla certa construção histórica, de valor, ao relato da testemunha que deseja lapidar seu passado, dar ao vivido belas cores, mas também documentar: ao olhar peculiar de um intelectual que pinta suas lembranças com as cores fortes de sua experiência, em especial, soma-se, indelével, o exercício literário. Trata-se de compreender o fazer da memória como complexa teia de fios de lembranças, história do país, de um indivíduo central (o *eu – narrador* e *personagem*) bem como a construção literária que inunda e transborda o texto. No *Incipit*²⁶, encontramos um narrador empenhado nessa (re)elaboração, num apanhado geral do exercício de “escrita da memória”, recorrendo a exemplos como Rousseau para legitimar seus escritos. Nesse capítulo de abertura, nota-se que o *eu* que fala no texto, o *narrador*, coincide com o intelectual que dará sua vida como tema e, portanto, será o *personagem* central de sua própria narrativa, ainda que nem sempre o mais focado em sua obra.

Assim, parece-nos fundamental que se analise a construção do *narrador-personagem* nas *Águas Revessas*, tomando em consideração os diferentes momentos de sua vida e de sua obra. No primeiro volume, temos o autor na roupagem de um narrador que tenta recuperar a singeleza do olhar infantil. São narradas desde as raízes longínquas da família²⁷ até os fatos típicos da infância: a lembrança da(s) casa(s) e dos pais, irmãos e parente; as brincadeiras; a entrada na escola e os desgostos e desventuras infantis. Nesses momentos de sentimento infantil, longe de ser um narrador ingênuo, percebemos uma voz saudosa, sensível, por vezes ponderada, contida em exclamações, outras exultantes e derramadas nas imagens fantásticas e exuberantes, como no capítulo 30, *A chuva e o cabeleireiro*²⁸, momento de suave beleza no texto. O narrador, então recuperando suas angústias de crianças, fala de dois fatos representantes de sua liberdade aprisionada: a obrigação de ir ao cabeleireiro e a proibição de brincar na rua em dias de chuvas – o que o

²⁶ Volume I, capítulo 1 (*Incipit*), p. 9-23.

²⁷ Volume I, capítulo 3 (*As Origens*), p. 33-56. Nessa parte, como em várias outras, percebe-se a voz que é a do sujeito adulto, reconstruindo a experiência passada (infantil) com base no olhar da maturidade.

²⁸ Volume I, p. 207-8.

fazia ficar à janela e invejar o menino que brincava nas poças, longe do olhar proibitivo da mãe. Ora, o narrador de *Águas Revessas* faz questão de transpor mesmo a visão infantil para o registro sóbrio, poético, rico; as suas impressões são sempre enriquecidas pela consistência de um saber mais maduro e requintado, que se mostra intrínseco ao estilo do autor²⁹.

Transcorrem, portanto, como esse tom suave, porém firme e retocado pela voz experiente, os setenta capítulos do primeiro volume, em que reconhecemos o olhar do menino já amparado nos ombros e, talvez na saudade triste, do homem que escreve e recupera a experiência de seus primeiros anos. Terminando o volume com a narrativa da morte do pai, Quincas, e algumas reminiscências sobre a perda, a obra segue em trinta e quatro capítulos no segundo volume, mais breve e mais concentrada no início da experiência militar, nas vivências na Academia da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. Impedido de seguir a carreira jurídica, por limitações de ordem econômica e familiar, o jovem *narrador-personagem* vê-se na Academia Militar: apontam-se a decepção, os desejos frustrados e, ao mesmo tempo, a adaptação ao regime da academia militar, a descoberta de novos amigos e companheiros (como será a figura de Euclides da Cunha). No capítulo 19, nosso narrador parece imergir a partir da experiência do tempo que dói e machuca, questionar sua passagem, mas também, reflete sobre toda construção da memória:

Qual, porém, a exata e completa indicação dessa efemeridade, o dia certo do atropelo e mergulho do jovem, assentando a praça no Corpo de Alunos da Praia Vermelha? Quem não conhece a preocupação de frisar as datas, agulhas sempre perdidas no palheiro da memória, e por vezes tão difícil de achar, mesmo quando constituem importantes referências da insignificante existência, consumida nos azares do seu triste borbotão? O Pequeno Polegar [ateava] nas pedrinhas que lhe marcavam o caminho. Sem calendário não há historiador que se respeite, as obscuridades de ontem se perdem em encruzilhadas indetermináveis, o passado vira num labirinto. Em tal dia assim, assim o padre Manuel da Nóbrega, a chamado do Donatário, partiu para Pernambuco... Tendo a esquadra holandesa, em que vinha o coronel Waerdenburch, a tanto de tantos, sido vista pelas atalaias da costa... Seria no milênio tal, o mês e o

²⁹ Esse narrador é, em tese, a criança, mas sua composição de memória e a elaboração do texto devem-se diretamente ao homem, em muito, despindo o que seria a singeleza típica do mundo infantil; algo semelhante se observa em *Infância*, de Graciliano Ramos, em que a voz infantil faz-se supor mais forte, mesmo na visão do narrador/autor já adulto.

dia bem certos, que Bonaparte escreveu a Maria Luiza, deixou a Ilha d’Elba, foi fígado no “Bellorofonte”...

Datar é pôr uma estaca neste infinito que nos vai engolindo. E estendermo-nos no espraio da vaga imensa, para instantaneamente medir-lhe as dobras e balizar-lhe os acidentes da voragem...” (Volume II, capítulo 19).

Essa bela observação sobre o tempo, o “datar”, dá exemplo da consciência de um *personagem* que se vê crescendo e cujo discurso é sempre entremeado pela voz mais experiente do *narrador*, que embora lhe coincida como indivíduo, supera-o como vivência intelectual cristalizada.

Há ainda, além da voz testemunhal do narrador, trazendo as novas experiências da vida militar, os momentos de diálogo precioso com o seu então passado – leia-se aqui, com os fatos grafados no primeiro volume. Por exemplo, coincidem os péssimos sentimentos em relação à escola, antes terrível em sua disciplina rígida, sufocante, “prisão”, e “equívoco do ensino jesuítico de então” (volume I, capítulo 46), reavivados e realçados pelo sujo, pelo imundo do início da vida militar, pela multidão de percevejos e outros imundos insetos, como dito no capítulo 26 do volume II:

O Estado inventaria um ensino mirandolesco e não nos dava ao menos a cama limpa, nem a mesa aceitável e bem posta. O Brasil preparava os doutores de espada, chafurdando-os no regime alimentar de uma senzala ou enxovia! É verdade com certos oficiais, encarregados da administração do Rancho, tinham nas suas mesas, em casa, tudo aquilo que nos faltava. Os fornecedores do Estado sempre souberam arranjar as coisas, de modo a se fartarem de todos os lucros, amansando, mimando e enriquecendo os que os fiscalizavam [...]

O narrador desse segundo volume parece, à semelhança do indivíduo que representa, mais amadurecido, seguro dos fatos relatados, afinal, temos agora o jovem, impelido à indelével participação no mundo adulto, embora haja rompantes de indignação, ponteados por uma certa frustração – o que culminará, como se sabe, na saída de Rangel do exército. No capítulo que fecha esse volume II, *Amor à Tribula*, temos ainda o comentário perspicaz sobre um periódico de circulação na academia militar, do qual o autor nunca

participou, questionando o valor “literário” da publicação, tendo em vista a instituição-berço – vale notar que tal opinião pode também carregar certo quê de frustração.

Por esses e outros breves apontamentos, se faz notável a importância e a validade das memórias de Rangel: mais que simples documento ou autobiografia, lê-se em seus escritos belo exemplo de trabalho esmerado com a palavra, de *esforçada* literatura, cujos valores merecem discussão, debate e – ao menos – a luz pública.

A seguir, discutir-se-ão, mais detalhadamente, alguns conceitos possíveis de memória e recapitulação literária, objetivando-se aplicá-los ao estudo da obra de Rangel. Haverá também algumas notas centradas no aprofundamento de algumas das reflexões aqui propostas, a fim de elucidar a construção desse *narrador* complexo, que nos enriquece um painel brasileiro das primeiras décadas do século XX, vividos de modo tão intenso e literário – o que faremos junot ao exame mais detalhado de cada um dos volumes.

3. Memória e fazer literário

Em princípio, inclusa nos horizontes de nossa intimidade, não há paisagem insípida e morrediça para aquele que lhe seja o centro testemunhal ou motor. A vida de cada um de nós constitui-se dos feitos e ilusões mais comuns, tornados à sua importância sentimental desde que persistam no estado sobrevivente de recordação. (Volume I, *Incipit*)

Assim Rangel abre seu primeiro volume de memórias. O que nos é aparentemente comum, ganha uma nova tonalidade e deixa de ser “insípido e morrediço” para aquele que reveste seus feitos do que o autor chama de “importância sentimental” do “estado de recordação” – mais amplamente, pode-se dizer que a memória altera o *status finito* e transforma os feitos de uma vida através da narrativa e da reelaboração dos acontecimentos e fatos vividos. Ora, antes de analisarmos brevemente a construção do texto das *Águas Revessas* em perspectiva histórica e suas características literárias, cabem algumas observações sobre o trabalho e as inquietudes plurais, complexas e fascinante da memória.

3.1. Artes da Memória

Processo psicológico, individual, social, capacidade e/ou exercício; matéria-prima e meio para formas de arte? Decomposições que não esgotam nosso conceito de memória, tampouco define-a por partes ou suficientemente.

Ao analisar um texto, intitulado por seu autor como *Memórias* – como é o caso do objeto de estudo aqui apresentado –, parece-nos fundamental recuperar e propor alguns apontamentos sobre o conceito de memória, os quais possibilitarão uma discussão mais frutífera. Começando pelo princípio, Le Goff (1996, p. 423) propõe uma definição consagrada:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de **funções**

psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.³⁰

O processo dito *psíquico* (ou *psicológico*), tão em voga no vocabulário humanocientífico dos discursos do princípio e desenrolar do século XX, remonta a sua origem primeva. A etimologia (*psique*, em seus sentidos vários em grego, iniciando em “sopro, respiração, alento” até chegar a “força vital, vida, alma, espírito”), se não elucida os caminhos tortuosos por que passam conceitos tão íntimos e obscuros, permite-nos ao menos refletir a nomenclatura de nosso “desconhecimento”. Inevitável essa ligação primeira dos fundamentos da memória ao cerne de nosso processo vital: a esse conceito prévio, aparentemente tão simples, pode-se relacionar uma imagem consagrada pelos antigos, como prossegue Le Goff (1996, p. 438):

Os Gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, Mnemosine. É a mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é pois um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada nos “tempos antigos”, da idade heróica e, por isso, da idade das origens.

A poesia, identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma *sageza*, uma *sophia*. O poeta tem o seu lugar entre os “mestres da verdade” [cf. Detienne, 1967] e, nas origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que se inscreve na memória como no mármore [cf. Svenbro, 1976]. Disse-se que, para Homero, ver-sejar era lembrar.

Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do além.³¹

A memória como uma espécie de dom vem à tona como o poder materializado da reminiscência, do imperecível, que está na base de todas as artes e, não diferentemente, das que são alimentadas pela palavra, escrita ou falada. O artesão, o artista, que dispõe de tal dom, detém consigo o privilégio dos “eleitos”, dos que criam e manipulam a “verdade”, tornando-se também um *artífice* – realização multifacetada e prenehe de formas do fazer humano. O poeta, ou estendendo-se um pouco a ideia daquele que manipula a palavra, o

³⁰ LE GOFF, J. “Memória”. In: *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 423. **Ênfase** acrescentada.

³¹ *Op. cit.*, p. 438.

escritor, pode ser o que atualiza impressões e informações, sob modos diversos, utilizando-se de impressões e estéticas as mais variadas. Opera, engendra, manipula, interpreta, refaz as vias do tempo passado em sua reconstrução presente, construindo por fim uma *nova* “verdade”.

No imenso e irregular campo da literatura e seus fazeres, o grande bloco (seja da poesia épica, grande força fundadora da literatura ocidental, da poesia lírica, e dos demais e tão plurais gêneros – inclusive do que leva a alcunha de *Memórias* – que hoje tentamos definir, legitimar, analisar) a ser esculpido e “marretado” pela ação do artista – em especial, nos interessa, o escritor – é o da memória. É ela a matéria-prima da recuperação, reelaboração, transformação que nos possibilita o fazer literário em múltiplos formatos e gêneros – o que pode ser comprovado pelas tantas obras que investigamos, veneramos, que nos oferecem lastro enquanto homens passíveis de conhecer sua humanidade. Se hoje esquecemos da memória (consciente ou inconscientemente) e dos seus desdobramentos, talvez seja porque pulverizamos o passado, não nos enriquecemos mais com ele e emudecemos frente ao bombardeio diário da informação fragmentada, poeira do presente que nos cega.

Se, por um lado, buscamos compreender um “artista da memória”, preocupado em resgatar suas impressões de vida (reflexão pessoal) aliadas à memória nacional (coletiva, documental?), por outro, vêmo-nos exaustos por caldos e enxurradas de novas “tecnologias” e fazeres que se propõem artísticos, invencíveis imaginação e inquietude humanas enterram o passado e se exaurem. Não que se creia na possibilidade ingênua de mera reconstrução do passado – estamos, pois, cientes das novas correntes de estudos historiográficos que alertam para o fato de que o passado só pode ser resgatado e recuperado pelo fragmento e pela parte, pelo olhar cauteloso que sinaliza *possibilidades*. Enfim, não há como elaborar conclusões definitivas e estanques ou certezas exatas. Contudo, em sua porosidades intangível, o passado é parte de nós. Assim, a memória é a possibilidade desse resgate que nos une e humaniza, traduzida pelas múltiplas formas de arte, como as inúmeras facetas do fazer literário, por exemplo.

Aristóteles já salientava que a memória tem por objeto o passado e que para haver a construção da lembrança, era preciso ir além da sensação, do juízo: era preciso ter a

sensação do tempo transcorrido e transposto. O filósofo separa a faculdade que conserva o passado, a memória propriamente dita, e a reminiscência/lembração que evoca o passado. O aspecto sensível dessa capacidade do ser humano depende sim da percepção física a ser “registrada”, pois, segundo ele, a memória implica uma pintura mental, um registro que se grave, fixado, às paredes de nossa experiência vivida e ao qual possamos recorrer, através do exercício do relembrar³².

A tão categórica separação aristotélica, confronte-se as perspicazes colocações de Paul Ricouer (2008, p. 41), que assinala:

A memória está no singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças estão no plural: temos umas *lembranças* (já houve quem dissesse maldosamente que os velhos têm mais lembranças que os jovens, mas menos memória!). Evocaremos, mais adiante, a brilhante descrição que Santo Agostinho faz das lembranças que se “precipitam” no limiar da memória; elas se apresentam isoladamente, ou em cachos, de acordo com relações complexas atinentes aos temas ou às circunstâncias, ou em sequências mais ou menos favoráveis à composição de uma narrativa. Sob esse aspecto, as lembranças podem ser tratadas como formas discretas com margens mais ou menos precisas, que se destacam contra aquilo que poderíamos chamar de um fundo memorial, com o qual podemos nos deleitar em estados de devaneio vago.

Lembrança e memória, lembranças e memórias, singulares ou plurais, nem sempre são sinônimos ou precisam os mesmos domínios. Caso se veja em uma certa capacidade singular humana, toca-se em outra na concepção de registros, de “pinturas” e “imagens” elaboradas e recriadas a partir dessas mesmas capacidades tão fluentes da memória. Assim, vale retomar algumas observações de Frances Yates (2007), na obra *A arte da memória*, em que a autora elabora um cuidadoso estudo sobre a história da arte da memória. Não é nosso objetivo aqui a análise exaustiva ou minuciosa de um campo tão vasto; contudo, é válido notar que algumas observações feitas pela autora nesse exame detalhado do que é a *arte da memória* e do como ela foi construída ao longo dos séculos, da tradição antiga até a chamada modernidade, são válidas para o que possamos tecer nossas reflexões sobre a parte da obra de Alberto Rangel com que trabalhamos.

³² ARISTÓTELES. “De la memoria y el recuerdo”. In: *Obras*. Madrid: Aguilar, 1967, p. 893-900.

No primeiro capítulo de *A Arte da Memória*, há o relato da história (contada originalmente por Cícero em *De oratore*) de Simônides, poeta que, após ser salvo pelos deuses do desmoronamento da casa na qual participava de um banquete, fora o responsável por reconhecer os corpos dilacerados das pessoas que estavam na festa, graças a sua prodigiosa capacidade de memorizar quem era cada um dos presentes, bem como o lugar por eles ocupado. A partir dessa narrativa, a autora elucida: “*Não é difícil apreender os princípios gerais da mnemônica. O primeiro passo era imprimir na memória uma série de loci, lugares*” (YATES, 2007, p. 19).

Daqui parte a elaboração do principal conceito trabalhado pela autora, que ao retomar a teoria clássica das artes da memória, explica: para memorizar é preciso eleger cenários e colocar as palavras, as coisas, as pessoas nesses lugares. Ou seja, construir uma grande arquitetura em que cada lembrança assuma seu lugar – e cada lugar seja preenchido em seus sentidos. A autora aprofunda a construção desses conceitos através da análise da retórica clássica e das “técnicas” (afinal, como Yates mesmo assinala, não são tão simples *procedimentos* que se possam reduzir a *técnicas*, mas pode-se tomar, como conceito geral, tal palavra) utilizadas para exercitar a memória, seja ela natural (a que nos proporciona a busca de lembranças, recordações de maneira espontânea) ou artificial (ou seja, aquela que é desenvolvida por jogos ou outros procedimentos interativos, seja para o exercício profissional ou para a exibição).

Seguindo em seu exame sobre a articulação das artes da memória (às quais, em certos momentos, como quando se observa o exercício de lembrar, a autora chamará o processo de *mnemônico*, embora ela mesma advirta que essa palavra, tomada em si, é simplificadora de todo o processo analisado), Yates (2007, p. 23) assinala:

A arte da memória é como uma escrita interior. Os que conhecem as letras do alfabeto podem escrever o que lhes é ditado e ler o que escreveram. Do mesmo modo, aqueles que aprenderam a mnemônica podem colocar em lugares específicos aquilo que ouviram e falar da memória. Porque os lugares são como tábuas de cera ou como papiros, as imagens são como letras, o arranjo e a disposição das imagens são como a escrita, e o fato de pronunciar é como a leitura. (...)

Se queremos nos lembrar de muitas coisas, precisamos nos prover de um grande número de lugares. É essencial que esses lugares formem uma série e sejam lembrados em uma ordem determinada, de

modo que se possa partir de qualquer *locus* da série e avançar e retroceder a partir dele.

Somando-se essa observação ao que foi citado anteriormente, tomados os textos de Aristóteles e de Le Goff, algumas considerações podem ser feitas: a memória, capacidade, possibilidade de recuperação e de rememoração do passado, é, em si, abstrata, isto é, *separada* tanto do instante quanto da situação que se propõe recordar. Dito de outro modo, a capacidade psíquica e mental que a executa, seja individual ou coletivamente, não restaura concretamente nem o tempo nem os eventos ou situações a que a linguagem remete – mas, nem por isso, se revela como processo ineficiente ou ineficaz. Assim, ao se falar de “imagens”, “pinturas”, “grafias na cera” ou de “locais que abriguem as lembranças”, quais objetos que possamos reconhecer e “tocar” com os *olhos interiores* – metáforas que convergem para uma “capacidade visual” dessa construção da memória –, percebe-se o apego a algo concreto (como uma imagem que se vê), mas que se esvai como fantasma. Observando-se com mais atenção, nota-se que tal figuração não é completa ou total, nem sempre são imagens que nos ilustram as veredas das lembranças: essa memória, por vezes, concretiza-se ora oralmente (nas cantigas da infância, por exemplo), ora olfativamente (nos odores bons ou ruins), ora na simples escrita, como a dos documentos literários ou históricos que mesclam (ou não) ambos os “gêneros”.

Porém, é preciso ir além dessa apresentação da memória, ou breve descrição das formas de sua ocorrência. Nesse sentido, parece-nos capital recuperar um pouco das observações de Paul Ricoeur presentes em *A memória, a história, o esquecimento*.³³ Ao apresentar seus questionamentos, análises sobre como diversos autores (Platão, Aristóteles, Locke, Agostinho, Hursel, para citar os principais) discutiram ideias fundamentais sobre e a partir do conceito de memória, o autor postula: o principal dever da memória é não esquecer. Ao que, pode-se questionar: seria ela então “absoluta”, pois possibilita que recuperemos o que fomos, o que vivemos e não nos esqueçamos de tudo o que já passou? O

³³ RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. O estudo do autor é muito rico e profundo. As recuperações feitas a seguir são recortes, por vezes, superficiais e muito parciais, uma vez que a magnitude da obra não pode ser englobada no presente trabalho.

que pode parecer óbvio, na verdade, esconde uma crítica muito mais inquietante. Ao comentar Aristóteles, Ricoeur (2008, p. 40) afirma:

Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à imaginação, na medida em que esta tem como paradigma o irreal, o fictício, o possível e outros traços que podemos chamar de não posicionais. (...) Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela.

Só podemos lembrar através da memória, mas ela não é a palavra final, não é o meio mais confiável para se conhecer (ou tentar conhecer) o passado, a vida de uma época, de sua sociedade ou mesmo de uma pessoa que se insere e pretende reconstruir sua sociedade e seu momento – como no caso de Rangel. Mesmo assim, precisamos da memória e a ela recorremos, retomamos, olhamos: examinamos nossa existência a partir dela. O espaço do esquecimento preenche-se com a memória, imaginativa ou não. O terreno movediço de um texto cujo gênero é híbrido³⁴ confirma as incertezas históricas: há sim construções que extrapolam aquilo que foi “simplesmente vivido”, há um fazer literário associado, tanto no campo da elaboração da linguagem, como nas escolhas dos quadros, dos cenários, dos “lugares da memória” resgatados pelo autor. Confia-se nele porque estabelecemos um pacto: enquanto leitores de uma obra (de memórias ou não), “cremos” ou, pelo menos, tentamos crer e tomar por verossímil, válido e fidedigno aquilo que nos é relatado. Isso não significa ou pressupõe ausência de questionamentos e dúvidas. Afinal, mesmo que seja papel da memória salvar *algo* do esquecimento, as escolhas feitas já apontam para fatos que mereceram ser lembrados e outros que continuarão obscuros ou sequer mencionados. Isso não implica dizer que a memória deva ser ignorada ou que seus frutos sejam menos importantes, mas é fundamental reconhecê-la enquanto capacidade subjetiva: as escolhas operam-se sob o olhar do sujeito, do indivíduo que as faz. E, retroativamente, ele as faz mergulhando nas possibilidades de suas experiências passadas.

Experimentar a memória é, portanto, provar o passado (Aristóteles define: “a memória tem por objeto o passado”), o que se fará aos poucos, buscando fragmentos dela,

³⁴ Discutir-se-á mais detidamente a questão do gênero textual nas memórias na próxima seção deste trabalho.

escolhidos mais ou menos conscientemente³⁵. Há escalas em que as escolhas parecem totalmente racionais e planejadas, como podem parecer as *memórias* de Rangel num primeiro olhar panorâmico: o alinhamento cronológico, a “exatidão” das datas, a profundidade dos detalhes. Contudo, ao se examinar mais de perto, notam-se os “fiapos” que escapam, cuja pertinência foge ao que parece ser seu “plano inicial”. Assim, uma “pincelada” não planejada (jamais o saberemos) permite que seja vislumbrada tanto como irregularidade ou borrão, como em traço de “genialidade” ou atributo de inesperada beleza, como o capítulo já citado em que o autor rememora a ida ao cabeleireiro³⁶. Se, como propõe Bergson³⁷, toda nossa percepção está impregnada de lembranças, ou seja, de cacoc mais ou menos “pontudos” da memória, através dos quais se permite a experiência diária e mais prosaica, nossa relação com a memória é vital – mas também pode ser mortal. Rangel, ainda que no início do século XX, tenta desesperadamente apegar-se às tábuas de suas reminiscências e forjar uma construção da vida pretérita que se pretende fidedigna e legítima, fugindo assim a esse esvaziamento.

Enfim, qual o espaço da memória que se abre, hoje, para que se recuperem obras como a de Rangel? Não nos é possível apontar uma resposta. Todavia, cumpre fazer notar que o texto literário desse autor fincou suas bases nesse credo: a memória legitima a vida, ou, pelo menos, *o narrar da vida*, quiçá dando-lhe qualquer sentido menos absurdo. As Memórias constituem algumas das últimas obras escritas pelo autor, o qual, através delas, recupera fatos de sua infância e juventude. O enquadramento feito pelos cinco volumes de *Águas Revessas* propõe um recorte e uma seleção, como uma espécie de foco ou perspectiva: Rangel ainda tinge, cabe acrescentar, suas lembranças de forte perspectiva historiográfica “tradicional”, à medida que parece crer numa escrita de sua história como um retrato fiel de todos os grandes e pequenos detalhes possíveis de abarcar pela força da memória – ainda que aceite o exercício de reconstrução, a reelaboração.

Parte importante desse exercício de retomada do passado recai sobre a própria reflexão sobre o conceito de memória, como já se sugeriu no início dessa seção, conceituada em geral como uma capacidade individual, como o “testemunho” de um

³⁵ cf. BOSI, E., 1979, p. 9, nota 26.

³⁶ Volume I, capítulo 30 (*A Chuva e O Cabelereiro*), p. 207-8.

³⁷ BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo, Martins Fontes: 1999.

sujeito. Contudo, tal sujeito não se fez sozinho; ao contrário, integra uma sociedade – assim, deve-se pesar sempre que possível, como propôs Maurice Halbwachs³⁸, os efeitos e as consequências de uma possível memória coletiva (como assinala Ricoeur, não acreditamos que se possa reduzir o estudo da memória ao âmbito exclusivamente social e coletivo, desprezando assim a construção de uma subjetividade – parece-nos mais equilibrado aceitar que a memória deve ser pensada nos âmbitos individuais em intercâmbio com a esfera coletiva, não de forma excludente, porém complementar).

Aquilo que se constrói como memória tem indubitavelmente forte ligação com o entorno social, como sinaliza Halbwachs, que exemplifica: muitas das que dizemos serem nossas lembranças são também de muitos, como noções de família, parentesco, amizade etc. Por vezes, “quadros da memória” se apoiam na lembrança de outros, se complementam ou se misturam nessa recordação alheia, vizinha. Num extremo oposto, poder-se-ia afirmar que a memória exclusivamente individual jamais será confiável, porque ser exclusivamente individual (surtem as perguntas: quem o testemunhou? quem o partilhou?). Como ressalta Halbwachs (1994, p. 22-3):

Mais le acte qui évoque le souvenir est-il bien celui qui nous fait rentrer les plus complètement en nous-mêmes? Notre mémoire est-elle bien notre domaine propre, et, lorsque nous nous réfugions dans notre passé, peut-on dire que nous nous évadons de la société pour nous enfermer dans notre “moi”? Comment cela serait-il possible, si tout souvenir est lié (alors même qu’elles n’en constituent point le contenu) à des images qui représentent des personnes autres que nous-mêmes? Sans doute nous pouvons nous rappeler bien des événements dont nous seuls avons été les témoins, l’aspect de pays que nous avons parcourus tous seuls, et, surtout, il y a bien des sentiments et des pensées que nous n’avons jamais communiqués à personne, et dont nous conservons seuls le secret. Mais nous ne gardons un souvenir précis des objets vus au cours d’une promenade solitaire que dans la mesure où nous les avons nommés, où ils ont été l’occasion pour nous de quelque réflexion. Or tout cela, lieu, forme, nom, réflexion, ce sont les instruments grâce auxquels notre intelligence a prise sur les données du passé dont il ne nous resterait sans eux qu’une vague réminiscence indistincte. Un explorateur est bien obligé de prendre des notes sur les diverses étapes de son voyage; des dates, des repérages sur les géographiques, des mots nécessairement généraux, ou des croquis schématiques, voilà les clous avec lesquels il fixe ses souvenirs qui, autrement, lui échapperaient comme le plupart des apparitions de la vie nocturne.

³⁸ HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

Se boa parte do passado nos escapa e, como indivíduos, somos muito frágeis para rememorar, o apoio do grupo – a sociedade – é fundamental para redesenhar as escritas da memória. O indivíduo, por sua vez, é fundamental ao explicitar as escolhas, ao tornar singulares quadros e cenas que, para muitos, seriam banalizados, e ao lançar um olhar particular (e até peculiar) sobre aquilo que é recordado e sobre a maneira de organizar essa recordação e concretizá-la em arquiteturas diversas (narrativas em prosa, poesia, pintura, escultura etc.). Ainda que se possa dizer que a memória individual seja imprecisa e parcial, ela é uma mostra do que determinada sociedade produziu, elegeu. Os fatos elevados e escolhidos ao status de “memória oficial” de determinada pessoa são, ao mesmo tempo, a prova e a possibilidade de entender (ou, ao menos, conhecer um pouco mais) determinada época e seus homens. Halbwachs (1994, p. 19) sintetiza: *“en résumé, il n’y a pas de mémoire possible en dehors des cadres dont les hommes vivant en société se servent pour fixer et retrouver leurs souvenirs”*. Assim, é preciso considerar que a memória de um indivíduo, repleta sim de suas particularidades, de suas lembranças mais peculiares, pertence também a um quadro social, parte dele, do olhar sobre uma época e muitas vezes o que se pretende é recuperar um pouco, ou ainda um determinado aspecto desse momento histórico. E ainda: *“ce travail de reconstruction s’effectue, en même temps que sous l’influence de la société tout entière, sous la pression des préjugés et préférences de la société des vieillards”* (Halbwachs, 1994, p. 19). Não é possível escapar de valores, influências do momento em que se vive: aqui, podemos considerar as leituras, a formação intelectual, o cabedal que sustenta e nos diz muito de quem somos e por que o somos. Rangel explicita ao longo das memórias os autores, os conceitos e valores que preza (ou mesmo que questiona e condena – o que quer dizer que, ainda que não os aceite como os melhores, está sujeito a eles) e com os quais constrói suas narrativas.

Ora, o reencontro de Rangel com o passado é a recuperação de uma época repleta de fatos históricos singulares – o final do século XIX e suas diversas “revoluções” e transformações, as mudanças de um Brasil que deixa a monarquia “torna-se” uma república. Em momento algum, Rangel se exime da importância de retratar tal período. Ao contrário, assume isso como um dos pontos cruciais de sua empreitada – daí um dos traços

que permite a classificação do texto como *memórias*, e não simplesmente como *autobiografia*. Se é fato que a narrativa deixa transparecer a impossibilidade de conter ou descrever com exatidão o passado – pois, tampouco é isso que se pretende, tendo em vista o caráter literário, também há de se reconhecer, na tentativa e nas escolhas (como faz um historiador em seu ofício), a riqueza de seu projeto, dado o intenso trabalho com pesquisas, arquivos, documentos e outras “escritas de história” em que se engajava o autor.

Não é demais repetir que essas memórias se elaboram em finos tecidos que se entretecem, grosso modo, em dois planos fundamentais, como já apontado: em um, nota-se a memória do indivíduo, ou seja, os relatos estritamente subjetivos; em outro plano, a memória histórico-coletiva, senão exclusivamente social, imbuída da consciência do coletivo. Não raro esses dois planos estão mesclados, por vezes, totalmente, imiscuídos: vida íntima e fatos do cotidiano mais pessoal entrelaçam-se ao mosaico da história política, literária e cultural do país na virada do século XIX ao XX. Cabe aqui a observação de Elizabeth Jelin:

El ejercicio de las capacidades de recordar y olvidar es singular. Cada persona tiene “sus propios recuerdos”, que no pueden ser transferidos a otros. Es esta singularidad de los recuerdos, y la posibilidad de activar el pasado en el presente – la memoria como presente del pasado, en palabras de Ricoeur (1999: 16) – lo que define la identidad personal y la continuidad del sí mismo en el tiempo.

Estos procesos, bien lo sabemos, no ocurren en individuos aislados sino insertos en redes de relaciones sociales, en grupos, instituciones y culturas. De inmediato y sin solución de continuidad, el pasaje de lo individual a lo social e interactivo se impone. Quienes tienen memoria y recuerdan son seres humanos, individuos, siempre ubicados en contextos grupales y sociales específicos. Es imposible recordar o recrear el pasado sin apelar a estos contextos. Dicho esto, la cuestión – planteada y debatida reiteradamente en los textos sobre el tema – es el peso relativo del contexto social y de lo individual en los procesos de memoria.³⁹

Portanto, é clara a importância da sociedade e das interações por essa propostas. Contudo, há sempre uma voz que se levanta, um olhar que se propõe a narrar, a retomar o que aconteceu e a organizar essas recordações.

³⁹ JELIN, E. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, Social Science Research Council, 2002, p. 19-20.

Entretanto, como já dissemos, a memória tem suas falhas. Talvez se possa afirmar que são tais falhas propiciam que se componham a reflexão e o aprendizado – e, portanto, uma outra espécie própria de memória⁴⁰. O espaço do que a lembrança não consegue preencher, muitas vezes, é o terreno para a criação literária. Como já sinalizara Aristóteles, memória e imaginação andam juntas. Por vezes, não sabemos qual se sobrepõe. Rangel admite, em alguns momentos, que está recriando os fatos, reinterpretando o material apresentado por sua memória. Assim, ainda que timidamente, o autor tem alguma consciência do que Seligmann (2003, p. 64) denominou como “a força criadora da tradução do passado”:

Pode-se falar em uma *ética da representação* do passado que implica a nossa *dívida* com os mortos. Mas é evidente que não existe a possibilidade de uma tradução total do passado; esse era justamente o credo central do historicismo e do positivismo. Para Benjamin, a apropriação integral do passado só seria possível após uma redenção política e messiânica da História – Borges, enquanto tradutor e nos seus ocasionais textos sobre tradução, defendeu uma “infidelidade ‘criadora e feliz’”. Ele estava consciente de que não existe tradução sem o trabalho da imaginação.⁴¹

Ao recriar o panorama do que foi o Brasil experimentado em sua infância, juventude, tempos de escola e de exército, família e amigos, Alberto Rangel, ainda que herdeiro de certas tonalidades do historicismo do século XIX, escolhe as peças de seu mosaico e investe numa reconstrução da memória, nessa “tradução” particular do passado. Observa-se o trabalho de construir o novo que se pretende uma imagem do vivido, quando o autor recupera o que alguém lhe disse, as palavras de um livro, a analogia com pinturas que só conheceu enquanto adulto, poemas lidos em sua maturidade, enfim, novas elaborações que substituem a matriz original – seja ela qual for.

Marilena Chauí, em sua Apresentação ao livro de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*, aponta que esta autora emoldura as lembranças dos entrevistados e, retomando a ideia de que “Uma lembrança é um diamante bruto que

⁴⁰ Lembremos o caso de Funes, o memorioso, personagem borgiano que era incapaz de relacionar e “aprender”, porque não conseguia esquecer nada, tudo guardava e registrava em sua memória prodigiosa.

⁴¹ SELIGMANN-SILVA, M. “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”. In: *História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas; Editora da Unicamp, 2003, p. 64.

precisa ser lapidado pelo espírito”, sintetiza como se deve operar com a memória: “Burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo constituindo-o como nosso tempo”⁴².

Alberto Rangel, ao seu modo, munido de seu conhecimento histórico, filosófico, literário, lapida e burila os pedaços de seu passado e empenha-se em compor a sua versão dos fatos vividos. Ele dá consistência à memória, dá colorido às suas lembranças, sem esquivar-se do seu tempo e de sua tradição literária. É, portanto, o movimento que traz à tona o que os dias, meses, anos mergulharam num aparente esquecimento. Se há áreas de sombra, de impossibilidade de resgate, há muitos importantes fragmentos que emergem vibrantes nas reconstituições do autor. Assim, o exercício da memória se cumpre, em acabamentos que variam entre a escrita histórica, a crônica de costumes e a poesia, como discutiremos nos capítulos a seguir.

3.2. Escritas do eu

Alberto Rangel foi autor de obras de cunho histórico, volumes de contos e de pequenos ensaios, os quais conheceram, ainda que parcamente, algum publicidade, e, em casos mais raros, como o de *Inferno Verde*, algum sucesso. Porém, as *Águas Revessas*, permanecem inéditas – para ironia do exercício da memória; afinal, seu objeto deveria ser o que deve ser lembrado, aquilo que se elegeu como digno de não ser esquecido. Além dessa questão inicial, do estudo da construção da memória e dos meios pelos quais isso se dá, há outras que se põem à discussão da obra. Por exemplo, a questão dos gêneros textuais e narrativos. Numa definição “simples”, poderíamos retomar o que nos diz Georges Gusdorf⁴³, ao estudar a construção dos gêneros autobiográficos, das chamadas “escritas/ registros do eu”:

Les plus prudent, pour commencer, serait de caractériser un usage prive de l'écriture, regroupant tous les cas où le sujet humain se prend lui-même pour objet du texte qu'il écrit. La littérature du moi, en as plus vaste ampleur, est du “je”, destinée à autrui ou réservée à la consommation personnelle.” (GUSDORF, 1991, p. 122)

⁴² *Op. cit.*, p. 21-2.

⁴³ GUSDORF, G. *Les écritures du moi – Lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

Nosso ponto de partida é, de fato, uma narrativa do indivíduo Alberto Rangel, enquanto membro de uma família, cidadão, profissional. É em torno dele e de suas experiências – mais especificamente, da memória dos fatos vividos – que se organizam as memórias. Mas isso bastaria e assim definiríamos o gênero? Pouco provável. A definição inicial de Gusdorf é fundamental, mas há muito que se deve complementar a ela. As chamadas “escritas do eu” não são convencionais do ponto de vista da crítica e da elaboração literária, não compõem um gênero homogêneo, tampouco previsível:

(...) le rédacteur d'écritures intimes n'obéit pas premièrement à des intentions formelles; son projet ne porte pas en premier lieu sur la perfection de l'écriture, le souci de la beauté comme réussite gratuite, la conformité à des arts poétiques plus ou moins périmés. Il ne s'agit pas pour lui de se livrer à des jeux d'écritures, selon des modes rhétoriques inspirés par les arbitres des élégances qui font la loi en tel ou tel moment donné. L'immense floraison des écritures du moi ne saurait être réduite aux proportions du modeste "corpus" d'un genre littéraire, où seraient regroupés un certain nombre d'ouvrages de librairie, sélectionnés selon le goût de quelques professeurs qui se plaisent à y retrouver les marques caractéristiques d'une catégorie d'imprimés, constituée en fonction de critères arbitraires, sans tenir compte de la nature propre de ces écrits et de la fonction spécifique à laquelle ils étaient destinés dans l'existence intime de leurs rédacteurs.

Les écrits du moi sont des exercices du moi sous une forme écrite. Les professeurs de littérature ne prêtent pas d'attention à cette nature profonde, à cette destination; ils considèrent ces textes comme la matière première de lectures offertes à tous et d'abord à la corporation des lettrés, qui s'ingénient à analyser ces morceaux de style, en dehors de toute référence à ce qu'ils signifient vraiment. (GUSDORF, 1991, p. 143)

Um gênero complexo e profundo, porque se propõe a tornar público o que, originalmente, é particular, subjetivo, íntimo. Seria, portanto, deveras simplificador definir as memórias como um texto literário de características fixas, previsíveis. Como sinaliza Gusdorf, a tradição dos registros escritos que se podem chamar “confessionais” é bastante antiga, respondendo a épocas e anseios diversos, bem como trazendo à tona diferentes sujeitos integrados a diferentes culturas e sociedades. Mesmo assim, é fundamental que se busque delinear certos conceitos acerca da possível fisionomia desse *tipo literário*.

Se, como já se disse na seção anterior, não há dúvida de que a memória é matéria-prima fundamental à literatura, seja o trabalho artístico de caráter ficcional, poético

ou mais biográfico⁴⁴. Por vezes híbridas, os escritos de *Memórias*, trazem em si o romance, a poesia e, claro, a autobiografia. Podemos confirmar tais ideias partindo de uma definição-padrão, dada pelo dicionário Houaiss, que embora não seja uma obra específica do ponto de vista “técnico” da literatura, traz uma boa síntese do chamado, grosso modo, gênero de *memórias*:

Relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular⁴⁵.

Gênero híbrido, portanto, poderíamos dizer, são as memórias? Sim, e para fundamentar tal opinião, valemo-nos do estudo de Luiz Costa Lima⁴⁶:

“Fora da ficcionalidade, a literatura abrange aquelas obras que, perdida sua destinação original, recebem outro abrigo, i.e., mantêm seu interesse, mudando de função.” (...) *“Por formas híbridas, entendemos aquelas que, tendo uma primeira inscrição reconhecida, admitem, por seu tratamento específico da linguagem, uma inscrição literária”*. (LIMA, 2006, p. 349-52)

As memórias não podem ser definidas como documento histórico estrito, tampouco trata-se mera e simplesmente de relato ficcional com caráter histórico. Como diz Costa Lima, quando se exaure a possibilidade de definição de um gênero de maneira estrita – porque não cabe simplesmente na prateleira da história ou da ficção, mas sim, derrama-se e ultrapassa o que se conhece de tais elaborações textuais – deve-se flexibilizar e ampliar a conceituação:

Não será ainda o que deverá suceder, entre nós, com *Os Sertões* (1902) e com *Casa Grande e Senzala* (1933), quando, perempto seu propósito de interpretação sócio-histórica do país, neles sobressair a espessura de sua linguagem? Espessura da linguagem: aquela cuja composição nem se dirige a uma rede de conceitos ou que se destaca a partir do momento em que essa direção já não se mostra suficiente, nem

⁴⁴ São vários os exemplos que fundamentam tal ideia. Restringindo ao início do século XX, temos a obra de Proust que, além de coroar o exercício autobiográfico em sua versão ficcional, inaugura uma nova percepção sobre essa possibilidade literária.

⁴⁵ Optamos por transcrever essa definição e não a de uma enciclopédia ou dicionário literário, tendo em vista que ela sintetiza e resume definições diversas consultadas, bem como traz uma aceção clara e de amplo alcance para diversos tipos de leitores.

⁴⁶ LIMA, L. C. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

se contenta com o automatismo de seu uso corrente. Pela espessura da linguagem, a literatura então se tornará sua segunda morada.⁴⁷

Contudo, mesmo reconhecendo-se as memórias como um gênero híbrido, dada a sua “espessura da linguagem” e ampla construção do mosaico social do período, encontramos outro impasse: seriam os textos aqui analisados memórias ou estaríamos também frente a um exemplo de autobiografia? Reproduzimos uma “ressalva” presente na definição do verbete “memoir”, da *Merriam Webster’s Encyclopedia of Literature*:

Closely related to, and often confused with, autobiography, a memoir usually differs chiefly in the degree of emphasis placed on external events; whereas writers of autobiography are concerned primarily with themselves as subject matter, writers of memoir are usually persons who have played roles in, or have been close observers of, historical events and whose main purpose is to describe or interpret those events. (p. 749)

Nas memórias de Rangel, bem como o caso de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, temos uma **sobreposição de gêneros**, ou ainda, se retomarmos a definição da enciclopédia, uma “confusão” que não está apenas na definição dada pelo olhar exterior, mas que se concretiza na elaboração da narrativa, ora mais centrada no narrador-personagem, ora deslocada para os fatos exteriores, históricos, sendo esse personagem uma das “testemunhas” da ocasião relatada.

É Costa Lima (2006, p. 353-4), em seu estudo sobre o volume citado de Graciliano Ramos, que demonstra bem como se dá essa confusão/sobreposição:

[...] como o termo “autobiografia” se difunde a partir do final do século XVIII, observa-se a tendência de assim chamar o que antes se designava como memória(s) ou confissão (ões). As memórias, contudo, se diferenciam pelo realce da face pública da experiência de vida de alguém, seja o próprio autor, seja um terceiro; realce que, ao se tratar da própria vida daquele que narra, frequentemente contém momentos de sua face interna, i.e., de como ele se via a di próprio. As *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, sendo predomi-nantemente memórias, não deixam de ser, ao mesmo tempo, autobiografia. A memória é, de imediato, um documento histórico, uma fonte historiográfica que, configurando-se por um correlato sensível do que foi vivido, alcança uma inscrição literária suplementar. À pura biografia, i.e., o relato da própria vida que não se

⁴⁷ *Idem*, p. 349-50.

preocupa em conciliá-la com a memória, sem por isso se converter em ficção, cabe a restrição que Renza lhe fez: é um “projeto ostensivo de auto-representação, de se converter a si mesmo no presente prometido pela linguagem” (RENZA, L.A.: 1977, 295). Assim entendida, em vez de dupla inscrição, a *pura autobiografia* concretizará o “presente prometido pela linguagem”, i.e., a maneira como autor, contrariando a ordem verificável dos eventos, se vê (se fantasia) a si mesmo. No melhor dos casos, constituirá aquele tipo de literatura que corresponde ao que Gusdorf chamava de “vingança contra a história”.

Note-se a importante observação lançada sobre as *Memórias do Cárcere* – e que queremos aproveitar para as memórias de Rangel: as *Águas Revessas* são memórias, quer seja por seu caráter predominante documental, quer seja pela preocupação do autor com a narrativa da história (em especial ao que se refere ao aspecto literário e cultural de sua época), mas que não deixam de ser também autobiografia, o que se confirma ao notar a narrativa confessional que permeia (e em alguns momentos domina a narrativa, em especial, no que se refere à infância) os volumes de Rangel. É novamente Costa Lima (2006, p. 361) que explica:

Ao documento bastaria descrever o que vi se passar. As Memórias não se contentam em fazê-lo – contêm a cena pública e veem aquém dela. Conectam-se à autobiografia que, se ultrapassa a tentação narcisista ou a fabricação psicótica, se aprofunda ainda mais. Seu caminho não é o da inevitável oclusão no presente da escrita, pois se distende na viagem não-documental do eu-com-os-outros. À medida que esses outros são pessoas reais, ao ingresso na literatura desse modo de autobiografia não corresponde automática insuficiência de sua inscrição documental.

Ao centrar-se na cena particular, na narrativa que parte do indivíduo integrante da sociedade, mas que é sobretudo sujeito e, portanto, dono de uma subjetividade que lhe é única, é preciso que se reconheça a presença da autobiografia, pois estamos no território em que se constrói um *Eu*, um narrador-personagem, cujas bases, além do relato histórico, vão além e englobam a elaboração literária – e tal possibilidade nos ajuda a entender a sobreposição memórias/autobiografia:

[...] como será possível combinar duas modalidades discursivas de formatos tão diversos [memórias e/ou autobiografia e ficção]? Em que medida a ficção pode se meter na biografia de uma pessoa cuja vida não é segredo? Em termos abstratos, só uma resposta parece cabível: desde que a ficção, sem se diluir a si mesma, respeite o

percurso biográfico. Para que assim suceda, será forçoso um ajuste de planos. Como a biografia, i.e., o que é passível de comprovar-se documentalmente, é a base a ser explorada, ela há de constituir o plano maior, dentro do qual o ficcionista exercerá sua *inventio*. (LIMA, 2006, 365)

Ou seja, se aceitarmos essa elucidação de Costa Lima, aceitaremos que estamos diante de um gênero que pode ser descrito mais como literário do que como ficcional, no que diz respeito ao exercício do ficcionista e sua invenção de si enquanto personagem de uma época e sua reconstrução de um período. Não há dúvidas sobre a sutileza intrínseca (e intransponível?) da construção textual de um *eu* ao mesmo tempo real e literário-ficcional na história que se narra. Assim, analisemos um pouco mais o que seria essa construção do *Eu*, partindo dos comentários de Philippe Lejeune (1991, p. 58): “*Ecrire sur soi est fatalement un invention de soi. Une forme de fiction. Ceux qui combattent cette fiction pour dégager leur vérité font sourire ceux qui savent n’avoir d’autre vérité que la fiction.*”⁴⁸

Não é diferente o caso das *Águas Revessas* de Alberto Rangel. Pode-se, inicialmente, perceber o autor encarnando os papéis de narrador e personagem, criando e recriando tais figuras, promovendo a dinâmica das diversas narrativas e deslizando entre os caminhos da crônica histórica, das camadas de ficção sobre o vivido, passando por entre a poesia, a crítica literária, o artigo de opinião. Caso se possa afirmar que a base para tais “passeios” são as lembranças da vida recontada, há, certamente, o que se denomina escrita autobiográfica, uma vez que o centro da elaboração literária foca-se no indivíduo e suas vivências. Contudo, é preciso observar que o núcleo subjetivo (autobiográfico) estende-se e abarca realidades e fatos muito além do “eu” do texto, momentos referentes ao coletivo, desde a família, a escola, a cidade até a nação e ao mundo – daí a definição como *Memórias* e não simplesmente como autobiografia.

Tal mistura de gêneros concentra em si questionamentos e dúvidas: afinal, como lidar com a equação (ou seria inequação?) autor = narrador e narrador = personagem? Quando saber quem é quem, o que é verdadeiro e pessoal, o que é imaginação e resquício “reinventado” – a fim de separar os extremos? Como sintetiza Lejeune (1975, p. 14), o qual

⁴⁸ LEJEUNE, P. “Nouveau Roman et retour à l’autobiographie”. In: CONTAT, M.; LEJEUNE, P. et alii (org). *L’auteur et le manuscrit*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

ainda define assim o gênero: “[Autobiographie] (...) récit rétrospectif em prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité”.

Ora, temos aqui um primeiro ponto de impacto. O autor, o qual, por excelência, elabora seus personagens, demarca os mundos de ações e acontecimentos de sua literatura, mantendo para tanto certa distância, no terreno da autobiografia – considerando que esta se insere na composição das memórias, como o presente caso de Rangel – vê-se defronte à nova realidade desse gênero que pressupõe o que Lejeune chamou “pacto autobiográfico”: a coincidência e, por vezes, as sobreposições entre autor, narrador e personagem. Em outras palavras, elaboração ficcional mistura-se à confissão autoral. Assim, se é verdade que há diversidade de definição e manutenção desse pacto, não é menos real o fato de que o leitor, longe de confundir categorias, funde os espectros do autor, narrador e personagem (da maior parte das ações narradas), extraíndo conclusões que permanecerão enevoadas.

Embora o pacto autobiográfico se estabeleça entre autor e leitor, nem por isso um gênero se define pelo simples pacto, aplacando dúvidas e polêmicas. Lejeune (1991, p. 33) aponta:

[...] l’autobiographie est le genre littéraire qui, par son contenu même, marque le mieux la confusion de l’auteur et de la personne, confusion sur laquelle est fondée toute la pratique et la problématique de la littérature occidentale depuis la fin du XVIIIe siècle.

Elizabeth Bruss⁴⁹, ao discutir a definição do gênero autobiográfico, aponta que, para escapar do relato, o autor dessa obra não se limita ao mero relato de lembranças. Há “preenchimentos” literários (como sinaliza Lejeune), há espaços e lacunas em que o autor deve se ocupar da construção do texto e da reelaboração da lembrança através do exercício de criação, porque não se dizer, da ficção⁵⁰. Como já se apontou, não há “pureza” nem exatidão, manipuladores criminosos ou inocentes ingênuos – o que talvez ajude a legitimar a obra autobiográfica como literária, uma vez que mais que retrato, ela é representação, metáfora e imitação do vivido. Bruss ainda atenta para o fato de que os gêneros mudam (na

⁴⁹ “L’autobiographie considérée comme acte littéraire”. *Poétique*, Paris, n. 17, 1974. p. 14-26.

⁵⁰ Mais uma vez, exemplos que podemos chamar “canônicos” confirmam tal ideia: é o caso de *Em busca do tempo perdido*, de Proust e das memórias de Pedro Nava, as quais vêm se consagrando como marco e referência na literatura brasileira.

verdade, estão em constante mudança: *mutatis mutandis*, notemos os *blogs* na *internet* alterando a constituição desse gênero autobiográfico) e a autobiografia segue essa máxima, à medida que se apropria de outros discursos e formas literárias. Nas *Águas Reversas* de Rangel, como comentamos, há mesclas entre a crítica literária, o relato histórico, o ensaio. Todas essas formas da escrita, contudo, ligam-se e tornam-se coerentes por ancorar-se no relato pessoal do indivíduo, ponto de partida para que as memórias se constituam como tal.

Vale lembrar também os apontamentos de Antonio Candido ao analisar as obras de viés memorialístico de Pedro Nava, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade⁵¹. Diz o estudioso, partindo da análise dos diferentes aspectos de cada obra:

[...] apesar das diferenças, eles [os autores e seus escritos] têm um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura “de dupla entrada”, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa.

Tal comentário nos parece extramente pertinente sobre a escrita das memórias de Rangel. Assim, mais que “documento” ou “relato”, é preciso olhá-la como “obra criativa”, ver o que se constrói tanto por meio dos recursos da próprios da linguagem dita *literária* (como sonoridade, significação etc.), quanto por meio do discurso exclusivamente historiográfico. Nessa fusão discursiva, entremeada por ficção e realidade, reside o gracioso da prosa de Rangel.

Há ainda que se complementar e ir além. A autobiografia, bem como outros gêneros textuais, em sua riqueza e complexidade, não permite, como apontamos, limites claros e definitivos. Entretanto, mais que obstáculo à leitura e aos questionamentos que possam vir das obras assim classificadas, o testemunho do autor e de suas reminiscências, suas escolhas sobre o que narrar do tempo passado e as realizações estéticas sobre a memória, permitem discussões multifacetadas, as quais podem fomentar, lançar alguma luz aos caminhos percorridos pela literatura brasileira.

Em sua interessante análise sobre os entrecruzamentos da autobiografia, história e memória, Bella Jozef⁵² destaca também o fundamental papel do tempo – afinal, ao

⁵¹ CANDIDO, A. “Poesia e Ficção na Autobiografia”. In: *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2005, p. 54.

rememorar e reconstruir é impossível dissociar as escolhas dos recortes temporais. A autora assim concentra suas observações:

No fundo da confissão autobiográfica, encontra-se uma biografia em movimento, uma transubstanciação da própria imagem de vida, ideias, atitudes e conhecimento. O tema essencial de toda autobiografia são realidades experimentadas concretamente, em que a realidade externa se modifica pela vida interior. Na biografia, uma pessoa aludida à vida que se narra, tenta averiguar a estrutura interior da mesma. O argumento da autobiografia é o tempo na temporalidade rica do ser, a expressão de uma consciência.

A autobiografia é a experiência textual de alguém que quer contar sua vida para dizer quem é. Toda obra é uma forma de escrever-se, de permanecer nos espaços da memória, na arqueologia da recordação. “Toda escrita literária, em seu primeiro movimento, é uma escrita do eu”.

Esta definição remete para o eterno romantismo do ato literário e coloca o escritor na sua temporalidade de homem destinado à morte e que reencontra o tempo perdido a cada instante da escrita. [...] A autobiografia roça o mistério da “outridade”, seu fascínio e segredo na última instância indizível, num lento processo de imbricação de tempos e gente.⁵³

No caso de Rangel, as *Águas* são represadas entre o nascimento e a juventude, tendo como marco final a saída do exército do então oficial. Grosso modo, o recorte privilegia os primeiros anos.

Um exame atento permite-nos localizar núcleos em que abunda a construção literária, outros em que o viés do narrador-personagem tenta sobrepor-se com suas vivências e experiências incessantemente descritas, além dos momentos em que tudo isso cede a um observador quase genérico, que se põe acima dos fatos, pois vê os acontecimentos num âmbito panorâmico. Essas escolhas não são feitas aleatoriamente, e um aspecto que talvez permita interessante análise é estão próximas da morte – a escrita das memórias acontece entre 1937 e 1942, ano de falecimento do autor. Como já ocorrera a muitos, parece que Alberto Rangel quis antecipar-se à vida que se esvaía a fim de deixar algo dela, uma parte “imortalizada”. Não sem alguma ironia aponta Lejeune (1975, p. 56) as contradições diversas que definem a autobiografia:

⁵² JOZEF, B. “(Auto) Biografia: os territórios da memória e da história”. In. *Op. cit.*, p. 295-308.

⁵³ *Idem*, p. 298.

Écrire sa vie, c'est mourir un peu. De toute façon, dès qu'un lexicographe cherche à illustrer le mot, il tombe sur une phrase désagréable. Attention: autobiographie, danger. Mentir, mourir. Etre dépossédé de soi.

A pessoa concreta será apagada, ocultada pela morte. Só assim podem ficar as palavras e o testemunho sobre o vivido. Como se não fosse possível haver coexistência entre a narrativa do passado e a voz que a conta. Os escritos que ficam, que permanecem e duram e, ao mesmo tempo, que se enrijecem sob a forma lapidar, como que mortos. Só essa “voz” pode permanecer, etérea, e assim se perpetuar; o corpo atrapalha, as lembranças prescindem da carcaça, pedem a leveza do que não é material, mas está e continua presente.

Há ainda que se destacar o papel do narrador e de como esse é construído no interior das *Águas Revessas* de Alberto Rangel. Num primeiro plano, percebemos que é um narrador incomodado com o papel de alguém que escreve sobre si, consciente do que a tarefa da narrativa, no caso, podemos dizer, da autobiografia, traz inúmeros empecilhos. Falar de si é falar de escolhas, optar por determinadas lembranças que, ainda que se refiram ao coletivo, dizem muito de quem as escolheu como dignas de encabeçar determinada narrativa. É o que se aplica ao caso de Rangel: ao pretender descrever a si e à história do Brasil, na verdade, é ao homem que viveu tudo isso que se refere, como se já estivesse fora de si e o contemplasse de longe, sem sair de si próprio. Talvez seja um primeiro – e decisivo – impasse o de ter a si como centro do texto. Isso implica desnudar-se, o que, por sua vez, significa, muitas vezes, trazer à tona aquilo que possa ser desagradável, condenável, intimidador. Mas também significa revelar e surpreender – mesmo quando parece falar de “outro”, da coisa alheia, é de si que fala o autor, convertido em narrador-personagem de sua própria saga, como nota Gusdorf (1991, p. 127):

La littérature du moi se distingue de tout autre usage du langage humain parce qu'elle fait oeuvre à partir de la propre substance du scripteur. Situation analogue à celle de la femme qui oeuvre dans l'intimité de son corps. L'écrivain, bien entendu, parle de lui-même quand il parle d'autre chose.

Rangel reconhece a problemática disso e sabe os riscos aos quais se submete, pois a empreitada de suas *Águas Revessas* desafiam um terreno perigoso: assumir recontar

uma época a partir do seu olhar de testemunha, daquele que viveu, criticou, aceitou ou opôs-se ao que presenciou. Falar de suas aceitações mostra não apenas seus gostos e preferências de maneira mais direta, mas revela, por trás daquilo que não é dito (ou do que é preterido), suas omissões, falhas e seus desgostos. É, como indica Gusdorf (*ibidem*), um **jogo perigoso**, dada a sua amplitude e a seriedade de suas exigências:

Le auteur d'une autobiographie, d'un journal intime ou d'un autoportrait se trouve doublement impliqué dans ses écritures: il est lui-même la mesure et le critère de ce qu'il écrit, à la fois meneur du jeu, arbitre du jeu et enjeu du jeu. Situation contre nature, et qui suppose vaincues toutes sortes de résistances. Qu'il en ait ou non conscience, le rédacteur se trouve toujours plus ou moins en posture d'accusé, même s'il se camoufle sous les dehors de la plus insupportable vanité. On peut toujours faire illusion aux autres; il est possible de se demeurer latent, aux confins de la conscience. Les écritures du moi se déploient selon le mode de l'aveu, c'est-à-dire de l'incrimination et du soupçon, et c'est précisément ce que met en lumière le mot de "confession".

Mais radical do que o simples diário (o qual permanece o oculto, à margem de leitura e avaliação coletivas), as *memórias* de Rangel implicam ser simultaneamente jogador, árbitro e também aquele que encarna o desafio do jogo, ter todas as medidas e critérios para determinar o que e como contar: muitos papéis para um só narrador, o que significa muitos riscos de confundir-se, fracassar ou ser mal interpretado – afinal, em última instância, estaríamos diante dum ato de extrema e pura vaidade? Ou ainda, um ato de abuso, dado a fronteira extrema dos poderes detidos? Ou apenas maneira de reorganizar o vivido, possibilidade de olhar para trás – com algum reconhecimento de certo poder –, mas usando-o de forma a possibilitar uma transformação benéfica: aquela que pressupõe que o contado possa (poderá?) ser lido, quiçá apreciado, e que sirva como alguma indicação, revele algum indício, senão da história, pelo menos do que teria sido viver? Que intenções guarda aquele que elege a si como ponto de partida e matéria-prima da narrativa – como aquilo que nos lega pode ajudar a encontrar uma resposta? Gusdorf (1991, p. 140) propõe um possível entendimento:

Le mot edification, avant de revêtir une acception dogmatique et morale, évoque a construction architecturale. La vie d'un homme est un édifice dont les équilibres doivent être assurés non seulement du dehors, par des appuis éventuels, sur des bâtiments voisins, mais aussi du dedan, em fonction d'une statique propre, sur des

fondements indépendants. Les écritures du moi, des plus simples et rudimentaires aux plus compliquées, aux plus somptueuses, répondent à une même intention d'assurer, de corriger, de justifier l'existence personnelle. Seule cette fonction permet de regrouper l'immense domaine dans l'unité d'une même interprétation.

Justificar a própria existência, mas diríamos também, usar essa experiência de vida, para tentar entender o seu papel de indivíduo e (talvez) tentar elucidar o que foi sua época e as relações mantidas enquanto parte dessa sociedade e de seu tempo. Pode-se descobrir muito do que foi a vida cultural, os embates sociais, os valores a partir do texto – e das entrelinhas dele – de Alberto Rangel. A “edificação” das *Águas Revessas* permite entrever um brasileiro que muito conheceu de seu país, mas que também soube olhá-lo de “fora”, confrontando sua experiência muito pessoal ao contato social mais intenso, fosse nas andanças pelo país (Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo), fosse fora dele – nos vários “exílios” vividos. Entender melhor quem foi esse homem – isto é, o personagem das memórias, um “eu” fortemente embasado na experiência, mas, sobretudo, literário, como pretende Rangel por suas escolhas dentro do texto. Eis nosso próximo passo no texto que segue.

4. Alberto Rangel: a construção de um narrador-personagem

Depois de esboçar algumas observações acerca da presença da memória, seja esta concebida a partir do testemunho individual, narrativa subjetiva, quer seja compreendida como mostra de um sujeito e sua relação com a sociedade, é preciso que enfoquemos mais de perto a figura de Alberto Rangel nas suas *Águas Revessas*. Quem vem a ser, pelo que acompanhamos dos dois primeiros volumes de memórias, esse narrador que tem como objeto a si e ao Brasil em que viveu enquanto criança e jovem? Que personagem apreendemos das *memórias*? Que percepções tem? Como escolheu elaborar a construção de si? Tentaremos, pois, a partir de agora, refletir e indicar algumas possibilidades de resposta para tais questões.

4.1. Um narrador-personagem “moderno”?

Um primeiro ponto a destacar e que se torna intrínseco a essa narrador-personagem e do qual já falamos brevemente é a linguagem – ou como já assinalamos em seção anterior, o que Costa Lima chamou de “espessura da linguagem”. Podemos ter dúvidas quanto a outras intenções de Rangel ao elaborar suas memórias – plano político, ideológico, até mesmo social e cultural. Diferentes são as dúvidas, contudo, sobre seu projeto no âmbito literário. Corroborando o que assinalamos quando da análise do gênero do texto, é nítida que uma preocupação central repousa sobre a constituição dum *texto literário*, sobretudo, – e Rangel entende isso como a realização de um trabalho esmerado, em que arcaísmos, regionalismos, expressões populares convivem com metáforas rebuscadas e citações em francês e latim. Assim, é possível afirmar que Rangel procura construir-se como autor, segundo o que pregava a chamada tradição literária do final do século XIX e o começo do século XX, ou seja, demonstrar um amplo conhecimento da variante padrão da língua, exercitar a construção de uma retórica que se pode dizer (hoje, à distância) “rebuscada”, bastante cuidada no que tange à elaboração de metáforas, à concatenação de citações e retomadas literárias (a intensa intertextualidade do texto por vezes assombra e deixa entrever a erudição extrema de Rangel, como já se apontou), mas

também preza pela carga de suas origens – daí a presença dos regionalismos e do tom coloquial. Em suma, esse narrador é um confesso e esmerado leitor de uma obra vastíssima, além de um hábil prosador, ciente da ampla tradição não só ficcional/literária, mas também histórica e cultural que o acompanha.

Um dos pontos em destaque, como dissemos anteriormente, tido como “cuidado excessivo”, para muitos, o léxico de Rangel surpreende pelas escalas e gradações. Pode-se perceber desde os lampejos do que se poderia chamar uma prosa herdeira da “tradição parnasiana e simbolista” até a cadência da oralidade e dos meandros regionalistas. Sobre esse último aspecto é que queremos nos deter um pouco mais. A oralidade, em diversos momentos das memórias, surpreende, quer porque não a esperávamos em um texto aparentemente tão “culto”, quer por nos apresentar uma postura muito à vontade do narrador em relação àquilo que narra – enquanto outros momentos do texto são revestidos de extrema seriedade ou até dramaticidade (como os capítulos que tratam da morte do pai, ao final do Volume I). Como boa mostra da presença de variante coloquial transcrevemos, a seguir, um trecho do capítulo 3, *As Origens*:

“O cavalheiro Porfírio teve três irmãos, um dos quais foi o Chefe de Divisão Pedro Thomé de Castro Araújo. Este era um homem simples, muito calvo e barbudão, bastante religioso, sem maior cultura, mas bom marinheiro, de velha escola à portuguesa dos nossos antigos homens do mar, quando o calabrote falava grosso no lombo da marujada e um bom rodízio à popa e outro à proa bastavam à agressividade do barco de guerra.” (Volume I, p. 34)

Note-se o uso do aumentativo (“barbudão”) e as marcas de regionalismo e oralidade mais ao final do trecho (“quando o calabrote falava grosso”), o que reveste o texto de um tom muito informal, quase bonachão. Esses momentos em que a narrativa retoma uma espécie de “conversa”, na qual se pode entrever o enunciativo muito à vontade ao retomar os fatos, permeiam os volumes, em especial, o primeiro, e nos dizem algo bastante importante: o narrador-personagem é, como insistiremos em demonstrar, um homem de consolidada formação, disposto a valer-se disso para recontar a sua vida e os importantes fatos histórico-cultural vividos. Contudo, as suas raízes “populares” (diga-se com ressalva, uma vez que o próprio formato do texto e as escolhas para fundamentá-lo,

bem como as frequentes citações e a intertextualidade constante marcam um afastamento da vertente que se chamaria “popular” na época), mais que isso, a herança pessoal do contato com a família e personagens exóticos, são presença determinante em sua prosa e nos levam a uma hipótese: a de uma “modernidade”, em certa medida, de seu texto.

Dissemos na abertura desse trabalho que talvez um dos motivos para que Alberto Rangel tenha sido condenado ao “esquecimento literário” tenha sido o caráter mais “conservador” de sua prosa. Uma vez que a segunda década do século XX traz consigo a *Semana de Arte Moderna*, que apregoa a incorporação de vanguardas artísticas, Rangel estaria na contracorrente. Contudo, um autor que sabe operar as gradações entre norma padrão de linguagem e incorporar a coloquialidade mais substancial de suas vivências, não teria seu quê de “moderno”? Afinal, um dos pilares do Modernismo brasileiro foi a defesa de uma linguagem mais “coloquial”, retomando a “fala brasileira” e constituindo-a e incorporando-a literariamente. Se considerarmos que em diversos momentos Rangel esmera-se na valorização dessa cultura oral, seja na reprodução do léxico, seja na recuperação de narrativas (parlendas, histórias, anedotas), não estaria ele respondendo ao que chamamos “moderno”? Não é nosso interesse restringir Rangel a mais um rótulo; entretanto, parece-nos possível elencar esse aspecto como mais um a ser valorizado e estudado em seu texto. A incorporação do registro coloquial, notemos, não se restringe só ao “brasileiro”, mas beira também ao reconhecimento de outros falares, como a reprodução de uma anedota permite entrever:

Missionário calabrês assistira a um samba ou bate-pé qualquer da cabroada no terreiro de algum engenho ou arraial do sertão. Recordava-o aos amigos, na sua meia língua macarrônica: “Quando io traversara il sertone, ho encontrado diversi mulati e mulate riongiuntos num balo. Suonavam uno instrumento rotundo com cucio nel mezzo e dinhedra all’interno. Caxaxá...” Esforçava-se o frade para explicar a natureza do instrumento, do qual não sabia o nome não passava do simples pandeiro, rufado entre as violas e caxambus nas mãos dos pares que, dando de pernas, saracoteavam nas voltas do fandango. Repetíamos a bom rir a historieta paterna, alongando a lista dos instrumentos citados pelo frade informativo: “Trombon no era, violon non era, flotin no era, zabumba tabem non... Caxaxá...”. (Volume I, cap.70)

Assim como essa reprodução de um falar dos personagens populares, ao percorrer o primeiro volume, deparamo-nos com a transcrição de cantigas, versos e expressões e ampla descrição de costumes (crendices, simpatias) e gastronomia coletadas diretamente da tradição popular, como se pode notar nos capítulos iniciais do primeiro volume que tratam do nascimento e infância do menino Alberto – nesse sentido, é exemplar o capítulo 6, *Ave Mariana*, em que vemos amplo relato sobre a vida e os costumes (das comidas aos afazeres domésticos), juntamente à descrição esmerada da linguagem da época: trata-se da construção de um quadro de vida e falar brasileiros.

A recolha dessas cantigas e versos populares, por exemplos, corrobora para que o mosaico literário construído vá além da tradição acadêmica, restrita à intelectualidade – a literatura abarcada pelo testemunho de Rangel traz a contribuição preciosa do popular, como notamos, na abertura do capítulo 4 (*Nascença*), “quadrinhas” como: “*Quando foi que São / Gonçalo nasceu, / Cortou-lhe o umbigo / Senhor Saramêo.*” (Volume I, p. 57) ou ainda o “desafio popular” transcrito no capítulo 6, em que o narrador ocupa-se de Mariana, sua ama: “*Cabra danada / Só é a Mariana, / Amarra a saia / Com jetirana.*” (Volume I, p. 64). Nesse mesmo capítulo, um pouco mais à frente, a oralidade incorporada à narrativa pode ser mais bem percebida quando se relata um dos falares de Mariana:

“Tibi Vô-te, camafongel mucufa! Não sou de latomia nem como gerumba. Se quer se fazer de vunge e cutuba, seu xendengue, seu cambado, seu putuca, não lhe dou corumbá. Vá sungando a ceroula, papa-angu desadorado, que para me engarapar, Você, seu indivíduo, ainda está para nascer...”

Obviamente que se pode argumentar: a oralidade apenas transcrita, a título de ornamento não é, em si, tão significativa. Em certa medida, recupera um falar não-urbano dificilmente registrado em outros autores de mesma formação e origem. Cumpre notar também certa artificialidade na reconstrução de uma fala distante há anos de sua pronúncia, reescrita pelo autor maduro que por vezes parece recriar tal falar ao gosto de sua lembrança longínqua. Contudo, como já apontamos, essas marcas estão incorporadas e diluídas ao longo do texto nas expressões, palavras que enfatizam situações da infância e juventude, como pode bem notar um(a) leitor(a) atento/a.

Não nos cabe aqui limitar e concluir a questão – a qual merece o devido detalhamento. Não obstante, podemos incorporar à caracterização desse autor a ideia de que há certa modernidade e mesmo, um quê de vanguarda, em suas memórias – o que, até então, não se cogitou, tendo em vista as “pechas” a que Rangel fora desde sempre submetido. Note-se, por exemplo, ao lado da questão da incorporação da linguagem mais coloquial à fluência da prosa, a preocupação que toma o narrador-personagem ao final do volume I, no capítulo 70 (*A Tradição Oral*). O tom desse final de volume é marcado pela perda do pai, Quincas, falecido quando Rangel tinha quinze anos. Após oscilar entre a narrativa da morte do pai, da tristeza e vazio sentidos pela família, o narrador conduz os últimos capítulos do volume ao exame dos impactos da vida agora “adulta”, feita brotar à força pela extrema adversidade. No capítulo final, após “retomar” de forma panorâmica as influências da Revolução Francesa, passando pela Academia de Olinda e chegando à escola do Recife, Rangel volta às raízes familiares. Ao mostrar os contrastes entre ciência e religião, o narrador explicita sua crítica e certo ceticismo às posturas religiosas mais efervescentes e conclui:

O certo é que, os Arruda Câmara se embebiam da mesma vaga de credulidade política e de incredulidade religiosa, que os irmanaria na conta dos preconceitos correspondentes a cada uma das categorias de suas ilusões contrárias. Comigo, um de seus descendentes, seria bem diferente. O liberalismo de convicções e preconcebimentos dos avoengos murchar-se-me-iam nas aparas do casmurro e sebastianista, de maneira a tornar-se um reacionário a toda essa jacobinice ancestral, depois de ter bebido na copa da experiência outra profissão de fé que não as das noções erradas as quais, sobretudo em matéria de crenças políticas, me trouxe a mocidade tão mal-encaminhada. (Volume I, p. 385)

A explanação em torno dos valores religiosos é a entrada para as anedotas envolvendo padres, missionários e outros (como a historieta transcrita anteriormente) e, delas, para as narrativas diversas proferidas por Quincas – que será a figura marcante do encerramento desse primeiro volume. Além de pontuar a importância das histórias para os filhos – a emoção que essas produziam, fosse horror, medo, temor ou ainda ímpetos de moralidade – há uma interessante análise das alterações que tais relatos haviam sofrido, uma vez que o pai apropriava-se de fontes diversas já modificadas ou que iriam sofrer adaptações:

A Europa, a África e a Ásia mandavam para oeste as suas aventuras do folclore, filtrando os contos que lhe eram peculiares através do Atlântico. Do litoral partiam para o sertão e dali retornavam às praias. Nesse trabalho de ida e vinda, lendas, fábulas e contos coroavam-se de suas particularidades, vestiam-se de outras circunstâncias... Readaptavam-se aos climas de sua vagabunda passagem pelo fio da tradição oral em que iam as três raças, colaborando anônimas no monumento sedimentado de imaginação e observação, que lhes eram intrínsecas. (Volume I, p. 388)

Essa declarada consciência da maleabilidade das narrativas e do tom pitoresco das mesmas encontra-se disseminada ao longo dos volumes de memórias (bem como pode ser percebida também nos contos de *Inferno Verde*), pois ao recontar, retomar, comentar, Rangel sabe que parte de fontes diversas, às vezes, tomando a liberdade de alterá-las, em outros momentos, reconhecendo modificações alheias e nos aponta a outro aspecto que merece atenção e que pode nos indicar que, a exemplo das histórias do pai, o texto de Rangel é portador de inventividade. O capítulo segue com a transcrição das lendas (pernambucanas, baianas, ou simplesmente “populares”) recolhidas e recontadas por Rangel, enquanto o que se pode chamar de “homenagem” à memória do pai falecido. Na elaboração desses escritos memorialísticos, concebidos como ampla colcha de retalhos em que se misturam o culto e o popular, veremos o trabalho surpreendente (para um escritor tachado como “tão conservador”) da criação e uso de palavras, bem como do conteúdo – que mescla a “alta literatura” às narrativas regionais. Mais um dado para compormos o quadro do que é esse nosso autor/narrador, informação essa que permite afirmar: esse personagem vê-se não só como portador da cultura dita erudita, mas guarda em si as raízes de toda uma tradição popular.

Ainda no que tange ao terreno linguístico e das escolhas em torno do texto, podemos analisar outro aspecto, agora, ligado ao léxico, ou ainda, à criação de palavras ou mesmo ao uso de algumas “novas” para a época do texto. Em várias passagens – destacaremos umas poucas, tendo em vista que são abundantes – encontram-se neologismos, interligados à narrativa (sem fazer dela refém): criações que dão certo frescor às *memórias*. Seria, pois, tal recurso prova da inventividade, de certa modernidade do texto, uma vez que enriquecem o relato e lhe conferem certo tom poético (por vezes, aliam-se a recursos sonoros e figuras de estilo)? No capítulo 4, do volume I, lemos:

Não haveria alguém que me examinasse a “mancha mongólica azul ou sagrada”, vulgarmente o “patacão”, essa coloração do pigmento, concentrada no derma e a qual se encontra pelas alturas renais do lombo, nos primeiros meses de existência de homem? A antropologia, discernindo-lhe a cor, assinala-a como indicativa da origem racial do indivíduo. Victor Jouglas di-la “l’un des caractéristiques raciales ancentraux les plus significatifs.”

Em Pernambuco chamam-na de “jenipapo” e erradamente só a atribuem a quem tem sangue preto diluído nas veias: “Fulano nasceu com jenipapo, não tem mais que pôr na carta, é negro por derradeiro.” Esse dito exame, estendido por um seguimento ou decreto a todos os brasileiros, poderia justificar ou não certas pretensões e servir quando menos à história de cruzamento e das emigrações dos povos. Do mesmo modo que a ficha datiloscópica, o atestado “jenipaposcópico” seria um documento bastante indiscreto, mas incontestável e legal aos pesquisadores e presumidos do arianismo ancestral. (Volume I, p.57-8)

Nesse trecho, além da linguagem coloquial (percebida em termos como “patacão”), nota-se que a expressão “jenipaposcópico” vem reforçar a cor local na caracterização das origens do menino. Mais uma vez, percebe-se também o jogo sonoro (datiloscópico/ jenipaposcópico), numa espécie de “rima interna” do parágrafo, criação bem humorada e popular aliada com naturalidade a citação em francês. Tal mistura tão natural de línguas e linguagens, falares e dialetos, revela o retrato desse autor de formação européia porém arraigado às raízes e aos valores brasileiros – algo não muito distante de intelectuais diversos do cenário modernista brasileiro.

Em outros momentos do texto, algo próximo a esse efeito do neologismo ocorre, quando notamos o uso de expressões bastante novas (talvez inovadoras) para o período, e que mesmo hoje ainda surpreendem. Exemplo de palavra que altera o sentido do texto, atribuindo-lhe mais graça e até certa dramaticidade, pode ser observado, no capítulo 15 do primeiro volume, quando, ao relatar a sua admiração de menino pelo papagaio, subia na certa e observava a ave “*dandinando-se na sua casaca verde e amarela*” (Volume I, p.110). O dicionário Houaiss data de 1871 o primeiro registro do verbo *dandinar*. É clara a “espessura” criada por essa palavra bastante nova e muito apropriada ao final do século XIX e começo do XX: o papagaio poderia mexer-se com graciosidade, equilibrar-se com delicadeza, mas para o narrador, era algo mais: a ave *dandinava-se* – conferindo, como se faz notar, certa sedução e personalidade afetada à personificação do bicho de estimação.

Enfim, o que pretendemos com essa breve análise da questão dos neologismos e do uso de palavras bastante “novas” para a época de Rangel é mostrar que se pode mencionar um dos valores da “moderna literatura brasileira” em seu texto. Juntando-se a isso a acuidade da elaboração do discurso, o cuidado com a organização e com a tessitura da prosa, de modo a incorporar a ela conteúdos da cultura regional, popular, podemos falar em um autor que se diferencia, compõe um estilo, o qual, se nos é ainda um estranho, talvez já o fosse para o seu momento.

4.2. A composição do narrador-personagem

Uma vez tendo observado tais questões formais, conclui-se que se tem à frente a um narrador que se percebe como filho de seu tempo, de sua tradição letrada, mas que também traz a novidade do coloquial, do regionalismo, ao somar as vertentes culta e popular. Agora, é momento de contemplarmos a questão do conteúdo dessas memórias, das escolhas dos relatos e buscar um melhor retrato do narrador-personagem.

Partiremos do início do volume 1, o *Incipit* – capítulo de abertura, um dos mais longos do volume, traz em si uma síntese das concepções de Rangel quanto ao desafio de escrever as memórias e pode ser visto como metonímia para a análise dos capítulos que seguem (inclusive do segundo volume).

Esse primeiro capítulo afigura-se como um amplo panorama do porquê Rangel propõe-se a escrever suas memórias – para tal, enquanto narrador, busca justificativas a partir de exemplos históricos e literários. Do ponto de vista linguístico, uma primeira nota é que o autor usa, primeiramente, o “nós” e não o “eu” nessa abertura das memórias. Ora, isso permite entrever a tentativa de um “deslocamento” do subjetivismo para se alcançar a posição mais confortável de um olhar particular, mas que se ampara no coletivo, talvez, a ponto de incluir sua família e as pessoas próximas a si – afinal, pode compor esse “nós” dessa abertura, o seu grupo mais íntimo, que se integra à voz do narrador –, mas que também pode indicar que o autor enxerga-se como parte representante de sua sociedade. Dito de outro modo, no princípio de suas memórias fala menos o “Rangel-íntimo” do que o

“Rangel-público”. Assim, torna-se possível tomar como válidas observações de Halbwachs⁵⁴ em sua análise sobre a construção da memória coletiva:

Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com ele. (HALBWACHS, 1990, p. 27)

Se o uso da primeira pessoa do plural leva a pensar na inclusão desse “eu” num grupo maior, também possibilita que se cogite um primeiro afastamento do sujeito que escreve em relação à sua percepção dos fatos. Afinal, a experiência estrita, que seria tão particular – por isso, digna de ser submetida ao foco do *eu*, primeira pessoa do singular – é transferida para a experiência do *eu* somado a *outro(s)*. Ou seja, a voz da narrativa compõe-se de um elemento íntimo, mas também de uma certa alteridade – que talvez possa ser explicada pelo indivíduo mais velho – que também é um outro em relação àquele primeiro que retoma –, que se propõe a resgatar o passado.

Nos demais capítulos, note-se que o foco da narrativa transfere-se totalmente para o “eu”, de modo a assumir decididamente esse olhar particular da testemunha que oscila entre a recordação mais espontânea e a recriação desse passado – afinal, como poderia o narrador, já adulto, lembrar-se de tantas minúcias da infância senão ao apelar para a recriação e mesmo para a memória de outros (embora Rangel não dê créditos a outras vozes, com certeza, elas existiram e compartilharam suas experiências). Porém, lamentando-se pela recuperação da memória, dolorosa e exigente, o narrador assume, não é sem incômodo que aceita tomar o *eu* como referência:

O pior é, sobretudo, ter que praticar correntemente o pronome pessoal na forma ativa ou ativa da primeira pessoa. Se Montaigne assim procedeu, foi razão para que Pascal não o perdoasse. Bem estranho programa, com efeito, citar-se a si mesmo, quando a certos temperamentos mais reclusos semelhante determinação põe doente! Oscar Wilde pedia a André Gide que jamais escrevesse "Eu". Seria inartístico... (Volume I, p. 16)

⁵⁴ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice-Revista dos Tribunais, 1990.

Contudo, não há como fugir ao *eu*, linguisticamente, intimamente, ele é o ponto de partida para esse registro pessoal. É o uso dessa forma que caracteriza o texto e será a coluna, ora chave, ora véu, para que se leia e compreenda o que vem a seguir.

Além desses aspectos sintáticos, muito próprios do primeiro capítulo, outras considerações feitas nele são determinantes para a fluência de todo o texto a seguir. Apoiado em várias ideias dessa abertura, na qual o autor se coloca como um sujeito participante, um indivíduo que transita em ocorrências históricas de suma importância (“*Vivemos no Paris de duas guerras*”, por exemplo), Rangel vai delineando-se, inicialmente, como alguém, simultaneamente “pequeno”, de ínfima existência e a quem incomoda referir-se como “eu”, e também digno de ser notado, dada o seu testemunho em eventos substanciais.

O ponto de partida da narração é justamente aquele que se afigura como uma das mais marcantes experiências de Rangel: a guerra. Embora não seja o assunto central desse primeiro volume – lembremos que nele são recordados os fatos da infância e juventude – e apareça um pouco mais firmemente no segundo (dada a temática do exército e mais frequentes menções à Guerra do Paraguai), o olhar para guerra é marcante para definir o narrador que escolhe suas recordações. Homem experiente e experimentado que viveu agruras, tormentos, presenciou as mais terríveis aberrações do gênero humano – quando esse se digladiou consigo mesmo, destruindo-se. Embora não tenhamos aqui embasamento suficiente para confirmar se se trata de trauma, não há dúvidas que fora uma experiência angustiante: bater em retirada de Paris e isolar-se em Maine, onde escreverá suas *Quinzenas de Campo e Guerra*, diário das percepções e vivências de um país em meio à guerra. Crítico e sensível ao cenário de horror, Rangel escreve:

O autor de *Rêveries d'un promeneur solitaire*, repugnado assinalava: “*On dit qu'en Hollande le peuple se fait payer pour vous dire l'heure et pour vous montrer le chemin; ce doit être un bien méprisable peuple que celui qui trafique ainsi des plus simples devoirs de l'humanité.*” Que pensaria ele do povo de que certos caseiros mais abusivos vendiam o copo d'água aos fugitivos nos horrores da guerra, atropelados à sua porta? Desassociado aos seus instintos, o homem transgredia a todas as leis divinas e humanas. No topo de uma civilização de refino e quintessência, rachava-se-lhe o verniz secular. A terra inçava-

se das colunas de vândalos e dos ladrões de estrada do tempo de Luís, o Gordo, acoquinados na passagem das diligências e nos muros torreados de Montlery.” (Volume I, p.11)

Nitidamente sensibilizado, mais que isso, decepcionado, o narrador aponta a involução humana e seus disparates. Testemunhar tais horrores é um dos argumentos que, ao olhar do narrador, legitimam a escrita das memórias – tendo vivido tanto e em tantas adversas (e diversas) situações, pode dar-se “ao luxo” de parar, olhar para trás e tornar o vivido como texto literário:

As catástrofes tremendas, a que pessoalmente assisti, no decurso de minha longa existência, foram das rosas da abolição dos escravos, no Brasil, aos terríveis espinhos da ocupação da França pelas hostes do nazismo. Tendo já bastante vivido, não suponho que maiores e mais impressionantes me seja dado assistir no resto de meus dias. (Volume I, p. 12)

O que se confirma à frente:

Significará tudo isso haver matéria de inventário no meu embornal de vivente, para dele tirar alguma cousa que contar. Bem tinha razão Alexis Carrel quando opinava: "*Nous sommes une histoire*". Não importa que tenha o homem passado neste mundo escoteiro e sem bagagens, desdobrado à maneira de um peão anônimo e sem sorte... De si mesmo ele é todo um conto a relatar.

A vida do homem, revista no precipitado curso dos seus altos e baixos, averiguada nos seus lances e contornos, ostentações e segredos, reduz-se em suma à viagem em torno de seu quarto. Quer dizer, por mais que se ande e por mais que se faça, não são das quatro paredes de certos fatos mais lembrados e de certas sensações mais pessoais. (Volume I, p.13-4)

Vemos, assim, um narrador que se ressentido não só das dolorosas experiências da guerra e da miséria humana, mas também de praticar o resgate da própria memória:

O tempo, misericordiosamente refluindo o sangue nas veias, torna-se o juiz e amigo que, entre cousas excelentes e tristes, quando não gera a indiferença, compraz-se na saudade e na indulgência. Será por isso que, tentar percorrê-lo de novo, espojando-se em suspiros, cóleras, náuseas, confidências e observações, na sua esteira ingrata e malograda, não será sempre voluptuoso ou ameno e divertido. Melhor seria que certas imagens não se reproduzissem, certas impressões não mais voltassem, certos nomes não viessem à tona... (Volume I, p. 16)

Haverá decepção também quanto aos rumos político tomados pelo Brasil – no caso, pela proclamação da República. De postura claramente monarquista, Rangel lamenta, em especial ao longo do segundo volume, o novo regime político. A figura de Deodoro, alvo das considerações do capítulo 6 do Volume II, o elogio aos senadores, “herança” providencial da monarquia para a República deixam claras as posturas de Rangel – bem como apregoa também no capítulo 2 do volume I, em seu balanço sobre os motivos da derrocada e os rumos do país.

Retornando ao capítulo de abertura do volume I, vemos que o narrador afirma-se como marcado pelas boas influências da família, dos bons amigos e das letras da primeira infância e atribui o papel de “origem de seus defeitos” à escola – o que se comprovará nos capítulos 40 a 51 – e afirma que é estando mais próximo da morte que se nota a sinceridade de um homem. Tal proximidade do fim ajudaria, portanto, a notar-se a clareza e a aparente despreensão das narrativas, afinal, nada há que se perder ou modificar em momento tão crucial e inexorável da existência. A observação de si beneficia-se, portanto, desse distanciamento temporal – e o distanciamento geográfico e social também serão capitais para que se construa o olhar do homem maduro:

Estes volumes das *Águas Revessas* consignam a história do brasileiro que também não se perdoou, encontrando, nas suas fraquezas, insuficiências, deformidades e fâculas, todas as razões para livrar-se de algumas inconformidades e reações inúteis e fragmentárias... Pelas vantagens acidentais da longa inspeção que me foi consentida, quando recolhido ao seio da nação francesa a vi deliquescer-se a olhos vistos, preparando a tragédia da sua vergonhosa ruína, reconheci ao mesmo tempo os descaminhos e as qualidades do meu povo, como se por transparência se tornassem ainda mais salientes. Foi um português, nascido aliás no Brasil, que nos deu a lição das mais aproveitáveis, quando se arrojou a dizer-nos: *“Não sei, porém, o que é a vaidade nacional, que fecha os olhos ao que é desagradável, e de tudo, mesmo dos vícios e misérias, faz motivo de louvores”*. Pude assim juntar os devidos índices de correção à conservação que a distância me facilitava à mediania da inteligência e da posição social.

Sensível, por não poder fugir, às pressões da sociedade, onde a hierarquia dos valores, assaltada por todas as forças da dissolução e o passado, diminuído na cárie do esquecimento coletivo, de menos a menos lhe vem oferecendo o quadro resistente da existência e desenvolvimento normal, não fui, contudo, senão o que deveria ser, um sacrificado à meia

dúzia de frases que nada disseram de novo, nem agradaram a todos...
(Volume I, p. 22-3)

Ciente dos problemas e defeitos de seu país, sua gente e mesmo de sua obra, do desafio proposto ao escrever as memórias – mais ainda, dolorosamente consciente da literatura produzida e não reconhecida. Rangel mostra-se muito seguro de sua posição – sem que isso implique satisfação, ao contrário, há um quê melancólico e mesmo de ressentimento na abertura das *Águas Revessas*. Ainda assim, vale escrevê-las, vale recuperar o passado, mergulhar muito fundo no que se viveu.

Uma das fortes justificativas para isso vem ao encontro de pistas que já foram semeadas. Rangel pretende elaborar um texto francamente literário, isso está suficientemente revelado já nesse “Incipit”, dadas as referências, os diálogos com outros textos e autores e mesmo pelas metáforas, metonímias e hipérboles do próprio narrador. Desse conjunto de recursos, proporemos como uma das chaves para entendimento do sentido das memórias, da postura de seu narrador-personagem e seu olhar sobre os fatos vividos o que nomearemos como “existência literária”. Reconstruir as experiências e testemunhos, percepções e impressões, para Rangel, não é simplesmente apropriar-se das lembranças, visitar os lugares da memória, arquitetar uma imensa teia de recordações e transpô-los com elegância, linguagem requintada, recursos de estilo para uma prosa fluente que por si só teria sua beleza. Mais que isso, é mostrar, provar, que a sua existência tem “parentescos”, paralelos literários. Rangel retoma em suas memórias, autores e citações que inundam o texto de abertura do 1º capítulo, não só de modo a legitimar a escrita de suas memórias, mas como pontos de partida do mosaico de suas leituras e referências culturais de seu tempo.

Ao que indicam as referências e os cuidados extremos do narrador, a retomada do passado e transformação/reinvenção deste nas narrativas de memórias se concretiza através do “existir literário”. Expliquemo-nos: desde o relato do nascimento – quando invoca Machado de Assis, poetas diversos e mesmo quadrinhas populares – até as circunstâncias mais diversas, como as que apontaremos a seguir, a vida de Rangel é escrita em paralelo ou sobreposição à literatura: os autores e suas histórias, poemas, incorporam-se

às lembranças e passam a integrá-las. São muitas as referências que podemos citar para comprovar tal pilar do projeto memorialístico, apontaremos algumas.

Após relatar os primeiros anos, o cenário da casa, a paixão do pai pelos pássaros e jardins, no capítulo 14 (Volume I), Rangel narra a morte do irmão Manuel num trágico episódio: a queda num poço. Numa narrativa cujos detalhes dramáticos surpreendem, ao relatar a dor e inconformidade da mãe, o narrador recorre a versos de Cecile Sauvage, escritora francesa conhecida como “poetisa da maternidade”. São versos bastante pungentes sobre a lancinante perda do filho. Ora, esse é um dos momentos em que a narrativa, longe de ser surpreendida pela “intromissão” de uma citação, vai se enriquecendo e se fundamentando com a literatura do amplo cabedal de Rangel.

O capítulo seguinte, *Na rua do Pau de Ferro*, também traz essa fusão entre vivido e referências literárias: ao lembrar do papagaio, muitas incursões a autores e histórias diversas são feitas – como que para legitimar e autorizar a existência desse capítulo nas memórias. Da literatura antiga de Estácio e Marcial, passando por Locke, pela literatura do tempo da Revolução Francesa e pelas quadrinhas da tradição oral portuguesa. Outros exemplos são o capítulo 16, *Dona Semíramis*, em que a própria personagem-título, professora das primeiras letras de Rangel já traz consigo o peso do nome de uma grande rainha mitológica, fundadora da Babilônia e seus famosos jardins suspensos. Contudo, o relato do narrador transcorre no sentido de contrastar a figura lendária à real: D. Semíramis era insossa, desajeitada, nada tinha da grandeza literária. Curiosamente, Rangel não faz a referência histórico-literária, mas deixa entrever a elaboração da ironia na descrição dessa figura.

Merecem destaque nesse quesito de “legitimação” da vida através dos exemplos e diálogos literários também as *Senhoras do Porém* (Capítulo 18) comparadas a vestais ou *Mãe dos Gracchos* e o capítulo 27, dedicado a Ezequiel Freire, poeta, amigo do pai de Alberto. Trata-se de um capítulo longo, em que se suspende a narrativa da infância, agruras e aventuras do menino Alberto, para numa espécie de digressão que retomará a obra e a figura de Ezequiel Freire. Num retrato minucioso do artista, homem apaixonado e amigo da família, Rangel arrola vários poemas do referido autor e derrama-se a comentar e exaltar-lhe os valores. Dada a importância transferida a tal figura, pode-se concluir um primeiro

momento forte das memórias em que a existência de uma figura, de fato *literária*, num sentido mais simplista, na vida do menino, foi de tamanha importância e fez-lhe bastante impressão. É como um aparte que ocorre dentro do volume, um momento em que se suspende a vivência do narrador e se transfere toda atenção possível para a recuperação e valorização do injustamente ignorado poeta. Outros momentos em que a literatura não só se incorpora ao vivido, mas também passa a ser a forma mais bela da lembrança podem ser observados também no capítulo 30 (*A Chuva e o Cabeleireiro*), em trechos como:

Gostava quando chovia. Preso, divertia-me com o que se passava lá fora. Havia realmente uma séria razão para não poder sair à rua. Consolava-me do impedimento que justificava a proibição de minha mãe. Nos dias de sol ela não queria ver-me fora: “Vais apanhar alguma insolação”. Nos dias de nevoeiro: “Corres o risco de ser atropelado por algum carro ou cavalo... A umidade pode fazer-te mal”. Nos dias chuvosos: “Vais molhar os pés... Apanhar algum defluxo ou dor de garganta...” Meu prazer nas horas pluviosas dobrava-se no espetáculo proporcionado através da janela e ia desde a água tombada das biqueiras ao riacho formado na beira da calçada. E passavam os transeuntes desprevenidos a correrem, outros com guarda-chuvas apareciam de repente, à semelhança de cogumelos, amigos de nascerem na umidade dos caminhos. Uns fugiam, outros mais vagarosos expunham os domos de pano côncavo bem equilibrados e tesos. (Volume I, p. 207-8)

O narrador, ao remontar ao menino que observa a chuva e inveja a liberdade o garoto negro (teríamos aqui, no contraste, a ironia?), torna poético o episódio tão prosaico. O movimento trazido pelas figuras que correm, o prazer confessado, tudo corrobora para que o fato imortalize-se, literariamente.

Um momento bastante significativo para indicar isso está no capítulo 35, *Adeus aos meus amigos*. A recordação da despedida do Rio de Janeiro faz-se às voltas da invocações de Laurindo Ribeiro, Gonçalves Dias, Homero. É o momento em que vemos, também, de forma bastante tocante, a figura do menino angustiado, diminuído e um quê deslocado em seu ambiente. Por vezes, essa voz infantil cumprirá essa caracterização. Nas narrativas sobre a escola, transparece a insatisfação, o medo – e, talvez, possamos nesse caso dizer –, o trauma de um tempo de horrores, abusos e desmandos vividos pelo jovem Alberto (capítulos 40 a 51). O aluno motivo de chacota por conta das “calças curtas” (capítulo 42) ou temeroso de ser descoberto por alguma pequena infração (capítulos 47 a

50) mostra um pouco da fragilidade infantil retomada pelo narrador, na tentativa de enfatizar o terror desse momento que foi a inserção nos bancos escolares.

Mais que transformar em literário uma experiência vivida, usando para isso os recursos de sua prosa, há episódios significativos que mostram que a literatura impressionou desde cedo o menino Alberto Rangel. Assim como o capítulo dedicado a Ezequiel Freire, já citado, no final do primeiro volume, temos todo o capítulo 61 dedicado à crítica de Júlio Ribeiro, autor polêmico já à época pela publicação controversa de *A Carne*. Rangel não poupa o Ribeiro e acusa-o de ter apenas um “verniz intelectual” e duvida da qualidade de suas produções – no segundo volume, como exporemos a seguir, também há esse posicionamento crítico em relação à qualidade de certas obras produzidas e apreciadas no período. O que isso nos demonstra? Uma postura firme frente ao gosto literário de sua época, ora mais “inovadora”, ora mais conservadora. Sobretudo, Rangel, mais que criticar gratuitamente, procura, através de seu texto, exercitar o que, para si, parecia a boa e “digna” literatura.

No segundo volume, os capítulos de abertura, em especial o segundo (*O Rio numa velha estampa*) e o terceiro (*A Roda do Jardim*) também estão carregados das tintas do “fazer literário” que contagia as lembranças. Outro ponto alto nesse volume são também os capítulos em que Rangel trata de seu contato e amizade com Euclides da Cunha. No capítulo 22, *O Blusão de Euclides*, ao divagar sobre as vestes suas e do colega, o narrador analisa: “*Não obstante, o meu fraque se sentiu logo todo inclinado para aquela ampla gandola do meu veterano, que lhe dava a rotundidade do Cyrano de Bergerac, resolvido a subir ao céu com a cinta cheia de bexigas de ar.*” (Volume II, p. 117). Mais uma vez, a literatura, numa forte lembrança, mais que servir à fundamentação e validação do passado, é o próprio conteúdo do passado, na pessoa do amigo de toda vida que será Euclides.

Será constante nas *Águas Revessas* essa particularidade: olhar para o passado, tomá-lo como pedra bruta e lapidá-lo por força da intertextualidade e da evocação literária. É como se o autor se revestisse da figura literária do narrador e levasse às últimas consequências essa vivência para o interior do texto – é preciso dizer que se existiu, mas para isso, é fundamental o calço do autor consagrado, da obra literária celebrada ou mesmo dos menos lembrados ou até desconhecidos para nossa época. No que se refere ainda à

questão de estruturação desse primeiro volume, ao segundo capítulo vemos o que se pode chamar de “corte macro”: foca-se o Brasil que perdeu, literalmente, a majestade, o Brasil que foi amputado de sua magnânima autoridade imperial, através do que Rangel julga erro e atraso, a proclamação da República – fato que influirá, inclusive, para que Alberto Rangel peça baixa do exército em 1900.

Seria pertinente questionar as razões desse artifício: se na abertura, o recorte privilegia o íntimo, por que o afastamento? Como num movimento de fina estratégia militar, Rangel vai se aproximando de seus outros temas: além de sua própria vida, a vida do Brasil. Estaria essa escolha ligada ao seu sentimento de brasileiro ou ainda poderia contar como artifício literário, histórico, para registrar, construir e legitimar suas memórias? Afinal, essa ampla apresentação – no caso do primeiro capítulo, a inserção de suas memórias no amplo âmbito do histórico universal e do literário “canônico”, no caso do segundo capítulo, um breve tratado sobre rumos políticos e valorativos sobre a questão do império e da nação, não deixam dúvidas quanto à sua consideração que as memórias vão além do indivíduo em seu *eu* restrito: elas se propagam e não só dependem dos dados históricos, mas esses dados também as constituem, integram esse fazer memorialístico.

O arcabouço histórico está grandemente presente nesse volume e talvez um pouco mais no segundo, dada a situação do narrador: prestes a ingressar na Academia da Praia Vermelha, vai com família para a capital do país, onde poderá observar e presenciar fatos decisivos para os destinos políticos e sociais. Além do panorama histórico fornecido pelo segundo e terceiro capítulo do volume I, em que há toda uma “árvore genealógica” sobre a família de Rangel, teremos, depois, ao longo dessa primeira parte a crônica de costumes, a apresentação de personagens e mesmo de fatos familiares que remetem ao contexto histórico mais amplo. Além dos descendentes que remontam às mais antigas narrativas do Brasil, grandes homens e feitos, temos também o peculiar: a individualização de Alberto Rangel em seu âmbito familiar e pessoas, e como marca histórica de seu nascimento, a lei do ventre livre. Serão vários os momentos em que narrativa pessoal cederá à histórica – o que nos permite reforçar o gênero textual como *memórias*: a descrição dos tempos passados em Sorocaba (capítulo 31), a transferência da família para a triste e então “provinciana” cidade de São Paulo, onde Rangel observará a chegada dos

imigrantes (capítulos 36, 37) permitem reconstruir quadros inteiros de algumas cidades, seus costumes e moradores. Mesmo o segundo e terceiro capítulos, com a rememoração muito particular de Rangel sobre os rumos do Brasil e sobre seu nascimento, permitem reconhecer o olhar de uma testemunha das modificações intensas do final do século XIX e começo do XX. Nesse sentido, ao longo dos dois primeiros volumes, receberão bastante atenção a Proclamação da República (e o enfraquecimento e queda do Monarca) e a Guerra do Paraguai. Sobre a história e sua escrita, segue uma reflexão que se pode aplicar à concepção que Rangel tem das fontes oficiais, dos relatos “oficiais” ou que se pretendem como tal – no caso, das “fés de ofícios”:

Em geral, não há muito a se extrair das fés de ofício, além do que se costuma arrolar na existência corrente e disciplinar, sob as bandeiras. Não passa de um frio relato de acidentes peculiares ao acesso do oficial, nomeações, transferências, promoções, licenças, aqui ou lá alguma citação de serviço de guerra ou diligência, além de algum ato simplesmente administrativo. Em geral nada a tirar daí como de muita significação para o conhecimento do homem, que passa no crivo das designações oficiais, rotulado de empregos, mais ou menos guarnecido de galões. Imagine-se uma escada, algumas lançadas por muitos andares e com alguns patamares. Nestes discriminam-se certos cargos, os numerosos elogios e raramente a passagem por alguma prisão ou conselho. São retalhos de avisos, portarias, decretos lançados como papelinhos de baixo para cima dos corrimões. Pouca cousa se oferece ao crítico ou historiador para avaliar-se das qualidades, do caráter do oficial, de suas particularidades de coração ou de gênio. Quase uma menção geral e única os qualifica de distintos, de bravos, de honrados e cumpridores de seus deveres. De nenhum se dirá, por exemplo, que foi bêbado ou preguiçoso, covarde ou relapso, ladrão ou violento. A fé de ofício é um pano de amostra por assim dizer estampado em vários mas conhecidos e agradáveis desenhos. Raro saem do padrão especial, que os generaliza. (Volume I, p. 42-3)

O que concluir de tal passagem? Uma vez que se pode dizer que Rangel “desqualifica” documentos como o citado, pretende uma escrita da história melhor temperada e embasada. Talvez possamos pensar em um “método” – o que se pode comprovar pelo capítulo 55, *Santo Antônio e a Marquesa*, em que transcreve integralmente o questionário-base usado para investigar a vida da Marquesa de Santos. As memórias são exemplares no sentido de confirmar: conta-se um pouco da história do Brasil através do mergulho em seus personagens mais “anônimos”, a começar pelo próprio Alberto Rangel,

esquecido pela posteridade. É do seu ponto de vista enquanto intelectual, historiador e literato que se fazem os relatos, transpõem-se um pouco da consciência política de um grupo (note-se a manifesta defesa da Monarquia por parte do autor) e rememora-se também saberes e narrativas populares – fossem as vividas pelo narrador, fossem as herdadas dos parentes e amigos.

Pode parecer, à primeira vista, que são insuficientes os exemplos dessa reconstrução histórica ao longo do Volume I, dado o enfoque aos “primeiros tempos” do autor. Contudo, ao pretender a recuperação da mais tenra infância, Rangel, por vezes, recorre a relatos de uma história oficial – só assim se pode explicar o segundo e terceiro capítulo. Nesses momentos do texto, há quase que uma total exclusão do *eu* e o destaque da História do Brasil como grande personagem. Mais uma vez, vislumbra-se aqui um pouco do que se pode chamar “memória coletiva” misturada à crônica historiográfica mais tradicional do século XIX. Rangel não faz essa distinção; a análise é nossa, trata-se de uma hipótese que lançamos, por se mostrar plausível: parece-nos que a mescla entre o que o narrador pôde coletar de suas experiências pessoais e a história oficial apreendida serão constantes ao longo dos dois volumes.

A “obsessão” de Rangel pelos detalhes, pela minúcias dos fatos reafirma esse caráter explícito do narrador-personagem: um cronista de si e de sua sociedade. Tal característica se fortalece ao longo do segundo volume. Os relatos do Rio de Janeiro (note-se o quadro detalhado, por exemplo, no capítulo 2, já citado anteriormente) exemplificam com perfeição essa minúcia de que tratamos:

Era o Rio de Janeiro, a cidade do torpor, com marujos a dormirem na Pharoux ou na rampa do Mercado. Negros forros bebericavam o café e a pinga nos quiosques, mas não se atropelavam mais nos chafarizes... Os saveiros amarravam-se nos cais para o desembarque de tijolos e a ananás, vindos de Magé, de Meriti ou da ponta do Galeão...

Pesava o silêncio das chácaras do Catumbi, Santa Tereza, Tijuca ou Largo dos Leões, afogadas na pinachada das palmeiras, no ouro pingado das acácias, no perfume ativo do jasmim-manga, no relento dos jambos, sapatís, carambolas e jacas, a que se juntavam a terebentina das mangas, o sumo rancidoce dos cajus... Botafogo, com os foros de estância divina, merecia ainda a opinião de Darwin a seu respeito. Mas, o esgoto da City Improvements poluía a praia frequentada ainda de banhistas. (Volume II, p. 10)

Mais uma vez, cabe ressaltar que o “historiador” Rangel prega pelo detalhe: não basta descrever o Rio de Janeiro das belezas e maravilhas. É preciso falar das pessoas, do “torpor”, de problemas até então pouco divulgados – como a poluição. Mais adiante nesse volume, no âmbito do caráter histórico, vale notar a riqueza da narrativa que contempla personagens que vão das mais populares como o *Obá* (capítulo 4) e a parteira (capítulo 5) até às figuras mais decisivas da política da época, como Deodoro da Fonseca (capítulo 6). Com certeza, esse segundo volume, em oposição ao primeiro, privilegia o que podemos chamar de um âmbito mais “público”: as narrativas enveredam para o contexto histórico mais amplo, uma vez que Alberto, agora jovem, apresenta mais consciência pessoal desses fatos e suas consequências.

Ainda assim, note-se, há a oscilação entre o relato mais íntimo e o mais que se pretende mais “objetivo”. No capítulo 9, *O Timóteo*, temos uma espécie de testemunho das primeiras e decisivas leituras que formarão o autor posterior. A crítica a literatura da época e seus exemplares mais insosso se faz de maneira bastante ácida:

A não ser os três Mosqueteiros, não lhes guardei um só personagem ou mesmo um transe dos mais patéticos. Baralhou-se e evaporou-se tudo. Principalmente quando a História não ajudava, faltava alguma coisa à pena desses escritores para que pudessem impor-nos a persistência das imagens, acolchetadas no fio de suas incôgruas e forçadas tragédias. Narravam como uma negra enfia contas. Era uma pura encenação de fantoches, uma farfalheira de casos, uma desova de diálogos. Fitar para aquilo era como olhar para estampas velhas, rasgadas e desparelhadas ou à passagem de um préstito de carnaval, desconexo e sem relevo. Havia rumor, festa, crimes, galopes, soturnidade, escaladas, suspeitas. E todo esse alarme, esse atropelo, essa grita, esses negócios, esses suspiros, essa farfalhada folhetinesca, afora muitas páginas de Dumas, não valiam três linhas de Balzac, ou mesmo de Hector Malo. Entretanto, enchi horas e horas, deleitado nessas torvas façanhas, cuja aparência de realidade me evitaram talvez uma pior aplicação do tempo. Essa sociedade heteróclita de Dumas, Terrail e Montepin, esses acontecimentos ousados e incríveis voltaram ao limbo de onde os tiraram os seus autores, traduzidos ou não para satisfazer aos instintos do inédito, complicado e fantasioso, que fermenta no fundo de cada um de nós, brasileiros, ou ansiosos da vida ou já desiludidos dela. (Volume II, p. 49-50)

Faz-se muito interessante, do ponto de vista literário e histórico, avaliar tal “testemunho” de um leitor de época sobre as obras contemporâneas. Claro que todo juízo de valor está sujeito à crítica e questionamentos, contudo, note-se a postura bastante dura de Rangel para leituras que se veriam “consagradas” na época em que as memórias estão sendo escritas. A literatura, em especial de origem francesa (seria mesmo uma reminescência juvenil ou já uma construção da lembrança do autor adulto?), está também bastante presente nesse volume na forma dos capítulos que narram a amizade entre Rangel e Euclides da Cunha. O reconhecimento pela poesia do amigo, da qualidade e importância de sua obra nos deixam entrever o preciso senso crítico do então jovem Rangel.

E esse jovem que se submeterá a mais uma experiência humilhante e traumática com a sua entrada para o exército. Vista como carreira promissora, uma opção única para o menos favorecidos, a carreira militar trará muitos dos decisivos dissabores a esse narrador-personagem. Se no primeiro volume a insatisfação e crítica dirige-se à instituição escolar (dirigida por valores religiosos e opressores), nesse segundo momento das *memórias* será o exército o alvo das críticas mais duras de Rangel. Se há aspectos positivos – como travar-se conhecimento com diversos colegas, das mais diversas partes do país (o que rende também algumas ressalvas e olhares, diríamos, de pré-julgamento), predominam a imundície (física e dos valores), o desprezo, a disciplina engessada e retrógrada.

A experiência pode ser dita tão forte e terrível que nesse ponto nem a elaboração literária – já apontada como uma perspectiva inerente ao reelaborar das recordações – pode apagar ou minimizar os horrores da realidade. É o que se percebe em capítulos como o 26, em que Rangel delinea o medonho quadro da insalubridade do quartel da Praia Vermelha:

Um só de nós não escapou da sangria. Quando ferrávamos do sono, nossos rostos cingiam-se de uma máscara de insetos. As mãos enluvavam-se dessa bicharia; os pés calçavam-se dessa praga. Atravessando os alojamentos das quatro Companhias e beirando os que dormiam ao meu lado, quantas vezes vi os míseros cobertos da negra e fétida mortalha dos parasitas nauseabundos; seriam o meu retrato de aí a pouco.

Ressonando como bem-aventurados os nossos anjos da guarda ficariam na cruel indecisão, matar os sanguissedentos ou deixá-los como estávamos, a fim de não sobressaltar. Talvez não se mexessem, por sem forças para acabar de vez com essa invasão. Deter-se-iam pois no

bater das suas asas pulcras; os seus dedos cor-de-rosa recusariam por um motivo ou por outro a esmagar os hemípteros, tão malcheirosos no seu almíscar característico...

Ao acordarmo-nos, surpreendiam-nos as filas opacas dos percevejos, entrefecundados numa gênese de incontáveis, na procissão prodigiosa, estagnada, talvez como a de Etchternach, no Luxemburgo, dois passos para a frente e um para trás, nas dobras do travesseiro, nas orlas e costuras do colchão. Com uma vela acesa procurávamos destruí-los num rio de espermacete. Mas as legiões mostravam-se mais numerosas que as de Pompeu, ao apelo do seu pé recrutador. (Volume II, p. 131)

A imageria forte confunde-se a crítica impiedosa, sem abandonar o gosto pela preciosa elegância vocabular. Além desse olhar crítico às particularidades da Praia Vermelha (o que se pode notar também no capítulo 27, *A Bóia na Escola*, em que Rangel faz uma detalhada descrição das refeições no quartel), há os momentos de evocação “quase lírica” dessa vivência militar. É o que notamos no capítulo 32, *O Museu Militar*. Mais uma vez, estamos frente a um episódio que, além de fazer as vezes de relato histórico, oferece-nos uma possibilidade de apreciação da força recriadora e da sensibilidade de Rangel. A evocação das lembranças, o doloroso reconhecimento da tentativa que pouco durará, do desapego e falta de cuidado para com os objetos e documentos vem enfatizar que nosso narrador é o espelho mais exato, se assim pudermos dizer, do homem que passou a vida recolhendo, com cuidado, amor extremados, os retalhos de outros tempos e esmerou-se por reordená-los e contá-los, fosse em obras históricas, fosse em seus textos literários.

O volume se encerra com um olhar saudoso sobre a Praia Vermelha, as recordações dos colegas e fazeres nesse lugar de formação mais que intelectual, pessoal e, poderíamos dizer, de ideias e conceitos de vida que Rangel levaria adiante em sua vida e literatura. Longe de definirmos com linhas certas e definitivas, o que pretendíamos aqui é justamente esse “panorama” de quem fora esse personagem em seu tempo e suas primeiras experiências pessoais, sociais e, diríamos até, políticas. Muitos detalhes mais há nos volumes e nas narrativas saborosas propostas por eles. Mais que esgotá-los, é nosso intuito apresentar e convidar para a leitura e análises posteriores que permitam, mais e mais, (re)conhecer Rangel, sua prosa e seu olhar sobre seu tempo.

5. Considerações finais

“Se algumas revelações reconstituírem um pouco da minha adolescência e derem alguns sinais e notícias da psique do homem adulto, realinhavadas as cenas do automediocre, nem sempre divertido, a que fui sujeito como efêmero e sobejo hóspede e parasita do globo, tanto melhor será. Far-se-á nisso um pouco da ressurreição, que me vão reclamando os apagados e últimos restos...” (Anexo I, p. 23)

Alberto Rangel, ainda na abertura de suas memórias advoga para seus escritos e para si um “pouco da ressurreição” que o texto poderia trazer. Beatriz Sarlo nos ensina que não há negar que o passado é conflituoso, sempre há nele algo de “inabordável”⁵⁵. As lembranças, em suas mais diversas manifestações, sempre podem surpreender, mesmo quando não é desejada, pois, segundo a autora, é como um “cheiro” que acomete e toma conta e ainda:

Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos da palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bérson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente; isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*.” (SARLO, 2007, p. 10)

Nesse momento de encerramento desse trabalho, ainda cheio de possíveis melhoras e incrementos, temos certeza de que nossa iniciativa, se tanto, representa um primeiro passo. Ambicionamos trazer para o presente o que está soterrado sob anos de esquecimento e ranço da crítica literária e acreditamos no que Sarlo diz quando fala que o tempo da lembrança é o presente; é nesse momento, que se faz agora, que o passado pode ser fazer mais forte e talvez permancer.

A tarefa de recuperar a obra de Rangel, mais que isso, a ousadia de propor uma edição às suas *memórias*, propõe-se como um olhar, jamais único ou definitivo. Queríamos

⁵⁵ SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 9.

apresentar esse autor em sua vertente memorialística e quiçá abrir o espaço para novos diálogos e novas buscas – pois, como esperamos ter demonstrado, há muito a se discutir sobre a história, memória e literatura nesses volumes.

Assim, para concluir, voltemos ao próprio autor:

Todo homem, à semelhança de qualquer inseto ou peixinho, tem a sua história, os seus pejos e repugnâncias, os seus ódios e preferências. Na maneira de narrá-los é que irá aparecendo se vale a pena transcrevê-los e pô-los em pratos limpos...

Segredo da velhice é impregnar de perfume indissipável o que se desabotoa à pressão de sentimentos que, embora repassados de amargura das primeiras experiências, ainda são os da juventude. Indelebiliza-se o espetáculo quase acabado, prolongando-o na alma de que há tanto tempo fugiram os cálidos e enganadores transportes...

É isso, quando já não há muito para que recorrer e sem os motivos imperiosos do ódio em riste, do orgulho ofendido e da vaidade comichada. O saco da memória é a vida mesma, que o vai enchendo, e esvaziando. Triste é, porém, que, quando a carga deve ser muita e a gente cuida que vai transbordar, mete a mão trêmula e, por assim dizer, não encontra mais quase coisa alguma na cumbuca.

Será, entretanto, esse resto, que se pretende fixar nestas linhas. Merecerá, contudo, a atenção alheia? Escreveu-se que tais livros consignativos não são sempre bons, sendo o gênero dos mais difíceis. De árduos embaraços não há de escapar *Águas revessas*. Tudo em literatura se cifra na probabilidade de agradar ou não, de prestar para alguma coisa ou de todo não servir, segundo a intervenção de certos imponderáveis, vindo em conta os tempos e os lugares, a melhor ou a pior compreensão das coisas, a maior ou menor receptividade das gentes, os grandes ou pequenos recursos da arte e o contingente mais ou menos bem consignado da sinceridade do escritor.

Não importa que mais tarde, com o primeiro ou os últimos cabelos brancos se venha a resispiscência de certos pecados, os arrependimentos de certas concessões e falências. Aliás, não há vivente ao qual, sendo dado a fazer o cômputo dos seus atos, não seja obrigado a reprovar-se, proferindo esta contrição irrefreável: "De quantas cousas venho a arrepender-me, Pai do Céu! (Volume I, p. 14-5)

O testemunho de autor, a sua iniciativa em registrar e deixar-nos suas memórias, vence a qualquer possível arrependimento. Não nos é absurdo supor que, se fosse dada a devida importância, Alberto Rangel poderia sim figurar ao lado dos mais celebrados autores, não só de ficção, mas como nos parece capital aqui supor, de obras memorialísticas que ajudam a entender e propor outros e novos olhares sobre o Brasil da virada do século XIX e XX.

Mais que condenar ao esquecimento, convidamos à descoberta desse autor que nos deixou em suas obras esse rico panorama do Brasil, de seus personagens e acontecimentos em momentos tão decisivos como a transição da Monarquia para a República e que possa ser essa recuperação uma contribuição à literatura e cultura brasileiras.

Temos consciência das limitações de nosso trabalho e das lacunas. Porém, pensamos que não está concluído e que muito ainda pode ser feito. A pesquisa convida a mergulhos mais profundos, para essas *Águas Revessas*, como bem quisera seu autor, tragam as folhas, pedras e cores de outros tempos que merecem ser lembrados e melhor conhecidos.

6. Referências Bibliográficas

Abaixo apresentamos as principais obras consultadas durante todo o período da pesquisa. Optamos por agrupar as obras da seguinte maneira: 1. apresentar os volumes originais consultados que permitiram a confecção dos anexos (estabelecimento do texto); 2. listar os demais livros de Alberto Rangel, que permitiram melhor compreender sua prosa e seu estilo, dentre outros aspectos linguísticos e literários; 3. elencar todos os demais volumes de apoio consultados, em sua maioria estudos teóricos sobre aspectos vários dos estudos literários, ordenados alfabeticamente pelo sobrenome do autor.

6.1. Bibliografia – base

RANGEL, Alberto. *Águas Revessas (1871-1900)*. Originais depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; cópias depositadas no CEDAE/IEL/Unicamp: Campinas.

6.2. Bibliografia – outras obras de Alberto Rangel consultadas

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde (Scenas e Scenarios da Amazônia)*. Prefácio de Euclides da Cunha; 4ª edição. Tours/França: E. Arrault, 1927.

_____. *Livro de Figuras*. Tours/França: E. Arrault, 1921.

_____. *Lume e Cinza*. Rio de Janeiro; Livraria Scietifica Brasileira: Sussikind de Mendonça, 1924.

_____. *Quando o Brasil amanhecia (Fantasia e passado)*. Edição crítica comemorativa do centenário de nascimento do autor, preparada por Philomena Filgueiras. Prefácio de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

_____. *Sombras n'água. (Vida e paisagens no Brasil equatorial)*. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1913.

6.3. Bibliografia de apoio

- ARISTOTELES. “De la memoria y el recuerdo”, in *Obras* (traducción del griego, estudio preliminar, preámbulos y notas por Francisco de P. Samarach). Madrid: Aguilar, 1973.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. “MóBILE da memória” in *Enigma e comentário – ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, Michail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: C. F. C., 1970.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da USP, 1979.
- BRUSS, Elisabeth W. “L’autobiographie considerée comme acte littéraire”, in *Poétique* n.17, 1974.
- CANDIDO, Antonio. “Poesia e ficção na autobiografia”, in *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida: história de uma juventude*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CONTAT, Michel, LEJEUNE, Phelippe. *L’auteur et le manuscrit* (textes de Philippe Lejeune et al.). Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- COUTINHO, Afrânio, SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001.
- FLORÈS, César. *La mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.
- GOETHE, Johann W. *Memórias: poesia e verdade*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1971 (volumes 1 e 2).

- GRIECO, Agrippino. “História e biografia”, in *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.
- _____. “Alberto Rangel”, in *Gente nova do Brasil – veteranos e alguns mortos*. São Paulo: José Olympio, 1948.
- GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi – Lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HARDMAN, Francisco Foot. “Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização”, in *Discurso histórico e narrativa*./ Jacques Leenhardt, Sandra Jatahy Pesavento (orgs.). Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1998.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo XXI de España Editores: Social Science Research Council, 2002.
- JOSEF, Bella. “(Auto) Biografia: os territórios da memória e da história”, in *Discurso histórico e narrativa*./Jacques Leenhardt, Sandra Jatahy Pesavento (orgs.). Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1998.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”, in *História e Memória*. Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1996.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LELLO UNIVERSAL: dicionário enciclopédico luso-brasileiro em 4 volumes* / Organizado e publicado pela Livraria Lello & Irmão, sob a direcção de Jose Lello e Edgar Lello. Porto : Lello & Irmão, [1940-?].
- LIMA, Alceu Amoroso. “No limiar do Brasil”, in *Primeiros estudos – contribuição à história do modernismo literário (O Pré-Modernismo de 1919-1920)*. Rio de Janeiro: Agir, 1948.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LINS, Álvaro. “Biografia e Autenticidade”, in *O relógio e o quadrante – obras, autores e problemas de literatura estrangeira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969.

- MERRIAM-WEBSTER'S: *Encyclopedia of Literature*. Springfield: Merriam-Webster, Incorporated, Publishers, 1995.
- MEYER, Augusto. "Ficção e Realidade", in *Preto e Branco*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1956.
- MOISÉS, Massaud e PAES, José Paulo (orgs). *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.
- NAVA, Pedro. *Bau de Ossos (Memórias I)*; notas de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- PEREGRINO Jr. "O Regionalismo na Ficção. Grupo Nortista", in *A Literatura no Brasil*. (direção de Afrânio Coutinho) – Vol. II. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955-59.
- PEREIRA, Maria Luíza Medeiros. *As memórias indiciárias de Pedro Nava – entre a história, a autobiografia e a ficção*. Dissertação de Mestrado (orientação de Francisco Foot Hardman). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 1993.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. *O Tempo Redescoberto*. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2004.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere (I e II)*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. - trad. Alain François [et al.] – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão* (apresentação e tradução de José Thomaz Brum). Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (trad. Rosa Freire d'Águilar). São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento", in *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. / Márcio Seligmann-Silva (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- VIANA FILHO, Luiz. *A verdade na biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

YATES, Frances Amélia. *A arte da memória* (trad. de Flavia Bancher). Campinas- SP:
Editora da Unicamp, 2007.

7. Anexos

Este trabalho apresenta dois anexos, impressos e organizados em separado do presente volume, não apenas com o intuito de diferenciar o texto original de Alberto Rangel deste mesmo estudo da obra, mas também por terem se considerado as partes integrantes das *Águas Revessas* suficientemente volumosas, de forma que deveriam ser apresentadas sozinhas, evitando o excesso de papel num único volume. Assim, optou-se por editar cada volume em seu respectivo tomo, contendo cada um desses anexos suas próprias capa e sumário, ao início, além de índice remissivo e glossário, ao final.

O primeiro volume dos anexos (que apresenta o volume I das *Águas Revessas*) traz também um capítulo prévio a respeito das normatizações e demais padrões adotados nos procedimentos de estabelecimento do texto final publicado.

FABIANA BIGATON TONIN

**ÁGUAS REVESSAS: CONFLUÊNCIAS DA MEMÓRIA,
LITERATURA E HISTÓRIA NAS MEMÓRIAS INÉDITAS
DE ALBERTO RANGEL**

ANEXO I

VOLUME I – *PRIMEIROS TEMPOS*

Texto para dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

CAMPINAS
2009

Anexo I

Normatizações

Sumário

Águas Revessas, Volume I: Primeiros Tempos

Índice Remissivo

Glossário

Anexo II

Sumário

Águas Revessas, Volume II: A Caça ao Recruta

Índice Remissivo

Glossário

ALBERTO RANGEL

Águas Reversas

Vol. I - Primeiros Tempos

Volume I dos Anexos

NORMATIZAÇÕES

A escrita dos volumes de *Águas Revessas* deu-se entre os anos de 1937 e 1942. Assim, encontramos ao longo dos livros analisados – no caso do presente estudo, os dois primeiros de cinco – uma série de variações e alternâncias quando à ortografia, acentuação e mesmo quando a aspectos sintáticos (colocações pronominais, concordância e regências verbais). Assim, houve correções e ajustes, mas o que se buscou, ao elaborar a edição dos presentes volumes, foi, sobretudo, preservar o estilo do autor, mantendo suas escolhas vocabulares, o que significa, em alguns momentos, preservar o uso de neologismos, regionalismos (para a época de concepção do texto e, em certos casos, mesmo para o nosso atual momento) e mesmo manter formas que caíram em desuso.

Seguiu-se para o estabelecimento do texto ora apresentado, como já fora apontado na introdução desse trabalho, a segunda versão da obra *Águas Revessas*, conforme expressão de vontade do autor. A correção lexical efetuou-se conforme o sistema ortográfico vigente, descrito na já citada Lei 5.765, de 1943 (e correspondentes alterações em 1971 e o mais recente acordo ortográfico, de janeiro de 2009). As palavras, cuja ortografia utilizada pelo autor sofreu alterações na forma da lei, tiveram sua forma adequada à norma atual. Em casos que os vocabulários mantiveram dupla grafia, preservou-se a escolha do autor.

Para demais padronizações, seguiram-se os critérios abaixo listados:

- Nomes: tiveram também atualização, conforme ditam atualmente registros em dicionários e enciclopédias. Em casos de nomes que apresentam grafia múltipla no texto do autor (por exemplo: Manuel, Manoel), optou-se por manter a forma mais abundante.
- Mantiveram-se escolhas do autor quanto à colocação de pronomes, mesmo quando estas destoam da norma estabelecida nos manuais vigentes.
- Mantiveram-se vírgulas utilizadas pelo autor, mesmo quando essas parecem fora da norma atual (que prevê, por exemplo, na ausência ou presença da vírgula, alteração quanto

ao sentido – no caso de orações adjetivas introduzidas pelo pronome relativo “que”). Desta forma, buscou-se preservar o ritmo e fluência da prosa do autor.

- Maiúsculas e diminutivos foram mantidos – no caso, nomes de meses, cargos hierárquicos, termos para os quais se pretende destaque. Maiúsculas que dão títulos aos capítulos foram mantidas, conforme originais. Diminutivos estavam grafados em sua maioria com S, que foi substituído por Z, seguindo as normas que indicam que o sufixo indicador de diminuição deve ser grafado com essa letra.

- Termos grifados entre aspas pelo autor foram mantidos.

- Termos destacados (sublinhados) pelo autor estão grifados em itálico.

- O texto original praticamente não apresenta notas, nem ao final dos capítulos, tampouco ao pé da página; assim, todas as notas são de nossa responsabilidade (as raras notas do autor estão assim assinaladas). Para inserção de notas tomou-se como base o esclarecimento de alguns pontos cruciais para entendimento do texto: personalidades, localizações, citações de obras (ou parte delas). Elaborou-se também, a fim de elucidar alguns momentos mais “enevados” do texto, um glossário que está no final deste volume de anexos. Todas as notas referentes a vocabulário tiveram foram baseadas nos Dicionários Houaiss e Aurélio Buarque de Hollanda. Em caso de outras fontes, o apontamento está junto à palavra ou nota.

- Em nossas traduções de palavras, trechos e até de parágrafos inteiros, oriundos de idiomas diversos (francês, alemão, latim etc.), é possível que haja disparidades e/ou desacertos. As traduções tomadas de outras fontes estão indicadas ao longo do texto. Há citações em que se perceberam problemas quanto à exatidão, à coesão ou à coerência do original citado – quando não foi possível localizar a citação original, tais incongruências permaneceram em alguns casos.

- Ao fazer citações, Rangel opta por inseri-las diretamente no texto, ou destacá-las (versos ou frases que são lançados para o meio da página). Respeitamos essas escolhas – daí haver alternâncias quanto à forma das citações.

Volume I

PRIMEIROS TEMPOS

Sumário

1.	INCIPIT	17
2.	O CONCEITO DO IMPÉRIO E SUA SIGNIFICAÇÃO	35
3.	AS ORIGENS	45
4.	A NASCENÇA	71
5.	O HINO GENTLÍACO	75
6.	AVE MARIANA	79
7.	A ENTERITE, O NOME E A MARCHA	87
8.	A LAMA, O PERFUME E O RIO	95
9.	PÁTRIA E MÁTRIA	101
10.	OS PÁSSAROS DO QUINCAS	105
11.	RUMO AO BEBERIBE	111
12.	A CASA DO FUNDÃO	117
13.	AS FORMIGAS CORTADEIRAS	123
14.	CAIU NO POÇO!	125
15.	NA RUA DO PAU FERRO	129
16.	DONA SEMIRAMIS	137
17.	CUCAS & PAPÕES	143
18.	A OTITE E AS “SENHORAS DO PORÉM”	149
19.	O ÁLBUM DE RETRATOS	153
20.	O CONSELHEIRO GODOY	159
21.	A CIDADE MORTA	165
22.	A FIRMA BAKER E COMPANHIA	177
23.	O CARNEIRO INALCANÇÁVEL	181
24.	OS SANTINHOS DO PAU OCO	187
25.	O VESTIDO COR DE SANGUE	191
26.	O SERENO E A SEDE	195

27.	O EZEQUIEL	197
28.	O COLÉGIO AMERICANO	229
29.	A PRIMEIRA PANDONGA	237
30.	A CHUVA E O CABELEIREIRO	243
31.	EM SOROCABA	245
32.	O PAR DE GALHETAS	251
33.	O MORETZSOHN	255
34.	A CANTAREIRA	259
35.	ADEUS AOS MEUS AMIGOS	265
36.	NO BOM RETIRO	271
37.	EM TORNO DO OLEIRO	277
38.	SOB O REINO DO ZAMARINI	281
39.	O VELOCÍPEDE	289
40.	A ENTRADA NO ITU	293
41.	COMPANHEIROS IGUAIS	299
42.	CALÇAS CURTAS	301
43.	AS DIVERSÕES	305
44.	OS PASSEIOS E A LAGARTA	311
45.	A ALMA E OS CORPOS	315
46.	A TEOLOGIA E A PSICOPATIA	323
47.	O PAPELZINHO EMBALADO	331
48.	A INUMAÇÃO DO ESCRITO	335
49.	AS NOTAS DA SEMANA	339
50.	AINDA O PAPELZINHO	343
51.	NÃO VOLTARÁS	347
52.	A ESTOCADA DE AYALA	351
53.	O BOM MODELO	355
54.	TRAGADALBAS	361
55.	SANTO ANTÔNIO E A MARQUESA	363
56.	O “ASPIRANTE”	373

57.	TIO FRANKLIN	383
58.	LÖFGREN E OS SAPOS	387
59.	O JAIMINHO E ALICE	395
60.	O ENTERRO DO SENADOR	399
61.	JÚLIO RIBEIRO	407
62.	O CHICO AURÉLIO	415
63.	ECLIPSES E COMETAS	419
64.	O CIGARRINHO ESCONDIDO	423
65.	PALLIDA MORS	427
66.	O EPITÁFIO, AS ABELHAS E A CORUJA	433
67.	O ESCRIVÃO E O FAMILIÃO	439
68.	OS GRILOS, A BOTÂNICA E AS XÍCARAS	441
69.	AS PREVISÕES E A POLÍTICA	447
70.	A TRADIÇÃO ORAL	453
	Índice Remissivo	471
	Glossário	477

ALBERTO RANGEL

ÁGUAS REVESSAS

Et, comme un tas de cendre éteinte et refroidie

L'amas des souvenirs se disperse à tout vent!

Tristesse d'Olympio – Victor Hugo¹

Il ne faut flatter personne, pas même son pays.

Guizot²

...il faut dire la vérité sur les tombes.

Mon oncle Benjamin - Claude Tellier³

¹ “E como um monte de cinzas apagadas e frias / O conjunto de lembranças se dispersa completamente ao vento!”, versos do poema *Tristeza de Olímpio* - este último nome é usado como pseudônimo por Victor Hugo (1802-1885).

² “Não se deve louvar ninguém, nem mesmo seu país”, François Pierre Guillaume Guizot (1787-1874), político e primeiro ministro francês (1847-1848).

³ “Deve-se dizer a verdade sobre os túmulos”, Claude Tellier (1801- 1844), escritor francês.

1. INCIPIT

Em princípio, inclusa nos horizontes de nossa intimidade, não há paisagem insípida e morrediça para aquele que lhe seja o centro testemunhal ou motor. A vida de cada um de nós constitui-se dos feitos e ilusões mais comuns, tornados à sua importância sentimental desde que persistam no estado sobrevivente de recordação.

À força de personalismo e revivescência, os argueiros⁴ projetam-se no passado, reproduzidos em esquadrões de cavaleiros. Na poeirenta e fria tela de fundo, como tão fugitivas minúcias realizam o milagre de se tornar portentosas e indeléveis!

Assim como as águas, precipitadas na enxurrada, trazem tudo quanto foi apanhado nos brocotós da serra e na quiçaça do tabuleiro, assim também a torrente das lembranças de ontem, atulhando-nos o bico da pena retalheira e morosa.

Variado foi o ambiente em que experimentamos os rigores de todos os climas. Bafejou-nos a brisa mareira da laguna pernambucana e do golfo guanabarino. Para os lados da serra do Caverá, respirou-se o ar salubre e áspero do pampa. Tiritou-se de frio nas noruegas de Minas e São Paulo. À brenha equatorial em fogo contrastar-nos-ia mais tarde o rio escandinavo gelado. Extenuados de febre e solidão no barranco amazônico, perseguiu-nos o estertor entrecortado e aspirado do coral dos guaribas. Ruminou-se a paz do expatriado, no varandim da casa italiana, lançada para as cintilações da *Riviera di Ponente*⁵, cortada de oliveiras, palmeiras e laranjeiras, alinhadas na faixa de cera e lápis-lazúli de suas curvas nostálgicas. Entre as sombras e reflexos do lagoeiro veneziano, pasmou-se para a linha viril e soturna do Colleoni⁶ e estrangulou-se, no mau cheiro da maresia, o mistério da gôndola funerária...

⁴ Rangel parece fazer menção tanto ao ditado popular (“só vemos os argueiros, ou seja, os defeitos, as traves, nos olhos dos outros”) quanto a uma acepção específica da palavra (argueiros são partículas pequeníssimas, destacadas de qualquer corpo; grânulos, ciscos – vide Dicionário Houaiss). Dito de outro modo, a escolha dessa palavra reflete bem a perspectiva do narrador: com quem parte do pequeno, do pouco, que se espalha e coloca em perspectiva o que é maior, assim essas memórias se empenham em fazer um resgate pessoal e, como consequência inevitável, propor um mosaico do Brasil e de sua história.

⁵ Região que inclui o trecho de costa na Ligúria, conhecida na sua totalidade como Riviera Ligúria (ou simplesmente Riviera). Ela se estende a oeste de Gênova até à fronteira francesa, perto da cidade italiana de Ventimiglia.

⁶ Bartolomeu Colleoni (1395?-1475): *condottiere* (espécie de senhor feudal) veneziano, ao qual se atribui o desenvolvimento de técnicas de artilharia.

*Vivemos no Paris de duas guerras*⁷, quando a cidade se encolhia e angustiava na treva, atravessada sinistramente dos *taubes* de Guilherme, das granadas da Bertha, dos aviões de Goering e das tropas de von Stuelpnagel⁸. Seis vezes atravessamos o Atlântico, a onda negra riscada pela esteira do corsário inimigo, o pavilhão britânico e brasileiro tremidos na dobra da vaga perigosa e escura, onde a tromba do espadarte germânico, torpedeiro e submarino, farejava a vítima flutuante e medrosa, representada pelo cargueiro neutro ou pelo vapor de passageiros, turistas ou gente de negócio. E em parte findaram-se os dias exulados copista e aposentado, na Ilha de França, ao pé do parque senhorial de Sceaux, viúvo das graças e caprichos da espevitada duquesa do Maine e das sombras da conspiração de Cellamare⁹...

Daí teria que momentaneamente fugir, em 1940, incorporado às colunas de retirantes, precipitados no rebanho de destroço, de pânico e de miséria humana. Entre as veigas sorridentes que o estio amadurava e realçara, na caligem do horrível meteoro artificial, causada pelos incêndios dos reservatórios de petróleo, a horda de Arminius¹⁰ ameaçava o mundo.

Imergido num Mississipi de populações medrosas e tropas desmoralizadas, transvasadas para baixo do Loire, debalde procurei a aba de um teto, mesmo que fosse pelo decurso da noite, no paiol de feno... Nos umbrais da porta dos sobrados, das granjas e casais de rendeiros e campônios, para impedir a caridade da mais simples acolhida, o

⁷ Além de estar na Europa durante boa parte do período que compreendeu as duas Grandes Guerras, Rangel escreveu, entre agosto e dezembro de 1914, o livro *Quinzenas de campo e guerra* (publicado em 1915), em que trata diretamente da experiência da guerra e de seus desdobramentos e consequências pelo continente europeu. Cumpre destacar que o original registra a forma “no Paris”, tal qual a transcrevemos.

⁸ Guilherme II, imperador da Prússia, intensificou a política nacionalista que culminaria no acirramento anglo-germânico e, posteriormente, na I Guerra. Herman Wilhelm Goering (1893-1946), marechal do Reich, foi membro das forças da Aeronáutica e participou da I Guerra como piloto de caça, sendo “braço direito” de Hitler na II Guerra. O general Heinrich Stüpnagel foi governador militar da França.

⁹ Sceaux: comuna francesa na região administrativa da Borgonha, no departamento Yonne. Duquesa do Maine: referência a Sra. Staal, amante do autor de muitos *Eloges*, Antoine-Léonard Thomas (1732-1785) membro da Academia Francesa. Conspiração de Cellamare: golpe palaciano promovido por António Giudice (1657-1733), o 3º Príncipe de Cellamare, em Paris, no ano de 1717. A conspiração foi descoberta antes de executada.

¹⁰ Armínio, Hermann ou Arminius (16 a.C.-21 d.C.), como grafado no texto de Rangel, ficou conhecido como o chefe da aliança das tribos germanas que dizimou três legiões romanas na Batalha da Floresta de Teutoburgo – portanto, percebe-se que a analogia de Rangel pretende apontar para a violência das investidas desse personagem.

francês siderado soçobrava, enforcado no seu pé-de-meia bem guarnecido, tudo negando aos que lhe raspavam os muros insensíveis!

O autor de *Rêveries d'un promeneur solitaire*, repugnado assinalava: "*On dit qu'en Hollande le peuple se fait payer pour vous dire l'heure et pour vous montrer le chemin; ce doit être un bien méprisable peuple que celui qui trafique ainsi des plus simples devoirs de l'humanité.*"¹¹ Que pensaria ele do povo de que certos caseiros mais abusivos vendiam o copo d'água aos fugitivos nos horrores da guerra, atropelados à sua porta? Desassociado aos seus instintos, o homem transgredia a todas as leis divinas e humanas. No topo de uma civilização de refino e quintessência, rachava-se-lhe o verniz secular. A terra inçava-se das colunas de vândalos e dos ladrões de estrada do tempo de Luís, o Gordo, acoquinados na passagem das diligências e nos muros torreados de Montlery. Há na *Chartreuse de Parme*, uma vivandeira francesa, que diz aos heróis de romance: "*-Et dire que ce sont des Français, qui m'ont pillée, battue, abymée.*"¹² Se dessem uma voz à terra de Joanne D'Arc, prostrada nesse drama de derrota e expiação, ela se exalaria na vergonha e queixa das mesmas agressões...

Nesses momentos compreendi tudo quanto se deveria considerar, quando lia nos portais de chácaras francesas: "*Sonnez s.v.p. Chien méchant*"¹³. Os sentimentos com que o homem se endurece, conciliando a urbanidade e a defesa própria, tornam-no cuidadoso de prevenir das dentadas do mastim de guarda, tirando o chapéu ao próximo. O polido redobra-se inospitaleiro, o proprietário no pilharengo, o escrupuloso no relaxo...

Horas abençoadas e felizes de França, dentro das quais, durante tão longos anos me foi dado viver, subitamente evaporadas no calvário de uma boa dúzia de povos escravizados; tempos de paz, ceifados nos transe do inexprimível sofrimento para justo castigo da terra livre e de antiga bravura, mas que um egoísmo feroz diminuía de toda a capacidade de sacrifício, apodrecendo-a para as resistências da honra e da vitória, a ponto

¹¹ "*Diz-se que na Holanda as pessoas 'pedem dinheiro' para dizer a hora e mostrar o caminho; essas devem ser pessoas bem arrogantes, porque traficam o mais simples dos deveres da humanidade*", in *Devaneios de um caminhante solitário* (1776), de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).

¹² "*E dizer que são os franceses que me pilharam, batera, arruinaram*", in *A Cartuxa de Parma*, de Stendhal (1783-1842).

¹³ "Favor tocar a campainha (favor chamar), cão bravo".

de merecer para si o ferrete de alexandrino que Racine, em *Athalie*, pôs na boca de Joad: "*Peuple lâche, en effet, et néé pour l'esclavage*"¹⁴.

Pausânias, general lacedemônio, vencida combates à força de chicotes e bastões. Não sei se Hitler, assim armado, não teria destroçado os franceses, que se apresentaram à batalha com o espírito e o moral de previamente vencidos!

A vida fechava-se-me na maior calamidade da História: o Ocidente sob a pata pesada do cimbro e do teutão, recidivos numa outra página de Tácito! Quando Nietzsche¹⁵ escrevia: "Eu sou um cataclismo", exprimia assim todo o destino inumano da sua gente bárbara e guerreira. Curti momentos amargos, com os meus olhos vi e com a minha mulher e os meus filhos sofri do seu jugo. Trazia o prusso, continuado do huno, a fome e a crueldade nos seus armões e mochilas, semeando as terras opulentas e mais felizes do que mereciam, dos horrores do roubo, da fome, do frio, da denúncia, da corrupção, da traição, do sangue e da explosão.

As catástrofes tremendas, a que pessoalmente assisti, no decurso de minha longa existência, foram das rosas da abolição dos escravos, no Brasil, aos terríveis espinhos da ocupação da França pelas hostes do nazismo. Tendo já bastante vivido, não suponho que maiores e mais impressionantes me seja dado assistir no resto de meus dias.

Para que seja infelizmente mais desenxabido o que se irá contar, quiseram os deuses nunca privasse com altas personagens artificiais de mais caráter ou interesse, tendo mesmo recusado travar conhecimento com o senhor Falquhar e o senhor Lavandeira, em ocasiões que eles saberiam tornar das mais lucrativas. Não me sentei na mesa de jogo de Pinheiro Machado¹⁶. Do morro da Graça não me coube graça alguma, mesmo porque nunca lhe transpus a soleira¹⁷.

Em Londres muito me aproximei do imperturbável Langsdale, mas quando o lorde vivia inteiriçado no seu mármore de honra, de sentinela à papelada de sua guardiania. O

¹⁴ "*Povo vil, com efeito, e nascido para a escravidão*", in *Athalie*, de Jean Baptiste Racine (1639-1699).

¹⁵ Citação de *Assim falava Zaratustra* (1884).

¹⁶ Trecho com rasura do autor; provável referência a Percival Farquhar (1864-1953), empresário estadunidense. Lavandeira Pinheiro Machado (1851-1915): senador, um dos políticos mais influentes de seu tempo.

¹⁷ Segue trecho com anotação ilegível.

busto do *master of rolls* decorava-me o patamar do *Public Record Office*¹⁸, que tanto frequentei. Dos quatro reis de Inglaterra, meus contemporâneos, jamais bispei nenhum deles, apenas a carruagem de gala de Jorge V vazia. Em Roma, um defluxo tosseoso impediu-me a boa ocasião de abençoar-me Sua Santidade.

Em Paris encontrei o caspento e melenudo Aristides Briand¹⁹ de uma feita e por sinal que, ao passar rente dele, no pátio do palácio d'Orsay, o vi ficar mais pálido que uma visagem... Acorrera-lhe provavelmente a ideia na bomba de Vaillant ou no punhal de Caserio²⁰, vendo-me nessa ocasião tirar do bolso o lenço para enxugar-me do suor de julho.

Se segui um curso de egiptologia no Louvre, nunca cheguei a penetrar nas galerias poentas do Palácio Bourbon... É verdade que enxerguei uma vez, a alguns passos de mim, o Presidente Wilson, no boulevard dos Inválidos. Alto, enxuto e barbeado cidadão, de fisionomia bem americana, parecendo algum diretor de banco de Nova Orleans ou o bispo de alguma seita evangélica, mandando e retendo a cartola em cumprimentos sublinhados do sorriso que seus dentes enormes referendavam. Teria eu concorrido a salvar o mundo, se houvesse pedido exigir que ele exibisse aos Aliados a procuração passada pelo seu país para que decidisse da forma da Paz, a que iria pospor a ilustre e ilusória rubrica.

Algumas vezes rolei com Santos Dumont no seu auto, imenso e descapotado, para Versalhes, Ville d'Avray ou Saint Cloud, tendo ocasião de conhecer e discernir mais de perto as circunstâncias extraordinárias e felizes que fizeram, depois de Ícaro, Vinci, Gusmão, Lilienthal, Ader, Renard & Krebs e os irmãos Wright, ser ele considerado, mesmo na França, o "Pai da Aviação"!

Vi também o Xá Mozzafer-ed-Din, em Longchamp, como a toda gente o foi dado a ver, nessa doce e opulenta manhã parisiense, reduzido ao airão, que traria preso em diamantes e espetado entre seus dois olhos bolsados e moribundos... Parelho do persa em popularidade, vinha de Auteuil, repimpado na caleche de aluguel, com o duro cavanhaque e

¹⁸ No final de 1923, Alberto Rangel é encarregado pelo governo brasileiro de fazer pesquisas sobre o período diplomático da independência do Brasil.

¹⁹ Aristides Briand (1862-1932): militante socialista e sindical, foi ministro dos Negócios Estrangeiros durante 17 anos. Marcou profundamente a diplomacia da França entre 1925 e 32, criando e incentivando oportunidades para construir a paz na Europa.

²⁰ Em 9 de dezembro de 1893, Auguste Vaillant (1861-1894) lançou uma bomba na Câmara dos Deputados, em Paris. Sante Geronimo Caserio (1873-1894) foi um anarquista nascido na Itália que apunhalou até a morte o então presidente da República Francesa, Marie François Sadi Carnot.

o tope alvo e crespo da cabeleira em batalha, o ácido e vigoroso Henry de Rochefort²¹. Não lhes fui apresentado...

Significará tudo isso haver matéria de inventário no meu embornal de vivente, para dele tirar alguma coisa que contar. Bem tinha razão Alexis Carrel quando opinava: "*Nous sommes une histoire*"²². Não importa que tenha o homem passado neste mundo escoteiro e sem bagagens, desdobrado à maneira de um peão anônimo e sem sorte... De si mesmo ele é todo um conto a relatar.

A vida do homem, revista no precipitado curso dos seus altos e baixos, averiguada nos seus lances e contornos, ostentações e segredos, reduz-se em suma à viagem em torno de seu quarto. Quer dizer, por mais que se ande e por mais que se faça, não são das quatro paredes de certos fatos mais lembrados e de certas sensações mais pessoais.

Tudo depende do ângulo sob que se olhem as cousas. Seja como for, ainda serão menos interessantes os anais de medas e assírios para o estudante do século XX que a *História de um soldadinho de chumbo*, de Andersen, para o homem de todos os tempos. Com o ar de tanta insignificância, não é esse pequeno conto a aventura do Amor e do Destino? Enquanto que poucos sensíveis restaremos diante dessas vagas multidões, cruzadas aos embates de sua combatividade, no fundo remoto da Mesopotâmia...

Todo homem, à semelhança de qualquer inseto ou peixinho, tem a sua história, os seus pejos e repugnâncias, os seus ódios e preferências. Na maneira de narrá-los é que irá aparecendo se vale a pena transcrevê-los e pô-los em pratos limpos...

Segredo da velhice é impregnar de perfume indissipável o que se desabotoa à pressão de sentimentos que, embora repassados de amargura das primeiras experiências, ainda são os da juventude. Indelebiliza-se o espetáculo quase acabado, prolongando-o na alma de que há tanto tempo fugiram os cálidos e enganadores transportes...

É isso, quando já não há muito para que recorrer e sem os motivos imperiosos do ódio em riste, do orgulho ofendido e da vaidade comichada. O saco da memória é a vida mesma, que o vai enchendo, e esvaziando. Triste é, porém, que, quando a carga deve ser

²¹ Henri de Rochefort (1831-1913), jornalista e político francês, conhecido por suas publicações polêmicas contra o Império francês.

²² "*Nós somos uma história*", frase de Alexis Carrel (1873-1944), biólogo francês, vencedor do Nobel de Medicina em 1912.

muita e a gente cuida que vai transbordar, mete a mão trêmula e, por assim dizer, não encontra mais quase coisa alguma na cumbuca.

Será, entretanto, esse resto, que se pretende fixar nestas linhas. Merecerá, contudo, a atenção alheia? Escreveu-se que tais livros consignativos não são sempre bons, sendo o gênero dos mais difíceis. De árduos embaraços não há de escapar *Águas revessas*. Tudo em literatura se cifra na probabilidade de agradar ou não, de prestar para alguma coisa ou de todo não servir, segundo a intervenção de certos imponderáveis, vindo em conta os tempos e os lugares, a melhor ou a pior compreensão das cousas, a maior ou menor receptividade das gentes, os grandes ou pequenos recursos da arte e o contingente mais ou menos bem consignado da sinceridade do escritor.

Não importa que mais tarde, com o primeiro ou os últimos cabelos brancos se venha a resispiscência de certos pecados, os arrendimentos de certas concessões e falências. Aliás, não há vivente ao qual, sendo dado a fazer o cômputo dos seus atos, não seja obrigado a reprovar-se, proferindo esta contrição irrefreável: "De quantas cousas venho a arrepender-me, Pai do Céu!"

"Je fais de grandes découvertes sur mon compte en écrivant ces memores", escrevia Stendhal na *Vie d'Henry Brulard*²³. Infelicidade que não possa repeti-lo por nossa vez, porque só o que verdadeiramente se apresenta de novo é que conta, nesses registros de bocados da pobre vida humana a qual, além de uma paisagem, subentende uma mina por baixo e uma sepultura por termo.

D'Alembert definiu todo ser humano como constituindo a soma de certo número de tendências. Nenhuma tão forte, nas dobras do comunicativo, quanto o gosto lareiro de recompor o quadro, que os anos foram apagando, puxar a terreiro tudo o que possa ter tido qualquer significação na vida que nos rodeou, tirar uma espécie de quociente moral, na divisão pela qual foi repetida a parte que nos coube no capital humano da sensibilidade geral. Quando isso não aproveitasse às letras pátrias, servisse ao menos ao libelo, no processo a que tem de sujeitar-se a nossa geração e o nosso tempo!

²³ "Faço grandes descobertas por minha conta escrevendo essas memórias", in *Vida de Henry Brulard* (1890), de Stendhal (1783-1842).

Aos setenta anos de idade, Kipling escrevia o pequeno e precioso livro, em que lembrava os primeiros tempos de sua vida. Entitulando-o *Something of myself*²⁴, deu o único título que bem caberia a todas as obras desse gênero. Em alguma cousa de si mesmo também se talham as páginas que se seguem e poderiam vestir-se desse mesmo rótulo, se bem ficasse longe de toda a arte que engalana e enobrece o produto do poeta e contista britânico.

Ao filósofo de Genebra²⁵, examinando-se por dentro, parecia-lhe que o coração e o espírito não pertenciam ao mesmo indivíduo. Sinto-os, ao contrário, bem unidos e mesmo muito mais que antes, ordenando estas páginas de autotopia.

A senda da existência é raro que não se traduza nestes versos do Florentino:

*"La via è lunga, e 'l cammino è malvagio."*²⁶

Na que vim pisando, surgiram e naufragaram instituições políticas, que vieram a profundamente alterar a fisionomia do Brasil, a ponto de tirar todos os direitos dos seus nacionais à segurança da própria vida e liberdade individuais. Rejeitadas as possibilidades históricas do governo plástico do Monarca de origem divina, preferiu-se a sanha do militarismo e caudilhismo de arrocho, cuja causa esporádica e popular se perde entre as mais obscuras e celeradas de nossa História e apareceu emergida nessas intrigas nazis que conseguiram, segundo o denunciou, em 1938, Winston Churchill, "*minar a estrutura da sociedade brasileira.*"

Nesse percurso foram-se ficando e desaparecendo tantos parentes e amigos, além de três dos meus próprios filhos! Demarca-se-nos o coração de mais cruzeiros que esses caminhozinhos agrestes, onde a Morte costuma gravar o sinal de suas vítimas anônimas, no seio esquecido de nossa grande terra. É condição e triste privilégio da velhice enterrar-nos em vida com a maior parte de tudo quanto muito nos cercou ou pertenceu de melhor.

O tempo, misericordiosamente refluindo o sangue nas veias, torna-se o juiz e amigo que, entre cousas excelentes e tristes, quando não gera a indiferença, compraz-se na saudade e na indulgência. Será por isso que, tentar percorrê-lo de novo, espojando-se em

²⁴ *Something of myself* (1935), obra autobiográfica de J. Rudyard Kipling (1865-1936), escritor britânico.

²⁵ Referência a Jean-Jacques Rousseau.

²⁶ "*E longa é a via, e o caminho penoso*", in *A Divina Comédia: Inferno* (tradução de Ítalo Eugenio Mauro para Editora 34) de Dante Aleghieri (1265-1321), poeta italiano.

suspiros, cóleras, náuseas, confidências e observações, na sua esteira ingrata e malograda, não será sempre voluptuoso ou ameno e divertido. Melhor seria que certas imagens não se reproduzissem, certas impressões não mais voltassem, certos nomes não viessem à tona... O pior é, sobretudo, ter que praticar correntemente o pronome pessoal na forma ativa ou ativa da primeira pessoa. Se Montaigne assim procedeu, foi razão para que Pascal não o perdoasse. Bem estranho programa, com efeito, citar-se a si mesmo, quando a certos temperamentos mais reclusos semelhante determinação põe doente! Oscar Wilde pedia a André Gide que jamais escrevesse "Eu". Seria inartístico...

A marquesa de Nicolai, começando a relatar as suas Memórias, declarava haver-se recusado em começo a esse trabalho, pela obrigação de falar constantemente de si. A pobre senhora não escondia a sua aversão: *"D'ailleurs il y a dans cette occupation quelque chose que me répugne, c'est l'obligation de parler constamment de moi et je ne me suis jamais tenue en si grande valeur que j'y trouve du plaisir, ni que je trouve excusable d'en ennuyer les autres. Le moi m'est désagréable au parfait, par quelque bouche qu'il se prononce..."*²⁷. O "eu" torna-se realmente "odiável" pelo fato de intervir a todo propósito, no correr das reminiscências, se nesse "eu" não andasse por vezes um interesse bem pouco tingido de egoísmo.

"Racontez ce qui vous êtes arrivé", assim recomendavam a Maurice Donnay²⁸ para decidi-lo a fuxicar na colmeia, extraindo o saburá das suas recordações. Não será outro o programa de todo memorialista. Não se sabe, porém, seja isso nem cômodo nem fácil. Porque Montaigne declarou desanimar da cura de sua gravela, gostar de todos os molhos e pelar-se por melão, não é motivo para que se ande a pôr em público e raso as mazelas e dodóis mais íntimos, os reflexos mais impuros, as disposições menos perdoáveis de cada um... É forçado, entretanto, que assim seja. Como em tudo mais, certas preferências e fragilidades contam na vida literária. Demais, não se fazem os livros que se desejam, escrevem-se os que nos são possíveis, pondo tantas vezes neles o que não queremos... Não seria sem razão que Francis Carco lançou as suas memórias, sobrescritando-as deste modo

²⁷ "Além disso, há nessa ocupação algo que me repugna, essa obrigação de falar constantemente de mim e não tenho nunca em tão grande conta que nisso encontre prazer, nem acho escusável aborrecer com isso os outros. Meu eu me é desagradável no perfeito, por qualquer boca que seja pronunciado".

²⁸ "Conte o que você alcançou". Maurice Donnay (1859-1945), dramaturgo francês.

envergonhado: "*À voix basse*"²⁹. O que nunca fizera, tratando das mariposas e zangões noturnos de Montmartre, de que se elegeu o atarefado, impudico e sensível cronista, ele julgou dever velar a voz, contando de si...

A verdade é, que a existência, sendo um campo de experiências quotidianas, é sobretudo a escola das decepções diurnas e noturnas. Quando pode aproveitar a cada um de nós é quase sempre mais tarde.

Não importa. Olhemos para trás, se bem que isso, ao contrário do que aconteceu na Bíblia, apresente os riscos de perdermos todo o sal. Desenrolamos do novelo o fio tecido pela boa Parca, antes que a companheira, mais furiosa, se arme da tesoura atermadiça. Os dias foram longos; mas, ao clarão das últimas jornadas parecem ter sido de tanta brevidade! O velho Job já se queixava da mesma cousa, coçando as úlceras do seu mau estado, com este pensamento de funda poesia e apaixonada tristeza: "Os meus dias passaram mais depressa que a trama aparada pelo tecelão; escoaram-se sem mais voltar". E por findarem, como tanto se sabe, na cacaria de um monturo, ainda os saboreava, envolvendo-os na riqueza das imagens de semita, nos suspiros da sua desventura de homem como todos nós... A vida, sendo o que foi, astringida à sua estrela, não há razão para depor-lhe palmas de glória ou grinaldas funerárias. Melhor será considerá-la bem aceita, bem vivida e para ela voltar-se com o ar do feliz que não se foi... O meu caro e saudoso doutor Álvaro de Barros, no soneto que me dedicou em 1908, em São Caetano da Vargem Grande, dizia confrangido ante as cotas de passageira ventura, que lhe fora dado relancear de longe, no correr da curta e benemérita existência:

"Felicidade! Em que é que ela consiste?!

Uma visão que rápida perpassa:

*Está por vir, já passou... e não existe!"*³⁰

Segundo a senhora Puisieux, a felicidade é uma bola "*après laquelle nous courons tant qu'elle roule, et que nous poussons du pied quand elle s'arrête.*"³¹ Para Etienne Rey:

²⁹ Obra de Francis Carco (1886-1958), escritor e jornalista francês.

³⁰ Álvaro de Barros (1912-1970), escritor, crítico, jornalista brasileiro.

"*Le bonheur n'est pas un évènement, c'est une aptitude?*"³² O mais certo é não passar do nome de um sentimento de suazão. Tratemos de assim chamar o que melhor possa ser isso. Momentos venturosos, ilhas de felicidade, a que se referia o outro, e as quais permanecem ainda acima do horizonte depois de abandonadas. Se os houve, deixemo-los projetados no mesmo campo que os desgraçados e aziagos. Servirão apenas a mostrar, que se pode avaliar o homem pela natureza da felicidade ou infortúnio que ele reconhece e identifica sob tão diversos rótulos. É que, na irreconhecida felicidade de cada um nasce o tormento dos desejos da que jamais possa ou venha a realizar-se.

Pelo que me cabe, no cultivo do meu horto de melindres e prevenções, conformei-me às vantagens do isolamento, sem esquecer, contudo, que o bom convívio com certos homens de qualidade gera o completamento do indivíduo, dá-lhe asas e apoio, reforçando-o em suas resistências, excitando-lhe as faculdades da criação introspectiva e os zelos da competição sem inveja; compreendi os altos benefícios da resignação; adorei a paz de casa e a todo momento os filhos, a página bem escrita, a flor, o amigo, a música, a criança, a paisagem, o Brasil; aborreci a bajulação; detestei a hipocrisia, indispensável a certos entes de mais conveniência no seu falso recato; abominei a filáucia, o derrame e a intolerância do semi-culto; tive pena dos ambiciosos e maleficiosos do poder, como dos sibaritas e arrivistas do luxo espaventoso; desprezei os apressados e mal documentados nos seus julgamentos *a priori*... Preferi os consertadores impotentes ou contraditórios do mundo aos indiferentes a seus males e derrocadas...

Convenci-me, outrossim, de que quando o passado é uma consolação, o presente de si mesmo está julgado; que há quem viva e se inflame dos seus defeitos e aberrações, como existem mendigos que ostentam e aproveitam das suas chagas; que pudemos tudo alugar e comprometer, menos a força e a luz da nossa própria razão; que a metade da vida é perdida na distração e no esquecimento e a outra é gasta na saudade e no remorso; que o alfabeto tem mais prejudicado o Brasil que o seu analfabetismo; que começamos a época na qual

³¹ Senhora Puisieux, amante do filósofo Diderot (1713-1784). “[Uma bola] *atrás da qual nós corremos enquanto ela rola e que chutamos com o pé, quando ela para*”.

³² “*A felicidade não é um acontecimento, mas uma atitude?*”. Etienne Rey (1789-1867), dramaturgo francês.

sabemos demais ignorando tudo; que a política brasileira republicana nunca saiu do período arqueo-zóico, onde só havia invertebrados; que sei mais, Santo Deus?

Mas isso tudo são escolhas de sentimento, preferências de pensamento, razões de atitude e inclinações de julgamento tão impugnáveis e caprichosas como outras quaisquer. É-se melhor ou pior, mais duro de espinha ou flexível de coração, segundo as alturas em que nos fazemos mais próprios ou insuportáveis ao julgamento dos outros. A qualidade da nossa existência depende sempre das primazias que procuramos justificar e alcançar, inclinando-nos a tendências e predileções de nosso gosto, quer adotando a cor e a forma do nosso chapéu, preferindo o livro mais próprio a servir ao fundamento das nossas ideias, selecionando o amigo mais consentâneo aos puros prazeres de nosso aferro e dedicação, retendo-nos nos devaneios da imaginação pouco sóbria na qual nos refletimos, procurando servir às cousas, bem ou mal interpretadas do Bem e da Verdade, entregando-nos à luta, nem sempre vitoriosa, entre o egoísmo próprio e a vontade do que em nós haja de mais generoso ou humano...

"Le soir de la vie apporte avec soi sa lampe", dizia melancolicamente o benigno e saboroso Joubert³³. Ao seu clarão merencório, a despedida far-se-á mais longa, balbuciando-se ainda qualquer coisa que não seja o fruto de algum erro voluntário... A lâmpada do moralista, trazida pela mão vacilante do retardatário, bruxuleia na meia luz dos últimos lampejos, nestas linhas, onde haverá de tudo, amassadas e trituradas na lembrança daquilo que se convencionou chamar a nossa vida, o sopro do seu respiro, a combustão do seu fogo-fátuo...

A mais profunda e humilhante visão da humanidade, que jamais me foi dado ver simbolizada, deparei-a no *British Museum*, representada no grupo tragicômico, esculpido num marfim japonês: macaco bebe, a mulher toca o shamisen³⁴ e domina a todos a Morte, abanando-se com o leque e coçando alvarmente o alto da caveira.

Não é exclusivamente a estreita impressão de farsa transitória e macabra que a nossa vida suscita. Um interesse mais intenso e mais nobre palpita no homem, com a melancolia de certos transes irreparáveis, os sobressaltos do destino cego e sem entranhas, a

³³ *"O entardecer da vida traz consigo seu lume"*. Josephe Joubert (1754-1824), escritor francês.

³⁴ Instrumento de cordas japonês.

insatisfação de todo o ser, a instância de certos momentos mais fugitivos e imperiosos, o apego a tanta esperança frustrada, a aplicação da confiança e do amor a tudo quanto é tão rápido e precário e sobretudo o desejo de refletir e contrastar-nos no que lá se foi para nunca mais voltar, o capricho de trazer de novo à cena o que passou muito depressa... Tudo isso é irrepresentando naquele esquema de maldição, ridículo e deprimente, concebido pelo amarelo oriental, num rito de comédia e desencanto do mundo, aparentemente, pelo menos, tão mal concebido e realizado.

Hão de alentar-nos alguns minutos de sobrevivência, comovendo-nos de novo, ao tomar ainda um gole desse elixir pelo qual a vida parece prolongada, desdobrando-se nessa projeção de saudade e de acaso, quando não à borda do Letes³⁵, assentada à beira do Asfaltite³⁶ de que vamos devorando os frutos de cinzas, ainda por fora tão lindos e apetitosos.

O velho Lucrécio afirmava que o momento da vida, no qual o homem se tornava mais sincero, era o que precedia à morte. Depunham-se as pretensões; exprimia-se como se pensava. Lá porque as memórias podem não ser ricas de acontecimentos extraordinários, mostrarem-se magras de apreciações argutas e úteis ou revelarem-se das menos probas e sinceras, não importa muito ao caso. O homem é dificilmente apreciável. Parecendo sempre aquilo por que o tomam, raras vezes é o que os outros o fazem. Daí, ao contrário do que pensa, nunca ser reconhecido. O enganado perde-se na profundidade das valvas de si mesmo. O maior biólogo dos tempos modernos o tratou de "animal incógnito". Mas, tanto quanto não acerte, na busca de ser julgado fielmente, dá ele a medida do que possa realmente valer, pensando com as suas reminiscências ajustar-se à verdade ou fugir-lhe habilmente das garras. Os recursos literários em que se prolongue, o tom e a qualidade das suas anotações e até a escolha dos seus informes o denunciam, revelam o gato escondido com o rabo de fora, de popular alusão.

³⁵ Segundo a mitologia grega, rio para onde iam as almas dos mortos; também chamado de “rio do esquecimento”. Por meio da referência, vale notar a construção antitética lembrança *versus* esquecimento.

³⁶ Nome que os antigos davam ao Mar Morto.

Seja qual for o grau do seu artificialismo, a caução de sua fidedignidade, o menor ou maior valor da sua documentação, as memórias servirão para alguma cousa. No Brasil tem-nos faltado maior número desses depoimentos de experiência e despedimento final.

No inventário da herança literária, que deve ter sido deixada pelos filhos do Brasil, narrados por si mesmos, desde D. Romualdo de Seixas, Nogueira da Gama, Joaquim Nabuco e Taunay ao Barão de Teffé, Rodrigo Octavio, Belmiro Braga e Ferreira de Rezende, não é grande a riqueza do monte-mor. Daí, por consequência, quase não nos conhecermos, a coberto que nos temos achado de algumas indiscrições proveitosas ou pelo menos pitorescas e mais saboridas e particulares.

No debulho da intimidade divulgada, na expedição de nossas opiniões mais reservadas e pessoais, no abrochamento de nossos sentimentos mais imperdoáveis, estas contribuições quanto me cabem, vão caindo como folhas secas, no sussurro e despejo invernal do seu verdadeiro adeus. Águas revessas, no arpejo de contractas, borbulhadas no sentido de sua nascente, como todas as águas correrão para o mar. Sumindo-se num murmúrio, hão de, no seu tumulto, fraqueza e indigência, representar o irrevogável do caminho percorrido, a renúncia e todo o desconsolo inseparável do termo do seu trânsito momentâneo e forçado.

Se é sedutor concluir alguma cousa de tudo quanto se estende e patenteia na obra do espírito, que não se dissimula na sua última hora, nada de vãos recatados nestes instantes de remate e de expansão do velho depoente. O que de muita imperfeição me diminui, devo-o sobretudo à escola que, desde a primeira até a superior, foi insuficiente e um tanto maligna à minha formação. À família atribuo o concurso de atributos dos mais comuns e razoáveis, certa tolerância de natureza, a estima pelos fracos e humildes, o gosto da morigeração nos costumes, o horror das baixas formas da vaidade e encenação da lisonja, a que são vulgarmente sensíveis tantos homens mesmo de valor e as quais vão do nome do jornal, recamado de louvores e conceitos excrescentes e mal cabidos, ao bafo da popularidade e à atração das posições e dos trinta dinheiros da corrupção que vem de cima...

Dado às letras por uma tendência de infância, alimentei e corrigi, quanto me coube, a mania e afronta dos perigos de escrever para o público, só praticando-as desembaraçadamente mais tarde, depois de transpostos e desflorecidos os trinta e seis anos

de idade³⁷. Dir-se-ia ter seguido ao pé da letra o conselho que havia de dar Philippe Hériat, quando dizia: "*qu'il ne faut rien donner avant la trentaine si en veut écrire humainement*"³⁸.

Produzida, com o correr dos anos, certa claridade no conhecimento daquilo que Montaigne chamava "*les profondeurs opaques de nos replis intimes*"³⁹, acabei reconhecendo-me capaz de certas inclinações benignas, por subordinadas a algumas regras primordiais de ética doméstica, flutuadas num poço de quantas deficiências e outras irregularidades pessoais! Deverão naturalmente entrar, no balanço das médias a tirar nesse magma psicológico, os resultados atribuíveis aos mil produtos provenientes de leituras indigestas e sem guia, dos prejuízos de um ensino oficial anárquico e precário e às influências devidas a más sugestões de conjuntos políticos bastante desorganizados e mutáveis, como não são os que têm sucessivamente, entre os limites de minha longa existência, cabido infelizmente à direção e desenvolvimento da sociedade brasileira.

Submetida a esse jogo e entrelace de causas e efeitos, aconteceria felizmente que a minha pobre pena encontrasse outros interesses e excitantes que não os decorrentes das paixões inconfessáveis, enfartadas nas vantagens do pé de lã e da espinha maleável, da bajulação, da calúnia e do rastejo...

Inclinado, talvez pela força inata das disposições naturais, a alguma cousa de mais probo e mais decente, servindo-me dos recursos do nosso idioma, não me prestei a incensar os fantoches da literatura e da política, que foram vencedores nas arenas e jogos florais do meu tempo. Não tratei de sóis da Ática os plumitivos bonifrates e luminares da Beócia, para os quais seria feita a observação picante de Alice Cazalis: "*Un imbecile peut voir juste, mais s'il réfléchit il est perdu*"⁴⁰. Preferi a temeridade de arriscados ao êxito seguro dos insinuosos e contraditórios de mais impudor. Não chamei de estadistas aos míseros cozinheiros das suas ambições remuneradas, ofensivas à dignidade e ao proveito do Brasil. Infenso a chapas e repetições, distingui apenas algumas verdades, colhidas na respiga de nossa História e pedi por vezes à Poesia e à Novela, com o íris de suas bolhas de sabão, me

³⁷A edição *princeps* de "Inferno Verde" data de 1908 (Nota do autor).

³⁸ "*Não se deve produzir nada antes dos trinta, caso se deseje escrevê-lo humanamente*", Philippe Hériat (1898-1971), romancista, dramaturgo e ator francês.

³⁹ "*As profundezas opacas de nosso imo âmago*".

⁴⁰ "*Um imbecil pode ver com justiça, mas, se refletir, está perdido*".

distraíssem do mofo a gravidade de tanto papel velho bem ou mal manuseado. Não me acreditaria por isso próprio a suscitar em vida os lucros, comodidades e honrarias da cadeira na Academia Brasileira de Letras, e depois de morto a honorificência da herma no Passeio Público, no Rio de Janeiro, ou da placa na esquina do Paraíso, no Recife...

Já me parece um grande resultado e intergiversável, ficar em suma o que fui, amador das letras pátrias e um simples curioso dos arquivos nacionais e estrangeiros, dispensado e retirado no meu canto e no meu tempo...

Estes volumes das *Águas Revessas* consignam a história do brasileiro que também não se perdoou, encontrando, nas suas fraquezas, insuficiências, deformidades e fâculas, todas as razões para livrar-se de algumas inconformidades e reações inúteis e fragmentárias... Pelas vantagens acidentais da longa inspeção que me foi consentida, quando recolhido ao seio da nação francesa a vi deliquescer-se a olhos vistos, preparando a tragédia da sua vergonhosa ruína, reconheci ao mesmo tempo os descaminhos e as qualidades do meu povo, como se por transparência se tornassem ainda mais salientes. Foi um português, nascido aliás no Brasil, que nos deu a lição das mais aproveitáveis, quando se arrojou a dizer-nos: *"Não sei, porém, o que é a vaidade nacional, que fecha os olhos ao que é desagradável, e de tudo, mesmo dos vícios e misérias, faz motivo de louvores"*⁴¹. Pude assim juntar os devidos índices de correção à conservação que a distância me facilitava à mediania da inteligência e da posição social.

Sensível, por não poder fugir, às pressões da sociedade, onde a hierarquia dos valores, assaltada por todas as forças da dissolução e o passado, diminuído na cárie do esquecimento coletivo, de menos a menos lhe vem oferecendo o quadro resistente da existência e desenvolvimento normal, não fui, contudo, senão o que deveria ser, um sacrificado à meia dúzia de frases que nada disseram de novo, nem agradaram a todos...

Cessando o desalinhado recheio da prefação destas rabiscas, reclama-se a indulgência dos que as sigam e tentem compreender e perdoar. A humanidade, relanceando a sua alma, cochichando os seus segredos, entremostrando as suas dores, prurindo-se nos seus defeitos, reflete-se nas mil facetas cristalinas ou turvas em que ela se faz tão diversa e sempre a mesma. Se algumas revelações reconstituírem um pouco da minha adolescência e

⁴¹ Alberto Rangel, "Inferno Verde" (Nota do autor). Vide nota 37.

derem alguns sinais e notícias da psique do homem adulto, realinhavadas as cenas do automediocre, nem sempre divertido, a que fui sujeito como efêmero e sobrejo hóspede e parasita do globo, tanto melhor será. Far-se-á nisso um pouco da ressurreição, que me vão reclamando os apagados e últimos restos...

Alberto Rangel

Bourg la Reine

Do equinócio de outono de 1937 ao solstício de inverno de 1942.

2. O CONCEITO DO IMPÉRIO E SUA SIGNIFICAÇÃO

Poder-se-á calcular rigorosamente a que número chega e a que intensidade de ritmo se faz a multiplicação do homem no globo? Qual a lei biológica que subtenda a vaga de eclosão das gerações, no crescimento do seu formigueiro, já que, limitada ao materialismo do alimento, a de Malthus não lhe pode ser a verdadeira expressão? Moralistas há de pregam o desenvolvimento, outros a abstenção generativa da colônia terráquea. Sociólogos, políticos e sobretudo moralistas aconselham povoar, sendo extraordinário que, depois da guerra mundial de 1914 e da pandemia subsequente, a humanidade se encolhesse, diminuindo-se voluntariamente dentro dos círculos de uma osmose defensiva.

O grande Brasil, em sua maior parte deserto, como hoje verificadamente aparece, ao primeiro turista o qual o observe do alto dos aparelhos que lhe singram o ar, entrou também na prática dessa doutrina de exclusão imigratória, além de fundar simiescamente direitos e hábitos, copiados de povos, alguns dos quais por excessivamente inteligentes, segundo o indianista Sylvain Levy, não são mais suscetíveis de viver. Propagandistas e distribuidores, na cabeceira dos casais, do árido evangelho, adotaram esta fórmula demográfica das mais contraditórias: *Crescite et diminuendi*⁴²...Os povos entenderiam medrar, reduzindo um dos elementos condicionais do aumento da naturalidade, como seja a imigração!

O problema do embrião humano, para bem referir o caso a suas coordenadas fisiológicas, é de interesse particularmente brasileiro. A renovação e a propagação da nossa gente, a sua qualidade eugênica, os atributos e modalidades da sua miscigenação, as condições do seu aproveitamento, a modificabilidade e equilíbrio do seu temperamento, tudo isso deve constituir a base e o objetivo da nossa política territorialística, distraída, quase sempre no abominável contencioso de questões arremedantes, inúteis, teóricas ou sobretudo pessoais.

À expansão vital dos brasileiros para oeste não bastarão as intenções ou inescrúpulos de algum arrojado, procurando as ‘suas más’ intenções a capa de um belo programa e paralisar-se-á por não haver sido reforçada, com a imigração bem escolhida, a

⁴² A expressão “crescite et diminuendi” parece fazer referência à expressão bíblica do Gênesis 1, 28, *Crescite et multiplicamini* (“crescei e multiplicai-vos”), quando Deus ordena ao primeiro casal humano criado que populem a Terra. Em latim, a expressão “crescite et diminuendi” não soa gramaticalmente adequada e, com certo esforço, poderia ser entendida como “crescei ainda que sereis diminuídos”.

orientação própria a organizar o povoamento, que completasse realmente a conquista do país por ele próprio, ajudado pelos outros. Por falta de população numerosa e adequada, deixaremos ainda vales fecundíssimos e altiplanos salubérrimos entregues exclusivamente à curiosidade de temerários e ao cio das suçuaranas do sertão, o salto do Itiariti espumar e roncar sem prestar para nada... Aproveitemos o inesperado e milagroso concurso, nas várias partes do globo, dos que procuram paz e trabalho fora da anarquia das massas ou da tirania dos governos. Vitalizaremos o Brasil, deixando-o aberto à imigração da gente sã e ativa que transborde das suas terras, procurando liberdade mais garantida e alimentação mais fácil. Sendo recomendável que essa aquisição se faça em profundidade e a praia reste e sirva ao contentamento dos caranguejos de frei Vicente Salvador⁴³, se é deles a predestinação de viverem e apodrecerem nos mangues da periferia. O principal é receber os imigrantes, encaminhando-os para o centro e, abrindo os olhos, justificar as nossas garantias públicas de justiça efetiva e liberdade real.

O Brasil na sua forma intrínseca, subentendida na estrutura do ideal latente de sua exploração progressiva, continua um Império. Nessa consciência não se lhe anacronizará o título político de 1822, suprimido em 1889 e retomado quando Deus for servido. Ele importa no programa do neobandeirismo de segundo arranco com o soldado, o aviador, o médico, o professor, o juiz e o trator agrícola mobilizados para a tomada de posse efetiva de nossa terra, garantidos na sua iniciativa e realização bom emprego. As botas de sete léguas dos Raposos e Anhangueras teriam marchado em vão? Como nos satisfazerem baixos índices da população limitada quase à adaptação costeira, quando temos que levantar as colunas de marcha de um exército de imensas atividades para a conquista do Brasil pelo Brasil?

A 1º de Setembro de 1823, José Bonifácio pedia a centralização da capital do Brasil, essa "Petrópolis" ou "Brasília", que ele ruminava no grande sonho da patriótica antevisão.

Realizada a capital do Império em Formosa, por volta de 1850, teriam meus pais casado durante a guerra externa e eu sido amamentado no leite da escravidão? Provavelmente não. O governo do Brasil, no centro do país, seria mais rapidamente

⁴³ Frei Vicente do Salvador (1564-1635), autor da primeira história do Brasil colônia, intitulada *Historia do Brazil* (1627).

esclarecido e advertido dos preparativos marciais de Lopez⁴⁴, por mais próximo e mais acessível do polígono inimigo. Impor-lhe-íamos as condições estratégicas do teatro de operações, que não lhe conviria, o norte de suas terras. Conservados e premidos na beiramar, nós, brasileiros, demos à capivara paraguaia a água do baixo Paraná para defender-se com mais facilidade.

De outra parte, os poderes políticos gerais fixados nos Pirineus goianos trariam à sua catálise melhores condições de povoamento as quais facilitariam o concurso da imigração europeia, destruidora dos latifúndios, pouco inclinada ao nomadismo de certas explorações extrativas e a emparceirar-se à antipática exploração do serviço do africano escravizado. O trabalho livre do colono desenvolver-se-ia, assistido dos órgãos imediatos do Estado, assentado em meio da gleba, onde seriam aplicáveis os meios de sua providência mais tangível. Sobretudo o trabalho anti-humano do negro assenzalado não haveria de encontrar nisso grande elemento social de sustentação e prosperidade efetiva.

O subentendido Império do Brasil, abandonada a capital baiana de ordem de Pombal, por outra mais ao sul, procurou centralizar-se melhor. Do Rio de Janeiro deveríamos ter passado com a capital a Minas e a Goiás, por etapas sucessivas, correspondentes ao equilíbrio funcional da ação pública, atalaida e desenvolvida na sua coordenação, segundo as necessidades crescentes e gerais de um centro mais ao meio de suas relações possíveis e portanto de mais eficácia estratégica e povoadora.

Sob o ponto de vista político, uma cousa é das mais certas, a federação só deveria ter vindo depois que a terra fosse abarcada e rigorosamente limitada pelo poder real, definido na autoridade una e contínua, facilitada e firmada na contiguidade e equidistância geográfica, expressas numa capital sita no centro das suas diretivas principais. A República, encontrando o Brasil assim culminado no seu feixe de equilíbrio e de harmonia, não teria rompido com a racionalidade da nossa aspiração histórica, expressa pela primeira vez na Constituinte portuguesa de 1821, de um melhor centro físico-político.

⁴⁴ Provável referência a Francisco Solano Lopez (1827-1870), militar e ditador que deu início à Guerra do Paraguai (1864-1870). No segundo volume, Rangel menciona-o diversas vezes – o que mostra a importância dessa figura na concepção que o autor tinha sobre a guerra.

Não desenvolveríamos erradamente as capitais sobretudo na linha marítima, reforçando a étnica da nossa mestiçagem, amiga do enfeite, inclinada ao aparato das miragens e fachadas, disposta às aventuras econômicas e políticas, apoiadas nas sedes urbanas dos municípios servilizados, multiplicada na metropolização das províncias tornadas de um dia para outro uma série de Estados quase soberanos.

A volta à consignação do Império, como expressão da existência mesma do Brasil, será simbolizada e realizada no encontro social dos grandes eixos em que se subdivide corograficamente o Brasil. Qual outro nome a todo sistema, mesmo democrático e republicano, que se situe no centro da imensidade do nosso território senão o de Império? Por si só, consignando a vastidão do Brasil, ele será um apelo e chancela à consciência e amor próprio do nosso patrimônio territorial e do sentimento dos sacrifícios que lhe devemos à defesa e estabilidade. Nesse título, correspondente à nossa grandeza, levar-se-á a sugestão de nosso passado, garantido na permanência das distâncias diametrais irrevogáveis.

Tudo o que nos tire da legítima presunção de constituirmos um Estado Imperial nos deixa separados e insignificados, envolvidos nas dissensões secundárias em que o Brasil se diminuiu cada vez mais, riscando a fragmentação.

Extraordinário é que, com o pensamento de formular-se fora da estatuição imperial e perder-lhe o alto sentido político, tenha o Brasil resistido a destruir-se, encalhado na orla de suas praias cada vez menos nacionalizadas. Só reconduzido aos interesses gerais de Império, com a palavra adequada que era a velha designação da fórmula política dada em seu amparo, é que o Brasil, impondo-se ao respeito alheio, se lembrará não dever mais se comprometer, chafurdado na lama e no fogo das lutas civis e no cepo da senzala dos Direrores. Pensamento mais alto no destino coletivo há de tirar-nos de perigo seccionista, como do despotismo unitário.

A desgraça dos dirigentes brasileiros é ignorarem a sua responsabilidade para com a continuidade e o complemento da obra do Império. Não saímos por isto desta política de saco de mucura⁴⁵, que se resume em aninhar nos postos de comando, situados no meio do

⁴⁵ Mucura é uma designação regional para gambá (vide Dicionário Houaiss). Ao que indica a expressão e o contexto, algo como “política desonesta”.

ventre do país, meia dúzia de audazes e incompetentes, alguns destes talvez bem intencionados, e todos extraídos à fábrica governativa de nepotes militares e doutores, sindicatos nas capitais malfazejas, organizadas em células de mal preparados e em baluartes do funcionalismo orçamentívoro...

O Brasil, sendo um dos grandes espaços livres do globo habitável, não pode existir alheio ao idealismo construtivo, expresso no grande sentimento da noção de Império. O seu destino e sua força exigem-lhe o rótulo próprio à imensidade homogênea.

Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, assegura: "*A imagem de nosso país que vive como projeto e aspiração na consciência coletiva dos brasileiros não se pode desligar muito do espírito do Brasil imperial; a concepção de Estado figurada nesse ideal não somente é válida para a vida interna da nacionalidade como ainda não nos é possível conceber em sentido muito diverso nossa projeção maior na vida internacional.*" O imperativo brasileiro do Império rebenta dos seus fundamentos históricos e fecunda-lhe as sementes do desenvolvimento futuro, lançadas no terreno que já as havia aceito como o seu melhor alimento.

A verdade é que, o país antes de adotar e largar a monarquia representativa, como depois, nunca deixou de ser um Império. O título coube-lhe desde as primeiras noções cosmográficas determinativas da extensão da costa. Indiretamente foi o primeiro a registrá-lo Américo Vespúcio, com as explorações iniciais do país cortinado sobre o Atlântico. O bandeirante completou-lhe o privilégio da caução, no sentido leste-oeste e sul-norte. Somos um espaço livre, pouco e mal habitado, suscetível da propagação de forças de civilização, as quais bem selecionadas, temos de adotar e fazer prosperar, se não quisermos que etiófagos e o senhor Hitler ou seus sucessores, substitutos e rivais, se encarreguem disso.

Preston E. James⁴⁶ já declarou formalmente: "*A população atual do Brasil é insuficiente para fornecer esta mão-de-obra*", mostrando implicitamente a carta de mais um "espaço vital" de que são tão gulosos conhecidos programistas políticos da violência e da invasão... Ora, como realizar essa campanha, que importaria no desdobramento de nossas populações já de si pouco dispostas, e em pequeno número, à consumação desse

⁴⁶ Preston Everett James (1899-1986), geógrafo norte americano, autor de uma importante obra chamada *Latin America* (1942).

projeto civilizador? Restará, pois, recorrer a elementos fornecidos pela imigração abundante e selecionado como qualidade e aptidões intrínsecas.

A 5 de Março de 1820 o duque de Marialva⁴⁷ escrevia reservadamente à Villa Nova Portugal: *"Li com satisfação o que V.Ex.a. me diz a respeito de outras Colônias que se vão estabelecer nesses vastíssimos Estados; mas repito o que já disse acerca da qualidade de indivíduos que as devem compor: nada de franceses, e nada de alemães, sem muita escolha."* Filtrando nas mesmas reservas a todos os outros grupos de população imigrada, por que não trazê-los ao meio de nossas terras desertas?

Com efeito, povos brancos e livres, de boa saúde, de sólida formação e acomodação rendosa e propulsiva, afrontados e perseguidos, oferecem-se para encher tranquilamente os vazios do Brasil e agora os recusamos, apavorados com as incógnitas e questões que a sua presença ocupativa há de suscitar mais dia menos dia. Tememos a nossa incapacidade de resolver as dificuldades, tirar o bom do mau, separar o joio do trigo, pensando nos meios de cuidar que se complete a admissão desses adventícios, cercando-lhes as intenções, rompendo-lhes a impermeabilidade e a infusão com uma incorporação atenta e previdente dos seus casos e dependências. Receamos a nós mesmos!

Para encarar e resolver esses e outros problemas vigentes, dadas as condições e atributos de nossa própria grandeza, resta ao Brasil de povoamento deficiente pôr todas as suas esperanças nos filhos que lhe forem aparecendo. Seja como for, cada nascimento instaura a possibilidade de aumentar o recrutamento dos elementos de ocupação e investimento, capazes de trazer na sua onda extensiva os encobertos, de que tanto precisamos para reconduzir o interesse público ao potencial de que criminosamente distraímos, reforçando o espírito de unidade e continuidade do Império.

A Germânia teimou na designação anterior, confirmando o apelativo do *Reich*, quando a aventura de 1914 lhe decepou o território e lhe retirou do regime político o cetro dos Hohenzollern⁴⁸, rejeitado nas bagagens dos seus exércitos vencidos. José Bonifácio, gloriosamente comprometido na fundação do Império, ridicularizava a soberania de D.

⁴⁷ D. Antônio Luiz de Menezes (1621?-1675), general português, figura de destaque nas chamadas Guerras de Restauração, na verdade, tinha o título de Marquês de Marialva.

⁴⁸ Família que governava a Prússia até o final da I Guerra.

Pedro I, aludindo ao "Imperador do Espírito Santo"; o que não evitou que o santista, abandonando o entusiasmo da sua ideologia por vezes demagógica, concorresse a plantar no mundo republicano das Américas a coroa do seu único Império moderno.

Em ambos os casos nacionais, o teuto e o brasileiro, a conservação do nome de Império torna-se da mais alta significação. Na Alemanha amputada representou ele a maneira sugestiva e universal de lembrar o sonho da força e da expansão, reaceso no trágico naufrágio de 1918 e expresso nas violências conquistadoras de 1938. A reafirmação da supremacia e unidade, em tensão coletiva, reagiu com o *Reich* ao acidente histórico, bastante passageiro, que foi uma guerra perdida por uns, inaproveitada e mal consumada por outros. No Brasil, essa mesma etiqueta representaria não a sede da Conquista e o programa da Invasão, mas o reconhecimento da vastidão desse espaço que, continuado brasileiro através de tantas vicissitudes históricas, nos impõe à consciência pública a constância dessa fiança a todos os direitos e esperanças, trazidos com a união de todos nós pela consciência da imensidade do que nos pertence fora de qualquer dúvida ou questão.

Voltando à denominação "Império do Brasil", poríamos em vigor a ideia desse centripentismo político, dentro do qual só a federação será sem perigo nos seus focos de ruptura. Retomaríamos de maneira patente e irrefragável a aspiração que não abandonaremos, a de manter sinérgicas as forças de domínio político, inerentes ao plano das nossas grandiosas dimensões terrestres.

E essa esfera do Império há de rolar no eixo natural, encaixado pelo centro, nos recursos desdobrados em proporção da larga base corográfica imutável.

Praiano e sob o domínio dos negreiros e litóreos da monarquia, não saí um monstro, nem um santo homem. Mas, a minha geração e as mais próximas comprometeram-se no erro, levando abertamente o Brasil a romper com o destino normal, desligando-o da política e sociedade do Império, por meio de umas baionetas cegas e insensatas, formadas atrás de uns bacharéis necessitados, inconscientes de suas enormes responsabilidades e muito mal preparadas para o seu destino de reformadores públicos à frente das novas direções do país.

Vitimou-nos um colapso coletivo, político e social, provocado e realizado pelas forças armadas e pagas do Brasil, apoiadas e excitadas por alguns jovens bacharéis e velhos jornalistas, abusados na desorientação de nossa peca e imprudente tradição republicana,

brotada em movimentos de origem econômica, acalentada por ambições pessoais mal sucedidas por um espírito de novidade e esperança peculiar à psique dos povos imaturos e mal formados.

Servissem alguns destas páginas para serem ajuntadas aos autos do progresso histórico de nossa geração e de seus ominosos tempos, comprometidos no erro palmar da proclamação da República, que rompendo com o passado da constitucionalidade imperial e seus benefícios liberais de representação e sufrágio, atirou-nos à improvisação e à servidão do Estado, alimentando as alcavalas de uma escandalosa tributagem e somnificado na unanimidade das opiniões sopradas pela propaganda oficial, pelo que não poderá mais respirar a nação, com o pensamento livre e a vontade pronta.

Adotando a República e a federação norte-americanas, embrenhamo-nos em desvios caros a tentativas do separatismo e à febrança das facções em que nos desmantelávamos. A minoria mais irrequieta, agitada de um lado pelos jacobinos franceses e do outro pelo mau exemplo de hispanismo sul-americano, e pela influência norte-americana, denunciada esta pelo conde de Gestas⁴⁹, desde 1825, impôs-nos a queda do Império, quando, sob a sua fórmula constitucional, este tudo poderia resolver com a plasticidade essencial que lhe era inata.

Legitimaram esse movimento de derrubada pretendidos direitos às tradições nucleadas em pontos nevrálgicos da desordem na costa marítima, filtrada incidentemente a certos pontos do interior,

Mas, a verdade é que a nossa pretendida democracia, filiada aos devaneios do Tiradentes e frei Caneca, vitoriando-se, renegaria os seus princípios de precisão e reclamo. Realizaria o advento do Estado de Sítio e da Mediocracia, com o apelo as armas insurreccionadas a 15 de Novembro e a 30 de outubro...

Prolongamos e sustentamos assim os sentimentos da periferia anárquica, mediante a adoção de palavras representativas de ideias extemporâneas e alheias ao senso geral da nossa cultura, o que nos levou a lutas armadas com que tivemos de nos assanhar, entrefuzilando-nos frequentemente por princípios mal triturados e por figurões que, ora sim ora não, nos caíam em graça...

⁴⁹ Jacques-Marie Aymard (1770?-1837): diplomata, trabalhou como cônsul francês no Rio de Janeiro.

Abandonando a marca internacional do Império, não só abrimos caminho a tantos erros e quedas de inadvertidos, como nos desnacionalizamos a meio. Atiramos nosso paládio de força, continuidade e harmonia no cesto de roupas sujas da patuleia, onde predominam ora os soldados ora os bacharéis, quando não unidos ou contraditados nos mesmos indivíduos, agarrados ao eco das mesmas palavras enganosas.

O Brasil, esquecido do seu passado, renegando o liberalismo experimentado na democracia coroada de suas instituições monárquico-constitucionais, metido no cipoal do pan-americanismo, achou meios de comprometer-se em 1936, assinando a “Declaração dos princípios de solidariedade e de cooperação intra-americanas”, pela qual se acachapou na rasoura republicana das nações co-irmãs do seu continente, declarando banir a Monarquia dos seus sonhos de futuro. E não há senão talvez uma dúzia de brasileiros que o saibam e se envergonham disso!...

Entretanto, retomando o nome de Império, mesmo sem o aproveitamento e o concurso pessoal e direto do Princípio, imprimiríamos à face do Brasil o cunho visível da sua individualidade continental. O nome representaria a essência espiritual da cousa, o dia de hoje aludiria ao de ontem, o transato ficaria de fato ligado ao futuro, todas as nossas gerações, no fio da mesma ideia se abrigariam, sob idêntico lábaro, à chamada de novas forças do progresso assentadas no contraforte da apelação antiga... O Brasil seria contramarcado do que devesse ser-lhe imposto à condição do unificado e respeitado, depois da crise por que andou quase a soçobrar no egoísmo e na divisão do particularismo faccioso, nos vai-e-vens de uma república de rótulos, arremedos e perpétuo mal estar, desandada no presidencialismo e na teoria absoluta do estadismo, que o tornou a vítima de uma ditadura, continuada nos atos e palavras em que se desfigura a imagem de nação autônoma.

Nascido no Império, que os meus filhos nele envelhecessem... Transpassado na República, ou na Ditadura, que lhe é a marca da degenerescência capital, inscrevessem-me na sepultura o único título pelo qual me seria dado falecer, demonstrando não abandonar a fé nas fecundas imposições do passado, nem duvidar dos concursos que se hão de levar à regeneração indefectível do Brasil: “Aqui descansa e aguarda a reconciliação da Ordem com a Liberdade, e a volta ao Crédito, sob D. Pedro III, o último monarquista do Brasil.” Sendo

pena, entretanto, que isso não valha senão como pretexto para um protesto, de casmurro e para a confissão de uma esperança, envolvida na falha aspiração do caduco e reafirmada e intransigida no comprometimento de um defunto...

3. AS ORIGENS

Foi poucos meses antes da lei da reforma do elemento servil, chamada do “Ventre Livre”, que no sobradinho, sito no pátio do Paraíso, na Freguesia do Santíssimo Sacramento do bairro de Santo Antônio do Recife, o infante recém-nascido vagia, sem nada de mais extraordinário que uma excelente aparência de saúde e robustez.

Em 1774, no tempo do capitão general José César de Menezes segundo a “Ideia da População da Capitania de Pernambuco etc” dada por esse capitão general, essa parte da cidade era considerada “a mais opulenta Villa d’esta America, pelo grande commercio e trafico da Navegação da Europa, Guiné, e Angola, e mais Costa d’África que actualmente entrão no seu porto, e actualmente sumacas dos Certões, que lhe ficão ao norte, e dos mais portos d’esta America”⁵⁰. Dava-se como “ornada e defendida com quatro Fortalezas bem guarnecidas”.

De ter nela nascido guardei sempre um grande orgulho, sem saber mesmo muito por que. Dir-se-iam meus os versos de Aureliano Lessa⁵¹, quando se referia à Diamantina:

*“Pois essa cidade é minha
É meu berço idolatrado”.*

recitado sempre que a recordasse, no luxo de satisfeito e bem lembrado, de minhas praias e coqueiros nativos.

Sou o primogênito do amanuense da Secretaria de Polícia, nessa cidade, Joaquim José do Rego Rangel, expirado em 1886. Consorciara-se este, a 16 de Dezembro de 1869, com D. Leocádia Rosa de Castro Araújo, falecida no Rio de Janeiro aos oitenta e quatro anos, em 1938. Desses dois pernambucanos do Recife, meus pais, o funcionário da polícia procedia do Escrivão do Tribunal do Comércio, José Francisco do Rego Rangel, o qual havia desposado D. Ana de Arruda Câmara; e sua mulher, Dona Leocádia Rosa, sendo que esta procedia do major de cavalaria da Primeira Linha, Manoel Porfírio de Castro Araújo, nascido em 1820 no Rio Formoso, em Pernambuco.

⁵⁰ Nesse trecho, bem como em outro à página 36, mantivemos a grafia arcaica que o próprio Rangel reproduziu em seu texto.

⁵¹ Aureliano Lessa (1828-1861): poeta da chamada “Segunda Geração Romântica”. Conviveu, entre outros, com o poeta Álvares de Azevedo (1831-1852).

Casara-se este oficial em 1845, ainda no primeiro posto, com D. Francisca Elisa de Carvalho, uma rio grandense do sul, nascida à margem do rio dos Sinos, a quem daria treze filhos, dos quais, nove mortos na primeira infância. Sepultou-se esta, em 1922, na capital do Brasil, alçando a longevidade de noventa e três Janeiros.

O cavaleriano Porfírio teve três irmãos, um dos quais foi o Chefe de Divisão Pedro Thomé de Castro Araújo. Este era um homem simples, muito calvo e barbudo, bastante religioso, sem maior cultura, mas bom marinheiro, de velha escola à portuguesa dos nossos antigos homens do mar, quando o calabrote falava grosso no lombo da marujada e um bom rodízio à popa e outro à proa bastavam à agressividade do barco de guerra, que dava a caça aos navios negreiros ou fazia estação sotaventeando na estrada do Prata. Casou-se em 1862, esse oficial superior de nossa marinha, com uma uruguaia, em Montevideu, a qual lhe deixaria um casal de filhos. Viriam estes a regalar-se de um bom monte de moedas de ouro, empilhadas em caixas de charutos vazias, encontradas a forrarem o soalho da casa do avô oriental, falecido ao ab intestato⁵².

Costumava lançar Pedro Thomé, em pequenas agendas tudo o que lhe ocorria na existência, não esquecendo as queixas do governo e o preço da casa e da criada. Nada mais interessante, que esses registros íntimos, consultados a tantos anos de distância. Que achegas para a História, que elementos para a verificação e estudo das almas e dos costumes! Livretes íntimos de consignaço das pequenas misérias da vida, alegrias do nada, desastres irreparáveis, incidentes tão breves e apagados, tudo como eternizado nas pequeninas folhas amareladas do vade-mécum. Com que curiosidade se as folheia, revivendo a existência remota daquele, que se assim não fosse, nos restaria no nome apenas reconhecível, pendurado à semelhança de um fruto esquecido no galho da árvore familiar, desfolhada e seca!...

Arranco duas páginas aos canhenhos do bravo e estremo tío-avô. Constituem-lhe um dístico aos serviços de valente marinheiro e à ternura do pai, todo concho no cativeiro do lar. Flagrante o traço inocente, docemente paternal e doméstico, incluso nestas linhas a 38 Julho de 1864: “Amélia muito satisfeita me dá parte que minha filhinha tinha-lhe aparecido o seu primeiro dente e quem viu primeiro foi a negrinha Sabina na casa do

⁵² Sem testamento.

Porfírio, e como se costuma aqui a dar um moedinha de prata a criança – dizem às bruxas para ter dentes alvos -, a Sabina pagou imediatamente, e Amélia lhe botou no pescoço a mesma moedinha.”

Outras páginas assinalam alguns dos feitos do oficial da “Parnahyba” quando Pedro Thomé, combatente na esquadra brasileira de Tamandaré, agia nas paragens do forte do Itapiru. Assim a que se lê, na marca do dia 18 Abril de 1866: “Ao romper do dia avistei da gavia alguns Paraguayos fis-lhe fogo com bombas e logo se desperçaram e a Dm. do Flores com o coronel Sampaio – Seguirão de marche marche tomarão conta do Forte... Às 8 h da manhan pouco ms ou ms – Logo chegou o Almirante q deu ordem a tropa que estavam nos Paquetes fossem desembarcar ja alem do Itapiru, e ordenou-me que seguisse a procurar o melhor desembarque pa essa gente – Com efeito suspendi e segui a fundiar bem perto do Itapiru logo deps tive ordem pa seguir pa o Passo da Pátria aonde já estavao os Encouraçados, asin que cheguei principiei a fazer fogo contra o trincheriamento do Lopes e na casa de moradia desse Barbaro = com efeito o rodizio raiado lhe meteu umas balas, = não continuamos pr causa da nossa gente que avançavam = a tarde, as nossas avançadas forão ae se rasteijando pela praia e trocerão as canoas que estão no porto, assim como 2 cavaleros que estão quase na praia, na oite ouve um pequeno tiroteio.”

O Manuel Porfírio, irmão de Pedro Tomé, esse estudou para padre. Ainda vi o fivelão de ouro dos seus sapatos de seminarista preso na fita de seda que ornava como bracelete um dos braços de minha mãe. Um belo dia, porém, apesar do receio do pai, Manuel José, senhor de engenho, rompeu com a Suma Teológica, pulando o muro do seminário para ser recrutado e assentar praça no Rio de Janeiro, no 1º Batalhão de Artilharia a pé, a 21 de Setembro de 1838. O poeta Laurindo Rabelo, o visconde Jequitinhonha⁵³ e quantos outros também saíam do convento para o exército.

Dois dias depois de sua praça, o Porfírio seguia para a província do Rio Grande do Sul. A 12 de Outubro seguinte era transferido para o 5º Batalhão de Caçadores. Anspessada a 20 de Novembro, furriel a 25 e segundo sargento a 1º de Dezembro seguinte. A 5 de Maio

⁵³ Laurindo Rabelo (1826-1864): médico, professor e poeta. Francisco Gomes Brandão (1794-1870), visconde de Jequitinhonha, advogado, tido como precursor da campanha abolicionista e fundador da Ordem dos Advogados do Brasil, em 1830.

de 1839 foi sargento-ajudante. Assistiu aos ataques de 3 de Maio de 1840 na margem esquerda do Taquari, o do Passo de São Borja a 13 de junho de 1841 e ao do banhado do Inhatium a 22 desse mesmo mês e ano. Por decreto de 27 de Maio de 1842 foi alferes-secretário com direito a acesso quando lhe permitisse a antiguidade, sendo esta contada desde 18 de junho de 1841. Passou a servir agregado o 3º Batalhão de Caçadores pela dissolução do 5º da mesma arma, pela ordem do dia 24 de Março de 1844. E pela organização desse batalhão, ficou de novo a ele pertencendo pela ordem do dia de 25 de Julho daquele ano e que declarava ter sido “efetivo no serviço da campanha”.

Foi Porfírio oficial da Ordem da Rosa por decreto de 14 de Março de 1867, cavaleiro de Cristo, que reclamava desde 1845, e de S. Bento de Aviz, sendo condecorado com a medalha da campanha do Estado Oriental e Confederação Argentina de 1851 a 1852 e da batalha de Monte Caseros. Major do 1º corpo de caçadores a cavalo e assistente do Deputado do Ajudante Geral junto ao Comando em chefe do 2º Corpo de Exército em Operações contra o governo do Paraguai, viu-se designado definitivamente para voltar a Pernambuco a fim de comandar o destacamento de cavalaria da Província.

Não lhe deixaria a escapada do Seminário, nenhum vestígio de indiferença pelas cousas da Igreja. Em 1864, como Presidente, no Recife, da Irmandade da Conceição dos Militares, dava sentinela o Porfírio no santo sepulcro, na noite de Quinta-Feira de Endoenças, como se lê no vade-mecum do mano Tomé. Faleceu a 26 de Setembro de 1867, em caminho de Assunção vencida e ocupada.

Era ele um tipo varonil, de belas proporções, a barba exuberante de antigos portugueses, negra e luzente, meticulosamente tratada e a grande calva disfarçada no apuro dos cabelos trazidos a esse fim do lado em que superabundavam. Amigo de saraus, prendado de dotes de fidalgo, homem do mundo e militar pichoso. Bastante cultivado, citava Cícero e Santo Ambrósio, lia Plutarco, recebia a “Revue des Deux Mondes”⁵⁴. Versado nos clássicos portugueses e muito admirador de Napoleão e da Revolução Francesa, designava professores de gramática do vernáculo e de francês e bem assim o mestre de piano e de dança às filhas mais idosas. Redigia facilmente, além da vasta

⁵⁴ Revista francesa, fundada em 1829; desde então, uma notória publicação e referência para discussões sobre arte, literatura e política.

correspondência, que dos campos de guerra entretinha com a esposa, as ordens do dia muitas delas assinadas por Caxias. Conservava, a sua mulher, num quadro suspenso à parede, uma das que mais se ufanava o marido, autor dessas linhas inflamadas pelas proezas dos seus companheiros de campanha e emprestadas à pena do seu general em chefe.

A mania charadística devastou o Brasil, lavrando também no Paraguai, onde o insigne general cearense Tibúrcio de Souza mataria as suas horas de ócio, inventando o gênero das charadas "novíssimas", que consistia apenas numa frase anfigúrica, acompanhada da indicação de numeradas sílabas do nome a desvendar e nela subentendido. Cita-se a que esse oficial fizera, capeando o substantivo próprio Solano, entremetido no nome todo do tirano Francisco Lopez: "Isolado ali na corda deve morrer. 1-1-1"

Dedicando-se por moda e desfastio, como Diderot e seu companheiro de armas, à composição de tais enigmas, não deixou o Porfírio de construir o que facilmente se lhe propunha, debulhando as três sílabas de Panchita, que era o apelido espanhol da futura consorte. Distribuía-as entre o deus da Hélade e a modesta fazenda de algodão estampado, os quais disfarçavam o que caberia descobrir nas dobras engranzadas do embrulho da adivinha:

*"Modulando doces sons
Em sua avena sem par,
Entre os deuses fabuloso
Teve distinto lugar - 1*

*Quantas vezes estas duas,
Com seu variado matiz,
Encobrem divos portentos
Que mefariam feliz - 2*

Conceito

O celeste, divinal,

*Doce nome do conceito
Ficou bem certo gravado
Por amor dentro em meu peito."*

No combate de 3 de Novembro de 1867, em Tuiuti, uma bala inimiga atravessara a palma do pé do Porfírio, quando este a cavalo, em plena carga do esquadrão de lanceiros, voltando-se para a praça, a qual lhe anunciava ter quebrado a lança, lhe ordenara sacasse da espada. Mais feliz que Andrade Neves, barão do Triunfo, o qual fora também ferido em um pé e disso morreu em Assunção, restabeleceu-se o Porfírio do grave ferimento no Rio de Janeiro; mas, ainda de muletas, deu-se como "pronto para o serviço" e regressou à campanha, onde acabou assistente do Deputado do Ajudante General, no Estado Maior do marquês de Caxias.

O Porfírio tivera, em 1851, o gosto sumamente galante de apanhar no palácio da presidência de Buenos Aires uma das chinelas de Manuelita Rosas e trazê-la para presentear aquela que lhe fazia de Penélope, a severa e bela esposa deixada no Brasil.

De muita elegância e apuro no vestir e montar, aprimorava-se o Porfírio em bem cavalgar e parecer limpo e gamenho. As suas bagagens, na campanha, constituíam toda uma alfaiataria e loja de sirgheiro, com a coleção de ternos bem talhados, os utensílios de toucador e as peças do seu arriamento campeiro. No espólio de finado, os anéis, as abotoaduras dos punhos e coletes em ouro, água-marinha, opala, crisolita, ônix, cornalina e coral, os chicotes, as badaras, sobrechinchas e schribraicks, as rédeas e esporas de ouro e prata, com outras joias e outros valores de soldado e peralvilho alcançaram, arrematados no acampamento, depois da sua morte, algumas centenas de libras esterlinas. Safas do naufrágio do paquete que as trazia, essas moedas chegaram, dezoito dias, depois ao seu bom destino. Achando-se o câmbio então no ponto mais baixo a que jamais alcançara, na sua queda durante o Império, valia cada libra esterlina vinte e quatro mil réis!

Vitimado pelo cólera-morbus que, vindo do Hindostão para a Europa, em 1817, haveria de por quatro vezes invadir o Brasil, sendo que da primeira feita apareceria no Rio de Janeiro em fins de Julho de 1855, di-lo Freire Alemão, falecia o Porfírio no Campo de Palmas, em caminho de Assunção. Espalhou-se ter sido vítima do envenenamento pela cicuta, comida na salada de agrião. Conto inventado dos pés à cabeça, é frequentemente

admitido no Brasil morrer-se pelo conúbio de confusão deveras extravagante entre esses dois vegetais, tão diversos no seu conspecto morfológico e no seu habitat mais comum. Assim é que se diz ter isso acontecido a frei Antônio do Lado de Cristo. O certo é, que expirou da peste asiática o bom soldado brasileiro, no desejo de juntar à sandália da Manuelita Rosas a chibata do Solano Lopez...

Cícero⁵⁵ parecia orgulhar-se não poder levar sua linhagem além do avô. Pérsio⁵⁶ informava na sua sátira, que se lhe perguntassem pelo tataravô poderia dizer qual fosse, mas se lhe indagassem de outro ascendente, ele responderia nada saber, seria um sujeito qualquer, *terrae est jam filius*⁵⁷... Menos feliz que Pérsio, não vou além da geração dos Rangel, onde se inclui o meu avô desse nome. Desse ramo todo ignoro, mesmo se houve nele inserido, rumo do pai de Adão, o familiar da Inquisição, o capitão de Milícias, o cavalheiro de Cristo ou o simples alferes de Ordenanças; acreditando ser de origem das mais modestas e obscuras esse Rangel, pelo que não haveria sido de muito gosto do ríspido Doutor Francisco de Arruda Câmara essa sua aliança da filha única.

Quais as razões pelas quais o meu bisavô não veria com bons olhos o casamento da herdeira com o escrivão do comércio? Pelo seu emprego da justiça, achado de pouca importância ou por alguma mancha de sangue, de cuja cor desconfiasse, sonhando a sua Anicas para algum outro brasileiro de escoimada herança, registrada em provas da mais lidima pureza e o qual fosse por sua vez um filho do próprio Grão Mongol? Até onde poderia ir a soberbia de certos pernambucanos e a pretensão de seus exagerados direitos a diademarem a filha com a legítima coroa do reino da Caucásia e lhe darem por esposo um infante da Espanha?

Segundo consta, com essa facilidade a que não opomos ainda hoje maiores obstáculos, juntara o genro inapreciado o apelido de Rego ao de Rangel para eximir-se da confusão com outro de igual nome, mal reputado na sociedade do Recife. Não sei, aliás, que ele arrotasse de fidalgo ou homem de prol e pedisse aos corvos, de romã presa na

⁵⁵ Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), célebre orador e senador romano.

⁵⁶ Aulo Pérsio Flaco (34-62), poeta romano, autor de sátiras.

⁵⁷ Já é um filho da terra.

bicanca, se desempoleirassem dos quartéis do escudo que distingue a nobiliarquia da família Rangel nas genealogias do Reino, para qualificar-lhe a prosápia análoga no Brasil.

Mas, da parte dos Arruda Câmara, estes além do gosto da ciência, revelado com o médico, meu bisavô e o irmão botânico notáveis na estirpe, teriam sido com o pai capitão-mor de Pombal, comarca da Paraíba do Norte, gente de casa-grande, estabelecida depois em Nossa Senhora do Rosário de Goiana, capitania de Itamaracá, e no Recife, embora destinada à lei geral brasileira, em virtude da qual o nosso patriarcado rural ou capitalista se foi dissolvendo na burguesia pobre, funcionária e letrada das cidades, cada vez menos tradicionalista, cada vez mais imprevidente, necessitada, igualada e mais ou menos submissa a todos os governos...

Da "Nobiliarquia Pernambucana" de Borges da Fonseca não consta nenhum dos meus avós.

Como e quando teria o tronco dos Arrudas brasileiros sobrevivendo da sementeira portuguesa entre as palavras de Pombal e Goiana? Em Évora existiram Arrudas, de certas predisposições artísticas e na qual se notabilizou um Francisco, nome aliás conservado em vários descendentes do ramo brasileiro. E em outras cidades do Reino não haveria também gente desse apelido em braços provindos de fontes mais antigas umas que as outras? Que os estudos genealógicos concorram a esclarecer a origem dessa família, como de tantas outras, formadas e persistidas na sobrevivência de aquém mar. Importa o caso à questão histórica que estuda as transmigrações nas quais o sangue de ultramar viria fecundar a conquista americana, povoando-a e civilizando-a com a iniciativa dos seus elementos de mais inteligência, força, habilidade e ousadia...

Contudo, precisar-se-á desde já, que não parece a (...) ⁵⁸ Câmara, como se assinava o general (Francisco de Arruda Câmara) tenha tido maior importância, porque o Dr. Francisco, no processo de justificação cível a que se sujeitou em Goiânia, para mostrar proceder de gente limpa, limitou-se a indicar o nome do pai, também Francisco de nome, Capitão Mor vitalício de Pombal e do avô materno Inácio Saraiva e Araújo, confirmado no posto de coronel da vila de Apodi. Desembuchando "Que sempre se tratou a lei da Nobreza como seus ditos antepassados por tanto" ele limitou-se a citar somente aos dois próximos

⁵⁸ Trecho ilegível no original.

ascendentes. Se lhe houvesse gente mais de prol nas raízes, o doutor não os esqueceria em tão impado documento, onde não trouxe à baila um documento qualquer, mas a deposição de seis testemunhas, que repetiriam o sermão encomendado.

Em "Mártires pernambucanos", o padre Joaquim Dias Martins⁵⁹, tratando da revolução de 1817 declara que o escrivão da Alçada, enviada para conhecer desse movimento, "estava convencido que desde 1801 se planejava a revolta no sentido das ideias dos dois irmãos Arrudas, médico em Goiana e um deles célebre botânico," etc. Consta haverem ambos frequentado Coimbra e Montpellier. Ao contrário do que se repete, não se deveriam ter formado ou defendido tese em Montpellier, pois seus nomes não constam da relação de doutores existente na Biblioteca da Escola de Medicina de Paris. Dessas impressões de França, contudo, deveria ficar grande cousa na mente e no coração do clínico, porque chegada a época de completar a educação, mandaria os dois filhos homens Francisco e Bellarmino, estudarem em França.

Taxativo e imperioso como o doutor Helvetius, pai do filósofo sensualista do mesmo nome, o meu bisavô paterno, o doutor Francisco de Arruda Câmara era, contudo, muito mais pobro e caritativo e sem traço algum do charlatanismo que, prevalecendo nesse velho Helvetius, tão comumente perverte e desmerece a profissão.

O Juiz Presidente e os vereadores do Senado de Goiana, em data de 11 de Fevereiro de 1809 afirmaram que o Dr. Francisco de Arruda exercia a sua "Profissão de Medicina nela e seu termo, Captias e Lugares anexos, e ainda distantes com muita exatidão, prontidão, utilidade e bem público pela qualificada e decidida perícia que tem, e em curar geralmente não só por estipêndio como por esmola e pobreza, sendo um dos que propagou e dilatou a Vacina das Bexigas com muita felicidade neste Continente. E de mais e dotado de [palavra ininteligível]⁶⁰ e de boas qualidades morais que constituem um bom cidadão". Quase nos mesmos termos, o Ouvidor Geral e Corregedor da Paraíba do note, a 23 de Outubro de 1808 havia deposto em favor do Dr. Francisco. Apesar de constituírem esses

⁵⁹ Obra (cujo título completo é *Os mártires pernambucanos, vítimas da liberdade nas duas revoluções ensaiadas em 1710 e 1817*) publicada em 1853 pelo Padre Joaquim Dias Martins.

⁶⁰ Observação expressa no corpo do texto do original.

dizeres atestados de pura forma, ainda assim não deixam de recomendar os préstimos e bom conceito de clínico.

Tranferindo-se de Goiana para a capital de Pernambuco, o doutor Arruda viria a ser um dos primeiros médicos da província, não deixando, entretanto, bens de fortuna senão a fama do seu saber, dos seus rigores filosóficos e do liberalismo dos seus ideais republicanos.

Eleito deputado às cortes de Lisboa pela Paraíba não chegou a tomar posse. Condenado à morte pela Comissão Militar, que julgou treze revoltosos de 1824, escapou não se sabe como aos fuzis de Sua Majestade.

Das suas crenças irreligiosas sei que fazia grande cabedal, estando em moda no tempo imitar os "libertinos" franceses. Lembrava ele esse doutor Torty que Barbey d'Aurevilly, copiando o tio, pintou em "On Bonheur dans le Crime"⁶¹ e o qual era um ateu "absolu et tranquille".

O ateísmo dos Arrudas, talvez aumentado na terceira geração com o furor céptico do primo Bellarmino, vivo ainda depois de 1914, parece-me ser, entretanto, da dúbia qualidade do de Diderot, que se considerava ateu na cidade e deísta no campo. No exaspero e radicalismo de certas negações está muitas vezes implícita a disposição que lhes dá o sinal contrário. André Billy diz, que esse enciclopedista era ateu com a razão e crente pela imaginação. A duas amarras prende-se indefectivelmente o homem, indagando, o infeliz, da sua própria origem e destinação final. Em essência, ele vai de bubuia, sob o signo de Vênus e de Marte, pensando ver terra ou perder-se na imensidade sem limites, segundo se encosta a algum periantan, enalhado na margem, ou segundo rola no fio da corrente, entre os dois barrancos invisíveis.

Foi o doutor Francisco de Arruda Câmara não só pai de minha avó D. Anna, como de Bellarmino, professor particular de línguas no Rio de Janeiro e do tenente general reformado também Francisco de nome. Este militar, nascido em Outubro de 1803 faleceu em 1878, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na chácara que lhe pertencera e haveria de mais tarde transformar-se no restaurante e botequim de nome "Recreio Campestre".

⁶¹ Obra cujo título pode ser traduzido como *A Felicidade no crime*, de Jules Barbey d'Aurevilly (1808-1889). Na sequência, diz-se que o personagem citado era "absoluto e tranquilo".

Em relatórios secretos da Polícia, conservados nos Arquivos Nacionais de Paris, encontram-se os seguintes dados a seu respeito, suficientes para corroborarem o alto conceito a que, desde a mocidade, sempre fez jus. Chegara ele à capital do reino de Carlos X, em companhia de Felix Bourgueney, sócio da casa Laffite & Companhia, a 2 de Junho de 1825, sem passaporte, no navio "Appollo". Adquirira, porém, um passaporte, de volta para o Havre, a 9 de Maio de 1828. Os Javerts da época assim consignavam a seu respeito: "Ce jeune homme est studieux, sa conduite est régulière; il n'a de relations qu'avec deux autres étudiants qui sont ses compatriotes, et il entretient une correspondance d'amitié avec un sieur Ducrest, suisse, demeurant à fribourg."⁶²Em outro papel, é ele assinalado como filho de um negociante de Pernambuco, pertencente à facção republicana dessa província.

Adiantavam os documentos franceses, entre 1825 e 1828, que Francisco de Arruda Câmara era muito moço, não se preocupando em Paris senão com os seus estudos. De tantos outros, nas suas condições, não se poderia dizer o mesmo... E afirmava ainda o Argos policial parisiense: "L'un deux (o outro era Manuel Machado da Silva Santiago) se nomme Francisco de Arruda Câmara. Il s'est placé dans une maison d'education, rue S^t. Jacques n^o 273. M le Prefet de police a été autorisé, le 16 Juin, à lui delivrer un permis de séjour d'un an."⁶³

Com praça no Exército, viria posteriormente o jovem brasileiro, estudante de Paris, a militar no Brasil. O que tudo consta nas peças oficiais que lhe contam a vida na fileira quase ponto por ponto.

Em geral, não há muito a se extrair das fés de ofício, além do que se costuma arrolar na existência corrente e disciplinar, sob as bandeiras. Não passa de um frio relato de acidentes peculiares ao acesso do oficial, nomeações, transferências, promoções, licenças, aqui ou lá alguma citação de serviço de guerra ou diligência, além de algum ato simplesmente administrativo. Em geral nada a tirar daí como de muita significação para o

⁶² "Este jovem homem é estudioso, sua conduta é regular; ele não tem relações com outros estudantes senão com seus compatriotas, e ele mantém amigável correspondência com um senhor Ducrest, suíço, morador de fribourg". No original de Rangel, a palavra *fribourg* aparece escrita conforme se transcreveu, em minúscula, como um substantivo comum.

⁶³ "Um dos dois se chama Francisco Arruda Câmara. Ele está empregado em uma instituição de ensino (...). O senhor delegado de polícia foi autorizado, em 16 de junho, a lhe entregar uma licença de estadia de um ano."

conhecimento do homem, que passa no crivo das designações oficiais, rotulado de empregos, mais ou menos guarnecido de galões. Imagine-se uma escada, algumas lançadas por muitos andares e com alguns patamares. Nestes discriminam-se certos cargos, os numerosos elogios e raramente a passagem por alguma prisão ou conselho. São retalhos de avisos, portarias, decretos lançados como papelinhos de baixo para cima dos corrimões. Pouca cousa se oferece ao crítico ou historiador para avaliar-se das qualidades, do caráter do oficial, de suas particularidades de coração ou de gênio. Quase uma menção geral e única os qualifica de distintos, de bravos, de honrados e cumpridores de seus deveres. De nenhum se dirá, por exemplo, que foi bêbado ou preguiçoso, covarde ou relapso, ladrão ou violento. A fé de ofício é um pano de amostra por assim dizer estampado em vários, mas conhecidos e agradáveis desenhos. Raro saem do padrão especial, que os generaliza.

Uma dessas excepcionais é a que consigna a existência militar do General Arruda. O valente nem sempre bem sucedido nos seus arrancos ou disposto a refrega, o sujeito de pouco acordo e muito rezingão nela se retrata, rematando-lhe a vida os conselhos de investigação e de guerra, sendo que deste último sairia ileso, mas quão ofendido e mortificado!

Nascido em Pernambuco, de volta de Paris assentou praça em 1817, na Divisão de Voluntários Reais. Cadete de primeira classe em 1818. Percorreu o interior de Pernambuco em diligências militares, de 1820 a 1821. Promovido a alferes, tenente e capitão, de 1821 a 1823, pelo governo revolucionário de Goiana. Marchou na terceira expedição para a guerra da Independência na Bahia, em Maio de 1823. Recolheu-se a 12 de Dezembro de 1823. Por ordem do governo revolucionário de 1824 seguiu a 21 de Março de 1824 para o sul de Pernambuco, de onde voltou a 11 de agosto seguinte. Foi em comissão para Goiana a 28 seguinte. Francisco de Lima e Silva, restaurando Pernambuco na ordem imperial, a 2 de Setembro de 1824 anulou todos os atos oficiais anteriores que lhe concerniam. Passou Francisco de Arruda a ser de novo considerado oficial por ordem do dia de 16 de Dezembro seguinte. O decreto de 31 de Janeiro de 1832 fê-lo passar à Primeira classe do Exército. A 19 de Abril seguinte comandava a Segunda classe, até 16 de Maio seguinte, quando passou a comandar a Quarta classe.

Marchou para Panelas a 14 de Setembro de 1832. Voltou a 5 de Outubro seguinte. A 12 de Outubro foi comandar a vila de Santo Antão. A 5 de Março de 1833 comandou o corpo de Caçadores da Primeira Linha. Regressando de Panelas e Jacuípe passou à Terceira classe do Exército por decreto de 14 de Janeiro de 1834. Comandara a esquerda da Força de Panelas até Dezembro, passando em seguida a comandar a direita. Regressou ao Recife em Janeiro de 1835, sem ter conseguido dominar os cabanos de Alagoas. Interando no acampamento de Água Preta em Fevereiro seguinte. Comandou o 7º Batalhão a 2 de Março de 1835 e passou a comandar o Forte do Brum, depois de 21 de Março de 1835.

A 15 de Janeiro, tendo cometido um crime de ordem civil, o qual não sabemos qual fosse, foi dispensado desse comando, ficando preso na mesma fortaleza de Brum. Com a má lembrança da guerra de Panelas, ainda por cima essa transgressão à lei civil, à espera do julgamento popular do Júri! O baluarte holandês não lhe trouxera senão desgostos e uma grave complicação. Por favor do habeas corpus de 21 de Abril de 1836, pode largar aquelas muralhas de inospitalidade e inquietações e foi comandar de novo a força em Água Preta. Em Setembro seguinte regressou, ficando no Recife com a praça por menagem.

O Júri absolveu-o, anunciou-o a ordem do dia 30 de Abril de 1837. A 5 de Outubro seguinte teve ordem de seguir para o extremo sul, onde desembarcou a 7 de Dezembro de 1837. O Rio Grande estava assolado pela guerra civil. Oferecer-lhe-ia, portanto, a ocasião de resgatar Panelas e esquecer no ruído das armas sulinas e delito do tempo de Brum.

Para começar, não seria também o terceiro Francisco de Arruda mais afortunado sob as ordens de Labatut, nessa província do Império, retirando-se para a Cruz Alta sem dar combate aos republicanos.

Descontando, porém, os maus êxitos anteriores, ele bateu-se com excepcional bravura, durante dez dias, sitiado no rincão da Trilha, junto de S. Gabriel. Foi elogiado por sua bizarrice nas imediações do cerno do Vacaguá. Ilustrou-se mais em Passo Fundo, Taquari, Inhatium e São Borja.

Antônio Fausto de Souza, em “Fortificações do Brasil”, tratando de Alegrete, diz ser aí que, em 1842, o Arruda ocupou a posição com setecentos homens, resistirem ao dobro da

gente de David Canabarro⁶⁴, durante cinco dias. Socorrido a tempo, os rebeldes desistiram do seu intento, deixando o pernambucano vitorioso na cidade rio grandense de que não arredara o pé.

Dá-lhe o tomo do moral despachado e sobranceiro, a resposta que então disparara ao chefe rebelde antagonista, encrespado no seu ultimato: “Dando a consideração que merece a patacoada que V. Mcê. Acaba de dirigir-me em uma folha de papel almaço, tenho a significar-lhe que estou pronto a considerá-lo como brioso brasileiro, quando V. Mcê. reconhecer a venerar a Independência do Império, sua integridade e instituição política, que religiosamente juramos manter e observar sob obediência da sagrada pessoa do senhor D. Pedro II, imperador brasileiro e perpétuo defensor desse grande Império.”

E assim continuava o fiel e brioso Arruda: “Com os bravos que se acham sob meu comando para a defesa de tão sagrados objetos, nada receio... e desde já pode V. Mcê, fazer o que lhe parecer, pois eu farei o meu dever.” O que bem verificado não foram palavras em vão, nem períodos de bazófia insustentada os que se leem nesse “ardiloso ofício”...

Brigadeiro em 1846, foi nomeado o Arruda inspetor do primeiro Distrito Militar. Exercendo essa missão de começo em S. Gabriel e lavrando por lá o cólera morbos, voltou e recolheu-se a Porto Alegre. O Presidente da Província então ordenou-lhe que tornasse ao seu posto naquela cidade. E aí se fechou o tempo, entrelaçada a birra do brigadeiro com o capricho do Manuel Tota. Desandado ao rancor de seu temperamento, Arruda resiste, queixa-se, protesta, agrava-se o teiró e não vai... Caxias “em vista da maneira desatenciosa e indisciplinar porque se portou para com o presidente da província’ manda-o a conselho de investigação. O Arruda rola como consequência ao conselho de guerra. É de 22 de Outubro de 1956 a sentença que o absolve. A impertinência e azedice do general triunfam. Quatro dias depois é marechal de campo e reluzem-lhe no peito além da Medalha de distinção pela guerra da Independência, a fita de cavalheiro de S. Bento de Aviz, o oficialato do Cruzeiro e a comenda da Rosa, obtidos anteriormente.

Rondavam-lhe, entretanto, sentinelas mal prevenidas os êxitos da carreira. E projetaram dar com o revel no nordeste, a fim de inspecionar os corpos ali estacionados.

⁶⁴ David José Martins (1796-1867), posteriormente conhecido como David Canabarro, militar que participou da Guerra da Cisplatina (1825-1828) e da Guerra dos Farrapos (1835-1845).

Ele pede reforma por incapacidade física e o negam. E obrigam o marechal a ir para a Corte, onde é comissionado para comandante das armas do Pará. Prolongam-lhe a distância dos postos que Arruda os rejeita. Requer ele escusa do que lhe ordenaram e não lha deram.

Voltando ao Rio Grande, o Arruda resolve dar o grande passo de recurso, que lhe seria dos mais dolorosos, dadas as suas veleidades republicanas. Vendo-se tão perseguido, em desespero de causa, apela para o Imperador, trazido a Uruguaiana, e suplica-lhe a negação da ordem que o arredava para a canícula do extremo norte.

D. Pedro II atendera ao irritadiço oficial, mas arremessou-o para a divisão de Porto Alegre, no Paraguai. O imperante compreendera, que a um valoroso da força do seu empenho não seria de descontentar o rumo que o levasse ao campo de sacrifícios reais. E o velho nortista não se esquivou, destinado para onde se o honrava e não aonde pudesse apodrecer na paspalhice de uma guarnição amazônica.

A sua viagem de Rio Pardo para o seu novo destino começou a 16 de Janeiro de 1865 e se faz durante um mês, entre mil aventuras por montes e vales inundados. Chegado ao exército de Porto Alegre viu-se nomeado Chefe de Estado Maior.

Continuam, porém, a rondá-lo os seus adversos, cheios de pérfidas intenções. Nomearam-no, então, presidente do Conselho de Guerra, que teria de julgar David Canabarro, seu vencido em Alegrete. A espada vitoriosa de Arruda iria como a de Breno⁶⁵, pesar na balança, julgando e vexando o seu inimigo da véspera? Botaram a sede desse tribunal em Porto Alegre para atraí-lo, como antigo morador naquela cidade. Apenas chegado à capital da Província, o Governo mandou que a sede do Conselho de guerra funcionasse onde estivesse o exército!

“Magoado com a falta de consideração, que parecia flagrante em relação à sua pessoa e alta patente que ocupava no exército, e tendo sobre esse assunto se manifestado por escrito com uma certa dose de cerimônia”, diz Alfredo Pretextato⁶⁶ que o biografou, ele solicitou inspeção de saúde e foi então dispensado de presidente do famoso conselho.

⁶⁵ Breno ou Brenus (século IV a.C.), chefe celta que liderou o exército gaulês que saqueou Roma. Ao discutir com os romanos sobre o resgate da cidade, teria atirado sua espada numa balança e pronunciado a frase “Vae victis” (Ai dos vencidos).

⁶⁶ Capitão Alfredo Pretextato, autor de *Os Generais do Exército Brasileiro, de 1822 a 1889*.

A 5 de Julho de 1866 foi julgado incapaz de servir; por decreto de 13 de Outubro seguinte reformou-se em tenente general. E a 13 de Janeiro de 1878 passava à melhor vida o grande soldado que só faltou para ser Maior um pouco mais de fortuna e um gênio menos irascível...

Como demonstração do caráter desse tio-avô Francisco, que tão bem se insere na personalidade dos nossos antecessores, nada de melhor que os trechos da carta, que a propósito de uma reclamação de etapas atrasadas de mil réis diários, desde 1866, ele julgou dever dirigir ao Inspetor do Tesouro, em Porto Alegre, em 1871: "Assim pois, tenho andado a matroca, como se diz vulgarmente de Herodes para Pilatos, do Tesouro da Corte para a Tesouraria de Porto Alegre, e desta para aquele! Sem mais saber a quem devo dirigir-me para ser atendido em meu direito e justiça".

E toma o Arruda lança e broquel de consertador do mundo, corre do empós seus moinhos de vento: "Detestável sistema de CENTRALIZAÇÃO! Abominável estado social, em que só domina o arbítrio, o patronato para com os afilhados, genros, filhos, sobrinhos e amigos protegidos do poder ABSOLUTO; e afeiçoados das repartições públicas deste nosso desditoso país, dominado pelo monarquismo do poder pessoal!..."

E continuava o velho parente, cobrindo-se nos seus molinetes de esgrimista: "No entanto que, quando algum particular deixa de pagar pontualmente qualquer insignificante quantia do ônus tributário, à repartição de fisco, é logo multado e ameaçado para dentro de 24 horas pagar ou serem confiscados os seus bens, etc.!... Justiça bárbara do poderoso contra o fraco; e a este só paga o poderoso quando lhe apraz, como lhe convém, sem prêmio, nem multa!!"

E discorrendo, como se o estivesse fazendo em nossos dias, em que os males que o revoltavam são ainda mais avultados, ele continuava: "Não se deve ser credor nem devedor da excelentíssima Snr^a. Fazenda Nacional, que só exclusiva propriedade do rei, de seus áulicos e grandes do império, sanguessugas vorazes, que entisicam o povo, reduzindo-o à indigência, à miséria, ao arbítrio e caprichos dos MANDÕES, satélites sustentáculos d'el rei nosso Senhor!..."

O tom do general irritado, é desconsolado e arrogante. O pobre do monarca, tornado o responsável do descaso e retardação de um empregado do fisco! Valha-nos Deus! Mas

quanto nessa exacerbação e rascância de expressão contra a iniquidade e discrição do poder público nos vemos o mesmo que esse antecessor, sujeitos à lei de quem sai aos seus não degenera!

O frade egresso dos carmelitas calçados, que tomara ordem a 23 de Novembro de 1783 em Goiana e secularizou-se em 1789 na devida forma, o botânico e entomólogo Manuel, nascido em Pombal, na Paraíba do Norte, em 1752 e falecido em Pernambuco, em 1810, irmão do clínico Francisco, meu bisavô, foi um dos Maiores valores científicos do seu tempo, em Portugal e no Brasil. Imbuído de grandes ideias liberais, encontra-se-o nesses países a pregar o seu credo político. Consta mesmo haver sido expulso dos estudos em Coimbra, onde se diz haver sido formado, por sua agitação revolucionária, tendo sido mais tarde o fundador e o animador desse "Areópago de Itambé", uma das nossas primeiras escolas de ideologia republicana e carbonária, de que há fraca e misteriosa notícia, instalada nos limites da Paraíba e Pernambuco. Nomeado para com José Bonifácio a fazer estudos na Europa, refugou a comissão, achando-se em 1796 de volta a Pernambuco. No ano seguinte, era encarregado de obter produtos naturais para Lisboa.

Pereira da Costa incluiu-o no "Dicionário de Pernambucanos célebres". Pertenceu à Academia de Ciência de Lisboa, para onde entrou em 1793, na classe dos sócios correspondentes e afirma-se ter sido da Academia Científica fundada pelo marquês de Lavradio e ainda existente no tempo de Luís de Vasconcelos. Fez parte da de Montpellier e da Sociedade de Agricultura de Paris. Nomearam-no, com mais dous outros, para examinar a "Flora Fluminense" de Frei Velloso.

Henry Koster, natural de Liverpool, solteiro, negociante e morador no Recife à rua do Trapiche, levando-lhe uma carta de recomendação, visitou-o em Goiana a 24 de Outubro de 1810, encontrando-o sexagenário e hidrópico. Atribuía a crise da sua moléstia à residência em lugar sujeito a febres. Mostrou-lhe o velho sábio alguns desenhos excelentes da flora pernambucana em que trabalhava. Koster noticia que o Manuel cultivava a Botânica com entusiasmo: "Era homem empreendedor e entusiasta pela Botânica". E adiantava: "Seus altos conhecimentos deviam interessar qualquer Governo providente, especialmente num país incultivado mas sempre em desenvolvimento". Como ficha de consolação, transcreveu

no seu livro duas monografias do sábio. O príncipe de Wied⁶⁷ também se utilizaria de alguns elementos colhidos na seara do pernambucano.

O inglês não voltou a ver o Manuel, por haver este morrido do peito antes da sua segunda viagem a Pernambuco, que só se realizaria em fins de 1811. O mês de Março de 1811 parece ser o do falecimento do Manuel.

Foi esse abalizado naturalista autor da "Centúria de Plantas Pernambucanas". Mas a classificação arrudeana de certos gêneros não se manteve na nomenclatura. Botânicos posteriores puderam arredar do direito de prioridade o monografista pernambucano!

Um gênero de plantas da família das gutíferas aparece classificado por Saint Hilaire⁶⁸ tomado o seu patronímico: - Arrudea. E ele por sua vez batizaria a amiga dos tabuleiros nordestinos, cujo delicioso fruto é o refresco da sua cálida vizinhança - a prestimosa mangabeira, de *Ribeirea Sorbilis*, em homenagem ao seu discípulo, colaborador e amigo, professor de desenho no seminário de Olinda, padre João Ribeiro Passos de Mello Montenegro, vítima notável da Revolução de 1817.

Publicou o Manuel um aviso aos lavradores, memórias sobre a cultura dos algodoeiros, a baunilha e as plantas das quais se pode extrair soda, discursos a respeito da utilidade das plantas que podem produzir o cânhamo.

Na relação que juntou ao seu "Discurso sobre a utilidade da Instituição de jardins etc." ele diz haver dado um exemplo aos habitantes comer do miolo da palmeira mandapuçá, que vicejava no Cariri Novo e no Piauí, preparando o seu palmito em esparregado e de outras maneiras. Trouxe do Maranhão para introduzir em Pernambuco duas variedades de abacaxi. Em 1797, anunciou a cera da carnaúba a frei Velloso, que logo publicaria a novidade no "Paládio Português"⁶⁹. O uso de muitas outras plantas apregoou e recomendou na "Lista de Plantas úteis que merecem ser transplantadas e cultivadas".

Entre as que descobriu são citadas a carapitaia e o "bilro", que além de ornamentais, suas raízes abundam de uma fécula doce e nutritiva. Traduziu Lavoisier. Deixou inéditos

⁶⁷ Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied (1782-1867), naturalista, etnólogo e explorador alemão, autor de *Viagem ao Brasil* (1820?).

⁶⁸ Auguste de Saint Hilaire (1779-1853), botânico, naturalista e viajante francês, visitou o Brasil; de acordo com a "Brasiliana da Biblioteca Nacional" (p. 69): "[sua] viagem (...) foi paradigmática no que diz respeito à forma como os cientistas da Europa dita civilizada se relacionaram com o Brasil no início do século XIX".

⁶⁹ Periódico português publicado a partir de 1796.

um tratado de Agricultura, outro de lógica. Os doutores Arthur Neiva e Belizario Penna atribuíam-lhe a "Memória sobre o papo que ataca no Brasil os homens e os animais", aparecida em 1800.

Freire Alemão publicou algumas de suas descrições botânicas, que Mello Leitão⁷⁰ acha "mais completas e precisas que as de Velloso".

Foi Manuel encarregado de examinar as minas de cobre de Jacobina, na Bahia, as salitreiras do S. Francisco e de Pernambuco, de pesquisar sobre a árvore da quina. O Museu Nacional conserva nos seus arquivos cento e dezoito desenhos de plantas, bem como a sua descrição de algumas por letra do Manuel.

De suas notas e outros estudos mais completos, ainda inéditos, não se sabe onde param todos. Muitos foram vendidos em 1872 ao farmacêutico Zeferino de Almeida Pinto, que os coligiu e publicou no ano seguinte, no "Dicionário de Botânica Brasileira".

Vivendo o Manuel, após a ruptura dos votos religiosos, em 1805, com uma amásia qualquer, insignificante e desprovida de todo encanto mesmo material, observar-lhe-ia um amigo penalizado, quando parecia extravagante o capricho dessa ligação inferior a uma mulher "de tão pouca presença". No belo pé de arruda não deveria enrolar-se tão feia getirana... O sensualista Aristipo⁷¹, reprovado por viver com uma cortesã, respondeu que nada havia de mais em morar na casa ou navio já utilizado pelos outros. O naturalista pernambucano, condicionante e limitativo, soterrado nas pastas e latas do seu herbário retrucou: "O casco da canoa está, com efeito, bastante arruinado, mas, que importa, se ela é boa de vela?" Metia o antigo frade, no alforje de otimista, todo o capítulo secreto de sua curiosa psicologia freudiana de contente de pouco...

A antiga vida monástica e o interesse pela ciência tiraram, em verdade, ao Manuel, o gosto das demais vaidades e comodidades da terra. Comia qualquer cousa e sem nenhum cuidado no alimento. Começaria pela sobremesa, acabaria pela sopa. "Tudo vai para a casa de purgar", costumava ele dizer, empregando um plebeísmo, para justificar-se de sua nenhuma atenção à ordem ou qualidade das refeições.

⁷⁰ Francisco Freire Alemão (1797-1874): médico, dedicou a vida a catalogar milhares de espécies de plantas, chegou a trabalhar como médico particular de D. Pedro II.

⁷¹ Aristipo de Cirene (435-356 a.C.): filósofo, discípulo de Sócrates.

A paixão botânica dera-lhe à natureza religiosa motivos para um êxtase seguido; se não se punha mais prosternado no altar do Cristo, continuava ajoelhado no altar da Natureza. Repartia, com o liberalismo dos princípios, o amor dos insetos e das plantas, riqueza colhida nas terras desprezadas que o rodeavam. Entusiasta da América, como os Andradas, previa chegar-se um dia ao laço de solidariedade continental; os últimos acontecimentos do mundo começam a justificar-lhe as ideias políticas nesse sentido.

Dão-no como autor da prancha maçônica em que, referindo-se aos americanos, lhes pede que "fossem todos unidos porque tempo virá de sermos todos um; e quando não for assim sustentem uns aos outros".

As tendências de filosofia social do Manuel não se submetiam ao jugo das ideias e percalços geralmente assentados no seu meio. Observador, acostumado a métodos mais positivos e rigorosos, da aristocracia da terra não encontra motivos para bem considerá-la. Ajudaria-o nisso provavelmente o seu espírito inclinado à rapa de qualquer desigualdade de homem para homem, por influência do temperamento radical, alimentado ainda por cima nos devaneios e sofismas do filósofo de Genebra e outros doutores da Revolução de 89. Tratou ele esse escol patricio de "nobreza cabundá", na carta ao amigo na qual podia consignar suas opiniões mais pessoais e descabeladas, características do seu gênio ardido e displicente.

Isso tudo o levaria a admirar os mulatos, aliás tão suspeitos e mal afamados, aos quais, já em 1732, sem falhar nas disposições anteriores, o alvará real, baseado numa decisão do Conselho Ultramarino mandava com os mamelucos escusar no Rio Grande do Norte dos "Cargos da República", pelo motivo expresso de "haver ali muitos homens brancos que os possam ocupar". Reconhecia-lhes o Manuel o brilho e a capacidade peculiares à viveza da casta, votando assim pela sua admissão o acesso sem reservas no convívio social, socorrendo-os e melhorando-lhes os dotes aquisitivos e as qualidades adaptativas.

Despojado de qualquer superfluidade, bastavam ao Manuel o cajado, as calças de "riscado" e o jaleco de algodãozinho, o chapéu de carnaúba e a lata do herborista. Os caboclos e mais sertanejos haviam de o encarar com estranheza; ele olhá-los-ia com piedoso enternecimento. Dar instrução aos seus patricios, parecia-lhe o único e exclusivo

dever de todo brasileiro culto. E, com o alfabeto, advir-lhe-iam a noção dos seus direitos, a valia dos seus méritos, o prêmio da sua independência e liberdade... A revolução de 1817 anunciava-se-lhe na mente e no coração abrasados de brasilidade.

Tinha estado em contato com a civilização de Portugal e de França e dela devolvera-se o Manuel para tornar a habitar um buraco em Pernambuco. Abandonara o cenóbio, mas pedira ao profano apenas a menor parcela dos seus gozos e atributos, o rancho para dormir e a cactácea para observar e catalogar... Rodearam-no os faustos de Lisboa e de Paris, preferiu entretanto o canto inculto e obscuro onde ele acabaria mergulhado na montanha de seus manuscritos, dispersos aos quatro ventos da ignorância e da má fé. Pobre e grande Manuel! O teu nome ficou, contudo, ao lado do de frei Conceição Velloso, frei Leandro do Sacramento e frei Alves Serrão, fechando o quadrilátero dos primeiros pesquisadores, e todos eles torsurados de nossa flora, cuja abnegação e fervor de trabalho honram a ciência brasileira, quando ela não soçobrara ainda na charlatanice e na improvisação de seus falsos cultores, procurando lucros e a fama de seu proveito exclusivo e primordial...

A carta de Itamaracá, datada de 2 de Outubro de 1810, dirigida ao seu amigo e colaborador padre João Ribeiro, refere-se ao seu dissentimento com o irmão Francisco, meu bisavô: "Não ignoras a demasiada ambição de meu mano Francisco, que tudo há de praticar para não ter efeito minha última vontade".

Francisco, atendendo às condições de solteirão do frade egresso, às suas relações um tanto singulares, com estrangeiros e elementos revolucionários e moços, a quem tanto se dispensava, teria naturais cuidados para que as "alfaias" e os manuscritos do irmão não fossem parar às mãos de estranhos, aos quais faltariam os laços de sangue para dar alguma garantia de conservação e aos quais muitas vezes as ideias anárquicas, sujeitas a intervenções policiais, não oferecessem uma certa fiança de preservação.

"A minha 'Flora' de capa encarnada, que Francisco tem em vistas, chama a ti com tempo" recomendava o Manuel ao Pessoa, levado na preocupação de furtá-la a passo legal do mano, seu herdeiro. Não imaginaria o Manuel que, entregue ao futuro revolucionário e suicida, essa guardiania seria das menos observáveis. Pelo menos muitas circunstâncias perigosas se ajuntariam em João Ribeiro para pouco afiançar a posse tranquila da dada arrudeana.

Quanto à amizade fraterna desses meus dois avôs, entra isso na conta do temperamento acre e voluntário da família e o qual vi coroado no primo Bellarmino de Arruda Câmara, que muito conheci, com todos os defeitos do espírito congênito, áspero e combativo, desse ramo de nossos antepassados. Brigando ele com todo o mundo, acharia meios e modos de desavir-se com os irmãos, a filha e comigo mesmo. O Manuel brigado com o Francisco, estaria na lei da família cominativa, seca de contatos e antes amiga de discussões e contendas, que de carinho e derramos de afeição.

A verdade é que, apesar de todos os cuidados e ciúmes do Manuel, prevendo a morte, nomeando testamentários, confiando-se a amigos estrangeiros e nacionais, para que lhe salvassem o espólio, e apesar dos cuidados do governador de Pernambuco Caetano Montenegro, esses papéis, livros e objetos em sua grande parte desapareceram. Talvez que isso não acontecesse se tudo houvessem sido entregue ao legítimo legatário, que era o dito seu irmão Francisco. A ranzinze e pirronismo avitos do Manuel teriam a principal parte da culpa no sumiço...

Câmara Cascudo, em nota à obra de Koster, acha-lhe a biografia "nevoenta e difícil", deformada pela tradição oral que o toma por um "iluminado precursor de reformas sociais, profeta e fundador de uma escola de filósofos". Repetindo os informes que se conhecem sobre os seus poucos dados biográficos, não pretendemos calcar nessa nota de suposição o que me coube saber do Manuel, através dos fumos da distância e peneirado no entretencimento da família, como já disse, pouco afeita, aliás, de entreter a mutualidade das suas relações de amizade e parentesco.

Uma cousa nos chegou e isso mesmo no reflexo longínquo de tradição bastante remota e que apenas verificamos pelo contato com o caráter de alguns de seus descendentes mais diretos, e que assim confirmariam por indução o que pudesse haver de verdadeiro ou de presumível no caso.

Trata-se do feitio moral desses Arrudas, quase intratáveis na rispidez de seu radicalismo, adotado em regra de bem viver. Um tanto originalões, incomodáveis, violentos de ideias, lógicos por derradeiro, tendo bebido na comparação com o estrangeiro, onde foram educados, essa força de claridade, essa evidência irrespeitosa, que lhes apurou o patriotismo e lhes formou a independência de julgamento, em que alimentaram a

severidade e consequência de seus pensamentos, o exclusivismo de sua compreensão desligada de todos os entraves da conveniência pessoal.

Em fins de 1944 escrevíamos a Francisco de Arruda Câmara, residente em Minas Gerais. Natural do Brejo de Areia foi fazendeiro fluminense, sendo então proprietário da granja “Santa Catarina”, estabelecida em Bicas. Não o conhecendo pessoalmente, de sobra as linhas de suas duas cartas definiram-me o homem tal como a estrela da família parece ter marcado a generalidade dos seus filhos. As suas expressões mesmo as mais cordiais denotam a aspereza radicular dos ancestrais, o tom rígido do inconciliável, a crueza do eterno opositor, a férrea disposição de sua independência inexorável, o agnóstico corajoso dos agravos de descrido... Ofereceu-me ele a casa com este rasgo de insólito: “Aqui temos casa, cama e comida, nada se paga, portanto não é difícil vir para cá.” Às minhas reservas de possível translação para conhecê-lo pessoalmente replicou-me ele: “Tenho sua carta de 23 e respondendo devo dizer-lhe que às vezes minha correspondência traz 10 cartas e todas são respondidas no mesmo dia. Diz o Sr. que sua idade não permite vir por contar 73 anos, pois já conto 76 e vou a Friburgo 20 vezes por mês se precisar, estou esperando normalizar a navegação para ir a Pernambuco e Paraíba do Norte.” Aludindo à ação do Governo, logo o correspondente se eriçou, investindo assim contra os erros e absurdos que profligava “Tive grandes fazendas no Município de Leopoldina as quais vendi desgostoso com as leis erradas do governo as quais proibem de se trabalhar sendo isso uma calamidade.”

Na combatividade do general Arruda, na desconfiança do tio Franklin Rangel, na pretensão e preocupação científica e racionalista do primo Bellarmino, e na amistosa do granjeiro de Bicas, surpreendi a boa quota de sangue arrudeano, que lhes sobrava nas veias da transparente descendência. Sendo que em meu pai, entretanto, essas manifestações e tendências parecem ter sido quebradas por completo, apresentando ele as qualidades de transigência e doçura, que não constituíam o privilégio do ramo de sua progenitora. Mas em mim, retomaram todos os seus direitos, os estigmas indelévels dessa hereditariedade que andaram também a fixar-se, castigando-me as modalidades do espírito e do sentir, edificando-me os traços principais nestes índices de autonomia, de gosto da verdade absoluta, dos escrúpulos muitas vezes fora do tempo, da compreensão um tanto acre e revoltada de certas injunções sociais resumidas na inconformidade a tantas formas da

sociabilidade geral, para pensar que não reneguei aos meus e que por minha vez confirmei as leis bio-fisiológicas, que se supõem armarem as características contínuas e o destino, em sua da fôrma e do recheio de cada um de nós.

Manuel deixaria vasta descendência, que com o sobrenome Arruda Câmara se perpetua ao Pernambuco, Paraíba do Norte e Rio de Janeiro, entrançada entre si e as famílias Rego, Lacerda e Athaíde, os quais na lavoura, na ciência e administração pública têm representantes dos mais conceituados e estimáveis. Sustentados em tantos dos mesmos caracteres e semáticos e nos caracteres psicológicos de firmeza, reação, ácida franqueza, amor de verdade e independência, tudo isso lhes foi inegavelmente trazida dos predecessores, que impregnaram por assim dizer toda a fiada da progênie.

Nesse meritório homem, que foi o sábio Manuel se esgalha o outro ramo principal da nossa pobre árvore de costado. Seria portanto pelo lado bastardo, que felizmente, viria a perpetuar-se o nome respeitado da extensa família, radicada de norte a sul do país. No quadro da família aparece também José Francisco de Arruda Câmara. Cita-o Rio Branco nas “Efemérides” entre os deputados gerais por Pernambuco, que fecharam o ano de 1848 saindo de Recife para juntar-se às forças liberais, sendo que ele tomara a direção do norte dessa província onde existiam os membros da sua família e dos quais tanto se poderia valer. Pronunciado, por seu Juiz de Direito deveria ser julgado não pelo júri mas pelo tribunal da Relação.

Do lado materno, o meu bisavô, Delfim Henriques de Carvalho, de tanta resistência física se mostrou, que já centenário, em Lagoa Vermelha, nos campos da Vacaria, ainda montava a cavalo, com certo gabo de ginete. Várias vezes o seu nome, ligeiramente alterado, é deparado nos documentos relativos à revolução de 1835 e publicados em 1933 pelo Arquivo Nacional.

Vivia no Rio Grande do Sul, em Santo Antônio da Patrulha, de que era Juiz de Paz, pessoa sempre qualificada para tal cargo gratuito, quando rebentou a famosa rebelião dos Farrroupilhas. Em Abril de 1836, marchou com o comandante das forças rebeldes que dele se fez acompanhar. Traçou um comunicado dos sucessos, por essa mesma época, ao vice-presidente farrapo da Província. A 3 de Outubro seguinte, apareceria na lista de "Nomes dos anarquistas e número dos documentos". Ainda noutra "Lista dos Presos por Crimes de

Rebelião, Sedição, Peculato, Cumplicidade de Homicídio, Ferimentos e outros delitos graves", lá se acha o Delfim. Acompanham-no nessa lista médicos, padres, rabulas, jornalistas, oficiais, bacharéis em leis, funcionários, etc.

No sumário da formação de culpa dos revoltosos, citou-lhe o nome uma testemunha entre as "cabeças influentes deste partido, comandantes de força Armada e cúmplices de todos os crimes que se tem cometido na presente Revolução".

Da narrativa de Antônio Alvares Pereira Coruja consta o seguinte a seu respeito, quando esse reputado gramático e professor sulista descreveu o que se passou com o grupo dos trinta e seis prisioneiros, no qual ambos se achavam: "A mim tocou-me por companheiro Delfim Henriques de Carvalho, conhecido por Sáfico, que há poucos anos ainda vivia na Lagoa Vermelha". Coruja relata a marcha dos infelizes levados pelas ruas de Porto Alegre, em meados de 1836, e os quais foram embarcados para a Xarqueada de Dona Rita, no outro lado da cidade, sendo afinal Delfim com o Coruja remetido de novo para Porto Alegre, onde foram metidos na presiganga, ancorada no porto.

A 30 de Outubro de 1837 certifica-se , que Delfim era indicado no outro sumário de crimes de rebelião, sedução etc. Finda a má situação da província convulsionada, refugiar-se-ia o rebelde em Montevidéu, com a sua mulher D. Leocádia Rosa, irmã do médico Martiniano Fogaça e tia do notável engenheiro Conselheiro Bento Sebragi e do general Catão dos Santos Roixo, amigo do Visconde de Taunay e seu companheiro na Retirada da Laguna.

Entre os filhos do "Sáfico" se consignam o Franklin, que conhece com sucessão em Santa Maria da Boca do Monte, D. Deodelinda Jacutinga, sogra do Dr. Lino de Andrade e D. Francisca Elisa, casada com o Porfírio e a qual adquirira no exílio de Uruguai o apelido e diminutivo espanhol de Panchita, pelo qual ficaria sendo conhecida e tratada pelo resto da vida.

Do outro bisavô, pelo lado materno e, portanto Castro Araújo, consta haver desposado em primeiras núpcias D. Maria Francisca. A sua filha, irmã de Porfírio, casar-se-ia com um certo português Miranda, arrendatário do engenho Antas, no Rio Formoso e avô materno de Manuel de Oliveira Lima. O major Porfírio dizia aos próximos ser o seu pai "um português de pé pequeno". Curtíssima notícia, envolvida evidentemente na farofa bem

pernambucana de andar fora de mesclas, enfeitado na filáucia de puro mazombismo... “Quanto menor o pé, e mais fino, mais aristocracia”, registra Gilberto Freire, exprimindo em “Sobrados e Mucambos” o axioma do conterrâneo, prevenido contra as desproporções corpóreas dos mestiços mais ou menos assimétricos.

O meu caro e admirado Roquete Pinto, em seus “Ensaio de antropologia brasileira” perguntava: “Quantas pessoas, mesmo entre as mais cultas do nosso meio, serão capazes de traçar a sua árvore genealógica, acima dos avós?” Demonstro, infelizmente, que não saio também dessa regra, na qual se engloba a Maioria da brasileira gente. Sendo que, nesta míngua de não poder levar mais longe o conhecimento das origens de minha família, impossível ser-me-á fixar certos elementos de natureza antropológica e eugênica, de cujo almafne esses dois Arruda Câmara, por exemplo, deveriam surgir, caracteristicamente, na supremacia do espírito que lhes seria o brilhante e invejável apanágio pessoal.

4. A NASCENÇA

Dizia o velho descante da romaria popular pernambucana:

*“Quando foi que São
Gonçalo nasceu,
Cortou-lhe o umbigo
Senhor Saramêo.”*

De tão indispensável operação não se encarregaria, no Recife, a 29 de Maio de 1871, o tocólogo abalizado, ginecologista “com prática nos hospitais de Paris e de Berlim”, mas a “comadre”, a interventora de bioco, medianeira da arruda e mais da angélica, sem nenhuma “carta de aprovação”, mas versada por longo exercício diário no seu ofício de socorro e recepção de novatos. Chamada muito às pressas dos mocambos, nas misteriosas paragens de Chora Menino, a aparadeira com a sua técnica das mais experientes às cerimônias obstétricas da ablação, foi requisitada para ajudar o “feliz bom sucesso”, no dito pátio do Paraíso.

Volutazinha de fumo cendrado, desprendido do fogareiro de barro, onde se queimava a alfazema ritual, subiria aos pés de Nossa Senhora do Parto, anunciando com o aroma de seus fumos à vizinhança e aos transeuntes haver “gente nova” onde residiam o Quincas e a Iaiá.

Ouvira-se na alcova alguma coisa de absolutamente novo, explicando o reboliço da casa. O berrozinho, a meio esmagado na gaita de um choro de criança, abalaria o quieto e sonolento largo do Paraíso. A alerta da vida, sustida na encruzilhada do seu começo! O novo ser avisava, num alvéolo daquela pequena praça provinciana, abrir o seu caminho de itinerante, - esperem, que não de ver! - para o flutúo ou o naufrágio, a cheia ou a minguá, o aproveitamento do fruto ou a morte da flor... O certo é, que me fazia anunciar, apavorado e surpreso do que pudesse antever, do que se meterem a julgar, e do que viesse efetivamente a realizar-se. Quando me rebentou o dia na pupila esgazeada e o brônquio sofreu do peso da primeira coluna de ar aspirado, implicitamente distinguiria o abismo da noite de onde eu viera e o terror das trevas correlatas para onde iria, aos trancos e barrancos... Mas esse grito inicial não me lembro de o ter dado, nem ouvido tão pouco. Só saberia dele porque assim deveria ser.

Não haveria alguém que me examinasse a “mancha mongólica azul ou sagrada”, vulgarmente o “patacão”, essa coloração do pigmento, concentrada no derma e a qual se encontra pelas alturas renais do lombo, nos primeiros meses de existência de homem? A antropologia, discernindo-lhe a cor, assinala-a como indicativa da origem racial do indivíduo. Victor Jouglas di-la “l’un des caractéristiques raciales ancestrales les plus significatifs.”⁷²

Em Pernambuco chamam-na de “jenipapo” e erradamente só a atribuem a quem tem sangue preto diluído nas veias: “Fulano nasceu com jenipapo, não tem mais que pôr na carta, é negro por derradeiro.” Esse dito exame, estendido por um seguimento ou decreto a todos os brasileiros, poderia justificar ou não certas pretensões e servir quando menos à história de cruzamento e das emigrações dos povos. Do mesmo modo que a ficha datiloscópica, o atestado “jenipaposcópico” seria um documento bastante indiscreto, mas incontestável e legal aos pesquisadores e presumidos do arianismo ancestral.

No interior do Brasil, quando nasce a criança, põem-lhe sarro de pito no umbigo e deixam uma tesoura espetada na parede, por cima do jirau onde dorme, para evitar que a bruxa lhe entre pela moleira aberta. Ignoro igualmente se usaram desse meio da cicatrização da vide e de embaraçar o espírito malefício das feiticeiras, que farandolassem em torno do meu berço, mas a parteira rústica havia de reclamar, na sua ciência completiva de benzeduras e feitiços, o objeto de ouro para botar na água morna no banho, misturada a um pouco de vinho, com a qual se deveria lavar o recém-nascido. O anel de aliança da minha mãe serviria aos poderes e credences da “assistente”, a qual recorria, aliás, a costume universal para nessa imersão me corressesem afortunados os dias obscuros e presumíveis do futuro...

Que taludo, sinhá-dona, benza-o Deus! Repetia a mulher e obstetriz do Chora-Menino, limpando-me do mecônio. E, variando de abusão para o intuito de se me abrandar o gênio levantadiço, dava-me a beber da água da bacia do primeiro banho.

Seguir-se-ia o cuidado do resguardo da parturiente. Durante quatro semanas a insípidez dieta rigorosa, com o caldo de galinha por obrigação à pobre da Iaiá!

⁷² Em francês, citação de Victor Jouglas (?): “*Uma das características ancestrais mais importantes*”.

André Rousseaux escreveu este pedacinho dos mais judiciosos: “Ce n’est pas ce qui meurt qui compte, encore moins ce qui consente à mourir, c’est ce qui naît.”⁷³ Realmente, nesse ser insignificante e indigente, o qual se encontrasse o universo vazio do homem não duraria senão algumas horas, um imenso e profundo mistério humano desabrocha, turvado na grande inquietação de saber quem será o aparecido que lhe bate às portas. Olá! Cousinha doce e frágilima, sorriso do céu confeitado na rósea pasta de uma amêndoa coberta e na tenra maciez de um botão de flor feito em pelúcia! Que virás a ser? Bonequinho ou bonequita! De que te farão, um dia, responsável? De que paixões, benefícios, sonhos e crimes será assinalado o teu *curriculum vitae*? Que personagem rebentará de ti? O Sete Orelhas ou Antônio do Livramento? Manduca da Praia ou o visconde do Rio Grande? D. Anna Paes ou D. Zélia Pedreira? D. Anna Jansen, a perversa senhora de escravos em S. Luís do Maranhão, ou D. Anna de Moraes⁷⁴, o seu oposto, no Porto das Neves, no Rio de Janeiro? Que virás a trazer nessa cabeça e nesse coração, ainda tão pequeninos e vazios de tudo, mas já palpitando nas exigências do conhecimento, filho talvez da fome e da sede, dispostos em acicate e vislumbre das grandes e tristes cousas, que te hão de trazer mais tarde o compromisso traído ou a razão mal compreendida, o amor desgraçado ou o pensamento imponente e transitório?...

O Destino, personagem equívoco, típico e clássico da tragédia, que por ser tão de costume e tão entranhada em nós mesmos quase não mais nos impressiona, caraçando-se de uma máscara de alegria, assiste à eclosão de mais um ente na terra. Mas, na sua estrutura

⁷³ “Não é o que morre que conta, muito menos o que consente morrer, mas sim o que nasce”. André Rousseaux (1896-1973), crítico francês.

⁷⁴ Respectivamente: 1. Apelido de Januário Garcia (1761-1808). Ao ter um filho assassinado, abandonou a família e, por dez anos, buscou o assassino. Ao retornar, trazia um cordão com sete orelhas, ditas dos responsáveis pela morte de seu filho (sobre essa história, ver Martim Francisco de Andrada e Silva); 2. Antônio do Livramento (?); 3. Manduca da Praia, capoeirista conhecido pela audácia de suas lutas, viveu por volta de 1850; 4. José de Araújo Ribeiro (1800-1879), o Visconde de Rio Grande, foi um advogado, diplomata e político brasileiro. 5. Anna Gonsalves Paes de Azevedo (1671-1674), apontada como mulher muito culta para sua época, foi considerada por alguns historiadores como “amoral”, devido a seus comportamentos “extraordinários”. 6. Zélia Pedreira, provavelmente, é uma referência à missionária brasileira, reconhecida por sua generosidade e despojamento, que viveu na década de 1920; 7. Anna Jansen (1787-1869), mulher de personalidade forte, exerceu importante influência política no Maranhão, ficou conhecida pelas crueldades contra seus escravos (sobre essa personalidade, há o romance *Ana Jansen*, de Ana Ribeiro, Record: 2000)

celular, não sendo um cego ou empedernido, quantas lágrimas escondidas não lhe hão de correr ao longo das faces?

Corrompidos ou castos, bons e maus, ambiciosos de muito e contentes de pouco, destroçados ou triunfantes, felizes da felicidade que nunca o percebestes, felizes que assim vos considerastes, felizes que fostes até a hora de não mais o serdes! Homens e mulheres, não dormi mais tranquilos, nem tudo será de rosas na melhor das hipóteses, pois trazeis em vós os germes congêntos passíveis da decadência e da morte, ireis mineralizando-vos aos poucos; a doença, a insônia e a velhice estarão no fundo do caminho e a estrada, toda em meandros para lá chegar, será mais cheia de baixos que de altos...

Felizmente, que a amargura de tão angustiosas reflexões só seria dado irromper-nos na consciência quando muito mais tarde. Se assim não fosse, como admirar que, sob as predeterminações da lógica irremediável, o mundo não se tornasse a terra de ninguém, convidada a Humanidade logo de princípio a demitir-se do seu exercício de infeliz e repelente sevandija da crosta do planeta?!

5. O HINO GENETLÍACO

O recém-nascido no Pátio do Paraíso, descendente da modesta progênie, que ali fica assinalada e onde não se lhe vê, a bem dizer, nem “pai alcaide” nem “filhos de algo”, ainda teve tempo, ao saudar na tarde de 29 de maio de 1871 com o berro de anho surpreso e transumado as graças finais do sacro e festivo mês mariano.

Para celebrar a insignificância dessa efeméride, não tenho mais que copiar os quatro versetos colhidos no Livro da Sabedoria e nos quais se enquadra e arremata tudo quanto é berço, na mesma carência e sobrescrito do seu registro geral: “Havendo nascido, respirei o ar comum e achei-me na terra de todos e fiz-me ouvir do começo chorando como todos os outros. Fui envolvido em fraudas e criado com grandes mimos. Não há rei que tenha nascido de outra forma. Nenhuma outra maneira há de entrar na vida senão essa, como única a de sair dela”.

Mal abertos os olhos ao nascimento e logo os invadiria o esplendor da luz tropical, fulminante na vasa da laguna, misturada à recendência dos bogaris da Magdalena e ao cheiro do peixe frito no largo do Carmo. O seu anjo guardião, digno substituto do demônio platônico, e reeditado daquele que sorveria na elegia de Jean Reboul:

*“Un ange au radieux visage
Penché sur le bord d’un berceau...”*⁷⁵

poderia ter sido tomado de estranho otimismo e recitado um hino genetlíaco, a fim de celebrar o faustoso acontecimento. Dar-lhe-ia a norma Antônio Pereira Caldas⁷⁶, quando esse padre e doutor das Musas ponteava, no seu pasaltério, as clássicas litanias de cantor sacro e neo-arcádico:

*“Salve, dia feliz, que o loiro Apolo
Risinho alumiava,
Quando da natureza sobre o colo
Sem temor a inocência repousava,”*

⁷⁵ “Um anjo de rosto radiante / Pendurado na borda do berço”, citação de Jean Reboul (1796-1864), poeta, autor de *l’Ange et l’enfant* (1828).

⁷⁶ Antônio Pereira Caldas (1762-1814): padre, autor de obra poética de caráter filosófico.

Seriam, entretanto, bem outra as estrofes que seriam recomendáveis para dedicar gravemente ao pequerrucho aos berros de surpresa no pátio do largo do Paraíso.

O agoniado Baptista Cepelos⁷⁷, no seu desespero de suicida, devia lançar o modelo da impreciação bíblica, manfrediana e ultra queixosa dos seus alexandrinos de dor:

*“Maldito o dia em que, por um fatal instinto
Foi lançada a semente ingrata do meu ser!”*

O Reverendo Caldas poderia, entretanto, ser parafraseado no seu ranço elegíaco, sem precisar comprometer, no caso, a Musa sofredora de outros indivíduos mais lógicos e sinceros. Aos pizicatos na corda única do meu triste urucungo, erguer-se-ia fanhoseado ao inocente recém-vindo o texto que me arrojou a assim versificá-lo:

*“Por que, ser inato, pretenderias
Viver?
Criatura de Deus, que pensarias
Vir ver?
Que capricho insensato, que prazer
Foi este?
Por que, tu, não tendo mais que fazer,
Nasceste?
Torna, torna, infeliz, à região
Escura
De onde procedes. Foge à mansão
Impura
Da doença, da velhice e mais da morte.
Azada
Ocasão! Regressa a tua boa sorte:
Ser nada...
E ficas transtornado, sem saber
Voar,
Tolhido, pobrezinho, sem poder*

⁷⁷ Baptista Cepelos (1872-1915), poeta, romancista e teatrólogo.

Voltar!
A Natureza ordena-te, cruel,
Que tires
Da existência a doçura e o fel,
Respires!
Possas dizer a quem confias
Vivi,
Numa batalha de todos os dias
Me vi.
Importa pouco o que o fado te faça
Da lida;
Hás de beber até o fim a taça
Da vida.
Nessa ameaça, oh! mísero infante,
Não crês?
Ignorante, confuso, hesitante,
Não vês?
Preferirias a tudo realizar,
Haverás
Tudo aquilo que a terra pode dar,
Não seres,
Indeciso na escolha que tu vens,
Demoras...
Aguardando os teus males e os teus bens,
Tu choras!”

É que, colocando o meu pé na soleira do mundo, poderia, com efeito, ornar-me da afirmação desse epitáfio, que dizem existir no convento franciscano de Santarém, em Portugal e assim reza: “Aqui jaz Vasco Figueira muito contra a sua vontade.” Parafrazeando-lhe os termos, resumiria assim a filosofia que etiquetasse os frouxéis do meu

berço: “Aqui me vi na cidade do Recife muito contra os meus desejos.” Poderia tudo completar com os septíssilabos nada otimistas do velho Cancioneiro:

“assi que os que não nasceram

São os bem-aventurados.”

6. AVE, MARIANA!

Cuidou das primeiras noites do recém-chegado ao vestibulo do mundo, no pátio do Paraíso, e satisfez-lhe aos primeiros haustos da seda atormentada de mamote a Mariana, a qual substituíra o filho pelo estranho que lhe acabavam de entregar, mediante um módico ordenado. Como lhe iriam a calhar os versos do poeta:

*“Ganhaste um menino branco
Bem diferente do teu!”⁷⁸*

Era minha ama e nutriz uma “cabra” liberta, da cor da rapadura bruta de Garanhus, que, à força de empenhos e informações, meu pai, por seus companheiros e conhecidos na Secretaria da Polícia, conseguira arrancar dentre os engenhos e barcaças, em Serinhaém, para as nobres funções de ama de leite do primeiro filho.

Intrépida e atilada mucama, de duas ou três raças bem fusionadas, no complexo árdego e nervoso do fino corpo de corça e boicininga, essa mestiça pernambucana que tão bem me criou. Dela se poderia dizer que tinha o sangue a ferver e a parnaíba sempre pronta na cinta. Retratá-la-ia a quadrinha de desafio popular:

*“Cabra danada
Só é a Mariana,
Amarra a saia
Com jetirana.”*

Com que desassombrada intrepidez afrontava e repelia todo aquele que atentasse aos seus brios ou fizesse pouco dos que amava e servia! Fosse quem fosse o enxerido... Soltava a língua ano atrevido, com uma riqueza de modismo e neologismos de gíria da maior graça e riqueza: “Tibi Vô-te, camafongel mucufa! Não sou de latomia nem como gerumba. Se quer se fazer de vunge e cutuba, seu xendengue, seu cambado, seu putuca, não lhe dou corrumbá. Vá sungando a ceroula, papa-angu desadorado, que para me engarapar, Você, seu indivíduo, ainda está para nascer...” E o seu pixaim eriçado aprontava-se para os riscos da batalha, atirando ao campo contrário uma chuva de setas ervadas de injúrias e pouco caso. De toda ala, capaz de correr onça na serra, aparecia saltar a letra da quadrinha popular de sua encarna:

⁷⁸ Não foi possível determinar a autoria dos versos.

*“Não tenho medo de homem
Nem de ronco que ele tem,
O besouro também ronca,
Vai-se vêr não é ninguém.”*

Tendo sabido que o meu pai tivera uma discussão qualquer com um sertanejo mais sem modos, foi grande custo impedi-la de ir tomar o desforço ao inconsiderado, meter-lhe no vazio o aço da lambedeira do Pasmado. “Não sou de milongas, mas também não gosto de ver um (...)”⁷⁹ maricáca se fazer de turuna...” dizia irritada. E custou bastante a tirá-la dos seus projetos de comprar a questão por todo preço.

Na sua fala crespa de matuta altaneira e respondona, quando seria preciso exprimir a ternura e a simpatia, os diminutivos abundavam, pondo o selo e a matiz do seu carinho. “Nhônhôzinho” atraía-os da boca arrojada e áspera, que não sabia de que sufixos e diminutivos dispor para embalsamar nos seus quindins o “amorzinho”, que nutria balançado nos seus braços e enfartado nos seus peitos de amojo.

Atenta, incansável e protéica, a Mariana multiplicava-se na casa, verdadeiro gênio do lar, do qual se tornara seu penhor, sua providência, sua defesa e sua escrava.

Os dez anõezinhos da Tia Verde Água⁸⁰ encarnavam-se-lhe na pele. Andava a mulata num corrupio. Ao menino oferecia ora a mama preciosa e abundante, enfiando-lhe na boca o bico da teta escura, ora o dedo indicador lambuzado no pires da papa de farinha de mandioca-doce, bem açucarada e peneirada. E mudava as fraldinhas, passando-lhe a esponja molhada nos refegos da carne ardida, de um vivo róseo, onde em seguida sacudia a “boneca” de gaze do pó de arroz tomado ao toucador da Iaiá.

No resto do tempo, cuidava a Mariana das caçarolas no fogo, limpava as gaiolas dos pássaros, varria os quartos, ensaboava a roupa e ainda lhe sobravam horas para bilrar, desmanchar a roça, cevar os caranguejos no caritó, trepar nos coqueiros, ralar o milho, pubar a macaxeira, apanhar o mocó na armadilha do quixó, vigiar a criação miúda, buscar na mata ou na praia os samburás de oiti-corós, pitombas, guagirus e jenipapos; apanhar na

⁷⁹ Trecho ilegível no original.

⁸⁰ Referência à obra homônima de Teófilo Braga (1843-1924), escritor português.

toca dos gaiteiros aratus,ucas e guaiamuns, pegar com o puçá os pitus e trazer da praia os siris e uruás...

Nesses tempos, no Recife, não havia manteiga fresca; vinha de fora, Irlanda, salgada, em barriletes ou latas. Era a manteiga do Reino, conhecida em todo o Brasil antigo. Quanto aos queijos, estes, quando não enviados por algum amigo como lembrança do alto-sertão, eram o suíço e o chester, ou provinham de Holanda com o nome de “queijo do Reino”. A França fornecia, além da manteiga Demagny ou Le Pelletier, os licores e a vinhaça fina. A América do Norte mandava-nos o legume e a fruta em calda. A Inglaterra servia o presunto, as bolachas em barricas, o whisky, a soda, o arenque, os biscoitos de lata, os molhos picantes e frascos de mostarda. Portugal mandava o vinho tinto e o verde, o bacalhau, a cebola, a batata, o azeite, a sardinha, o chouriço e o paio de fumeiro, a queijadinha de Cintra. A Itália entrava com o Chianti, a mortadela, o parmesão e a massa de tomate. A Alemanha aparecia com a salsicha de Frankfurt, o repolho em tiras, conservado em vinagre, a cerveja de Munchen e o néctar branco do Reno. A atração pelo raro em matéria de paladar alumiava-se e fornecia-se nas prateleiras dos *shipchandlers*⁸¹.

Mas, a habilidade de Mariana como cozinheira exímia tornava desconhecidas e dispensáveis essas bebidas e iguarias de transplantação estrangeira e mais consumidos nas mesas luxentas da gente dos sobrados e casas-grandes, amigas de novidades e dispendiosos e exotismos. Com que arte ela torricava o beiju a ponto e cozia a pamonha e o acará, fritava a posta de peixe no óleo de dendê, ensopava o caruru, dobrava os “mal-casados”, preparava as moquecas de marisco, aquecendo-as e envolvendo-as em folhas de bananeira!... De que segredos se assenhorara para bem executar as receitas de manuê de coco, de ambrozô e da fritada de caju e guaiamu! A alva macaxeira amontoava-se em rolos na travessa, de tão enxutos rachados na cocção. A tubarana estendia, no grosso molho de escabeche, o lombo alto e dourado pelo azeite de dendê.

Nada faltava na mesa de delicioso, de são e nutriente, o concurso dos importadores de tanto produto equivoco ou malsão, expedido pelos empórios da indústria matreira e sem entranhas, tentadora dos seus longínquos mercados de ultramar com tanta gulodice para isca! Professora a seu modo de nacionalismo, a quituteira de Serinhaém! Impedindo a saída

⁸¹ Docas.

de ouro em troca da pitaça europeia, era o agente benefício da finança em que se saneava e resguardava a economia brasileira, de mesa posta, cheirando a seus acepipes.

Ninguém como a Mariana para botar a mesa do chá das nove horas da noite; provê-la da bolacha mole, partida e embebida no leite, aquecida no forno com açúcar e canela, das tapiocas de coco, dos beijus de fubá-mimoso, dos bolinhos de goma...

Era ainda a Mariana todo um tratado de indústria, de agronomia e de ciência da vida sertaneja. Sabia de tudo, como se trançava a peneira com o cipó urubá e com a linha de macaíba a rede de pescar, que a carne magra da capivara causava diarreia, a macaxeira gostava da terra dos carrascos, a cabureiba dava o bálsamo do Espírito Santo, com o gervão e a casca e folhas do piqui se tingia de preto, que a cajazeira atraia os raios, os frutos do pau-da-terra produziam uma linda cor vermelha, o suco de xixi servia de verniz, as gamelas se faziam de figueiras ou mulungu, os tipitis de ubá com as alças de imbé e cipó caboclo, as velas de pereiro, os travesseiros e colchões do cipó chamado barbas-de-macaco, as redes de embira ou de tabua, as urupemas de capixim e aruman e das cinzas de chirimba se fabricava sabão. Que o araçá-de-pomba e o açoita-cavalo serviam para encabar machados e enxós, que a patada do caranguejo tem por nome “puã”, que as cercas podem ser de pé direito, de pau-a-pique, de gancho ou de espinha de peixe também chamada à baiana.

E ainda, que os paróis de peroba davam uma bela cor de ouro, a cachaça, a capoeira poderia ser “fina”, “grossa” ou então capoeirão e até capoeira de “pau-de-machado”. As estações para ela eram as do “tempo-de-broto” e as das “primeiras-águas”, nas quais sucediam o tempo “de inverno”, o “das neblinas” e o “do frio”; que pelo tempo das águas-novas havia fartura de peixe nos paris e no tempo da desova se matavam as curimantãs a pau...

Capaz de puxar o “ferro” do cóis da saia e varrer a feira e no samba soalhar o pandeiro e sacudir o ganzá, não pregaria olho noites inteiras junto à esteira do bexiguento carinhosamente tratado.

Sabia mais que Dioscorides, que Ursus, sem falar em Eusébio Macário e seu filho⁸² dos excelentes efeitos das ervas curativas, colhidas por aí afora: rapé de semente de angico curava dor de cabeça; mussambê-de-espino reduzia hérnias e otites, excitava a digestão; o cataplasma de janiparindiba era bom para o fígado; rapé-macho para a hidropesia; o baririçô, o ganha-saia e a abobrinha-do-mato purgavam; a goma do angico excelente para o peito e a infusão das cascas das folhas no álcool para as equimoses; o arrebenta-cavalo, em cozimento, bom para a pele; o pó de barbatimão cicatrizava; o leite de olandim resolvia tudo quanto era tumor... E não acabava de citar toda a relação da sua rústica farmacopeia, escondida no mato. As inflamações de garganta de que padecia a minha mãe tinham fim com os gargarejos de tansajem e mel de abelha, receitados pela Mariana.

Do mundo das abelhas quanto era grande o seu saber e especialização! A caga-fogo dava cera quase negra, a jandaíra e a tubiba queimavam, e inofensivas eram a uruçú, a mumbuca de cera preta, a mandasaia, a jataí de mel branco, a manduri e a bate-chapéu, que dava o mel meio azedo e a mirim-guaçu cujo mel era medicinal. E fornecia as notícias mais certas, como e onde nidificavam e todas as qualidades do mel, da cera e do saburá. Sabia ser no minguante que se cortava a madeira e também no minguante que se plantava a mandioca e os carás; que na lua nova se o fazia ao milho, ao feijão e à cana.

E quantas histórias dos peitos-largos das caatingas do sertão a mucama guardava na retentiva! Como os admirava e acalentava na imaginação afogueada! Ela fazia justiça a seu modo, condenando os mofinos e absolvendo de bom grado os que matam por amor ou por vingança!

Criara-se a Mariana no ambiente de lutas de arrogância e desquite da gente bravia da sua ribeira. Saber que um homem sozinho, malvado quanto fosse, desbaratava vinte outros, punha-lhe os olhos molhados de lágrimas de satisfação. E, quando os batidos no jogo da força, da destreza e da coragem eram representantes do Governo, o seu entusiasmo redobrava-lhe nas cravelhas da tensão habitual. O cangaço dava-lhe visões de D. Quixote à fantasia desregrada. O seu coração aprendera a palpitar com a bravura desinteressada e

⁸² Pedanius Dioscorides (c. 40-90), médico e estudioso grego, grande conhecedor de plantas medicinais. Ursus, personagem desconhecida. Eusébio Macário, personagem que dá título à novela homônima (1879) de Camilo Castelo Branco (1825-1890).

cruenta dos homens, que reagiam com o trabuco ou a faca, essa cabroeira largada e famanaz, no ermo das espinheiras, em combate com as forças da Polícia e da Natureza...

E com isso tudo, a religiosidade que não via mais nada senão o que dizia e pensava o seu Vigário e estava na píxide ou no sacrário do Santíssimo Sacramento. Levava horas inteiras no domingo, ajoelhada com a toalhinha branca na cabeça e no rosário em vai e vem nas mãos calosas, de dedos secos e curtidos, abençoados no trabalho e talhados na servidão em que se consumiam, tremendo na beira do berço ou do fogão.

Com o instinto de independência se lhe elevava na alma o compromisso da palavra dada, o senso da fidelidade, o ardor no combate, o mimo da brandura e o prazer da abnegação... Nessa vibratibilidade sentimental, entregava-se a Mariana ao submetimento cego, ao préstimo completo e condescendência total. Seria a forma de imperar, desdobrar-se no aceite da prescrição e da renúncia, dando de si o que melhor pudesse...

Meio leoa e meio santa, a filha de Serinhaém. Três séculos de engenho e patriarquismo haviam composto o forro de Mariana, instabilizando-a nas pintas do sangue mesclado, tendendo-a dos extremos da bárbara cubata africana à piedade santificada no hospital das irmãs de S. Vicente de Paula. Arrancaria o coração do inimigo ainda vivo e pelas costas; daria o dela a esfolar, no obscuro holocausto de todas as horas, cuidando do menininho, acudindo ao patrão, defendendo a sinhá-moça...

Dedicação pura e ilimitada, trabalho sem tréguas, chama de vida resignada e útil, ancila prestimosíssima, que me deste o leite do teu seio castanho e bem amado! Beijo cem vezes a tua sombra carinhosa, esvaída da terra. Minha mãe parda, coração abençoado, extinto a meu serviço! Noites que por fim perdeste, dias que por mim lidaste, mar de afagos em que me submergiste, apertando-me os cueiros e ajeitando o bibe e o babadouro! Intercalo na memória de tantos desgostos e tantos horrores vistos e experimentados, o teu oásis de bondade e cândida afeições. A pensar no que te devo, vêm as lágrimas irreprimíveis, escorridas no rosto do filho de leite, que tu amamentaste e agora está tão feio, terroso e ruguento, falripado de barbas brancas, naquele que não mais reconhecerias e animaste e pesou-te no colo, enchendo-te dos cuidados que uma vez por outra exprimirias assim: “Só ficarei mais tranquila no meu avexame, minha boa Nossa Senhora, quando se

botar no pescoço deste anjinho de Nosso Senhor, com os seus quimbembèques, uma figa de tipi ou de guissé para acabar com a mandinga de tanto olho gangu...”

7. A ENTERITE, O NOME E A MARCHA

São, róseo, rechonchudo e cacheado de louro, era o novo habitante do pátio do Paraíso a admiração do bairro, o enlevo das damas e criadas vizinhas; todo o tempo tocado, acaroadado, afagado; feito uma joia de família andava de mão em mão. Houve mesmo a parenta, que havia vinte anos que não saía de casa, em Afogados, e abalou-se para ver a “belezinha, filho do Quincas e da Iaiá Panchita”.

Compreensiva das condições climáticas que nos rodeavam e espontaneamente aceitando os conselhos de Rousseau, a minha mãe não consentia que me rebuçassem senão do estrito necessário, nem sapatinhos e cueiros de lã, nem toucas de rendas e de fitas, nem casabeques de luxo; quando muito um timão de percale ou cambraia e o lacinho de fita no pitó. Nenhuma compreensão, pois em torno do pericarpo do fruto, que o sol deveria fazer prosperar, aquecendo-o por igual e livrando-o tanto dos exageros da linfa nos linfáticos como das deformações ósseas dos raquíticos.

Arrependida da obra de natividade e perfeição, coadunada a esses excelentes métodos de criar, entendeu, porém, a Natureza afável logo de começo, a máscara de madrasta, achando o pimpolho abusar, pretendendo com as doze libras de peso com que nascera, representar nas margens do Beberibe, o *patapouf* arrancado à tela de Rubens ou Boucher, de Murillo ou Bouguereau⁸³. E dentro de pouco tempo, entre os alarmes e ensalmos da família e dos mais próximos, temidos dos maus-olhados supervenientes, o rebento nédio estilava-se lamentavelmente, dando-lhe a cafifa ou o tanglomango.

No desenvolvimento do animal vertebrado lactante, espera-o um terrível Rubicão. Para amparar os perigos desse trânsito forçado da infante, preparando os vinte dentes de leite, não se conhecia outra defesa que as figas de madeira, de azeviche ou de coral entre as teteias suspensas ao colar de âmbar, no pescoço do fedelho. Bem precários, contudo, o ornamento usual das contas amarelas e vítreas e os penduricalhos de origem fálica e romana contra a *jetatura*, para servirem de obstáculo à crise inseparável da calcificação orgânica, na formação dentária.

⁸³François Boucher (1703-1770), pintor francês representante do estilo Rococó. Bartolomé Esteban Murillo (1618-1682), pintor barroco espanhol. Adolphe-William Bouguereau (1825-1905), pintor neoclássico francês.

Nesse momento fatal, de gengivas inchadas, riscando perecer na abstinência de seu mal estar, o nenê não quisera mais saber da apreciada mâmica, os seus refegos cor de rosa-chá desfaziam-se a par das câmaras verdoengas das fraldas. A enterite dentro em pouco, o tornaria aquele

*“Amarelo de Goiana
Como sapo com banana”*

a que se refere a entica do menino nortista embirrado com o outro.

Saco de peles bambas e desfeitas, fastiento, tolhido, adinâmico, já tinha nos olhos, o nascituro do pátio do Paraíso, esse apelo do céu, com que as crianças, destinadas a enterrarem-se com a própria alvorada, costumam alargar as pupilas e tocá-las de uma luz de mau prenúncio...

Nos braços da mucama, dia e noite, seria como se experimentasse o aconchego final do meu esquife. Na dolência da prece, num ofício de finado, a minha ama trauteava os cantos com que me balançava no colo, no vime do berço, ou nas malhas e varandas da rede. Que doces palavras tão mal versificadas me velariam o corpinho demasiado e tolhido!

*“Este menino
É do céu, não se cria.
Cobri-o de vosso manto
Santa Virgem Maria!”*

E a voz de embalo acentuar-se-ia repetindo a letra de desânimo, em que desabrochava no mais triste e falso dos prognósticos:

*“Este menino
É do céu, não se cria.
Os anjos do céu
Lhe venham acudir.”*

A voz lenta da Mariana estendia-me o dossel da alma cuidadosa e apreensiva. Era a irresignação da maternidade que, por ser humilde, emprestada e mercenária, ninando se fazia ainda mais pranteante e sensível.

O branco, o negro e o índio avoengos davam-se as mãos, sussurrando e gemendo, raças vencidas na loa de carinho, sob cujo pavilhão de ternura indígena, fetichista e cristã, se encomendava a criança brasileira:

*“Caipora chora
Quer mamar
A mãe tem leite
Mas não quer dar.*

*Menino que chora
Não dorme na cama,
Dorme no regaço
Da Senhora Sant’ Anna.”*

Roquete Pinto ouviria cantiga semelhante, entre os parecis da Aldeia Queimada, em Mato Grosso:

*“Menino dorme na rede
Menino dorme na rede”.*

Na ciência do embalo e acalento balbuciado e cadente em gemidos, continuaria a ama, sacudindo meigamente, nos braços o que lhe restava do enguiçado embeleço:

*“Nossa Sant’Anna
Ninai o menino,
Enquanto ele dorme
Não faz maravilha:*

*Maria lavava
José estendia
Chorava o menino
Do frio que fazia.”*

Se a métrica e a rima ficavam quase sempre infirmadas no correr da melopeia, o sentimento, que nela se filtrava, elidia-lhe as imperfeições... E a chupeta, que não seria de

borracha com a sua angola de osso, mas uma simples boneca de pano embebida em água açucarada, entraria em jogo, entuchando-me seu chorinho.

Que benignidade e doçura de amor dos mais puros e suaves, com efeito, esse amor da inocência, sobre a qual pairavam os abutres do sofrimento e da Morte! Espargiam-se nas trovas ingênuas do arrollo da Mariana às flores sentimentais da Religião, sem outras complicações que esses suspiros implicados na mansa⁸⁴ poesia de tão cândido entrecho! As endechas soluçadas nasciam da fé e do sobressalto da alma da mulher que, sorrindo ao filho estranho, acalentasse a mágoa de não poder embalar o seu. A alma coletiva das raças castigadas e obrigadas a tanto serviço, no eito e na casa-grande, oferecia-se a pedir sossego e saúde para o nino alheio, o qual também lhe pertencia, agarrado feito uma ventosa ao colo bruno, morno e nutriz, que era mais do outro:

*“Senhora Sant’Anna
Senhor São Joaquim,
Calas o menino,
Tem pena de mim.*

*Não chores menino,
Não chores amor,
Que a faca que corta
Dá talho de dor.”*

E a súplica de Mariana voltava, roída de apreensões, procurando os seus bálsamos, vertendo os seus prantos. Na cantiga, que me adejava o berço, envolvendo-o no pálido da doçura, da atenção, da carícia mais suave, havia a maciez da surdina e do veludo. Para dar remate às dores e ao desassossego do bebê, conjuravam-se os bichos e os anjos para os eflúvios do sono longo e reparador lhe juntassem as pálpebras de seda:

*“Calai, menino, calai,
Calai que lá vem tutu,
Que no mato tem um bicho,*

⁸⁴ O trecho encontra-se pouco legível no original. Supomos, dado o trecho e seu sentido, que a palavra que antecede “poesia” é “mansa”.

Chamado tejuassu

Calai meu menino

Calai pra dormir,

Os anjos do céu

Te venham acudir.”

E o sentido de salvar o pequenino chorão, cidrante e na espinha, do pátio do Paraíso, seria muito consultado o “Vade-mécum” do doutor Sabino. Recorreriam ao calomel, ao bismuto e aos opiáceos receitados pelo médico e à farmácia rústica do mato, com seu arsenal terapêutico tão rico de ervas e ingredientes do conhecimento do povo e mesmo a um pinto vivo esmagado no pilão, remédio extravagante de terreiro de quilombo, de esteira de peji....

Sendo tudo inútil, mesmo o extremo desse pinto pilado, cheirando à crença e terapêutica de negro macumbeiro, quando bastaria para o caso a dieta hídrica absoluta, a única coisa razoável para que a ignorância do tempo não recorresse, botaram-me um longo vestido branco e muito longo e carregaram-me assim, malacafento, chupado e coberto de rendas de crivo, a 18 de Agosto de 1872, para a pia batismal, na Igreja de Santo Antônio do Recife. Se em vez disso fosse para enterrá-lo num caixãozinho azul, quanto haveria de ganhar o inocente, poupado às contas amargas, que uma longa existência costuma indefectivelmente apresentar as suas vítimas!

“Menino bom não se cria”, diz o pretendido provérbio, dando explicação à morte das crianças por desenganadas das vantagens de começarem a vida, coladas à tabuleta de tão lisonjeiro qualificativo. O certo é, que o confirmaria por meu lado, obcecado no capricho daquele senador do Império a quem Pedro Luís atribuía viver “por pirraça”.

Serviu-me de padrinho o futuro conselheiro, bacharel José Leandro de Godoy e Vasconcelos e de madrinha a minha avó materna D. Francisca Elisa de Castro Araújo. Como esta se achasse no Rio de Janeiro, seria outra, a “madrinha de jirau”, que me levasse ao batistério, sustentando os ossos do empaleado garoto e perdida no injusto anonimato de tão prestimosa serviçal.

Se o batizado foi celebrado com algum bródio não o sei. Ignoro, se a exemplo da Europa Nova distribuição de amêndoas cobertas, se seria tomada sege de aluguel e se a mesa, rodeada de poucos ou muitos convidados, foi ou não completa de doces, pastéis, vinho fino, garoupa, peru e leitão assado. Brás Cubas, de Machado de Assis⁸⁵, não pode também descrever o seu batizado, o que representa grande perda para a história de nossos costumes públicos e privados, ligados a obrigações religiosas e profanas de uso corrente, na existência brasileira.

Deu o cura ao menino salvo, inquilino do pátio do Paraíso o nome de Alberto. Em rigor, e segundo o uso na Igreja, deviam lê-lo chamado Máximo, a quem é consagrado no calendário gregoriano, o dia do seu nascimento. Achariam, com bastante razão, ser muito luxo exagerado a condição medíocre do petiz, para condecorar-lhe a soberbia com arrogante nomeação. E imitaram os meus ao compadre Godoy e Vasconcelos, que já dera ao filho mais velho prenome de Alberto, sem ser nascido a oito de Abril, dia próprio a essa designação, seria sem mais consequências... E vão lá saber a quanto poderia alcançar as de um novo Máximo! Não é interessante que, na varia e caprichosa onomástica, ainda não se tenha registrado Mínimo como nome de ninguém?

Balzac e Mistral atribuíam certa predestinação aos nomes de batismo das pessoas. Um Máximo seria naturalmente capaz de guindar-se o mais possível, no seu fatídico pau-de-sebo, talvez para maiores prejuízos do Brasil, e não vejo como o pequeno pernambucano corresponderia aos excessos exigidos por essa nomeação, tão cabível aos candidatados a prêmios e a extremos de mais alto e espaventoso destino. Incomodando-me as alturas de maiores posições, teria posto o pé definitivamente na sombra da meia encosta... Com o prenome de Máximo seria talvez menos estável o equilíbrio nesse ponto...

O jocoso Arthur Azevedo, ressabiado das grandezas deste mundo, dizia: “Agradeço a Deus não ter nascido príncipe.” Repurgado de semelhantes aversões, fiz minha oração, enunciando-a desta forma: “Agradeço a Deus Nosso Senhor não ter feito Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.” Como invejar que algumas nulidades pudessem aceder aos incômodos e responsabilidades de tais cumeadas!...

⁸⁵ Referência a *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1871), de Machado de Assis. Ao final desse capítulo, Rangel voltará a referir-se à mesma obra, citando-lhe o final do capítulo X.

Surgi felizmente para me incorporar na média dos homens, nem muito abaixo nem muito acima da escala, compreendida desde os menos prestimosos e virtuosos aos mais presumidos de seus dotes e serventias. Não me veria, pois, aparatado na pompa de ser chamado Máximo. O simples e vulgaríssimo nome de Alberto não se propõe, segundo o pressuposto balzaquiano e mistraleano à atração e fastígio de maiores acessos e resplendores. Se houve um Alberto de Brandeburgo e um Alberto, o Magno⁸⁶, o “grande vulgarizador de Aristóteles”, teólogo e alquimista do século XIII, na longa lista obscura dos outros Albertos, aparecidos neste mundo afora, é para não falhar a norma prescrita em que mesmo as exceções são de regra...

Sei, de resto, que os meus quatorze meses e meio, ameaçados de se evaporarem no rápido prefácio desse pequerrucho padecente e extenuado, à beira da pia batismal, forneceram-se fôlego bastante para rematá-los numa série de centenas de outros meses. Contanto que, bem entendido, não devam muito exceder da conta razoável a que já alcançaram. Viver, como o doutor catarinense e revolucionário mineiro Jacinto Reis, até os cento e quatorze anos deverá ser uma grande desgraça, disfarçada num imenso favor de Deus! Não se sabe afinal quais os responsáveis dessa cura, que aproveitou a tão longo e repisado respirar de meus brônquios, se os clisteres de pimenta d’água de pinto esmigalhado, ou o latim do bom pároco, molhando-me a cabeça inclinada na água lustral da pia de Santo Antônio. Já seria grande cousa, que viesse a escapar do chá de grilo, do de barata e do de esterco de cachorro... Mais feliz que Luís XI, por exemplo, não me teriam feito beber sangue humano, achado no rol desses medicamentos maravilhosos e terríveis, a que se refere o cronista real.

Quanto à época em que comecei a andar, ignorá-la também, sem que isso possa, como é sabido, comprometer-nos o bom alcance da memória. A concepção do Primeiro Passo não deveria ter sido engraçada brincadeira, senão um caso dos mais complicados e difíceis da mecânica racional aplicada aos bímanos. O jesuíta Victor Poucel define-lhe a importância no “*Plaidoyer pour le corps*”⁸⁷, que é maravilhoso o poema do sublime poeta,

⁸⁶ Alberto de Brandeburgo (1490-1568), primeiro duque da Prússia (1525-1568).

⁸⁷ “*Defesa para o corpo*” (uma defesa acalorada); “*Qualquer homem em pé desafia a pura matéria, e a graça de sua postura é para ela mesma homenagem vitoriosa ao espírito cujo poder a marcou*”, citação de Victor

forado na metafísica do teólogo de conta: “Tout homme en se levant, défie la matière pure, et l’aisance de sa pose est par elle-même un victorieux hommage à l’esprit dont la puissance l’empreint”, e gatinhas, como atingiria eu a maravilha desse perpendicularismo inicial, tão preciso ao império e desembargo do homem adulto? Onde a lei, a cartilha e o mestre, que mo ensinassem? Animar-me-ia ao arrojo dessa conquista a minha ama, acenando-me com o chocalhozinho de “folha” e açulando-me o interesse nascente com o ardiloso convite, pelo qual se me exercitava a consciência, no clarão do primeiro ganho de pedestre. “Danda neném! Pá ganhá tentem!” Enunciados os termos de estímulo, como que os materializava a moedazinha de cobre novo, que lhe dançava nos dedos negros. Tanto mais pareceria eficaz o encitamento da boa parda, quanto me excitavam as disposições inatas da ambição, que me brotava nos segredos da consciência. Valer-me-iam também, nesse sentido, as sacudidelas com que ela, experimentando a resistência das perninhas débeis, por-me-ia nos joelhos, a balançar-me pelas mãos, sob a magia de sustimento implicado no recitativo de lusa origem:

*“Tão-ba-la-lão
Senhor Capitão,
Espada na cinta
Sinete na mão.
Em terra de mouro
Morreu meu irmão,
Cozido e assado
No seu caldeirão,
Com molho picante
De sal com limão...”*

Ajudado pela miragem de dinheiro ou pela ginástica de leve e traz do “Tão-ba-la-lão”, o certo é que graças à deusa Estatina⁸⁸, ou de quem lhe faça as vezes, à maneira do machadeano Brás Cubas: “andava, provavelmente mal, mas andava e fiquei andando”.

Poucel (1872-1953), religioso da Companhia de Jesus que escreveu vários livros sobre espiritualidade, alguns especialmente dirigidos a crianças.

⁸⁸ Estatina: divindade feminina responsável pelas crianças que começam a andar (cf. Lello, p. 953).

8. A LAMA, O PERFUME E O RIO

Decaído dos áureos tempos de Duarte de Albuquerque Coelho e do príncipe Maurício de Nassau, Recife, em 1871, patenteava-se ainda como aquele que Tollenare pintou nos seus vagares de homem de negócio, destacando-se das suas cifras e cifrões. Que seriam, sem efeito, cinquenta ou sessenta anos na evolução de uma cidade brasileira, sobretudo no norte, na modorra em que as costuma cozinhar o sol do meio-dia? A Recife, com a sua feição de boiada na água do estuário, como que bastava o forte acento da singularidade, que lhe era peculiar, essa configuração corográfica, original em todo o Brasil.

Ler as “Notes Dominicales”⁸⁹ do comerciante nantês é logo dar-se conta da cidade da minha criancice e a qual reconheci, apesar dos empréstimos, arranjos e adaptados do progresso, quase nos mesmos termos, mais de meio século depois, visitando-a em 1938. Não teria sido feita para ela a afirmativa de Baudelaire:

“(…)La forme d’une ville

Change plus vite, hélas! que le coeur d’un mortel.”⁹⁰

Koster⁹¹, não obstante, na sua ausência de Pernambuco, entre as viagens de 1809 a 1911, encontrou grande diferença no Recife. Marcou os sinais dessa mudança. As rótulas tinham sido substituídas por vidraças. As famílias portuguesas iam à missa de dia, e as inglesas passeavam à tarde. O cetim e a seda haviam-se substituído por musselinas e tecidos de algodão. As casacas e tricornes tinham cedido lugar aos chapéus redondos, as calças de nanquim e meias botas. As selas tornaram-se menos altas, as cadeirinhas mais modernas elegantes e ricas. Novas casas de campo e novos aterrados apareciam. O valor predial aumentava.

Talvez porque não descesse a minúcias de observador mais restrito, Recife me ficou igual a velha e desbotada estampa em que o conserva-se dentro do peito por tão dilatados

⁸⁹ Manuscrito de Louis François de Tollenare, comerciante de algodão cuja obra foi publicada pelo Instituto Histórico e Arqueológico Pernambucano pela primeira vez em 1905, sob o título *Notes dominicales*. Tratam-se de notas que formam um diário de viagem do tempo em que Tollenare permaneceu em Pernambuco e na Bahia (1816-1818).

⁹⁰ “A forma de uma cidade / Muda muito rápido, eia, mais que o coração de um mortal”, trecho do poema *O cisne*, de Charles Baudelaire.

⁹¹ Henry Koster (?- 1820), viajante inglês que viveu vários anos em Recife. Publicou *Travels in Brazil*, em 1816.

anos. Na persistência de cartas imagens da retina o coração põe muito de seu. Corra o tempo quanto possa, o que se ama é quase sempre visto da mesma forma. A saudade é pouco amiga de alterar os traços do passado em que se gerou e pôs raízes...

Da orla do comércio a que o transatlântico, o alvarenga, a jangada e a barça enfrebrecitam e abastecem, esparze-se o Recife do Poço e do Mosqueiro para dentro de suas terras de vasa, tipicamente espreguiçado nas suas quintas senhoreais, nas grandes chácaras muradas, nos casebres do Beberibe e seus cajueiros no areal, todo ele ouriçado das ruínas das suas fortalezas dos topes verdes e característicos dos seus cocais. O sol de fevereiro dardeja em tudo isso, lembrando o que haveria de escrever Joaquim Nabuco: “É um reflexo da Holanda que brilha ainda aqui”, acrescentado o espelho do verdoso do seu quadro, traçado nas pitombeiras, mangabeiras, sapotizeiros e guajirus, com que se lhe retraça o pitoresco dos derredores.

A lua, entornando do seu pires de louça rútila e branca uns restos de seus bálsamos, com a frescura da brisa mareira, transformada na cruviana, soprada de madrugada, fazia respirar as famílias sentadas na calçada, a serearem por longas horas, comentando as últimas notícias da Corte, insertas no “Diário de Pernambuco”, os amores que se referendavam nos livros das sacristias e os escondidos, que se desvendavam, passando de boca em boca, sem falar uns casos mais sensacionais, o último crime cometido na Escada ou na Amendoeira...

A cidade dormita na lama dos seus pantanais, reclinada molemente numa esteira de reflexos e miasmas, gessada pelo luar, mordida pela raizada do mangue, verrugada de mocambos no brejo, armados pelo pobre com palha de coqueiro e velhas folhas de Flandres à pesca dos pitus e maria-farinhas do seu redor. Adorado Recife, ainda o mesmo de sempre, sublinhado da muralha do teu quebra-mar, penachado dos teus cocares de palmeiras, espiado da almenara risonha de Olinda, empurpurada de bougainvilles, e coberta de cruces de conventos, que lhe paramentam de um tom místico e colonial a colina de argila, enquanto as brisas e as vagas do oceano lhe beijam o pontal e levantam a fímbria das saias de espuma branca...

Longe vão os princípios, do Recife de quando a matriz do Corpo Santo andava nas faixas da capelinha de pescadores seiscentistas de S. Pedro Gonçalves. Mas, vista do mar,

não há progresso que tire a cidade, nas suas terras de aluvião e marinha da velha perspectiva do mapa flamengo do século XVII, com a chusma dos galeões da conquista neerlandesa, moldurando-lhe as ilhas do seu fraco relevo. A cinta ultramoderna de guindastes elétricos e armazéns do porto não lhe conseguiram tirar o caráter da tropicalidade amolentada e preguiceira de terra adusta, suspirando por suster-se de pé, junto do farol, amparada a seus fortes e limos ensoalhados, toda entregue à fartura dos pesqueiros e ao recato das chacaronas e quintalejos suburbanos.

Pesada de História, a metrópole respira ainda os ares de Nassau e dos Albuquerque, desenhada na orla de apicuns, onde se apoiavam as tercenas, intercalada nas páginas modernas as do antigo in-fólio das suas “Memórias de Colonização e de Guerra”, estatística em que se misturam os sacos de açúcar e as caixas de abacaxis exportados... O seu empório comercial nunca lhe abafa os suspiros românticos de terra a que Selene⁹², o paul, a fortificação, o mar, a ponte e ao rio fornecem o lânguido debuxo, estagnados no tecido de sua talagarça frouxa e diamantina. As águas confluídas na preamar dão-lhe o feitio da pintura interna, recortam-lhe o corpo de lula e de sereia, põem-lhe colares de contas de aço polido no colo moreno, lodoso e lascivo. A cidade é a esposa da maré, a irmã das barcaças e dos rios espelhentos, a filha dos coqueirais, a mãe da praia, do farol, do mangue, dos antigos baluartes, a madrinha da ponte e do arrecife. A casa apegada à laguna, dispõe-se na luz irradiada e cegante e brota da água plácida feito uma água-pé todo floreado; é a amiga e protetora do patrício encardido e seco, funcionário, pontual, em marcha para Repartição, do estudante, palavrudo e imaginoso, armado de Compêndio ou atracado ao livro do poeta preferido, ou do homem do povo, cambiteiro atrás do gerico ou vadio, espichado na rede do quimbembe, chupando manga, comendo jaca ou bebendo água de coco, aguardando a mulher que há de vir à boquinha da noite, quando não espera o frete, parado na praça, à sombra rala da acácia de Honolulu toda rosada, como quando era no tempo das enormes gameleiras da Linguete.

Faça o que fizer, o Recife terá sempre o ar de estagnado na baixada marítima, na qual se fez uma palafita. A população, em geral magricela e amareleta, como tirada às lascas de uma garuva e tal se vivesse apenas de carapela e jerimum, pendura-se nos estribos

⁹² Deusa que personifica a Lua, segundo a mitologia grega.

dos bondes, agira-se no Mercado, aglomera-se na porta dos cinemas, escapa-se do albaroo dos automóveis... A gente humilde e boa, rasteira mas honesta, altiva quanto lhe permite a alimentação fácil e como arrimada ao instinto de solidariedade em que resiste ao sol e ao abandono administrativo dos grandes, que mandam no Quartel, no Palácio ou na Assembleia, só espera Reis para o reinado e pastoris, o carnaval para sambar na rua e se sacudir vibrando no frevo, a sua longa anquilose⁹³...

Do Recife, que já impressionara Mansfield como “um grande jardim um pouco descuidado”, o aspecto profundamente poético me ficaria inesquecível desde a meninice: o eflúvio aromal dos seus jasmims e a beira remansosa e fresca dos seus rios. Nem a negralhada que, em 1875, atulhava os armazéns de açúcar do cais de Apolo, os sobrados da parte comercial, as vendedoras ambulantes de frutas e quitutes, as praças e igrejas da Penha e Santo Antônio, os palacetes de Boa Vista, os azulejos das igrejas e das casas notáveis, as pontes que ligavam os três bairros tão diferentes, as catraias e alvarengas atracadas, os mangues, os cochicholos do Pina ou da Boa Viagem, a ilha do Retiro e do Nogueira, a praia do Brum, povoado no seu forte arruinado dos fantasmas de Holanda, nada disso me deixou muitos traços na memória, de retorno a mais funda impressões. Não assim jardins da Magdalena e os banhos no Beberibe e Capibaribe!

Tudo na cidade se embalsamava das ondas perfumosas que espancavam os maus eflúvios da maré. Pelas manhãs e sobretudo à tarde e ao relento, descarregava-se em nuvens o aroma dos cravos, das angélicas, dos miosótis, dos bogaris, dos heliotrópios e jasmims do Cabo e de Itália... Não seriam outros os que deveriam envenenar Verlaine, no delíquio de suas barbas de fauno, afogado na inexprimível poesia:

*“De parfums lourds et chauds, dont le poison
- Dahlia, lis, tulipe et renoncule -
Noyant mes sens, mon âme et ma raison,
Mêle dans une immense pâmoison
Le souvenir avec le crepuscule.”*⁹⁴

⁹³ Parasitose (ancilostomose) conhecida popularmente como “amarelão”.

⁹⁴ Paul Verlaine, (1844-1896), o trecho citado pertence ao poema “Crépuscule du soir mystique”, da obra “Poèmes saturniens” (1866). Uma tradução palavra por palavra para o trecho seria: “Os perfumes pesados e

As negras de aluguel, de trunfa bem penteada, aproveitando aquela sutil efusão da Natureza, imitada mais tarde nas retortas dos perfumistas da moda, vendiam em tabuleiros, pelas ruas e praças da capital os ramosinhos de resedá em pratos de louça, bocados alvinientes de “banha de cheiro”, as talhadas de ananá, os roletes de cana, as postas fritas de cavala, os bolinhos de araruta e tapioca, as tigelas de arroz-doce e mungunzá...

Os rios da Veneza Atlântica ofereciam o banho no leite da areia límpida em que circulavam macia e sonolentemente. Não os tinham ainda poluído os esgotos dos resíduos das usinas de açúcar, transformando-os em calha cloacina dos seus dejetos, segundo a triste notícia que disso nos dá o Dr. Souto-Maior e o “Nordeste” de Gilberto Freire. Os cajueiros, pitombeiras e mangueiras estendiam os galhos pendoados de frutas sobre a água túrgida e transparente, as caraubeiras amarelejavam os ramos... A vida de repouso decorria, no “tempo da festa”, à sombra das mangueiras e jaqueiras, fartada nas limpas meigas de cristalino coração, sãs, frescas e umbrosas, trazidas no segredo do seu espelho correção, ao pé dos banheiros de palha de coqueiro, pelo fundo das chácaras da Torre do Poço da Panela e Caxangá...

Conhece-se a história da mãe de Aquiles, que mergulhou o filho nas águas do Styx⁹⁵ para o tornar invulnerável. Banhados nas águas do Beberibe e do Capibaribe impregnamos da vida pernambucana, tornamo-nos para sempre por sensíveis à Mátria [e]⁹⁶ algemados à Pátria.

quentes, cujo veneno/ - Dália, lírio, tulipa e botão-de-ouro -/ Afogando meus sentidos, minha alma e minha razão,/ Mistura em um imenso desmaio/ A lembrança com o crepúsculo”.

⁹⁵ Um dos cinco rios dos Infernos ou Mundo Inferior, segundo os antigos, também conhecido como “Rio da Imortalidade”.

⁹⁶ Trecho ilegível no original, propusemos a solução entre colchetes.

9. PÁTRIA E MÁTRIA

Diminuto e bastante inoportuno e carente esse novo indivíduo, ao nascer, sensibilíssimo e débil, precisando de tudo e de todos, inicialmente arrolado nas hostes humanas, sem saber nem por que, nem para quê. Chamou o infeliz filósofo social, sucessor hodierno de De Maistre, de Bonald e de A. Comte, ao animalzinho dessa espécie e metido nesses assados: *petit citoyen*. A nenhuma outra criatura seria imposta tanta dependência aos grandes recursos de prevaecimento, benignamente colhidos pelas mãos dos seus antepassados, pela maior parte anônimos e esquecidos.

À tanta fraqueza de juízo seguir-se tanta força de consciência, tanta aplicação da vontade! A subordinação à natureza, de que resulta, deve sufragá-lo a direitos e deveres futuros. Apenas nascido, assina o contrato irrevogável desse desenlace. A entidade da qual se faz o indivíduo real, uma componente exigível de trabalho útil, um elo social de responsabilidade hereditária, a imagem do próprio Criador, contaminando no capricho de reproduzir-se no pior dos espelhos, um feixe de virtudes e de inextrincáveis e rematados defeitos, é então a mais frágil das larvas, o mais necessitado e encadeado dos animálculos!

Assim, o ar, que inicialmente respirei, não me devia largar mais o peito. Berluc-Perussis⁹⁷ propôs uma analogia das mais justas, sublimes e tocantes, chamar-se de Mãtria, à província onde se nasceu. Seria a referência de tudo quanto nos deixa no coração, o cunho da terra, na qual se nos abriam os olhos pela primeira vez.

A Pátria, compreendendo um conceito geográfico mais vasto, imprescinde, no entanto, desse adminículo, que aproxima do berço o sentimento do nativo e o aquece mais de perto. A nação geral da Pátria, tingida de política e preponderante nos seus vastos laços, assegura-se no contato mais estreito e vigoroso, mais familiar e imediato, em que se abarcam a cidade e a província, armadas na origem de cada um de nós.

Dona Zima Duchemin, filha do Maranhão, de onde se achava ausente havia mais de meio século, em 1918, com mais de setenta anos, em Paris, onde devia cerrar os olhos para sempre, dizia-me enternecida, lambendo os lábios franzidos: “Estou apreciando com a

⁹⁷ Léon de Berluc-Perussis (1835-1902), historiador e poeta francês, membro da Sociedade Francesa de Arqueologia, foi autor de várias obras expressivas, como *Dictionnaire universel illustré, biographique et bibliographique, de la France contemporaine* (1885).

talhada de queijo de S. Bento o gosto acidulado do bacuri. A árvore florida parece estar pegando fogo... Que bom, minha Santa Rosa de Lima! Sinto o perfume, que é o de mel de jaci, saturado de jasmim... Escorre-me pelos cantos da boca a tijelada de jussara. Haverá nada de melhor que casco de jurará, a travessa de arroz de cuchá e a palangana de vinho de açai?... Passeio neste momento na rua do Sol, em São Luís... Adquire um metro de fita no bazar da rua Grande... Abre-se a cortina verde, barrada de ouro, do teatro São Luís; vou assistir o “Sete Infantes da Lara” [sic]. O convento das Mercês acha-se diante dos meus olhos... Acabo de atravessar o Bacanga para ir até a ermidazinha do Bonfim. Quanta roupa estendida junto às fontes do Apicum! Não me acredita, se lhe disser, que se espelham agora ao meu pé os azulejos da torre do Carmo... Estou comprando “rebuçados” e “canudinhos” na festa dos Remédios... Vejo-me ajoelhada na procissão dos Ossos, na longa rua de São Pantaleão, junto da Casa de Expostos...” E enquanto isso, a desterrada esmagava nos beijos descorados a massa fastienta de “madelsine” de Epernay⁹⁸ e passava pela frente do café da esquina, cujas mesinhas atravancavam a calçada, onde se espetava o plátano pelado, nas vizinhanças do jardim do Luxemburgo. Dirigia-se a maranhense ao armazém do Hediard para adquirir, por um preço exorbitante, a farinha de mandioca, o feijão preto, a canjica e a goiabada que lhes eram imprescindíveis.

O Maranhão teria deixado na alma de D. Zima uma espécie de vergão ou carimbo. Só lhe seria particularmente agradável o que trazia o cunho da terra natal.

Uma vez, bastante decepcionada, ela me revelara que a amiga francesa, a quem oferecera desse doce fabricado em Pesqueira, perguntara-lhe, a palerma, se era feito com ovos de esturjão. O seu paladar impressionara-se da marca do peixe impressa na lata e na massa granitosa da goiabada.

Às arrufadas com as criadas de Paris, era muito comum ouvi-la, interrompendo a debulha do rosário, murmurar, como no tempo de D. Anna Jansen⁹⁹, o terror das mucamas de São Luís: “Estas negras brancas só a bacalhau no sedém...”

A francesa adotiva morria de saudades do Brasil, lembrando-se do inesquecível Maranhão do seu tempo. Nessa época a sua avó era servida por trinta e oito escravas e

⁹⁸ É possível que, em referência à guloseima imortalizada por Proust, o autor quisesse dizer “madeleine”.

⁹⁹ Ver nota 74.

mucamas libertas, grande parte assentada em torno da rede da sinhá-dona ou nhanhá, a abrir os pontos nos lençóis e a bordar os paninhos de uso especial, quando seriam precisas duas retratas para acompanhá-la no “petit besoin”¹⁰⁰... Bons tempos! Áureas épocas! Imperavam o luxo e o desperdício. Dir-se-ia o Mearim afluente do Tejo e confluente do Sena. Brilhavam as letras com Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa e Gonçalves Dias. Rolava a abundância no sobrado, borbotava o ouro no comércio do algodão e o brasileiro, contudo, ia de longe preparando os seus maus dias posteriores, ignorando a precariedade dos monopólios, a previdência do pé-de-meia, os riscos e contratemplos da monocultura...

Tudo o que D. Zima adquirira, por várias décadas afora, nos hábitos e benefícios de Paris, entretanto nunca lhe pudera destruir a amorável influência desprendida pelo lugar do seu nascimento. A sua Província, por assim dizer, lhe vestira a pele de um derma peculiar e indestrutível, fechara-lhe a alma no resguardo protetor da saudade, que lhe era uma rede de isolamento...

A Mãria preponderava, dando a matrona o perpétuo amor ao país de origem pelas particularidades características da terra em que nascera. A ideia da Pátria fortificava-se-lhe com a memória constante da cidade natal, insistida e próxima através de todo um oceano, nos escaninhos do coração sensível, irredimível às dívidas das primeiras sensações de juventude...

Para essa dama a compatriota estava plenamente verificado o que o velho autor quinhentista, Pierre Breslay, escrevia de um canto do seu Anjou: “par instinct naturel, nous préférons à toutes les autres la terre qui nous donna par manière de dire la première accolade à notre venue au monde.”¹⁰¹ O abraço do torrão natal impõe a preferência espontânea pelo berço a que se obriga seu filho mais ínfimo, entregue indefeso ao ocidente dessa absorção irremissível.

Pela vida em fora não se me desapertariam mais os laços do meu grato Pernambuco. Tantas lembranças de outras partes desapareceriam para sempre, figuras de gente e cousas amadas sumiriam, não sei mais quando nem onde. Só a cidade natal se eternizaria, segura

¹⁰⁰ Necessidades fisiológicas.

¹⁰¹ “Por instinto natural, nós preferimos, a todas as outras, a terra que nos deu, por assim dizer, o primeiro abraço quando viemos ao mundo”.

pelo último fio da trama, o qual não mais se destruísse, repassado na tinta indelével de algumas recordações. Ficaria tudo meio apagado; mas o quadro subsistiria indestrutível no crepúsculo, onde me vem ainda a réstia do seu esplendor matinal. Ao simples contato do rápido encontro dos rios do Recife, como tudo ganharia de cor e logo no coração iria revivescendo!...

Fugitiva impressão do párvulo, primeiro raio na penumbra de claridade nascente, deitaria a terra de nascença para sempre as mais fundas radículas naquele nortista, que teria de viver longe dela. O estreito pedaço da cidade nativa, sentido por meus olhos soabertos de início, num canto provinciano do Nordeste, me faria, no entanto, o brasiliense total, avesso a todo espírito de campanário, a toda moinha de bairrismo, a toda estreiteza de separatismo e chauvinismo...

10. OS PÁSSAROS DO QUINCAS

O meu pai, tratado familiarmente como Quincas, como quase todo velho e bom nortista, foi grande apreciador de música, de flores e de pássaros. Rodeava-nos sempre um jardinete bem cuidado. O álbum de pedaços de Mozart, aberto na estante, frequentemente dava serviço à flauta do Quincas. Aristóteles e o grego Alcebíades não gostavam desse instrumento. E deram as suas razões mais ou menos pertinentes. Mas, a flauta que eles, com Minerva e Apolo, rejeitavam, não teria os recursos melódicos da embocadura do meu pai, nem seria dotada das suas múltiplas chaves de metal. Além de que Debret¹⁰² achava a flauta ser da predileção de todo brasileiro.

Quanto ao interior de nossa casa, do corredor à sala de jantar, era uma só gaiola ou viveiro, onde toda a avifauna brasileira pusera os arraiais de ruflos e de cantos. Os gaturamos, as patativas da Paraíba, as guarantãs, as arapongas, da branca e da esverdeada, os galos-de-capina e “cardeais” cinzas e brancos com o casquete vermelho, os xexéus cor de gema de ovo, o encontro das asas pretas, gulosos de banana, carne crua e pirão de leite, os crijuás de peito furta-fogo, as patativas de Itambé, as graúnas riçadas num negro reluzente, os curiós ou avinhados do tanquinho rivalizavam com os sanhaços e coleiros, os pintassilgos e canários do Reino e da Terra, o sabiapoca ou do campo ou da mata, o uma, o laranjeira, o piranga, o coleira, o da lapa, o branco, o gongá e mais o da praia. Sobreexcediam-se a lista constante no poema “A Fauna” de Santa Rita Durão. Mereceria a residência do Quincas, como a de Luís Gama, outro apaixonado de pássaros, que o “nubiloso” Caetano de Brito e Figueiredo, o qual dissertou na Academia dos Esquecidos sobre os pássaros brasileiros, lhe gabasse os exemplares lá encontrados e o padre Caldas lhe recitasse à porta a antístrofe da sua ode I sobre a existência de DEUS:

“Ave pelos ares pressurosa

Contente se balança:

Dispondo em paz a voz harmoniosa,

Sem temor, sem sentir outra esperança.”

¹⁰² Jean-Baptiste Debret (1768-1848), pintor francês, célebre por suas imagens do Brasil e pelo destaque às figuras dos escravos em suas representações.

Machado de Assis achava que o pai do seu José Martins “era muito amigo de pássaros, e tinha três ou quatro gaiolas”. Junto do Quincas, que comedido homem na sua queda pelo passaredo!

O autor de “Caracteres”, no capítulo em que tratou da Moda, meteu um indivíduo que enchera sua residência de mil pássaros. E descreveu com as cores mais carregadas a confusão, o barulho e o trabalho em que se debatia esse infeliz. A certo momento dado o moralista discorre, acentuando a mania desse burguês aturdido e deplorado: “Ce n’est plus pour Dephile um agréable amusement, c’est une affaire laborieuse et à laquelle à peine il peut suffire, il passe les jours, ces jours que échappent, et qui ne reviennent plus, à verser du grain, et à nettoyer des ordures”. No prazer de conviver com essa população alada, Dephile, mesmo à noite, não descansava: “il retrouve sés oiseaux dans son sommeil; lui même il est riseau, il est nuppé, il garouille, il perche, il revê la nuit qu’il mue ou qu’il couve”¹⁰³.

Não creio que meu pai, no seu entusiasmo e deliciosidade pelos pássaros, chegasse a esse ponto de loucura declarada. Afora a bulha, pode-se dizer que o Quincas não experimentava os prejuízos resultantes da lida com o seu passaredo, pois dele se sobrecarregava a cozinheira e arrumadeira da casa. Além do que, sempre adstrito ao serviço na Secretaria, pouco tempo sobraria ao Quincas para ocupar-se dos amiguinhos e hóspedes canários. Sendo que, por ocasião dos domingos e feriados, a horta e o jardim lhe tomariam o tempo para poder entregar-se totalmente ao cuidado das gaiolas.

Era, sobretudo, com o barulho da casa, como fosse o choro ou a repreensão nos meninos e as volatas da flauta do Quincas, que a passarada exacerbava o canto num intrincado labirinto de pios e gorjeios. Em família, nessa ocasião, não se podia conversar. Apenas iniciada a palestra, com as visitas, a história interessante lardeada de comentários diversos ou caso houvesse crianças na casa, alvoroçadas nos seus brincos e disputas, e logo

¹⁰³ “Para Dephile, isso não é mais que um simples divertimento; trata-se de um caso trabalhoso, em que lhe basta a dor ; ele passa os dias, esses dias que escapam, e não voltam mais, espalhando o grão, e limpando a imundície”; na segunda parte da citação, não se identificaram as palavras *riseau*, *nuppé* e *garouille*: “ele reencontra seus pássaros no seu sono; ele mesmo é (motivo de gozação?), ele (?), ele (arboriza?), ele se aninha, ele sonha a noite que ele troca de penas ou que ele choca”.

o concerto da ornis¹⁰⁴ esfuziava, cobrindo de trinados e volatas as frases que se trocavam, os risos que se expandiam, e multiplicavam. Se começava alguma discussão, a barulhada do passaredo assumia proporções fantásticas. O chilro harmonioso dos saís, gaturamos e sanhaços, guariantãs e tapirangas, o grito da canção e da araponga, o arrulho das pombas, o trino dos “bicudos” e sabiás, áspero e retinente, abafavam a frase de carinho, o argumento pró e contra da discussão...

A minha mãe, conhecida na família por Iaiá, desesperava-se. Era casca de alpiste, moleja e resto de pirão e mamão por toda parte. E tão alta e variada a grazina insuportável, que a Mariana era forçada a cobrir as gaiolas e viveiros da passarada com um pano ou a agitar a toalha de pratos ou de rosto para fazer momentaneamente calar a bulha intempestiva e canora do plumado provoléu.

O Quincas é que gostaria desse acompanhamento, o qual lhe punha a reboque da aulética todos esses concertistas delicados, seus prisioneiros e amiguinhos. Tanto mais quente e assanhado o coro da passagem, mais doce lhe seria o sopro no presto arrebate e nos melodiosos adágios, mais fácil o dedilho do amador na flauta preta.

Amador esclarecido, ele conhecia os melhores tipos, os mais perfeitos exemplares, os mais apreciados cantadores. Como o padrinho de Joaquim Nabuco, seria capaz de dar por um curió o que lhe pedissem. Chegava a fazer viagens ao interior em busca da raridade avícola. Noticiasse-lhe alguém que, de passagem por certa venda ou casebre qualquer, no Cabo, em Pesqueira ou Afogados de Ingazeira, num ponto tal da estrada, entroncada com outra, junto de uma gameleira ou de um pau d’alho, ouvira corruchiar um “bicudo rei ou visteó” extraordinário, que o dono não cederia por preço algum e o bom do Quincas lá se ia, aproveitando a licença especial ou época das festas para correr à cata do famoso volátil, indicado pelo amigo e amador. Viajava nesse intuito léguas e léguas, com o sol de rachar ou suportando o molho das chuvaradas no “tempo das águas”. Os seus êxtases seriam provavelmente os do “Peregrino da América”, quando este, dirigindo-se à Cachoeira, na Bahia, encontrou vinte sete espécies de “passarinhos a festejar a alegre manhã, com tão sonora harmonia, e canto de suas vozes, que podiam competir com o melhor contraponto que a arte pode inventar.”

¹⁰⁴ Em grego, ave ou galinha.

Nessas excursões, atrás dos “alados cantores”, assim escoteiro e sem conhecer bem as estradas, corra o Quincas grandes riscos. Ocorreu certa vez, quando o cavalo passava no Pau d’Alho, ser interrompido por um indivíduo mal encarado, o qual se lhe atravessou no caminho com bacamarte e o chapéu de couro desabado sobre os olhos. Seria algum símile do Silvino ou de “Corisco”. Pedira-lhe o estranho sujeito, que lhe cedesse o fogo para o pito. A noite ia alta e a vereda cortava a revoada de mangabeiras escassas. O meu pai compreendera logo a ameaça contida no pedido de toda inocência. Tirou imediatamente do bolso, por inspiração do céu, um grosso lápis e fê-lo reluzir, apontando-o para o bandoleiro. No dedo da outra mão quase se lhe desenganchou a gaiola, onde se empoleirava o pássaro cocurutado, que conduzia com mil cuidados. O estratagema fora de gênio, porque o quidam¹⁰⁵ alvejado se sumira, pensando haver-se com algum cano de pistola certa, escarnada tão a propósito pela mão do “branco”, inadvertido na estrada, mas tão pronto a defender o seu bocado de pele, bem como os poucos e modestos “possuídos”.

Passando por essas e outras, seria, contudo, bem feliz o Quincas, quando conseguia abrandar o orgulho do possuidor da preciosidade, que afinal a cedia, realizando excelente e inesperado negócio. No entretanto, acreditava constantemente o comprador que fizera uma pechincha, pois aquilatava sempre baratíssimo o preço pelo qual obtinha o pássaro desejado. No intuito de acomodar as cousas e prevenir qualquer observação da esposa advertida e contrariada, o adquirente declarava o custo muito abaixo do que efetivamente recebera o vendedor. Deus tenha em conta a venialidade da mentira do bom Quincas e a qual muito lhe iria de encontro à natural boa fé e retidão.

A minha mãe, para com prazer, satisfazia-se exteriormente com a beleza e singularidade do achado e sobre estimava a valia da compra, compreendendo o interesse daquela casta paixão do querido amator de cousas tão bonitas, raras e baratas. Seria a maneira de compreendê-lo e perdoá-lo... Dentro de si, ela refletiria ser mais uma despesa, um bico para o aumento do trabalho e a inferneiria do rumor na casa. Se tirasse algum dia a sorte-grande mandaria buscar na Suíça as caixinhas, que o Conselheiro Felipe Lopes Neto contava em casa do seu pai, tinham uns maquinismos, que imitavam na perfeição cucos, melros e rouxinóis. Substituiria por ela as avezinhas transtornantes e obstrutivas, que,

¹⁰⁵ Em latim: um certo, um indivíduo, alguém.

segundo Gilberto Freire, pejavam também as casas dos filhos e netos de Félix Cavalcanti¹⁰⁶. Mas, contentar-se-ia o Quincas do *ersatz*¹⁰⁷ para a sua avifauna? Havia, entretanto, de fazer o mesmo efeito que os de carne e osso sem a lida de limpar a casa suja dos restos de laranja, banana e mamão, o alpiste tirado dos cochos, a água respingada do bebedouro pelos alados comedores e banhistas...

Sem falar que era em casa “um dia do juízo”, quando algum desses pássaros morria. Seria sempre o melhor aquele que se perdia... O Quincas, lastimoso, era logo tomado de insônia e falta de apetite e por muitos dias a seguir, enfronhava-se num pesar insuportável. E dava sepultura ao “bichinho”, metendo-o no papelão da caixeta escolhida, debaixo de alguma roseira... O seu temperamento, já de si pouco expansivo e hipersensível de natureza, encontrava nesses acidentes de ninharia um motivo de encolha e retorno às tendências tristes em que, habitualmente, se lhe trespassava o ânimo, ora lendo a notícia de luto no jornal, ora sabendo de algum desastre por ter visto ou lhe contarem, na repartição...

¹⁰⁶ Referência a obra prefaciada e anotada por Gilberto Freire, *Memórias de um Cavalcanti*, publicada pela Companhia Editora Nacional em 1941.

¹⁰⁷ *Ersatz*, em alemão: substituição, compensação.

11. RUMO AO BEBERIBE

Afinal, tantas foram as viagens do marido, as cenas de mágoa e as economias escoadas na aquisição e sustento dos passarinhos coligidos, que chegou a vez de Iaiá impor um termo à inocente e carinhosa vesânia do Quincas e tirar da Mariana a sobrecarga do asseio dos viveiros e gaiolas. Trocaria o contratempo a maçada da mania da passarinhada pela realização, consentida ao marido, do projeto que de muito ele acariciava, o de residir em casa própria, em algum cantinho tranquilo do Recife. Costumava ele dizer: “Viver numa arribana de taipa e sapé, mesmo num mambembe, contanto que seja nosso.” Tudo minha mãe admitiria para se ver livre daquela bicharada importuna, que impedi a limpeza e o sossego da casa, mesmo recolher-se a um buraco do subúrbio pernambucano.

Depois de tentar, com três irmãos perdulários, um comércio de tabacaria na rua do Imperador, o “Bazar Acadêmico”, que acabou embora muito afreguesado acabou fechando as portas, apesar dos hábitos de trabalho, de parcimônia e honestidade do meu pai, adquiria ele a título de boa oportunidade e a baixo do preço o terreno do Fundão, um pedaço lóbrego de areal, retalho de terra agreste e muito longe de tudo, arredado e tristíssimo, no Beberibe. Levantaria ali um casebre, que seria o teto para os seus últimos dias, e um abrigo para os filhos e netos... No oceano da existência teria acolá a angra de paz para largar o ferro da fateixa... Realizaria, por seu trono, o almejo envolvido na exigência do sábio prólogo popular de quem casa quer casa.

Quantos planos lhe revoavam na imaginação, como os da leiteira¹⁰⁸ do fabulista! Haveria de fazer daquele cantozinho um éden de laranjeiras, frutas do conde, sapotas e jasmíns... Plantaria toda a chacinha em volta. Deixaria a casca servil de inquilino. Não teria mais o atordoado da pesada importância do aluguel, todos os fins do mês. Só em cravos no jardim, atas no pomar e inhames na horta daria para fazer um patrimônio. E haveria ainda as mais fruteiras, quando crescessem. Procedia aos cálculos a lápis. Depois, os passava a limpo com a pena, apurando-os na linda letra que possuía. A sua mulher, com tão pouca fé, veria os grandes resultados. Como dois e dois são quatro... Ele alinhava as cifras,

¹⁰⁸ Trecho apagado no original; supomos que a palavra grafada seja “leiteira”, tal qual aqui incluída – referência à fábula de La Fontaine “A leiteira e a bilha de leite”, em que a moça, levando à cidade o leite para vender, põe-se a sonhar com bens futuros e acaba deixando cair a bilha e perde todo o leite – e consequentemente, vê todos os sonhos se desmancharem.

resultados da multiplicação, adição, subtração e divisão consecutivas de inteiros e frações. Vinha-lhe em socorro toda a matemática aprendida na Jaqueira. No plano mastigado das Quatro Operações, o ganho da miragem tinha relevos impressionantes. Não poderia haver engano. Eram favas contadas. Tirava a prova dos nove. Repetia muitas vezes as mesmas operações, a dança das parcelas, dos fatores, diminuendos, divisores e coeficientes... Reverificavam-se os restos, os totais, os produtos e os quocientes. Arquitetavam-se as proporções... Na sua aritmética agrícola, toda em complexos números cem covas de maniva eram tantas horas de trabalho, a tanto faziam tanto. Uma mão de milho, isto é, cinquenta espigas, a cinquenta réis produziriam... Tantas horas de carpa a tanto... E inscrevia o Quincas o resultado, ora no lado das despesas, ora dos lucros. Vendidas a tal preço e diminuídas as despesas, daria a plantada tantos mil réis... E assim se balançavam todas as safras do fecundo e dadivoso Fundão. O quintal armava-se num quincôncio de bilhetes premiados. Seria esse remanso o sossego, se não a riqueza, na pior das hipóteses, o suficiente para viver e juntar um pouco.

A minha mãe, muito viva de crítica e inteligência atilada, não escorregava na tábua ensebada dessa credulidade. E entrava com os elementos contrários a preamar de tão bons resultados. Lembrava o inesperado do custeio, os acidentes da seca, da chuva demasiada, os preços baixados, a produção reduzida pelas pragas das lagartas, da formigada, dos caracóis, das cotias e dos ratos... E quando a Mariana faltasse, adoecesse...

O meu pai, enlevado na sua rósea ilusão, sentia arrepiarem-lhe as carnes às más suposições da Iaiá. Calculava que tudo lhe ocorresse tão bem! A ducha gelada, com que ela o chamava à triste realidade mais possível, era como se lhe cortasse a respiração, o demolisse de alto a baixo. Acabava por despropositar: - Você não entende nada disto, minha mulher. A Mariana está também muito entusiasmada... Prática como é nessa vida do mato, me afirma que tudo irá muito bem... Em Cabrobó, ela sozinha plantou uma vazante, que dava tudo quanto se quisesse, somente não ganhou dinheiro porque como todo mundo tinha roça, ela não conseguia vender coisa alguma do que plantava.

- Você, Quincas, é capaz de mostrar quem se tenha arranjado com isso, no Recife?

- Que pessimismo, Iaiá! E o nosso primo Jesuíno, em Ponte de Uchôa, não tira tanto lucro da sua chácara?... E todos esses pequenos agricultores, que vem à cidade diariamente, com os seus caçuás, cambiando capim e carvão...

- Não é a mesma cousa, Quincas...

- A Mariana não conseguia escoar os seus produtos por causa da concorrência. Enquanto que nós estamos numa grande cidade, onde pouca gente se ocupa de amanho de terra e gastar tudo o que ganha com os cambiteiros, jangadeiros e balaieiros, que fornecem ao Recife tudo quanto se precisa para comer. E repetia, “não é a mesma cousa, minha Iaiá”, muito convencido de haver persuadido a mulher de quanto lhe seria fácil usufruir grandes lucros, naquele recanto tão repugnado e triste da língua de areia do Fundão.

A minha mãe consentiria finalmente na mudança da família do centro do Recife onde se fazia a experiência hortícola e jardinesca; importava somente ao excelente Quincas esta condição essencial, acabar fosse como fosse com a sua passada infre. Ter-se-iam as manhãs mais tranquilas, sem aquela barulheira de enlouquecer e sempre o medo de algum gato assanhado na caça da patativa de mais estimação, do sanhaço dos mais belos, do “bicudo” inigualável ou da prodigiosa sabiá-una...

Jean Jacques gabava-se da mãe ser ajuizada e bonita. Posso também dizer o mesmo da minha, acrescentando haver tido ela certas qualidades de caráter que, sou o primeiro a confessar, tanto me faltam. Distinguia-a, sobretudo, uma grande firmeza e coragem nas resoluções, que seu discernimento esclarecia e reforçava. Bem dessemelhante nesse sentido de meu pai, que, muito tímido e excessivamente prudente, precisava sustentar-se no vigor e na clarividência da mulher. Certa dissemelhança completou-os, dando a um o que faltava ao outro. A doçura, a inconstância, a timidez e a tolerância de Quincas temperavam o que havia de ousado, decidido e perseverante na Iaiá. Mas, a exigência e a iniciativa da Iaiá davam ao Quincas o apoio que lhe faltava na sua fraqueza de modéstia, indecisão e ceticismo. Meu pai seria de natureza intransigente e um vencido irremediável se não encontrasse à sua ilharga esse temperamento acusado e forte de minha mãe.

É sabido, que a sensibilidade de Burns, Schiller e Byron¹⁰⁹ foi resultado da influência materna. August Comte pensava que o homem devia menos ao progenitor que à progenitora. No prefácio do primeiro tomo da “Politique Positive”, afirmava ele: “Ma noble et tendre mère, que j’ai perdue depuis quatorze ans, fut réellement la première source de toutes mes qualités essentielles, non seulement de coeur, mais aussi de caractère, et même d’esprit.”¹¹⁰ Essa regra desmentiu-se no meu caso.

Tudo quanto é fraqueza de minha alma, no sentido da irresolução entre o bom e o melhor, temor e repugnância de certas situações mais conformáveis para outros, uma disposição enternecida para com os humildes, desconfiança dos homens de mais alta categoria, descrença em justos compensações, desagrado de evidências sociais, tendência pessimista, gosto do trabalho mesmo não retribuído, atração pela tranquilidade, horror a dívidas, imensa suscetibilidade às decepções, constituem-me acervo provindo da herança paterna, dele me ficou a estremecer a música, a flor e o pássaro, que em tão puro contentamento me encham o limbo das horas vagas, quando nelas me perco, aplicando-me a objetos dos quais não me possam vir senão agrado e consolação.

Da origem materna bem pouca cousa me coube. Talvez a observação nítida e essa pouca ductilidade da espinha... Altaneira, exigente e sumamente corajosa, sabendo querer e pronta em discernir, não se deixando embair facilmente, orgulhosa de bem mandar e medir, cuidadosa do rigor dos seus cálculos de vitórias, nela a compreensão da vida e suas rudes e difíceis realizações encontravam tipo digno das resistências oferecidas e dos embaraços ocorrentes. Enquanto que em meu pai, o indivíduo quando reagia às insuficiências, às contradições e às barreiras sociais dos males do seu contorno, era para se desmornar mais depressa no desânimo do espírito arrasado e previamente vencido.

Para a Iaiá, a realidade era um panorama de escolha e de combate. Para Quincas, um teatro de aceitação e conformidade. Nunca gênios tão desiguais se encontrariam presos e

¹⁰⁹ As referências a grande nomes como Robert Burns (1759-1796), poeta escocês, Friedrich Schiller (1759-1805), poeta alemão, bem como ao poeta inglês George Gordon Byron (1788-1824), mais conhecido como Lord Byron, permitem entrever uma espécie de “falsa modéstia” de Rangel: apesar de negar ao final do parágrafo que a mesma influência se aplique a ele – e que, portanto, haja algo de “grandioso” nele –, o esmero da citação diz muito a respeito da escolha desse “aparte” na narrativa.

¹¹⁰ “*Minha nobre e doce mãe, que perdi aos quatorze anos, foi realmente a primeira fonte de todas minhas qualidades essenciais, não apenas do coração, mas também do caráter e mesmo da personalidade*”.

para sempre nos elos de uma escritura nupcial. A sombra e a luz, a morte e a vida, amarrados no feixe de dois corações e duas consciências, voltados um para o norte e outro, para o sul, mas enlaçados na mesma condição e destino, ditados pelo contrato bilateral de efeitos civis e religiosos. Entre esses dois temperamentos haveria discrepâncias ocasionais? Provavelmente. No tálamo conjugal não se sabe que tudo possa ser trazido à concordância, até o ponto da fusão total, espiritual e corporal. As divergências são sempre possíveis, as concessões mútuas sempre desejáveis. Mas, quanto possa pretender ter observado, nunca vi no casal dos meus pais senão harmonia e equilíbrio estável. Eliminadas por certo entendimento recíproco, as oposições de educação ou de temperamento inclinavam-se, contudo, solucionadas no mútuo acordo, que cedo lhes sobrevinha. Demais, não são alguns chuviscos, que alcançarão fazer perder do seu ilustre e afogueio toda um esplêndida estação de estio. A aurora e o sol posto, ajuntados de obriga no decurso da mesma jornada, podem realizar, com algumas nuvenzinhas de entremeio no céu, a formosura do mesmo dia de primavera.

12. A CASA DO FUNDÃO

O meu pai, que se aperfeiçoara na caligrafia e aprendera o desenho linear no colégio da Jaqueira, dera o risco do prediozinho de telha vã no Fundão e o que lhe aparecia com a importância da casa nobre de um Suassuna ou Boa Vista, no Monteiro. E assistira o pedreiro levantá-lo do baldrame à cumeeira, fiscalizando-lhe a argamassa e as prumadas e ajudara o carpina a guarnecê-lo de vigas, de ombreiras, de janelas e de portas; e fez de vidraceiro para assentar as vidraças nos caixilhos, quando o permitia o ponto na Repartição.

Realizada a mudança da rua do Imperador e trespassada a tabacaria, estabelecemos naquele lugar tristíssimo, infértil e longínquo do Fundão, o nome estava-o dizendo, rejeitado feito um parente pobre no arrabalde pernambucano. Teria o Quincas para lembrar-lhe a antiga distração dos pássaros queridos, como resto de maior quantia, conseguido conservar meia dúzia dos melhores cantadores tolerados pela Iaiá e sobrados do seu grande rancho alado e prisioneiro, distribuído a quem mais desse.

Ali, no Fundão, vivíamos bastante isolados. Era o local tão longe de tudo! Raramente aparecia algum amigo ou parente para conversar e sentar-se à mesa, cuja toalha sempre alva, apresentava a melhor farinha, a de Muribeca, o queijo de coalho ou de manteiga mandada do sertão, o feijão de coco, a moqueca de marisco ou de siri, a cioba cozida, a frigideira de caju e bacalhau e a molheira com a jequitiaia, tudo arranjado e provido pela milagrosa Mariana.

Do lado dos Mirandas dava sinal de si no Beberibe o nosso primo segundo, o bom Luís de Oliveira Lima, conhecido mais tarde no Recife pelo “Lima Gordo”. Nas banhas rivalizaria com o irmão, o Manuel, o soporífero autor do “D. João VI”, livro que Felix Pacheco¹¹¹, anunciando-o no Jornal do Comércio, familiarmente oferecia um prêmio em dinheiro para quem o tivesse lido de cabo a rabo.

Era o Manuel lindíssimo menino e toda a família e conhecidos pasmavam da sua gabada precocidade. Haveria ele de escrever: “Era eu muito criança e ignorava que tivesse existido Vasco da Gama”. Deveria ser uma criança de peito, ou certamente uma grande

¹¹¹ Félix Pacheco (1879-1935), poeta e tradutor, destacou-se também pela carreira jornalística, que o projetou no cenário nacional. Foi o fundador e primeiro diretor do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Distrito Federal, hoje Instituto Félix Pacheco. Foi também o introdutor, no Brasil, do sistema datiloscópico.

modéstia envolver-lhe-ia a pena nessa ocasião. Com três anos, já ele sabia as ilhas principais da Oceania e as capitais das nações dos quatro continentes, em quantas partes se dividia a gramática, quem tinham sido Napoleão e Nassau, etc., etc. Por pouco seria como o sábio suíço Alberto Haller que, aos quatro anos, comentava as Sagradas Escrituras e aos doze conhecia o chaldeu, e grego e o hebreu ou então como aquele prodígio de Lubeck, citado por Afonso Taunay em “Monstros e monstregos da América”, o qual aos três meses de idade conhecia o Antigo e o Novo Testamento, aos dois anos e meio a história, a geometria, trocava língua em francês, em latim e aos três anos era notável genealogista! Devia, porém, bem¹ Nome genérico dos alicerces de alvenaria. medidas as cousas, o primo Manuel de Oliveira Lima¹¹², chegado à idade adulta, dar menos do que seria de esperar... Como tantos outros, o menino pernambucano encolhera-se na concha dos seus surpreendentes talentos de principiante e quando botou a cabeça de fora, mais tarde, viu-se não constituir uma espécie rara.

Eram ambos, o Luís e o Manuel, netos por parte materna de uma irmã de meu avô Porfírio e filhos de um português negociante, enriquecido bem depressa no comércio de tecidos e açúcar. Maníaco de asseio, costumava este lavar as mãos, desde que tivesse apertado outras, na sujeira aos cumprimentos usuais, nos encontros fortuitos de rua ou de casa... Em sua residência, no Paraná-mirim, um moleque, bem lavado e todo de branco, dedicava-se especialmente a fabricar-lhe os palitos. Rigorosas e seguidas abluções, como na lei mosaica, exigia-as o pichoso, que se adotasse um brasão escolheria por seus atributos particulares a esponja, a vassoura e o sabão. Atacá-lo-ia, não obstante, a moléstia de pele, a qual fazia dizer ao vulgo que o conhecia: “ter sido castigo de tanta limpeza”.

Homem de certa linha e reserva, esse comerciante cultivava, com os cuidados de higiene certos caprichos de razoável entendimento. O antigo deputado abolicionista e futuro diplomata e senhor de engenho, Pedro de Araújo Beltão, decidira-se casar com a sua filha mais velha. Intrigado com a duvidosa “casta” do candidato, o lusitano Lima opôs-se a esse enlace quanto pôde, justamente cioso da puridade da sua raça, pretendida esburgada e qualquer impureza. Acabou, retirando-se para Portugal, desde que o casamento se realizou,

¹¹² Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), diplomata, escritor. A ele, dedicou-se o volume 24 da revista *Remate de Males*, do departamento de Teoria Literária (IEL – UNICAMP).

precedido da cena bem romântica da tentativa do rapto da Sinhá pelo Beltrão, à frente de cavaleiros, fazendo parar a sege, na estrada da Capunga, noite alta, e a vítima pálida e arquejante recusando, com todo o juízo e à última hora, deixar-se arrebatado pela afoiteza do noivo, ajudado da camarilha dos seus amigos e conjurados...

Nas suas “Memórias”, publicadas em 1937, julgou-se o Manuel no dever de referência dispensável ao meu nome, ligando-a a juízo impropriedade sobre o livro “Dom Pedro Primeiro e a Marquesa de Santos”¹¹³, que lhe faço a justiça de acreditar não tivesse lido, tal como aconteceu comigo em relação ao seu tedioso “D. João VI”, insuportável mesmo à paciência de leitor beneditino do Capistrano de Abreu, o qual me disse uma vez a seu respeito com a costumada acridão: “O Limão é grosso, e difícil de espremer, mas o suco é nenhum...”.

Para me descarregar dos remorsos de falsa beatificação da paulista, cito o pedaço do primo Manuel, no livro de seu cavaco: “Compreende-se que se estude o papel político da Pompadour com o seu acólito Choiseul, ou a sombra depravada projetada pela Dubarry sobre a realeza francesa, ou a influência maléfica sobre o nosso primeiro reinado da Marquesa de Santos, que o Sr. Alberto Rangel quis transformar numa patriota esclarecida quando não era mais que uma cortesã venal.” Não era de muita verdade e piedade nem de muito estilo com as damas da História aquele que se intitulou, um tanto vaidosamente e por formal exclusão de “amigo dos livros”.

Nisso o Manuel deveria aparecer-se com o desembargador Ataulfo Nápoles de Paiva¹¹⁴ que, discorrendo, num salão de Botafogo, provavelmente cioso de qualquer sombra as suas produções acadêmicas, teve ocasião de referir se a esse mesmo livro, com todo o peso requerido nos seus julgados da Alta Corte: “Ora, o Alberto Rangel dizer bem da tal Marquesa!” Acharia naturalmente insuficiente o que a pobre levou para o seu tabaco, desde José Bonifácio até o Homem de Mello... Na escola do diplomata do Recife, o juiz Ataulfo, amável homônimo do rei dos Visigodos, velho querubim das salas cariocas, perdido nos

¹¹³ Referência à obra de Alberto Rangel, *Dom Pedro e a Marquesa de Santos (À vista de cartas íntimas e de outros documentos públicos e privados)*, publicada em 1916 pela Livraria Francisco Alves.

¹¹⁴ Ataulfo Nápoles de Paiva (1867-1955), magistrado, orador; foi membro da Academia Brasileira de Letras.

escovens do Trianon, e do Livro do Mérida, também tinha uma especial quizila à bela Domitila!

Nunca tendo expedido publicamente em vida opinião alguma sobre esse meu modesto trabalho, arrojou-se o primo Manuel a despachá-la, por assim dizer, nos suportes da sepultura. Bem lhe soubesse! Quando poderia tê-lo feito em vida, principalmente depois de haver exigido que eu lesse trechos inéditos desse livro a certo Ministro Plenipotenciário, parente ainda da favorita em questão e o qual conduzira à nossa casa para expô-lo aos suplícios de uma *gafe* dessa natureza.

Apesar do exemplo de Clemenceau, ajustando contas com Foch já defunto, por minha parte sei que vivos não devem querelar com mortos, mas dos mortos se exige não se agitem na prevenção e na inverdade, polemicando no Elísio¹¹⁵, farpeando do outro lado... Facilmente se discerne nesse trecho incriminado das “Memórias” de Oliveira Lima aquilo que Léon Bloy chamava “la rancune des mauvais morts”¹¹⁶.

Deixo, entretanto, a Oliveira Lima atarraxado nessa opinião das “Memórias” sobre a obra, que não merecia mesmo as honras da sua apreciação póstuma. Acho, porém, que o seguinte fato poderá interessar a bisbilhoteiros, a propósito desse juízo do anafado Manuel que, sem forças de respeitar o fiel da balança, e disparando a flecha do partia, por detrás da parede de um sepulcro, ficaria muito incomodado nos calcanhares de Têmis¹¹⁷, desrespeitada nas páginas de suas pobres revelações.

Visitando, em 1913, alguém bem próximo de nós, soube o Manuel já estar bastante adiantado o meu estudo sobre a conhecida ligação de D. Pedro I. Não pude então o adiposo primo conter-se em relação à minha escolha de tratar dos amores da cortesã paulistana. E manifestou-se, queixoso de si mesmo, neste suspiro de amor próprio: “Que pena não ter me acudido a lembrança de tão bom assunto!” Que valente tunda não teria levado a Marquesa! Não consideraria o gordanchudo parente, que as saias da concubina do primeiro Imperador, poderiam dar lugar a mais algum indiscreto, mesmo do tomo da sua rotundidade e corpanzil.

¹¹⁵ Um dos espaços do Hades, reino dos mortos na mitologia grega, associado à ideia de paraíso.

¹¹⁶ “*o ressentimento dos maus mortos*”, frase de Léon Bloy (1846-1917), romancista e ensaísta francês.

¹¹⁷ Deusa da mitologia grega, filha de Urano, responsável pela Justiça, pela Lei e Igualdade; é a deusa que auxilia Zeus a dispor com equidade a ordem no Olimpo.

Este caso está muito no gênero dos que ele gostava de solfejar, no seu péssimo estilo travado e engurgitado, metade Pinheiro Chagas do “Dicionário Popular”, metade sebenta de Coimbra.

Aliás, muito e muito nos penaliza, que o Manuel não tivesse recebido a Cruz de Santiago¹¹⁸, como tanto sentir. Talvez a condecoração lusa o tivesse tornado um tabu e adoçado tantas queixas, que teve dos homens e lhe tivesse diminuído os exageros de seus aventureiros amargos julgamentos...

O nosso homem do interior, transportando o morto na rede, costumava bater-lhe com um pau, para aliviar-se do peso no carregamento. Creio ter muito abusado desse recurso, sovando o defunto Manuel com demasiado a propósito...

¹¹⁸ Insígnia da Imperial Ordem de Sant'Iago da Espada, ordem honorífica originada a partir da ordem portuguesa homônima. Foi oficializada por D. Pedro I e manteve-se até a República, quando foi extinta.

13. AS FORMIGAS CORTADEIRAS

A pobre casucha do Fundão, saudada pelas carriças e tico-ticos da vizinhança, surgira na simplicidade dos pequenos muros passados a ocre. A harmonia, o trabalho e o sossego familiares faziam daquele teto modesto e arredado o ninho onde emplumávamos, soterrados no areal do Beberibe.

De repente, em torno de nós, à força de estrume e regas copiosas, a nesga de terra árida, esconsa e sem encanto, parecia outra. Rompiam as plantas de estima o áspero abandonado da terra. Trepadeiras ou não, em vasos ou em canteiros, afogados na sua bordadura arrelvada de grama, adornavam a estância discreta e feliz, tornando-a um cofre de olente fragrâncias, pespontado de corolas, beija-flores, abelhas e borboletas. Sobretudo os tufos dos cravos recendiam e alardeavam-se, sarjando de branco, vermelho róseo, amarelo unido rajado os arredores da cacimba, o pé dos muros de casa.

O matuto que passasse por ali tangendo o burrico, com canas, melado ou tapioca, expediria o olhar de estranheza e entusiasmo, resmungando: “Acolá há de morar com certeza algum inglês ou outra gente da estranja...” Outro diria, desconfiado no seu ceticismo de tanto êxito florístico: “Tá tudo muito bonito na casa do lorde, inté que a formiga deixe...”

Com que trabalho diurno e noturno fora realmente conseguido Flora iniciasse a sua festa de cores e aroma, nesse jardinzinho de modesto burocrata do Recife! O meu pai e a Mariana tinham transformado à força de assitência e cultura o tranquilo quintalejo do Fundão como em verdadeiro baluarte de guerra contra a ofensiva das saúvas devastadoras, que vinham em longas colunas, tais como as surpreendera nos primórdios da era cristã o poeta na sua “Ars Amatoria”¹¹⁹:

“Ut redit itque frequens longum formica per agmen.”

Por toda a parte regos e vasilhas cheias d’água procuravam preservar pé das plantas mais estimáveis. Mas bastava que uma palha ou galhinho flutuados servissem de ponte, para o exército voraz das cefalópodes viesse dos sauveiros invadir e pelar a plantação em volta, tão mal defendida com esses meios insuficientes. O que era a viçosa roseira, a fruteira graciosa ou promissiva, de repente se transformava num esqueleto de garranchos.

¹¹⁹ *Arte de Amar* (livro 1, verso 93), de Ovídio: “Como a formiga vai e volta amiúde por uma longa fila”.

Bastariam um instante de descuido, uma noite de poda. No silêncio do luar ouvia-se o barulho das mandíbulas dos insetos, trincando os brotos e os talozinhos das plantas. O Quincas acendia o archote de breu, a Mariana levava a lamparina de “óleo de carrapato” e entravam em cena a enxada, o regador e o fole com a fumaça. O desânimo por vezes apoderava-se do meu pai, que não ousava mesmo o desabafo da mais leve queixa.

- Também era assim em Serinhaém? Perguntava ele à Mariana, ansioso pela consolação, que lhe trouxesse a afirmativa do caso similar.

- Não tanto assim, dessa maneira desabrida, seu Quincas. Lá eu chegava a dar um jeito, afugentando as malvadas, mas aqui nem o Fute¹²⁰ é capaz de destroçar essa arrenegação. A praga é destemida e mais encanzinante que em qualquer outra parte. Nunca vi disso, Santo Antão! Ando mesmo o que se chama escabriada. Preferia quebrar lajeado ou tirar piaçava ou me vir a peito aberto com algum dunga do sertão, do que me haver com essa imundice... Iaiá bem que tem “rezão”...

¹²⁰ Diabo, demônio (cf. Lello, p. 1116).

14. CAIU NO POÇO

Como o aparecimento, em 1874, do meu segundo irmão, o Manuel, sucedido à Ana Olinda, nascida a 6 de fevereiro de 1873, a minha mãe arranjara, por intermédio da amiga na “Zona da Mata” uma moleca do Brejo da Madre de Deus para ajudar de ama-seca e tomar conta do recém-nascido. Os cuidados da casa eram grandes, mesmo despojada como fora daquele atropelo da passarinhada, para poder mantê-la sempre limpa e na devida ordem. E três filhos tão pequenos não davam muito tempo ao capricho da dona-de-casa e ao zelo da Mariana para ter o resto mais ou menos em regra.

Além de tudo, ainda era preciso fazer ramalhetezinhos para vender em tabuleiros, despachados diariamente para a cidade, os jasmims do Cabo, jáspeos e odorantes, os feixes de heliotrópio e resedá, estonteantes do aroma tão apreciado...

Hipóteses risonhas de tantos serões, projetos de riqueza e prazeres fáceis, seriam aniquilados de um dia para o outro pela navalha minúscula das saúvas! A minha mãe não dizia cousa alguma. As formigas prosseguiam obra niilista, do cerceio e aparadela, trincando as plantas com as suas tesourinhas de esmiuçar. Iaiá verificava o soçobro, confirmado com o resultado das suas predições de Cassandra. Em torno do lampião de “gás” alimentando a petróleo, onde ela costumava, em meio das mariposas que a luz caseira atraía, longos silênciso brotavam, inclinando e pondo vincos à testa de Iaiá. O Quincas, desprezando a flauta, que nesse tempo era de ébano forrada de latão, com treze chaves e os anéis de marfim, avinha-se na chácara com as hediondas cortadeiras...

Quando o Manuelzinho surdiu dos limbos de Increado, todo refogado nas carnes de róseo tenro, dir-se-ia só ter vindo ao mundo para assistir ao esmorecimento do Quincas e da Mariana, dedicados com todas as forças à luta com as formigas de roça, que continuava apenas por honra da firma.

As carregadeiras, com efeito, dominavam com a expedição de suas arregimentadas e incontáveis legiões, desgraçando o jardim, a horta e o vergel do Fundão. As colunas de invasão e de arraso, como as do Hitler, tinham jurado vencer, e venciam. Debalde a mulata de Serinhaém, heróica e encarniçada, se metia em calças de homem e fazia grandes covas nos brocotós da vizinhança, procurando alcançar as panelas mestras nas cidades dos sauveiros, instalados nas proximidades. Fazia fogo, enfumaçava com enxofre, resina e

cocos queimados as galerias subterrâneas dos vorazes insetos incansáveis. Recorria-se à água da cacimba ou das chuvas derramada nos olheiros principais. Os pequeninos himenópteros davam cabo da terrível energia da mestiça sertaneja e das resoluções paternas do Quincas no seu diletantismo hortícola e jardinístico. A medula do homem e da mulher capazes de tanto esforço virara água morna.

- Nunca vi, bicho tão azucrinante, repetia a Mariana, contemplando o canteiro ainda na véspera repleto de lindas folhinhas verdes. Abodega a gente demais... Daqui a pouco nem a arruda se salva...

Foi numa tarde luminosa e muito pernambucana, na mornidão lasciva dos aromáticos jardins e de suas águas de espelho, sob a arcada quieta do firmamento puro e silente na profundidade da coma áureo-azulada. A casinhola do Fundão, trepada no terracinho florido, trespassou-se de um grito de consternado transe. Ouço-o ainda estridente, no meio das minhas poucas impressões da primeira meninice. Foi como se todo o céu estalasse e fendesse. O meu pequenino coração não podia compreender e alcançar logo a imensidão da dor, que assim se anunciava naquele bramido inexprimível de uma pantera zagaiada.

Vi espantado a moleca e ama-seca do Manuelzinho correr de um lado para outro. A minha mãe, com a cabeleira solta, pois interrompera o penteado, era a imagem de Electra, desvairada, largando o toucador para vingar a morte do pai. A juba desgrenhada aumentava-lhe o trágico da atitude de desamparo, no golpe da inopinada desgraça. Tinha o branco fusco da sonâmbula, confrangida e errando no desespero de não poder despertar-se. No arrebate do paroxismo, ela procurava abraçar a mim e a minha irmã, como para defender-nos do rastro de alguma ave carniceira, do risco de alguma queda iminente, do arrebate de algum rapto de cigano... Depois que, por minha vez, perdi três dos meus filhos, compreendo, diante a lembrança de minha mãe desfeita e gritando nessa ocasião, que só se deva apreender a noção do infinito, quando nos encontramos envolvidos no ilimite de certas dores sem remédio, expressas no nosso sentimento de pais, assim ofendidos e arrasados.

A Mariana estava fora, pescando no Capiberibe. O meu pai, que nesse instante chegara da Repartição, precipitou-se através da cancela, aos saltos do maracujá mal ferido pelo tiro do caçador, disfarçado na “espera”...

O Manuelzinho, que tinha quatorze meses apenas, escapara-se dos braços da ama, e caíra na cacimba cheia, existente no meio da chácara. Vizinhos acorreram. Quando conseguiram arrepanhar do fundo o pequerrucho, era este um cadáver inchado e todo roxo, espichado na camiseta a qual lhe moldava o corpo na sépala branca, aquosa do orvalho que banhara todo o cálice da flor.

Nenhuma dor igual jamais pungiria a Iaiá. Ao pé do pequenino afogado, minha mãe tinha o ar afrontado e inconformado que Cecile Sauvage reproduziria, nos dolorosos murmúrios destes alexandrinos dedicados ao filho que ia nascer:

*“O mon fils, je tiendrai ta tête dans ma main,
Je dirai: J’ai pétri ce petit être humain...
Je dirai: J’ai donné cette flamme à ces yeux...
Je dirai: j’ai formé cette joue et ce nid
De la bouche où l’oiseau de la voix se démène;
C’est mon oeuvre, ce monde avec sa face humaine...
Et sa tête de mort, c’est moi qui l’ai sculptée.”*¹²¹

E como é na inconformidade dos vivos que a Morte faz os seus maiores estragos, sucederam-se os dias sombrios da catástrofe do menino tombado no poço. Não houve consolação de amigos, bálsamos costumados nessas ocasiões. Só são irreparáveis a Morte e todo verdadeiro amor perdido para sempre. Iaiá, acabrunhada, não teve mais força de sorrir-nos. Nos seus dias lentos nem mesmo o Quincas tinha meios de fazê-la esquecer por momento o desastre da cacimba. O drama calçara-lhe nas veias mil áscuas dolorosas. A sua razão arriscou bruxulear. Tudo ficou de luto no retiro do Fundão. A cal das paredes tomaria uma lividez particular. Tudo quanto era fruta foi melando. À estiada feneciam as flores de mais estima. A saúvada, sentindo a indiferença aos efeitos dos donos, cerrou as fileiras e atacou de todos os lados o campo defensivo da Mariana. Vinha em bolos, em esquadrões nacionais maciços, apressados, hasteando vitoriosamente nas mandíbulas a bandeira das

¹²¹ Cecile Sauvage (1883-1927), escritora francesa conhecida como “poetisa da maternidade”. Os versos aqui citados são do poema “La tête”: “Ó meu filho, eu mantereí sua cabeça em minha mão, / Eu direi: eu modelei esse pequeno ser humano... / Eu direi: eu dei a luz a esses olhos / Eu direi: eu fiz este jogo e este ninho / Da boca, onde o pássaro com a voz luta; / Esta é a minha obra, este mundo com o seu rosto humano... E seu crânio, eu é que o esculpi”.

folhazinhas cortadas. Dentro em pouco foi a rapa completa. A terra escaldou-se, esterilizou-se na sua túnica de areia infértil. O pesar e as lágrimas pela morte de Manuelzinho cobriram a casa de um pano de catafalco. Pela beirada foram crescendo os líquens e desertando as corruíras. O luto do homem e o despejo da natureza juntaram-se para tecer, no casebre do Fundão, o drama da ausência irreparável, do vazio insistente. Os antigos ornavam de ramos de cipreste a casa dos infortunados e dos culposos. No Fundão, o ramo de ipê florido de roxo poderia exprimir a mesma cousa, se as formigas o consentissem... Os poucos pássaros remanescentes na última gaiola não gorjeariam mais. Acabou por ir soltando-os um a um, sem que meu pai clamasse. E aproveitei para cavalgar a vassoura transformada em cavalo de pau para as expedições fora de casa, cabritando a apanhando ora sol ora chuva, armando e desarmando as arapucas e relas, alçapões e visgueiras com leite de jaca ou de mamaçari, que a Mariana fabricava para me divertir. Sob o signo do abandono e da tristeza, a liberdade que me deixavam era das mais apreciáveis. Ninguém gritava, correndo ao meu encalço, atazanando-me com alças de levar uma sapeca: “Menino encapetado, Carochinha, estás adivinhando passarinha verde!...”

O lugar do Fundão ficar-nos-ia para sempre dos mais lúgubres e malditos, confeioado no topo do Calvário da família e do qual, à força de minha pouca idade, pude escapar, traquinando sossegadamente no quintal...

15. NA RUA DO PAU FERRO

Foi nesse episódio do filho afogado na cacimba, que abrigou o Quincas a rifar a biboca do Fundão e nos atirou, em 1876, ou Rio de Janeiro. Nesse tempo o Rio conservava o semblante da “sonolenta, lânguida e preguiçosa capital”, que lhe achara Richard Burton. Uma delícia de cidade feita para a cura dos nervos, abrandar irritados, descansar exauridos. Ruas parasoladas de amendoeiras, com a vaca de leite e o peru gordo, oferecidos à porta.

Morava a minha avó e madrinha, desce que enviuvara, em S. Cristóvão, na rua do Pau Ferro, assim nomeada pela grande árvore leguminosa desse nome vulgar, antigamente existente na entrada da chácara da família do senador José de Alencar¹²², sita no local.

Acabara de passar a época dos azulejos, com que se revestiam tantas igrejas e mesmo as paredes das residências dos particulares. Dera-se o mesmo quanto à das conchas, de que se adornava um dos pavilhões, que ladeavam o terraço do Jardim Público e bem assim revestiam as inúmeras fontes e repuxos, bancos e bordas de alegretes nos jardins cariocas.

Ainda as encontrei, embelezando os alegretes da casa do Pau Ferro. Precisando de algum caramujo mais rosado, quando malinava no quintal, corria e descalçava-o dos murozinhos do contorno. A minha obra de demolição era decidida e apagada, fazia-se em rápidos instantes, destruindo-a aos taquinhos.

Em companhia à matrona gaúcha e suas duas filhas, algumas palmeiras-imperiais, de espiques repuxados em colunas do peristilo do templo de Karnak¹²³, no vestíbulo da chacarinha suburbana da rua do Pau Ferro. A cidade ostentava em diversos pontos esses pilares imensos, bem boleados, com alto capitel franjado e sussurrante. Filhas de outras terras, adotadas, no começo do século, pelas mãos reais de D. João VI, espalharam-se, esses vegetais portentosos, dando o seu tom altaneiro e nobrecente à parte chata da cidade, meio escondida nas enseadas areentas e intercalada nas bruscas murrarias que a oprimiam. Das fasquias das suas palmas engendrei gaiolas e alçapões de passarinho e aprendi, no torneio do seu fuste gigante, a bem apreciar a beleza da harmonia e magnificência da natureza

¹²² Referência a José Martiniano de Alencar, senador e pai do célebre escritor José de Alencar; foi uma personalidade importante na Revolução Pernambucana de 1817.

¹²³ Templo de Karnak: situado próximo à antiga Tebas, o mais rico centro religioso do antigo Egito.

quando resolve apurar-se nos seus produtos. Não quer dizer que então eu não trocasse de boamente as palmeiras-imperiais pelas macaúbas, que produziam os apreciados cocos-de-catarro...

Aconteceu que, tentando cortar feixe de fibras extra dorsais das folhas dessas palmeiras joaninas, quase decepasse toda a cabeça do polegar da mão esquerda. Arranjando-me como pude, e às escondida, estanquei a sangueira do corte. Não queria que a inabilidade e inatenção, castigadas no arteiro imprudente, fossem passíveis de recriminação... Interessante é, que em vez de culpar-me da falta de cuidado e imprevisão, na minha carpinteiragem de incipiente e travesso, atribuiu o desastre do golpe no dedo à palmeira-imperial. Da ofendida me fiz ofendido. Da causa o efeito, como era difícil a justa correlação! Liberarmo-nos dos artifícios da lógica interesseira da criança é ainda o maior problema moral do homem...

A casa da rua do Pau Ferro num só piso era grande e bem silenciosa. A minha irmã e eu seríamos suficientes para enchê-la de gritos e desordem, mas continha-nos a nossa avó, imperiosa e solene, que não admitiria qualquer coisa fora do lugar nem o berreiro dos meninos, maricas ou desenfreados, aos pulos e correrias. Não sendo consentido misturarmos com os filhos dos vizinhos, o remédio era brincarmos sozinhos. Distraíam-nos horas e horas os gafanhotos, que pulavam na relva do gramado, os caracóis grudados no muro úmido e as formigas afanadas na areia, as borboletas que se punham a borboletear entre o colunário gracioso das palmeiras.

O papagaio moleiro da casa do lado gralhava o que sabia do seu vasto repertório. Eu admirava-o com toda a alma. Falar com tanta clareza, em alto e bom som, de cousas tão elevadas, pouco comuns e distantes como o Rei, a Caça e Portugal me deixava estatelado de pasmo. A minha essência de brasileiro gozava aquele dom da palavra que, à força de não poder inovar-se repetia, no passado chamando a atenção de todos. A palavra oferecia-se-me como um verdadeiro dom de Deus, a aspiração do resto da criação, mas que fora reservada ao homem, abrindo-se somente uma honrosa exceção para os papagaios.

O que pertencera a Atélio Melhor morava numa gaiola de tartaruga, marfim e grades de prata. O luxo insólito do romano imperial não poupava mesmo rodear-se do exotismo das raras aves que lhes vinham de longe, talvez da Maustânea. O da rua do Pau Ferro

balançava-se no poleiro de uma gaiola ordinária, aberta na folha de flandres, e ninguém o chamava senão de “Papagaio Louro”, na vulgaridade de trato, que uniformemente o rebatia à classe geral dos seus congêneres no Brasil.

A questão de pertença de um papagaio, que fora ensinado “a falar com tal propriedade, que parecia pessoa humana”, dividiu as famílias dos índios tupis, segundo o padre José Costa do “Novo Orbe”, citado por Simão de Vasconcelos, na “Crônica da Companhia de Jesus”. O da rua do Pau Ferro não teria maior importância, não causaria tais dissensões.

Outro teria salvo uma aldeia, afugentado os tupis que a cercavam, engrolando a língua de desperto, conta Gandavo¹²⁴. Não era de supor que esse da rua do Pau Ferro salvasse um dia o Brasil, na garupa de Deodoro ou de Vargas.

De manhã à noite passavam e repassavam no bico do ajuruaçu carioca acerado e curvo à maneira de unha de onça, as melopeias clássicas do “Papagaio Real que vem de Portugal”, do “Papagaio louro do bico dourado” e do “Parrudo! Parrudo! Ecô...” alterados, entretanto, na primitiva e usual composição, da clássica lenga-lenga.

Deformara-as, com efeito, a fantasia sarcástica do dono da ave, que devia ser um nativista exaltado, herdeiro, provavelmente, dos ódios do pai, veterano das guerras da Independência, o qual assim ensinara do bicharoco repetidor o palreiro:

Papagaio Real
Que vem de Portugal
- Não voltarás, meu louro?
- Preferia a desgraça
Dantes morrer na caça.
- Dê cá o pé, oh! Meu Louro
- Não me peças outra vez,
Se tu fores português,
Ferro-te o bico no couro!
Papagaio louro
De bico dourado,

¹²⁴ Pero de Magalhães Gândavo (?-1579): cronista português.

*O jaleco roto,
O botão quebrado...
Parrudo! Parrudo!
Ecô...
Pega o portuga,
Caçador!*

Remataria as alusões de guerra ao lusíada a quadra conhecida, que trazia em si a colaboração anônima e geral da nossa birra contra o reino, mesmo depois da Independência:

*“Papagaio imperial
Na c’roa traz o sinal:
Tudo, tudo do Brasil,
Nada tem de Portugal.”*

Públio Papínio Estácio cantou esse papagaio de Atélio Melior. Chamou-o de “verde e brilhante soberano das plagas da Aurora”. Perfumavam-no com o amomo da Assíria, o bálsamo da Arábia e o açafraão da Sicília. O poeta não lhe poupa as apóstrofes carinhosas: “Psittace, dux volucrum...”.¹²⁵

Minha simpatia e admiração pelo da rua do Pau Ferro não me dava forças para festejá-lo à moda de Estácio, engrinaldando-o nas apóstrofes de uma silva poética. Mas, não contente de ouvir o papagaio, eu trepava numa pedra, a fim de poder por cima da cerca observá-lo melhor, dandinando-se na sua casaca verde e amarela, roendo o milho do comedouro de lata. Dessa minha frequência à contemplação do psitaco só haveria sérias vantagens: ficar quieto, não me disputar com a irmã, deixar tranquilos os caramujos o mais bichozinhos do jardim...

C. Castelo Branco fez escrever a um de seus personagens: “Ao outro dia, fui a Benfica. Vi o papagaio, que saltou da gaiola ao peitoril da varanda, quando eu passava disse: *Tó carocha*¹²⁶!”. Dando-se por tolo, não lhe fez grande moossa esse chamado. Ora,

¹²⁵ “*Ó Papagaio, rei dos alados*”. Trecho de *Silvae* (livro II, IV, 1), obra do poeta romano Públio Papínio Estácio (45-96).

¹²⁶ Expressão portuguesa usada para espantar, afastar; carocha também é sinônimo de feiticeira, bruxa.

uma ocasião, o papagaio “ensinado” da rua Pau Ferro achou oportuno acordar os ecos do quintal com esta frase ludibriosa que parecia dirigida diretamente a minha pessoinha: “Espião da pedra! Espião da pedra!” Esse papagaio, diferentemente do de Humboldt, não falava a língua dos Aturés, mas essa língua nacional com que disfarçamos o gosto de alterar o materno português, acreditando completar o grito do Ipiranga aos ponta pés na sintaxe e na ortografia.

Na inconsciência de suas falas, bem poderia o juruaçu receber o castigo que aconteceu um dia àquele de que contava o padre Costa Brito, professor do colégio S. Sebastião: Um mestre de sumaca possuía um papagaio que sempre repetia: “Não há perigo”. Um belo dia o barco veio a naufragar. Ora mergulhando, ora vindo à tona, a ave rejeitada às ondas encapeladas gritava: “Não há perigo”, e nessa convicção ninguém acorreria a salvar a ave acidentada.

Seria por acaso essa de S. Cristóvão tão sabida quanto o papagaio “Yaco” de Jacques Blainville, o qual pertenceu à princesa de Joinville e foi notável por seu pessimismo político ou tão imprudente, como o que foi estrangulado em Paris, em 1793, por ter sido considerado sedicioso o seu recitativo:

“O Richard!

*L’univers l’abandonné.”*¹²⁷

Rivalizaria com o que respondia a tudo quanto se lhe perguntasse e sendo conservado por Maurício de Nassau, citado nas memórias do estadista inglês W. Temple, aparece no “Ensaio do Entendimento Humano” por Locke, para esclarecer o que é identidade e a diversidade? Concorreria com aquele, que aplaudia a tocata de Paderewski¹²⁸, engrelando “ach jah jest Dobre!” que quer dizer em polaco “Ah! meu Deus como é belo!” Ou pediria moças ao que pertencera a um marinheiro, tio do vice-almirante da armada inglesa Guy Royle? Desse último se diz tanto recitava o “Padre Nosso”, como a lista de injúrias as mais rebarbativas, as quais despejava no próprio dono. Para agravar o caso, o bicho tomava o tom de voz da mulher do mísero almirante!

¹²⁷ “*O Richard! O universo o abandonou!*”.

¹²⁸ Ignacy Jan Paderewski (1860-1941), pianista e compositor polaco, defensor da causa nacionalista na Polônia.

Do Quaresma narra-se haver ensinado a um papagaio a ladainha de Nossa Senhora. E que havendo o pássaro fugido, tempos depois passava no céu o bando dos outra de sua espécie, que repetiam em coro *Ora pro nobis*¹²⁹. Tinham aprendido a reza popular que lhes ensinara o do Quaresma! De outro, rival dessas aves tagarelas e mais ou menos autênticas, sei também de um que, sendo incomodado pelo caixeirinho da padaria carioca, o qual achava meio de mexer com o passaroco todas as vezes que passava por perto dele, de repente começara a saudar o garoto com este refrigerante e vindicativo: “Maluco do pão! maluco do pão!”

Outra anedota conta-se, emprestando o raciocínio a esse gênero de brutos: no sítio Gameleira, município de Flores, Pernambuco, o papagaio de um sertanejo tratava ao dono de “Meu pai”. Alguém que o ouvira repetidas vezes gritar: “Oh! Meu pai!” interpôs-se, dizendo “Teu pai, a onça comeu”. E o intervindo plumado respondera: “Vai mentir no inferno, desgraçado”.

O da rua Pau Ferro considerava-o já meu amigo. Permanecia sempre tão próximo e via-o todos os dias, sempre o mesmo, prestando-se sempre a admirá-lo! Felizmente tão descuidada me corria a existência que não me seria dado dirigir-lhe entre dois suspiros a quadrinha portuguesa:

*“Papagaio, pena verde,
Empresta-me o teu vestido.
Os teus vertidos são penas,
Em penas ando vestido.”*

Porque fosse tão criança, e sem poder adivinhar as penas a que me vira a sujeitar e não seria possível enumerá-las e distingui-las mais, como ousaria esse trocadilho, que nem hoje a ortografia oficial mais distingue e respeita!

Marcial¹³⁰ fala-nos de um papagaio, que só por si conseguira saudar a César. Não é de crer que esse da rua do Pau Ferro me tratasse de espia por sua própria iniciativa. Aquele seria sermão encomendado

¹²⁹ “*Orai por nós*”, parte da oração da Ave Maria.

¹³⁰ Marcos Valério Marcial (40?-82), poeta latino, célebre por seus epigramas.

Mas provavelmente, de tanto ouvir referirem-se ao espectador da pedra, empoleirado no tapume do vizinho, o indiscreto aprendera com os patrões a pronunciar a alusão que me concernia: “Espião da pedra.” Desde esse dia, em que fui por tal forma distinguido, descia eu para sempre do meu observatório de cândido e contemplativo entusiasmo pelo “falador”. Curar-me-ia da tendência a maravilhar-me por aqueles, que falando pelos cotovelos, repetem tudo quanto ouvem, vexando a uns e importunando a outros...

16. DONA SEMÍRAMIS

Em 1876, comecei, para aprender a “ler, escrever e contar”, a frequentar no Rio de Janeiro, uma escola vizinha de casa e no porão da qual havia uma montanha de rolhas de cortiça de todos os tamanhos, com as quais a professora ameaçava arrolhar-nos para obter dos mais grulhas o devido silêncio. Eu morria de enfado e displicência, apurando-me nos “pauzinhos” do primeiro caderno de Adler. O menininho, mau calígrafo, não tinha nascido para o desenho micrográfico de um Boulanger. Bastaria à mísera senhora a bulha inevitável e papagueada da recitação coral do silabário, para que nos calássemos em outras ocasiões.

Aprendíamos na “cartilha de ABC”, onde se explorava como método a sugestão correlativa entre os elementos do alfabeto e certos objetos conhecidos, desenhados frente a frente das letras a distinguir e reter. Sessenta e cinco anos passados, ainda me subsistem os termos da cadeia de binômios, martelados em comum no cérebro da gurisada revel: “A - árvore, B - besta, C - cesta, D - dado, E - espelho, F - fogareiro...” O trabalho do crila seria separar isto daquilo, obter a letra purificada no símbolo de sua representação gráfica, sem o trambolho dispensado da figura apostada lateralmente para os efeitos da pronúncia adequada.

A mestra usava uma saia verde estampada, que nos impressionava bastante. Quando se sentava não tinha que ver a planta crassa, com a flor bem feiazinha na ponta da haste. De fraca estátua e coberta de rugas precoces, era o retrato da moça que, fechada no horizonte limitado e repetido de corretora e guia de seus aprendizes, nada mais concebe nem espera. A pobre mulherzinha, com os arrufos e cheganças de uma galinha choca, punha em prova a paciência de anjo, trazendo ao calor de suas asas a ninhada inquieta e piolhenta. A pena de escrever, enfiava-se-lhe no cocó, anunciando o atributo da profissão num espigão apropriado. Dava-se ao luxo de usar nas orelhas duas bichas falsas e no colo o broche em mosaico que deveria representar as ruínas do Coliseu. Como estas iriam bem sobre o seu pouco viço de solteirona que ficou para tia!

Muito maternal, menos quando se excedia nos maus momentos de irritada sem motivo, agitava no ar uma tabica ou nos fazia beijar o laço de fita cor-de-rosa, que engravatava a palmatória de braúna, pendurada funebremente no prego da parede. Nos momentos mais necessários, a boa mestra nos assaltava experimentando frequentemente a resistência do tampo da cabeça com os nós dos dedos magros, dobrados na mão fechada e

percutente para o cocorote, com que nos martelava a cabeleira. Seria como se tentasse abrir os nossos craniozinhos com o coque ou chamar o que de melhor pudesse acudir lá de dentro, quando ela assim batesse às marteladas, no sinciput¹³¹. O seu prestígio pedagógico era real em meio à pequenada, independentemente da hedionda férula, a “Santa Luzia”, de cinco buracos, posta um tanto impropriamente logo abaixo da imagem de São José, carregado de seus lírios simbólicos; ficando entretanto muito abalado, depois que um de nós a surpreendera, fumando às ocultas o charuto de vintém.

Abusava um pouco do seu castigo predileto, pôr-nos à feição das estátuas, no estrado que ocupava. Ela ajeitava a posição que mais lhe comprazia no momento. Tinha nisso os cuidados do artista inspirado, arranjando o modelo que lhe excitasse a cópia. A mão mais alta, o braço mais ou menos encurvado... Parecia inventar para seu uso exclusivo a galeria imitada do museu dos Uffizi, do Louvre ou do Museu Britânico. Dir-se-ia modelar rispidamente as grandes figuras clássicas, o Apolo do Belvedere, o Escriba acorçado, a Minerva Criselefantina de Simart¹³², para a reprodução dos seus endemoninhados discípulos, transformados em figuras acadêmicas de gesso num salão de Belas Artes.

Quanto apreciávamos a mestra, sobretudo, ao descer ela da mesa para receber o pão do padeiro ou a carta do carteiro, ou quando nos mandava buscar o jornal da véspera na casa do vizinho!... Dava-nos pausa aos cuidados e exigências professorais! Não era extraordinário que algumas vezes um de nós levantasse os dedos, estalando-os numa castanhola e interrompesse a tabuada ou o silabário por motivo de precipitosa urgência: “... fessora! Estão chamando pela Senhora, no portão.” Muitas vezes não era verdade. Adequávamos ao pretexto em falso a escusa apropriada. E ela, acreditando na nossa intenção de bem, servi-la, aceitava a desculpa, exonerando-nos de qualquer aborrecimento com a fraude ou a ilusão propositais...

Frequentemente arranjávamos também um descanso, levantando o braço à romana para reclamar certa necessidade de mais pressa. Nunca viagem alguma pareceu mais maravilhosa que o salto excepcional do banco da aula à “casinha” de madeira, bem no

¹³¹ Substantivo latino que designa a parte frontal da cabeça, ou ainda, a cabeça em si.

¹³² O *Apolo Belvedere*. escultura grega atribuída a Leocares, em 300 a.C., que representaria a perfeição estética dos europeus.

fundo do quintal da escola, tão bem situada, para os efeitos da desodorização, entre a murteira e o pé de manacá floridos. Tudo, com efeito, nos interessava no caminho, o besourinho dourado, a formiga com o taco de folha por chapéu ou estandarte, o emboá enrolado, o caracol medroso... Era-nos galardão variado o sapoti, o jambo amarelo ou a carambola caídos, a pitanga madura escondida no galo, o seixo vidrento semi-oculto na areia. Trabalhávamos ainda assim, nesse interregno de vadiação, no cálculo e na tabuada, contando os minutos e segundos para que a professora não desconfiasse da demora...

Nunca se poderia imaginar como ela se chamava. Ah! Essa questão de nomes nas mulheres... Conheci no Baixo-Amazonas, um sujeito que obrigava todas as afilhadas a chamarem-se Prudência. Para reforçar o êxito desse capricho, oferecia uma nota de cinquenta mil réis para o enxoval de batismo da desvalida e apadrinhada. Para ele, solteirão incapacíssimo de escolher uma afeição, só esse nome devia caber aos indivíduos do sexo feminino, os únicos seres realmente sujeitos ao menor descuido de sua escolha ou aflição. Encher-se-ia o mundo de Prudências, observava ele, assim talvez viessem a ficar, mais livres dos atentados que vitimam as desprevinidas pela pouca atenção aos males e perigos que as rodeiam... O seu nome lembrar-lhes-ia a precaução que as protegesse e resguardasse desde a pia batismal.

Nomeava-se a boa senhora e mestra primária Dona Semíramis. Como o nome peregrino e proparoxítono era bem difícil de pronunciar, a tratávamos de Dona Semira. Acabado o trabalho de decomposição glótica, não custou muito a dinâmica da recomposição, tão generalizada e consentânea como a da mutilação anterior. Ficaria para todos os efeitos conhecida e tratada era por uns D. Zulmira ora por outros D. Casemira, de nome mais conhecida, adequada, e frequente.

Tiquinho era o menino preferido pela simpatia da professora. Talvez fosse seu parente ou filho de algum comendador rico ou político influente. Chamava-se realmente Antônio de tal. O pai era o único que o chamava de Tatão e a mãe de Totó. De tanto os amigos, conhecidos e colegas o tratarem de Antonico e Antoniquinho ficou por uma aférese, seguida de uma síncope, Tiquinho, para uso de todos. Nisso copiava as alterações infringidas ao nome de sua protetora, D. Semíramis, o qual, como acabamos de ver, sofrera transformações equipolentes.

Um cara de fuinha nova e todo melado de banha de cheiro, só pensando em brincar de cobra-cega e quatro-cantos, esse predileto da professora. E sempre metido em roupas finas, com colarinho de rendas e avental de quadrinhos, dispendo ainda por cima de um lindo bilboquê. O lambisgoia tinha todas as facilidades. Querendo em plena aula levantar-se, fechar o livro, acabar de escrever, ir sapecar no quintal, não estava nem por uma nem por duas. D. Semíramis sempre se achava de costas quando ele fazia caretas, sujava de tinta e beliscava o companheiro, ou distraída com outra cousa quando ele errava na lição.

Uma vez ela, para nos dar um susto nos “pauzinhos” e na tabuada, pôs em concurso o que desejaríamos ser. Os que respondessem melhor teriam direito a uma torcida de puxa-puxa, ou a um pedaço de sambongo. Tinha os que pretendiam as dragonas de general, adivinhando todas as vantagens a recolher na patente desse último posto militar, tão proliferado, acariciado e aproveitado na república brasileira.

Candidataram-se alguns ao título de Senador do Império, de Conselheiro de Estado, presidente do Banco do Brasil, chefe de polícia e aos bordados de almirante. Um chegou a almejar o trono do Imperador, exagerando seus préstimos e desejos. Contudo ninguém aspirou a ser meirinho ou Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. Não deixaria de notar, que seriam os mais velhos e espertos os sedentos das mais altas posições. Outros cifravam toda ambição em ser dono de confeitaria, cocheiro de carro, condutor de maxambomba, palhaço de circo de cavalinhos. Os que não iam muito além ou muito aquém entendiam fazer-se fazendeiros, médicos, advogados, jornalistas... A poeta ninguém pretendeu, por ter vergonha de dizer. Depois de 1889, essa escolha e consulta plebiscitária da meninada da escola perderia a novidade de seu interesse individualítico, todos os pirralhos quereriam ser Presidente da República.

Na minha idade de então, meus perdidos e sorridentes cinco anos, Marat¹³³ queria ser mestre-escola. Chegando a minha vez de submeter-me ao inquérito de Dona Semíramis, respondi-lhe da seguinte forma, bastante inocente e convencida: “Contentava-me de ser protegido e feliz como Tiquinho...” Como se diz nos autos de interrogatórios dos réus: - E

¹³³ Jean-Paul Marat (1743-1793), revolucionário francês, que morreu apunhalado por um contra-revolucionário durante o banho. A cena foi imortalizada no quadro "Morte de Marat", de Jacques-Louis David (1748-1825).

nada mais lhe foi pedido nem perguntado. D. Semíramis é que ficaria de todas as cores, logo recomeçando o seu esganiçado bê-a-bá.

Das mãos dessa pacientíssima senhora saí um tanto rapidamente pronto na ciência dos segredos e combinações das vinte e seis letras do alfabeto. Pelo menos, dos seus primeiros arranjos e decifrações. Do caminho aperreado e cheio de urzes do soletreiro, da caligrafia do bastardo e mais do bastardinho, fui-me vendo aos saltos progressivos do caminheiro, cada vez mais apressado e volante para receber e compreender o recado, oculto na trama a da escrita ou do impresso em que intencionalmente o tinham registrado para o meu embaraço.

Não podia ainda tomar notas das despesas de casa no “Caderno de Venda”, mas já muito senhor de mim alcançava ler seguido e por cima no meu livro de leitura:

*“Quando eu era pequenino
E nem sabia falar,
Minha mãe já me ensinava
Ao Deus do céu adorar.”*

Grande preocupação foi assinar o meu nome, procurando a garatuja apropriada a envolver a firma da rubrica, tipificando-a num jamegão roçagado e vistoso. A santa mulher conseguiu enfim desintegrar-se da massa analfabeta da minha terra! Benemérita de truz, a Dona Semíramis! Instrutora dos povos! Porta-candeia em meio das nossas trevas mais espessas! Mais um futuro cidadão consciente, instruído onde lhe aprouvesse ler a notícia ou o tropo que o turbasse e o enganasse, despojando-o da confusão com a fresca e espontânea claridade de quem, só por si, seja capaz de aprender e bem julgar...

Estaria, pois, preparado para acompanhar o que dissessem as “folhas” e ser alistado no eleitorado do Império, quando fosse maior. Desses dois proveitos não tiraria maior resultado; mas isso não seria a culpa de boa mestra de São Cristóvão, nem dos bons piparotes de sua cândida e habitual repreensão a tudo quanto fosse borrão ou silabada...

17. CUCAS & PAPÕES

Nunca fui, na meninice, dos mais anemiados por essas intrusões familiares do medo, com as quais habitualmente se enfraquece a criança brasileira, enchendo-lhe a cabaça de caraminholas, a título de a distrair e disciplinar, desde o pavor dos ciganos e a repugnância aos judeus, o que parece mais razoável, até o terror de bruxas, chibambas, “pisadeiras”, tutus, cucas e papões, invisíveis e sempre presentes.

Em confissões e outros relatos de “Minha vida de menina”, Helena Morley¹³⁴ dá conta dos suplícios a que a sujeitaram as crendices vulgares na cidade e na roça: “O que sofri de menina com medo do inferno e histórias de almas do outro mundo, lobisomem, mula sem cabeça, que as negras contavam, não desejo que outras sofram”. Em geral se introduziam esses péssimos elementos de educação doméstica pela influência de nossa famulagem pronta a recorrer à colaboração de outro mundo, para suscitar um entretenimento ou romper certas dificuldades de intimidação sobre o caráter mais vivo, caprichoso ou resistente das crias e pequenos de casa.

A Mariana, com o seu despacho e independência característicos e os quais lhe fundamentavam a altivez pouco propícia a vãos temores, não era muito amiga dessa prática de recursos sobrenatural. Ela era bastante amiga do “pão - pão, queijo - queijo”, para apegar-se seriamente à interceptação de curumbas e outras fantasmagorias.

Isso não lhe convinha ao espírito atilado e realista. Dizia ele sempre que podia: “Abusão e defunto não são meu assunto”, sem contudo desprezar por vezes a alusão a certos seres de poderes ocultos mais comuns mais indetermináveis.

Seria, pois, de mim mesmo que buscava povoar os contornos obscuros do eu com esses continentes de terror, que parecem indispensáveis à constituição moral e primitiva do homem. Já crescidote, dividi o mundo na parte visível e na invisível. A primeira operação filosófica do nosso espírito evoluído, depois que se liberta do exclusivismo alimentar, seria criar o universo incógnito, concilia-lo com o existente, orná-lo de tudo quanto nos apraz, fornecê-lo de habitantes clássicos e folclóricos, sempre prontos a acudir aos reclamos e impulsos da nossa imaginação tão limitada e superpovoada.

¹³⁴ Memórias de Helena Morley, pseudônimo da autora Alice Dayrell Brant (1880-1970), publicadas pela primeira vez em 1942.

À necessidade das intervenções, no campo da nossa impotência ou indecisão, sempre acodem as cousas e personagens do outro mundo. Ao homem a feroz realidade, que o rodeia, suscita-lhe todas as dúvidas, todas as revoltas, exige que não o abandonem, fá-lo escravo de suspeitas e terrores. E daí a necessidade dos contos da Carocha, o mistério da concorrência íntima do quimérico e do impossível, personalizados nesses tipos de apoio e de escarmento, sobrevivendo na sombra ou meia luz de certos momentos de pânico e fraqueza. Toda meninice se balança, despertada na ronda inquieta dos sonhos que a prolongam. Absolve, modela, registra e compõe o conjunto de seres que, de uma ou de outra forma, se incorporam à luta real, a que virá tarde, despida de maiores intervenções entremeadas de sofrimento e esperanças, dando-nos calafrios à espinha, impedindo-nos de recuar ou de friamente avançar... Antecipando os seus dias de tremor e covardia, o infante tudo pede e tudo crê, faz a aprendizagem do bem e do mal, do perigoso e do inofensivo, adotando os personagens do seu drama futuro, esboçando no albor da personalidade tímida e visionária. Inclinado a devoções exageradas e a receios dominadores, ele organiza o teatro em que se debate e se oprime, impedido pelos reflexos da própria consciência que se tateia.

Uma vez, recém-chegados de Pernambuco, estávamos de visita ao conselheiro Godoy. Enquanto os mais velhos conversavam, os menores espantavam as larvas do sono, pedindo aos brincos da nossa infância os meios mais apropriados para esse efeito. Cansados dos beliscos na pinha das mãos do carapinhé, púnhamos sobre a mesa as mãos de dorso para cima e de maneira contígua para que entre os dedos expostos em leque passasse em rápida transição o anular do outro. Acompanhava a manobra a recitação da lenga-lenga, regulando as condições da brincadeira, que consistia em não se enganar na marcha do indicador saltitado entre os dedos esparramados: “Belisquinho de pintainho, que anda pela barra de vinte e cinco, gorra, mingorra, que fique forra!”.

Ora brincávamos de esconder, com os filhos do padrinho, espremendo-nos atrás das portas, nos recantos dos aposentos mais interiores. Quando as correrias se faziam com mais bulha e atropelo, a dona da casa chamava-nos para junto do piano. Juntava-nos no recreativo acompanhamento dos descantes mais em voga, batucados com paciente propósito:

“Eu vi uma baratinha

*No capote de Ioiô
Maria Cachucha
Com quem dormes tu
Garibaldi foi à missa
Num cavalo sem espora
O cavalo deu um pulo
Garibaldi saltou fora.”*

Dentre essa cantoria e música chula a martelada não escapava a quadrinha coxa e sandejada:

*“Pirulito que bate que bate
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu!”*

O indefectível e não menos insosso “Vem cá Bitu” não falhava à coleção:

*“Vem cá Bitu! Vem cá,
Vem cá, vem cá, vem cá,
Não vou lá, não vou lá,
Tenho medo de apanhá...”*

Apaziguadas as crianças com essa apropositada intervenção musical, pôde a palestra dos mais idosos seguir os seus trâmites, prolongando a amistosa seroada no comentário de aparições e fenômenos ligados ao mau assombro de certos edifícios abandonados por tal motivo. Citavam-se fatos, apontavam-se pessoas. Descreviam-se os incidentes, cortinas que pegavam fogo, objetos que se removiam por si mesmos, relógios que paravam, gemidos ou estalidos suspicazes que se repetiam nos móveis e nos lugares mais interiores da casa. Uns negavam, outros confirmavam, aduzindo circunstâncias e o valor dos testemunhos. Os menores presentes sacudiam o sono para seguir as estranhas informações, que sobremodo os interessavam.

Por minha parte, não pestanejava mais, devorando a menor sílaba proferida no correr das narrações sobre esse mundo de terrores, surpreendente e impalpável. As palavras pronunciadas ganhavam de ressonância e nitidez particulares, referindo aqueles fenômenos

extraordinários. Alguns de nós, mais pequenos, instintivamente se tinham aproximado das saias das senhoras. A moleca de servir esbugalhava os olhos nos umbrais da copa, atenta ao relato daquela maravilhas e terrores.

O tombo de um objeto mal colocado no bufete dera-nos um sobressalto especial, fizera-nos correr gelo na espinha, apesar das risadas suscitadas pelo efeito da queda inesperada. Os maiores divertiam-se, percebendo o que havia de terrível para nós nesses casos citados na palestra noturna da casa do padrinho.

Quando, porém, nos viram laivados de branco, as pupilas dilatadas, presos a uma atenção absoluta, inacostumada naquela hora de recolher, fulminaram-nos de galhofas, procurando chamar-nos à calma, tentando passar a esponja no assunto e desdizerem-se para tirar-nos daquele estado de temor e hebetismo.

Foi quando a minha mãe, bastante enérgica e realista, inimiga de fábula e superstições, se lembrou de citar-me como exemplo de indiferença a esses receios sem razão. Iria eu demonstrá-lo, tirando a prova de quanto seria o filho insensível a patranhas e à credence larvaria de negros e caboclos...

- Vocês vão ver, como o meu Alberto é capaz de ir no escuto à sala de visitas buscar o novelo de linha de concertar meias que deixei, está tarde, em cima do dunquerque, junto da janela... A proposta da boa e querida Iaiá quase me deu um chilique, de tal modo deveria repugnar-me essa experiência demonstrativa, quando me achava ainda todo submetido às emoções de há pouco, ouvindo o que se contava de tão abstrusos acontecimentos de fantasmas e forças desconhecidas, perpassadas no escuro.

Que prova terrível às minhas poucas disposições de bravura ou indiferença perante as revelações metafísicas! O pior é que, por todos os motivos, não me seria lícito recusar o convite materno. Como constranger a Iaiá, entregue à confiança total no suposto denodo do seu mofino morgado?

Resolvia-me todo do direito para o avesso, pensando que não me seria possível fugir dessa entaladela. Sentia os olhares de todos, velhos e meninos, voltados para mim, duvidosos que cumprisse a demonstração exigida do meu imaginário sangue frio. Os olhos da copeira, espremida e medrosa no canto da copa, refletiam-se no espelho, aumentados na curiosidade de ver o sinhozinho haver-se com a tremendíssima empresa de fazer toda essa

atribulada viagem de ida e volta, sem uma vela ao menos, da mesa de jantar ao piano do salão! Os outros pequenos sorriam dos meus apuros, desencolhidos e mais a gosto, por ter recolhido em outro a escolha da vítima do terrível ensaio e prova de coragem.

Não vi, afinal, como oferecer embargos à experiência, assinalada às honras do meu festejável amor próprio. Modestamente protestando, com os meus lábios trêmulos e desmaiados, possuir a energia que se me reclamara, decidi-me a trazer o novelo de cima do dunquerque. Tomei ares do sonâmbulo, marchando na beira de um telhado. O corredor, ladeado de alcovas, que levava ao salão parecia interminável e lançado nos mistérios de uma caverna sepulcral. Apressando os passos para encurtar o prazo ao lance arriscado, perseguiam-me outros passos estranhos atrás de mim.

Fosforeavam luzes esquivas nos consolos e cantoneiras. Sombras incertas perpassavam no encosto das poltronas. Latejavam-me as artérias. O coraçãozinho do valoroso saltava! Vi-me deglutido pela boca aberta nas costas do Quibungo¹³⁵ monstruoso. Cheguei a fechar os olhos, procurando guiar-me pelas mãos geladas. Como “Poil de Carotte”, de Jules Renard¹³⁶, mandado fechar o galinheiro, eu me pus a tremer, com os calcanhares plantados na treva. Que sensação estranha ao encostar na quina do armário em palissandro do piano! E quando o esbarro involuntário punha uma cadeira fora do lugar, esse choque crispava-me os nervos de todo corpo isso que mais forte do que o monumento de vaidade que se erigia em mim diante a possibilidade de satisfazer a minha mãe, honrá-la e ufaná-la com essa expedição às trevas da sala de visitas, onde por detrás das cortinas ou das costas do sofá tantos seres estranhos me espiavam a audácia... Alcançado por fim o mármore do consolo, por engano os meus dedos chegados a uma estatueta vizinha, recolheram-se como se tivessem encontrado uma brasa inesperada.

Com que dificuldade encontrei o novelo indicado, esforçando-me não me escapasse das unhas trêmulas e pouco seguras!

¹³⁵ Ente fabuloso do mito afro-brasileiro, trazido pelos bantos e popularizado na literatura oral [ser fantástico, meio homem, meio animal, de cabeça enorme e um buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta]; por extensão, também poderia ser o lobisomem (vide Dicionário Houaiss).

¹³⁶ Jules Renard (1864-1910), escritor francês, famoso pelos livros *Poil de Carotte* (1894) e *Les Histoires Naturelles* (1896).

O salão de visitas forrava-se da espessa escuridade, de onde surgia população conflagrada de monstros e duendes, os quais me estendiam os braços num enlace todo agressivo. Dei volta rápida, fugindo a todo esse mundo de horrores. Na ponta dos pés e aos saltos, ganhei de novo o corredor, na ponta do qual radiava a salvaguarda da luz, na sala de jantar.

Restituído à companhia dos circunstantes, voltando da sala de visitas, fui logo considerado um rapaz extraordinário, já homem no siso e decisão... Os olhos da Iaiá tremeluziam, toda ela feliz de mostrar de que massa se fazia o indômito rebento.

Beijeii ainda todo palpitante a face rósea e regozijada e atirei-lhe no colo o rancho sinistro do Velho-do-Surrão, dos cucas e cafutes, arrepiantes, furtivos, desproporcionados e maléficis, rejeitados da carga de credulidade peculiar às raças misturadas à constituição da minha insignificante e temida pessoinha, perdida no salão do Doutor Godoy. Rezei a todos os santos do céu para que não se exigisse nova busca do mesmo gênero. Mesmo impelido a escolher entre a cruz e a caldeirinha, não renovaria a façanha. Decidida que fosse a segunda experiência, estava resolvido a renegar a falsa láurea de animoso, ganha na primavera...

18. A OTITE E AS “SENHORAS DO PORÉM”

As dores de ouvido, de que eu então sofria, passariam com um pouco de glicerina morna e fenicada. Preferia-se, porém, alguma cousa que aplicada como tópico parecesse mais raro e extraordinário. Para curar a epilepsia não foi aconselhado na antiguidade beber água da chuva em crânio humano? Ao emprego de certas expressões corpóreas não se atribuíam tantos bens e tantos males? O conde da Ribeira, que foi embaixador de Portugal em Paris, durante as febres malignas que grassaram em Lisboa, em fins de 1723, sofreu do mal da garganta e do peito em que morreu abafado. Conta um tal Merveilleux, que lhe fora receitado excremento humano seco e pulverizado, e que: “cette poudre luy a volatilisé le sang en un point qu’on a veu plus goutte à son mal.”¹³⁷ Os antigos romanos aconselhavam para esse mal dos ouvidos, além de vermes vermelhos triturados em óleo quente, o suco destilado dos ramos de freixo e o óleo de violeta, e o emprego da urina de moça virgem. Como reminiscência desse medicamento, lembro a súplica da negra velha de nossa vizinhança, que, entre duas baforadas do seu cachimbo de barro e taquari, dizia uma vez por outra a um dos meus sobrinhos ainda bem pequeno: “Feitiço de sinhozinho, mija aqui na perna inchada da tia Balbina. “Era para o menino curar-lhe o dodói da erisipela.

Além do óleo de arruda, o leite de mulher seria para a otite extrema um “remédio santo”. Os índios do Maranhão, segundo Frei Ivo d’Evreux, misturavam-no ao sangue de tartaruga para esse mesmo efeito. Poderia atribuir-se a cousas bem piores os efeitos do milagroso lenitivo. A lagartixa viva, aberta pelo meio e aplicada no pescoço, acabava com a inflamação de garganta. Mosca frita fazia nascer cabelos. O morcego posto na mão da molequinha ladra obrigá-la-ia a confessar o delito, que se lhe atribuía tantas vezes em falso, o roubo do anel ou a lambiscada no doce...

A esposa do meu padrinho, conselheiro José Leandro de Godoy e Vasconcelos, encarregara-se de acudir à pungência que me desesperava. Eu dobrava a cabeça no colo abençoado e logo vinham do seio alvo túmido e balsâmico, as melhoras nos ouvidos para poder dormir. A dama do Pronto Socorro! Nossa Senhora do Bom Alívio! Com a sua teta de apoio... À bondade de acolhedora e sensível unia os dotes de fineza e de espírito, que a

¹³⁷ “Esse pó evaporou-lhe o sangue a tal ponto que se quis mais pingar (?) seu mal”. Não foi possível identificar o autor (Merveilleux) da citação (em francês arcaico?).

fizeram digna em tudo e por tudo do aprimorado homem, que foi seu cavalheiroso marido. Esses dons da distinta senhora eram pecúlio de família e esparziam-se em várias irmãs, casadas algumas com lentes dos mais distintos da Faculdade de Direito, no Recife.

Rememorando a figura dessa dama penso que esses tipos de brasileiras são ainda o que de melhor tem possuído a nossa terra. Indicavam a grande reserva moral do povo de que puderam espontaneamente surgir. A dignidade, a eminência das qualidades, a sua condição equilibrada, mostravam-nas capazes de uma assistência de escol, de uma força de representação significativa do que dispomos, no quadro do patrimônio mais determinado, mais consciente e mais seguro, das altas tradições patriarcais da raça. A “mulher forte” da Escritura foi semelhante a elas. Viu-se o mundo romano, sobretudo no espaço de sua melhor época, a desses Antônio, nunca por demais gabados. Valéria, irmã de Publicola, Arria, a Velha, mulher do senador Poetus, Vetúria, mãe de Coriolano, Paulina, esposa de Sêneca, Plotina de Trajano, Sextia, Paxea, todo um ramallete de mulheres belas, amorosas, corajosas e firmes, perfumam o ar pútrido e viciado do Império ou da República de Roma.

De tal modo a decadência viria desde que não mais se impregnasse o ar das virtudes públicas e domésticas, encarnadas nesses tipos familiares da cidade augusta, mãe da nossa civilização. As gerações do Império brasileiro desabrocharam das matronas, sustentadas na glória rústica de sua grande e modesta união. Se não alcançaram os cimos cornelianos das heroínas coloniais de Tejuco-papo, de D. Inês de Alvarenga ou D. Barbara Heliadora¹³⁸ ou se não conseguiram a fama das que se celebrizaram na nossa tradição como decididas e animosíssimas, organizando batalhões para a Independência e as guerras do Sul, salvando os haveres da casa, libertando escravos e vencendo nas eleições, foi por lhes faltarem as condições históricas, políticas ou domésticas, propícias à dramaticidade intercorrente. Não é à toa que o probo e erudito Eugênio de Castro, na sua “Geografia linguística e cultura brasileira”¹³⁹, encerrou um capítulo dessa obra notável de honestidade e labor, homenageando “a beleza moral e pureza de sentimentos, integradas na formação de sua cultura, a ação altamente benemérita que tem a Mulher ou a Mãe brasileira no nosso lar,

¹³⁸ D. Inês de Alvarenga. Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira (1759-1819), esposa do poeta Alvarenga Peixoto, considerada primeira poeta brasileira.

¹³⁹ Eugênio (de) Castro (1822-1947), historiador que dedicou-se a pesquisas geográficas e linguísticas.

notadamente ao decorrer do 2º Reinado.” Esmagaria assim, com o tacão do seu alto coturno, esse escritor dos mais apreciáveis e recomendáveis, o período tão inadvertido quanto falso daquele primitivo insignificante, que ousaria este despropósito, em 1937: “As nossas mulheres não são mais os seres tafuis, desprestigiados e inúteis, que foram as nossas avós”.

Pausadas e límpidas, despojadas de toda publicidade ou vanglória, firmaram tais senhoras, no meio brasileiro, os caracteres de razão, de prestígio, de honestidade e circunspeção, numa galeria de imagens privadas das mais recomendáveis. Nela se incluía desde a “mulher de casa” à “dona de honor”, desde a “grande senhora” do Pe. Cardim à “mulher muito discreta, e de um bem parecer” de Damião de Góis¹⁴⁰, aquela que o francês costuma chamar ainda hoje de “dame de qualité”¹⁴¹.

Índices da mediania sólida, aprumada e sã das mulheres de nossa alta representação familiar, recorro as que junto neste ramallete inapreciável de minha contemporâneas, quase todas pernambucanas: D. Leonor Porto, mãe de vinte filhos, D. Maria Godoy, D. Euthália Avelino, D. Maria Cruls, D. Maria Ana Soares Brandão, D. Vitória Pinto Serva, D. Amália Freitas Henriques, D. Augusta Espiridião, D. Adélia da Fonseca, D. Olegária Mariano, D. Maria Amália Dias Lima, D. Carlota, mãe de José Higinio, a qual foi a “Estrela do Norte”... Enquadradas na moldura da maternidade robusta e feliz, indestronáveis dos seus deveres conjugais e maternos, aliaram quase todas a maior formosura ao bom proceder, às disposições de autoridade e equilíbrio da perfeição feminina, manifesta nos seus melhores dotes e requisitos físicos e morais. Nosso povo chamava a essa espécie de mulheres pela expressão de pompa de respeito: “Senhoras de porém”. Não saberia tratá-las eruditamente de Vestais ou Mãe dos Gracchos¹⁴²... A verdade é, que se o Brasil não mais reproduzi-las, a sociedade, sementeira imprópria a esses grãos

¹⁴⁰ Damião de Góis (1502-1574), escritor português, autor de crônicas (históricas) e tratados.

¹⁴¹ Expressão francesa para uma mulher de honra, espécie de “dama de companhia” que desempenhava funções diversas, em especial junto a reis, rainhas e grandes nobres.

¹⁴² Vestais eram sacerdotisas de Vesta, deusa latina do fogo, filha de Saturno e Cibele; além de virgens, deviam ser livres e fisicamente perfeitas. A expressão “Mãe dos Gracchos” (às vezes grafada “mãe dos gracos”), refere-se à romana Cornélia (séc. II a.C.), símbolo de abnegação estóica pela forma como suportou as mortes dos filhos Tibério e Caio Graco, ambos assassinados em suas carreiras políticas.

selecionados, terá descambado para o fundo do pantanal igualitário, babovista¹⁴³, onde mesmo tais relevos e exceções não nos sejam mais possíveis. Essas damas com a sua prudência, senso crítico e correção de bom tom, salvaram-nos de afundar a ordem doméstica e social na tacanhice, no fofismo, na fanfreluche, na indiscrição, na superstição, no romance e nas leviandades da galantearia, assentadas na pomada epilatória, no *rouge* do *batom*, e na coxa à mostra, rumo do adultério...

Apagaram-se num halo de saudade, dando o bom recado no requinte da distinção, no decoro bem dosado de sua graça, inteligência, atração e moralidade intrínsecas, amparando a boa tradição do lar brasileiro feliz, honrado, sem história, sem rapa de sobancelhas, e sem pintura de unhas, de beiços e cabelos...

¹⁴³ Babovista ou babouvista, referente aos seguidos de François Noël Babeuf (1760-1797), jornalista que participou da Revolução Francesa. Posteriormente, seu nome deu origem à denominação que se usou para comunistas, socialistas e manifestantes de esquerda.

19. O ÁLBUM DE RETRATOS

O álbum de retratos de família foi inseparável das nossas mesas de jacarandá, dos consolos de mogno, com os castiçais de manga de vidro, das escarradeiras com bocas de leão, de cada lado do sofá, na sala de visitas... Sustentou-se no tempo dos *cachepôs* de papelão de cor, das flores de pena, das toalhas de crochê e dos tapetezinhos de papel frisado. Participava da época em que “tirar o retrato” representava alguma coisa de um tanto grave e extraordinário.

Exigia a arte uma técnica difícil, condições obrigatórias de luz, permanência de posição. O fotógrafo, emergido do capirote de pano preto, com que segredaria à máquina as suas últimas disposições, era uma imagem toda francesa, barbicha a Luís XIII e mandava os meninos olharem para a lente da objetiva, de onde surgiria no instante preciso um passarinho!... A fotografia, apenas surgida da daguerreótipo, engendrara a catacumba do Álbum de Retratos. Significado material e portátil da psicologia e sociabilidade do tempo, o Álbum demonstra a preocupação de conservar as imagens amigas para deter as horas que ameaçavam precipitar-se, fazendo-nos desaparecer a todos numa montanha de placas de vidro, num mar de sais de prata.

Atestava a crença na eternidade das cousas deste mundo, desde que o amor as toca de algum modo. Penhor fácil de protestos inverificáveis, sinal das afeições oferecidas no mútuo acordo de uma fé precária, impressos num papel especial e colados em cartão... De busto, em pé, sentada, de face, de perfil, ou de três quantos, a população do Álbum tomava, contudo, rapidamente o feitio antiquado de objeto esquecido num canto, de gente de nossas relações ou conhecimento cada vez mais destacada de nós.

Qualquer coisa de falso ou de obrigado os emoldurava. Seria o modo de sorrir, exigido pelo operador da câmara escura, a atitude forçada pelo apoio da armação de ferro em uso para aprumar e fixá-los pelo pescoço ante a objetiva, a roupa melhor metida nessa ocasião, a falsa paisagem do pano de fundo, a coluna e o pufe decorativos? Havia crianças nuas com o “bilrosinho” ou o rabisteco à mostra e velhos militares, comerciantes, funcionários condecorados ou não, repletos de importância, pela primeira vez na sua vida apoiados numa balaustrada ou sentados na cadeira abacial, de veludo franjado, sem falar nas viúvas rodeadas de seus netos e netas. Havia os grupos de família, no banco rústico, ou no sofá de

luxo, os mais velhos sentados, os mais moços atrás, os fedelhos no chão ou no colo dos mais velhos. Em data mais remota tinham posição mais ordenadas e mais séria; recentemente não respeitavam tanto a idade e as precedências.

Sendo que a fotografia em grupo marcaria uma certa liberdade e variedade de objeto, que a arte anteriormente quase que se limitava aplicar-se ao indivíduo isolado, na sua preocupação primitiva de conservar o amigo e perpetuar-lhe mais distintamente os traços transitórios. Havia as damas sobretudo de corpo inteiro, as mais modernas com bastantes babados, as mais antigas, em saias à balão, inteiriças e bem armadas. A princípio tinham o penteado liso, emoldurando do rosto com qualquer cousa da expressão indiferente da moura ou levantina, depois o ar romântico lhes viria com a anquinha e os cabelos cacheados ou frisados.

Assim os homens da daguerreótipo distinguiam-se dos incursos nas fotografias correntes, mais tarde. Nos coletes de quadros pesavam-lhes grossos grilhões de relógios. Usavam a sobrecasaca abotoada no primeiro botão, a barba toda raspada ou a passa-piolho. Em seguida adotaram o fraque, a calça de nanquin, o chapéu de castor e copa de cuscuzeiro, empinado na trunfa, a barba deixada em matações laterais.

Acabariam no paletó saco e na camiseta de *sport*, encarrapitados na bicicleta, no automóvel e no avião fingidos. Quando o filme pancromático da Kodak a todos arrasasse na mesma vulgaridade, se mostrariam de bigodinhos a Carlitos ou caras todas raspadas, seminus nas praias e saltando nos grupos de futebol... Folheando o álbum de iniciais abertas na capa de madeira, veludo ou madreperla, sobre todos os retratos caídos a névoa tênue, que lhe ia escondendo ou repondo na notoriedade de outrora. - Ah! Esse não me lembra bem, creio que era um chefe político de Valença, finado há muitos anos já... - E esse de suícas imponentes? - Também não me recordo. Se não me engano era um padrinho de Nicota... - Este foi um grande amigo meu... O seu nome era... era... Diabo desta cabeça! A revista passava-se entre clarões vivos ou amortecidos da memória dos visitantes do Álbum. E a ronda dos retratos tornejava, lutando contra o olvido, cavalgata de mortos, vivos, semivivos e sobrevividos, despedindo o bafio de guardados a longo tempo na velha canastra, esquecida na água-furtada ou no porão... Raramente havia a nota de ironia e bom humor,

como a desses retratos com que se divertia a verve diabólica do excelente Martim Francisco Terceiro¹⁴⁴, em que se fotografara de costas para ser mais parecido e com efeito o era.

Em outro retrato, para comemorar o casamento, representara-se ele cochilando ao lado da esposa. Abaixo ele inscrevendo a 21 de Abril de 1923 o seguinte saboroso diálogo: “Quarenta anos de noivado. - Dormindo sobre o caso.”

Isso constituía uma exceção e quão moderna! Em geral tinham os retratos todos o ar gravibundo, como constrangidos a fazerem parte da galeria do Hernani. As moçoilas apresentavam o ar bem composto de futuras esposas das mais recomendáveis. As crianças, “deitadinhas” e de curanchim exposto, mostravam já o ar de preparados à conquista do lugar do Tesouro ou nas Câmaras, da coroa de barão e de conde.

Revejo-me no meu, aos sete anos, encostado ao balaustre de cartão, empunhando com respeito a meia cartolinha de feltro, em cuja fita negra se plantava a pistola de pechisbeque, anunciando talvez o soldado que falharia na crisálida do civil, desvalioso...

Era o Álbum de Retratos a distração dos minutos fastidiosos, o interesse inocente da saudade, a taça de melancolia para beber o passado e repeti-lo aos gozinhos entre amigos e visitas. Acontecia que o mofo e a própria luz esmaeciam a cor das imagens certas queixas supervenientes obrigavam a supressões de caras tornadas umas carantonhas, novas simpatias iam crescendo a galeria e delindo outras figuras. Era a dança do tira e mete nas páginas do Álbum...

Com as efígies mais ou menos apagadas, mais antigas ou mais novas, a vida pregava os seus cartazes domésticos, recomendando os corações, protestando a fidelidade, assinalando o reconhecimento, impregnando o passado de uma eternidade possível... Ausentes e defuntos surdiam no vasto coval das tristes recordações. O Álbum de Retratos, em geral encadernado em veludo, com filetes de metal e de fecho dourado, voltava a ser compulsado na mesa do centro do salão: - Olha como era bela e feliz a Serafina! Muito gostei dessa rapariga, que morreu bem velha, viúva, tendo sido repudiada pelo segundo marido, funcionário da Alfândega. - Essa era a Benzinho Figueiredo, bem casada, mas

¹⁴⁴ Martim Francisco Terceiro (1853-1927), da família dos Andradas, foi advogado, deputado e lutou pela independência de São Paulo e opôs-se ferrenhamente contra Floriano Peixoto. Rangel voltará a exaltar sua figura em outros capítulos adiante.

quanto sofreu! Lá se foi com um cancro no seio... Aqui está muito favorecida. - Este homem era um caráter, desses antigos portugueses, antes quebrar que torcer. Com todos os bens hipotecados, faliu e sem um ceutil de seu, viu-se insultado e espezinhado nos pedidos dos jornais... Sossegou na vala comum, porque as cinzas nenhum valor tinham para os credores... - Aqui o Rabelo, um originalão, bom tipo, abastado, chefe de família respeitável, meu colega de Academia. De repente se apaixonou por uma dodivanas muito mais moça do que ele. Findou pobre, abandonado pela amante, num leito da Misericórdia... - Este pequeno, tão bonitinho, foi aquele sujeito que andou nos galarins e morreu há muito, fazendeiro no Itapicuru, amaldiçoado pelos escravos... - Esta carinha nagua é a Glorinha Lobão. Não tem nada de parecida. Não andarás errado que disser que se pode fotografar as caras, mas nunca as fisionomias...

Uma das melhores cenas do teatro brasileiro é a do “O Dote”, o drama de Artur de Azevedo, quando os personagens disqueteiam dessa forma em torno do álbum familiar. Em “Iaiá Garcia” de Machado de Assis há também uma cena semelhante. Conta apenas de uma página discreta, pontuada dessas reticências nas quais, tantas vezes, o romancista reveste o segredo da constituição ou do destino dos seus personagens, dispensando-se de maior trabalho. Em outras terras, é junto ao fogo que a família acode quase sempre, para lembrar incidentes do passado, rememorar os amigos, voltar certas páginas da vida... No Brasil folheava-se, sob o lampião de querosene ou de gás, o álbum malsinado, aquecendo-nos no calor do seu borralho...

Velhos que ainda podeis sorrir, deixai, deixai em paz o Álbum de Retratos, o coval das reminiscências, o mundo extinto, sobrevivido nos seus fantasmas de meio corpo ou corpo inteiro, tirados na fotografia do Juan Gutierrez, do Insley Pacheco, do Henschel ou do Vollsack¹⁴⁵...

Além do préstimo de cofre de tantas recordações, ligadas a todas as fases de nossa vida, servia o álbum de presente de anos. Entre a lapiseira de metal, o tinteiro de prata e o

¹⁴⁵ Juan Gutierrez (?-1897), fotógrafo espanhol, registrou cenas urbanas e foi o único a produzir cenas da Revolta da Armada (1893). Joaquim Insley Pacheco (?-1912), fotógrafo que buscou fundir recursos da pintura às técnicas de fotografia. Alberto Henschel (1827-1882), fotógrafo e empresário teuto-alemão, ficou muito conhecido pelas belas imagens do Rio de Janeiro. Por seu excelente trabalho, recebeu o título de “Fotógrafo da Casa Imperial”. José Vollsack, fotógrafo húngaro, foi o sucessor de Henschel.

guarda sol de cabo de ouro, ele benignamente cortava o embaraço da escolha, tirando as dúvidas dos mais indecisos. Quem haveria que, no velho Brasil, não recebesse em dom de aniversário um Álbum de Retratos? Em 1874, depois de presentear Narcisa Amália com uma lira e uma pena de ouro, mimosearam-na com um álbum de veludo azul. Encadernado numa capa à imitação de couro de Córdoba, me coube, em 1901, o que me ofereceram os empregados da Diretoria de Terras do Amazonas. Honrei-o com alguma coisa de mais peregrina e aceitável, utilizando-o para uma coleção de retratos de pessoas, que iam de Beker Stouffer a Leão XIII¹⁴⁶. Esses ao menos desabrocharam do seu cemitério, tirados a limpo nos direitos indiscutíveis à sobrevivência... Deve ter sido esse Álbum que me foi doado, o último Abencerrage¹⁴⁷ da família dos Álbuns, trazidos à prova tão imerecida e cândida homenagem.

¹⁴⁶ Leão XII (1810-1903) foi Papa no período de 1878 até à sua morte. Ficou conhecido por suas posturas políticas e por suas “encíclicas sociais”; crítico do Capitalismo, do Comunismo e do Americanismo, que chamou de “heresia”.

¹⁴⁷ Relativo à linhagem moura dos abencerrages (que dominou Granada e se tornou famosa por sua rivalidade com os zegrís) ou indivíduo dessa estirpe; em sentido figurado: último defensor, derradeiro paladino (vide Dicionário Houaiss).

20. O CONSELHEIRO GODOY

Conservo ainda intercalado na folha do triste e anacrônico objeto, que é o Álbum de Retratos, a fotografia do conselheiro José Leandro de Godoy e Vasconcelos. Revejo na grave e bondosa fisionomia desse homem boa parte da minha meninice. Paira-me na alma, e persiste, como na velha capela abandonada da vila, a qual foi movimentada e próspera, a imagem inefável do santo que nos protegeu.

Os “Anais da Câmara” registram, num feixe esfuziante, os traços oratórios desse parlamentar, sempre na estacada, expelindo do arco do seu espírito as mil pontas aceradas da sua fina contundência de céptico. Na sessão de 3 de Julho de 1866, achando-se em discussão assuntos de Goiás, o Godoy exclamava: “Ainda digo, isto não é nada, gente pobre não tem direito nem pudor! “Mais adiante, Godoy respondia a alguns deputados que exclamavam: “Oh! Que invenção”, da seguinte maneira: “A invenção foi tão boa que todos os Presidentes a praticaram; por exemplo, o Sr. Conselheiro Paranaguá nomeou metade da população de Pernambuco recrutadora extraordinária para recrutar a outra metade.”

Em dado momento, repleto de bonomia, Godoy registrava: “Ora, todos os dias se viola a Constituição e se justifica essa violação; quanto mais cousinhas provinciais.” E a propósito de um Presidente ter mandado rezar a missa do Espírito Santo, Godoy prorrompia nesta pilhéria: “Não sei como não disse a missa. Tinha poderes para isso.” E como o deputado José Ângelo declarasse acreditar no Governo, replicava-lhe o Godoy: “Tem fé de cordeiro.” Tirando ainda um pizzicato à bandurra do seu sarcasmo, respondia ele à afirmação do colega: “Sim senhor vou a ela. Senhores acabamos de ouvir e ler os documentos que o nobre deputado ofereceu a Câmara, e vimos como a maioria os recebeu mal. Ora a maioria é a opinião do país, a maioria é o governo, a maioria é consequentemente a verdade, eu pois não posso arcar contra a verdade, e, ao contrário, devo queimar-lhe incenso.”...

No prélio de seus argumentos e afirmações, era comum ferir certas suscetibilidades ou oferecer a limpeza dos seus escrúpulos e melindres aos atentados alheios. Saldanha Marinho sentiu-lhe as farpas do remoque. De outra vez atacava o marquês de Olinda com razão desembaraço: “É que os Sr. Marquês de Olinda quer ser mais inviolável que a Coroa.”

Em plena sessão da Câmara, em abril de 1866, a propósito do debate em torno da eleição do 1º distrito de São Paulo, chegou mesmo o Godoy a engalfinhar-se com o Martim Francisco II¹⁴⁸, na cena de pugilato em que se lhes rematou a discussão. Falava o deputado Urbano Pessoa de Mello, quando o interrompeu o Andrada: “A opinião contrária é que provoca a compaixão e o riso do público.” Ao que retrucava o Godoy: “A opinião da comissão é que é digna de compaixão e de riso”. Martim azedado acudiu: “Desprezo tudo quanto o senhor diz.” Ao que Godoy, encrespado, revidou: “Eu também o desprezo soberanamente.” O outro gritou: “Insolente!”... E Godoy encordoou na mesma nota: “Insolente!” O resto despachou-se no tumulto causado pelos dois galos parlamentares encristados, às esporadas um no outro...

Tomando parte importante na oposição ao dote das princesas brasileiras e aos cargos militares concedidos aos príncipes estrangeiros, ele nega o seu voto com o mais corajoso e motivado dos discursos.

Entretanto em discussão o orçamento geral do Império, assim Godoy iniciou a sua oração, chasqueando da violência a que se inclinavam os debates parlamentares: “Entro na arena da discussão Sr. Presidente, com a imaginação povoada de sobressaltos, o coração palpita-me de temor, fuzilam calafrios por todo o corpo; tenho o espírito em estado de atribulação tal, que é difícil e mesmo impossível de descrever. Agarrando-me pela gola do casaco a mão do dever arremessa-me para o debate; mas acredite V. Ex.; obedeco a impulso superior, não sem muita conturbação do meu espírito: tudo isto, senhores, é o produto das cenas que repetidas vezes têm suscitado os nobres ministros nesta casa.” Como o Urbano declarasse: “Falemos com franqueza: para que possamos ocultar as chagas da situação? O governo é quem faz o deputados e os senadores.” Godoy acrescenta: “É até os juizes de paz”. E como perguntassem: “Que influência pode ter a guerra com o Paraguai na execução de um a lei fundamental, na garantia da liberdade individual entre nós?” Godoy escarnindo explicaria: “É que por cá também há guerra.” De outra feita, o deputado Oliveira Junqueira declarara: “Sr. Presidente, sinto não poder acompanhar a nobre maioria

¹⁴⁸ Martim Francisco Ribeiro de Andrada II (filho, chamado também “O Moço”), deputado provincial por São Paulo (1853-1856), foi também Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros (1866) e Ministro da Justiça (1866-1868) durante a Guerra do Paraguai. Foi membro do Conselho de Estado e conselheiro do Imperador D. Pedro II. Presidiu a Câmara dos Deputados em 1882.

no modo como encara este orçamento; sinto não lhe poder dar o meu voto. “ E Godoy remenicava: “Eu não, não sinto nada.”

Na sessão de 25 de Maio de 1866, ele dava ao Ministro da Guerra esta lição que ainda hoje é bem própria a pôr em relevo a necessidade de vencer a intransigência e suscetibilidade de nossos homens públicos: “É preciso que saibamos que este país saiba a vida pública dos homens políticos, porque essa vida é propriedade do país; é preciso que a nação saiba quem caluniou, ou quem se regenerou, e finalmente si tem alguém generoso que cobriu com seu manto de anistia ao homem que infringiu todas as regras da moralidade e do respeito devido a seu semelhante.”

Godoy ridicularizaria a forma do convite para assistir ao batismo do príncipe D. Pedro de Saxe¹⁴⁹, e aproveitaria do caso para despedir certas alusões ferinas ao Imperador, com quem não simpatizava, principalmente depois que o seu correligionário e amigo o Pe. Marcos Neville, falecido em 5 de Novembro de 1889, grande abolicionista, nadador e professor de inglês da Escola Naval, do Colégio S. Francisco de Paula e dos príncipes brasileiros, lhe transmitira, nem sempre com boa fé e louvável discrição, certas minúcias dos poços imperiais.

Colaborou o Godoy na “Opinião Liberal” e agitou-se no “Clube Radical”, em companhia dos grandes chefes liberais “progressistas” ou “históricos” do seu tempo. Esse fogo e espírito de combate de detentor da paixão e intransigência política, tão contrários ao feito urbano e cordial, inerentes à mansuetude do homem particular, Godoy resfriava-os em casa e na sociedade que ornava, tanto era afetuoso, risonho e de são e discreto juízo nas suas relações particulares. Marat, a fera exasperada do “Ami du Peuple”, não foi, na intimidade, o mais doce e cordato dos homens? Tendo sido o Godoy advogado e Presidente de três províncias, deixou-as envolvido na tradição de honra e pobreza desses políticos da velha guarda do Império. Os governadores e ministros republicanos, muitos deles meros sátrapas, improvisados nas safarruscas da guerra civil ou no conchavo dos campanários, por sua falta de idoneidade e probidade, torná-los-iam gente de outro mundo, seres quase irreais, brasileiros de que se perdeu a forma...

¹⁴⁹ D. Pedro de Saxe (1866-1934), filho mais velho da princesa D. Leopoldina.

Ouviu-o queixar-se muito, como Tavares Bastos¹⁵⁰, do centralismo tão rigoroso que podava toda a ação dos delegados do governo monárquico, quando eles dirigiam os negócios provinciais, e do modo pelo qual a questão abolicionista, era retratada na sua solução urgente. Citava o projeto tão antigo de José Bonifácio e que a lei Rio Branco de 1871 tinha sido copiada de um projeto apresentado na Câmara Geral, em 1850! Também lamentava a intervenção continuada dos agitadores levados pelos pequenos interesses locais, como hoje, pulando na base da vozeria das oposições injustas, ardegas e impatrióticas. Se ele soubesse a que extremos opostos se levaria a exagero da federação!

No exercício da magistratura desses altos cargos políticos e administrativos, o que mais repugnava o Godoy era a obrigação diária de ler as gazetas encarnecidas a ofendê-lo. “Pela manhã, em jejum, dizia ele, lembrando-se talvez de uma alusão de Chamfort¹⁵¹, tinha eu de engolir esses sapos cururus... Por que nesse sentido me distinguiria eu do próprio Imperador?” Belo homem, o Godoy, o tope alto da cabeleira negra bem ondulada, a barba crespa cuidadosamente apartada no queixo. Muita doçura no olhar, repassado, entretanto, da ironia alerta e contida em brasa para as boas ocasiões; além dos modos apropriados e singelos, a fala branda e clara, ordenada no respeito da sintaxe e da prosódia. Excelente músico amador, comprazia-se em reunir artistas em casa, organizando concertos onde, sob o harmonioso arco do seu violoncelo e flauta de prata do meu pai, a qual era chamada a dar também o seu recado, a voz de soprano dramático da esposa abria as asas à melodia suave do seu canto magnífico. Na alta qualidade dos seus lazeres, o virtuoso Godoy pedia à Arte de Scarlatti e Berlioz¹⁵² as consolações e distrações que não lhe dariam a severa jurisprudência e as estéreis agitações políticas. As primeiras impressões da música de câmara recebia-as eu, aos cinco anos, sob a magia desse egrégio amador, a raspar as cordas de tripa do seu grave violoncelo.

Lentas e dulcíssimas modulações, tremôlos, cadências flutuosas, harpejos de alta sonoridade, pizzicatos interrompidos no soluço das toeiras feridas com amor, carpimento

¹⁵⁰Aureliano Cândido Tavares Bastos (1839-1875), político e escritor, destacou-se pela crítica à centralização da administração no Segundo Reinado (1831-1840).

¹⁵¹ Sébastien Roch Nicolas (1741-1794), cujo pseudônimo era Chamfort, foi um escritor francês que ficou famoso por suas máximas.

¹⁵² Domenico Scarlatti (1685-1757); Louis Hector Berlioz (1803-1869), ambos compositores; o primeiro, italiano, tornou-se representante do estilo barroco; o segundo, francês, do Romantismo.

dos bordões sussurrantes... Era então bem pequeno, mas já iria eu descobrindo certas paisagens no fundo longínquo daqueles sons, tangidos na dor e na alegria, despontados no bojo das harmonias bem regradadas.

Mergulhava-me todo na confusão espasmódica das voltas, seguia sereno, arrastado no andante e moderado dos trechos de mais consternada melancolia. Perdia-me nas florestas, assistia ao amanhecer e ao cair da tarde, passeava no lago, brincava com as estrelas... Rodeavam-me flores e feras e todo um jardim encantado se abria em perspectivas sonoras, em mistérios de novos trilhos e gorjeios dentro da minha cabeça... Ora, embalado na solfa, o sono me tomava, ora os olhos se me faziam mais brilhantes e espertos, ora nadava no líquido durado de um lago... Aconteceu mesmo uma vez, tão enleado ficasse no prazer da audição, que me vi esquecido de certas instâncias da natureza obrigatória. Sentado no tapete da sala, deixei, oh suprema vergonha, a alcatifa do divã toda molhada... Humectatio ex urina¹⁵³. Colcheias e semi-colcheias haviam-me inesperadamente descolcheteado a bexiga...

Faleceu Godoy em 11 de Novembro de 1888, em Contendas, no termo de Montes Claros, Minas Gerais. Dias antes, já muito doente, voltando para casa, quando entardecia, um caprimulgídeo lhe seguia os passos de enfermidade e tardeza.

Repetia a ave, numa onomatopeia de horror, e canto crepuscular de sinistro prenúncio: “Buraco feito, buraco feito, buraco feito”. Aquele que fora o fogoso deputado pernambucano, de cuja bancada as intervenções relampeavam numa tempestade de apartes e de tímpanos, sob a impressão de agouro, na tarde lutulenta, sentiria que o estranho pássaro vespertino, algum crocoió ou alma-de-gato, crocitando, lhe barrava os passos. *Sta viator!*¹⁵⁴... Que lhe valera tanto ardor nos combates da política e tanta claridade e justeza nos arraçoados da jurisprudência nos tribunais da Corte, para apagar-se ao salmodeio do primeiro bacurau que viesse escoltá-lo, voando baixo e tirando aos bocados sobre o transeunte a mortalha na qual se afogava, na estrada roceira, o fim de tão nobre e exemplar existência!

¹⁵³ Umidade através da urina.

¹⁵⁴ Em latim: “*Pare, viajante!*”. Trecho dum epitáfio célebre em latim: *Sta viator...amabilem conjugem calcas* (Pára, viajante: tu pisas uma amável esposa, i. e., enterrada nesse local).

O seu filho mais velho, e meu tocaio, formou-se em São Paulo e tornou-se, sob a influência das troças e tradições bironianas da Academia um boêmio incorrigível, todo entregue ao seu gosto pilhérico e soberano desleixo da existência descuidada e libertina. Lá se deixou ficar pelas garôas de Piratininga, muito afável e distinto de maneira, espirituoso a valer, finando-se bem cedo... Paulo Prado, seu amigo e acérrimo protetor, contou-me ter-lhe arranjado um emprego na administração pública paulistana. Mas o morigerado funcionário, abusando da sinecura, nunca botara os pés na repartição. O diretor, cansado de suportar a ausência do burocrata revel, mandara chamá-lo por uma portaria. O rezingão do chefe limitava-lhe às férias até então sem prazo fixo. O relapso amanuense mostrou-se muito queixoso desse ato tirânico de chamada às boas normas e cuja má vontade lhe aprecia das mais evidentes.

- A minha vingança será tremenda, anunciou o Alberto Godoy, desgostoso daquele rigor diretorial, que não compreendia. - Você não vá matar o homem, recomendava-lhe o Paulo, receoso de que apesar da sua delicadeza inata o rebelde à disciplina burocrática chegasse à tal absurdo. - Não sou homem de meias medidas, declarou o eterno licenciado. Se me perseguirem muito, ameaçarei o Governo do Estado com a minha demissão!

Foi esse rapaz de excelente fundo e desordenado procedimento que, menino de uns três anos, sentando-se no divã da casa na qual se achava de visita e surpreso da elasticidade das molas novas sob o velado do móvel saliente, o admirara com esta frase interjetiva: “Que sofá mais bochechudo!” De outra, como fosse mesmo quando guri muito explícito e loquaz, sempre pronto a sustentar a conversação, em quanto aguardava os pais e fazia sala às visitas, dava-lhes para as entreter comunicados deste jaez: “Papai já vem, foi fazer pipi e mamãe também...”

Chorado José Leandro! Ponho-te, com todas as honras de um primeiro lugar, abrindo a ronda dos meus velhos amigos e protetores desaparecidos. Com a tua mulher, constituístes um par que nos vai rareando, brasileiros de alta qualidade, vinho de outra pipa...

21. A CIDADE MORTA

Em 1876 devia a minha família estabelecer-se na capital de São Paulo, para onde o Quincas havia sido nomeado agente oficial de imigração. De hábitos modestíssimos e regulares, com a sua flauta de prata, o gosto habitual da jardinagem (a mania dos pássaros, abandonara-a de vez nos gaiteiros e no mormaço de Pernambuco) não custou ele instalar-se na casa da rua do Ipiranga. Em seu quintal, todo atulhado de calíça, ele logo o transformou nos canteiros lindamente embastecidos de liláceas, crucíferas, begonáceas e balsamíneas do melhor efeito e onde caramanchões e pérgolas em bambu se entrançavam de rosáceas, convolvuláceas e papilionáceas, amigas de treparem pelos arcos e losangos dessas construções abertas na fantasia e na fragilidade com que meu pai as fabricava.

No muro, que nos separava da casa do nosso proprietário, encavalava-se um enorme moinho de vento, montado para nos fornecer água à vontade. Com esse recurso de umidade e o sol carinhoso de Piratininga, não foi difícil obter o Quincas o seu recôndito e maravilhoso jardim de Hespérides¹⁵⁵. Crescemos, meus irmãos e eu, nesse cantinho tranquilo, humilde, limpo, são e florido, que os cuidados da perfeita caseira, minha mãe, ajudaram a compor e fazer bem andar. Nossas primeiras relações foram travadas com o Ezequiel Freire, que morava ao lado da sogra, irmã do conselheiro Rodrigo Silva, nas nossas redondezas. Frequentávamos muito a casa abençoada do posto fluminense, cuja parede e meia dava para a chácara da Dona Joaquininha.

O terreno extenso, de rua à rua, era repleto de goiabeiras e ameixeiras do Japão. A loucura que o Ezequiel e o meu pai manifestavam pelas flores por fazê-los antomaníacos devia aproximá-los muito. Neste tempo, São Paulo, com suas setenta mil almas e apesar do gás e dos bondes tirados a lombo de burro, era uma aldeia de soalheiro e taciturnidade, assim vista por Álvares de Azevedo e pouco diferente da do Morgado de Mateus¹⁵⁶. Mergulhava-se na grande tristeza dos seus muros de taipa terra e sobradecos coloniais, sem

¹⁵⁵ Jardim das Hespérides, segundo a mitologia grega, era a morada das ninfas Hespérides, que personificam a transição do dia para a noite, o crepúsculo ou o entardecer. Aqui, uma comparação que enaltece a excelência do jardim de Quincas.

¹⁵⁶ Morgado de Mateus: de forma geral, trata-se de um título nobiliárquico português. Possivelmente uma referência a D. Luís Antonio de Souza Botelho e Mourão, chamado “restaurados da Capitania de São Paulo”.

as paradas, os jantares públicos, as missas e Te-Deums¹⁵⁷ no Carmo, as cavalarias, as comédias e os exercícios de fogo com tenda armada, daquele régulo setecentista que, com o seu calção de seda lavrada e casaca de bofes, foi um recrutador sem entranhas. Não diferia mesmo a capital da que vira uma dezena de anos antes Emílio Zaluar, que assim a descreve na sua “Peregrinação pela província de São Paulo”: “triste, monótona e quase desanimada”.

Bandos de lazarentos acudiam então à capital paulistana, implorando a caridade pública. Eu contemplava-os, em certos dias do mês, pela Consolação afora, esmolambados, terrificantes. À sua aparição, o povo todo se sentia um momento gelado, como se o chamassem na doçura e amenidade de um sonho à tremenda e surpreendente realidade...

As moedas de cobre choviam, tilintando na sacola dos pavorosos enfermos. A récova dos mutilados e corroídos, escanchados em cavalos peludos, estendia para um lado e outro as grandes varas de pau a fim de que se poupasse o contágio aos mais caritativos... Os desgraçados andavam piscando em seco... Ninguém estranhava que viessem pelas estradas publicamente reclamar o óbulo da misericórdia alheia.

Mas, havia ainda os outros, escondidos pela piedade familiar, apodrecendo no fundo das matas, em alcovas mais escondidas, em casebres afastados, não trazendo mais o nome, apagados e ausentes de tudo, nesse martírio que os atirava ainda vivos a ocultarem-se em sítios e fazendas, sob a tampa de uma cova ignorada e sem epitáfio!...

Os carros de bois, estridentes, rangendo como nos lugarejos da península ibérica, por essa época atravessavam a cidade vindos do Barueri, dos Pinheiros, de Santo Amaro, da Penha ou da Cantareira, repletos de lenha, de farinha de milho, de rapaduras, de palmito, de abóboras, ou de jacás de toucinho e de carne de porco salmoura. Quanto mereceriam esses meios de transporte roceiro e edital com que o desembargador da Casa da Suplicação e Intendente Geral da Polícia da Corte, oficial do Cruzeiro e professo na Ordem de Cristo, Estevam Ribeiro de Rezende, expedia a 6 de Maio de 1824, a seus semelhantes na capital do país! Nesse São Paulo bronco, fétido e ronceiro, das taipas de pilão e dos nhôs Ticos, Nhécós e nhá Tucas, o qual tinha por umbigo saliente a Pirâmide do Piques, havia ainda muito apreciador de iça torrado. O Viaduto do Chá, concebido em 1877 pelo litógrafo Jules Martin, seria considerado irrealizável. Como expressão a mais elevada da arte local,

¹⁵⁷ Em latim: *Te-Deum*, “a ti, Deus”, título de um hino litúrgico católico.

vestiam-se de noivos as tanajuras... Reinavam a geleia de mocotó, a caninha de Ó, o cusuz de farinha de milho com traíra ou lambari, o tutu com couve à mineira e o angu com cambuquira. A tropeirada enchia as portas das vendas e armazéns da rua da Liberdade e mais do Pari. O Anhangabaú separava o bairro da rua Chá de São Bento, assim a grande artéria fluvial limita dois países, separa dois povos, cinde um par de nações...

O Marco da Léguas tinha o ar de ficar distante léguas e léguas... Dir-se-ia tudo justificar Martinico Prado¹⁵⁸, quando este refulava no seu impertinente e desvalvulado bairrismo. Piratininga, concentrada no Triângulo e Quatro Cantos, vivia ainda à sombra mística do Arababé, como quando tinha cento e cinquenta fogos no recenseamento anchietano. A cidade não vinha a si da estremeção que lhe produziram os melhoramentos havia pouco realizados pelo benemérito Presidente João Teodoro Xavier.

Por seu ar temperado, águas abundantes, acolchoada pelas neblinas em que habitualmente se atufa, era São Paulo ainda aquela região, que Baltazar Fernandes gabava em fins de 1565: “Finalmente esta terra é das boas que há no Reino e se dará nela, segundo parece, quanto lá se dá.” Pinheiro Guimarães encontrara, como eu, os habitantes de S. Paulo conferidos nestes termos:

*“Comendo iça, comendo cambuquira,
Vive a afamada gente paulistana,
E os tais a quem chamam caipiras,
Que parecem não ser de espécie humana”.*

Como guardassem ainda muito vivas as velhas tradições do seu abandono, no planalto, quase sempre vazia dos homens ausentes, atrás de arcos e de pedras, conservou-se, a urbes piratiningana desprovida de toda sociabilidade. Ainda hoje se escreve que o paulistano “vive encaixotado”. A gente rareava nas ruas. O frio e a neblina encapotavam e faziam sumir o resto dos habitantes no fim do beco do Sapo.

Só os parentes se visitavam e raramente, e determinadas, guardando certas distâncias. Durante uns dez anos se permanencia em São Paulo, com família nenhuma, de sangue totalmente paulista, nos foi dado iniciar e manter a sério relações de amizade. É que

¹⁵⁸ Martinho da Silva Prado Júnior (1843-1906), maçom conhecido como Martinico Prado, foi um político e grande cafeicultor brasileiro, avô do célebre Caio Prado Jr.

nas origens dessa gente provinciana estaria a explicação de tal singularidade. Fragueiros, desconfiados, tidos secularmente por sujeitos altaneiros e perigosos. Encontravam-se, sem se procurarem. Viam-se, sem se enxergarem. Conservavam-se nas reservas de uma mútua atitude. Casavam-se muito entre parentes. O alienígena sempre lhes causava muitos cuidados na própria mantença e segurança. Quem seria que pudesse surgir de fora? Índios ou brancos? Pessoal, que viesse atacá-los espioná-los ou concorrer aos seus proveitos? Mandados pelo Rei ou pelo Governador Geral? Expedidos da Europa para reprimir ou mandar?

Uma atmosfera do constante receio de perseguições, de estranhos invejosos, impugnaria os habitantes do altiplano piratiningano contra os recém-chegados, impregná-los-ia dessa timidez, que os encaramujava nas suas palhoças dos primeiros séculos, rodeadas de cercas e circunvalações. Os agentes do poder real, os concorrentes de suas empresas de escravização proibida ou de bandeirismo restrito, os jesuítas que se lhes opunham às dadas, tudo isso lhes importava fecharem-se num especial retraimento, isolando-os de quem não fosse inicialmente do seu ajuntamento ou do seu clã.

E essa tradição, nascida da situação do primitivo estabelecimento na borda do campo, no extremo oeste do caminho dos Cubatões, imprimiu ao paulista esse caráter infenso à fácil comunicabilidade do brasileiro em geral, denotada nessa cordialidade de nossos dias, derramada e sem escolha.

Contribuiu a essa reserva o cruzamento em cujo cadinho se amalgamaram a índole do índio taciturno e a do luso e espanhol, na sua empáfia de conquistador de novos reinos e solidões assentadas para este ocidente. Reforçou-se a presença na alma do povoador e mestiçado pela situação de perdido nos sertões, contando apenas abaixo de Deus com as suas armas de fogo e peitorais de algodão e outros recursos individuais mais proveitosos do que a boa vontade de colaboração dos poderosos do Reino e dos parentes e vizinhos. O que a natureza deu e as condições geográficas e sociais impuseram, ficaria mantido no exclusivismo e desconfiança desses patrícios, de cujo egoísmo são culpados mais a Geografia, a História e o Sangue, que outra cousa...

Embora a rapaziada local não vaiasse mais na ponte do Carmo os romeiros de volta da Penha e houvessem desaparecido, desde três anos atrás, das casas térreas as rótulas

antiquadas, ainda floriam em São Paulo os oratórios dos sete Passos com as suas tocantes e piadas imagens e nos Quatro Cantos, a dia certo, realizava-se o encontro entre o Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores. Ainda tinham um ano de permissão de existência os “foliões” de Espírito Santo e os devotos da “missa pedida” para esmolarem as portas...

Como primeiro sinal da modernice e agitação, na vida tranquila e colonial da metrópole paulistana, os pequenos engraxates italianos começavam a animar a cidade, percorrendo-a na parte mais central, tamborilando com as escovas nas caixetas a tiracolo e desembaraçadamente oferecendo os seus serviços aos mais bisonhos transeuntes: “Ingracha! Ingracha!...” Anunciavam a novidade, a bulha, a concorrência, o trabalho fosse como fosse, o dinheiro ganho por qualquer forma. A imigração sob os cuidados diretos do meu pai, emprenhava a terra da atividade nascente, marcada para novos rumos...

O café, com as suas floreadas de neve e a frutificação das bagas cor de sangue, inchava-se no oceano dos seus grandes índices de produção, ondeado na catadupa verdoenga que crescia para os lados de Jundiaí e de Campinas, dando outra base à aristocracia rural, que não a cana-de-açúcar, os cereais, a marmelada, o toucinho, o leitão, o queijo...

Notados ainda os grandes latifundiários, irmãos terceiros do Carmo, donos de grandes lotes de escravatura, os barões de Piratininga, de Três Rios, de Jundiaí, de Souza Queiroz, do Pinhal e do Tatuí, o visconde de Itu, e pouco mais. A fidalguia feudal paulistana deliciava-se com o “virado” e a paçoca. Alimentava-se ainda a cará-mimoso, abóbora-mineira, moqueca de piquira, fubá e palmito de jerivá e guarirova. Por trás dos seus braços vermelharia em gotas de sangue escravo o grão da rubiácea, onde lourejava o gomo da gramínea... Transferia-se o abolório dos sesmeiros na nobiliarquia nascida da planta abissínia, de terreiro que a secava e da tulha que a guardava. Os varões de barão e cutelo, os senhores de conto das ordenações afonsinas, transformados em “influências locais”, sem “coronéis da Briosá”, reinavam então senhores de inumeráveis alqueires de cinquenta por cem braças de terra-roxa apurada ou misturada, “sangue de tatu” ou areiusca, onde o pau-d’alho, o cebolão, o jaborandi, o camará-de-meia-légua, a figueira, o sapuvussu e a taquara-branca logo indicavam aos entendidos a prestabilidade e a fecundidade da geira.

Os fazendeiros dessa época deixavam o cafezal no mato até sete anos, quando começavam a capiná-lo; deixavam o rabo-de-burro infestar o campo de capim-gordura; não faziam cerca para a porcada. Quando deixavam o mato no alto dos morros, envergonhavam-se disso. Entrava-lhes, entretanto, o dinheiro aos gorgolões na bolsa, vendendo o café a seis mil réis a arroba! Muito ignorantes em geral, proviam-se os tipos desses rústicos numa grande economia, num sólido bom senso. A sua razão equilibrada, o seu trabalho e experiência de cantos e argumentos vencedores do meio áspero e traiçoeiro, manifestavam-se nas fundas raízes com que se ligavam à terra nutris. Esses não traziam das bandeiras o pábulo da sua filiação aos barbarizados “senhores-de-arcos” das priscas heras, mas a tradição de honestidade e paciência dos velhos lavadores de cascalho e gruneiros do Sapucaí e do Tijuco, e plantadores de marmelo, cana, mandioca e arroz, nas baixas do Tietê, do Paraíba, do Piracicaba ou da ribeira do Iguape.

Citavam-se os seus ditos conceituosos, de saborosa emissão, quando não de rasa e certa filosofia. “De caboclo de Taubaté, de cavalo pangaré e de mulher que mija em pé, libera nós Dominé”, costumava dizer como já foi impresso, o barão de Iguape, falecido em 1875. Este mesmo considerava aos seus íntimos: “Beba o leite e não conte os bezerros”, “Saliva de padre não é santo óleo”, “Negro é bom para tudo, só não serve para genro”. Outros sentenciavam com gosto: “Procurar um atalho e encontrar um atoleiro¹⁵⁹”, “Deus dá o cesto e o diabo leva a farinha”, “Presunção de mulatos é fedúncia”, “Urubu quando está caipora até no voar quebra as asas”, “Não falta casa aos vivos nem cova aos defuntos”, “Burro só é bom depois que passa o atoleiro”, “Besta velha não pega bridão”, ou faziam seu o ditado campineiro: “Quem não pode trapaceia”...

O resto da população não contava, vivendo de alguns escravos, da propriedade de casebres, ocupando empregos públicos, negociando em grosso ou a varejo... Ia-se à missa na Sé, em Santa Efigênia, na Consolação e à de meio-dia no Colégio, onde tocava a Banda de Música do Corpo de Polícia Permanente. Nos domingos visitava-se a Ilha dos Amores, pasmava-se para os cinco andares do “Canudo” do Antônio Maria Quartim, no Passeio Público da Luz. Debalde a tradicional Academia de Direito estendia na cidade a rede externa dos seus gangliões de traça, de versejo, papagaiagem e vida airada, com a

¹⁵⁹ Trecho ilegível no original; propomos a palavra “atoleiro” como solução, dado o sentido do trecho.

estudantada das “repúblicas” na “pindaíba”, inquietando a população, afrontando-lhe o silêncio, a moral e a pacatez... O modelo da casa burguesa e rica era a do nosso vizinho da rua do Ipiranga, Coronel Rodrigo Carneiro de Camargo.

Era um barbudo e opulento mambirão. Urumbeva de qualidade. O prédio que habitava, achatado e lóbrego, fedia a cães, por paredes e meia com o armazém, onde se depositava o sebo das velas, os couros verdes, a carne de porco, os jacás de queijo e toucinho e os rolos de fumo de corda e caixas de marmelada, trazidos da Faxina, onde era afazendado.

No marquesão de jacarandá, retovado e tauxiado do salão de visitas, poderia sentar-se toda uma família. A mesa enorme, tomando o meio da sala de jantar, rodeada de bancos sem encostos, lembrava a que Gardner vira na casa do barão de Parnaíba, no Piauí. Nela imperava a congonha, o lombo de porco, o cará, o quibebe de abóbora-moranga, a geleia de mocotó e a farinha de milho. Havia ainda tamboretas de sola e no quarto ao lado o oratório de vinhático de Alagoas, abarrotado de velhos santos, muito dourados, defronte dos quais ardia sempre uma lamparina de azeite, mortiça, mas perpétua.

Seu Camargo não deitava no couro ou na esteira de peri, por terra, mas pouco lhe faltava para isso, de tal modo lhe ia a agrestia e o desconforto da existência. O cigarro apagado logo se lhe recolhia atrás da orelha como a libelinha voa e cansada vai assentar no golfão. Compunha-lhe o traje o casaco de “riscadinho”. Se suas sapaterras não eram de couro de veado, como as de seus antecessores nas bandeiras, eram de um grosseiro cordovão, sem a mínima elegância de um pesponto.

Vejo-o ainda, belo tipo de provinciano, herdeiro do paulista das “entradas”, com a vela fumacenta e lacrimosa, derretendo-se a flux no castiçal de latão. O biritá sentava-se no cadeirão tosco, picava o fumo de rolo, e ralava-o nas palmas das mãos juntas à semelhança das pedras de um moinho funcionando e depois de beneficiar a palha de milho, com a folha da lapiana, estendia-lhe na calha a pitura bem migada.

Isso constituía uma ação de toda calma e de todo vulgar, caracteristicamente sertaneja. O gesto lento, cuidado e bem medido, tinha tudo de espontâneo e mecânico. É que essa operação correspondia a outra interior, disposta na caça de alguma nova ideia, na cauta exposição de um intento, no tateio de algum meio de auto defesa... Corria-se nalguns

minutos bens marcados e aproveitados, com rigor, para amadurecer o pensamento, mal houvesse apontado, prendê-lo e cozinhá-lo na grelha da súbita reflexão, que o anotasse à margem de um bom juízo. O cigarro pronto estava, e a decisão tomada, a palavra dada, a dúvida criada, a certeza adquirida, o projeto planejado, a situação resolvida, o bem alienado, a suspeita formada, o engano observado, o negócio transferido ou realizado, o pedido negado ou consentido, o plano substituído, ou suspenso temporariamente...

Para o bandeirante, o que mais lhe servia era a escopeta e o cabaço de pólvora, para o Camargo era camisa da espiga de milho e a tora do tabaco da sua terra. Com isso, tudo resolveria e apuraria. O seu vício único, o grande vício, o que lhe era mais útil e indispensável. Mesmo sem ingerir-lhe o sarro e só preparar a canguera, podia com ele melhorar os meios, concertar os erros, descobrir os tratantes, endireitar a vida...

Nesse apresto do cigarro feito delineava-se-lhe o esquema do que aguardava, do que assuntava, do que recusava ou reclamava... Obedeciam-lhe os dedos das manzorras nodosas ao ritmo do hábito, que dava todo o tempo e lugar à consciência meditar, superar, arrazoar, auscultar-se... O cigarro pronto, estaria o homem aliviado de suas hesitações, com um programa certo, a resposta preparada, o objetivo em vista...

Cousas como estas lhe ocorreriam nesses momentos à cabeça esgrouviada: “— Nhá Tuca resolve ou não resolve? O goiveiro do nhô Minquinho faz bão negócio, casando com ela. — Mas eu não vou no meio sem me desembramar do Ticão. — Se a rapadura baixar prejuízo não se conta...— A porcada este ano ficou toda catuzada... — Junto daquela perovinha, mandaguari é Deus te livre... — O macho crioulo do Zé Antônio é um despotismo de esquipador...” E isso vinha sem se embaralhar, chegando tudo junto nas moendas da Razão e recebendo logo jeito de se ver na ordem e de ficar muito bem considerado e esclarecido.

O “Penseur” do Rodin, exprimindo o aferro da meditação, põe a mão no queixo e estatela-se todo encurvado no seu bronze de aparato. O Rodrigo, como bom caipirão, para pensar e refletir fabricava o cigarro. Oco, distraído, espesso, materializado, comprimido e encurtado de natural, esperava o homem esses instantes para a grande luz que o devia guiar, os relâmpagos intercorridos no seu breve cismar. Um pouco de fumo picado, metido no pedaço da bráctea do cereal, bem alisado e hei-lo acendendo na mente um monte de

rudimento, dispendo de um armário de soluções, envolto na tempestade ocorrente de tantos fatos e clarões...

Não seria nada de muito elevado e superfino o que borboleteasse no cérebro do Fortunato, agarrado ao seu rolo de macaia. A roça era o meio em que se sentia bem, a calçada da praça deixava-o embaçado e desgostoso. O bicho do mato tomava ares de cidadão; mas a sua honra, a sua preferência estavam nos alqueires de suas terras e aguadas. Tudo lhe era centrípeto, vindo do sertão; tudo o que a cidade estampilhava saía-lhe pelos raios de um a roda. A terra do interior afeiçoara o homem e este por sua vez devolvia-lhe em apego tudo o que dela recebera. Um explicava e justificava o outro, entrelaçados pelos fios de relações e dependência cada vez mais embaraçados e tensos.

Tinha o hábito de sentar, esticando as pernas e mantendo-as em prancha inclinada, apoiada em cima na quina da mesa. Nem antes nem depois vi pessoa alguma arranjar-se dessa maneira, se bem que os ianques sobremaneira a apreciem, o que irá de par com a mascagem ininterrupta e a cuspalhada atinente, desses comodistas da U. S. América.

São Paulo, a cidade morta, era esse homem que deveria representá-la, pitando. Tinha-me ele toda a grandeza e interesse de um símbolo vivo da terra que o consagrava e reproduzia. Via-o extremamente sossegado, como a superfície de um lagoão, com as pernas estendidas e inclinadas, preparando o cigarrão de palha. Dir-se-ia um autômato, fincado no copiar, amigo dos grandes silêncios, quando o vento cai ou a tarde vai morrendo, quando o cafezal floria ou a geada o vai queimando, e sempre fechado o tabaréu na modéstia da sua faina imensa e dos seus imensos recursos. E, no entanto, era o grande conquistador dos benefícios da terra avara de suas compensações, o aproveitador de seus vastos recursos, na estupenda simbiose entre o trabalho e o fruto, a messe e o plantador. São Paulo guardava em si, na aparência de sua paz de vilaça, a força em possança daquele rude capiau, molemente espichado na sua banca entre o bordo da mesa e o assento da espreguiçadeira, maravilhosamente surgido na minha infância daquele fétido de sebo de couro e de queijos curados...

Era casado o excelente Rodrigo de Camargo com uma boa e alentada morenaça, que pelo fato de fumar às escondida, como a professora de S. Cristovam, nos deixava muito escandalizados. Haveria de casar-se segunda vez com o Dr. Domingos Jaguaribe Filho.

Certa noite, terminada a ceia de chá e bolachinhas, como de ordinário, corríamos ao leito para dormir. Nove horas batiam no relógio a hora reparadora do sono dos pequenos. Eis senão quando, nos fizemos de novo levantar e vir para a sala de jantar, enfiados como estávamos no camisolão de costume. Extraordinário caso, devido a algum excepcional acontecimento! Qual seria o motivo dessa desordem, sairmos do quarto quando começávamos a pestanejar, acolhidos à paz da noite, que nos envolvia no seu negro arminho?

Sobre um canto da mesa de mogno se alteava um prato de “sonhos”, fofos e dourados nas suas trouxinhas polvilhadas de açúcar e canela. Era a novidade que nos esperava. Entusiasmados pela gulodice oferecida em hora tão inesperada, acercamo-nos dos bolos tentadores. Tinha sido a vizinha, a D. Maria Caetana, senhora do “seu” Camargo, que nos enviava tão saborosa iguaria. Sob a atenta de minha mãe, que nos recomendava: “Meninos, não vão ter alguma indigestão!”, abocanhamos cada qual a nossa escassa ração.

Mastigamos uma pasta insípida, que não podíamos deglutir, reconhecemos que os filhoses eram de algodão, fritos na banha e na farinha de trigo seu enganador envoltório, alastrado de açúcar e canela. Celebrava-se, no desapontamento dos arados pivetes, o grande logro universal, na data de primeiro de abril de 1880, com esses bolinhos de burla e completa imitação.

Teria eu menos de dez anos, quando servi de secretário a esse portentoso e peludo Coronel Camargo, redigindo-lhe as cartas para os amigos e parentes. Não sei se a minha literatura epistolar seria, na ocasião, capaz de iniciar alguma epístola do Coronel, como aquele matuto cearense de que fala Leonardo Mota, em “Violeiros do Norte” e o qual assim começara as linhas da condolência : “Doo-lhe meus penhoradíssimos pesares.” Certamente deveria esmaltar as que me cabiam fabricar de muito erro palmar, pelo que lhe daria um cunho todo pessoal. Trazendo ao meu pai o rascunho ia primeira missiva, em que dispusera as “mal traçadas linhas”, julgava-a naturalmente um primor epistolar. O que não evitaria haver o Quincas notado, que eu a começara pela forma pronominal passiva da primeira pessoa! Além desse solecismo, inçavam meia dúzia de graves erros de sintaxe e ortografia a prosa da correspondência do principiante.

Mas, o mambirão encantado achara-a uma “beleza” e me passando a mão grossa pela testa, exclamava à mulher com a voz arrastada e de metálica, inflexões: “Este menino tem chumbo na cabeça... É capaz de assentar-se um dia nos conselhos da Coroa...” A verdade é que, quanto aos erros semeados nas pautas da carta de então, fariam honra a muito escritor reputado de hoje... Parecia-me bem sincero o complacente Camargo, elogiando-me a cacografia e as cincadas solicísticas, prometia-me mandar com o filho único, o meu saudoso Fortunatinho, engenheiro formado na Bélgica, estudarmos e formarmo-nos na Suíça.

Mas tais projetos não vingariam porque, apenas pronto o palacete, que construía para a sua residência em Santa Cecília, o bom Camargo não chegou a gozar dele, tendo acabado ensandecido. Foi encontrado morto, o excelente tapiocano, em terras da sua propriedade, no interior, com o pé ainda no estribo da sela em que montara. O cavalo pastava tranquilamente, conservando a ilharga o defunto já em estado adiantado, de putrefação. Mazeppa¹⁶⁰ escaparia desse fim de horrível abandono, a que a demência levaria o infeliz paulistano, digno de melhor morte.

São Paulo, cabisbaixo e ronceiro, não haveria, entretanto, de ficar reduzido a isto, o casario baixo e as ruas desertas, embuchadas de nevoeiro e povoadas de seus Fortunatos. Muitos sinais já ia dando de melhorar de sorte, aperfeiçoado a sua eugenia e os meios de sua indústria. Os imigrantes da Itália vinham a pouco e pouco afluindo ao Brás. Se a Tabatingueira ainda se conservava no mesmo, os terrenos cobertos de juás e bananas-do-brejo, sítios no Bom Retiro, recebiam a visita do agrimensor com o seu esquadro e trenas de medição. O velho José Maria Lisboa, antigo tipógrafo, na porta do “Diário Popular”, inquiria com os seus óculos azulados e constante chapéu de Chile da boa saída da sua gazela, rodeado da nuvem de garotos que anunciavam a folha vespertina. Tinha ele trazido ao jornal popular o fundamento do balcão admiravelmente administrado pelo bom senso do português bacalhoeiro e merceeiro. No letrado acorava-se o comerciante avisado; atento ao negócio da venda da folha. A cidade morta dava as primeiras estremeções em que iria ressurgindo para a magnificência dos tempos novos, quando viesse a barulheira dos

¹⁶⁰ *Mazeppa*: ópera de Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893). Trata-se do personagem cruel e poderoso, soberano dos cossacos.

Protocolos, surdisse a cataplasma do Convênio de Taubaté, encomendassem a Missão Francesa para a polícia, fosse governo o maestrinho de operetas Carlos de Campos, lavrassem as guerras do Isidoro e Góes Monteiro e o literatismo jeca-tatuado se entalhasse na capela de pau-de-jangada e pau-brasil dos seus adoradores de tanga e chapéu armado; imperando sobre tudo e sobre todos o Matarazzo e os sírios, negociantes em grosso de armazém e lojistas a varejo de armarinho, monopolistas do cimento e da seda, do arame farpado, da meia de seda artificial, do trigo, do fio de algodão e do botão de osso...

22. FIRMA BAKER & COMPANHIA

Por esse tempo das cartas de Fortunado, empreguei-me, outrossim, em dar lições de português a um casal de ingleses, também moradores nas vizinhanças. Acolhi um estuda do professor do que lhes parecia a coisa mais difícil deste mundo, o idioma de Camões! Quebrava-lhes eu o isolamento de transmigrado e de casal sem filhos, e ao mesmo tempo aproveitavam eles a pabulagem de menino, para aprender alguma coisa da língua do povo em que se hospedavam, sem poder amá-lo nem compreendê-lo.

Era *Mister Baker* um chefe de condutores de trem, ou coisa que o valha, na Companhia do caminho de ferro inglesa que ligava Jundiá a Santos. Casado com uma senhora, muito prestimosa e apreciável dona de casa e que, só ela, trazia o domicílio numa perfeição de ordem e de excessiva limpeza. Além de laboriosa nos arranjos, era uma cozinheira bastante satisfatória, pois não lhe custava quebrar uns ovos na frigideira, tostar a torrada, grelhar o lombo seco e fumado do arenque, obter o *roast beef* sangrento, talhar bem fina a fatia rósea de presunto de York e pôr no ponto a geleia de morangos ou de laranja da terra. Num abrir e fechar de olhos estaria pronta a refeição do almocinho, da merenda ou do jantareco.

Meu prazer era grande de penetrar na casa dos Baker. Parecia visitar um país estranho, pois somente lá é que via o chão esteirado, os alvos *brise-bises* e os *stores* de seda crua nas janelas ensanefadas, as graves cadeironas de estilo elisabetiano e outros móveis maciços e de pesado carvalho, com lâmpadas de metal e caçarolas de cobre sobre o forno da cozinha, afora a gravura da paisagem de neve e outras de caçadas a cavalo e *mail-coach* e os retratos da Rainha Vitória e do Príncipe Alberto, estes em molduras de pau e de veludo, inclinados sobre o harmônio do salão.

E tudo tão escovado, envernizado e burnido, que eu me sentia verdadeiramente ofuscado nesse Reino do lustre e da limpeza, onde sempre me atraía especialmente a boa tora de *plum pudding* ou de *cake*, cozidos no sebo e crivados de passas de Corinto. O homem faz a casa à sua imagem, pelo menos lhe põe muita coisa do que é tradicionalmente de sua terra e de sua gente. É fácil até reconhecer-lhe a nacionalidade, a não ser que o cosmopolitismo o apague ou desfigure, pela simples inspeção do que o mobília e rodeia no lar. Às vezes será bastante o uso de um objeto mais típico. A rede é indispensável ao

brasileiro do norte, o sofá ao brasileiro do sul. Duas cadeiras de balanço, na sala de jantar e a ausência de cortinas e tapetes podem servir a identificar, no estrangeiro, a casa do brasileiro que não se renega. Na chaminé de mármore a pêndula e o par de candelabros. O leito limpo e fofo, com o edredão de plumas por cima. Cortinas e tapetes por toda parte. O móvel filipesco ou o bufete a Henrique II na sala de jantar. As molduras dos aposentos cor de chocolate. Aí mora o francês. O chão da sala barrada de verniz preto. A cama péssima. O “Sketch” ou o “Bunch” em cima da mesinha de tripé. O cromo com o navio. Através da janela, um céu tendido de estopa. Estamos na residência de um *cockney*. Gerard d’Heuville, a mulher de Henri de Régnier¹⁶¹, com o seu instinto de gata que logo reconhece os lugares que lhe sejam estranhos ou não, escreveu: “La maison de d’Annunzio dès qu’on en avait franchi le seuil ou y respirait l’atmosphère d’un autre pays, où se sentait en Italie.” E citava os vidros venezianos que existiam na vivenda poeta.

Assim a residência dos Baker, na rua do Ipiranga. Entre essas quatro paredes se respirava com prazer um ar de acolhida, de repouso inteligente e vida íntima, sóbria, nítida, sã e contida, a reserva de sossego e estabilidade concentradas, o ambiente de decência, de segurança, de recursos e de asseio. Essa era a impressão recebida, transpostos os seus umbrais e que eu então não saberia explicar, mas é inseparável de toda boa casa britânica. Estava tão longe do antro assenzalado do Camargo como São Paulo do País de Gales, o palacete do conde de Três Rios do castelo de Windsor.

O gosto do conforto, os cuidados da higiene, a beleza das porcelanas, a arte do mobiliário, tudo na casa dos Baker divergia da do Camargo. Numa a lamparina de folha, noutra a lâmpada corcel. *Mister* Baker, muito seco de modos e magros de carnes, mas extremamente pachorrento e sempre de irônico bom humor, quando não lia a Bíblia, as revistas caricatas ou de engenharia da Grã Bretanha, bebericava o *whisky* e soda, que lhe chamava o apetite e roborava todas as fibras do ser, espantando-lhe as larvas do *spleen*. Convidava-me sempre a provar da bebida infernal e ainda me lembra do diálogo que travávamos, em apreciação do gosto desse líquido atroz, que me punha no céu da boca um sabor tão esquisito: — Ambrosia, *boy!* dizia o Baker, todo enlevado com a sua aguardente

¹⁶¹ “A casa de d’Annunzio, desde que transpúnhamos a soleira, respirávamos a atmosfera de um outro país, nos sentíamos na Itália”.

de grão. — Querosene, *Sir!* retorquia eu, esquivando-me a pior comparação. As duas opiniões respeitáveis, apesar de tão diversas, dir-se-iam completar-se no seu traço de desunião. Entre gostos não há disputas, reza um velho provérbio português. Cada um expedia do mesmo modo abreviado o juízo sincero do seu paladar. Ele repetia a dose; eu apenas a florava com os lábios no cálice de experiência a bebida horrorosa, enxugando-o com um grande pedaço de bolo de sebo com passas.

Quando perguntávamos a *Mister Baker* pela mulher, sempre muito afanada com a touca de linho enterrada nas falripas cor de cenoura, a resposta me parecia engraçada. A ativa senhora, não tendo mais nada que fazer, sentava-se a picar com a agulha de bordar o crivo no retalho de linho do tapetinho de mesa, ao qual ela previamente arrancara um certo número de fios. E *Mister Baker*, que me informava sobre a esposa: “Está no varando, furrando pano para tapa outra vez burraca de pano...” Misses Baker achava-se bordando um paninho para a mesa do chá!

Excelente par de ferroviários! Certa vez dançaram para me mostrar em que consistia o solo inglês. Outro motivo os animava, além de divertir o pequerrucho presente. Era o dia do nascimento, creio, da Rainha Vitória. Vi-os enlaçados e pimpões, diante dos retratos de sua Majestade britânica, batendo os pés na cadência da dança nacional, as mãos encurvadas ora na cintura ora no ar, os pés martelarem o soalho de pinho coberto de palhinha. Os dois ingleses remoçados bailavam no melhor dos mundos. Um fantasma, do tempo dos Plantagenetes¹⁶², passearia os dedos no teclado do harmônio. No estrépito e brusquidão de movimentos da dança nacional, em que se lhes deliam a anquilose e o reumatismo dos ossos, foi para o chão, espatifando-se em mil pedaços a jarra de faiança azul, despejada do dunquerque abalroada. Custou-lhe esse prejuízo a lembrança memorativa da festa real e a demonstração ao vivo dessa giga palmeada e calcada, segundo o velho ritmo em uso nessas ilhas enevoadas do Norte. Com os seus passos de volta e vai e vem, pulando e rodando no chão esteirado da sala, esse casal se reintegrava na pátria longínqua. Dois cinocéfalos de Zanzibar, fugidos do *Zoo* de Londres e abraçados no *flat*, ameaçando as louças, os trastes e

¹⁶² Plantagenetes (Plantagenetas): dinastia britânica, também conhecida como Dinastia Plantageneta ou Angevina (de Anjou), que reinou entre 1153 e 1399.

os estanhos do *home, sweet home*, não fariam melhor, não seriam menos contidos no seu regozijo¹⁶³.

Não sei que ambos os Baker fizessem progressos com o meu português. Encontrei-os dizendo ele: “Meu mulherzinho” e ela “Mi marida” e assim os deixei, até que voltaram para a Inglaterra, sem nunca se terem desapropriado de todos os elementos, que os forjavam diferentes em tudo e por tudo da repugnada civilização sul-americana, que lhes daria, com relativa abundância, os cobs do emprego na via férrea e os *shillings* do pé de meia sobre excedentes.

Em seguida a esse solo recordativo, dançado para modelo, me encheram os bolsos de nozes, amêndoas, figos e avelãs, repetiram-me a chávena de chá preto vertido do bule de estanho nas xícaras de louça da Índia e dobraram-me os nacos de *cake* e *plum puddin*. Seria essa a segunda e melhor parte da festa de Baker & Companhia, comemorando com a dança tradicional e as guloseimas das cinco horas o aniversário de Sua Graciosa Soberana.

¹⁶³ Note-se uma certa acidez de Rangel ao comparar o casal a primatas, portanto, animalizando o comportamento dos até então tão “civilizados” ingleses.

23. O CARNEIRO INALCANÇÁVEL

Dentro os brinquedos com que deviam mimosear-me a infância, nenhum de mais efeito à delicadeza de minha sensibilidade nascente que a Caixinha de Música. Tão pequenino objeto e tão repleto de vida e de interesse! Assim talvez só o bilboquê e os polichinelos me preenchessem as horas de tão agradável passatempo. De começo, a que possui era munida de uma pequena manivela, que eu me encarnecia a fazer girar horas inteiras. Moía-se a música como se faz aos grãos de café ou de pimenta-do-reino. Nem sempre empregava uma delicada atenção na manobra da molinhagem. Tomava ora a lentura da lesma ora a pressa vertiginosa do esquilo. Era segundo o estado de alma, o capricho de agente da rotação e suas descargas mais nervosas...

Até que se recusando à variedade de ritmos que lhe imprimia, a Caixinha de Música começou a se desregrar no seu despejo harmonioso acabou por ficar insensível ao movimento que lhe imprimia. Quis então saber a razão da parada e desconcerto. E isso me daria o inefável ensejo de conhecer o que haveria lá dentro, como engenho para a produção de tão agradável e repinicanos compassos.

Com a minha curiosidade satisfeita, a Caixinha de Música ficaria irremediavelmente inutilizável, a sua engrenagem para sempre violada e engasgada. Dir-se-ia o segredo ser a garganta única do fabrico e êxito do brinquedo. Quebrado o sigilo, evaporar-se-ia para sempre a razão do seu funcionamento e existência. Que me importava, se fiquei senhor do que havia dentro, o mecânico de todo um cilindro crivado de pontazinhas de aço, dando a cadência e o sobressalto das notas destacadas na agradável tilintagem do moinho harmônico! Mas, das tentativas empregadas para restabelecer o delicado jogo de aparelho, nenhum deu outro resultado senão deixá-lo numa irreparável e conseqüente mudez.

Não tardaria, entretanto, que outra Caixinha de Música maior alentada de fôlego, de madeira marchetada, com três peças de melodia em vez de uma e no lugar da manivela uma chavezinha de dar corda, substituísse a primitiva. Durante dias consecutivos eu fazia repetir sem enfado os trechos musicais, que ela continha com ciumenta exclusividade. Tantas vezes acontecia embalar-me o sono com o seu repinicado de cravo feito para distrair

Micrômegas¹⁶⁴: ton, ten, tin-tan, tin, tun. Tantas vezes, como os sons da harpa que abrandava Saul, tinha o poder de adormentar, desviar ou delir as cóleras ou tristezas que me empolgassem. E como certa vez perdesse a chave, que fazia marchar a música, não me consolei mais. A Caixinha de Música tomou o aspecto de um esquite, onde se enrolava tudo o que de agradável a Natureza exprimisse e fosse extinto de um só golpe no planeta todo calado, vazio de seus hinos e curiosidades. O que era um dedilho mágico de notas graciosas, e breve poema de harmonia, para uma contradança de elfo ou uma pirueta de silfo, se tornaria doravante inanimado e sem préstimo... Até que pude fazê-la andar com um alicate.

Mas o meu ideal mais vívido e importante, nesta matéria de brincos, tinha sido possuir um carneiro manso. Nunca pude entretanto obtê-lo, apesar de tanto desejá-lo.

Afora as Caixinhas de Música me vinham polichinelos de cartão, dançando a menor espichadela na cauda do cordel em que se armavam, a infalível arca de Noé, repleta da bicharada recortada em pinho de Nuremberg e as numerosas caixas de soldadinhos de chumbo, zuavos, dragões, hussardos ou ulanos, com suas bandas de música e linhas de pifanos e tambores. Gostava de distribuí-los em caprichosas formaturas, ou em ordem dispersa, empenhá-los em renhidos combates na mesa de jantar. A minha pistola de rolha almejava-os um a um, deitando-os no “campo de honra” que era algumas vezes o ladrilho da cozinha.

A bola de borracha, rolando nas colunas da tropa, derrubava-a aos magotes, fazendo dos bravos militares um angu-de-quitadeira¹⁶⁵. Ao contrário do que haveria de fazer na vida, tomava sempre o partido dos que triunfavam. À minha irmã cabia a parte dos que eram derrotados. No meu *Kriegspiel*¹⁶⁶ já se me adivinhava a nulidade da capacidade militar. As minhas perdas presumia-as de ganho. Toda gente põe um rótulo de otimismo e de vitória a tudo quanto lhe convém...

Tinha soldados nas mãos aos punhados, não tanto como Churchill, que os possuiu em número de mil e quinhentos. Não podia imaginar que com eles fosse possível uma

¹⁶⁴ Personagem que dá título a um conto de Voltaire. Em outras passagens do segundo volume, Rangel volta a citar esse mesmo personagem.

¹⁶⁵ Os militares eram esmagados pela bola, daí a imagem do “angu-de-quitadeira”.

¹⁶⁶ Em alemão: *Kriegspiel*, “jogo de guerra”.

revolta. Quando me dispunha a brincar, metia-os em ordem, generais, capitães e tenentes, uns atrás dos outros, ao lado dos pelotões ou das barracas. Obedecia à hierarquia na precedência dos oficiais. Fazia-os marchar separados ou em colunas cerradas. Punha-os todos cômicos no seu mundo funcional. Mas, quando me aborrecia, baralhava-os todos, os soldados, os cavalos, os canhões. Não reconhecia os graduados, os de mais galões deitavam-se com os mais inferiores, de simples devisas. Confundiam-se entre meus dedos, sem nenhum respeito atirava-os pelos ares.

Minha irmã ou a cozinheira que se livrassem deles. Sem saber, fazia uma revolução nos quartéis... Acabavam os soldados, dormindo juntos na arca de Noé e os animais perdiam-se esparsos por toda parte. Pelo chão de casa era muito comum encontrar bichos e soldados, pelo que minha mãe se desesperava:

— Não há meio de se trazer a casa arranjada e limpa, é soldado por toda parte. O general estava na escarradeira, o capitão no fundo do urinol...

— Aí está em que dão estas guerras, que pretendes sempre ganhar, brigando com a tua irmã...

— Menino, ia esmigalhando o elefante com a ponta do pé. Para isso é que queres os brinquedos...

E ameaçava levá-los a todos, os militares e animais, para o lixo, com a vassoura de piaçava. Seria além do asseio, um descanso para tão pichosa dona-de-casa. E as peças, esquecidas e abandonadas aqui e ali, eram reconduzidas às respectivas caixas, escapando assim ao desaparecimento a que o meu tédio as ia condenando pouco a pouco.

E esses brinquedos, apenas possuídos, já não valiam grande coisa. Toda criança se farta, aborrecida dos seus desejos realizados. Como o adulto, e para a infelicidade de ambos, apenas satisfeitos já desejam outra coisa... Os meus sonhos no momento centravam-se no almejo de um carneiro, como os representados em gravuras ou na mostra dos bazares, com as patas coladas à caixa de fole de pelica que lhe servia a imitar o balido inseparável.

Quando via um desses animais servindo de cavaladura a outro menino mais rico ou animado, a inveja que matou Caim, deixava-me bastante maltratado. A esse não haveriam faltado com a promessa... Vários amigos tinham, com efeito, falado em felicitar-me com

esse mimo extraordinário. O Ezequiel conhecia um caboclo, em São Bernardo, que tinha um carneiro para vender. O bom senhor Fortunato chegara mesmo a falar ao Quincas e à Iaiá a respeito. *Mister Baker*, quando houvesse portador, mandaria vir do seu condado, na Inglaterra. A minha mãe sempre me falava do que pertencera ao Manuel de Oliveira Lima, quando pequeno. O animal completava o lindo menino. No Recife não havia cousa mais bela que os ver passear na rua depois do jantar. Trazia-os à arreata um negrinho fardado. O picica já não teria que ver o plenipotenciário junto aos belgas, quando entrasse, na cidade do Flandres, na sua mula ajaezada para a circunstância, encaminhado pelo burgomestre...

Minhas noites passavam-se em branco, imaginando o ovino embuçalado e trazido como próprio anho pascal aos pés de Jesus, o Bom Pastor. Como jamais o alcançasse, quando havia ensopado de ovelha a mesa, o sentimento de mais funda tristeza me vinha de não possuir o bicho que, depois de tantos promettimentos se reduzia ao doloroso mito, cujos pedaços nadavam no molho do excelente refogado. Não sei ainda até hoje por que esse carneiro tão anelado não me chegaria às mãos, nem vindo da Faxina¹⁶⁷ nem do País de Gales! Repugnância a essa espécie de quadrúpedes, um tanto embaraçosos na residência da cidade, por parte dos meus pais, ou o receio de alguma marrada de mau humor nas pernas ou no baixo ventre dos filhos tão pequenos?

Nunca se avalia a responsabilidade que importa faltar à promessa do brinco ou da guloseima a uma criança. Turva-se-lhe todo um panorama de felicidade. Desequilibra-se-lhe o ser inexperiente, tira-se-lhe o sono, conturba-se-lhe a alma. É a rósea perspectiva da alegria transmudada no negrume de sua hórrida falência! Nas cordas resumidas da sensibilidade do infante, que maior tortura pela perspectiva de mais uma satisfação, como emergir no despeito do que não se venha a realizar! Porque “prometer”, na semântica infantil, é cumprir por antecedência e “falhar” é arrancar as raízes a toda realidade, desmoralizar-se o céu e a terra...

O carneiro foi um totem para o antigo menino brasileiro. Quanto bem trataria eu desse amável quadrúpede e lhe poria guizos e fitas no pescoço! Dar-lhe-ia nomes de

¹⁶⁷ Faxina: referência a um município do Pará. Na frase, transparece a ideia de que o carneiro não viria de lugar nenhum, fosse de uma cidade remota do Brasil, fosse de outro país.

carinho, encheria as horas, penteando-lhe a lã e alisando-lhe o focinho... Encaixando-me no lombo felpudo e sem perigo, tornar-me-ia admirado dos outros do meu tamanho...

Nessa montada de mansuetude tornar-me-ia uma figura de importância, quando não passaria de mais um mimado no universo. Ao contrário do que aconteceu com o corcel de Átila, o campo dos Curros, onde ele pisasse, haveria de ficar todo esmeraldino e florido. Cingindo-o aos varais de carro, que cheguei a construir com a caixa de sabão vazia e duas rodas serradas numa tábua velha, fiz-me outro exemplo do marquês de Carabás, ufano e feliz, no seu coche de estadão.

Como se vê, esse carneiro inexistente deu-me bastante preocupações. Nascera-lhe nas espáduas lanzudas um par de asas. Tendo acontecido que nunca o visse balar no portal de casa, instalei-o do redil das fantasias mais impossíveis. Foi o hipogrifo dos meus oito anos... Anatole France faz notar no “Livre d’un ami”, que só os brinquedos prometidos às crianças as fazem pensativas e desejosas.

Deu-me por isso o carneiro tão falado pelos que me rodeavam, e acenado em dádivas hipotéticas, a lição amarga da irrealização de tudo quanto de melhor nos possa apetecer, o desapontamento das miragens no deserto do beduíno sequioso... Carneiro da infância, reduzido a algumas costeletas coriáceas, no banquete das decepções desse tempo e também de mais tarde...

24. OS SANTINHOS DO PAU OCO

O grupo que constituíamos, subindo ou descendo a rua do Ipiranga, em visita ao Ezequiel Freire ou em passeio ao largo dos Curros, era objeto de certa atenção da vizinhança. O meu pai estadeava-se com a sobrecasaca preta, que era a casca oficial de todo o funcionário público da época, e a bengala de cana da Índia passada debaixo do braço. E minha mãe empantufava-se na sua saia de folhas e anquinhas, elegante e bela, muito vaidosa do parzinho de rebentos que a precedia, eu de largo colarinho palmado à inglesa e a minha irmã toda faceira da cabeleira crespa, dourada e solta que a nimbava. Os dois pequenotes davam o braço como gente feita, na petulância de parecerem felizes e concordados, escolhidos um para o outro, na mesma forma celeste.

Às vezes levávamos o nosso irmão Mário, recém-nascido, no carrinho, de capota móvel. Que disputas para saber qual dos dois empurrava a viatura do caçula!

— Ana Olinda! Deixa de implicar com o teu irmão. Ele é mais prudente e jeitoso para conduzir, intervinha a minha mãe, despedindo-nos um olhar de amoroso envolvimento com que procurava findar a rivalidade dos dois animalzinhos, exclusivamente no seu encargo de tração. As minhas aptidões para empurrar a calechezinha de vime do Mário recebiam, com a indiscutível opinião materna, um atestado de primeira ordem, mas levavam por outro lado a minha irmã a preparativos inamistosos, que só não iam avante pelo aviso com o qual eu pudesse blocá-los a tempo:

— Mamãe! Iaiazinha está me fucicando... quer morder-me... arranhou-me... agora mesmo me deu um beliscão...

Poderiam ser-nos aplicadas aquelas réplicas que Henri Becque haveria de pôr na boca das personagens de “Honnêtes femmes”¹⁶⁸:

Geneviève: — Vous les connaissez, ses enfants, vous avez joué avec eux, des amours!

Lambert: — Oui, j’ai aperçu dernièrement Mlle Berthe qui donnait une raclée à son frère.

Geneviève: — Elle le bat comme plâtre. Deux amours!”

¹⁶⁸ “Geneviève – Vocês os conhecem, suas crianças, vocês brincaram com eles, amores!
Lambert – Sim, percebi ultimamente senhorita Berthe dando uma sova em seu irmão.
Geneviève – Ele nele bate muito e fortíssimo. Dois amores!”.

Tudo o que disparávamos um ao outro, em nosso passeio num duelo dos mais disfarçados, era dito baixinho e sem desmanchar nossos bons modos... O braço de Ana Olinda enfiado no meu. A sua respiração ofegante de raiva e agressividade queimava-me o rosto. Poderia queixar-me das ameaças da minha irmã, apelar para a poderosa e indefectível proteção dos nossos pais. Relampeava-me a vontade de fazê-lo. Preferia, porém, continuar com os meus ares de amizade e patrocínio, estar cerzido a ela e não atrapalhar o passeio com as queixas que nos fulminariam o crédito de meninos exemplares e nos haveriam de expor a má apreciação dos estranhos.

Tudo suportaria para que não se nos desmoralizasse o bom conceito, em que éramos tido pelos estranhos, nessa demonstração quotidiana da rua do Ipiranga. Já tateava as vantagens da salvação da aparências... Sabíamos estar vivendo em sociedade e já calculadamente nos acautelávamos de parecer o que éramos, o cão e o gato, acolherados no mesmo saco...

O meu pai, a que por fim não escapavam os entrecortes e eufemismos da contenda, notava com desanimação:

— Estes “cabritos” tão ajuizados e bonzinhos, Iaiá, acabam, na rua, comendo-se um ao outro...

Ao que minha mãe interpunha:

— Mais tarde hão de bem se entender... Não te esqueça que Ana Olinda, quando ele for homem e se não casar, há de cerzir-lhe a roupa, fazer-lhe a cama, tirar as nódoas do casaco. Tudo virá a seu tempo...

Nas ruas e praças, aos cantos dos portais, pelas frestas das janelas colavam-se os olhos dos vizinhos de toda condição, pasmos para os meninos tão unidos e tão bem ensinados. Às vezes, uma cabeça feminina, mais ansiosa por forçar a curiosidade, punha de fora dos batentes a trança desfeita, mostrava o carrapito arranjado às pressas.

E a minha irmã a dizer-me entre os dentes:

— Deixa-te estar, quando chegar em casa te darei uma dentada com toda a força... Eu te abrirei a barriga com a faca, seu feioso...

— Pode dar... Gasguita! Pode matar... Serigaitazinha... Hei de queixar-me quando voltarmos que vives empertigando comigo. E para referir-me com malevolência às sardas que lhe comprometiam a alvura do rosto, chamava-a de “Ovo de Peru”.

— Hás de me pagar tudo isso que estás dizendo, seu “não-sei-que-diga”. Cara de Santo Onofre de Latão, Santo Antônio do Pau Ôco...

— Ela está me chamando de “não-sei-que-diga”!... Deu-me outro beliscão...

A gente que, nas janelas ou nas esquinas, contemplava os dois anjinhos, comentaria toda derretida:

— Como vão bem unidos e concordes!...

— Como faz gosto apreciar o modo e a educação dessas crianças...

— Que gracinhas!... Que docinhos de amor!...

— Não tem que ver meninos estrangeiros, ele com a sua gola à balona e ela vestida de xadrezinho...

— Que júizo!

— Que gentis!

— Parece ir par o céu o casal de pombinhos pernambucanos...

Sempre havia no caminho uma negra velha que nos abençoasse:

— Benza-os Deus, belezinhas do Santíssimo! Irmãozinhos de Nossa Senhora! Santinhos do Pai do céu!

De volta à casa, as marcas dos estorcegões arroxavam-me os braços, quando não era alguma marca das dentadas de Ana Olinda...

25. VESTIDO COR DE SANGUE

Ainda aos cinco anos, vestiam-me para sair, em ocasiões mais solenes, um vestido de veludo vermelho, coleirado de renda cearense. Confeccionara-o minha mãe, copiando-o de uma revista inglesa de modas, emprestada por *Mistress Baker*. Recortara-o nos panos nesgados da saia à balão, que pertencera a minha avó D. Ana de Arruda Rangel. Nattier fez um retrato do duque de Borgonha e Meuret do Conde d'Eu trajados de menina. O delfim e o Orléans tinham, na verdade, apenas quatro anos e portanto poderiam bem suportar o *travesti* que lhe haviam imposto, nesse vestuário de roda. Com os meus cinco anos passados, as saias atentavam contra o orgulho da condição do homem que nascia em mim, todo vaidoso de arvorar o pendão de tal prerrogativa.

Arrenegara-se por isso a pompa esquipática daquele trajo que, além de mudar-me o sexo, se apresentava no tom de aparato e de riqueza incomportáveis com a vossa verdadeira situação social. A maciez, o brilho escandaloso da cor purpúrea e sobretudo a forma de corpinho e saia desse vestido me deixavam mal humorado. Demais, não via os outros meninos assim, metidos nessas galas escarlates. Em todo São Paulo eu seria o único enfatotado desse modo. Deixando estendê-lo à minha mãe, fiquei muito enfiado por esta me obtemperar:

— Pois então! Que fumaças são essas de homem, seu pirralho! Vestir-se de veludo, que há nisso de vergonhoso? Que te daria na tineta? Numa terra tão fria como esta, é melhor que assim seja. Querias andar metido numa serapilheira? Mais vale a gente distinguir-se por alguma cousa de limpo e de fino, que se condenar a andar mal arranjado para comprazer à insignificância ou ao relaxamento dos outros... Todo mundo gaba a beleza dessa roupinha e acha como tenho gosto e jeito para te arranjar...

E, com despeitada por não subscrever-lhe a opinião das amigas e conhecidas, ela acrescentava:

— Além do mais não se há de atirar à caçamba do lixo um vestido tão rico e tão bonito, só porque tu achas não haver outros iguais...

A verdade é que essas razões me deixavam bem pensativo e irritado. Acumulavam-se-me os raios contra a roupa tão repugnada. Se me vestissem as chamas da fogueira de S. João ou o uniforme do carrasco antigo, que era todo vermelho, naturalmente para o sangue

da vítima não manchar o algoz, isso não me queimaria ou não me contrariaria tanto como esse traje que acabou horrorizando-me.

Foi ao voltar de um passeio desses, no qual, como sempre, a vizinhança me gabara a manutenção e o bem procedido, que declarei à minha mãe não meter nunca mais em minha vida aquela saia e corpete de pregas, que atraía a atenção de toda a cidade sobre o “príncipezinho da rua do Ipiranga”, vestido de sangue de boi. Decidi-me a todos os excessos, espernear e alertar a rua com meus altos brados...

A decisão com que foi afrontada a autoridade materna por parte daquele pequenite, sempre tão obediente e conformado, tinha alguma coisa de imperioso, de absoluto e de trágico. A minha mãe compreendeu logo a situação. Frouxamente retorquiu as minhas razões, embora desconhecesse os meus direitos a emitir qualquer opinião. Prometeu ser doravante menos sensível a satisfazer-me certos caprichos e desejos. Não haveria mais de me comprar nem quitundo, nem pipocas. Assinalou-me, com ar bastante desiludido a má criação, as novas disposições de cabeçudo e mal ouvido.

Eu sentia, contudo, no tom falsamente enérgico dessas objurgações, qualquer coisa que me dava razão. Enquanto a minha mãe dobrava o vestidinho de veludo escarlate, com todo o cuidado e o metia na caixa de papelão, como se exumasse o próprio filho, por minha parte choramingava para resto de desabafo da insurreição, a um canto do quarto. Eu também sentia que as minhas lágrimas escorregavam por cima do veludo dos restos defuntos, a roupa vermelha que eu conseguira afastar do meu caminho, tirar do cabide, arrancar da minha pele...

O meu assinalado movimento de revolta fez com que a vestimenta rubra, à força de tão dolorosa disposição, retirada definitivamente dos meus ombros fosse mudar de dono. Transferido de vítima, forraria esse indumento a pobreza de algum garoto das cervanias de uma manto de purpúrea de terceira mão. Como quer que seja, devo-lhe a primeira expressão da minha vontade, realizada em golpe de conquista, na febre de um verdadeiro assalto. Como quando o animal, no misterioso transformismo da criação, abriu a pálpebra e usou da pupila, na maravilhosa experiência em que foi capaz de ver, assim aquele peixinho, dando a primeira rabanada de voluntário inicial, no laço siluriano. Armei-me, para começar,

do terrível instrumento do animal, esse que lhe dorme ao fundo da consciência e o leva a dizer “Quero!”, sem que o céu ouse cair em cima e rachar-lhe a testeira de revoltoso.

26. O SERENO E A SEDE

Duas cousas, recorde, me desgostaram a meninice, estragando-a numa boa percentagem: o medo constante do sereno e o suplício da sede quando havia febre. Imagine-se a contrariedade do pequeno voluntarioso, ter que abandonar o brinquedo, o passeio ou a conversa ao ar livre porque a noite se avizinhava, trazendo na fímbria do seu negro manto todo um séquito de males hipotéticos e o tormento de, no abrasamento da alta temperatura mórbida, não poder refrescar os lábios fendilhados e ressecos nem a boca ardente de uma golada de água da quartinha!

Costumava dizer um grande clínico e professor francês que a saúde não prenunciava nada de tranquilizante, em virtude mesmo de seu estado passageiro e precário. A crise possibilita a outra crise... Dos homens são se fazem os doentes. De mim posso dizer que me trazia sempre um estado de ansiedade, quando considerava poder de uma hora para outra ver-me cair malacafento e tiritando no fundo de uma cama, pelo que não me deveria expor à humanidade da noite, nem refrescar-me com a linfa da torneira!

A ideia de me voltar um dia a febre, pela experiência do que me fazia sofrer o impedimento da água para beber nessas ocasiões, tirava-me toda a alegria que me desse o melhor prazer. Poupei-me a certos abusos que levassem ao resfriamento ou à indigestão por medo à fatal comunicação termométrica do que me fosse indicado nas artérias e nas veias abrasadas.

Que momentos pavorosos da maior apreensão quando, por exemplo, ao voltar da carreira, afogueado, vindo da rua ou do quintal, me tomavam o pulso ou me tateavam a testa, acompanhando esses gestos destas observações de prudência:

— Menino, estás feito um camarão cozido. Vamos ver se estás com febre...

— Alberto, acha-te pouco esquentado... Apanhaste algum defluxo? Vou preparar-te um suadouro... Estás meio jururu, comendo pouco... Vê onde puseram o termômetro... Se não estiver atrás do oratório, olha na caixeta de laca onde estão as joias...

— Sentes um amargo na boca? Os olhos ardem?...

Minha boa mãe, por que sentimento de superlativa caridade te transformavas no carrasco que negava ao teu filho no leito de enfermo um pouco de refrigério às mucosas em chamas? Eu a gritar: “Água! Água” e tu bastante atribulada a responderes-me: “Tem

paciência... Espera... Deixa a febre baixar... Quando acabares de suar... O óleo de rícino fizer efeito...” Como era duro o teu coração de tão amoroso e sensitivo! Cruel, cruel! E dentro de ti sofrias mais que a tua vítima supliciada. Mais forte que o amor maternal, o prejuízo médico impunha com a mamona ou o chá de sabugueiro um travessão de ferro à consolação e piedade da Iaiá, insensível na sua proibição d’água para beber enquanto durasse a hipertermia!

Às torturas tantálicas do filho, minha mãe, como todas as mais do seu tempo, opunha o credo da salvação, com tanto que se morresse de sede... Pelo que conta Plutarco, o médico Philotas de Amphissa, sentado à mesa de um filho de Marco Antônio, sustentava o sofisma de ser conveniente dar água fria a todo doente que tivesse a temperatura elevada. Já datava desse tempo a repugnância em questão. Bendito Philotas, por que não apareceste no meu tempo de infante, ao lado da minha cama de doente, onde ardesse com 39 graus centígrados?

27. O EZEQUIEL

Meu pai e o Ezequiel Freire cultivavam a recíproca amizade da forma que a poderia tornar a mais duradoura possível, apurando-a em torno do objeto da mesma adoração, alheios como ficavam ao interesse egoístico ou vaidoso, tão natural em outras relações mais perecíveis. Ambos idolatravam as flores.

Na talentosa falange de “O Boêmio” de São Paulo escrevia Ezequiel Freire sob o pseudônimo de Dr. Gregório e aparecia assim nele retratado:

*“Dá consultas, meus senhores,
À rua da... Inspiração;
Sobre pleitos sobre flores,
Dá consultas, meus senhores,
Lamartine - entre os doutores,
Entre os poetas - Lobão,
Dá consultas, meu senhores,
À rua da... Inspiração.”*

O triolet¹⁶⁹, referindo-se ao jurisperito, a flores e disfarçadamente à rua da Consolação, onde residia o poeta, identifica facilmente o Ezequiel. Quantas vezes o vi e ao Quincas, boquiabertos de admiração diante de uma folha aveludada de begônia, acariciando com os olhos o botão carnudo da magnólia ou da gardênia leitosas! Como eles distinguiam bem os exemplares do belo e curioso mundo das orquídeas, a odontoglossa da ciprípede, a licaste da catleia! E tinham planos de arranjo floral, no desafio do gosto, que lhes era inato, nesse domínio.

— Consegui ontem um belo gerânio e umas “chagas” e “bocas de leão” como nunca tinha visto, dizia o Ezequiel. — Tenho a ideia de encher o muro, que está vazio, de avencas, entremeando-as com aquelas saxifragáceas que encontrei entre as pedras, numa tapera do lava-pés.

Despendia-lhe o Quincas:

— E se você plantasse em torno deste pé de camélia vermelha um bom bocado de canas-de-macaco? Quando a penachada de prata rebentar, será uma beleza...

¹⁶⁹ Triolet: em português, triolé. Poema de forma fixa, com estrofe(s) de oito versos, com duas rimas.

— Prefiro o azul dos miosótis ou a touça dos tinhorões, daqueles de que ninguém gosta, verdes, pintados de preto e rodeá-los de cinerarias cor de rosa...

— Palmas de Santa Rita, cor de brasa, fariam também um lindo efeito...

Vinham outrossim à baila as murtas, as dalias, as algalias e malvarosas. Umas, em vaso ficariam melhor; outras à sombra, na terra... Na discussão travada em torno do objeto de sua escolha, Ezequiel decidia-se por certa rosácea chamada “flor-de-noiva”; optava afinal meu pai pelas “flores-de-babado”, alvíssimas, com o largo limbo recortado em franja. Cada espécie botânica lhes trazia a sua moção de simpatia e de amor.

Casavam-se umas às outras, dançavam no turbilhão das cores e perfumes, aliviavam-se ao esplendor na palheta de luz em que se decompunha cada recanto do jardim. E a vida das aves e dos insetos, juntava-se ao poema multicolor das corolas isoladas nos seus pedúnculos ou imersas no pendão dos seus carimbos, a que o orvalho rociava e o sol vazia murchecer. As núpcias sagradas no segredo das corolas, ao relento primaveril de maio; a morte de algum exemplar na desfolha das brisas de agosto. As pétalas desfeitas, os cálices dos periantos erigidos na festa dos galhos verdes, zumbentes de abelhas...

Tudo era assunto de conversação, entre os dois amigos, que trocavam ideias e impressões florísticas, esquecendo as tristes cousas dos mortais para só se ocuparem da espuma bariolada e risonha da terra. A boa Natureza desviava-os da amargura, que deixavam nas alturas outras preocupações menos puras e probas. Os dois homens esqueciam a miséria exclusivamente daquilo que não lhes trazia senão a visão da graciosa perspectiva, inundada de pétalas, de perfume e colorido, nos jardins que ambos idealizavam.

Que horas passei, contemplando os antúrios, as palmeirinhas novas, as samambaias e avencas rendadas e fléxeis, os pinheirinhos de sala, as tilândias sem raízes quase, suspensas pelas folhas os epifílios, rebentados em flores de seda de viva cor, as parasitas, labiosas em branco ou roxo, ou esplendendo nos caules em panículas de ouro fosco!...

Vim assim, todos os dias que Deus dava poder escapar do Colégio, próximo da casa do Ezequiel, aperfeiçoando o gosto na apreciação das lindas cousas da natureza, acostumando a sensibilizar-me diante de um caulículo gracioso, de uma pétala de seda. A

mesa posta da merenda, que me fazia servir D. Sinhá, sublinhava-me o sabor da botânica com o dos biscoitos e do pão torrado...

Foi no alimento e sensação desses desafios florísticos, que o Ezequiel realizou uma das suas criações mais belas e poéticas. Plantou ele no jardim uma grande árvore de madeira de lei, bem esgalhada e seca. E enrolou-se no cerne morto a vida estonteada e trepada da parreira de qualidade e da trepadeira bem escolhida.

Não custou que todo um duplo poema vegetal de pâmpanos e cachos de rosas se suspendesse à árvore defunta. A vida balançava-se, recamando os braços mortos em que se apoiava tão lindamente. Amarelavam as rosas carnudas e belas, doidas por fundirem a gema das corolas no azul do céu para o qual se ofereciam, numa escada em caracol. Na verdura roçagada em verdejantes sanefas perpassavam as borboletas, os sofres e as curruilas escondiam-se, procurando em lugarzinho mais escuro... E entre as rosas e os cachos de uva se foram instalando os ninhos...

Para orlar os canteiros de maneira menos habitual, preferia o Ezequiel aos fundos da botija, às gramas, à murta, ao buxo, ao “bico de papagaio” as tiras de carvão polvilhadas com enxofre. A fantasia excitava-lhe a novidade das ideias, doidejava-lhe nesse mundo multicolor, em companhia das abelhas, que visitavam as corolas recedentes e ensoalhadas do seu jardim de casa.

O Ezequiel Freire foi o mais doce caráter que jamais conheci, alma que parecia escolhida por ela mesma na estufa em que se cultivasse e selecionasse esse gênero, para cada qual botar em si o que mais fino encontrasse, dando flor. Nunca vi outro poeta como ele, fazer da poesia por assim dizer o seu berço, o seu domicílio e mirante sobre o universo. Vivia essa criatura dentro de uma estância rósea, em que só lhe sorrissem as corolas e as rimas. Que peregrino ser de afago, de delicadeza e de ternura! Poeta é aquele, que faz da realidade um sonho todo seu e o exprime numa língua de canto musical e sincopado. Quanto se aplicaria ao Ezequiel o contexto dessa definição!

Muito antes do que se veio a chamar “poesia pura”, o Ezequiel a praticara, menos pelo uso sutil e refinado da palavra empregada no segredo de sua própria harmonia, que pela doçura estática, com a qual a levava a refletir o sentimento, expresso no apelo de carinho e de afeição, dedicado às cousas mínimas, obscuras e breves da terra. A seu pena,

flexível e encantada, de feiticeiro dos mimos o das graças, no desenho e evocação dos seres mais humildes, cândidos e frágeis, emprestava a maciez das pétalas de certas violáceas. No mundo de Flora, que era quase todo o seu universo, sentia-se logo com as aptidões aéreas de um silfo, embriagado pelo chiro do pássaro e pelo aroma da flor. Daí a sua prosa irisar-se, inclinada à simplicidade e ao sorriso de todos os encantos da natureza corrente, fosse o canto de jardim abandonado, o trinado do pássaro na rama, o mistério da tapera entre as bananeiras ou o chiado da velha porteira, batendo os seus varais no mourão do “pasmado”...

Deveria ser ele que escrevesse a “Botânica amorosa”, assunto que a mediocridade de Garcia Redondo¹⁷⁰ tanto estragou. Da convivência do Ezequiel guardo recordações, como trechos risonhos da paisagem aparecidos ao passo que os descortina da névoa a aura esvaecida. Notando o poeta, que a palma das minas mãos se esfoliava em películas produzidas pela secura ocasional da epiderme, perguntou-me um dia:

— Menino, que é isso? Está você com honras de cobra ou de lagarto, mudando de casca?

Eu, doutoralmente, empinando o papozinho de espevitado sabedor de *omne rescibili*¹⁷¹, repliquei do alto dos meus oito anos:

— Não é nada, não senhor. É um fenômeno peculiar à massa do sangue...

Arrebentando de rir, pelo avantajado da pretendida explicação do pirralho, o poeta foi ao armário dos livros e, tirando um volume filetado de ouro, “Les Merveilles de la science” de Louis Figuier, dedicou-mo no seu melhor cursivo: “Ao doutorzinho descarado pelo Fenômeno Peculiar à Massa do Sangue, E. F.” Ao portento alardeado da minha ciência infusa e apataratada, nada melhor indicado que as maravilhas do Figuier.

Estudante da Praia Vermelha e da Escola Politécnica, acabou Ezequiel formado em direito por São Paulo, na turma de 1880. Juiz Municipal em Araras pouco tempo, foi professor de retórica do curso anexo à Faculdade de Direito daquela cidade. Escrevia Ezequiel Freire folhetins, de que a muitos no Correio Paulistano deu o título de “De

¹⁷⁰ Garcia Redondo (1854-1916): engenheiro, jornalista, professor, contista e teatrólogo; autor de *Carícia, botânica amorosa* (1895).

¹⁷¹ *Omni rescibili*: na verdade trata-se de uma corruptela da expressão latina *de omni re scibili*: a respeito de toda coisa ou assunto discernível, possível de se conhecer.

omnibus rebus”¹⁷². E ia desmanchando o novelo de seda dos seus dias felizes, sorrindo a tudo quanto há de mais doce e puro neste mundo: o passarinho, a criança e a flor. Fialho de Almeida decantou o pilriteiro, que traz ao monte e ao val lusitano a graça selvática dos seus ramos nupciais; Musset pediu ao salgueiro choroso a marca do seu jazigo parisiense; Euclides da Cunha descreveu o umbu, lancinado nas asperezas da terra adusta que o procria e martiriza; Contreira Rodrigues não esqueceu a figueira maternal e sombrosa do pampa e eu mesmo vi na brenha do alagado amazônico o apuiseiro, no seu enlace de sugo e constrição, meio cipó e meio polvo...

Ezequiel escolheria melhor, traçando com o sentido coração o assunto de uma balada de magma e consternação. Acontecera morrer na colina dos Passos, perdido no guanxumal, junto ao cemitério de Rezende, anoso timburibá. Muito compungido como de um falecimento na família, ele soltou a nênia, chorando a árvore carregada de barbas de epífitas, e a cuja sombra lhe sorrira a meninice. Dir-se-ia a árvore fosse a sua irmã mambaça. Não esquecerá jamais esse velho figurão vegetal, que espreitava a amplidão do seu reino cerúleo, tapetando o monte onde nascera.

Assim Ezequiel descreve o vetusto timburibá, perdido no horizonte, a reclamar a atenção de todos o reverenciado protetor de todo um descampado: “Conhecida familiar dos viandantes, erguia-se a bela árvore, como a atalaia do pouso hospitaleiro, sobre toda a vegetação circunjacente na vasta área que o olhar cansado do caminhante abrangesse. Saudavam-na desde logo, como ao nome protetor do rancho amigo, tropeiros e viajantes transeuntes pela estrada real, que ligava a corte às cidades de Serra-acima, antes que o bufo da locomotiva e o estrépito do trem de ferro fossem espantar para regiões mais sertanejas a poesia das antigas viagens, viagens a calo, cansativas, morosas mas pitorescas.”

Continua o Ezequiel localizando o vegetal amigo, misturando-o à existência roceira de que se fazia o amável e reconhecido padrão. A sua pena tornou-se toda em pelos de um pincel. Toca e retoca o quadro, com o sentido pinturesco, que lhe esmalta a cópia de um halo de luz saudosa e triste, orlando à tarde a beira do descampado: “Entre Campo Belo e Divisa, os navegantes e viajores que iam ou vinham, rio-abaixo ou rio-acima; quer sobre o dorso de uma boa mula de cela, ao passo cadenciado e macio da marcha viageira; quer sob

¹⁷² Em latim: de omnibus rebus, “a respeito de todas as coisas”, “sobre todas as coisas”.

o toldo de uma daquelas antigas barcas tripuladas por marujos portugueses, e que se ocupavam no carreto do café entre o Varadouro e a Barra; o viajante de terra ou do rio desde muito ao longe no caminho avistava, erguido e solitário na vastidão dos campos e bamburrais em derredor, o Velho Timburibá dos Passos, destacando sobre a limpidez do céu, a sua ramaria frondente, de folhagem miúda, donde pendiam flocos dessa parasita filiforme, parda, móbil à mais leve aragem, tão amiga dos alterosos tipos vegetais: jequitibás, braúnas e figueiras bravas.”

A perda da árvore querida se diria a de um avô muito amado, de barbas lanudas, cofiadas pelo vento, e encostado ao esteio do alpendre. Comparou-a Ezequiel a um candelabro, quando em vida sustinha as vagens cilíndricas dos frutos em fios, que se lhe dependuravam como pingentes na grenha frondosa e verdoenga. O tronco do timburibá rezendense fora vendido pela Câmara ao coveiro que, repartindo-o em achas de lenha, disso tirara o lucro suficiente para comprar o enxoval da filha. O assunto de um conto para moças, que o Ezequiel talvez tivesse inventado para tornar ainda mais interessante a pastoral do solitário e acabado timburibá.

E como tivessem saudado a queda do gigante arbóreo, prestigioso ancião da colina, carregado de pássaros e sombras, com a presença da filarmônica de Rezende, o poeta não se consolou dessa paródia de missa de corpo presente, e enterro de primeira classe, com os discursos e a música aldeã, que haviam celebrado o tombo do monarca da selva e veterano da solidão...

Ezequiel estava acostumado a essa melancolia, que a Natureza lhe proporcionava, frandejando as copas e ramadas. Ele também cantara o ingazeiro da fazenda Boa Vista, cujas galhadas opulentas, banhadas no riacho do moinho, lhe inspirava estes sextissílabos, orvalhados de balsâmica doçura:

*“Desta copada árvore
A sombra extensa ondula
Em plácido balanço,
Das ondas no remanso,
Igara pequenina,
Leve. O terral agita*

*A frança do ingazeiro
E as flores em chuva
Desprendem-se dos galhos,
Do seio da alvorada;
A onda enamorada
Leva consigo as flores
Porém as minhas dores
À sombra ficam presas
Desta copada árvore...”*

Seria Ezequiel o primeiro a impregnar a nossa poesia desse aroma de sândalo e raiz de vetiver, do tom inefável de leveza e meigo colorido com que sua alma dolente deixasse cair da inspiração o pingo das estrofes. Assim o poeta de Rezende colheu na pluma docemente esvoaçante esta gota de rocío:

*“O coração da mulher:
Onde inconstante,
Bolha irisada
Onda...
Flor...
Nada....”*

Neste “Confronto” Ezequiel revela a mesma doçura, na candidez de imagens que lhe está no ritmo familiar à contemplação e espreguiçamento do estro delicado:

*“A flor e a mulher são gêmeas
Da mesma frágil crisálida;
Se a visão da amante pálida
É flor de ignoto mistério
Na luz que de ambas dimana,
No exale perfume etéreo
A flor à mulher se irmana.”*

E que acharia ele para dizer da “mulher perdida”, o assunto byronseco no qual seria tão próprio abrir a boca para a blasfêmia, sacudir o sudário embebido na sãnie, abrir as torneiras do despejo da amargura e do ceticismo, passados do romantismo ao realismo, e que, por igual, se cevaram na tristeza desse tema?

“Agora o que te resta nesta vida?

Uma alma corrompida

Um viver desgraçado

O nome de perdida...

Um corpo vivo - um coração finado!”

Homem todo entregue aos extremos da sensibilidade, como estigmatizar as criaturas decididas, senão reconhecendo-as enterradas na desgraça do coração insensível? Compunha o poeta fluminense os seus trechos com a seda do pincel do aquarelista, o pólen das antenas, os matizes do arco-íris, o trisso das andorinhas e o olor delicado da violeta. A poesia e a prosa nasciam-lhe sem distinções, no enlace feliz da expressão em que as gerava, palpitadas no delíquio da milagrosa fusão entre a forma e o sentimento. A língua portuguesa, perpassada no crivo do seu estilo, perdia todas as caras de origem do marracho luso ou da rude tágide saloia. O jornalista de São Paulo dizia: “Era prosa de plumas e asas”. Desmaiava o terribilíssimo “ão”, no eco tônico do seu troco silábico; a pólvora dos tiros prosódicos molhava-se do orvalho matutino, que ensopava a escova... Períodos como este pubesciam-lhe a pena macia e leve, tremida no adejo com que a brisa docemente a inclinasse; entre um suspiro e um perfume: “Descaem flácidas as folhas aveludadas da maranta zebrina; no largo disco das begônias rex cintila uma pulverização diamantina.”

Certa tendência satírica pruía-lhe , no entanto, a ponta da mallat, manejada com tanta suavidade e poesia, levou-o a fundar “O Boêmio”, em 1881, com Valentim Magalhães e o lápis humorístico de Narciso Filgueiras.

Seria ainda um traço de hábito roceiro, de que Ezequiel trazia por tantos lados do espírito a marca simplista e risonha. É sabido que a ironia é uma flor que viaja na boca de nossos sertanejos, escolhendo seus remoques. Disputou-se Ezequiel com Paulo Prado e talvez com outros. Quando se pensava fosse puxar do estoque e na barriga do adversário, atirava-lhe o mordaz a frecheta de uma galhofa inocente, tocava-o de leve com a folha de

uma urtiga... A Olavo Bilac ele soube despedir, com a precisão do velho arqueiro britânico da guerra dos Cem Anos, a seta que varou o vate de lado a lado, sem contudo deixar-lhe o sinal da mais leve cicatriz: “Se a não queres amar, ao menos respeita, poeta, a Revolução, de quem é legítimo filho - o teu belo espírito.”

Aos acadêmicos de São Paulo, redatores da “Opinião Republicana”, que, em 1887, botando ódio ao Rei e ao Padre, abriram concurso para o melhor soneto socialista, ele respondia sob o título “Pro Rege Deoqua”¹⁷³:

*“Tendes fome canina e ventres universos;
Quereis tudo engolir, a Monarquia, o Altar!
Podeis dificilmente, ó tipos, saciar
Esse apetite atroz que revelais... em versos.*

*Pois bem, sendo vós cinco, ó trago-reis-estouros,
E Padre um só, tomai: envio-vos mais estes:
— O de espada, de paus, de copas e de ouros.”*

Como se vê, algumas estrofes de troça risonha e algumas rimas ricas lhe bastaram para bisnagar o quinteto de epileptóides da gazetazinha rubra.

Jamais nenhum jornalista foi mais gentil e coroável com os seus colegas. Coroou as cães de um Azevedo Marques do estema de elogios que desdobrou sobre os nomes de toda a família desses paulistanos. Comparou a pena as de Rangel Pestana à haste de uma rosa, cheia de espinhos. Dele é este delicioso apótema que lhe sugerira a linguagem do confrade da imprensa: “Só escreve belamente quem escreve com a alma; a rutilância do estilo provem os molharmos a pena, tanto no coração como na tinta.”

Dizia dos outros o que se diria dele mesmo. Como Barbey d’Aurevilly¹⁷⁴, gostava o Ezequiel de variar a cor da tinta e do papel em que escrevia. Ouro, branco, escarlate... Num cartão em que figuravam dois cães, felicitava ele o noivado de minha irmã:

“O cão é o símbolo da fidelidade

¹⁷³ Um deslize deve ter feito Rangel grafar o título erroneamente. A expressão correta em latim seria *pro rege deoque*, “em frente ao rei e a deus”, “em favor do rei e de deus”.

¹⁷⁴ Jules Amédée Barbey d’Aurevilly (1808-1889): escritor, romancista, novelista e poeta francês.

*Ao dono ou dona do seu coração.
Há corações humanos que se prezem
De bem querer como quer bem o cão.”*

Os assuntos, que o panteísta de preferência escolhia, acudiam-lhe do lar feliz, enfeitado das fuchsias e labiadas do seu quintal. Fundaria a nossa escola de “intimismo”. Entrasse a andorinha pela janela aberta; a filha Zulmira surgisse, leve e fresca, para o merecido beijo matinal; o coleóptero esvoaçasse, batendo os elitros na vidraça; rompesse no canteiro o retalho de veludo da máscara do amor perfeito; pousasse o pintassilgo na rama da sapindácea; as violetas extenuassem-se no exalo do perfume que lhe denuncia o recato; desaparecesse a bela rosa, sanguinolenta e polpuda, desabotoada no arabesco do gradil do jardim; outros tantos motivos de cândida emoção da Musa enternecida, enfiada na túnica de andar por casa e já pela alvorada, colhendo as verbenas para seus cabelos.

A página que ele, em outubro de 1887, ofereceu a Ramalho Ortigão, quando foi da visita deste ao Brasil, ficou o episódio do negro pernambucano Pedro Gobá, traçado no quadro opíparo de uma safra na roça. O sublime acende a labareda alta e sinistra, ao pé da senzala fluminense. Primeiro, é descrita com a tina branca e macia do seu bucolismo a colheita anual da terra fluminense, inserta nos esplendores e farturas de maio.

E todo um feixe de imagens de nosso interior se repassa na lembrança do escritor sensualizado e dorido, apurando as suas impressões de meninice, estatelado à porta do paraíso, onde cantam os gaturamos o milho faz de trigo no celeiro. Chiavam os carros de boi, como no tempo de Isaías e nas charnecas de Castela, da Andaluzia e do Aragão, os mesmos que, segundo Cervantes, faziam toda essa gemição nos eixos desensebados para espantar os lobos e os ursos encontrados na estrada. E Ezequiel, a propósito da écloga em que se imerge nos deixa esta página forte e maviosa, rude estampa campesina traçada com um lápis magistral e transcrita com um poder magnífico de observação, feliz da alma virgiliana que lhe campa no peito e palpita no modelo: “Pausadamente, entra pelo terreiro a longa fila de bois, cangados aos pares, parelhos no pelo e no porto. Os da guia, retacos, dorso recurve, pescoço alongado, focinho abeirando a terra, esticam as tiradeiras, vergados os canzís, ao esforço da tração. Corpulentos, possantes, pampas, de amarelo e branco, cabeça ao ar, entrechocando as grandes armações lusíadas, marcham pesadamente os do

couce, em passo processional e atitude de resistência, escorando no cogote pelado pelo diuturno atrito da canga o peso enorme da carrada”.

E coagulavam-se as cargas das canas. As tulhas estouravam. A terra fecunda empinava o ventre redondo e maternal, entremostrado na fartura da tulha e na riqueza da gleba. E seguia-se o drama rápido do sangue indômito, manchando de rubro os tijolos do terreiro, a correr do fiando harmonioso da Tecla e do próprio peito cabeludo do Gobá esfaqueado. O amor do negro pela mulata afirma-se nos gestos que o fazem ao mesmo tempo um assassino e suicida... A antologia brasileira viúva, até hoje da transcrição dessa novela, descoroa-se imperdoavelmente de uma de suas laureas mais belas e significativas.

Ezequiel Freire tinha a cabeça repleta desses conspectos naturalísticos do eito. Eram os espetáculos de desventura ou risonhos peculiares à memória do sinhozinho. Com que amor os evocava, dando às recordações roceiras o tom de afetuosa suavidade, que não encontramos nem em Alencar nem em Bernardo Guimarães, nem mesmo em Valdomiro Silveira e só talvez em Godofredo Rangel! Comparando-se a Stello, cismarento e sofredor, revê-se ele nos reinos deste pitoresco nativo: “Apoiado ao tronco de um velho suinã, ele contempla em torno o rio que passa, o gado que muge, as aves que bailam no ar nevoento pipilando de alegres.” Outro fosse e teria arranjado a faca arcadiana de Daphnis¹⁷⁵ para o fulcro de tanta melancolia.

O peregrino visita a fazenda paterna, a campina, a vivenda caiada, a estrada animada dos tropeiros. Provavelmente o aguardam a tigela de jacuba, o pratarraz de paçoca ou de angu de caruru. Vem a noite. Guincha a porteira nos batentes dos mourões. A porta desse Éden abre-se sob um telhado. O bardo da Saudade tem o coração na mão. “... Mas nesse instante, alerta ao rumor, veio o Maimbe agitando um tição em zig-zag. Um grande fila, pelo eriçado, orelha erguida, seguia-o rosnando.

— Abençam, Sinhô-moço.

— Adeus, Maimbe.

¹⁷⁵ A expressão “faca arcadiana de Daphnis” não parece óbvia. Na história de *Dáfnis e Cloé*, às vezes intitulada *As pastorais*, Longo narra o pastor Lamon encontrando Dáfnis ainda bebê em meio às cabras, ao lado duma espécie de espada com cabo de marfim – única referência possível encontrada.

E a voz amiga do velho feitor escravo, soando-me aos ouvidos com a mesma doçura submissa e carinhosa de quando eu era criança, afugentou-me de alma o pavor que a invadira ante o profundo silêncio do terreiro solitário.” O doce nome do africano prolonga a impressão do ermo hospitaleiro no timbre da corda metálica, que fosse tangida no bojo melódico de algum tosco instrumento núbil ou congolês. Maimbe!

A página que se segue tirada ainda à “Volta da Fazenda”, resuda todo o encanto natural que lhe importa a deliciosa e predileta descrição de nosso interior. São linhas de toda graça e harmonia, abertas na evocação enternecida com que o passado a retrata. Um bocado da terra se transplanta na frase melodiosa, que ao vivo e sentidamente e representa. A alma, que a vê, suscita-a num painel de verdade e de amor. Não tivemos ainda quem assim compreendesse e transladasse para um papel tudo o que de mais singelo e rústico nos rodeia. As cores imprimem-se na facilidade e frescura das sílabas de que a verdadeira poesia se serve e é o mais feliz e precioso dos instrumentos picturais. O viandante apaixonado marca os passos pela marcha do seu coração bem ritmado e o seu olhar alonga-se e embebe-se na perspectiva dessa viagem sentimental, que logo se lhe fixasse e retratasse no fundo da alma, a força de bênçãos e suspiros. Estua-lhe o entusiasmo, freme-lhe a saudade e a imagem de sua contemplação afirma-se-lhe nas tintas da mais perfeita e suave das impressões.

Do seu espírito profundamente sensível nada lhe provoca a deturpação da realidade, senão o desenho puro e branco mesmo no relevo dos mais ásperos contrastes. Leiamos o trecho, halo dos eflúvios que vem da roça. Delineia-a traço a traço, a ponta de um *fusain*¹⁷⁶ adequado e macio: “Quando transpus a velha ponte de madeira alcatroada, negra sobre o albor do rio murmurante, entardecia. O sol no acaso dava cintilação de aço polido à superfície da água. Aos campos de capim rasteiro cerca tosado pelo dente roaz das tropas famintas, sucedem-se agora terras lavradas. Farfalham extensos canaviais de alegre verdura clara, movediços e rumorosos. Seguem-se plantações de fumo, aflando as grandes folhas sumarentas, ao toque da aragem, nos graciosos arbustos encarreirados sobre o chão que avermelha, recentemente carpido. Arrozais de pouco ceifados, mostram ainda ao centro do terreiro circular a tarimba de varas que servira para a debulha. Carcomida pelas

¹⁷⁶ Em francês: *fusain*, ao pé da letra, é “carvão”. Aqui, uma provável metonímia para lápis.

derradeiras enxurradas do estio, escarvada pelo contínuo trânsito das tropas, colea a estrada por entre culturas, fraldeando os morros, contorneando os aclives”.

A palheta do Ezequiel enriquece-se frequentemente das cores raptadas às belezas do canto de terra e provinda de seu próprio cultivo. Na mimosa policromia delira a imaginação do pintor, copiando o suave prodígio das flores que lhe rebentavam dos alegretes bem cuidados. “O vivo escarlata da begônia-excelsa; as fúcias rubras com âmago roxo. Entre as rosas umas de alegre enxofre, outras com laivos de sangue, brutalmente desvirginadas, disséreis, pela mamangava lasciva de asas de fogo, que ao lusco-fusco desta fria madrugada veio aninhar-se-lhes nas corolas entreabertas, sedenta de amor de mel, e lhes magoou os pistilos, e lhes amachucou as pétalas, que agora estão, como um lençol de noivado, sangrentas e amarrotadas...”

Inúmeros trechos de sua prosa recendem a impressões nascidas dos recessos do seu jardim. É lá que ele suga o mel com que enche o favo de suas melhores páginas. O jasmineiro polvilhado de branco, sugere-lhe a miniatura da paisagem matinal: “Desde a porta um jasmineiro todo estrelado de rosetas alvas aromatiza a névoa em que mergulha o jardimzinho inteiro; névoa turbilhonante e fria das manhãs paulistas, através de cujo esgarçamento o azul do céu transparece, doirado de sol.” A figueira dá-lhe o tema requerido para o assunto do quadro que atrai e que o arrebatava: “Pela parede arriba até o ângulo do telhado, estende-se a cipoada inextricável de uma figueira sarmentosa. Seus ramúsculos, entretecendo-se naturalmente, soldam-se uns com os outros nos pontos de contato, formando uma filigrana de inimitável emaranhamento. Sobre o fundo verde-escuro sobressaem os novos rebentos de tons bronzeados, por entre os quais cambaxilras voejam à cata de taturanas.”

Ainda um exemplo de sua prosa corredia, simples, filtrada nos musgos sobre que corresse a linfa do regato, remansada no mistério do bosque, no qual se espelhasse, silenciosa e fugaz, batida aqui e ali de um raio de sol, tremida na superfície porque a beijasse com toda leveza e solicitude a libélula de mica: “Murmura docemente o rio sobre o límpido espelho de cujas ondas aniladas se refrangem os raios do sol a pino, inundando a paisagem de uma claridade intensa; à clareira aberta no capituval da margem oposta vem abeberar-se o gado sequioso, soa aí perto, na venda da estrada, uma cantiga plangente

acompanhada pela viola caipira; passa, esfrolando a superfície de água, ao arrepio da corrente, um martim-pescador, pondo na quase mudez do ambiente a nota aguda do seu pio estrídulo...”.

O rio Paraíba, o rio de sua infância, mereceu-lhe esse hino carinhoso e quente, onde o Poeta resume, num só período, todos os quadros da paisagem que a imensa veia líquida localiza e estremece. Dir-se-ia recortá-las no sinuoso ermo das suas margens para replantá-las no papel, tirando-as do seu coração de contemplativo,

Nasceu Ezequiel Freire a 10 de Abril de 1849, em Sant’Ana dos Tocos, freguesia de Rezende, uma das capitais agrícolas do sul, com Barra Mansa, Vassouras, Valença, Paraíba do Sul, Carmo, Cantagalo, S. Fidelis e Campos, a faixa opulenta do açúcar e do café, transmutada na zona tétrica e finada do chicote do feitor e do negro capineiro. A sua infância deslizou-se dentro do drama bárbaro e pungente, que alimentou com o sangue das sevícias nos escravos os últimos pés da florada cafeeira, no vale moribundo, criada pelo preto e aproveitada pelos seus algozes.

Foi lá que ele conhecera Narcisa Amália de Oliveira Campos, a autora do romancinho “Calaste” e da coletânea de poesia “Nebulosas”, aparecida em 1872 e a qual lhe havia ao prefaciá-lo a 25 de Novembro de 1874 o seu livro de versos “Flores do Campo”, título que haveria de adotar mais tarde, investindo-o outro delicado e terno poeta, o português João de Deus. Era essa moça nascida, em 1852, de um professor público, na cidade de S. João da Barra, no Rio de Janeiro e criada no engenho “Caeté”. Ezequiel, apenas mais velho três anos que Narcisa, viveu na fazenda “Boa Vista”, arredores de Rezende, cidade para a qual o pai de Narcisa seria transferido em 1863.

Dos dados biográficos publicados pelo meu tio afim, Luís Francisco da Veiga, colhe-se que Narcisa se casara aos quatorze anos com o opulento e pródigo rapaz que a abandonaria ao fim de algum tempo, deixando-a na mais completa miséria. Viúva aos vinte e quatro anos, desposara de novo aos vinte oito, um negociante qualquer de Rezende. Ambos, Ezequiel e Narcisa, foram no mesmo rincão alimentados da seiva obscura e forte da nossa natureza, ligados no vivo contato da terra que lhes dera a inspiração, o gosto do meio rústico, o sabor do sol que brilha e requeima a terra estriada pelo rio que borbulha e vai passando... A mesma roça confeioara-lhe as almas. Impregnados ambos dessa comum

fascinação panteística, encontraram-se amados, no mesmo recanto da província, no êxtase da idêntica visão que os rodeava.

Ezequiel havia de cantar o timburibá e Narcisa a bicuíba, com semelhante entusiasmo, no seu amor pelas árvores da flora típica que os envolvia de sua sombra ciciosa de cigarras e opulenta de flores e de ninhos. A mútua inclinação dos dois poetas percebe-se expressa principalmente durante a viuvez factícia e depois real de Narcisa, nas múltiplas ocasiões em que os portadores das duas liras se cruzam ou se aproximam, trocando efusões ou cantando juntos, no acompanhamento carinhoso das mesmas expressões de afeto, nascidas ou convergidas por idênticos motivos.

Em “Murmúrios”, Ezequiel adota como dístico uns versos de Narcisa e liricamente lhe dirige as estrofes aquecidas e castas:

*“Mas quando as lufas da procela frêmita
Dessa alma o lírio emurchece no ardor,
Dá-me, eu te peço, na crestada pétala
A paga humilde de um finado amor!”*

*Não rias, moça, se este afeto indômito
Prendeu-me aos elos dum grilhão de dores!
Queimei-me ao fogo do teu morno hálito
Não pude amar-te sem morrer de amores.”*

Afastados finalmente um do outro e para sempre, em províncias diversas, ele em São Paulo, onde fora prosseguir nos estudos e ela no Rio de Janeiro, onde remanesceria até se prender nos ligames do novo lar, as chamas em que ardiam pareciam-lhes cada vez mais vivas, conexas e bem combinadas. São muitas as endechas de ambos, relados pelo sofrimento da distância que, separando-os, os trazia inesquecivelmente unidos, através dos tempos e dos lugares. Na poesia “Aflita” dedicada a J (José era o primeiro nome de Ezequiel, José Ezequiel Freire de Lima) assim desabafava Narcisa, na dolorosa lembrança da separação que os reprimia:

*“Desde a hora fatal em que partiste,
Turbou-se para mim o azul do céu!”*

*Velei-me na mantilha da tristeza,
Como Safo na espuma do escarcéu!*

*Mas um dia atraindo ao vasto peito
Minha pálida fronte de criança,
Murmuraste tremendo: — “Parto em breve;
Mas não te aflijas, voltarei, descansa!”*

*Ai! Que epopéia túrgida de lágrimas
Na comoção daquela despedida!
Eu soluçava envolta em véu de prantos:
“Quando voltares já serei sem vida.”*

E a poetisa continuava, tangendo com o plectro de singeleza a paixão que a ausência do outro tornava ainda mais dorida, rebentando-a em soluços e desmaios:

*“Desde então, comprimindo atrás angústias,
Vou-te esperar à beira do caminho;
Voltam cantando ao sol as andorinhas,
Só tu não volves ao deserto ninho...*

*Quando a tribo inquieta das falenas
Liba filtros nas clicias da campina,
Busco da redenção o augusto símbolo,
E faleço de amor como Corina¹⁷⁷!”*

A derradeira expressão da tortura da saudade, Narcisa cifrou-a no grito romântico que lhe ia ao desespero de seu mal, sincero de mais para escolher outra cousa como remate que não fosse a morte:

*“Pois bem! Se enfim voltares desse exílio,
Ave errante, fugindo à quadra hiberna,*

¹⁷⁷ Corina: heroína e título de uma obra (1807) da escritora francesa conhecida como Madame de Staël (1766-1817). A personagem é uma poetisa que, abandonada pelo homem amado, morre.

Vem à sombra do val: sob os ciprestes

Comigo fruirás ventura eterna!”

Por sua vez, em “Consolação”, que é uma poesia em paródia à “Agonia” de Narcisa, o mavioso Ezequiel acena-lhe com a pergunta em que se entenece, disfarçando-lhe nesta amorosa interpelação:

“Por que descrês do teu porvir risonho,

Poetisa de Deus?...”

E o seu estro endolorido volta-se ainda par a amiga ausente e distante nesta redondilha de carícia e infável repercussão de amor, intitulada “Não Chores”:

“Não sabes que cada gota

Desse teu pranto sentido,

Cada suspiro exalado,

Cada ai estremecido,

Repete-o além, magoado,

O eco de um peito amigo

Num outro ai abafado,

Noutro suspiro contigo?...”

Como o Ezequiel, a moça fluminense possuía também na mais alta dose o dom do ritmo e da rima, versejando nos extremos da sensibilidade que lhe dava o poder de interpretar os grandes sentimentos de sua alma, os sonhos em que estendia e vivificava as doces fantasias do seu coração enternecido. No poema “Ita-tiaia”, ela tem os acentos do mais puro e caloroso enleio, calcando nos painéis da terra agreste os toques dos recantos de sombra e luz, onde a planta cresce e a flor tudo embalsama, no quebranto e relevo de sua graciosa e pálida harmonia:

“Ondulam ao longe murmuras

Aos pés de esguios palmares,

As florestas seculares

Cingidas pela espessura,

A liana forma dédalos

Na grimpa das caneleiras,

*Do cedro as vastas cimeiras,
Formam dóceis de verdura.*

*Rompendo o celeste páramo
Nem mais um tronco viceja,
A ericinia rasteja
Sobre as fendas do granito
Tapeta o solo a nopália
Veste eflúvios a açucena,
E a legendária verbena
Coroa o negro quartzito*

*Mais alto, ostenta-se a anêmona
No caule rainunculoso;
Prendem do seio mimoso
Flocos de virgem pureza:
Roubou-lhe a tinta das pétalas
O cirrus que adorna a aurora;
A vaga quando desflora
Imita-lhe a morbidez*

Em “Rezende” o tom é ainda suave, perfumado dos pólenes da terra preponderante, ligado às recordações da primeira idade, sacudida na aura amorosa das suas primeiras impressões:

*“Na corola da flor da minha vida
Se aninha agora inspiração mais pura:
De meu rio natal a voz sentida
Desperta em mim um mundo de ternura!”*

Nos versos “A Lua”, Narcisa vibra nos brandos trenos em que se lhe acorda e inquieta a alma de criança, juntando a luz do astro lânguido à languidez do próprio ser:

“Por que de brandas carícias

*Circundas a poetisa?
Não tens acaso nas flores
Mais feiticeiros amorosos?
Não tens o harpejo da brisa”*

E o calor intenso de sua alma irrompe nesta estrofe poderosa da “Confissão”, repassada do mais alto e pleno dos lirismos, dando a medida do que seria capaz essa inspiração de mulher transvasada na pura chama em que se queima o sentimento universal, no mais largo o profundo dos seus gemidos de amor:

*“Céu azul; triste poeta, irmão;
Profundezas e sons; lua, em pleno carão;
Fruto, flor, ave, brisa, e mar e noite e aurora;
Terra, e tudo que em ti esplende ou canta ou chora,
Ouvi, mais uma vez, a confissão estranha
Que enche o abismo de luz e comove a montanha:
— Eu amo.”*

Safo, no seu rochedo iônio, não cantaria melhor o rogo devorante em que se requeimava o trago insatisfeito de sua imensa paixão. É a explosão congênial de todo um sexo, o grito irreprimível da mulher repleta do maior favor de seu destino. Louise Labbé¹⁷⁸ escreveu os mais belos e sensuais poemas da poesia francesa. Harpejaria-os com a mesma maestria Narcisa Amália, que declamava a sua estrofe, juntando ao calor da febre nobreza da suas exclamação ardente e confiosa, que lhe resume a fome e a sede do coração bem empregado: “— Eu amo.”

Para ocupar-se da sua querida Narcisa, Ezequiel parodia-lhe os versos, parafraseia-lhe os cantos. No soneto “Violeta Morta” ela traçou sob os arabescos de uma hermética facilmente decifrável a história petrarqueana dos seus amores com o poeta fluminense. É o soluço de paixão, abafado entre as grades criptogramáticas dos quatorze versos desse poemeto. Ela, a bem amada, enviuvava em 1876, quando o Ezequiel a 18 de Maio do ano

¹⁷⁸ Loise Labbé (1526-1566): poetisa francesa; filha e mulher de cordoeiros (fabricantes de cordas, inclusive para instrumentos musicais), foi chamada “Bela Cordoeira”.

anterior, se havia encadeado nas núpcias paulistanas, com D. Maria Adelaide Ferreira de Araújo, sobrinha do conselheiro Rodrigo Silva, neta do barão de Tietê.

A moça de Rezende recolhia-se no véu da sua viuvez, quando na pauliceia adejava a fronte da outra moça o véu branco do noivado, que seria o sudário da antiga paixão do poeta fluminense. Com o pedido desse casamento, que lhe espelha a ingenuidade e a limpeza da alma, a sua doçura e dignidade, rematava o Ezequiel as disposições, que o seu novo e ditoso afeto lhe traria ao compromisso de seus esponsais paulistanos.

A mensagem risonha, com que Ezequiel suplicava o coração da jovem, era plácida florida na moldura de confiança e da promessa, em que empenhava a palavra e suscitava um compromisso. Ofertava o jovem a sua mocidade à sinhá. Na comovedora página, boa a entremeter nas páginas de um romance de Madame de Segur¹⁷⁹, que melhor e mais fortunosa quantia a seu amor recente! Que mais sorridente e certa base para um vínculo feliz! Devemos a cópia de tão singelo documento a Mário e Alfredo Freire, extremoso filho do poeta, que tanto lhe honraram e veneram a cândida memória.

“D.Sinhá,

Sinto a ardente aspiração da felicidade na família; quero crer umas afeições sinceras e firmes, que me deem a coragem de realizar as esperanças de minha vida. Se a Senhora me julgar digno de merecer os bons afetos de seu coração; se tem confiança nas promessas de felicidade que lhe faço, consista que eu vá pedi-la a sua boa Mamãe para minha esposa.

Como garantia do meu caráter ofereço a minha mocidade sem uma única mancha. Reflita muito, procure conhecer-me bem, e se corresponde ao afeto que lhe tenho, faça-me feliz; sim?

Ezequiel Freire”¹⁸⁰

Considerado o finado amor de Rezende e a nascente de São Paulo, que caprichosa a fatalidade de certos desencontros, pensaria a Narcisa! A vida oferecida na discrepância dos seus enganos e sobressaltos! A funesta descaída e ruptura das forças de contraste, as quais

¹⁷⁹ Sophia Rostopchien, Madame de Segur (1799-1874), autora conhecida por suas obras sobre educação e juventude.

¹⁸⁰ Segundo foi possível constatar, confere com o original no arquivo da família – que não tem data. Deve ser do ano de 1876- e tem a assinatura de Ezequiel Freire (Nota do autor).

regulam a gravitação dos corações que se entre-amam! E rebentaria no peito do Ezequiel e da Narcisa a arfada em cujo frêmito se desconsolou, dizendo adeus à última esperança suscitada com o enterro desse grande amor de outrora, vítima do desenlace em que o noivo se libertou, dando lugar a outra talvez senão mais forte ainda mais puro.

O amor da poetisa fluminense prolongara-se, no entanto, para além do espaço e mais do tempo. Acabou, inscrito no livro negro do destino, sob a rubrica terrível do impossível e nunca mais!

Nesse soneto “Violeta Morta”, dedicado a Raimundo Corrêa, e assinado pela maviosa Narcisa, expressa-se de todo esse complicado romance de amor, a história feita com quatorze rimas de um poema tramado de todas essas decepções e contrastes, bebidos na taça comum em cujo fundo ficara o travo do amargor e acabamento de tão arraigado e fulminante afeto. Enregela-se dos suores de uma dupla agonia, tem tudo de uma inscrição para os restos de dois amantes abraçados nas urnas lacrimais no mesmo túmulo. E o breve conto de tristeza, procurando nas doçuras da recordação o suspiro da saudade, que o embalsame para sempre... É a crônica lamentosa de um par de corações, inconformados à prisão que os separou, quando cruzados na apartagem dos seus dois caminhos...

Leiamos o memorial de ternura, traçado por Narcisa a 24 de Maio de 1886 e que parece é ter gravado no esteio da tapera, que lhe lembrasse toda a desconsolação do irreparável desencontro do moço amado, inesperadamente desaparecido para sempre naquela curva do caminho de São Paulo:

“Violeta Morta”

*“Vejo-te sempre, ó pálida violeta,
Entre flores do Campo sepultada,
Como entre rosas, lívida, gelada
A legendária e doce Julieta.*

*— Jaz morto o imorredoiro amor do poeta...
Lenta, ao longe, extinguiu-se a voz amada...
E ainda aspiro-te a essência delicada
Com que perfumas a canção dileta!*

— *Ave, que reconquista a liberdade!*
Leva a sombra do cárcere na tristeza
Da voz, com que saúda a soledade....

Eu gozo esta cruel felicidade
— *És a sombra, flor morta e sem beleza*
Da dor que encarcerou-me a mocidade.”

Para melhor compreender o que há de alusivo nesse soneto de Narcisa e no qual se revelam os seus sentimentos pelo Ezequiel, basta lembrar que nas “Nebulosas” existe um poemeto “Violeta Morta” e o qual foi parodiado em “Flores do Campo”, sob o título de “Amor de Violão”. É a história da flor, que se vendo preferida pela hortênsia exalta-se no ciúme, mas vendo-se esmagada por quem é desdenhada, resigna-se:

“Curvando a fronte exânime
Soluça a flor singela:
Ah! como sou feliz...”

A rezendense, vítima de semelhante desprezilha, não procedeu de outra forma que a sua imaginada violeta, contraída e suspirosa, fechada na corola de melancolia em que se apunhá-la, sem nada mais reclamar...

E dessa forma toda poética ocorre o desfecho desse drama, que o próprio Ezequiel celebraria com antecedência, em dois versos de “Flores do Campo”:

“- é o desenlace de um romance íntimo,
- o drama inteiro de um amor de poeta...”

A 7 de Novembro de 1886, Narcisa dedicou a Ezequiel o soneto “Porque sou forte”, no qual ainda transparecem laivos de seus instintos sentimentos. Seria provavelmente em resposta a alguma declaração de Ezequiel:

“É boa em cada momento, em cada gruta,
a sinfonia da paixão eterna.”

O que respira à confissão daquilo, que ainda a abriga e desconforma. Bem sei que o espírito romântico é o que encena e dá força à troca dessas efusões, levando-lhes o enternecimento à orla das expressões perdidas no exagero de sua expansão virtual. Nenhum gênero poético encontrou melhor clima e maiores recursos à sua exuberância, que o respirado nessa escola de exaltação, que o norte da terra trouxe à sentimentalidade do mundo, cansado de reter-se nas medidas do clássico, florido nas margens do Mediterrâneo. Mas muito de natural e real bafejou as relações entre os dois poetas fluminenses, para que se deva sorrir aos seus gritos e soluços rimados, ao correr do trato de uma escola com raízes no renascimento da sensibilidade humana.

A amizade de Ezequiel com Zalina Rolim é também toda entressachada da poesia, que a ambas animava. Choviam os versos para lá e para cá. E toda uma correspondência se trocava, calcada na nota do ritmo, que lhes era feito como uma razão de vida.

Romântico que fosse, Ezequiel Freire deu ao nosso Parnaso uma expressão de lirismo e naturalismo, que não mais superamos. Assim pode ele expressar-se na dolência dos sentimentos mais puros, buscando na ventura da existência diuturna e no pitoresco do meio primitivo a moldura natural de seu doce relevo:

*“Mas armo a arapuca nas capoeiras
E perco o anzol os ararás no açude.”*

O “Flores do Campo”, prefaciado a 25 de Fevereiro de 1874 por Narcisa Amália, está cheio dela. A poesia dedicada por Fagundes Varela à Narcisa e inscrita em “Peregrinas” de Octaviano Hudson, tinha por título “O Gênio e a Beleza”, que assim terminava:

*“Provaste acaso as águas de Castália,
Inspirada e gentil - Narcisa Amália
Poetisa imortal?”*

Ezequiel consagrou-lhe paralelamente alguns versos também assim designados: “Gênio e Beleza”. E não satisfeito, fê-lo seguir imediatamente de outros epigrafados “Cheia de graça”. Como que se amparava às estrofes da amada, imitando-os e sublinhando-os. O rapaz excedia-se bastante, trazendo ao culto dos amores de seus verdes anos a indiscrição em que se enfebrecia, repetindo e publicando de modo seguido os versos de tão

compromitentes menções. A dedicatória de “Flores do Campo”, embora oculta por três asteriscos, ele como que a desvenda nestes versos reveladores:

*“Não são teus louros que eu invejo, e a c’roa
que a fronte altiva e soberana enflora;
— não quero o hosana que em paz ti revoa:
— conserva os louros que te dão, Senhora.”*

A festejada poetisa fluminense quão bem assenta a quadra entusiástica do jovem adorador! Junta às outras manifestações do seu livro inicial, parece inegável a inclinação do moço pela poetisa que o enleva e delicia. Tinha o Ezequiel, na época em que imprimiu “Flores do Campo”, apenas vinte anos. É Narcisa que o registra, como que embalada no cândido culto dessa juventude, estendida aos pés da sua. A viuvinha busca, feliz, a certidão de idade do seu admirador, como sério motivo para escusar o poeta das imprecisões ou insuficiências passageiras do seu talento, nos tateios da estreia.

Em “Flores do Campo”, como todo o livro de boas primícias, há muito de inferior, mas também há bastante de meritoso e significativo. Quando Ezequiel se aproxima da natureza, quando se aquece ao calor de seu meio, a inspiração do versejo acompanha-lhe com carinho o debuxo das sensações. Outra coisa é quando faz humorismo sem primor, romantismo sem novidade. Nos versos de começo, quando ele toca nas impressões da terra, seu estro estremecido ganha logo um tom de suave e encantadora representação, o ar embalsama-se e sua poesia prende-se à paisagem como a flor ao pecíolo:

*“As ondas avermelhadas
do Paraíba - ligeiras
misturam-se às enxurradas,
que rolam das cabeceiras.*

*Perpassa tênue barulho
nas canas secas da margem;
- Será da linfa o barulho?
- Será do vento a bafagem?”*

“Roça” é um poemazinho, em algumas de cujas quadras, o interior brasileiro é evocado da maneira mais encantadora e real, com uma frescura toda matinal. A tinta que lhe vinha no macio pincel com que pintava as cousas sertanejas, coloria-lhe a gravura:

*“Moro rentinho à beira do terreiro
entre moitas de pita e bananeiras,
ao lado dos portais ensombra o pátio
o leque de bambus e as goiabeiras”*

E o plectro tange nas cordas da lira simples e bem encordoada do enlevo da quadra que lhe pintasse num cromo a moradia agreste e pacificante:

*“O teto é de sapé; pela janela
o cafeeiro em flor me vê na cama:
remexe o tico-tico no farelo
e salta o gurundi na grumixama.”*

Que delicioso pincel o pincelado nessas manchas, que notas claras e doces o sensível despede! A juventude traz-lhe o respiro da roça, a sua poesia de frescura sadia embebe-se-lhe na alma, entontecendo-a com a suavidade de uma flor do campestre, a doce perspectiva compreendida entre a copa do ipê, o canto do coleiro e o balanço do monjolo...

O “Saci” é uma página de folclore, arrebatada com todo o seu colorido e frescor da boca de um negro feiticeiro. Pede o acompanhamento da cuíca e reco-reco do batuque, a aura da noite misteriosa, os eflúvios úmidos e quentes da mata pesada de lendas e suspeitas:

*“Das noites sem luar nas horas mortas,
quando a lareira não tem mais gravetos
e é tudo escuridão pelas senzalas,
e só se ouve o rressonar dos pretos;*

*Surge de além, das bandas do taperão
cavalgando um corcel de taquari,
o pavoroso espectro das madornas,
o herói das sextas feiras - o saci.”*

O desenho do debuxo empolga feito uma tirada de repentista risonho; a lenda enredou-se no poemazinho de toda a sua graça nativa. Prova o quanto é fácil aos poetas falarem do que viram e ouviram, de tudo quanto lhes é comum e mais chegado. Não sei porque esse saci não anda como uma bela flor d'água, desabrolhada na vasa da antologia; não esmalta uma página para crianças; não serve de recitativo, como “La Cigale et la Fourmie” ou os “Dous Impossíveis”.

Em seu tempo, a Musa mais festejada prolifera a que, em São Paulo, embocava a trompa retumbante da Ideia Nova, dedilhava o *triole* dos vates republicanos, gênero Afonso Celso Filho, ou psalmodava as canções báquicas dos frequentadores do “Corvo” e da Tabatinguera, gênero Álvares de Azevedo, uns byronianos tão retardados que pareciam de toda novidade.

A valeira do Anhagabaú, o bairro do Cambuci, a baixada do Tamanduateí, o Ipiranga, eram paisagens todas debuxadas em neblina, peneirada no raso do seu pouco relevo. A ladeira do Mercado ou a do Piques corriam no corte de sombrios desfiladeiros. Cinzado de névoas matutinas, tiritando na geada, daria esse panorama ao nosso Parnaso o acento revoltado da fofa ideologia política, o academismo palavroso da campanuda mocidade do tempo, o romantismo impudente nos seus arroubos e descartes devassos...

Ezequiel, à parte na falange dos berradores da Liberdade e do Amor Livre, guardava os sentimentos docemente melancólicos do homem do centro, o coração bucólico afinado às queixas dos camaradas da fazenda, à canora endecha do gaturano na cerca, ao ranger da cancela do velho sítio, ao atropelo dos sacis a encherem de cinza a carapinha dos negros que dormiam na senzala...

Dentre os seus companheiros de intelectualismo e revolta, ardentes e sensuais, ele foi o único cuja mansuetude teve o condão de realizar a poesia clama, amorosamente presa aos grilhões do torrão natal, envolvida na concha harmoniosa onde ressoava o segredo do seu apego terrestre. De fato, trouxera o poeta das ouras de Paraíba e do Itatiaia, saturadas das misérias do negro escravizado, aquela tendência a se deixar vibrar inefavelmente dos encantos como das trágicas ressonâncias da terra do seu nascimento. Abordando a saudade da roça, ele punha tranquilamente a mão no coração para senti-lo bater com toda a força. A bulha da cidade não lhe tirou da alma a paz dormente das verdes e extáticas serranias, que

debruavam o horizonte natal. Nenhuma visão lhe foi mais forte que a do campo, recortada no quadro de nosso interior. Não deporia o cajado de roceiro, senão para botar na Pauliceia o avental de jardineiro de Alphonse Karr, amigo de D. Pedro II. No seu Banquete de Platão fumegariam como deliciosas iguarias o angu de milho e o mingau de tapioca...

Companheiro de Lúcio de Mendonça, Murat, Afonso Celso, Teófilo Dias, Raimundo Corrêa, não tentou a estrofe do alto lá com ela, o hemistício heróico, o carne inflamado e rostrado. Ninguém deu maior importância ao troveiro dos canoros pintassilgos, da fragrância dos florescidos, dos dias tecidos de abril, dos pobres pretos bem surrados, dos córregos que vem da grotta, do marimba que acompanha as umbigadas no batuque dos negros transferidos... Foi como se o rastro do fauno se perdesse cada vez mais na espessura de onde, cândido e risonho, saltara, soprando a flauta agreste na serra da Cantareira ou no camarim de Lúcia...

Ficaria a festa dos aplausos imorredouros de nosso povo somente para os energúmenos do estro, os timbaleiros da ode comemorativa, os rigorosos mediadores do verso com uma regra calcada sobre a do metro de platina de no Observatório de Paris, os estatuários do épodo, os saltimbancos das redondilhas, os cocheiros de Píndaro com o plaustro puxado a quatro corcéis, os patenteados aquadeiros de Hipocrene, os vecilários de Apolo, os acendedores de varões dos ditirambos, os fabricantes de Soneto Impecável, os pisa-flores facetos do madrigal e do epigrama, Basílio da Gama, padre Caldas, Casimiro de Abreu, Santo Ângelo, Castro Alves, Cruz e Souza, Luís Delfino e Bilac... Apenas o molho de giestas abandonadas no socalco, o gemido expirado sob o balcão do sobrado onde a nhá dona se reclinara, o salto da caapora nas sapopemas da mata, o susto do saci às crias da senzala seria o espólio de toda a riqueza poética de Ezequiel, sobretudo exprimindo a alma e a condição do brasileiro do sítio ou da fazenda, a sua resignada pobreza de cultivador primitivo, a sua credulidade fácil, a sua luta obscura, a sua vibração sentimental de quem se contenta de tão pouco...

Do harpejo suspiroso nas violas, da crença no padre Aranha, das léguas devoradas com o pé descalço, da esperança na chuva que tarda, podia a Musa de Ezequiel fazer grandes temas. As rimas naturais do poeta nasciam do toque no mais simples dos teclados. Assim bastavam ao antigo as cordas de seu pentacórdio. Não o inspirava senão a dor quase

oculta, os murmúrios da prece junto ao cruzeiro, a confissão de amor perto do olho d'água, a cisma dorida sob os ingazeiros, a angústia interminável da sujeição do escravo, suando na encosta do eito, a maquina exausta dos seus músculos regressando da capuava, a enxada ao ombro e a na boca o pedido da benção ao senhor-moço, o sono do piraquara na canoa encaçada na balsa de “baronesa” do rio traiçoeiro, o poente merencório, auri-ensanguentado no dorso da murraria adusta, a conversa com a vizinha nos varais da porteira do poste de “melado” e andrequicé... Ezequiel selou com a estampilha da revolta e maldição a urna preciosa onde o vate havia de recolher as lágrimas das roças mordidas de remorso e sofrimento, na horrorosa epopéia da exploração secular, de que foi um vasto capítulo o café no vale do Paraíba.

Castro Alves passou os cabos de reboque do verboso galeão ao “Navio negreiro” e desenrizando-lhe as velas fez troar numa salva hugoísta todas as caronadas de bordo... Outros, como o vate baiano, se arreplaram do escravismo, invocaram a Divindade, verberaram o abuso, indignaram-se da infâmia. Ezequiel não conheceu o clamor do seu homônimo bíblico. Ele, em vez da lira de Tirteu¹⁸¹, contentar-se-ia com a flauta de caniço do pastor grego. Não berrou a apoteose, sussurrou em tom menor a súplica da bucólica onde choviam os “Sus Cristos!”¹⁸²; repetiu o brado magoado do carreiro, atalhando os atoleiros da baixada pelo sapetal de meia encosta... A lágrima furtiva substitua perfeitamente o pranto soluçado. Releio o poemeto “Tu e Eu”, que escreveu Ezequiel sobre o seu irmão colaço, o preto Tibúrcio:

*“Tu que tens cabelos ásperos
E polido o coração,
Alma - como jaspe-nívea,
E o rosto cor de carvão:*

*Que me guardavas nos lábios
Consolações e carinhos*

¹⁸¹ Tirteu (c. séc VII a.C.) foi um poeta a serviço de Esparta, mas provavelmente não era espartano.

¹⁸² “Sus Cristos” (sic), a expressão deve ter sido grafada de forma equivocada, pois “sus”, em latim, significa “porco” – o que não tem apoio no texto. Talvez uma corruptela de “Jesus” ou ainda o pronome “sus” do espanhol.

*No peito-culto sincero,
De quando em vez passarinhos,*

*Tu que me davas metade
Da tua parca Jacuba!...*

*Vejo-te agora inda o mesmo,
Nobre e leal coração,
Integérrimo Tibúrcio,
- Carapinhado Catão.”*

A escravidão aí aparece, menos sob a forma de pecado mortal, que de um remorso social inextinguível. Nunca o brasileiro exprimiu a mágoa do passado de escravista com mais tato e profundidade de sentimento. A culpa aparece-lhe pesada sem outro conforto senão o arrependimento. O coração do senhor estala sobre o do cativo a gota de um bálsamo celeste, que os transformassem em dois irmãos. Tibúrcio, o pajem, é outro “Etiópe resgatado”. À semelhança daquele desvelado de que Loreto do Couto¹⁸³ narra haver sugado a ferida dos leprosos para abstergê-las, o poeta nacional osculava a chaga do seu povo, dobrando o joelho, apertando o coração de encontro ao peito do preto algemado, para quebrar-lhe os ferros à força de rimas e suspiros poéticos.

Pedro Gobá e Tibúrcio representavam-se respectivamente no diótico da ode da vingança e da écloga da amizade fraternal. Penso que ambos assistiriam, em Caçapava, aos últimos momentos de Ezequiel Freire, genuflexos à cabeceira do poeta ético, acarinhando-lhe a fronte álgida, cobrindo de boninas e flores-de-paixão os borbotões de sangue da última hemoptise. A moléstia que o abateu foi essa terrível peste-branca, a queixa do peito ceifadeira mor dos moços e dos poetas, confessara-a ele mesmo nesta comparação dolorosa “Vênus e Eu”, disfarçada com humor nesta quadra sensibilizante:

“Ela, nas formas sedutoras, lânguidas,

¹⁸³ Loreto do Cauto (1700-1750), religioso brasileiro, escreveu a obra *Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco*, de caráter nativista, na qual relatou lendas indígenas e africanas e descreveu costumes portugueses, a fim de elaborar reflexões sobre os valores que depois se diriam “brasileiros”.

*revela o tipo do ideal ao Belo;
Eu, na magreza da estrutura óssea,
mostro que sofro - o que sofreria Stello.”*

Da outra vez, ao dar as boas festas ao amigo e médico, assim versejava comicamente no reverso da sua fotografia:

*“O original do retrato
Vive a morrer todo o dia
De congestão pulmonares:
Prescreveu-lhe: este sulfato,
Outros mudança de ares.*

*Ora, ante tanta ciência
A cachimônia lhe augura
Que se sarar da doença,
Vem a falecer da cura!”*

Ele escolheu a árvore sob cuja ramada lhe fosse aberta a sepultura. O preço desse último desejo só o pode avaliar o rival da sua sensibilidade e panteísmo. Pena não fosse a árvore preferida essa bicuíba cantada por Narcisa Amália, a timbaúva do morro dos Passos ou a ingazeira da fazenda da Boa Vista ou ainda aquela que ele fabricara de um pau seco, na Consolação, enroupando-a de parras e de rosas! Todas elas serviriam a receber sob a sua medida sombra os deplorados restos do Poeta. Ao menos os pássaros, que não pousassem nas ramas de uma, poderiam acolher-se nas galhas de outra. Chamariam o pranto da orvalhada a fazer de lágrimas da terra pela perda irreparável do seu cantor, inebriado e acrisolado no arroubo infável de senti-la com as raízes para sempre apertar-lhe na sombra o coração extinto.

Visitando tantos anos depois os jardins de Hampton Court, que para encanto dos arredores londrinos a primavera costuma transmutar num catálogo de florista, pensei deveriam lá espalhar as cinzas do Ezequiel ... Dar-se-lhe-ia o último leito num estendal de céu e de perfume.

Dias antes de exalar o derradeiro suspiro, que foi às cinco horas da manhã de 13 de Novembro de 1891, em Caçapava, sentindo o Poeta fugir-lhe no peito cavernoso o hálito mortal, apressou-se a participar aos amigos o seu trespasse, usando a tinta branca sobre o papel preto. Valentim Magalhães, por esse fantástico comunicado, foi que soube da perda do amigo, e delicado e sensível autor de “Flores do Campo”. O morto anunciara-se no portal do confrade, com os lábios gelados, já no seio de Deus, deixando o derradeiro adeus suspirado na caixa do Correio:

*“Por conta de maior quantia
Rezai por ele,
Pater Noster & Ave Maria...”*

A alma terna do querido Ezequiel encontrara no terceto tristíssimo a forma intrínseca do seu melhor responso. Librara-se nos céus perolizados do exalo da aurora, muito longe das misérias e degradações terrestres, deixando como seu rasto de pungente despedida um simples haikai¹⁸⁴...

¹⁸⁴ A forma do haikai citada ao final – composição poética de origem oriental, fortemente marcada pela presença de elementos da natureza –, na observação de Rangel, pode se justificar pela presença constante das flores e árvores na poesia de Ezequiel Freire.

28. O COLÉGIO AMERICANO

O “Colégio Americano”, ovo do qual se desenvolveu o alentado vulto da Universidade Mackenzie, foi o primeiro estabelecimento de instrução para ambos os sexos em São Paulo, de que alisei os bancos sem maior proveito. Marcou-me a era feliz do pião, esgarabulado em torno da bira e no círculo de giz, do “tempo-será” do “quatro-cantos”, da “burrica”, da peteca de penas ou de palha de milho, das bolazinhas de vidro ou de pedra empregadas no gude, do “chicote queimado”, da marela, do “cobra-cega”, do “pare-gato”, do *saute mouton*¹⁸⁵, do bodoque e das primeiras evasões do rádio no prazer de gazear. Maravilhoso tempo da decalcomania e de tantas descobertas para Peter Pan e as quais me haveriam de sentir com muito melhor resultado que os aborrecidos exercícios dessa gramática, a qual aliás, nunca fora bem vista nem por Montaigne, nem por Locke e Fenelon. Era esse Colégio grande, singela e limpa construção de cunho americana, com os tijolos brancos e vermelhos e mais claros à mostra, bastante severa embora bem moderna, na nudez dos seus muros altos, rigorosamente desnudos e alinhados. Funcionava sob o regime do protestantismo, como fiel elemento da grande e tenaz tentativa neo-saxônia de destruição do bloco católico e latino do Brasil. Lutero, tomando a frente dos grandes heresiarcas do seu séquito, calçara no vestíbulo dessa instituição os pés de lã da propaganda biblista.

A instrução por vezes acoberta tristes cousas entre o Oiapoque e o Chuí. Não seria demais, que servisse ao estrangeiro de guarita de observação e de fresta de solapagem, na sólida estrutura inicial com que o pensamento e o coração greco-latinos edificaram, na terra de Santa Cruz, a mentalidade e a sensibilidade nacionais.

O dólar e a libra esterlina não são somente o meio de exploração industrial e açambarcadora dos povos fracos e pobres, mas também o instrumento de dissolução apropriado a acabar com as grandes resistências morais e religiosas, que se lhes possam opor, integrada a nação e fortificado o novo concorrente na cintura das ameias tradicionais da sua auto defesa, apoiada em Roma.

Sob o apanágio dos conceitos modernos da política internacional, certos progressos hipócritas de ensino e civilização abrem um campo a todas as veleidades da conquista

¹⁸⁵ Em francês: *saute mouton*, i. e. “saltar carneiros”. Brincadeira semelhante ao “pular carniça”.

pacífica dos colonizadores. Sob a capa da humanidade e da cultura, quanta contaminação e manobra de forças estrangeiras se acoberta, em busca da preponderância ou monopolização, aproveitando-se da boa fé e hospitalidade em terras brasileiras!

A gente de origem anglo-saxônica é mestra no emprego desses meios disfarçados, confundidos com os mais nobres instrumentos da cultura popular. Por onde começaria ela a botar, no Brasil, a sua grande bateria de ataque, a fim de rachar nas obras vivas o bloco de cimento íbero-católico? No selvagem e hirsuto sertão do Tocantins, nas nascentes do Xingu, por sua natureza bruta e deserta impróprios aos alicerces vistosos e interesses mais profícuos da Nova Seita? Nos extremos sulinos do país, trabalhando pelo centripentismo alarmado dos brasileiros fronteiriços?

O anglo-americanismo assentava a propaganda, onde a sua presciência descobriria fundar-se a nossa manufatura e o trabalho, na matriz da maior transfusão dos nossos valores comerciais e econômicos. E nenhum ponto mais favorável que São Paulo, bem povoado de uma colonização alienígena. Aí é que o aríete de abalo ao dogma romano da crença ecumênica deveria ser instalada como o foi.

O “Colégio Americano” surdiu dessa conjunção de abalo de forças materiais e morais alheias, destinadas ao propósito de nossa desassociação pelo sentimento e pelo espírito. Não o compreendia eu, trotando com as minhas calças curtas, a gorrinha e o avental de escolar de primeiras letras, onde escondia as bolinhas de brincar, instalando-me com a tabuada e o terceiro livro de leitura de Abílio numa das carteiras, no grande salão de estudo do Colégio Americano. Na parede dos fundos estavam pintados, em grandes letras góticas, os Mandamentos da Lei de Deus.

Inspecionava a meninada masculina e feminina, do alto da cátedra majestosa, um sujeito grandalhão, de cabelo duro, morenaço, de face quadrada e rapada, na qual era apenas visível o bigode curto, por nome Remígio. De pé, a sua atitude lembrava a do jaburu, a que houvessem roído os remígios das asas e da cauda. Não sei por que muitas vezes me vi estatelado na carteira, a olhar para o pobre homem e a imaginá-lo um noivo excelente para a Dona Semíramis, minha antiga mestra de primeiras letras! E horas perdidas eu os via a ambos entrelaçados, passeando entre as tangerineiras, atirando um no outro os caroços das mexericas, brincando de esconder na sombra escura do arvoredão...

Não seria de minha culpa que de repente, no correr do devaneio do crila inatento à lição, eu visse transformado o Remígio num perigoso javardo, do qual conseguisse fugir a Melusina¹⁸⁶ com todas as graças de assustada do animal que se lhe arremessasse nas saias...

Depois das impressões da meninice, em que o medo vinha dar-me certos arrepios à medula, e todas se faziam com a colaboração das hipotéticas e folclóricas criações do Bicho-Tatu e das Almas do Outro Mundo, a mais importante e irrefragável se deveria encorpar nesse mestre, apresentado à frente de nosso jocoso e turbulento rebanho e o qual se tinha alguma coisa do Bom Pastor se confundia com a do severo e resolutivo domador de feras, em pé, no meio da jaula, na mão disfarçado o bastão da descarga elétrica... Aparecia-nos ali, o Remígio, no salão de estudo do Colégio Americano, como se tivesse surgido das sarças de fogo mosaicas, com as Tábuas da Lei nas costas... Ou então como aquela aparição do Apocalipse, por ser ele quem nos recolhia dos recreios e nos soltava do estudo: “E eu vi um anjo descendo do céu, tendo a chave do abismo e uma grande cadeia em sua mão.”

Assim secos, frios, batidos no largo daquele muro, em que se inscreviam, como cartuchos de hieróglifos na estela funerária do tempo dos Raméses, esses Mandamentos acabaram por entrar-nos no cérebro e não no coração. Quanto seria de mais prestígio e eficácia, na parede detrás do Remígio, a imagem de Santo Antônio ou do Coração de Jesus para os efeitos da assiduidade e correção, que se pretendiam impor aos nossos verdes anos? Isso confirma o erro de toda a desseivada, flutuosa e árida dissertação anglicana como recurso de convicção contra a síntese e a universidade da religião romana. O rígido apelo daquela dezena de artigos divinos assim estatelados, como o cartaz de anúncio num muro de jogo de pelota basca, não nos convencia de coisa alguma. O senhor Remígio perdia o seu tempo. Quanto a não matar nem esfolar, entendia-se; mas, quanto às outras prescrições imponentes do vasto muro colegial, o seu efeito não seria dos mais suavisos e imediatos. Mesmo acolá, sob a enumeração em algarismos romanos das sacras determinações sinaicas, sempre que nos era possível atentávamos contra o seu respeito. É assim que não tinham a força de coibir-nos deixar cair no regaço das meninas, nossas colegas, os bilhetezinhos secretos com as primícias da nossa erupção amorosa de intrépidos e prematuros marotos...

¹⁸⁶ Melusina é uma personagem de lendas do folclore europeu, simboliza o espírito feminino das águas doces em rios e fontes sagradas. É usualmente representada como metade serpente ou peixe ou com asas.

As laranjeiras facilmente se delatavam com o odor da essência característica. Quanto trabalho para o eliminar das mãos e dos lábios besuntados de mel e sumo desses frutos proibidos e dourados! Suponhamos o cheiro de tabaco, proveniente do cigarro queimado às escondidas, desaparecesse desde que soprássemos na cal riscada das paredes, mas, as “mexeriqueiras” recusavam com esse mesmo processo perder o aroma persistente e que nos inculpava perante os rigores mosaicos do vigilante Remígio.

Os bilhetezinhos da correspondência, com as Julietas da nossa classe, podiam ser mais facilmente escondidos pelos infratores do nono e décimo mandamento que o denunciativo odor das laranjas-cravos. Sacudindo-nos das primeira regras da Aritmética e da Gramática e das longas horas de exército escritas, atarraxados nas carteiras perante a muralha dos Mandamentos, exercitávamos as pernas nas correrias do “Chicote queimado” ou do “Tempo-será”, repetindo as parlendas que as acompanhavam:

“— *Chicote queimado.*

— *Senhor, meu amo!*

— *Boca de forno!*

— *Forno!*

— *Rei será.*

— *Quem achará...*

— *Achado está!”*

Ou então, adoidados no recreio, seguíamos outra lengalenga, correndo à semelhança de lebres espantadas, num campo de trevos ou luzernas europeias:

“— *Tempo será.*

— *Dó ré mi si ocó.*

— *Laranja da China.*

— *Tabaco em pó.*

— *Fazer pão de ló.*

— *Para o major.*

— *Mulher cumprida.*

— *De um olho só.*

— *Pinto que pia.*

—*Quiriquiqui.*
— *Galo que canta.*
— *Corococó...*
— *Está frio... — Está quente...*
— *Está queimado... Queimou!*”

Além das regras mais elementares da gramática, da tabuada e da caligrafia, me deu o “Colégio Americano” a noção inicial e precisa do que fosse o ódio gratuito, ou por cousa tão pouca, no assalto com que um colega haveria de surpreender-me a perícia descuidada e pacífica.

Machado de Assis, no “Memorial de Aires” faz confessar ao seu personagem: “Na escola não briguei com ninguém”. O felizardo tira disto uma explicação filosófica para aplaudir a faculdade do homem não incompatibilizar-se com o seu semelhante. Não poderei gabar-me do mesmo, embora desse primeiro conflito, como se verá, não me coubesse culpa alguma. Certo meninote mal disposto, o qual no seu estrabismo mostrava o rancor estulto, que lhe ia na alma de aprendiz da força abusiva, vendo tudo de través, entendeu experimentar-me a resistência, forçando-me, o garatuja, ao primeiro pugilato. Chamava-se Francisco não sei de que.

O nome do brigão atraía dos outros o mote de implicância:

*“Chico Chicote,
Nariz de bodoque,
Vendeu sua mãe
Por um saco de pelote.”*

Viria ele acreditar pudesse mais facilmente se vingar em mim que nos outros do aperreio dessa cantilena? Na hora de sairmos, ajustou-nos para o encontro e atração que premeditara, ameaçando-me com cacholetas e a ferreta do pião. Esse galopim também estava ligando pouco a todos os mandamentos do muro colegial, diante do qual impava o “seu” Remígio, incapaz de impor a regra evangélica do “Amai-vos uns aos outros.” “— Pois sim, seu guenzo e futrica!”, responder-lhe-ia eu, insonte e todo a tremer, mas sentindo nos olhos passar a nuvem de fogo que me dispunha a tirar as dúvidas com esse galozinho de rinha, esporeando ao meu encontro. E, trincando os dentes, aos safanões, procurei

defender-me como pode. Guardo ainda a impressão de desapontamento e terror causados pelo desafio do aregueiro, que afrontara o meu descanso de tímido e bem criado, resolvendo adotar a regra de mexer com quem quer que fosse para ter o prazer de reagir e brigar com o próximo. Seria então preciso sair a terreiro com os punhos fechados, e pronto a descarregá-los aos sopapos e pescoções nas ventas alheias para viver quieto no seu canto! A tranquilidade era pois um prêmio que se ganhava, lutando? Tal paradoxo me fazia cair a alma aos pés...

O Chico Chicote arvorava-se meu contrário pelo gosto de riscar a peleja, no combate singular a cujo preço me seria dado comprar e garantir o sossego futuro! Chegado ao ponto da rua em que devíamos atracar-nos, senti-me a gana do espadarte pronto a aplicar o rosto dentado na bexiga ventral do seu adversário marinho. Mas, pensei logo na minha besta nova, que a minha mãe me recomendava sempre não a deixasse por terra. Ora, foi esse mimoso cartapácio que vou preliminarmente aos pés do meu assanhado agressor, quando nos engalfinhamos em pleno cargo dos Goianases.

A luta do garnisé com o pinto calçudo. A inocência dobrava-me as forças, mas faltava-me a vantagem da prática, o desembaraço do bem treinado em murros e pontapés. Nem tinha tido a providência de Disraeli que, desde menino, no colégio do doutor Cogan, tratou de ocultamente aprender boxe para o que desse e viesse. Ainda se me houvesse dado ao hábito de agatanhar a minha irmã pelos cabelos. As minhas rusgas com a pequenota não passavam de vagos gestos e palavras em vão.

Mas, o que esse garoto me deixou tão cedo no coração, nesse dia de rixa, foi a sensação de afogo, o apelo imprescritível à reação do dente por dente, do olho por olho, o cego recurso à brutalidade de que me vi subitamente transformado em agente e paciente. Na verdade, tudo isso não estava incurso nas inserções proibitivas do muro protestante, onde apenas abrolhava a reprovação aos assassinos, aos roubos, às mentiras e juramentos em falso... Nele não se lia a maldição a contendas, suscitadas por ninharias, como fossem o selo falsificado, pião trocado, vintém subtraído, alcunha proferida... Aquele desforço de combate senti-o, no entretanto, condenado pela Razão, dado seu caráter expluente, rebentado no anormal e no abrupto, fazendo-nos descer à bestialidade de que, por minha parte, não me acreditava tão possuído.

Vi no nosso arranco de trogloditas destruído o respeito mútuo, interrompidas as relações entre os homens de boa vontade na imagem representativa de dois touros entestados. Rolamos na briga escandalosa, encarapelados, aos atracões, na poeira do chão. E, como nessa espécie de torneios há sempre um prejuízo mais dispensável, a minha pasta conservada em tão bom estado ficou todo estragada. As bolazinhas coloridas, para brincar, espalharam-se dos bolsos da calça por toda parte. Choviam como pelouros da boca da bombarda em batalha.

Conta-se que o jornalista Leopoldo de Freitas trocando bengaladas na rua com um político paulista acabara a pugna, apanhando o chapéu do outro e retornando-o ao dono com a sua voz tonitruante, que sublinhava o largo gesto do *hidalgo*, rematando no seus ódios de ocasião: “Tome! Cubra-se! Chapéu não é troféu de guerra”. Apanhado a boinazinha do Chico, limpei-a com cuidado e ofereci-a ao adverso: “Não quero que a bruxa da tua mãe te castigue, faltando ou vendo suja a tua carapuça...”.

Chegando a casa, tive que explicar o incidente, a brigalhada de que havia traços tão comprometedores na esfoladura da pasta, no desmancho da minha cabeleira e nos rasgões do meu avental de chitinha. Algumas palmatoadas, que me foram passadas com o dorso da escova de roupa, belo utensílio, marchetado de madrepérola, castigaram-me por não haver sabido isentar o avental e a pasta daqueles sinais inequívocos da luta corpo a corpo. Teria podido evitá-los, dando de pernas para que te quero diante das iras do Chico Chicote ou valendo-me da intervenção da autoridade do “seu” Remígio...

Nas “Memoires d’Outre Tombe”, Chateaubriand escreveu: “Quand mon ami rapportait de ses coursesum oiel poché, um habit déchire, il était plaint, caressé, choyé, rhabillé: em pareil cas, j’étais mis em pénitence”¹⁸⁷. Assim me aconteceu, brigando com esse impulsivo galipso dos bulhentos e brigalhões, ao outro a mimalhice dos compadecidos e bons rapazes.

Monstrozinho dos extremos por tão pouca cousa, agressivo contemporâneo do “Colégio Americano”! A tua pasta, soubeste depô-la com todo o cuidado na calçada

¹⁸⁷ Obra publicada entre 1848 e 1850. No trecho, lê-se: “Quando meu amigo trazia de suas carreiras um olho machucado, um casaco rasgado, ele era lamentado, acariciado, mimado, vestido novamente: em semelhante caso, eu estava posta em penitência”.

fronteira e o tecido do teu casabeque, de uma fazenda muito forte, resistiria aos meus puxavantes de cólera. O beijo da tua mãe recompensar-te-ia a coragem de frangainho: os cumprimentos de teu pai celebrar-te-iam a façanha “contra o maior e menos acisado do que tu”. Enquanto as palmas das minhas mãos ferviam sob os estalos da escova de madrepérola, tu receberias toda a força de ânimo para começar.

Dir-te-ia essa terna senhora, com os olhos úmidos, palpando-te dos pés à cabeça e botando no teu prato metade da lata de marmelada de Santa Luzia: — Meu Chiquinho! Esse menino malvado maltratou-te em alguma parte? Com certeza era algum taludo, mais forte... Poderia ter-te feito tanto mal... Como se chamará esse perverso e provocador, mal-ensinado, para reclamar ao pai que o castigue ou ao Senhor Remígio que o expulse do colégio... Orgulhoso da pimponice do herdeiro brigão, recomendar-lhe-ia por sua vez o pai entusiasmado pelo desregramento e heroísmo daquele que o penhorava: — Não quero filho molengo. Reaja sempre contra todos os que te ataquem. Um homem é para outro e menos para dois e três... A força é que conta, nesta mundo, para se ter razão...

Francisco de tal! Meu colega de primeiras letras! Jagunçozinho na erva, tão animado e perdoado por teus pais. Deves ter acabado guarda-costas de algum político, capanga eleitoral, espoleta do governo, beleguim dum Ditador, a não ser que, tenente revolucionário do Exército, achasses muito bonito e proveitoso para o Brasil de escorregar de vez em quando as armas de corrilheiros contra os teus irmãos e os teus próprios chefes e companheiros de classe...

29. A PRIMEIRA PANDORGA

Dos “homens qualificados” do meu tempo, Espiridião Eloy de Barros Pimentel e bem assim os conselheiros Godoy e Freitas Henriques me deixaram uma impressão das mais vivas e inapagáveis. Juntava-se ao elevado valor moral dos indivíduos a varonilidade do físico, com que a natureza os sorteara, comprazer-se em casar no homem a perfeição da alma e do corpo, refinar a essência no vaso que a aprimorara. Alagoano, como Casansão de Sinimbu e os Tavares Bastos, para não lembrar Deodoro e Floriano, foi Espiridião presidente das províncias do Rio de Janeiro e da Bahia, acabando Ministro do Supremo Tribunal Federal, na cuspida da sua longa e apreciável carreira na magistratura.

Juiz encanecido e olímpico, tinha a força do Código resplandecida no halo intangendo da sua compostura e retidão do juiz. A estátua de D’Aguesseau à frente do Palácio Bourbon, em Paris, aparece-me sempre encarnando a figura desse nosso antigo magistrado. A longa barba branca muito bem tratada, a estatura considerável e o sereno meneio do nobre porte, impunham sumo respeito ao seu vulto de tipo conspícuo.

Muito limpo, bem trajado, enluvava-se com maneira as mais distintas, no trato circunspecto e fidalgo de que nos deixavam tantos modelos os senhores de engenho da aristocracia açucararia e nordestina. Tinha a voz cortante e límpida, própria às últimas decisões dos seus arestos de agravo e desembargo. À mesa do pretório deveria impor todo o aparato que a sua linha imponente anunciava. Esse não precisava da peruca de estopa dos magistrados ingleses; nem da vara, dos bacalhaus e capelos, dos panos da beca arminhada dos ouvidores, procurados e chanceleres da antiga Relação ou Desembargo do Paço, no reino de Portugal e do Brasil.

Vi-o muitas vezes escandalizar-se da justiça na República, apontar datas e nomes, fixar exemplos do soçobro de direito no Brasil anarquizado. Quando se generalizar a ideia corrente no nosso interior de ser melhor recorrer ao trabuco que à Justiça, não temos mais razão de ser como povo, costumava dizer. E prosseguia, puxando a aba da sobrecasaca sobre o colete atravessado do grillhão de ouro do relógio patente. Despindo-nos da confiança na Justiça sobranceira, perderemos mesmo o senso da nossa estrutura social e política. Todo crispado, forçando por não sair da calma da qual não se apartava comumente, por uma espécie de elegância de espírito e dever profissional, ele volvia o

olhar para dentro do passado de integridade e amor a certos princípios, que foram a expressão da cultura da sua época. Nesse confronto cavava-se aos pés do varão egrégio abismo tremendo, que o alarmava e punha-lhe um vinco de amargura e preocupação na testa larga e desemeçada.

A palavra -Império- vinha com frequência à boca desse ancião, carregado das nobres reminiscências do regime passado, onde pululavam os exemplos da honra e dignidade dos seus grandes jurisperitos e juizes. A Justiça, a cujo culto o Espiridião dedicara todos os seus melhores dias e a cujo pináculo chegara na estrada aberta das grandes aptidões, do saber e assistência continuada do bom serventário, andava com a balança falseada, o gládio amolgado e fendido. Verificando o regresso moral e social do Brasil, que haveria de começar pela escolha dos juizes de última instância entre leigos ou janotas, protegidos dos poderosos do dia a culminados na criação política de tribunais de exceções para garantir-se a segurança pública, o alto e venerado Espiridião empanava de uma expressão dolorosa o brilho tranquilo dos olhos claros.

A nação rebaixada na confusão refece e na falta evidente do regulador supremo e arbitral na sua cúspide, como fora o Imperador, parecia-lhe definitivamente entregue à ambição de mentecaptos e improvisados. O seu juízo sobre a política republicana brasileira antecipara-se de alguns decênios à opinião de Jacques Bainville, quando afirmava que o primeiro imbecil poderia governar o país, valendo-se do estado de sítio e resolver todas as crises financeiras à força de papel moeda inconversível... E o velho Espiridião, passando as mãos pelas barbas longas e brancas como as de um patriarca hebreu, parecia querer arrancá-las à moda portuguesa antiga, no desespero de vê-las a serviço do regime político, incapaz de dar à sociedade o único assento real, os instrumentos da justiça limpa, independente e módica, que é a base legítima dos Estados que se respeitem a si próprios, empenhados por sua elite na garantia do direito e liberdade de todos.

A sua esposa foi Dona Augusta, filha de João Capistrano Bandeira de Mello, grande figura de nossa intelectualidade, cujo simples soneto, celebrando em 1871 as glórias da França, frente à frente da Alemanha agressora, desfintada no despacho de Ems, dá uma pequena amostra do valor e cultura desse homem, da alta e compreensiva atitude do seu alto espírito, sumido no olvido do Brasil raso e desencantado de hoje:

*“Des peuples de la terre ò peuple souverain,
Croi- tu qui sans frémir un univers qui t’aime
Voit profaner ton sol par le talon germain?*

*Ta place au grande soleil est la place suprême.
Lève tes boucliers, ò France, il est écrit
Que ton glaive vaincra où vainquit ton esprit.”¹⁸⁸*

Quando se escreve um dia a obra sobre os poetas esquecidos ou desconhecidos do Brasil, veremos que esse grupo nada terá a invejar à galeria dos consagrados e bem lembrados. O sogro do Espiridião terá o seu lugar de honra, ao lado, por exemplo, de Aquiles Varejão, outro poeta olvidado, que assim arrancava à lira obscura estes gemidos cruciantes, duradouros nas vagas de tanto verso infinitamente esquecido:

“O apagar da lâmpada”

*“Prostrado nesta enxerga, sinto a vida
Ir, pouco e pouco, procurando o nada!
Pra mim não há mais sol da madrugada,
Mas sim tremor de luz amortecida!*

*Prazeres, onde estás? Longa avenida
De amores, que trilhei nesta jornada...
Tudo acabou!... É justa esta pousada
Antes que dobre o sino da partida...*

*Feliz quem tem família! Tem carinho,
De mãe, de esposa, em redor do leito,
Não sofre o horror de achar-se tão sozinho!...*

¹⁸⁸ *“Povos da terra, ó povo soberano, / Crês que sem estremecer um universo que te ama / Veja profanar teu solo pelo calcanhar germano? / Teu lugar ao grande sol é o lugar supremo. / Levante teus escudos, ó França, está escrito / Que tua espada vencerá onde venceu teu espírito”.*

*Porém ao meu destino estou sujeito...
Devo, batendo as asas sem ter ninho,
Buscar, quem sabe? Um mundo mais perfeito.”*

Mas, voltemos ainda a algumas linhas evocatórias do austero e limado Espiridião, o juiz alagoano. Dona Augusta, risonha e graciosa morena, em cujos olhos imarcescíveis cintilavam mil palhetas de graça e jucunda simpatia, procurava acomodar o marido, chegando-lhe ao pescoço a manta de quadros contra a mudança de temperatura:

— Espiridião, a tarde cai rapidamente. O tempo está mudando...

— Não se está no Brasil?... Depois de 1889, não há que fiar mais nele, retorquia o magistrado, entre amargo e sereno, ajeitando nos ombros, para comprazer aos cuidados da mulher, a vasta chapa de lã, comprada em Nice.

Sentindo chegar-lhe a hora derradeira, depois de um longo martírio heroicamente suportado, reclamou ele o Santíssimo e a Extrema Unção. Que para a cerimônia mortuária lhe vestissem a casaca das grandes ocasiões. E notando, quanto aos botões de punho, que os tinha mais finos, exigiu-os melhores nos punhos da camisa do bretanha.

Desejou o Desembargador Espiridião, que na sua ausência de São Paulo, fosse a nossa família habitar o chalé de pedra da sua propriedade e residência na rua dos Andradas. Passamos nessa casa alguns meses, marcando-se esta nossa estadia com a lembrança de nele haver conseguido empinar a minha primeira pandorga.

Construído o trapézio de papel de seda colorida sobre a cruzeta de fasquias de taboca, debalde passei o dia, tentando alçar o meu artefato. O vento era propício, mas o espaço do jardim pequeno e atravancado de canteiros, de parreiras e várias árvores frutíferas. Não havia meio, portanto, de correr em espaço livre a fim de levantar o “papagaio”, a menos que me socorresse da extensão mais desembaraçada da rua. Mas, ir o menino para a via pública brincar logo atraía as iras maternas:

— Queres virar moleque? Já prá dentro, encapetado!

Sendo-me impossível proceder a operação do empino onde me era absolutamente defeso, afim de não me confundir com o molecório agitado, nas ventanias de Agosto, nesse exercício, vi-me impotente à primeira oportunidade de aproveitar das brisas de monções.

Chegando o meu pai da Repartição e encontrando-me apurado com as dificuldades da falta de pista para a ascensão da pandorga, cujo rabo se enrolava no alto dos pessegueiros e nas ramas da vinha, lembrou o meio simples para obviar à falta de terreno próprio e desembaraçado. Ergueu ele uma alta vara, na ponta da qual havia fixado a chave em cujo olhei do punho fizera passar o fio do brinquedo. Sem mudarmos de lugar, rajada mais forte e de feições levantou o “papagaio” pelos ares, onde tive o indescritível prazer de vê-lo sustentar-se à maneira de uma placa de condecoração no peito azul ferrete do firmamento, ou de grande vibração de cor, na água funda de um lago anilado. O meu punho tornou-se logo destro em dirigir o grande polígono volante, com a cauda dos escorpiões. Dei-lhe barbante e mais barbante da malagueta e fi-lo voltear na luz do alto em lentos ramos da espiral em que se conduzia.

A pandorga parecia ter vida pelo prodígio das minhas mãos que o sustentavam no paio celestial. Puxão jeitoso para a direita ou para a esquerda e ela alçava as bandeirolas da testa, endireitava a cola crespada de tropos, ou sacudia-se nos coleiros de serpente mal ferida. O fio mais ou menos terso parecia prender-me o coração ao núcleo de um cometa rabudo, esquecido da cabeleira. O cordão que o segurava tinha qualquer cousa do filete protoplasmático entre dois neurônios.

Era tocá-lo e logo se seguiam as reações necessárias. Realizávamos as leis da aerodinâmica dos gases antes de conhecê-las. Tirá-las sobre si e a pandorga tomava a sua conta a resistência do ar e procurava vencê-la, estirando a cauda de papelotes, de tope orgulhoso para o zênite. Sacão mais forte, em determinada direção, e o meteoro estabilizado dava a cambalhota, voluteando na mais graciosa das curvas do seu aéreo mergulho. Outros “papagaios” semelhantes ostentavam-se no céu: - gamelos, “raias”, “morcegos”, “baldes”, “tapiocas”, bizarronas... Tinham a forma de nelumbos, piões, sapos e estrelas. Conservavam-se uns como placados no ar diáfano, outros caminhavam de lado como caranguejos, ou viravam a cabeça para baixo, a cauda agitada num S convulso. O meu naturalmente seria o mais airoso e mais belo, pelo menos o mais ingênuo e confiado. Não imaginava eu que corresse o risco da ameaça por parte dos rivais e maus vizinhos. De repente, a minha pandorga deu sobre si mesma, tomando o ar de quem perde o assinto, o

rabo afrouxado nas vértebras do pano. Senti que a fieira que o sustentava não suspendia mais a minha alma orgulhosa aquele aparelho, que descia desaprumado e desgovernado.

Linda “arraia”, manejada por outro garoto das cercanias, com o caco de vidro disposto aleivosamente na cauda para a guerra nos ares, destroçara propositalmente o meu “papagaio”, cortando que fora o fio por intermédio do qual eu o manejava do quintal do Desembargador. A maldade, a inveja e ódio de piratas do ar armavam-nos de um meio de combate do espaço, seus navegantes pacíficos. Ai das que se confiassem ao prazer de uma boa companhia. Era quando entrava em jogo aquela navalha disfarçada na ponta da excrescência de seu equilíbrio e rabejo. Bem poderia ter sido o autor dessa traição o Chico Chicote, empinando a sua “estrela” naquele firmamento de traições. Tendo-me ele atacado na terra, poderia também ter buscado as altas regiões, para aquela rasteira, com a qual fizera rolar das nuvens o alado hipógrifo de taboca e papel de seda...

Na loja de antigualhas de Montmartre, veria eu exposto à venda, em 1938 o precioso quadrinho antigo em que se representava na perfeição o interior da oficina de um pintor. O modelo, a mulher nua, tão exuberante de carnes macias e leitosas, era como uma pomposa ninfa de Jordaens. O artista a seu lado e de palheta em punho examinava o asno que acabava de pintar bem no meio do ventre aboborado e acetinado da diva, que lhe servia de tela estendida no cavalete. Na secreta e extravagante correlação das ideias, quando o cérebro se dá à fantasia de certas aproximações espontâneas, nascidas e completadas por acaso no campo do seu colorido e monstruoso caleidoscópio, vejo perfeitamente o retrato do inteiriço e conspícuo Espiridião estampado na pança estrelada e frágil da minha primeira pandorga!

Consternado da horrível analogia, ofereço-a aos sucessores de mestre Freud, se pode servir-lhes de alguma cousa essa superposição estapafúrdia, colhida nesses domínios introspectivos, em cujos escaninhos se baralham as ideias vadias e onde nem tudo é ajuntado pela razão, pela utilidade ou por outra qualquer boa compreensão e ordem de suas imagens caprichosas e fulminantes, concebidas sem pecado...

30. A CHUVA E O CABELEIREIRO

Uma das cousas que mais me aborreceram na meninice foi a penitência do cabeleireiro. Grande tortura a de esperar o dia do mês em que seria obrigado a oferecer a cabeça e a nuca às tosas do artista, capilar do bairro. O tempo em que levava sentado na cadeirinha giratória, enfiado no camisolão de linho, com a testa empurrada ora mais para baixo ora mais para cima e o queixo para a direita e para a esquerda, parecia-me não ter fim. Afligia-me, sobretudo, a impressão dos cabelos cortados, que se amontoavam na nuca até que o cabeleireiro se dignasse espaná-lo com a sua escovinha fina. Alguns fios do corte mais rebeldes se introduziam cangote abaixo, dando-me a estranha sensação do incômodo que tanto me irritava.

Em vão a escovinha, que tardava, pincelava-me uma vez por outra o colarinho, procurando arredá-los do intrometimento dos pelos no pescoço. Como que mais os fazia penetrar para dentro das espáduas, aumentando o desprazer desse suplício. Por minha vontade, a cada golpe da tesoura, interviria a manobra da escova no pescoço. Deveria ser muito difícil, como até hoje, para conformar-me às pequeninas cousas que aborrecem. Nada mais desagradável para mim que a sensação mensal. A ideia de não poder escapar-me dela, fazia-me aguardá-la com verdadeiro desespero. Poderia juntá-la à colher de sopa com óleo de mamona, à visita da empinada e boa tia do Morize e a do nigromante e prestidigitador da rua do Ipiranga...

Se me apoiassem na recusa de tal repugnância, em que Absalão não me teriam transformado os meus sete anos! Felizmente que a extremosa D. Iaiá não andaria pelos autos, sacrificando a decência e limpeza do filho aos caprichos intoleráveis das pequenas manias e oposições do fedelho.

Gostava quando chovia. Preso, divertia-me com o que se passava lá foro. Havia realmente uma séria razão para não poder sair à rua. Consolava-me do impedimento que justificava a proibição de minha mãe. Nos dias de sol ela não queria ver-me fora: “Vais apanhar alguma insolação”. Nos dias de nevoeiro: “Corres o risco de ser atropelado por algum carro ou cavalo... A umidade pode fazer-te mal”. Nos dias chuvosos: “Vais molhar os pés... Apanhar algum defluxo ou dor de garganta...” Meu prazer nas horas pluviosas dobrava-se no espetáculo proporcionado através da janela e ia desde a água tombada das

biqueiras ao riacho formado na beira da calçada. E passavam os transeuntes desprevenidos a correrem, outros com guarda-chuvas apareciam de repente, à semelhança de cogumelos, amigos de nascerem na umidade dos caminhos. Uns fugiam, outros mais vagarosos expunham os domos de pano côncavo bem equilibrados e tesos.

Um pretinho sobretudo me interessava a valer. Só me aparecia ao cair da chuva, trazido por suas bâtegas. Empurrava na sarjeta barquinhos de papel que lhe fabricava. E punha-se de olho para o céu, de garganta aberta, a beber água de chuva. Sua goela vermelha refrigerava-se dos fios de licor do firmamento. Eu batia na vidraça, onde me grudava por dentro, enfiado no meu chambalé, para chamar-lhe a atenção de quanto o admirava e invejava. Perguntava-lhe aos gestos se era boa a água do céu, apanhada assim diretamente. O gibi dizia que sim e apertava os lábios, esguichando para mim o jato que formava, espremendo as bochechas escuras, forradas de alcatrão. Onde era a boca não tinha que ver um selo de lacre.

Dava-me a comungar do líquido da chuvada, cuspiendo-o na vidraça. Algum relâmpago mais forte me afugentava da janela. Filho do trovão e neto das águas correntes, lá ficava o molequinho que bebia a chuva, esperando a estiada, molhado até os ossos, lampeiro e são, que uma perereca, de papinho aberto, brincando de repuxo em plena chuvaceira, sem temer num o defluxo nem o ralho da mãe preta, que o deixava nadar na água da sarjeta. Nessa ocasião eu trocava de boa vontade e sem maiores remorsos a D. Iaiá pela negra molambenta e cachimbenta, que consentia o moleque traquinar desse jeito, debaixo das biqueiras do telhado. Já nesse tempo dos mais longínquos a liberdade me parecia um dom celeste, acima até do que então mais estimava neste mundo, a mulher do Quincas, a minha mãe idolatrada.

31. EM SOROCABA

Lá por 1879 fomos com todos os meus passar uns tempos em Sorocaba, em casa do tio Paulino Fernandes Chaves, filho do barão de Quarahim, e Juiz de Direito nessa cidade. Bonita figura a desse juiz rio-grandense, com as suíças piramidais, muito negras e sedosas, a ornarem-lhe as bochechas nédias com dois cartuchos de sedas negras. Qualquer coisa de infantil errava-lhe no belo rosto, provinda menos da expressão do olhar que da boca muito pequena para tão alentado vulto.¹⁸⁹. Não sei que torrentes de eloquência poderiam precipitar-se de tão estreito orifício. Dava-lhe, contudo, espaço suficiente à volumosa voz de excelente barítono, exercida nas volatas da “Traviata” ou da “Lúcia de Lammermoor”.

Lembra-me não poder ele suportar a velha cidade paulista, centro do antigo comércio dos muares estendido até Minas e a Bahia e que o tráfego das tropas alimentava de uma grande riqueza.

Vinham as tropas dos campos de Cima da Serra e Vacaria, vadeando o Pelotas, seguindo pelos Campos da Boa Vista, para aquém de Lages, rumando à Ponta Grossa, cortando o Tibagi, internando-se por Itararé nas terras paulistanas. A prodigiosa viagem, com o capataz e os camaradas de serviço, buscando a mulada nos pastos das invernadas, amilhando-a e salgando-a, levando-a as aguadas, trazendo-a madrinhada, livrando-a dos atoleiros e afastando-a dos campos “ervados”...!

Guiados os animais por toda sorte de perigos e trabalhos nos trilhos das serranias, os muladeiros varavam o “sertão velho”, no piso dos outros que tinham galgado a mesma rota! A mulada, atrás do sincerro da madrinha com as bruacas, transpunha as serras, os rios e as campinas, atolando no lamedo, nadando acolá. À noite fervia a panela ou a chocolateira suspensa na mariquita e os camaradas de franqueira na cintura, pitando, esperando o feijão da janta, o café de quadouro, contavam os seus casos ou diziam suas tristezas, arranhando o “pinho” da “tirana”.

A burrada choutava, descansava em torno dos ranchos, clareados pela lua, varridos pelos aguaceiros de inverno... Cuidado não fosse a ponta de mudas chucras disparar por

¹⁸⁹ Nesse trecho foi suprimida a seguinte passagem que consta do primeiro original: “Seria deputado geral pelo Rio Grande do Sul, na última legislatura do Império.” Transcrevemô-la aqui para elucidar a figura do citado personagem.

medo a alguma cruz nova à beira do caminho, alguma guaiaca vazia de suas moedas, largada no chão... Quanto trabalho passá-las nos espigões da serra e no vão dos ribeirões! Noites tristes e silenciosas, como que vergadas ao peso da sua albarda de estrelas. Ora precisavam os camaradas alcançar a aguada antes de escurecer, pisando a terra pulverulenta e escaldada, afogado em nuvens amarelas do barro levantado pelos animais. E os carrapatos comichentos e tenazes, que se fumigavam para fazer cair do peito e das pernas, e a mosquitada a zunir, aperreando o camarada até a madrugada...

E o frio de bater o queixo, o qual trespassava o pala, deitado o tropeiro em cima das caronas, a cabeça no serigote... E a travessia do arraial, sem poder muitas vezes esbarrar para o gole da pinga no balcão da venda ou dar um lance de arriscada na roda do bozó ou do doradão... Consolaria de todos os males o encontro da cabocla no sítio escondido, e a cancela empurrada devagar, a porteira atravessada com cuidado ou a cerca de taquara pulada para não dar a aperceber a manobra aos vizinhos, as trovas das violas, no pouso, peneiradas no manto algadoento das neblinas, a lapeana arrancada, fulgurando na mão crispada por causa da palavra mal entendida na fervença do baião com a mulata sestrosa...

Com os lotes de animais, acudindo à feira de Sorocaba, os tropeiros davam extraordinária vida às ruas, desde o Votorantim à praça mais central; se fervia o comércio do mascate, do palheiro e das “toleradas”, a polícia tinha que fazer.

Bordoadas e facadas, e os pateções e balastracas, dançando em torno do truco e da cachaça... “Uma cidade que vive de tantas bestas...” resmoneava o tio Paulino, abusando da fácil alusão na qual se lhe amargava a obrigatoriedade das funções, com cede na cidadezinha do que se queixava, nessa carreira que o Império tornava de nobre sacrifício e salutar experiência, levando o magistrado de comarca em comarca, por Seca e Meda e Olivais de Santarém, para representar a ubiquidade da Justiça Pública, depurada onde tão dificilmente se estabelecia. Com efeito, mais de quarenta milhares de mueres passavam anualmente no Registro de Itapetininga para enriquecer aquele ponto do interior. A casca roceira dos seus habitantes dava por vezes desmaios ao magistrado, meu tio por afinidade.

Nesse tempo, como bem mais tarde, o uso dos paliteiros era indispensável na mesa brasileira. Constituía o objeto de uso o mais consentido e patente. Toda toalha, da mais modesta à mais rica, se ornava da peçazinha de prata ou de louça encarregada de ostentar a

carga dos palitos de costume. Era às vezes um jagodes obrigado sob o guarda-chuva, o asno com os alforjes, a moça com a cesta, o pavão de cauda em leque, o porco-espinho de escumaderia no lombo. No chapéu de chuva, na saia, no alforje, no balaio, na cauda e no lombo furados propositadamente se enfiavam as minúsculas e delgadas astilhazinhas de madeira de uso tão particular, para que fosse curial empregá-las em público e de maneira tão pouco higiênica.

Constituíam eles uma indústria lusa e dizia-se, para desfazer em Portugal, que ele nada produzira de mais original e difícil que o tamanco, o monjolo e o palito. Vinham da península, como ainda hoje, os palitos, em pacotezinhos da grossura de um pequeno charuto, sendo que os havia singelo para uso corrente e outros delicadamente lavrados, coroados de volutazinhas e arabescos talhadas na própria fasquia. Para o fim a que eram destinados, constituía realmente um luxo risível, bordar esses gravetos de instantes com tão arrendada e crespa guarnição. O certo é que se mostravam infalivelmente nos dias de festa, os paliteiros, eriçados da sua coroa de espinhos, como que completando as escarradeiras de cada lado do sofá e dos flabelos de tiras de papel, tangidos pelas crias-de-casa para espantar as moscas estivais.

Fechava-se com a infalível compoteira de doce de coco e o palito de um bom e copioso repasto. Richard Burton recebeu de presente, em Congonhas do Campo, um maço de palitos feitos de cipó de salsa. E perguntava a si mesmo: “Por que será que o limpo e confortável palito é ainda mal visado pelo preconceito popular na Inglaterra?” O tabaréu convidado para o almoço do tio Paulino levaria o seu culto às excelências do palito a extremos imperdoáveis. Conservaria atrás da orelha como de hábito ao cigarro? Faria melhor. Depois de se servir do palito o tornara a colocar no paliteiro! Como se animasse a observar-lhe lembrando os bons usos das cidades mais adiantadas, os quais mandavam rejeitá-los, depois de utilizados, o caipira retrucara ao anfitrião:

— Olhe, seu Doutor Juiz de Direito desta nossa Comarca, que faz pena pinchar fora uns pauzinhos tão bem feitinhos...

Foi durante essa estadia em Sorocaba, que a Ana Olinda, à noite, perto do leito, estando a folhear umas estampas, o lampião de querosene da mesinha de cabeceira comunicara o fogo a sua linda cabeçazinha dourada. Vendo os cabelos abundantes e

caracolados da menina ameaçados de transformarem-se num cestão de labaredas, tomei do cobertor próximo e abafei com todo êxito as chamas iniciais. Não me alembrei das mordeduras de doninha assanhada, de minha irmã, nem de que me chamava “Manoel de Souza” e “Luís de França” e outros nomes de má reputação e por vezes tão bem aplicados.

Não sei como o instinto pode ensinar-me, na ocasião, a calma necessária para a medida da extinção eficaz, em vez dos gritos do estúrdio, surpreso pelo incêndio contra o qual não soubesse que fazer. Minutos depois, exigindo a boneca de Ana Olinda para experimentar no lampião os mesmos efeitos do que acabara de acontecer, com os cabelos da sua dona, eu corria no terraço. Uma experiência em projeto, de que o doutor Freud poderia explicar a criminosa inocência. O certo é que a Olinda tinha suas razões para não me ceder a amada pupila de cera e pó de serra. Além do mais, o exercício da pura humanidade à gratidão não obriga. Bati então com a frente esquerda no portal de pedra da sala de jantar. Da brecha borbotou-me o sangue num rio de púrpura. Pararam-no com alguns pachos de arnica. Nunca o tinha sentido assim, precipitado em catadupa, como quatorze anos depois, o vi extravasar-me do corpo, em Niterói, servindo a cimentar a tirania de um sargento ambíguo e mal intencionado.

E o que me acudiria então ao pensamento, à vista da sangueira, no umbral da porta da casa de Sorocaba? O vestido de veludo escarlata, que eu mandara aos mil diabos, e fora retalhado nos falbalás da saia de Dona Ana, minha avó! Noite cheia, essa de Sorocaba, murmulhosa das águas do rio sinuoso, perfumada dos pâmpanos maduros da chácara do Céu...

Da cidade paulistana trouxe, porém, outra impressão de abalo, cujo fundo de horror ainda hoje tanto me persiste no cérebro. Foi a que tornei a receber dos lázaros que repetiam as cenas, as quais também já assistira com os leprosos na Consolação, em São Paulo. Apareciam eles, em Sorocaba, tornada uma assombrosa gafaria invadindo a cidade, todos os sábados, para buscar de casa a subsistência que lhes faltava. Visão estranha, cópia de insânia, reproduzida em diferentes partes do Brasil, sob o azul profundo e esmaltado do seu céu de luz salubre, esplendente e perpétua...

Por essa mesma época, mais ou menos, lá também os observaria o emérito Doutor José Lourenço de Magalhães, o autor da “Morféa no Brasil”, livro publicado em 1882: “Lá

os vi pelas ruas, esparsos, dizia ele, trazendo nas mãos um copo de Flandres no qual recebiam as esmolas, que ao morfético, como ao cego, não se nega.” Enovelado de curiosidade e terror, ao canto da janela, eu enxergava-os a caminhar, lentos, esburacados, sinistros, como levantados da sepultura para mostrarem como a putrefação lhes ia adiantada... Pequenino, incompreensivo ainda à imensidade das misérias na terra, o desfilar dessa gente mutilada, enegrecida na sânie e na necrose, era-me sempre um espetáculo de hórrido sobressalto.

Repassavam na cidadezinha ativa e laboriosa os estafermos irreconhecíveis, enchendo com os seus vultos de dor e desesperança as calçadas desertas para lhes dar passagem. A caravana dos comunhengues em pedaços, febril e necessitosa, poluía dos seus trajés e decomposições cadavéricas a vida risonha do rio manso e da colina habitada, ameaçando-a do horrível flagelo de que davam a amostra...

Eu ouvia falar vagamente, por vezes, que o abuso do fubá cozido ou torrado, do pinhão, da carne de porco e de certos peixes “carregados” seriam a causa dessa doença, de que não se ousava proferir o nome pelo qual era mais conhecida. Um como estranho pudor, que só por si denotava o horror desse morbo, evitava chamar a doença de lepra ou morfêa. Quando não empregavam o apelativo macutena, citavam o Mal de São Lázaro apenas o designado pelo “mal”. Já se sabia. Não precisaria mais acrescentar nenhuma explicativa mais reconhecível.

Ninguém, entretanto, parecia impressionar-se senão passageiramente com isso. Mas, aquele desfile de criatura me dava um pesadelo de olhos bem abertos. Na descoberta do mundo que tanto amedrontava o párvulo, esses seriam os calungas do *Grande Guignol*¹⁹⁰ gratuito e de começo, com o qual já se me anunciava o que havia de ver mais ou menos atenuado pela existência afora...

De onde vinham, para onde iam os infelizes? De nada sabia eu, senão que ali estavam, pedintes e andrajosos, figuras tétricas naquele bando trôpego, coberto de úlceras, arrastado de fome, suplicante de migalhas... Que valeria o país sujeito à contaminação daquela enfermidade? Tudo o que experimentava de conforto e limpeza, de são e regular ao pé de mim chocava-se com aquela récuca de doentes e maltrapilhos, irrompidos

¹⁹⁰ Célebre companhia de teatro francesa, fundada em 1895, cuja “especialidade” eram peças de terror.

semanalmente em plena claridade, esvaecidos na temeranda procissão de fantasmas da corrupção e da desgraça... Dir-se-ia que eu já nesse tempo sentia o descalabro da civilização nacional, se mais sérias e totais medidas não fossem tomadas diante a vastidão do mal, que era urgente restringir e acabar, custasse o que custasse. Como que eu adivinharia ouvir, sessenta anos mais tarde, da boca de um médico, o meu chorado amigo Jeronymo Gesteira, esta comunicação de pávida revolta e expluente caridade: “Se chegar a ser algum dia deputado, só estarei alguns minutos na tribuna, para esta declaração breve e sumária: - Por amor da minha terra, faço os mais sinceros votos para que a mulher ou a filha do senhor Presidente da República ou dos chefes da bancada desta Casa sejam atingidos pelo mal de Hansen, a fim de que o maior problema público do Brasil chame assim a atenção de todos! Estou certo que só então será decretado o que for necessário. Tenho dito. - E daria a minha demissão em meio à estupefação geral. Provavelmente deixaria o recinto apedrejado, mas um grande e extraordinário serviço prestaria a minha Pátria se com isso conseguisse cobri-la de leprosários.”

32. O PAR DE GALHETAS

Foi professora da minha irmã a boa senhora que criou e sustentou em seus estudos, no Rio de Janeiro, a Henrique Moritze, o recomendável rapaz, futuro sábio brasileiro, que vinha a ser seu sobrinho. Tratavam-na de “Mademoiselle Cecile”. Uma suíça muito alta e seca, cujos bandós bem repartidos e a postura adequada lhe davam o tipo clássico da aia e professora estrangeira.

Muito digna, muito séria, muito dedicada, não via a mais ninguém neste mundo senão o moço que, na escola de Engenharia brasileira, dava a melhor conta de si e acabaria emérita autoridade em meteorologia, professor de Física na Politécnica e Diretor do Observatório Astronômico da capital do Brasil.

Com os meus nove anos impressionáveis e um tanto fechados no estreito círculo de nossas relações, eu temia extremamente o conteúdo da velha mestra, na qual se encarnava por grande parte quanto ao físico a matrona da rua do Pau Ferro, minha avó. Tinham ambas o aspecto autoritário e o gosto das mitenes e do fichu preto, cruzado no peito.

Anunciada a entrada em nossa casa da excelente criatura, escondia-me com o meu estilingue atrás da primeira porta e não havia forças humanas que de lá me tirassem para o dever de cumprimentá-la.

Se procuravam arrancar-me do esconderijo de selvagem e incomunicável, tratava a rígida e imperturbável senhora recebida pelos meus, com todas as honras, na sala de visitas, de “corujona”, e de “cavalo de pau”. Tudo acabava na minha teima e encolha de insociável, saudado pelos estalos da salva de meia dúzia de “bolos”, propinados por minha mãe com a escova de madrepérola, logo que a respeitável solteirona nos dava as costas. O que haveria de consequente e violento na severa punição materna a minha esquivança imperdoável, eu o atribuía exclusivamente à *Mademoiselle Cecile* por honra de quem deveria meter-me nas pancadas que, por sua causa, me sinapizavam as mãos. O aspecto um tanto reborbativo da excelente professora da minha irmã não bastaria a explicar o meu temor. E sim, achar-se ela muito ao jeito de me dar lições de francês, sendo eu o único a sentar-se no banco, em meio das aiazinhas das meninas da sua classe! Estaria explicada assim a repugnância em que me abalava, diante da forasteira, a cujo esforço de trabalho se deveu a benemerência de dar a nossa terra um filho adotivo dos mais brasileiros, prestimosos e instruídos. Quando a minha

irmã intentava assustar-me, ou quebrar-me a empáfia de atrevido e animoso, era ir à porta de casa e de lá gritar para dentro: - *Aí vem a Mademoiselle Cecile...*

Aprendera eu o recurso instantâneo e fácil do refúgio atrás dos baús, ou pelos fundos mais recônditos do quintal, desde que também nos visitava um sujeito, desbotado e sequíssimo, cujos olhos negros e arredondados pareciam os dos vespertílios, empertigados no galho verde negro do cipreste, no ermo do campo-santo. Intitulava-se, esse estranho sujeito, magnetizador e doutor em astrologia e mais ciências ocultas.

Impressionava-me mal o seu chapéu chato de clérigo. Enchia-me de admiração a sua portentosa bengala de unicórnio. Era o que se chamava familiarmente: um ratão. Não sei por que motivo viera de início ter a casa, se trocar algum pé de planta, sondar a possibilidade de arranjar algum adiantamento em dinheiro do Quincas, obter a espórtula de alguma subscrição espírita para os pobres da paróquia de Santa Efigênia ou passar o bilhete da “ação entre amigos”...

A primeira vez quando lhe falei, ele, pergutando se era travesso, segurara-me entre as suas pernas e, abusando da surpresa em que me deixara cair, suspendera-me pelas orelhas para “ver vovó”, pelo que se me tornou o mais detestado dos homens. A brincadeira soez atentara contra o momento de descuido condescendente em que me fizera pilhar, aproximado de tão esquisita criatura.

Apavoraram-me ainda mais, posteriormente, os seus temíveis e estranhos poderes de magnetizador e a possibilidade de sujeitarem-me um dia à ação dos seus olhos, nesse sono hipnótico que ele dizia capaz de produzir mesmo nos animais mais ferozes e nos homens mais decididos e fortes. Preferiria mil doses de óleo de rícino em jejum a que ele me encarasse, mesmo apenas para me dizer bom-dia. E encasquetou-se-me intentar o exótico mequetrefe cortar-me o freio da língua, ou tirar-me ca campainha da garganta. O certo é que jurei a mim mesmo jamais de então em diante apresentar-me a tão esquipático personagem, fugindo para onde fosse quando o anunciassem em casa. E eu desaparecia de tal forma, que não seria possível darem comigo, chegando a escapulir entre os vizinhos, enquanto durava a estadia na sala desse nefário doutor de ocultismo e psiquismo. A formigazinha resguarda-se na racha do madeiro, que perlustra, pressentindo o pássaro insetívoro, assim eu escafedendo-me no desvão da escada ou atrás da barrica na dispensa, à

entrada do mocho fascinador, plenipotenciário das Forças Astrais, interprete das Cousas do Outro Mundo...

Soube mais tarde tratar-se de um senhor muito esmoler, empregado numa refinaria, fanático de Alan Kardec, querendo convencer nossa família das vantagens da “nova Religião”, com livros e folhetos e arrastar-nos para as sessões que fazia em sua casa, servindo-se das predisposições da sobrinha para se prestar de médium.

Não sei por que uni, na mesma aversão, a boa e distinta mestra suíça e o magriço espiritista de olhos de murucutu. Quando tomava do alto da montanha, em pleno angústia dos meus pesadelos, rolando da cama até a soleira de casa, era quase sempre ao pé de ambas essas figuras que me via, acordando suado e ofegante pelo susto raspado, por não encontrar no sono o buraco onde conseguisse desaparecer da presença de ambos.

Que o magnetizador espingolado e fúnebre tivesse parte com o diabo, ainda seria positivo, mas a excelente D. Cecília, a tia do Moritze, acolhedora, maternal e bem composta! Vão lá explicar a antipatia e emburrância do pequenote, casando, no mesmo halo suspeito, esse par de galhetas, como assim me apareciam, envolvidos na mesma repugnância, tão desparelhadas criaturas!

D. Antônio de Macedo Costa em seu “Compêndio de Civilidade Cristã” dividia as visitas em três espécies diferentes, as de “obrigação”, as de “utilidade e decoro” e as “escusadas e proibidas”. No meu julgamento confuso e deplorável de crila eu juntava as da boa preceptora e as do pouco atraente ocultista à terceira classe designada e imprecada pelo episcopal regista de polidez e bom comportamento de suas ovelhas.

Em verdade, nesse tempo, tudo quanto fosse noção de boas regras não me seria nem sempre das cousas melhor consideradas, como certos rudimentos de racionalidade não me calhariam à convicção, começando por não reconhecer nenhum direito à comparência dos sanhaços e gaturamos, que inspecionavam e esfuracavam as goiabas e nêspas do quintal. A visita da virtuosa suíça e do singular tipão equiparava-a eu a dos alados frugívoros, que eu recebia a pedradas para os espantar.

33. O MORETZSOHN

Abrindo-se o Colégio Moretzsohn mais perto de casa, no vasto sobrado dos Prados, na rua da Consolação, transferi-me do Colégio Americano. Desse novo ateneu conservo apenas bem nítida a lembrança de Alberto Loefgren, professor de desenho e ciências naturais nesse instituto paulistano de ensino.

Apesar da frequência regular nas aulas de tão conceituado colégio até 1882, não fiz grandes progressos nos estudos. O ensino secundário, no Brasil, sempre nos foi administrado a trouxe-mouxe. Das regras pedagógicas, saindo da tutela dos frades e jesuítas, nunca fizemos maior caso. Nenhum quadro didático às disciplinas clássicas, que fosse respeitado, pois nunca chegamos a formar professores preparados em corpo único doutrinário, inspirado em certo conjunto de princípios de base ao ensino geral.

No Brasil, cada professor cada maneira de ensinar, cada explicador cada método, cada cabeça cada sentença... Proporcionavam-nos línguas e ciências, amalgamando-as na memória, segundo o capricho de uns e outros. Decorava-se tudo, em falta dos processos experimentares e metódicos de culturas, pelos quais seguíssemos a marcha regular das aquisições mentais consecutivas. Linhas de cosmografia, regras de gramática, teoremas de matemática, nomes de geografia, acontecimentos da história, tudo absorvido de combulhada, tudo mal mastigado e muito bem decorado. Os que mais sabiam não eram os que mais compreendiam...

Alguns exercícios de tradução e de versão, quase nenhum de composição e de problemas. Não se exigiam a reflexão e a crítica; mas, a debulha de dicionário e a engulipagem de texto. O espírito do professor andava longe de outra preocupação que não fosse fixar o limitar as lições, tomando-as em seguida do bico dos papagaiozinhos. O meu pai, horrorizado, a repassar as escalas e os exercícios do Método com a flauta de prata, substituída a de buxo, via passarem os anos e fabricar-se no filho a máquina de nomes e de regras de um saber difuso mal triturado e insuficientemente digerido. Além do mais, nenhum policiamento efetivo de modo a impedir o sacudir a preguiça e o gazeio, de que se abusava. Frequentemente, escapando-nos do Colégio, íamos armar arapucas para os lados do Bexiga ou catas os figuinhos tombados em chuva da enorme copa de figueira brava do largo dos Curros. Não havia os boletins periódicos em que se procurasse interessar os pais

ao registro da aplicação do assinalamento dos progressos, nos estudos dos filhos. Era tudo como Deus fosse servido e nos desse na veneta de menores e mal aplicados. O sacrifício sustentando o rapazinho no ensino que ele aproveitava mediocrementemente, foi pouco a pouco concorrendo a exacerbar o caráter de doçura e paciência do meu pai.

Como por duas vezes, dentro da mesma semana houvesse eu perdido um par de exemplares da Aritmética de Trajano, cujo alto preço, em doses seguidas, abalara-lhe as finanças mensais, viu o menino bom sobressaltar-se de uma cólera das mais turpidas e intensas. Que significava o pouco cuidado de garoto com tão custosos livros? Que caso faria o filho da vida do seu progenitor, que mourejava o dia inteiro para assim despejar-lhe inutilmente o ganho pelas janelas, nesse inqualificável descaso!

O Quincas, na ocasião, acabava justamente de entrar em casa, estafado daquele trabalho de boi-de-carga, da casa para a Repartição, da Repartição para a casa... Devolvia-se ao lar, agastado de mil contrariedades e picuinhas do serviço vexado de tantas dificuldades surgidas no trato dos homens e dos negócios públicos, atazanado por algum caso mais particular ou inesperado, quando recebeu a notícia do segundo extravio do azarado calhamaço do Trajano.

Empalidecido no transporte da raiva impetuosa, que lhe desordenava o coração e lhe punha uma sanefa de fogo à consciência, deseixando-o da natural cordura, ele precipitou-se ao fundo do quintal. Juntou um bom feixe de cipós, que serviam de amarrilho aos feixes de lenha da cozinha e servindo-se disso, freneticamente me desancou a tremenda surra que me marcou o corpo de vergões arroxeados. Teria sido assim tão sovado quanto Rousseau, sem tomar nisso nenhum prazer, antes pelo contrário...

Cícero recomendava aos pais que castigassem os filhos sem cólera nem arrendimento. Além de não ser dado o Quincas às leituras clássicas, ele sem querer obedecera ao transporte do seu temperamento de hipersensível, a ponto de não corrigir-me os extremos da expansão, quando a mostarda lhe chegava às narinas de pacato e conformado. A reincidência da minha falta acirrara-lhe a zanga de espoliado, que incúria de pirralho exagerava, dissipando-lhe os magros vinténs em desperdícios.

Refletindo sobre o caso, não encontro outra explicação para tão violenta determinação da parte do melhor e mais enternecido dos pais, senão a dada pelo beneditino

Dom Nicolas Jamin quando dizia: “La tendresse paternelle ne permet pas de proportionner le châtimeut au dèlit.”¹⁹¹ Uma nuvem tão rápida quanto obscura o lançaria o Quincas no retruque de animosidade, indigne daquele cujos sentimentos mais naturais eram os da cordura e da delicadeza para com todos que lhe andavam à sombra. Na alma humana há também a gota d’água que transborda o copo, surgem inflamações repentinas, explosões que não se prorrogam, congestões irreprimíveis das quais poderão ser responsáveis um momento de inércia ou de falta de atenção...

Rápido foi o escarcéu dos meus gritos, entremeados às pancadas paternais. A perda dos livros, ninguém mais a sentira do que eu. No alvoroço da minha meninice estonteada pereceu-me essa perda ou extravio desastroso propósito da fatalidade, estúpida e encarnecida, ao meu encontro. Não estariam comigo os recursos para reparar, com a devida substituição, os volumes desaparecidos, provavelmente furtados e não perdidos por intencionado pouco caso. Mais grave seria obter algum meio ilícito de obviar esse sumiço e descaminho. A confusão trazida pelo dano, pela impossibilidade de remediá-lo no desgosto de magoar meus pais, tudo isso já me seria punição adequada o bastante. O excelente Quincas, na turvação momentânea do espírito, inopinadamente irritado, de ordinário tão acomodante e calmo, não o compreendera e nem o levava em conta!

Falar-lhe-ia no sangue, de repente, o substrato antigo e abandonado de algum avô, que houvesse sido oficial do Terço, capitão-mor de entradas e assaltos, boiadeiro no Piancó, ou senhor de engenho da mata pernambucana. Os encarregados da incorporação do negro as nossas prementes necessidades agrícolas, a violência dos primeiros colonos, obrigando o indigno à fixação e ao trabalho continuado, andam carregando de afavíneos a nossa herança de rural criados. Todos os vestígios da barbaria imensa, adquirida e continuada através dos tempos primitivos, na utilização do massapé e esquecida nas veias do arado, poderia ter irrompido, num relâmpago, através de traves a branda natureza do meu querido e chorado pai. Tudo se traduziria fulminantemente na cena violenta em que me torci, desagravando o sumiço involuntário e consecutivo dos dois tomos da obra encabulada do Trajano.

¹⁹¹ “A ternura paterna não permite proporcionar o castigo ao delito”.

Ainda estavam quentes as cipoadas de imbé e o pobre Quincas, soluçando, abraçava-se ao meu pescoço, cobrindo-me dos seus beijos paternais, pranteando aquele movimento de inconsideração, a arremetida selvagem na qual se despertavam os bons cuidados e a devida atenção dos bigorrilhas, lanhando-lhe as carnes e moendo-lhe os osso numa desalmada muchinga... Qual das duas crianças a mais criminável? Viram-se por isso logo depois bem enleadas. A castigada e mais nova é que consolava a outra, a punidora, em que rebentara o vulcão de cólera e apontavam as primeiras cãs da rápida invernia.

Depois do avô de Máximo Gorki havê-lo surrado a mais não poder, foi ao leito onde o menino repousava da perda de sentidos que lhe trouxera a punição. E pôs-se a consolá-lo das varadas, trazendo-lhe uma cabrinha de pão de mel, duas trombetas de açúcar e um cacho de passas. De tal forma comportou-se o velho que, por fim, Gorki, quando o viu partir, ficou convencido não ser o avô um sujeito de más entranhas. O pesar do neto levaria este a esquecer que fora aquele ancião que tão bestialmente o maltratara.

De encontro ao peito arfado do amoroso e lacrimoso Quincas, o meu pensamento foi mais determinado, resolvido a não aceitar que um dia o meu pobre pai houvesse tomado parte naquela cena selvagem, que nossos soluços entrelaçados apagavam ternamente das cousas acontecidas contra nossa vontade.

Mais tarde, a perda da Gramática Portuguesa de Silva Freire não me custaria senão uma repreensão das mais anódinas do Quincas. Com as consequências doloríficas do extravio da Aritmética de Trajano, se ressarciriam os castigos semelhantes e devidos a toda uma biblioteca pedagógica, mais tarde esquecida na aula ou perdida não sabia onde...

Sei que se essa sova mestra foi além do justificável, algumas tabicadas e bolos com o dorso da escova foram-me sempre das mais merecidas. Se excederam das duas tundas em Montaigne, o seu balanço geral equilibrou-se no deve e haver de suas boas contas.¹⁹²

¹⁹² Esses dois últimos parágrafos são um acréscimo – na forma de um trecho recortado e colado ao original – feito pelo autor. Tal atitude parece ir ao encontro de um homem que procura também justificar e abonar as atitudes de seu pai.

34. A CANTAREIRA

Imenso foi o nosso alvoroço quando, pelos fins de 1880, nos foi comunicado o convite do Ezequiel Freire para tomar parte numa caçada de veado, na serra da Cantareira. Que grande novidade, com efeito, para os meus nove anos, espichados na tranquilidade caseira, entre a Consolação e as figueiras bravas do largo dos Curros! Que aventura extraordinária para o curumim, ao qual era já cousa inefável uma partida de domingo entre os pés de chá, abandonados no morro do Arouche ou um raro mergulho e ducha fresca no tanque do Bexiga!

Oito dias antes da expedição, não dormira mais direito. Um volume risonhamente colorido de cenas e paisagens selváticas se me desdobrava na cabeça ardida, na perspectiva dessa viagem à brenha suburbana da Cantareira, o manadeiro das águas potáveis da cidade de São Paulo. Regalei-me, por antecipação, da diversidade dos empolados aspectos da serra, cortada dos seus ribeiros e dos mil acidentes fantásticos que eu criava, e lhe adaptava, excedido no sonho anunciado dessa escapada aos altos matagosos da montanha vizinha do casario da cidade, estendida no planalto.

Transportar-nos-íamos a cavalo, o que dobrava o interesse do passeio e da visão alpestre, que devia coroá-lo. Não sei mais onde foi o encontro dos caçadores e excursionistas com os vaqueanos da região. Sei que a partida de casa se fez ainda com a noite, fechada nos últimos lampejos do seu cortejo de estrelas. O café servido, aquela hora de todo inusitada, o vai-e-vem de meu pai atento aos pequenos arranjos da jornada, os alvires de minha mãe nos cuidados pela malotagem, as botas altas nas quais me enfiaram as pernas, e que logo imaginei serem as de sete léguas, tudo isso me agitava profundamente, transportando-me de júbilo e novidade.

Em seguida, foi a cavalgata jovial dos cavaleiros, um pouco arrepiados na frescura da madrugada paulistana. O meu pai, ao lado, recomendava ao filho maturando: “Menino, não larga o Santo Antônio!”, para que eu segurasse a saliência dianteira da sela inglesa, que me garantiria o equilíbrio a alguns movimentos mais brusco da alimária. Submetia-me à utilidade de conselho com rara obediência. Apertando as pernas nas expensas da sela, tinha a canha nas rédeas e a direita num rabo-de-tatu, que prudentemente não chegara a empregar.

Pelas alturas da Ponte Grande, o Tietê mostrava o lombo estagnado, com reflexos de gorgorão ou de aço líquido, esfriando na calha da fundição. A aurora começava a dar sinal de si, abrindo, no Oriente, as sepaldas occíneas da grande flor de luz em que se anunciava, Do fosso das trevas a manhã sacara o ramalhete de rosas purpurinas a que um vapor de ouro tirava docemente a cor, alaranjando-o.

Por mais comum e diário que se apresente esse espetáculo de poesia cósmica, é sempre novo e prodigioso. A alvorada seria o mais belo dos prólogos às sensações desse dia inesquecível. Do fundo musselinado da neblina matinal, que se esgarçava, entremeada pelos raios do sol, foi-se levantando a alva, no aljofre do rocío e na tinta esmaiada do delicado cariz rosicler. O jarro de luz rompido do friso inicial, na borda da tampa do céu, era o dia, esplendoroso, precipitando-se da concha de escuridade, arrebetada num sorriso dourado.

Ao investirmos a rampa da ladeira de Santana, foi como se fossemos pisando no vestíbulo de uma gruta mágica. Trançavam-se no azul matutino os fios louros, estrigados do levante. Enchia-me de gáudio inexprimível, com a novidade tão comezinha do céu desperto no alvar do dia. Contudo, estava sempre pronto a acudir às recomendações do meu pai, não muito confiado na estabilidade equestre do morgado: “Alberto, bota a mão no Santo Antônio!” O perigo de algum tranco do cavalo me fazia tão bem ouvido, agarrado-me ao cabeçote da sela!

De Santana em diante começávamos a galgar os primeiros lançantes mais pronunciados na espalda da montanha. Num rancho descansamos, juntando-nos dois camaradas, que desatrelaram a matilha dos veadeiros, encarregados de levantar a caça, o cervídeo, o corredor esquivo pelos meandros selvagens, nos flancos da serrania folhuda. A portentosa ascensão, surpreendendo o reino das Dríades de Matius!

Vinte e tantos anos depois, quando me introduziria na hileia do alto Juruá-mirim, a impressão foi idêntica. Arroubado ficaria o engenheiro diante a flora equatorial, nos primeiros socalcos das vertentes andinas. A floresta amazônica, com os elementos do sol e da umidade, copiar-se-ia na sua grandeza e pujança, da que restava nas vizinhanças da Paranapiacaba. O mesmo maciço de verdura tecido no povo eriçado das leguminosas agigantadas, e na miuçalha das rubiáceas que embalteciam os escaninhos do sobosque. À

borda dos caminhos agrantuosos, as grossas tabocas e taquaramirins repuxavam-se das grotas, os fetos arborizavam-se, convivendo o alentado cordame da cipieira, atracada nos cimos das árvores maios altas e encorpadas. A folhagem espiguihava-se, digitava-se, espalmava-se. Aqui o tronco derrubado, enfeitado de liquens em que se lhe desfazia o cerne podre, ali o carreiro da cotia, a esbelta coluna do palmitero, o pau d’alho que se revela, cheirando mal, as samambaias-açus, que se desenrolavam as munhecas verdosas, invaginadas em felpas ruivas de onde surtiam as folhas imensas e rendilhadas... O reverso argênteo das embaúbas casava-se ao amaranto sombrio das guarapipunhas, canjeranas e cabreúvas. Tajurás, avencas e musgos tapetavam certos recantos mais umedecidos. Um pássaro flechava na clareira, assentava na timbaúva, exalando o seu gorjeio de suave e colorido cantor, amigo da sombra e da folhagem. Piava a chororó no refúgio do baledo...

Nesse mundo vegetal eu me perdia, envolvido de temor, fingindo-me sem socorro, supondo-me o centro da aventuras do infante que, perdido no mato, que encontrara isto mais aquilo e acabara salvando-se pela proteção do bugio, que era um grande general e o defendera de outros macacos revoltados que lhe queriam mal... O “pau-rei”, elegante e dominativo, ser-me-ia, com efeito, um Rei, a caneleira de tom meio avermelhado a escrava altiva, as piúvas toucadas de sua coroa de jalne as heroínas graciosas, a perebeira alentada e rugosa a rainha infeliz, os garantãs os guardas da prisão, o pau d’alho, escorrendo o bálsamo da casca, o homem que sofria, derramando lágrimas às bagadas...

Todos eram objeto de pasmo e discriminação do Ezequiel, amigo e devoto dessas amostras magnificentes da brasileia flora. Na densidade da mata umbrosa a frescura era de regra. A luz passava nas copas das mais linheiras e altas, alanceava com estiletos de ouro glaucas e mais baixas.

A minha imaginação infantil povoava a floresta paulista das mais estranhas personagens. Saltavam gnomos e larvas, fadas e duendes dos troncos, escondiam-se os sacis e caiporas nas sapopemas. Cobras imaginárias enroscavam-se nos troncos, entocavam-se na terra fofa, balsada de ervas tenras. Fazia-me o autor de mil feitos de perigo, tecido ou lançado na trama do majestoso arvoredos. Fui eu mesmo do elenco dos dramas que idealizava, alentando-me nas ilusões nas quais me fazia ora temeroso paladino

da selva, ora oprimido e acabrunhado habitante, recolhido pelo acaso ou pelo medo, ao centro daquela verdolenga solidão...

Experimentava assim o entrecho dos meus primeiros contos, em meio ao cenário tão propício ao número e variedade dos indivíduos em que me encartava a recreava. Os círculos arbóreos atapetavam-se da população que a criança supunha nas minhas visões dantescas, tendo por explicativo e solerte Virgílio o poeta rezendense... O Ezequiel Freire, com a espingarda retro-carga Lefoucheux, cruzada nas costas, apontava as “parasitas”, pendoadas de amarelo, roxo, branco ou cor-de-rosa, na forquilha inacessível dos troncos, as lindas bromélias de pendão florido. Ouço ainda as suas frases de arrebate ao Quinca, mostrando o viço das marantáceas e aráceas, a graça de certas capilárias e palmeirinhas noviças.

As exclamações voavam e iam-se pousando nos exemplares conspícuos da mata e nos tipos modestos da submata, como insetos de uma linda cor: - Bonito! - Belo! - Extraordinário! – Perfeito! - Lindeza das lindezas! Algum mico arborícola se suspendia no trapézio do galho alto; borboletas de azul ferrete ou turquesa, as morfídeas, processionavam no túnel da espessura...E o Ezequiel procurava segui-los, como um caminho de um paraíso, ladeado de anjos... A mim também, que mil delícias me elevavam a alma de criança, aprendendo com o poeta e o Agente de Colonização a admirar a suntuosa natureza, cujos encantos íamos varrendo, suspensos numa rede de enlevo e adoração. Que profundas sensações se aninhavam naqueles segredos da selva, naquele frêmito da mata, acordada nos esplendores da manhã paulistana, através da minha sensibilidade de pequeno intuitivo!

Deviam elas marcar-me para sempre a alma passível dessas impressões, cada vez mais incendiada pelos aspectos prodigiosos da nossa terra, quando o homem não lhe as vestes virginais. A minha cavalgadura, conservada a passo na fadiga produzida pelo terreno íngreme, parecia aproveitá-lo para também se engolfar naquele seio pomposo e fresco das alturas que atravessamos. Rorejava a água na depressão da encosta. Frígida e cristalina, corria debaixo do lajedo, entre os carapiás e os musgos macios a linfa preciosa. O animal que montávamos aproveitá-la-ia, mesmo sem sede, pelo prazer de esticar o pescoço e nela babujar os pelos do focinho, atenazado pelo freio.

Chegado o momento em que se tornara preciso tomar posição no maciço vegetação, que beirava uma vaga pista no terreno sinuoso e úmido da serra, estacamos as cavalgadas. Por ali teria, segundo os cálculos dos matutos, que passar rápido crvo que encalçávamos. Os cães já haviam anunciado o rápido sobressalto de alarma. O ruminante perseguido, que era uma suaçutinga teria que vir nessa direção. Anunciavam-no a frequência dos latidos dos cães, cada vez mais próximos. O camarada mandou que apelássemos e recomendou a meu pai:

- Sua Senhoria tivesse calma e dormisse na pontaria.... O bicho aceso e caborteiro não pediria licença e era mais ligeiro que o preá no capinsal.

Refugiamo-nos na volta do caminhozinho batido das pacas, cotias e tatus, avezados à comédia nessa trilha apartada. Havia uma aberta nos galhos, de onde poderíamos ver a chegada do animal seguido de perto pela cachorrada. Meu coração ficou aos pulos, aguardando o veado na desabalada carreira. Aos saltos, vinha ele arrastando consigo uma fiada de ladridos extenuantes, embaixo, para além de uns cavões, na fralda espessa da serra. Que indizíveis momentos os dessa espera, através das sanefas de verdura, que seriam o teatro daquela fuga do saltigrado!

Aferrava-nos na atenção ao ponto de onde provavelmente deveria irromper a vítima ofegante, escapando-se aos homens armados e aos dentes da cainçalha, esturrada ao seu encalço. Com efeito, a matilha não devia estar longe, distinguam-se os ganidos sustentados na carreira dos carniceiros, os tiros espaçados que falhavam o fugitivo... Em instante indefinível, o temido ruminante, perseguido, despejou-se no prisco das pernas de aço elástico, rompendo num relâmpago a touça do arvoredado, mesmo a nossa frente.

Parecia o cervídeo exato ao *rendez-vous* dos práticos, que nos haviam anunciado a sua próxima passagem. E, quando o tiro da espingarda do meu pai partiu, o pobre quadrúpede já ia longe, no arremesso das gambias finas, ultra-rápidas, felizmente salvo dos propósitos mortíferos do inexperto que o tocaiava na volta do trilho apontado pelos tapijaras.

Pálido e desfeito de susto, eu só pedia a Nosso Senhor que o pobrezinho do bicho, na abalada, se salvasse do fuzilamento e fizesse perder o rasto aos veadeiros. E foi o que afinal haveria de acontecer. A Cantareira abria com toda a ternura os glaucos entresseios

ao fujão inerte e seu morador. Nas últimas quebradas da serra apagar-se-ia à tarde o bramido do veado, buscando no refrigério e calma da noite o repouso do seu dia bem ganho, com aquela correria louca de susto e que tanto nos apaixonara a todos.

A custo os cães, com um palmo de língua de fora, molhados de suor, tropeços, eriçados de cansaço, tornaram ao nosso encontro. Tinha espinhos nos pés, babavam exaustos, respirando forte, as orelhas dilaceradas e inchadas...

Quando chegado a casa, tiveram que me descer da sela. Os músculos, sacolejados pelo exercício do chouto e caminhada a que não estava habitualmente, paralisados, vestiam-me de dores de que eu me tivesse tornado o teclado de várias gamas. O Ezequiel Freire, incólume da anquilose por acostumado às troteadas sertanejas nos arredores de Rezende, levantando-me o queixo inerte e escarnecendo do estafado, ponderou-me todo risonho: “A caçada esteve num sonho. Divertiste à grande, meu rapaz!”

O gracejo ofendia-me. Não tive coragem de dizer que sim...

35. ADEUS AOS MEUS AMIGOS

Corriam os anos, sem que me apercebesse da sua rapidez. A vida de casa e da cidade, sempre a mesma, não me oferecia pontos de referência à instantaneidade das horas que mais tarde me deveriam fugir tão mais depressa, dando a impressão de voarem, precipitadas na fatuidade de consecutivos clarões, anunciando o fim da noite tempestuosa... Era no tempo em que uma vez por outra, sendo preciso divertir os circunstantes e dar em família alguma prova de inteligência, muito confundida com as demonstrações da memória mecanizada, reclamava-se a presença do menino na reunião, obrigado a destacar-se de todos e recitar de cabo a rabo o “Adeus aos meus amigos do Maranhão”, de Gonçalves Dias.

Um tanto desgostoso e bastante confuso daquela exibição forçada e para a qual quanto mais insistiam menos me achava bem disposto, lá me punha de pé e um tanto murcho, os olhos em terra e envidraçados. Saltava a longa versalhada do maranhense, divinatória do triste fado de naufrago que lhe caberia nos parcéis de Atins, ao regressar da França às ribas da província natal:

*“Meus amigos, adeus! Já no horizonte
O fulgor da manhã se impurpurece;*

*Tal parte o desterrado; um dia a vaga
Hão de os seus restos rejeitar na praia
Onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.”*

O pior, é que os presentes, não achando suficientes aquele borbotão poético, escorrido num tom de cantochão, reclamavam “Os dois impossíveis”, de Laurindo Rabelo. Disparavam nas obrigações da polidez, amiga de exageros dos menos custosos, alguns elogios de maior conveniência e menor sinceridade: “Sim Senhor! Muito bem, seu Alberto... Sente-se o que pronuncia... O rapaz promete... Será muito aproveitável... Talvez ainda venha a ser um grande ator trágico...”. Taludão e inconveniente dado à leitura das novelas e poemas que me caíam sob os olhos, invadia-me, com efeito, a preocupação de

guardar de cor certas poesias para, a exemplo de alguns moços mais estimáveis e reputados, poder recitá-los quando fosse rogado por amigo e visitas de casa.

Aqui viria de molde saber qual teria sido o primeiro livro que me fosse dado ler. Algum livro de cavalaria, sobre Carlos Magno ou os doze Pares de França, algum romance em brochura ou o livro de religião ou de versos? Nossas bibliotecas caseiras, em geral das menos guarnecidas, se povoavam dessa literatura que tinha por centro mais consultado o Chernoviz¹⁹³. A Gide, caiu-lhe nas mãos a Bíblia; as origens hunguenotes da família entram talvez nas razões desse acaso. Não importa, porém, qual fosse o começo da fiada das minhas leituras. Todos os livros servem para principiar e dar gosto à leitura, a menos que não se o compreenda. O primeiro é sempre o que se acha mais a mão.

É claro que não será sempre o melhor. Portanto nada poderei dizer dessa preciosidade inicial, a que ajuntei mais tarde o variegado de tantos exemplos sucessivos. Mas, da primeira poesia que mais me pesou nos ganchos da memória me é possível fornecer uma notícia. O recitativo “Vai alta a lua...”¹⁹⁴ e seus conexos lavravam como uma doença, no ambiente da minha meninice. Correspondia esse versejar lamurioso, recortando em vérnicas e mortaldas, à formação em que Portugal nos havia despejado a tristonhice das chácaras de antanho, a suspiragem de Bernardim Ribeiro, o romantismo brocado de lágrimas, nas paixões funestas dos seus João de Lemos, Bulhão Pato e Soares de Passos...

Nossa sociabilidade encontrava, nesse expediente literário, a fórmula mais agradável de se fazer acreditar e florir, aos soluços e gemidos de seus trovadores, continuados de priscas eras, no almejo e inconsolação dos amores feitos e desfeitos no molho de sua melancolia. As endechas de sensibilidade sediça multiplicavam-se, transidas nas mil bocas de seus repetidores, convidado aos chás de aniversário e outra festas íntimas. O coração humano aos pedaços distribuía-se em fatias, por entre desconsoles e tormentos de saúde e ingratidão, dos quais se tiravam todos os motivos para distrair a meninas e rapazes e passarem os velhos agradavelmente as horas da reunião...

O piano da sala servia às ressonâncias das estrofes lânguidas e sombrias, ajuntando seu dedilho de ecos à música verbal, já de si soturna e martelada, onde o amor se negava a

¹⁹³ Chernoviz: tradicional manual de medicina, muito conhecido na época do Brasil Império.

¹⁹⁴ Verso inicial de *Soneto*, obra de Ernâni Rosas (1886-1954), poeta catarinense.

maiores satisfações e a esperança recusava-se a seus projetos mais ditosos... Uma lástima de tudo, aos harpejos de “Dalila”. Murmúrios de afeições e soluços angustiosos eram lugubrememente sustentados por uma sequela de notas incolores, retinidas ao longo do teclado, onde poderia bem ser que de tão antigo uma nota falhasse... Os pingentes dos lustres e arandelas dir-se-iam tremer, faiscando em meio à emoção geral. Quando me era dado assistir a saraus em que aparecia algum estudante que recitasse, isso me causava o maior interesse. Seria a minha vez de admirar as modulações do declamador, aprender a maneira pela qual se exprimia, mirar-me nos efeitos da sua voz atenorada, quando não lhe notava os desacordos da paramímia... O acompanhamento ao piano dobrava o prazer de ouvir o recitativo, como que me ajudava a integrar a percepção no sentido languinhento daquelas repetidas e falazes queixas de amor, que não sabia bem como nasciam e não podiam ser ditas de outra maneira senão em quadras rimadas, em dolentes hemistíquios, soltos por sujeitos de melenas, encostados ao espaldar da cadeira vazia, em meio do salão...

- Agora “O laço de fita”, seu Almeida, rompia o coro dos apreciadores, mal terminava o ululado do “O Baile das múmias”.

- Não me lembro mais. De Castro Alves nada recordo, no momento, senão “As vozes d’África”, que já não tem mais graça...

- Então “O Cântico do Calvário”...

O recitador só sabia as duas primeiras estrofes. Não passava por mais que fizesse de “Minha esperança amargamente doce!”

- Serve assim mesmo, prorrompiam os presentes que insistiam, reclamando a parte felizmente não esquecida.

Acontecia, certas vezes, que por meu turno, e cismo ia dizendo, empurrado por minha mãe, pusesse-me de pé para declamar o “Adeus...” de Gonçalves Dias.

Que sabia eu então do valor das pausas, da inflexão da voz bem impostada, de tudo o que Victor Bérard, interpretando Homero, viria a chamar “la musicale adaptation du langage aux necessites de la récitation et aux jouissances de l’ouïe”¹⁹⁵? Que conhecia eu dos segredos da composição poética, para dela tirar os efeitos orais, que ela comporta?

¹⁹⁵ “A musical adaptação da linguagem às necessidades da recitação e aos gozos do ouvido?”

Toda poesia é música vibrada num pentagrama de acentos. A grande arte, que é distribuí-los no acordo entre os sons breves e longos, sem que o ritmo aborreça e a dicção soe falsa! Os simples termos de epíteto e as próprias frases englobavam-se no mesmo lanço, sem que eu pudesse particularizá-los, dando-lhes vida, graduados ou acrisolados no correr da elocução. Errando frequentemente no assento das assonâncias, estragava-lhes a boa distribuição de que vive toda a boa poesia. Na trituração dos grãos, o meu moinho verbal, quando parava era onde seria necessário andar mais depressa, ou fazia-se mais rápido ao ser preciso ir cessando. O triste modo de expressão de que não tinha verdadeiramente a culpa, comprometia-se na funestação do lírio nortista, para a qual não se me tinham dado ainda a força e a propriedade da interpretação. De ponta a ponta a poesia era um círio de cera, deitando lágrimas, crepitando junto de um ataúde. Deixaria longe na tristeza as de elegias Millevoye. Não havia onde modular o canto, exprimindo outra coisa. Só soluços e arrancos do coração, despejados na dor da despedida. E fosse eu variar, obrigado ao tom baixo e compungido de tais tristezas e lamentações. Quando melhor houvera sido que, em vez de tanto luto e de tanto trave de desesperança, me tivessem oferecido alguma fabuleta imitada de Florian ou La Fontaine¹⁹⁶...

Estou-me vendo no salão, ao lado da pianista, aparafusada no mocho de rosca, ou só, junto à cadeira de estufo de D. Iaiá, silabando e ululando o poema do maranhense, que, bem gravado no rolo impressor da memória, de tão inchado de amargor não me cabia ainda no coração. E daí não poder bem compreendê-lo. Saía-me da boca com o alívio da grande espinha, devolvida na ameaça de que fosse engasgar-me. Quando chegava o momento de dizer:

*“Verei hórridas trevas, lento e lento
Descerem, como um corpo funerário
Em negro esquife, onde repousa a morte;”*

Punha os olhos vazios no teto e ia baixando-os até o pé do sofá, onde troneavam a vasta escarradeira cor de rosa, filetada de ouro... Quando não havia piano, minha voz não era sustentada senão pelos próprios acordes do seu torneio verbal. Os versos pareciam-me

¹⁹⁶ Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794) é considerado um “seguidor” de La Fontaine (1621-1695), ambos célebres fabulistas.

reenviados pelos circunstantes numa triste psalmodia, despidas de calor que veemente procurava emprestar-lhes afrouxados no rosário de palavras que eu nem sequer percebia mais...

De noite, quando me despertava por não ir bem a digestão ou ameaçar-me alguma febre, os versos do “Adeus” rebojavam-se-me na cabeça mal desperta, girando pelas avenidas do cérebro, na sua cadência de soldados bem arrumados e todos de mesma altura. Um mau gênio me grudava com o pincel da goma-arábica os decassílabos do Gonçalves Dias, inscritos em letras de fogo e em pedacinhos de papel de seda de todas as cores, para fixá-los nas meninges de modo a não poder jamais esquecê-los...

*“Há muito que os meus olhos não gotejam
O repassado fel d’acre amargura;
E o pranto no meu peito represado
Em cinza o coração me há convertido.*

*Rasgado o coração de pena acerba
Transido de aflições, cheio de mágoa”*

Os meus dez anos despreocupados e vicejantes fizeram uma aprendizagem de lamentáveis cousas sentimentais, emitiram chorosos horrores que, por bem medidos e sujeitos às leis da poética perfeita, haveriam de deixar-me na alma traços da mais indelével e gratuita das desolações.

Meu coração de pequeno encheu-se de acabrunhamento para toda vida com esses versos brancos do “Adeus...” carregados de tão negras sombras, e dolorosas queixumes. E assim interpostos na oração da noite, povoaram-me o quarto de dormir de larvas taciturnas, atravessaram-se-me na luz matutina, atufando-me em tiras de cinza crepuscular... Ecoam-me ainda no pensamento esses brados de mortal melancolia, transvasados do coração inchado de amargores do poeta maranhense.

No dano da sua incomensurável consternação, apresentavam-se, enchendo-me de afiliações as entrelinhas das ideias, riscando de talhos pretos a pauta de outras e das melhores impressões. Os versos de choro e desventura interpunham-se-me indiscretamente nos mais fundos segredos da alma; empachavam-me os sonhos róseos de chumaços de

crepe; atravessavam-se-me nas lições, enchendo-me de notas más; empoleiravam-se-me em filas tristes de urubus, enegrecendo tão cedo o beiral da minha vida...

36. NO BOM RETIRO

Tendo sido o meu pai nomeado Diretor Geral da Imigração, continuaram sob outro nome as funções anteriores de Agente Oficial de Colonização, pois que a ele mesmo se substituíra, carregado de idênticas preocupações. O aumento da onda imigratória acentuava-se cada vez mais, trazendo a São Paulo a seiva crescente da sua existência agrícola e industrial futura. Multiplicavam-se, pois os afazeres do Quincas, muito cuidadoso dos deveres de funcionário, chefiando no seu cantinho de burocrata aquele alto movimento social, em que ele sentia abrirem-se de par em par as portas da vida nova do país, transfundido o sangue limpo europeu na fossilizada carcassa indo-afro do Brasil.

A fundação da Hospedaria de Imigrantes, iniciada no bairro do Brás pelo futuro conde de Parnaíba, trouxe-lhe naturalmente grandes preocupações e dissabores. De um lado a intervenção e a prensa dos Cônsules e mais autoridades da Província e de outro os fornecedores e os bandos dos alienígenas internados, incontentes e vorazes. Havia de tudo nessas levas de náufragos, dados à costa do Éden tropical. Dir-se-ia que dos porões da velha nau europeia, rebentada e faminta, irrompia num salve-se quem puder aquela plebe de todas cores e condições, reclamando pão e um pouco de terra para ser enterrada em paz.

Italianos, espanhóis, portugueses, eslavos, germanos, levantinos e polacos. Que salada grulhenta e mal cheirosa de povos! Tinham um quê de hordas beduínas e bárbaras, resolvidas a mudar de sorte, tentando outros climas ou de gente que fugisse do fundo da banda da terra que toda tremesse ou secasse. Os ascorosos surgiam dos limbos da Terceira Classe, seguindo a estrela dos Reis Magos... Pondo o pé na terra nova, mudavam de conformidade, puxavam pelos seus direitos, reclamavam a torto e a direito...

Não seriam de invejar as funções do encarregado de receber e canalizar esses rebanhos, acorridos do outro lado do Atlântico. O cuidado com a peste sempre pronta a irromper do meio desse gado humano, quando os meios higiênicos e profiláticos ainda não tinham a extensão e eficácia dos de hoje, a sevandija pululante na pele e nas roupas sujas de indigências dos transmigrados, o temor público dos acidentes peculiares a despenho dessa mole de gente forasteira, caindo de chofre e alterando a paz e os costumes do nosso interior, o contato dos representantes estrangeiros excedidos nos melindres do seu zelo oficial e a fiscalização da Imprensa, esta muitas vezes inclinada à exploração indecente dos seus

direitos nesse sentido, a luta com os mercadores, e, sobretudo, o cheiro nauseabundo que, por mais que se fizesse, flutuava nesses dejetos de humanidade desembarcada no Brasil e a que parecia carregar consigo o fétido do cabril ou do cortelho da terra natal e a graveolência das catacumbas em que os seus avós apodreceram, tudo isso não faziam do cargo do meu pai uma cômoda e apetitosa sinecura.

O cúmulo era que ele, quando entrava em casa, obrigava muitas vezes a Dona Iaiá observar-lhe: “Que cheiro incômodo trazes da Hospedaria! Com certeza chegou vapor, com gente nova. Pareces vir de alguma cova de cemitério! Despe-te logo para pôr no sol essas roupas.” E reclamava a escova e a vara de bater o tapete.... O Quincas voltava, com efeito, do emprego, impregnado do bodum que o rodeava e ofendia a delicada pituíta da sua mulher¹⁹⁷, o odor insuportável da imigração, o fétido dos Povos e das Raças acorridas ao Novo Mundo, trazendo no coração todo um orbe de ambições e nas saias e jalecos a morrinha de um necrotério.

Conseguira, entretanto, o modesto nortista, atender do melhor modo a seus administrados, que punham o pé pela primeira vez nas terras do Brasil, evitar a propagação das doenças predispostas a surgirem de um foco propício e ultimar as instalações da Hospedaria com aquele espírito de meticulosa probidade, da qual dará uma ideia o caso seguinte, pois mede o tomo dos escrúpulos do servidor público, nesses tempos tão inocentes e já tão afastados de nós.

Crescendo dia a dia a corrente das famílias estrangeiras, albergadas durante algum tempo no Brás, antes de serem distribuídas sob os cuidados do Governo do interior da Província, aumentava correlatamente a necessidade de cobertores, indispensáveis nas frias brumas e garoas de São Paulo ao agasalho desse povo desprovido de quase tudo, acorrido em verdadeiras manadas, na vaga da imundície geral pela pobreza e vida promíscua a que andavam sujeitas nas velhas terras europeias e asiáticas. Chegavam as baetas vermelhas por milhares devidamente encaixotadas. Tendo sido debatido o levantamento de uma casinhola qualquer para servir de galinheiro, no quintal de nossa casa do Bom Retiro, lembrará a minha mãe nela aproveitarem-se os tacos do tabuado dos caixões em que vinham as beatas

¹⁹⁷ Parece haver certa incongruência nessa passagem: pituíta é referência a muco nasal ou ainda vômito. O mau odor citado é de Quincas e não da mulher.

para a Hospedaria dos Imigrantes. Não o consentira, porém, o Quincas, cortando o projeto com esta exclamação de intimidade apavorada: “Pois então, Iaiá, poderei eu fazer uma coisa dessas? Esse material, por mais inútil e dispensável que seja, é propriedade do Governo. Quanto mais que poderei fazer aproveitá-lo, queimando-o nas cozinhas da Hospedaria...” Sem tirar nem pôr, e guardadas as devidas distâncias, a probidade rigorosa do pai de Diderot.

Deixando a residência da rua do Ipiranda, recolhemo-nos a que o meu pai levantaria no bairro do Bom Retiro, onde existia uma grande olaria e o terreno, coberto de moitas de espinhentos joás, e fora dividido em lotes módicos, vendidos a prazo. No canto, junto à linha férrea de São Paulo a Jundiaí, ficou a nossa casota de tijolos descobertos, dispostos em quadrículas, vermelhos e mais claros, com a varandinha saliente à direita, voltada para a fábrica de tecidos do Anhaia.

O sonho de longos anos, paralelo ao do Fundão, edificara-se com que custo e medidas de boa regra e previdência, no ninho do casal dos modestos pernambucanos. Com o teto novo, e que nos pertencia, a nossa vida em São Paulo como que tomaria rumo mais seguro e estabilidade maior.

Nada realmente proporciona à família a consciência de melhor firmeza e segurança de destino que se ver em casa própria. O prólogo “Quem casa quer casa” impõe a condição que todo homem assenta nas raízes da base social mais condicente à norma da sua fixação coletiva. O Estado, idealmente organizado, deveria não só fornecer a suas famílias os quatro muros da residência necessária como inaliená-los, tornando-os o símbolo mesmo da garantia do estabelecimento da célula social, na sua sede de fundamento indestrutível e conservação real.

Nesse sentido a lei do *homestead* se devia fazer lata e constitucional. Certas agitações seriam evitadas, a vantagem de certos princípios conservadores reconhecida e aproveitada. O Estado assentaria num corpo de indivíduos efetivamente enraizado na terra, trabalharia na responsabilidade e no assento, que só a propriedade do solo e do teto traz, no seu evangelho e penhor de tranquilidade e de ordem. Tornando, desde a vinda de Recife, à condição de sedentários, continuamos na mesma rodagem da nossa vida, almoço às nove horas, jantar às dezesseis. A ceia às vinte e na cama impreterivelmente às vinte e uma. Os

acontecimentos caseiros e diurnos mais ordinários cifravam-se na chegada dos entregadores do jornal e do correio e os mais extraordinários nos da fuga de alguma galinha do quintal ou da entrada de algum ratinho na dispensa.

O personagem de Anatole France tocava diariamente seis horas de flauta. A mulher não se aborrecia com isso. Também não acredito que nos enfadássemos com tanto exercícios desse instrumento melódico tocado pelo Quincas. Meu pai, com a mania de jardinagem, deixava a flauta para de noite; os seus gorjeios precediam e sucediam às torradas, na hora do chá. Algumas escalas por desfastio e algum pedacinho do método lhe bastavam. Era sempre nessa hora que a flauta trinava os seus bemóis desfalecidos. Quando eu ia dormir, essa música de fácil manuseio e pronta escolha fazia-me de embalo, atirava-me uma ponte de flores, de sorriso e carinhos, na qual passava da realidade à extraordinária e gostosa e sadia nulidade do sono...

A existência familiar corria numa espécie de engrenagem indesregrável. Na sua organização perfeita nem emperros nem disparadas. O Império de D. Pedro II, nos seus bons tempos de paz e de ordem, como que se refletia no quieto cantinho do Bom Retiro. A vida equilibrada, sóbria e segura de casa, inspirava-se implicitamente da tranquilidade da nação, o pingo de água na ponta da folha de caladio reproduza a cor da paisagem geral do jardim que o rodeava.

Como a espécie de pássaros prescreve o gênero de ninho, a cidade condicionava a casa, o Estado modelava na freguesia a pedra de lar... No pobre prédio a família modesta dormia tranquilamente seu sono, sustentava-se suficientemente da sua cuiada de farinha. O espírito afeito à ordem geral, certa disposição para a economia e a previdência, algumas regras invariáveis de bons costumes, a necessidade de pouco, davam riqueza aquele centro familiar, desabrochado na mediania e que não era roído nem pelas desavenças de amor, nem pelos desequilíbrios do desperdício econômico, nem pelos pruridos da ambição política e social.

Desde o nascer nos acostumamos aos rigores de nações que nos proporcionavam certos preceitos de nossa educação. Lembro estas fórmulas breves de restrição repetidas quotidianamente e ditas de entremeio às refeições e as quais consignavam certas normas de coibição e vigia, úteis à regra da poupança e à mostra de nossas boas maneiras: “Não se

lambe a colher”, “Não se depenica o pão nem se catam as migalhas”, “Criança não se serve”, “Não se sopra comida quente, espera-se que esfrie”, “Miolo de pão também se come”, “Não se faz barulho, mastigando”, “Só se bebe água depois de comer”, “Vinho é só para os grandes”, “Açúcar não é farinha”, “Acabada a refeição cruza-se o talher no prato”, “Não se fica com as mãos debaixo da mesa”, “Não se escolhe a melhor parte para si”, “Não se aponta para os pratos, pedindo isto ou aquilo”, “Cuidado de não lambuzar-se”, “Limpa-se os beiços com o guardanapo”, “Não se balança na mesa”, “Sentar-se direito não é favor”, “Fique tranquilo com os pés”, “Os menores não sentam nem se levantam da mesa antes dos maiores”, “Sopa e doce não se repetem”, “Não se bota a faca na boca”, “Manteiga não é pirão”, “Não se fala nem se canta na mesa”, “Menino não bebe vinho, nem dá opinião”, “Não se espalha comida no prato”, “Primeiro servem-se os mais velhos”, “Quem come fruta não come doce, ou um ou outro”, “Não se deixa comida no prato”, “O que não se pode comer deixa-se na beira do prato”, “Comida não se engole, mastiga-se”, “Não se come depressa nem sobre posse”, “Não se bota o cotovelo na mesa”, “Não se fala com a boca cheia”. E quando nos distraímos com o copo e o talher, não tardava a observação: “Não se brinca na hora da comida.”

Não esquecíamos, intercorrentemente, de beijar o pedaço de pão tomado por terra. Era de nosso dever mantermo-nos na mesa como ao pé do altar, na Eucaristia... Não era quando corrêssemos livremente no quintal longe dos olhos de todos de casa e andássemos traquinando no colégio, que poderiam ser levantadas sob nossos passos certas regras de comportamento, certos preceitos de bons modos.

Aproveitava-se então a mesa do almoço, do jantar, quando nos ajuntavam obrigatoriamente em torno de uma sujeição fisiológica para a lição decorrente, em que restrição apoiava, impunha a força das lições de exemplar comportamento e presença razoável. Nesse código de limitações modelava-se-nos a alma na integridade de certas fórmulas precisas e corriqueiras da existência caseira, assentado na poupança e etiqueta nas quais assentava a correção do código de viver de cada um.

A casa insinuava-nos e decretava-nos a sua lei de conformidade e respeito, infundindo-nos a dignidade com que nos deveríamos aparar e conter, aquecidos e

alimentados sob a sua asa de acolhimento, de paz de carinho e de providente economia doméstica.

37. EM TORNO DO OLEIRO

Nossa diversão de meninos consistia, no Bom Retiro, em visitar os amassadores, enxugadores e fornos e as fiadas de telhas e tijolos, que secavam nos bancos da olaria vizinha a colher, em aventuras domingueiras, as deliciosas bananas-de-brejo, equilibrando-nos sobre as raízes dessas plantas lacustres e latifolias, emergidas do lodo do pantanal, onde não seria raro atolarmos as botinas bem lustradas. Ou então assistir os italianos das vizinhanças, num chuveiro acre e desperdiçado de pragas, jogar a “malha” ou a “morra” nos dias feriados.

Sobretudo nos interessava o trabalho do oleiro, encarregado da fatura de certos artefatos, tais como panelas,oringas e outros. O homem, assentado numa grosseira armação de madeira, impelia com o pé a grande roda horizontal e próxima do chão, que, por sua vez punha em marcha outra menor e mais alta, que com ela se centrava e firmava à semelhança de um prato à mesa do modelador.

Do bolo escuro de barro cru, ajuntado nesse disco superior em movimento, o operário, com destro apoio de dados, ia tirando e arredondando o liso invólucro do que lhe era dado fabricar. A operação olear durava poucos minutos, para cada espécie de objeto. A velocidade dava à terra fria e úmida um calor de vida precipitada e harmoniosa, da qual se desentranhassem inanimados o alguidar ou o vaso de plantar. Esse movimento de rotação parecia inspirá-los e dar-lhes na geração uma expressão evidente de novidade, embora surgissem repetidos da mesma manobra na humilde e anônima feitura de seu motor.

O golpe de polegar suscitava a concavidade, produzia a cinta da moldura, torneava o gargalo, fazia aparecer o sulco que cintava o bojo da peça submetida aos dedos artificiosos do seu produtor. A linha do contorno, ia-se desenfiando, como trazida invisivelmente do fundo misterioso que a plasmasse. Dir-se-ia a argila arquitetar-se no talo ou no bulbo da sua rápida conclusão pelos eflúvios e passes prodigiosos do prestímano que o fabricasse. O poema das curvas, surdidas de tão breves pressões digitais, patenteava-se-me desabrochado na demonstração de força, de submissão e regramem á vontade do ser capaz de sua revelação criadora. E isso a princípio me maravilhava. Os meus pensamentos perdiam-se no fio daquela produção do oleiro, daquela segurança de forma súbita e precisa, daquela eclosão de broto instantâneo, estimulados pelos germens desenvolvidos espontaneamente

das reservas de um enorme e invisível cotilédone. Estatuída no seu paradigma de presciência e dinamismo, a matéria bruta, comandada pelo desejo quase sem esforço do homem, transformava-se noutra coisa, ao contato daquele que lhe impunha uma estrutura e uma definição. Da mesma forma de um grão escuro e informe a natureza artística e liberal tirava todo um poema de folhas e flores.

O informe bocado de barro, dentro de tão curtos instantes, ganhava o nome do objeto útil, que representava, a bilha, o pote ou o vaso d'água contra as formigas... Naquele ato tão claro e abreviado havia um certo *quid*¹⁹⁸, em que tudo se derivava no mistério ascensional e repentino de um crescimento orgânico. Sutil o emprego de meios tão simples, despojados de outro instrumento de permeio que não fossem uma espátula e um trapo molhado e logo rebentava da bandeja veloz do obreiro aquilo que a sua imaginação decretara e a sua habilidade manual engendrava.

A capacidade do artífice exercia-se como impregnada de um hálito de Deus, soprado na espira daquele movimento centrífugo e geratriz. Assim é que sempre o oleiro modelou na terra com as mãos vazias, tudo quanto o civilizou, desde a igaçaba do tupi ao acratóforo do grego. Não me cansava de acompanhar o hábil trabalho do artesão. Havia alguma coisa ao mesmo tempo de feminino e de másculo na delicadeza e poder de relevo, de nascença e formação com os quais se realizava esse trabalho de gênese à vista de todos. A linha rebentaria num sopro da chateza do caos primitivo. O que havia de automático nas mãos grosseiras perder-se-ia na graça airosa com que emergissem superfícies tornejadas no ventre da caçarola ou no colo da quartinha. A marca ornamental do céramo nascia de uma simples e passageira impressão inicial. Reta ou voluteada, esbelta ou champuda, imaginosa ou rasteira, emergia do mais leve empuxo manual.

Mas para que isso alcançasse os cimos da Beleza e da Arte seria preciso da alma do fabricante irrompesse o que o levasse a inspirar-lhe o manejo dos dedos sábios e flexíveis, alguma coisa que fosse digna de uma obra entranhadamente pessoal. A caçarola e seus surtidos do artesão do Bom Retiro tinham realmente tudo de comum e mal caprichado. Entre a rotatividade do torno e os impulsos espirituais do oleiro, nenhum nexos e alento de beleza e originalidade. O brasileiro sumia-se na terra a que dava as formas usuais,

¹⁹⁸ Um certo quê, algo.

multiplicadas na sua chateza de igualdade e inferioridade. Era desanimador, mesmo para o pirralho que o observava, cansado de sempre ver a mesma cousa! Só a imitação, de asas quebradas, vingava, inscritas na prancha gigante, incapaz de revoos. Não saltava do fogo interior da criação uma faísca de novidade.

Conta Remy de Gourmont¹⁹⁹, haver-se achado na Tunísia a cava de oleiro romano, na qual jaziam duzentas ou trezentas lâmpadas de terracota, todas diferentes umas das outras. No Bom Retiro, o vasilhame saía todo igualzinho do arrebate de seu movimento circular e uniforme. Repetia-se o trabalho numa cópia fria e correta. As mãos do oleiro patricio tinham os dentes indeformáveis de uma manivela de impressão. O barro erguia-se do homem em frêmito em que se modificasse, humanizado. A habilidade placava-se nos rigores do boleio de hórrida estampagem. O artífice dispunha, na consciência inartística, dos cunhos de uma Casa da Moeda. Mesquinho, inapto, encadeado, a sua régua de reprodução ajustava até o milionésimo... Satisfazia-se com isso.

Quando ocorria ao oleiro premiar-me tanto interesse por sua arte, com o assobio de barro que, cheio d'água, servia a imitar a gorjeada dos pássaros, eu me dava por muito compensado. Quando não, a nobre lição de cousas e bem ao vivo só me custava um pouco de cansaço nas pernas, fincadas por horas esquecidas, no mesmo lugar. Isso não impediria então pensasse que, como o Padre Eterno formara no barro o primeiro homem, também, nessa forma invariável e expedita do oleiro do Bom Retiro, poderia ser esculpida e reproduzida uma nova humanidade, com as mesmas caras e idênticos sentimentos em grau igual... Não haveria no rebanho manufaturado em série a quem invejar e onde escolher, seríamos verdadeiramente irmãos de alma e corpo, instantâneos e quebradiços, como o Tempo as vai reunindo e submergindo, tão diferentes e tão mal acabados... O comunismo seria, então, de todos os seus pontos completamente aplicável. Deus não se enfadaria na impossibilidade de escolher os melhores... Seria tudo um barro à toa...

¹⁹⁹ Remy de Gourmont (1858-1915): jornalista, poeta e crítico de arte francês.

38. SOB O REINO DO ZAMARINI

Dando asas à velha paixão jardínstica, começaria de novo o meu pai, na casa nova do Bom Retiro, a entreter-se na mimosa moldura das flores escolhidas e bem tratadas. Nos oitões vicejavam fartamente em cachos as rosas “tela-de-ouro” e os jasmims d’Itália da sua preferência. De tanto ouvir repetir-lhes os nomes ligados aos espécimes plantados no jardim, aprendi então os nomes populares das flores e plantas reproduzidos na sinonímia por vezes das mais derretidas e suaves: Ama-Não-me-deixes, Viuvinha, Espelho, Anágua e Cabelo-de-Vênus, Não-me-toques, Brinco-de-Princesa, Sapatinho-do-Diabo, Ciúme, Coração-magoado, Beijo-de-frade, Alfinete-de-Viúva, Sempre-viva, Dente-de-cachorro, Sensitiva, Laço-de-amor, Malmequer de três qualidades, Melindre, Chagas, Angélica, Boa-noite, Saudade ou Suspiro, Perpétua, Bom-dia, Bem-casadinhos, e a série de Coroas e dos Amores e dos cravos: Coroa-de-frade, de-viúva, de-Cristo e Imperial, Amor-Perfeito, da-China ou do-Mato, Amor-do Campo, Amor-do-homens, Amor-seco, Amor-das-Onze-horas, Amor-de-Vaqueiro, Amor-de-um-dia, Amor-crescido, Amor-de-mulato, Amor-de-moça, Laço-de-Amor, Cravo-de-amor, Cravo-de-Moça, Cravo-de-Defunto e a fiada das flores da Verdade, do Baile, de Jesus, de Noiva, de Maio, de Sapo, de Viúva, de Natal, de Cobra, de Cardeal, do Espírito Santo... E nem se fale da classe das Catingas: Catinga-de-negro, de-mulata, de-formiga, etc.

Muitas dessas denominações, algumas vindas de Portugal, me davam a que pensar... A inclinação ao pitoresco e ao sensível, que essa nomenclatura botânica me deixava na alma, eu ligava a que, também provinha em parte da mesma origem lusa, via empregar-se na confeitaria fartada de Ais; Mãe-Bentas, Melindres, Alianças, Fatias-da-Sé, Espera-Marido, Arrufadas, Baba-de-moça, Cabeça-de-velho, Beijinho-de-anjo ou - de raivas, Moreninhos, Línguas-de-gato, Olhos-de-sogra, Toucinho-do-céu, Barrigas-de-freira, Bom-bocado, Umbigo-de-moça, Pastéis de Santa Clara, Costelas fingidas, Pingos-de-tocha, Bem-Casados, Pé-de-moleque, Ilhas flutuantes, Orelhas-de-abade, Papo-de-anjos, Fatias-de-bispo, Bolinhos-de-amor, Fatias-de-parida, Mimos-do-céu, Beijos-de-moça...

E era toda uma exaltação sentimental e freirática de alusões e subentendidos que, desenvolvida a arte da doceira, até os começos do século XIX, no fundo dos mosteiros, se fazia nessas apelações melosas e equívocas, em que o derretimento indo-afro-lusitano,

aproveitando a cozinha e o jardim, entra nas menores cousas, respingando mesmo em insignificâncias e a propósito de tudo a onda do seu sensibilismo carnal...

Numerosas plantas, trazidas do Bom Retiro, nos foram dadas por Dona Veridiana Prado, muito agradada das visitas que lhe fazíamos ao parque de Santa Cecília, onde nos maravilhávamos com o que lá víamos ir-se levantando, à força de muito esforço e dinheiro, e parecia uma residência de Saint Cloud, arranjada e transposta peça por peça à colina paulistana. O marido de que se desquitara, mandara vir da Suíça o chalé que transplantara na alameda do triunfo.

Foi em Santa Cecília que ouvi, instalada numa clareira do bosque, todo limpo e ciscado por baixo pela foice e vassoura dos jardineiros, uma harpa eólia. Formavam-se um grande tubo de zinco tronco-cônico, móvel sobre a cruzeta da qual se suspendiam algumas campas de cristal. A menor brisa, o instrumento exótico tilintava, sussurrava e gemia, devendo ser grande a surpresa das auras patricias, sopradas de todos os quadrantes, ao encontrarem, atravancando-as no seu áureo caminho, tão esquisito filtro e transformador da sua livre respiração andarem tão invioláveis e impalpáveis e terem de ser captadas, dando sinal de si nessa queixa insistente ou melhor uivo mais ou menos aparado, saído do bojo circulante de uma trompa de zinco!

Da aurora ao sol-posto a presença da brisa, fosse noturna ou matinal, tinha de ser registrada pelo canudo móvel e balançado carrilhão europeu. Que transmutação inútil odiosa dos suspiros de Zéfiro e dos rugidos de Bóreas, uniformizados na zoeira de um besourão, cortada das telins de sacrista, tocando a “elevação” desde o *introibo* até o *ite missa est*²⁰⁰! Entre as árvores e arbustos do mato paulistano, transformado em bosque francês pelo capricho imitadoço da interessante filha do barão de Iguape, imenso deveria ser o incômodo do vento de suportar aquele registrador automático estrangeiro de suas mágoas mais íntimas, fincado no meio do velho capoeirão, onde se instalara a matrona e proprietária, com os seus gostos de grã-fina.

²⁰⁰ Ambas são expressões latinas da liturgia católica: *introibo*, literalmente “entrarei”, é oriundo da passagem *introibo ad altare dei* (“entrarei na casa de Deus”), trecho do Salmo 42; *ite, missa est* (literalmente “ide, ela foi enviada”) eram as palavras finais dirigidas pelo sumo sacerdote ao povo na conclusão da missa católica, referindo-se à distribuição da Eucaristia à todos.

Tinha a harpa-eólia tudo, com efeito, de um corpo estranho, belide no olho da Napéa ou o tumor sebáceo enlutado na espádua de uma Dríade. Não fosse o Caapora exasperar-se com aquela gaita e campainhas de França, exoticamente ajustadas em pleno alto de Santa Cecília! E viesse a chamar Anhangá²⁰¹ em seu auxílio, para dar cabo ou enguiçar cousa tão intrusa, com a qual se empregavam os trenos da aragem vadia a perturbar as volatas dos sabiás e canarinhos da terra, afogando-as na zoeira de um harmônica fanhosa, acompanhada de campânulas vítreas batidas com martelos de pau. Extasiava-me, entretanto, aquele proveito do meteoro, que não conhecia senão empregado para mover as asas do cata-vento, cavalgado no muro meieiro da rua do Ipiranga. Que amável surpresa para mim os sons do poético lamento e cristalinas marteladas, que de começo custei a compreender de onde viessem, antes de verificar-lhes a saída do bojo de tão esdrúxula armação instrumental!

O quintalejo do Bom Retiro estendia-se ao longo da quadra inteira, ao fundo da qual corria a vala do riachinho mofino, investido e utilizado pelos agriões. A cerca de arame farpado envolvia o terreno, menos na frente da casa que se embelezava de um muro com pilastras de tijolo e um gradil de ferro, ladeado de duas “orelhas de negro”, plantadas de cada lado.

Na parte mais baixa da propriedade, constituída de excelente terra preta, os produtos da horta vinham carnudos e abundantemente, multiplicados pela ciência do hortelão provecto, que era o Zamarini, doutor em podas e enxertos, licenciado em vinhas e repolhos... Dizia-se entre os antigos que, plantando na contiguidade dos jardins alhos e cebolas, se tornava mais belo e odorífero o que naqueles desabrochasse. Seria por pegadas aos canteiros da hortaliça que as nossas flores recendiam tanta?

Esse Zamarini era um velho italiano e cultivador, que recém chegara nas primeiras levadas de imigrantes agrícolas, borbotados há sessenta anos do Velho Mundo às plagas de Piratininga. Divertia-nos os seus gestos rudes, a fala sonora, carrasqueira, pontilhada de variadas interjeições, começadas inevitavelmente por “*per Baccho*”! ou “*Dio Santo*” e

²⁰¹ Caapora e Anhangá são figuras do folclore brasileiro. O primeiro é visto como um outro Curupira – um guardião das florestas; o segundo é um espírito (que pode tomar qualquer forma) que corre pelas matas protegendo animais e seus filhotes.

galgadas às mais acadabrantas, enfiadas no rosário de fulminosas e análogas fórmulas de jura. Não dispensava o copázio do Chianti e quase que se alimentava exclusivamente de *polenta*; trazia brinquinhos de ouro nos lóbulos das orelhas fartas, chumaçadas de pelos desabridos.

Nas pelancas requeimadas do pescoço argiloso, encordado de grossas veias, lhe pendia a penca de bentinhos. Tinha a cara como escavada a formão na raiz de buxo; mas, a expressão de contentamento e confiança, que lhe nadava nos olhos gázeos, lhe ameigava os duros traços da fisionomia escabrosa e mal talhada. A sua aldeia, na Apúlia, deixara-lhe no corpo e na alma as marcas étnicas mais fundas e indeléveis. Ao chegar na Hospedaria de Emigrantes, no Brás, chorava por lhe haverem tomado a carga dos pés da vinha, trazida em troca da promessa irrealizada de um vantajoso pagamento. Transplantara-se o Zamarini, com a esperança materializada na riqueza desses bachelos. Eram eles à semelhança de filamentos da sua carne, o penhor concreto do êxito da emigração que o surucava para as terras da América.

Ele mesmo não passava de um desses ásperos campônios montanhese do sul da Europa, ossudo, tanados pelos sol e de tendões retorcidos à semelhança da cepa, sobrada na retalhagem da poda das suas parras. Transportara consigo os velhos músculos de cavador da terra e também essas vides, sachadas pelas mãos ásperas na leira de Itália. Arrancando-se do solo natal, para a sua grande aventura, ele sobraçara a plantação do vinhedo que lhe rodeava a herda de natal. Não vinha só, nem de mãos abanando, transportava no embornal de exportado seu parreiral.

Desenraizara-se por completo. Trazia-nos assim o agricultor o trabalho e a messe, na sacola de peregrino da América. Dobrava o valor do braço com a abundância da semente. O italiano soluçava, reclamando as mudas dos seus maledos roubados. O meu pai fez devolverem-lhe a propriedade do grande feixe de sarmentos, que mesmo desenterrados rebentavam em brotos virentes a seiva preciosa. Voltaria à Península o expatriado e teria sido feito comendador ou conde, tendo no brasão o pâmpano dourado do seu vinhaço ítalo-brasileiro?

Era já muito velho para tirar essa sorte-grande. Mas, São Paulo faria a própria grandeza, com o sangue de tais homens, a energia desses Zamarinis. A lavoura brasileira

recebera um glóbulo de sangue vermelho para desanemiá-lo do africano e americano, repretado nos zambos, caboclos, mulatos e cafuzos. Rebentar-nos-ia, nesses pedaços de vinha importada pelo peninsular, o cacho opulento da prosperidade do Brasil.

Molosso cor de barro guardava a habitação graciosa e florida do Bom Retiro. O esplêndido animal, de dentuças arreganhadas dava pelo nome, muito à pernambucana, de “Nero”: o que muito honraria a memória do imperador romano, pois era um excelente bicho, divertido, de fácil acolhimento, enfurecido apenas quando o punham na corrente. Como muita gente boa, só era mau quando se lhe tirava a liberdade...

A ordem continuava a reinar na casa sob a égide de D. Leocádia Rosa e tudo prosperava por sua inteligência atilada a modicar as despesas e a criar lucrosas fontes de renda. Tendo o fazendeiro Camargo proposto emprestar-nos três vacas turinas para experimentar a venda do leite, antes de comprá-las, a hortaliça desaparecera do quintal substituída pela coqueira e o capinzal, rapado este frequentemente pela foicinha do velho ceifeiro italiano. Zamarini, reduzido aos trabalhos do estábulo, cozinhava o milho, o farelo e o feijão bichado, salgava-os, atapetava as manjedouras de feno, ajuntava a esterqueira, distribuía-a pelas raízes do “capim-colônia” recém plantado, espalhava as palhas da cama das boas turinas, que ele mesmo ordenhava.

Enchiam-se as garrafas de leite à venda e, para garantir o conteúdo da falsificação exterior, lacravam-nos diariamente. A galinhada solta enchia de ovos os cantos da estrebaria; vinham de fora as ninhadas de pintos, chocados nas touceiras de chá e de joá das vizinhanças. Uma lanterna ficava acesa no estábulo, à noite inteira, por medo aos morcegos, moradores na olaria.

Mas, como a nossa tentativa de granja se sentisse premida nas edificações particulares, que cresciam no bairro do Bom Retiro, resolveu-se depois de algum tempo acabar com a trabalhosa indústria nascente. Não haveria mais espaço livre para o passeio do gado; os galináceos, na sua dispersão, eram frequentemente surrupiados; os bezerros escapos atrapalhavam os transeuntes.

A vacaria transformou-se então em casebres de aluguel, que hospedaram os estudantes de Direito Alberto Godoy e Vitorino Monteiro, mais conformados à distância e ao sossego, fora da cidade. Pela primeira vez vi então a goma-elástica do Pará, quando nos

vieram dessa região, por intermédio do barão de Guajará, então Presidente de São Paulo, as peles de borracha bruta, que se transformaram na indústria de casa, em projetis para o próximo entrudo.

A minha mãe, sempre atarefada e agenciadora, cuidara no meio de arranjar algum dinheiro no carnaval, enchendo os tabuleiros de venda com essa mercadoria encomendada pelos que se divertiam, bombardeando-se com as bolas elásticas, repletas do líquido perfumado com “Água Flórida” e tingido de várias cores. Desde que Torquemada²⁰² havia citado a árvore da goma-elástica e o sábio Lacondamine tomado conhecimento dessa substância vegetal, nenhuma aplicação mais inocente e divertida fora dada ao látex famoso, já aproveitado pelos cambebas, que essas “laranjinhas” de entrudo pelo Carnaval. O estrangeiro, em 1850, fabricara com ele o primeiro par de botas e em 1888 o primeiro pneumático; nesse longo interregno, o brasileiro manufaturara os “limões de cheiro”, com que se molhava, entrefuzilando-se na pândega arriscada aos “resfriados” e pneumonias.

Dos grosso e negro rolo fumado do cauchu amazônico tiravam-se pedacinhos quadrados de películas, os quais forçados pela água expulsa da seringa espremida, e devidamente amarrados com uma linha nas pontas, produziam os projéteis requeridos para a brincadeira. Faziam-na antigamente de cera colorida, sendo os inovados no Bom Retiro com borracha e água de diversas cores fortemente apreciados. O ardor tiroteante e desperdiçado dos carnavalescos, felizmente aproveitado nesses “bicos” dera-nos o meio de, segundo a expressão francesa: *mettre du beurre dans les epinards*²⁰³.

Ofereceu-se-nos outra ocasião, nesse sentido, loteria do Ipiranga que, dividida em três séries, começou a correr em São Paulo, a 26 de Fevereiro de 1881. Até altas horas da noite numerávamos os bilhetes destinados a serem sorteados. Com esses raros e trabalhosos biscates, agenciados na maneira mais lícita e apropositado, conseguia o Quincas aumentar os recursos limitados à magreza do seu ordenado. Despachar-se-ia da casucha do Bom

²⁰² A figura de Tomás de Torquemada (1420-1498), célebre inquisidor, será retomada várias vezes a seguir, nos capítulos em que Rangel relata suas experiências escolares – portanto, as lembranças que vêm desse período são marcadas pelo autoritarismo, privação e sofrimento.

²⁰³ “Pôr manteiga no espinafre”.

Retiro, perfeitamente indicado pelo dedo do acaso, congraçado ao nosso trabalho de carimbagem, o bilhete da Sorte Grande do Ipiranga?

39. O VELOCÍPEDE

Por minha parte, o meu velocípede concorreria também à execução desse programa doméstico, facilitadas por seu intermédio as idas e vindas nas ruas de São Paulo atrás da gazeta do dia, do pão, das verduras da quitanda ou dos remédios da botica, evitada a despesa de mais alguém da família ocupar um lugar no banco dos bondes da Campanhia de Carris Urbanos. O alígero e rubro corcel, dotado de duas rodas iguais entre os seus estribos de ferro fundido, se me esfalfava as pernas, contribuía ao equilíbrio das finanças da casa.

Era o aparelho dessa forma geral das atuais bicicletas, e o primeiro que aparecera em São Paulo, sucedendo aos grandes e raros bicíclis em metal niquelado, que passavam rodando no Jardim da Luz e intrigavam, pasmando e atropelando os transeuntes com a imensa roda disposta na frente de outra tão pequenina. Constituíam-se o meu extraordinário veículo ainda quase todo de madeira e bem aparentado ao celerífero, inventado pelo senhor De Sivrac em 1690 e as impagáveis *draisiennes*, em voga em França pelos *muscadins* de 1818²⁰⁴.

A máquina devia estar muito próxima do tipo criado pelo inglês Starley ou pelo francês Meyer. Ainda não tinha a cadeia de transmissão, mas já dispunha dos pedais, que Michaux inventara por volta de 1863. Constituíam o modelo do velocípede fixado em 1869. Os pedais trabalhavam diretamente no eixo da roda dianteira igual à traseira e ambas sendo de pau, eram calçadas de arcos de ferro. Nenhum freio, nem qualquer engrenagem no aparelho, reduzido à mais simples expressão mecânica. Tão simples, contudo, não haveria de parecer-me. Lembro-me haver armado a máquina às avessas e durante muitos dias me bater contra o impossível, pois ao procurar movimentá-la para os lados, a roda da frente batia na de trás, ao menor desvio da barra de manobra do guidão.

Desempachei-me no desabafo de Arquimedes com a lei da flutuação, quando apenas ao reajustar um parafuso inverti a posição das partes constitutivas do velocípede e me pus a dirigi-lo sem maior embaraço, todo vaidoso do achado de resolução para a qual uma ideia de acaso e das mais simples e naturais me ocorrera. Restabelecido nas vértebras férreas do

²⁰⁴ *Draisiennes* (em francês) diz-se das crianças que se divertem com um cavalinho de brinquedo, normalmente feito dum cabo de vassoura. *Muscadins* (em francês) é denominação dada a rapazes ricos franceses, devido ao perfume que usavam, cuja essência vinha do almíscar.

seu encaixe normal, voava o velocípede, como o carro de Faetonte²⁰⁵, sob a pressão das minhas pernas de aço. Era a mala-posta da família. Trazia a casa o pão, a carne, o remédio, a notícia, levava as cartas e os recados mais apressados. E tal seria o serviço de sua atividade, quotidiana, que as duas rodas vermelhas, deslizando pelas alamedas dos Campos Elíseos, impelidas pela força viva dos meus calcâneos, exigiam frequentemente bastante óleo para lubrificar-lhe os eixos. Vendo a Iaiá tão interessada no bom emprego caseiro do emissário e portador veloz, eu abusava do óleo usado para sua máquina de costura. Nunca vi, entretanto, que reclamasse contra a prodigalidade do filho, que lhe bebia aos tragos o azeite de almotolia...

Acontecia muitas vezes que as observações de minha mãe: “Só agora vejo que não há biscoitos para a ceia. Aproveita, e vai buscar no largo do Guaianás um frasquinho de noz vômica. Avia-te, que a tarde está caindo...”. Um estilete me trespassava de lado a lado, no fundo da alma o coração me fugia; tudo isso causado pela ameaça da noite a que não poderia escapar, trazendo o jornal ou de volta do armarinho, do açougue, da farmácia... O caminho nas trevas, entre matos baixo, da avenida do Triunfo, atravessada a linha sorocabana, até a porteira da Estrada de ferro Inglesa, no Bom Retiro, era a terrível prova para a minha coragem de escoteiro transeunte.

Não tinha outro meio de segui-lo, sobretudo à noite, senão assobiando e fechando os olhos, com risco de ir de catrambias nalgum buraco do caminho ou dar com as ventas nalguma rebolada do mato lateral. Que poderia eu imaginar saísse desses arbustos para vir ao meu encaixe e gelar-me o rolo das entranhas? Era como se ali andassem acorados na tocaia os calhambolas do Cubatão, os tapuias do tampo dos Ramalhos com os seus cacetes de quiri testado, o bando de caldeireiros ciganos, que uma vez encontrara no Cambuci.

Engrimpado no meu velocípede, as minhas emoções se diminuía em número, pareciam aumentar de relevo e de atropelo... O medo punha-me sebo nas canelas locomotoras; ao termo da disparada estaria a tranquilidade do servo obediente, de nervos

²⁰⁵ Filho de Apolo, Faetonte pediu emprestado, como prova de amor, o carro de seu pai. Sem saber como domar os cavalos e controlar o veículo, provocou desastres e acabou morto (cf. Ovídio, *Metamorfoses* I, 253-261).

sacudidos por tão horrorosas impressões. O certo é que não voava com mais rapidez o hipogrifo de Rogério, ao encalce de Dona Angélica, no “Rolando Furioso”.

Canzarrão de respeito, diante do chalé suíço do velho Martinho Prado, estranhando aquele dispositivo um tanto apocalíptico emprestado ao instrumento de minha translação, e não lhe reconhecendo a inocuidade na complicação e ligeireza, de um salto abocanhou, pelas alturas da sela, o que poderia eu oferecer-lhe de mais polpudo e não fazia infelizmente parte das peças da “máquina circulosa” ou “cavalgadura rolante” como dizia o Sebastião Paraná, mulato paranaense, amigo de neologismos, eufemismos e circunlóquios dos mais rebuscados, atulhando os seus alforjes de letrado. Esse sucessor provinciano da baronesa de Canindé, queixando-se da chuva, reclamava: “Fui agora mesmo desagradavelmente assaltado por um turbilhão de gotas...”. Apresentando a lista da subscrição, convidava ele aos amigos: “Tem cada um de ejacular aqui cinco mil réis...”.

Outros cachorros habitualmente me ladravam nas ruas de São Paulo, convictos de não poder alcançá-las desmoralizados no intento de correr atrás de alguma coisa que lhes fosse mais inatingível. Fazia barulho e cansava-se a cainçalha, atrás do velocípede constituindo um apólogo, e do qual só mais tarde gozaria toda a edificante significação...

Com que pesar tive de largar o prestante velocípede, descendo do seu selinzinho para entrar no colégio de Itu, em 1883!

40. A ENTRADA NO ITU

Do simples pito ou repreensão verbal ao “cascudo”, da chinelada à palmada “em certo lugar”, do quarto escuro à supressão do passeio e da sobremesa, do “bolo” da uma série de corretivos usuais ajudava conter e corrigir, no Brasil, os filhos de família em tenra idade e mais ou menos, por “levados da breca” ou “da carepa”, necessitados dessa terapêutica caseira.

Quando não seria mais cômodo ou possível empregar ou tornar eficientes tais punições, é que se pensava no alto e supremo remédio de enviar os menores à emenda nos colégios de Itu, fundado pelos jesuítas ou do Caraça, pelos lazaristas. Por essa época, os pais brasileiros ameaçavam, com efeito, reprimir a indolência, a desordem ou a rebelião dos filhos com esse dois espantalhos de disciplina e de estudo, servidos pela Religião.

Assis Chateaubriand registrou, estudando a personalidade do presidente Bernardes e apoiado num bispo do Maranhão, o pavor que produzia este último estabelecimento à meninada patricia: “A perspectiva de ir para o Caraça constituía a visão horrenda com que se poderia atormentar a imaginação de um adolescente.” O Itu e o Caraça, um era Scilla e o outro o Caribde²⁰⁶, onde teriam que tombar, sustidas, reparadas ou contritas, a insubordinação, a extravagância ou a vadiagem dos pequenos aturdidos e mal travados.

A meninada, estragada pela desorientação e descaso de péssimos colégios, pelos maus exemplos da calaçaria, da libertinagem e desperdício de muitos da sua idade ou levados pelo temperamento etnicamente pouco seguro ou mal disposto, acordava espichada entre esses dois centros de pesadelo e que participavam da Trapa e do liceu de Esparta, erguido à necessidade da correção ou de melhor diretiva aos dotes e instintos da nossa juventude. Quanto a mim seria tudo isso menos acusado nas suas linhas crespas, se bem que igualmente melancólico no quadro irreparável daquilo que tem de acontecer. Aos olhos maduros e claros do meu pai o tempo passava com a foice na mão e calçado de escarpins de veludo, prorrogando-lhe um problema dos mais sérios e comprometidos: a educação dos filhos.

²⁰⁶ Scilla e Caribde são dois terríveis monstros marinhos pelos quais Ulisses e sua tripulação passam no retorno a Ítaca, logo após se verem livres das sereias, episódio descrito na *Odisséia* XII, 234-59.

Certamente mal aproveitava eu da instrução colegial de S. Paulo, que não era sólida nem bem ordenada, e de outro lado também pouco me vinha do que pudesse receber de fora de casa para enriquecer o pecúlio moral, que não se poderia formar exclusivamente na roda das saias de dona Iaiá e em torno do rodaque do bom Quincas. Meu pai, com o seu instinto de previdência, sentia a ameaça que tal educação estrita e falha devia importar ao futuro do morgado, e tratou de vencer os embaraços que o meio lhe oferecia a melhores aquisições de uma instrução efetiva. Procuraria de todos os lados uma solução módica e suficiente, resolvido a aceitar a determinação que sua ternura embora rejeitasse.

Não a encontraria muito menos, conservando-me ao pé de si. Em que prítaneu próximo, com efeito, desenvolver-me o físico? Onde, senão na estreiteza da família, apurar-me as qualidades e corrigir os defeitos do caráter? Em que lugar, enfim, desenvolver o cérebro do pequeno com as noções precisas e indispensáveis de uma razoável preparação intelectual? No colégio Abílio, no colégio Morton, no colégio Aquino, no colégio Kopke, nos seminários episcopais?

Seria, então, que lhe acudiria, como um dos estabelecimentos mais falados e bem reputados para a educação do filho, o colégio Itu. Sob a égide da religião não faltariam certos exercícios, como o indicavam vagas notícias de antigos alunos e a existência e a extensão os pátios de recreio no São Luís. Assim refletindo os prós e os contras, foi decidida a minha partida para a cidade do interior de S. Paulo, celebrizada na insignificante quadrinha do Imperador D. Pedro II e nos anais da agitação republicana.

Custou-me a despedida algumas lágrimas, das mais pesadas e amargas que jamais de começo houvesse fabricado e despendido. O apartamento súbito da família surpreendeu-me com alguma cousa de terrível e inimaginável. A separação dava a impressão de decapitar-me. Na vida nova para que me atiravam sentia-me arrebatado no chupo de um maelstrom²⁰⁷. Na sensação dolorosa misturavam-se à angústia da partida todas as suposições que me esperaria na chegada, porque de antemão as sonhara sem poder seguramente discriminá-las. Figurava-se-me ir para um cárcere duro, com todos os carcereiros de batina, cruz alçada e o hissopo para o responso final. A vaga de repugnância

²⁰⁷ Maelstrom ou malstrom: denominação de uma corrente marítima circular, espécie de redemoinho d'água comum no mar do Norte; durante muito tempo foi conhecido como um terror dos mares.

que me envolvera timbrava-se na da hostilidade contra tudo e contra todos... Pela primeira vez o mundo parecera-me pouco habitável. O meu pequeno peito encheu-se de sentimentos exasperados e contrários dos quais não lhe deveria ser dado constituir tão cedo o teatro e o campo de batalha.

Largando o trem que me levava ao São Luís, a saudade encontrou-se numa onda de irresignação, que bastante a maltratava... Nesse vagão sentia levarem-me a todas as regiões da inospitalidade da terra. Entretanto, o Colégio de São Luís, no Itu, não me devia, na verdade, aparecer para consertar a cepa torta de más disposições naturais, nem como remédio à reincidências incuráveis em repetidos acessos de estroinice ou cabulagem, mas como recurso de mais probabilidade à experiência de melhor método e constituição nos estudos, que os espalhados nos colégios ou liceus da capital da província. Além de que já lá estavam os dois filhos do meu padrinho, o conselheiro Godoy, os quais diziam maravilhas do S. Luís.

Contrafeito e perturbado por tristes e confusas ideias, saí da “Imperial” S. Paulo e lá me fui assim à “Fidelíssima” cidade de Itu, antiga aldeia indígena, que depois foi capela de N. S. da Candelária de Outuguassu, e onde funcionava desde 1867 o famoso colégio São Luís, bem mais moço que o de Caraça, fundado em 1821, mirrado em 1842 e renascido em 1853.

A nímia e a avantajada opinião de mim próprio e todo o terno sonho, vivido sob o calor da imediata atenção paterna e materna, desmoronaram-se num acordar tristíssimo, quando me vi de repente desarraigado dos velhos hábitos, no calor tutelar de casa, e caído no vestíbulo do grande ginásio do ensino jesuítico no Brasil.

A minha existência lareira, variada e risonha, correr-se-ia doravante no instituto que, pela imensidade da instalação e caráter religioso da obediência intrínseca, seria uma espécie de quartel com o Crucificado no retábulo, por sentinela na guarita. Em vez de corneta, era o sino que tudo dirigia. Comer, rezar, estudar, brincar, a sucessão de atos de toda uma vida, regulada pelo som da campa retinente, intransferível e imodificável, dando o ritmo comum a operações tão diversas!

David Copperfield²⁰⁸ ao entrar na pensão de seus estudos e ouvindo do senhor Creakles o terrível “Agora ao trabalho!” não se teria impressionado menos que o pequeno recifense, apreendido na ratoeira do São Luís pelo círculo de silêncio adverso, que tal um enorme gral começasse a esmagá-lo da cabeça aos pés, reduzindo-lhe a nada a própria consciência. Aquela casa de tanta gente instaurava-se-me no recolhimento de uma abelheira vazia. Mesmo o barulho de meus passos surpreendia-me, devendo eu reduzi-lo o mais que pudesse. Pedia solas de cortiça ou de borracha para não me fazer notar.

Saindo da portaria tratei de apagar-me o mais possível. Sentia que esquecido é que eu viveria melhor... Se a personalidade fosse cousa que se tirasse de si à maneira da mochila de viagem, juro que, naquele dia, quem entrava no colégio seria apenas um corpo sem alma, uma caixa de pele e ossos dotada de mola de um relógio, de corda dada para todo tempo que tivesse que viver no Itu. É que aquilo que era a razão da minha vida, o lume de meu ser, o acolhimento do calor de casa nenhuma razão tinha de palpitar entre as quatro muralhas de uma prisão cheia de cruces pelos cantos... O frio, a obscuridade e a atenção obstritiva dos senhores padres impor-me-iam a mudança artificial de intensidade e direção que só o meio familiar pudesse chamar a desenvolver naturalmente. O que de fato nesse dia recebeu o São Luís não foi um menino, mas uma pequena trouxa de carne passiva e soçobrada, caminho do desconhecido, tímida do túnel para que marcharia, tomado pelo cabo de aço enrolado no moitão do cabrestante com que de dentro na nau de Santo Inácio me arrastavam, puxando-me pela garganta...

Eu avançava a pesar meu pelo corredor, ao fundo do qual se arqueava um taquaral. Ia-me internando-me nele como se os anéis de um jiboiçu fossem-me deglutindo aos bocados. Tudo o que me sorria na ilusão e na saudade ia ficando atrás... O desconhecido chupava-me. As tiras da faixa da batina do meu guia batiam de um lado e de outro como se tentassem embaraçar-lhe a marcha. Interminável me parecia o caminho repugnado para o qual me empurrava o amor de meus pais.

Quando o padre, que me acompanhava à rouparia para mudar o traje da cidade, me viu pronto na roupa de meu enxoval, ciciou-me com a melhor boa vontade: “Está contente, meu filho? Nada receie. Nossos cuidados vão fazê-lo um homem instruído e fiel, educado

²⁰⁸ Protagonista do romance homônimo de Charles Dickens (1812-1870).

no temor de Deus...”. Nessa fé do sacerdote, porque não dizê-lo, não me senti muito confiado. Não compartilhava das suas esperanças. Em verdade não contaria senão comigo mesmo e meus pais para poder alcançar um pouquinho dessa perfeição como que aquele servo da Igreja me ameaçava anular a individualidade de tanto a acepillar, afeiçoando mais uma rês para o rebanho do seu estábulo catolizado.

E fui largado na porta do salão do Estudo feito um mamote desmamado e solto sozinho na porteira do curral. Dali a pouco me via plantado diante da alta carteira de pinho, atrás de cuja aba movida de baixo para cima eu buscava tantas vezes respirar por minutos, longe das vistas dos nosso modeladores e fiscais, a procurar o dicionário de que não necessitávamos, o compêndio ou o caderno de que não nos aproveitávamos...

À porta do Ateneu o herói de Raul Pompéia ouvia do pai: “Vais conhecer o mundo”. Na entrada do Colégio de Itu podia eu ter ouvido a voz do anjo com a sua espada de fogo: “Vais retirar-te do mundo!”. Com efeito, o Colégio, para bem exprimir o seu caráter exclusivo e anti-mundano, tinha eliminado completamente a cidade, isolando-se nela. Íamos instalar-nos, pois, sob os eflúvios mortuários da bênção do *Requiescat in pace*²⁰⁹, recaída sobre a tampa sepulcral da sentença da Inquisição: “Defunto nos cárceres absolutos da instância”. Viveríamos ao lado de uma população urbana e de portentosa catarata, sem que nem de longe nos imiscuíssemos na sua vida e vislumbrássemos a “Árvore dos Enforcados”, a pedreira e o “Salto do Itu”.

Durante três anos letivos no São Luís, só três vezes saímos a tomar contato com o casario antigo e regular da cidade beata, apumada ainda nas taipas dos séculos XVII e XVIII. Era pela festa do padroeiro do Colégio, cuja procissão nos levava, entre samarras, estandartes das confrarias e nossas fardetas, de olhos baixos pelas ruazinhas coloniais do burgo, onde passeariam ainda as almas dos padres Arrudinha e Quirino de Monte Carmelo, e com o seu sovelão de honra e bastão de gala, a sombra leal e rancida do Capitão Mor Vicente da Costa Taques Góes e Aranha.

²⁰⁹ Em latim: “*Que ele descanse em paz*”.

41. COMPANHEIROS IGUAIS

Não encontramos no mundo meio apagado e flutuoso das nossas relações mais afastadas o que distingua, no Itu, os colegas uns aos outros. Não deixaria de haver muitos caracteres dessemelhantes, mas a regra colegial contida no quadro férreo de sua disciplina conseguira uniformizar quase todas aquelas almas, tirando-lhes a força característica das tendências diversas, quebrando-lhes os picos do amargo com que pudessem diferenciar-se no esquema de sua espécie. De certo ao entrarem no estabelecimento ver-nos-íamos bem distintos. A água varia de aspecto segundo o terreno em que começa a correr. Mas a plaina educativa do religioso passara por todos os interstícios daquele pessoal, igualando-lhes as almas no embutido do mesmo padrão. Em alguns haveria muito que cavar, em outros apenas alguma coisa a tirar. Só uma certa indulgência compreensiva seria capaz de deixar o desenho mais acusado no coração e no espírito daquele rapazio.

Nada mais incômodo para as relações entre esse menores e seus mestres que as linhas fortes apontadas no lombo do rebanho a tosar. A vantagem seria que todos fôssemos só um para bem manusear-nos. O esforço educacional, portanto, estava todo em reduzir a massa heterogênea a um magma homogêneo. Todos bons, todos humildes, todos bem ouvidos e bem mandados, todos incapazes do menor resquício de revolta... A humanidade oferecida aos meios de apara e sujeição do São Luís transformar-se-ia no gado de terneiros mais dirigível, que pudesse realizar-se nos moldes da mesma forma e redução. Ninguém crescesse acima do ponto médio, nenhum galho saísse fora das copas da floresta.

De sorte que a impressão dada por aqueles colegiais era a de andarem espremidos no mesmo brete, descoagulados na mesma calha de fundição. Ninguém poderia ser o que fosse, mas todos deveriam constituir-se nos limites de idêntica medida. A verdade é que na manobra das mil alavancas de compressão inaciana perdíamos tudo quanto nos poderia individualizar. Mortificava-nos a máquina de igualizar com que o jesuíta manipulava a matéria em que Deus nos distinguira, dessemelhando-nos no quadro de sua própria imagem.

O problema educativo está em adivinhar a qualidade das almas, com a mesma acuidade com que o médico ausculta e diagnostica o enfermo que é sempre um caso particular no quadro clínico que o insere. O remédio que serve a um não serve a outro, tal é

a complexidade biológica que não se deve tratar de um modo comum os indivíduos sujeitos à mesma infecção na diversidade de predisposição dos respectivos temperamentos. Semelhantemente tomar da criança e violentar-lhe os instintos com os meios oferecidos em programa único e genérico pode ser uma tentativa, mas nunca o processo seguro e exclusivo de obter melhoras apreciáveis ou uma cura real. Já se disse em medicina que não há doenças, há doentes. Em matéria de educação nada mais contraproducente e errôneo que o laminador com que se pretenda eliminar os defeitos dessa matéria-prima. Cada interior pede cuidados de vários especialistas, cada caso é um mundo a tratar. Por tudo isso nada mais condenável que qualquer espécie de internato para meninos, pelo menos nos modelos que nos são correntes. É na família que reside a junta de correção requerida para encaminhar o começo de cada indivíduo. Se esta falha na sua divina missão, nada já a esperar mais do que se passa nesse sentido. Seria nesse pensamento que Fébelon, dando a sua opinião sobre a educação de uma moça sua conhecida, mostrava repugnância pelo melhor convento. Justificando-a, dizia o bispo como bom conhecimento de seus confessandos: “Les yeux d’une mère sage, tendre et chrétienne, découvrent sans doute ce que d’autres ne pensent découvrir”²¹⁰.

Mas a vida moderna exige o quartel, reclama o ginásio, aconselha o hospital, sonha com o falanstério, propõe a vila como habitação em comum e impõe a moda dos mesmos hábitos e costumes para todos os povos... Não seria de mais que os hortelões de Itu preparassem a terra dos canteiros de sorte que nele só nascesse e prosperasse a mesma qualidade de grãos, o mesmo gênero de plantas... Quando fosse da futura organização social seria tomar dos tijolos saídos da mesma fornada, das pranchas e vigas serradas e aplainadas nas mesmas dimensões. O edifício não custaria edificar, mas a cidade só conteria arranha-céus, onde só haveria lugar para os previamente apostilados nas regras da fé em Deus, ensinada pelos senhores padres da religião de Roma.

²¹⁰ “Os olhos de uma mãe sábia, delicada e cristã, descobrem, sem dúvida, aquilo que outros (olhos) nem pensam descobrir”.

42. CALÇAS CURTAS

O Colégio de São Luís, fundado e dirigido pelos inacianos, começou a funcionar no convento de São Luís, este fundado em 1691 pelos franciscanos. Os jesuítas tinham-no ocupado, em 1865, por contrato de dois anos. Em meio de novo prazo, eles renunciaram ao convento dos frades, por terem construído casa própria onde vieram a aboletar-se. Em meu tempo a edificação avultava com alas sobrepostas e pátios interior e exterior, que os padres de Loyola haviam acrescentado paulatinamente, utilizando-se da proveitosa pachorra e a habilidade profissional de artífices leigos, entre os quais avultava o Alberani, arquiteto, relojoeiro, pintor e santeiro, no seu múltiplo ofício de irmão fiel prestimoso da ilustre Companhia.

Ao trabalho deste homem bem prendado e obscuro deveria o São Luís jesuítico todo o concurso da arte, que pudesse haver roçado os muros caiados e compridos da sua construção conventual. Nessas comunidades solidárias e ávidas do céu, a regra é passar o indivíduo na terra obscuramente, dando pela alma ou pelas mãos tudo o que de melhor nos seja possível em favor de Deus.

O rebanho escolar do Colégio ituano distribuía-se em três divisões, segundo as idades dos internos: a dos pequenos, a dos médios e a dos grandes. A população de umas quatrocentas almas apartava-se sob a cuidadosa inspeção de três prefeitos, subordinados ao Padre-Ministro órgão central de vastas atribuições, ficando o Reitor, no ápice da hierarquia, para o maior de espadas. Cheirava isso a certa constituição militar, a qual deveria ser, na sua solidariedade e disciplina, tão cara ao soldado do cerco de Pampeluna, que foi Inácio de Loyola.

A ordem, naquela casa de Itu admiravelmente administrada e conduzida, começava a ser imposta, obrigando todo o menino recém-chegado a entrar na numeração geral, mais própria à rasura e triste anonimato dos presídios. Quando o meu pai me largou na portaria do Colégio, subitamente não me vi mais seu filho, porém, um ser estranho, fixo e seriado numa tabela de anonimatos. Passei a constituir o “211 da Segunda Divisão”. Desaparecida a personalidade de determinado indivíduo, ligado a uma certa família, restar-me-iam os músculos retorcidos, formando para uso da comunidade o algarismo de um fator, chapado no produto da nova discriminação em que me desmanchava e apagava, no correr de estudos

e exercícios. O sacramento do batismo. Furtavam-me o nome; rapavam-me as iniciais; numerava-se o calunga; estampilhava-se o dado; marcava-se a bestazinha na testa, ferrando-o com uma centena...

Esta foi a grande e terrível impressão de chegada, para acentuar o pulo doloroso fora do lar, enfiarem-me, das orelhas até os pés, nos três algarismos de uma lista de pintainhos. Não sei o que me pareceu isso. Ter mudado de repente de pele, haver adquirido um rabo, como se dizia dos judeus, ou me transformado em uns seixozinhos de contar... Foi isso para a minha alma de infante e de começo um choque traumático, dado por gente que só queria o meu bem e cuidava do meu futuro... Concorreria isso para me entristecer para sempre a estada no São Luís. Foi o gérmen de toda a inconformidade e rancor, que eu não poderia muito bem elucidar, mas dos quais sofri as terríveis pontadas e fulgurações.

E foram três anos alongados em trezentos, aqueles durante os quais me mantive nesse colégio. O calceta das humanidades, marcadas pelas sacras iniciais JHS, foi puxado aos troncos nos sulcos paralelos do campo de cultura que, por uniforme e forçada, não lhe deveria dar melhores frutos. Nunca o regime de existência igual, modelada em pauta única prevista e ditada nas mesmas obrigações, seguida por transe idênticos, se tornam mais algemado à melancolia e a tantos desencontros, deficiências e soçobro em minha alma...

O colégio exigia um certo número de peças de roupa de muda e que as calças dos internados fossem compridas. Entendeu, porém, a minha mãe, aproveitar as que eu já usava em casa, tão próprias à minha idade, e obstinou-se a meter-me no enxoval alguns pares de calças curtas. Quando me vi em meio a todos os colegas com os buchos das pernas à mostra e tornado o único animal dessa espécie, o vexame foi enorme. Pejorava-me a exceção. Todos os dias era vítima de uma alusão no recreio aos “mocotós de fora”. Juntou-se-me ao suplício da adaptação ao Colégio o do emprego das calças indébitas, o das barrigas-de-perna em evidência. Na minha tribulação de amargado, não tinha gosto nem mesmo para brincar. Tanto culpava a pobre da minha mãe, o seu juízo e economia, arreliado contra a sua poupança, a qual aproveitava o que ainda se achava infelizmente em tão bom estado... E procurava descer a cinta das calças até o ponto de me incomodar a marcha e sem obter que me tapassem as canelas.

Os primeiros tempos no Itu foram por esse motivo mais afligidos que os de qualquer outro menino. Singularizava-me, como se andasse indecente, meio despido. Ao triste sentimento de desabrigado, de excluído dos benefícios e carinhos da família, ao estado de inquietação por tudo quanto me rodeava e instruía da vida nova, seca e gregária, ainda por cima aquela maçada do privilégio das calças curtas!

43. AS DIVERSÕES

Esforçava-se o jesuíta para instituir a alegria e o movimento do exercício físico, sentindo a necessidade de dar fôlego e distração, no Colégio, aos que submetia ao longo trato da severa submissão quase monacal. Para tal fim instituía os jogos diversos, o passeio e a festa escolar. Mas, tudo isso entrava em nossa vida adstrito à fixidez do plano pedagógico, desde séculos tão minuciosamente calculado. As datas certas traziam-nos qualquer cousa da indiferença do bocejo de suas horas antecipadamente marcadas... Os jogos obrigatórios tiravam-nos metade do gosto de neles participarmos.

De todas as diversões, era a mais vultuosa e esperada a consagrada ao dia de São Luís Gonzaga, o padroeiro da mocidade Cristã, data essa que, sendo de 21 de Junho, aparecia no meio do ano para cortá-la do alvoroço de uma quermesse sensacional. Começavam os sinais do reboiço da festança alguns dias antes. Enfeitavam-se os recreios com mastros e bandeirolas. Apareciam as visitas de prelados e das famílias. Uma vez nos surpreendeu o missionário que, vindo da China, trazia por secretário o acolito autêntico mongol, descarnado, cor de cera, virgem, rabichudo e silencioso, na sua túnica de seda, ao qual assaltávamos par que nos escrevesse com os seus pincéis e tinta nanquim: “pagode”, “mandarim”, “chá”, “coolie”, “sampan”, “Confúcio” e tudo o que de marca chinesa havíamos lido no livro de Júlio Verne: “Atribulações de um chinês na China” ²¹¹.

O chinês fez uma caligrafia uma arte das mais vivas e difíceis. Lin Yutang, autor de “My country and my people” ²¹², mostra como estabeleceu ela as primeiras pedras da refinada estética, procurando na natureza os seus grandes recursos de representação harmônica e sutil. Iria a sinalização monossilábica buscar aos ramos das cerejeiras floridas, às finas hastes do bambu, aos esturrados sarmentos da vida, aos galhos tortos, o leopardo, o cormorão, o lagarto, a serpente, o cisne e a rã todas as graças inerentes ao seu ritmo diverso. O ideograma prende assim muitas vezes à terra as raízes de sua representação verbal, até alcançar o vago do símbolo e o complicado do enigma. Interessante é que, acompanhando o pincel do oriental, eu me divertia a surpreender nas garatujas da escrita do

²¹¹ *As atribulações de um chinês na China* (no original, *Les tribulations d'un chinois en Chine*) é um romance de Júlio Verne (1828-1905), publicado em 1879.

²¹² Lyn Yutang (1895-1976): escritor e filósofo chinês, cujo trabalho tornou-se razoavelmente popular no Ocidente.

Celeste Império as mil cousas que se costuma ver com boa vontade no contorno das nuvens deformadas pelo vento. Ante a incompreensão dos sinais, divertia-me a formar cenas entre personagens, superpor-lhe estranhas paisagens de paus secos; tornava-me um testemunho bem inocente do dinamismo que a concerne. A ideografia expressa na garbulha do letrado dava-me outras ideias adaptadas e criadas por minha conta e risco.

Traduzia a garrancharia caligráfica da China como me seria dado entender. Onde era alfa eu lia ômega e não acertava mesmo de bambúrrio. A fantasia inquieta dos meus verdes anos tentava interpretar, como os olhos famintos da novidade dessa escritura de criptograma, os sinais escolhidos pelo pensamento do letrado amarelo, sorridente do meu esforço inútil de embuchado ocidental, esmagado no delírio gráfico daqueles horríveis gatafunhos.

O rancho melhorava nesse grande dia 21 de Junho, solstício de inverno e nascimento de São Luís Gonzaga, tanto na abundância como no aparecimento de bolos e doces na sobremesa. O melhor de tudo era a distribuição, dias antes, segundo as notas do ano nas aulas, de cartões com os quais podíamos adquirir livros de devoção, rosários, crucifixos ou imagens de santos, leiloados nessa ocasião. Vibravam os sinos, comungava-se e ia-se igreja da cidade percorrida atrás do pátio e dos estandartes e opas das irmandades, o que nos enchia de enorme alvoroçamento e curiosidade. Nada víamos de muito importante, senão velhos muros e frontispícios de casas de parede e meio, algumas ruas com arcos de folhagens e muito povo com ar de festa e bisbilhotice apinhado nas portas e janelas. Mulheres, sobretudo, com trajés de dia santo. E os cães inquietos, varando pelo meio dos grupos e filas dos circunstantes. E isso nos era tão extraordinário no correr do ano! Animação de todos a repicagem da sinarada, os galhardetes, os guiões das irmandades e a nossa dupla fila de colegas bem ordenados, cortando com a sinuosa de uma bicha imensa aquele júbilo e balbúrdia do povo, que invadia a igreja, aos magotes de fiéis agitados para ouvir o sermão e a missa cantada, e sobretudo mostrar as vestimentas, surpreender os conhecidos e amigos e discriminar, quando todos juntos, os figurões do lugar... Aparecíamos canhestros, de boné e fardas azul escuras, e as calças brancas. Aquele ar de pompa e de reboliço transportava-nos ao sétimo céu. O sermão era longo, na verdade, mas o padre Bento Schettini, no português sonoro e castiço, de que era professor, com os

arroubos de um sub-Vieira²¹³ ou do seu amanuense frei Soledade da Madre de Deus, nos deixava atentos e mesmo maravilhados. Nosso gosto, de raízes caracteristicamente nacionais, pelo verbo sonoro e alto, a que se referia Debret, já apontava na aplicação com a qual seguíamos as tiradas dos Bourdaloue e Bossuets²¹⁴ do São Luís.

Os bons servidores de S. Inácio, com efeito, esforçavam-se para divertir e estimular o rapazio. Sondada nossa tendência ao estrondo, aos fortes ecos da guerra, a manifestação explosíveis, a qual, dorme sob a aparência da propensão brasileira à inatividade e à paz, inauguraram no recreio da segunda divisão bombarda de pau e zinco, que fabricada pelos padres ficou de goela aberta, toda de negro, espantando as corruíras e tico-ticos do recreio e obrigando-os a refugiem-se no bambual vizinho.

Nas festas de igreja mais notórias, na pasmeira das vilas do interior, não aprecia tanto o nosso povo as baterias de morteiros, as girândolas de foguetes, quando é do tríduo do patrono ou do aniversário do Coronel Intendente? Barulho e mais barulho, na terra e nos ares... O brasileiro quieto e afetuoso, bom de mimos, esmaiado na mandrice, pela-se pelo rojão, pela bomba de dinamite, pelo tiro do canhão, pelas salvas da mosquetaria.. Serviria o arquiteiro do São Luís para memorar os grandes dias colegiais. Na culatra móvel botavam-lhe a roqueira apropriada. E aquela arma espetaculosa, copiada do pedreiro ou selvagem do século XV, apanhados no livro do antigo viajor em terra de turcos ou de mouros, dava um estampido que reboava, fazendo tremer os telheiros dos barracões e escaferem-se os vira-bostas dos cercados.

A trovosa peça era a artilharia do divertimento e o papel de cor, quando não anunciava o começo do combate na guerra entre “romanos” e “cartagineses”, com que todos os domingos à tarde, à força de bolas de pano, armadas em malhas de barbante, e munidos de grandes escudos de folha de Flandres, nos batíamos, suados, árdegos, contentes. O capitão tinha sete vidas, isto é, direito a ser atingido outras tantas vezes pelas bolas dos adversários; os que lhe eram inferiores proporcionalmente menos vezes, discriminados os postos com esse privilégio de ressurreição, segundo o caso. Como na vida

²¹³ Provável referência ao padre António Vieira (1608-1697), famoso por seus sermões.

²¹⁴ Rangel cita os nomes de dois personagens importantes no âmbito religioso de forma a elaborar um jogo metonímico (não sem certa ironia): Bourdaloue (1632-1704), jesuíta francês, professor de retórica, filosofia e teologia; o bispo Bossuet (1627-1704) ficou conhecido como teórico do absolutismo político.

militar, nunca passei do primeiro posto do qual, aliás, também haveria de dispensar-me. Só tive nessas falanges colegiais direito a uma vida, o que me parecia suficiente...

E o interessante é que, tentando uma vez me fazer de herói, para ter ao menos duas vidas terrenas, surgisse eu valentemente no ponto do terreno mais ameaçado pelos contrários. O pupilo de romanos tentava arrombar, pela extrema esquerda, a linha de frente cartaginesa. Os meus bolsos estouravam da munição de bolas, quando me arremeti à posição mais crítica da peleja. Sob o aval do escudo de lata numerada meu coração se enchia de gloriosa ambição, ganhar uma divisa, apanhar a promoção de mínimo centurião que fosse.

Mas, apenas avançado no setor coberto da saraivada de ataque das boladas contrárias, quando dois projetéis adversos ao mesmo tempo me alcançaram as pernas e a cabeça. O par de tiros na pela esvaziou-me o balão de árdego e esperançoso pretendente a melhor posto. O sólido raso das hostes de Aníbal continuou arrasado nos seus desejos de maiores distinções militares. Mais uma vez se confirmava o prolóquio de quem nasceu para dez réis nunca chega a vintém. Sendo que para o meu caso particular de cartaginês e pernambucano, essa lei deveria ser das mais inexoráveis...

De tal modo me enjoava andar preso àquela rotina do colégio, que o meu ideal era cair doente e poder ficar no dormitório, para fugir-lhe às rodas de trituração e esmagamento. Depois das pussangas do suadouro, do purgante ou do vomitório, quando se anunciava a convalescência, os padres facilitavam-na, proporcionando-nos a leitura de volumes de Júlio Verne, numa bela edição portuguesa, ornado de gravuras e encadernado em carneira. Oferecia-me a coletânea de setenta e nove obras carimbadas do nome do mesmo autor onde me dessedentar à vontade, pulando do centro da terra aos ilimites dos mundos estelares, convivendo com fugitivos náufragos, e ousados exploradores, tratando com homens de guerra e de paz, sábios e meliantes, vivendo nos gelos da Groelândia e nas brenhas do Orinoco. Não notávamos que o autor francês tinha todo o jeito do escritor inglês. As medidas que ele empregava não eram tomadas ao sistema métrico. Os

personagens severamente castos tinham angulosidades ou rotandidades caricaturais, pedidas ao “Punch” ou emprestadas do senhor Pickwick²¹⁵.

Mas, que longas e saborosas voltas pelo mundo, pelas colunas de basalto da ilha de Fingal, pelos areais da África, nas pistas do Oriente e através dos rios, das florestas e pampas da América! Rompiam-se miraculosamente os muros do Colégio e todo o universo aparecia ao pé de nós, do fundo dos mares ao alto dos céus, e por ele embrenhávamo-nos, estremecendo de curiosidade e de satisfação, vivendo da natureza, por estranhos climas, na intimidade de personagens tão característicos e de toda sorte. As figuras femininas, secundárias e raras nessas “viagens extraordinária” interessavam-nos mais que todas as outras. Animaizinhos do rebanho de mestre Freud, seguíamos minuciosamente os traços das mulheres aparecidas nas estampas, davamos-lhes uma beleza inverificável. O que lhes dissesse respeito e era menos acusado nas narrativas seria o mais notado e aprofundado...

Aquele mundo vernesco de marítimos, oficiais de terra e mar, aeronautas, sábios, aventureiros, precipitava-se ante nossos olhos, fixando-se para sempre na imaginação que os devorava um a um. Entre mil catástrofes, no fundo do mar, nos gelos do Pólo, na estepe siberiana, nas areias dos desertos, na linha equatorial, nas serranias andinas, na Tartária e na Índia, no Amazonas, como fugiam as horas de ordinário tão lentas, mastigadas na vida regulada e desencantada do internato! E tais a atenção e a insaciedade, com as quais o nosso organismo depauperado prosseguia a leitura, que o resultado, muitas vezes, era a febre recomeçar!

²¹⁵ Samuel Pickwick é uma personagem de Charles Dickens (1812-1870), do romance traduzido para o português como *As aventuras do Sr. Pickwick*.

44. OS PASSEIOS E A LAGARTA

Imposta a necessidade de respirar um pouco fora dos muros do estabelecimento, era para longe da cidade que nos guiavam os pássaros, aproveitando domingos e dias santos. Internavam-nos então pelos arredores, invadindo a fazenda do barão Bento de Almeida e as sitiocas da região, levando a matalotagem do piquenique. Voltávamos empanzinados de feijoada e melaço, de queixos cansados de chuparem canas e laranjas, estas amontoadas em pilhas de uns pelouros dourados, na soalheira que nos amolecia e abrasava.

Deliciava-nos a liberdade passageira e um tanto relativa, porque a roupeta do padre, que nos policiava, lembrava ainda o cárcere, as lições e todo o conjunto de obrigações, das quais éramos uns simples licenciados de momento. Davam-nos, contudo, esses passeios, a noção prática e saborosa do espaço galgado na morraria circunjacente. Nessa peregrinação de vagância e comilança, quanta surpresa nos embevecia de vívidas e inabituais impressões! Aqui, um bando de patos chuchurreando a lama de uma poça, ali a vara de bácoros, fuçando no monturo, o bando de anus lerdos e pretos, pousados na cerca, a água caindo no monjolo, o ninho de João-de-barro embolado no sassafrás do caminho, a erva alta na qual pastava o burro ferido pela cangalha, o grupo de mulheres, seminuas, as saias sustidas entre as pernas, ensaboando a roupa no riacho, o mar das canas, esmeraldando a colina bem lavrada... Turvavam-nos as mulheres de saias arregaçadas, batendo roupa no remanso do riacho, onde as libélulas perpassavam doidamente, faiscando... As cigarras cantavam a canção do estio, fazendo tinir os raios de sol. Tudo isso se desdobrava na festa dos sentidos que, à força de tanta laranja descascada e rapadura partida, nos varria a morrinha do tempo de reclusão, atarraxados à declinação do “*qui, quae, quod*”²¹⁶ a que nós acrescentávamos: “quem tem barba tem bigode”, aos tempos primitivos do verbo inglês irregular, à regra aritmética, à conjunção francesa...

E a lembrança dessas saídas na roça prolongava-se-nos ainda por dias e noites a dentro, espancando com as suas impressões rústicas e campesinas a estreita realidade do dever colegial. A mente povoava-se-nos então de uma multidão de vestígios amáveis e a matéria das lições custava mais a entrar na cabaça, atochada de tanta coisa agradável,

²¹⁶ Pronomes relativos latinos em sua forma nominativa, como se costuma encontrá-los nas gramáticas, equivalentes aos nossos “o qual, a qual, que” em português.

difícil de remover e transportada daquelas paragens de extra-muros, daquelas árvores, do mundo vario dessa criação exterior, dentro da qual nos haviam integrado por tão poucos instantes.

Para que por longo tempo me acompanhasse efetivamente a recordação de um desses volteios campestres, inchados de tanto sabor de cana e queimados de tanto sumo de laranja e lambuzados de tanto mel de rapadura, trouxe dele representação bem portátil e misteriosa, uma feia lagarta, colhida no chão da estrada. Construí-lhe o cárcere do papelão, atravessado por um galhozinho seco. Guardava ciumentamente comigo e bem escondido o bicho colorido, elástico e peludo. A aranha de Pelisson²¹⁷ não lhe houvera sido menos consolo e companhia, que esse repugnante anelídeo, nas minhas horas de estudo ou radiação.

Afinal, ficou a lagarta sumida no casulo em que se emparedara, compondo o saco de sua necessária metamorfose. Não deixei então mais quieto o sono promitente da crisálida, no seu camarim de Fregoli²¹⁸. Dias e dias aguardei de sentinela a ruptura da câmara secreta de auto-transformação. E, fincado na banca das minhas aulas, o imprevisto que aguardava enchia-me as horas de expectante, espancando-me a atenção no aborrecimento do estudo. E levava a pensar, que sairá de lá de dentro? De que cor, de que tamanho o vindouro substituto? O tempo perdido em examinar a lagarta, fornecer-lhe as folhas de ingá para alimento, contemplar-lhe a cápsula mutatória, revesti-la de mil suposições, abrir e fechar a caixeta de resguardo, e colocá-la na carteira, disfarçá-la de modo a não despertar a atenção do Prefeito e de certas colegas mais tralhões e buliçosos!

Pagaram-me as favas dessa guardiania e observação reiterada, como ser de outro modo, algumas notas más nas lições desse período. Contudo valeu bem a pena. Distrair-me bastante. Esqueci frações, radicais e regrinhas de gramática. Interessei-me embebecido pela mais atrativa das cousas: seguir as variações de um ser vivo, no prodígio da série dramática da sua misteriosa diferenciação, tentar surpreendê-lo na cadeia transubstancial da

²¹⁷ Paul Pelisson Fontanier (1624-1693), escritor francês que passou cinco anos preso na Bastilha; depois, foi nomeado historiógrafo de Luís XIV. Na prisão, tornou-se “amigo” de uma aranha, a qual vinha comer em sua mão. (cf. Lello, p. 600).

²¹⁸ Leopold Fregoli (1867-1936) foi um ilusionista. Aqui, a referência é à lagarta, que confinada em sua cabine, qual uma caixa de mágica, sairá transformada, como num truque.

maravilhosa mudança. Inundei-me das boas sensações da vida natural, rebentada na eclosão de um nascimento e transformação animal.

Decorrido algum tempo, quando abri a caixinha onde guardava como num sarcófago o meu hóspede, essa larva que me lembrava o céu azul, o monjolo, as lavadeiras, as rapaduras, os vira-bostas, as laranjas e a garapa, tive a arrebatada surpresa na maravilha das maravilhas de ver saltar de dentro a grande e linda borboleta, encartuchada nas asas de um branco nacarado. Ao fim de várias oscilações, ela desdobrou-se e pousou no braço de um candelabro, alvoroçando todo o estudo da Divisão por tão raro e extraordinário acontecimento.

O próprio padre Luís Yabbar, assentado no seu trono de inspeção, como que atraído pela graça e novidade do inseto mágico e inesperado, aprontou-se com o barrete da companhia tirado rapidamente da cabeça para apanhar o animalejo alvo e bambaleante, que ousou aflorar-lhe o canto da tribuna.

A meninada, recebendo com esse gesto irreflexivo do Prefeito o convite a se ocupar do lepidóptero, ergueu-se num espontâneo repente e levantava os braços, em menção de agarrá-lo; outros de instintos mas vivos e desabusados, atiravam cadernos, mata-borões, borrachas, canetas e livros para o ar, afim de pegar ou espantar ainda mais a borboleta.

Houve mesmo quem trepasse nos bancos e carteiras, tirando e agitando as gravatas, os lenços e os paletós de brim. A desordem foi ao auge e só sossegamos com o Luís Yabbar caído em si e a borboleta, entontecida no último remoinho, desaparecida pela alta janela aberta. Ir-lhe-ia no rasto e no palpitar das quatro pétalas de neve o desejo de todo aquele bando de internados, na ânsia de segui-la, transpondo-se campo afora, por cima das cercas e roçados, a voar também, deixando a maldição dos livros, exercícios e notas semanais em busca das lavadeiras, do melaço, das laranjas e das rapaduras do engenho do Bento de Almeida.

Bem realizadas as cousas, o reverendo Yabbar, quando abrisse os olhos e desse por si, se veria sozinho no bando de seu púlpito de vigilância, contando as moscas que lhe zumbissem em torno do preto solidéu. A linda e frágil borboleta com a força tirante de uma manada de búfalos teria arrastado consigo um cento de estonteados rapazes, a que a disciplina acorrentava e a religião impedia todo o ar...

45. A ALMA E OS CORPOS

Missa, refeitório, aula, estudo, dormitório, recreio, distribuíam-se naturalmente às mesmas horas, repetidos e traçados na mesma forma da secular pragmática loyolista.. A roda da nora girava com os seus alcatruzes, levando a água para a rega do campo, onde, por mais que fizessem, o útil se confundia com o pernicioso, o “mimoso” se entremeava ao sapé, o jaraguá à tiririca, o capim-de-burro ao capim-de-bode... Com efeito, nenhum parafuso faltava ao motor da prensa educativa dos jesuítas. Os rolos do prelo passavam sobre a pedra litográfica. Saíam quase todas as gravuras bem impressas, mas numa só cor, embora a qualidade da tinta e do papel deixasse a desejar por pouca duradoura a impressão e incapaz de tomar certos matizes...

Mas, se Asmodeu, o Diabo Coxo²¹⁹, fosse levantar o telhado do Colégio, ficaria trespassado de mágoa e surpreendido de horror, se não ficasse muito contente daquilo que poderia aproveitar-lhe à propaganda e adoção. A higiene corporal nulamente cuidada, a da alma comprometida na compreensão inábil, no fastio mecânico, nas tentações do Maligno, na prática do arrocho de um ensino feito exclusivamente para passar o exame e galgar a entrada nas academias... A disciplina pesava-nos na cinza de um aborrecimento geral.

A sensação dos mil rigores que nos cercavam nada havia que destruísse, senão tão passageiramente! Junto ao temor de tudo e de todos, o desejo louco de disparar do colégio, a espera de alguma novidade, fosse a epidemia que obrigasse ao fechamento das aulas, as labaredas do incêndio, o tremor de terra que balançasse os muros, obrigando-nos a correr para fora, para quebrar um pouco daquela rigidez invariável, dentro de cujo quadro de suspeitas e obrigações, nos corria a existência fiscalizada e limitada do São Luís.

Nos sábados, à noite, dispunham-nos para a confissão. Era ainda assim alguma coisa de extraordinário, que nos cortava a hora inevitável de estudo e nos permitia levantar antecipadamente das carteiras, sair pelos corredores, ver alguém, sacudir um pouco o corpo da moagem e contração habitual. Mas, como os corredores alongavam-se desertos, o seu silêncio glacial nos confrangia. Ao chegarmos ao banco designado em que nos

²¹⁹ Personagem da obra *O Diabo Coxo*, escrito pelo espanhol Luis Vélez de Guevara (1579-1644). Na história, o diabo, que estava confinado numa redoma, é libertado por um estudante. Como demonstração de gratidão, o diabo leva o estudante a um passeio por cidades na Espanha. Por isso a referência ao “levantar o telhado” e decortinar o mundo da escola, como fez o demônio com as cidades visitadas na história.

ajoelhávamos, à espera de nossa vez junto ao confessor, alguma coisa de insólito nos cortava aquele prazer físico de ter largado por alguns momentos o estudo, sobre o qual pairava a sombra de rigor do Padre Prefeito. Íamos encontrar alguém que nos ouvisse em segredo e bem junto a nós nos auscultasse o coração sobressaltado ou desfalecido. Isso de repente nos turvava bastante, principalmente se a nossa consciência não fazia muito limpa de atos menos reprováveis e dos quais, na verdade, seria algumas vezes mais culpada a natureza que nós mesmos...

Indicavam-se para essa missão de escuta e mortificação os velhos padres meio aposentado, afastados do pastoreio material e imediato do jovem e pecaminoso rebanho, os padres Taddei ou Candiani. Não escaparia ao mais inocente do rapazio que o céu, informado da falta colegial colhida no suspiro de desabafo, isso facilitaria os encargos e deveres das sotainas, peças da máquina que nos amassava, sentinelas que sobre nós estendiam a rede da vigilância ubíqua e irremittente. A sinceridade com que nos prosternávamos nesse sacramento, sofreria bastante, desde que se sentisse aproveitada pelos ouvidos sacerdotais que íamos entupindo e sujando. Descarregávamos, entretanto, com toda confiança, tantas peças mais ou menos veniais, sobre as quais seria corrida a remissão da culpa e o segredo do confiteor.

Era então a época, onde qualquer coisa de anômalo e completo se suscitava no fundo de sigilo e remate de nossos corpos de meninos. O pudor estendia a certas particularidades psicológicas mais recentes a rede das suas malhas contrateis. Quanto nos turvava a presença das mulheres, fosse alguma visitante mais rara ou representadas em alguma estampa de acaso!... Poderíamos dizer como o Cherubim de “Mariage de Figaro”: “Mon coeur palpita au seul aspect d’une femme”²²⁰. Procurá-las-íamos onde não as encontrássemos; fugiríamos, atraídos pelo perigo indistinto que nos suscitava o outro sexo.

O começo e o fim de nosso sono entrosavam-se na sugestão de certas emoções que nos inquietavam, regozijando-nos. A natureza feroz e imoral divertia-se, envenenando-nos de certos pensamentos, sujeitando-nos à indecência de certos reflexos e tumescências intercorrentes... Em nossa vida de adolescência desenhava-se o destino, que nos alvoroçava todo o segredo do ser, agitando-o em irreprimível anseio... As horas de solidão, sobretudo,

²²⁰ “*Meu coração palpita à simples visão de uma mulher*”.

marcavam-se num quadrante de percebimentos e reflexões íntimos, onde dos fumos de confusão da consciência se precipitavam exigentes os brotos da carnalidade nascente. Não saberíamos definir o que nos guiava os passos para certos recantos de que receávamos, entretanto, a novidade e a surpresa. Temíamos o que desejávamos e não saberíamos bem o que fosse... De todos os lados os sentidos se nos faziam mais atentos ávidos, e despertos...

A imaginação, aliada e colaboradora do instinto, trabalhava, sitiando o mistério da função reprodutiva, que se acentuava, alterando a nossa vida interior, ainda não preparada às responsabilidades dessa maturidade precipitada no drama de nosso desenvolvimento epistaminal. O frêmito amoroso dos galos não o interpretaríamos mais como a cena de briga das aves inimizadas... No arrulho dos columbídeos, que se bicavam, surpreenderíamos o interesse que levaria a animá-los mais tarde, estremecidos de febre geratriz e eletiva, um junto do outro... No panorama inocente de nossas horas levantava-se a montanha magnética de uma ideia fixa de impureza, que sentíamos tudo perturbar. E mal percebíamos o objetivo das novas excitações, cuja gravidade dominante se recolhia ao segredo em que nos encolhíamos.

Na confissão os reverendos padres, contendo, a custo de palavras mágicas e sedativas, a força exasperada da animalidade que senos insinuava e progredia nas entranhas, esforçavam-se a por água na fervura... Debalde o exercício diário da barra, do pique, do bete e do passo-de-gigante, cansando-nos no recreio, faziam-nos a noite mais breve e mais pesada. Contudo, no seu torpor mortuário haveria sempre a nesga por onde distensa irrompesse a onda do desejo ainda não bem definido, mas que já todos os santos do céu reprovavam, tendo à frente o anjo de candura, que foi São Luís de Gonzaga...

Nos domingos à tarde, a dado sinal do Padre-Ministro, quebrava-se o silêncio do refeitório. Rebentava ao longo das mesas a algazarra infernal, sem obstáculo de nenhum dique. A licença de falar é a de que mais se abusa... À nova ordem, porém, recaía-se no mutismo propício à ingurgitada digestão do picadinho e do ensopado colegiais... Por ocasião das grandes festas da Igreja e não cívicas e nacionais, era melhorada a sobremesa. O ordinário, porém, cifrava-se no que nosso apetite irreduzível e pouco exigente jamais capricharia em refugar. Comíamos sem ter tempo para uma crítica qualquer. Por menos que nos satisfizéssemos, não dávamos oportunidade a qualquer apreciação gustativa menos

depreciante. Concorreria também a distrair-nos de qualquer mau juízo a respeito o rumor da leitura feita pelo Magalhães de Azeredo, o qual, alçado às nuvens na tribuna do refeitório, nos servia com a sua alta voz metálica de anagnosto a “Fabíola” do cardeal Wiseman²²¹.

Havia quem seguisse atentamente as peripécias da patrícia das Catacumbas, procurando nada perder dos patéticos períodos do romance arqueológico, em meio à tilintagem dos copos, dos pratos e talheres. Os mais predispostos à dispepsia assim distraíam as cãibras do estômago empachado. Era bastante invejado o leitor público; pagava-lhe o trabalho o privilégio de comer sozinho e beber um copo de vinho com água açucarada, a “sangria” especial a que tanto nos candidatávamos.

No fundo das terrinas do feijão diário amontoavam-se as pedrinhas distribuídas com as colheradas do grão farináceo tão mal tratado. Aprendíamos, na ginástica da adição, a bem contar, enumerando os calhaus encontrados e multiplicados na ração do dia. Alinhávamos num ábaco a produção pedregulhenta. A aula de aritmética prolongava-se-nos à beira do prato. Um único ovo cozido, com arroz, constituía o forte da refeição, no magro jantar das sextas-feiras. O fundador da Companhia de Jesus preservara a sã alimentação nesta expressa e breve recomendação: *Victus bonus et sufficiens*. O Padre Ministro deveria fiscalizá-la, por força de suas altas funções constitucionais. Mas, a esse adiposo italiano tudo lhe deveria parecer nesse sentido bom e suficiente. Seria o jesuíta fácil de contentar, desde que se tratava do cocho do seu rebanho de tão grande apetite.

Quanto ao capítulo da limpeza do colégio nada ter-se-ia a exigir, numa impressão geral, da portaria aos salões dos dormitórios. Os chãos patenteavam-se bem varridos, encerados e limpos. As bancas espanadas. Os muros pintados e claros. A ordem parecia tão bem casada ao asseio, na casa de Deus e Santo Inácio! Mas as latrinas alinhadas nos recreios, construídas em pranchas mal ajustadas, lembrariam certas trincheiras transformadas em cloacas, de que nos conta Barbusse, no “Feu”²²², a imundice irrespirável, atoladiça e sobreexcedente.

²²¹ *Fabíola*, romance histórico que trata da perseguição a mártires da Igreja, de autoria do cardeal Nicholas Patrick Stephen Wiseman (1802-1865), nascido na Espanha e morto na Inglaterra.

²²² *Le Feu*, livro publicado em 1916 pelo escritor francês Henri Barbusse (1873-1935), que narra o cotidiano de soldados de um pelotão de infantaria em combates sangrentos da Europa da I Guerra Mundial.

A limpeza corporal dos alunos era infelizmente das menos cuidadas e exigidas, pois nos faltavam os banhos seguidos, o uso e frescor das duchas e piscinas. Na casa de Deus desapareciam os efeitos benéficos da expressão tão comum no Brasil: “A limpeza Deus amou”.

Um pouco de água, tirada às canecas do depósito cilíndrico de ferro colocado no centro dos dormitórios e servida na baciazinha de ágata, apensa a cada leito, nos servia à ligeira ablução matinal. A escova de dentes, conhecida desde 1776, quando foi inventada, seria um mito...

Banhos gerais não passariam de meia dúzia, no máximo, durante todo o ano letivo. No tanque limoso, a água caldo infecto, espesso e verdacho, esperava as turmas dos rapazes. Uma das vezes me vi afogado, pois debatendo-me com os outros nessa criva lodosa, quase não consegui tomar o pé no fundo escorregadio. Morreria submerso numa tina. Quem se banhasse nove vezes no lago Tritão, referia Víbio Sequester²²³, virava pássaro. Se esse lago fosse no São Luís, não correríamos o risco de cousa semelhante. Não chegaríamos a essa conta nem a nos transformar num simples tico-tico... O mal-estar que sempre senti no Itu provinha, sobretudo daquela sujeira, que se me espalhava em placas, malhando-me a pele à semelhança das manchas num petiço tubiano.

Os exercícios violentos, no recreio, o beto, o passo-de-gigante, a barra, a “guerra”, faziam do suor e da poeira uma papa que nos tatuava de pardo ou de amarelo, os músculos de exaustos. A repugnância de vestir roupa limpa bissemanalmente, sem a preliminar da escova e do sabão, num banho geral, dava-me um desgosto indizível. Estaria, talvez, na base de nosso secreto descontentamento essa sensação material, que nos tapava os poros e nos anuviava a alma com as escaras de semelhante imundice.

Por minha parte, seria certamente outro, entregue de boa mente à luz do dia, aos brincos e aos trabalhos, achando-me bem lavado e burnido pela boa ducha fresca e ressuscitante, proporcionada todas as manhãs, num rito de limpeza e bons cuidados. Só não o compreenderiam aqueles homens, quase todos italianos, que nos dirigiam e zelavam, e os quais deveriam começar antes de mais nada por varrer, a bons jatos d’água fria e sob

²²³ Geógrafo latino; compilou, no século IV a.C., uma espécie de catálogo de rios, fontes e lagos.

pressão, a meninada, a fim de asseiar-lhe o couro e sacudir-lhe o baço e os hipocôndrios, vivificando-a e saneando-a, alegrando-a e bem dispendo-a...

Por outro lado, o Colégio marchava como um relógio de Observatório Astronômico. A esse cronômetro eram entregues a solidez e elasticidade de nossos tendões, a alimentação de nosso espírito. Tudo o que fosse viveza, iniciativa e força exercitada do corpo e da alma regulava-se invariavelmente num programa antecipado e indesregrável. As diversões, no recreio, registravam-se com carrapetas de pau, marcando os partidos e os “chefes de jogos”, fincados numa tabuleta. No sábado, à tarde, eu já sabia que na semana seguinte faria parte da turma do segundo croquet e que no brinquedo da “guerra” outro torno de pau me marcava o lugar na seção do oficial número tal, fosse no partido azul ou no vermelho, entre romanos ou cartagineses.

Três imposições importantes dominavam o campo, onde saltávamos atrás da bolas ou corríamos atrás dos outros. Não se poderia participar do brinquedo sem nele estar anexado previamente para toda uma semana. Ninguém podia tocar no colega senão por intermédio da tira de pano a que chamávamos “garrucha” e nem achegarmo-nos uns aos outros para entretenimento de uma conversa obrigada a mais recato. Conheciam-se esse delito pelo nome de “rodinha” e, nos encontros e vaivens das turmas dos jogos, o apito do Prefeito, vigilante no telheiro de observação, denunciava aos infratores. “Rodinha! Rodinha!” gritávamos e a palestra morria onde botara a trempe... Era o combate público e encarnecido ao “diz-que-diz-que” e ao “parésque”, e ao “fica entre nós”, o vício nacional de grande latitude.

O jesuíta sabia que espécie de mal ele prevenia e impugnava com o seu trilo de alarma. É velha a observação de que dois brasileiros juntados começam por falar de política e acabam por assuntos de muito menos magnitude... O apito do padre era menejado com consciência e previdência das mais cuidadosas e legítimas... Tinha o efeito da pedra atirada no farrancho de rãs, no grupo de traíras, o aviso assobiante do Prefeito. Encolhíamos-nos cada um para o seu lado, desconfiados, desmanchando o agregado dispostos a mastigar num solilóquio o que tínhamos a dizer na intimidade eventual e dialogante de uma nova “rodinha”...

Por sobre toda a nossa vida escolar pairava aquele apito, que citava no recreio a transgressão, indicava os transgressores, desmanchava a panelinha. Precisava-se estar sempre atento ao veto e oposição a esses ajuntamentos. Todo o espírito leviano da juventude era inquietada nesse sentido. Vinha a vontade de dar o puxavante em fulano, comunicar a beltraninho três palavras, não ir à confissão, rir mais alto, repousar o braço... Cuidado! Cuidado!... Isso poderia trazer aborrecimentos, alguma advertência do Prefeito, o chamado do Padre-Ministro ou do Reitor, daria talvez lugar ao pito sério e à nota má no comportamento... Essa atenção, esses cálculos de probabilidade, esse estado sustatório, surpreendendo-nos na liberdade para que naturalmente nos inclinávamos, em manifestação espontâneas das tendências de pouca reflexão, acabavam exacerbando-nos. Presos a tantas obrigações, adstritos a tantas formalidades, temíamos a cada instante os incidentes que as postergassem, num momento de oblévio ou tresvario...

As cartas enviadas, como as recebidas, no “São Luís”, deviam ser entregues abertas. De casa me chegara um caixa de doces, sequilhos e confeitos que, em vez de ser distribuída à hora do recreio pelo “quartinheiro”, foram para o gabinete do Reitor e só aí é que eu tinha licença de ir comê-los. Humilhava-me a exclusão, que entretanto aproveitava a minha gulodice.

A moralidade quase absoluta, no colégio, era mantida à força de restrições de escândalos, bem mais próprias a despertar ideias que lhe eram contrárias. A educação religiosa cingia-se a penosas obrigações litúrgicas, as quais tantas vezes nos tiravam esse assentimento de simpatia que é a força das almas, docemente amparadas à necessidade da própria perfeição.

A missa matinal inaugurava o dia, iniciando as nossas coações diárias, magoando-nos os joelhos, obrigando-nos à consternação de modos, na cerimônia respeitosa par a qual muitas vezes não nos dispunha certo fastio de fatigados ou mal dormidos. O missal pesava-nos nas mãos; nossos olhos tinham o ar de janelas abertas, mas de onde não se enxergava coisa alguma... Na elevação da hóstia ou no kirie, enchiam-nos de pensamentos quaisquer, para que o tempo passasse depressa. Muitas vezes o *Ite missa est* nos pilhava bem longe da sua litúrgica ratificação. Andávamos em pleno voo, pelo mundo afora, tentando inventar a vida, sobressaltá-la, abrir um rasgo no balandrau que nos vestiam...

As divisões de maiores, médios e menores, em que se tripartia o rebanho luisiano, não se comunicavam entre si. Eram compartimentos estanques os respectivos dormitórios, os recreios. Só nos uniam as mesas do refeitório na mesma sala. Mesmo irmãos, caídos nessa distinção, só poderiam trocar palavras aos domingos, por permissão especial. Seria comum a todos o sino, cujo som tintinabulante se movia aquela molie de gente, tripartida, parava, comia, estudava, brincava, rezava... No Caraça ele encontrava seus toques às quatro horas e quarenta minutos da manhã. No Itu concedia-nos o prazer de repicar mais tarde. Os castigos eram variados, as repreensões mais ou menos rigorosas. De joelhos no estudo ou na aula. De pé, encostados às pilastras dos barracões dos recreios, cumpriam-se “tantos dias de coluna”. As palmatórias, quando os pais permitiam o terrível emprego, não eram dadas senão extraordinariamente e nunca à vista de todos. Quando se sabia terem sido aplicadas, a notícia nos deixava um tanto apreensivos.

A punição da “cáfila” aparecia-me de aviltamento inqualificável. Era sempre uma pena severa. O nome exprimia-lhe bem a modalidade. Os condenados passavam silenciosamente em fila indiana, o braço dobrado apoiando a frente. Destacado, um deles acompanhava os outros, com a tira de lona na mão para castigar quem saísse da regra. E seguia récua lentamente, rodando em torno do campo de respectivo recreio.

Aquela publicidade, aquela marcha vagarosa de animais em caravana guiados para o matadouro pelo ferrão do pastor, aquelas testas sumidas, voltadas para o chão, pesadas da carga do crime sob o qual se dobrassem, davam impressão especial de uma fileira de infamados, moendo o grão da almejava de sua condenação. Em meu íntimo jurara nunca proceder de forma a merecer essa degradante humilhação; prometera-o no determinado capricho de não consentir me ofendessem a tal ponto a personalidade, que ela perdesse tudo quanto se lhe lhe atribui à divina essência, rodando no vácuo... Mil vezes morto, pensava eu, vendo a cáfila tornejear, palmilhando o terreno em que brincávamos, debruando-o de um círculo de opróbrio e expiação... Que seria de mim, se me visse enfiado no cordão vergonhoso, a rolar os nós mais visíveis na luz crua dos pátios do colégio ensoalhado!

46. A TEOLOGIA E A PSICOPATIA

Constituiu o jesuíta no mundo a eclosão e o desenvolvimento de uma das maiores forças espirituais da terra. O problema da educação ficou-lhe como o triunfo e objetivo principal, no jogo dos seus êxitos mais irrecusáveis. A política, os rigores doutrinários em que, dentro da Igreja, essa comunidade se tornou mais realista que o rei, o próprio terreno financeiro e econômico que explorou, tudo isso a pôs mal vista e em maus lençóis, diante a opinião universal.

Só a catequese e a educação, que lhe são uma forma particular de seu emprego, tomaram extreme o jesuíta de maiores culpas, consagrando-o artista de grandes êxitos para os triunfos do catolicismo. A cultura do sentimento no colégio, regida pelos princípios da moral religiosa, trazia ao homem de todas as cores e de todos os lugares uma certa homogeneidade, a do espírito formado pelas mesmas letras e guiado pelo mesmo código mental. A ciência e o coração eram, na Companhia de Jesus, sujeitas à mesma forja, conformados à mesma obra de amalgamento e unidade.

Mas, esse ensino adoentou-se da falta de tolerância que a Regra impunha a seus mestres e discípulos, desse esforço em submetê-los ao freio da obediência passiva semelhante a da disciplina de um corpo de tropa. No Itu, sentíamos todos quanto nos pesava essa túnica de chumbo com que nos vestiam a consciência e reduziam a própria atividade. Andávamos condenados a ser esmagados numa bigorna, pensando ou brincando. O mal não era a operação de polícia e esmagamento de prensa com que se nos modelava a alma, mas a forma irredutível e absoluta com que se a compunha e aplicava. O capitão não estaria dando ordem na reserva da Companhia, mas instalado no coração de cada um de nós... Não nos deixariam respirar... De sorte que o programa jesuítico da formação espiritual do jovem brasileiro pela Escola sofria dos excessos do seu ideal. O Itu pegava a matéria plástica e de tanto comprimí-la, tornava-a das mais inamalgáveis...

A considerar hoje a vida desse colegial, qual o foi entre os anos de 1883 e 1885, parece-me ela representar um colossal equívoco do ensino jesuítico de então. Ao fim de três séculos de experiência, menos a interrupção pombalina, ajuntaram os inicianos o monumento de erros psicológicos, concentrados no colégio de São Luís do Itu, no Brasil.

O fato que vou contar depõe contra as pretendidas boas razões de tais mestres, encarnecidos no péssimo caminho pedagógico, em que não sei como não desataram consecutivamente sobre as nossas plagas mais alguns bandos de loucos ou fanáticos.

Tínhamos acabado de cear e seguíamos em direção aos dormitórios. A saída do refeitório fazia-se na ordem mais que perfeita. Primeiro os “pequenos” os “médios” e em seguida os “grandes”. Os corredores extensíssimos, por mais de um piso, se ornavam de duplas filas que, de cada lado dos muros, surgiam como de hábito, com os braços cruzados e a um de fundo. Entre as alas silenciosas e à frente das respectivas divisões, os Prefeitos que as pastoreavam. Não se pode imaginar melhor disposição, que essas linhas bem desdobradas para obrigar a boa tensão dos hóspedes de uma penitenciária. Entre os calcetas de Caiena²²⁴ deve ser assim, o silêncio o mais absoluto, as mãos em cruz ajustadas à grilheta, uns seguindo atrás dos outros...

Subitamente aqueles renques de colegiais, obrigados ao mais rigoroso mutismo e contenção de atitude, começou a despencar do alto das escadas e a rolar pelos corredores, como os carneiros de Panúrgio²²⁵ precipitados de bordo para o mar. Tomada de pânico, a meninada, dispersando-se, atropelava-se em ondas, retratava-se em pacotes e partia na corrida e estropeada sem explicação, adoudada e irrevogável. Que teria provocado a precipitação do tranquilo rebanho do Senhor, havia pouco tão resignado e bem composto? Que delírio de momento o trouxera assim esbarrandado, como se as rezes fugissem ao fogo ou à inundação ou ao temor de algum monstro, serpente ou dragão aparecidos num portal, vindos da rouparia ou do parlatório? Conta o cardeal de Retz, em suas Memórias, e por sinal não andava muito em regras com a verdade, que um grupo watteauniano²²⁶ de damas e gentis homens, saindo de uma festa na penumbra do amanhecer, aterrorizara-se, pensando

²²⁴ Referência a Caiena, capital da Guiana Francesa, que abrigou uma conhecida (e temida) colônia penal no século XIX e parte do XX.

²²⁵ Panúrgio era amigo de Gargântual e Pantagruel, personagens do romance de Rabelais (1483-1533). Viajava num navio cheio de carneiros. Atirou à água um deles, o qual, balindo, chamou a atenção dos outros. Imediatamente, os demais carneiros, também balindo, foram atrás do companheiro e começaram a atirar-se na água. Todos, por fim, caíram na água. Referência ao irrefreável “instinto” de ação coletiva, em que o indivíduo segue os demais, sem poder controlar-se ou deter-se.

²²⁶ Referência aos personagens e cenários bucólicos pintados por Antoine Watteau (1684-1721), autor francês representante do chamado estilo “rococó”.

ver numa procissão de monges agostinhos, reformados e descalços, encontrados em seu caminho, um bando de demônios. Nós contentamo-nos no São Luís, de esbarrar comum só representante das coortes infernais. O rapazio, crédulo e aterrorizado, fugia ao Diabo, subitamente surgido na chama do lampião mortiço, aceso na passagem para o dormitório...

Um dos alunos, provavelmente mais tímido e sensível, gritara no recreio da estranha e inesperada visão, e logo todos os demais se contaminaram do mesmo sobressalto e rolaram aos berros, uns contra os outros, rivalizando de pressa, de temor e sobressalto. Foi com imenso custo que os bons padres conseguiram arranjar as cousas, repor os alunos nas filas, braços cruzados no peito, os lábios bem pregados e as retinas alimpadas de imagens amedrontadiças. A mentalidade suscetível de produzir cenas semelhantes estava classificada. Os discípulos do São Luís, exacerbados na perigosa exaltação dessas práticas místicas, tinham expresso coletivamente os reflexos da crise em que individualmente se desequilibravam.

No dia seguinte, começou a reproduzir-se o mesmo atropelo. Uma gravata preta no chão seria o motivo para ficar de novo tudo maluco e desregrado. Não seria mais suscetível, no mistério da receptividade animal, ao que lhe alvoroce os instintos, a boiada sujeita a estourar na estrada do sertão. Pelo chapéu velho caído na porteira, pelo estalo da taboca ou o pio inusual do niticora, toda a manada de velhos maruás, de vacas pacíficas e terneiros despreocupados, todas as vezes “de gado grosso bicórneo”, como dizia o Ladislau Baena, prisca e confunde a chifralhada e rompe a guarda dos boiadeiros, e destroça a estacada de braúna do curral.

Augusto da Graça Leite, escrevendo “Saudades e lembranças do Caraça”, refere também casos semelhantes de pânico, causados por esse estado latente de delírio que se estendia pela meninada, candidatando-a a um asilo de loucos ou místicos apalermados. Em 1894, um dos alunos do Caraça ouvira à noite, no sótão dominado pelas ratazanas e gambás, estranhos ruídos que a sua imaginação super-excitada fazia ainda mais estranhar e avultar. Bastou isso para que, com os seus gritos, alarmasse os companheiros de dormitório, sobressaltados pelo colega tomado pelo demônio. “Estabeleceu-se o pânico geral e os regentes debalde procuraram acalmar os ânimos”, diz o memorialista.

De outra feita, em 1896, conta o mesmo Leite, durante a missa, caíra redondamente no chão um rapazinho, que acabara de comungar. E logo todos os menores dispararam pela igreja afora, tomados de terror. Quer dizer, que no estado de saturação vesânica, no qual viviam as almas daqueles pequenos, em ambos os instintos de ensino católico, no Brasil, trabalhados pelos exageros e desvios da ríspida censura e da estreita instrução religiosa, viam-se elas projetadas fora de si, no quadro de alucinações que as deformações do seu foro interior automaticamente lhes preparava.

Realmente, a Religião Católica, estendida no molde apostólico e evangélico dos seus dogmas e usos mais conformes, tolerantes e humanos, era no São Luís, seduzida a todo o exercício de uma longa quaresma, torcida no torno dos sermões “de lágrimas”, lôbregos, cavernosos e truculentos, no lado ascético e consternado da Semana santa, no rigor dos retiros onde nos passava pelas mãos toda uma biblioteca de torturas nos primeiros cristãos, capaz de ensinar novidades ao próprio marquês de Sade, no estado de êxtase criado pela frequência mecânica da comunhão, tudo ajudado de ladainhas, sermões e jejuns regulamentares.

Despejava-se essa bagagem de excitação ritual em consciências frágeis, que se tornavam outros tantos centros de desequilíbrio anímico e psicológico, em naturezas atingidas pela idade crítica da puberdade, as quais pediriam outro regime e outra heurística que os da devoção exagerada, mais própria à escola de daruezes ou ao convento de lamas. Grandes e velhos conhecedores da alma humana e principalmente brasileira, pois foram eles os nossos primeiros educadores em São Vicente ou na Bahia, os filhos de Loyola retornavam ao calor e rascância do fanatismo espanhol, à intransigência ibérica dos primeiros mestres e fundadores da Ordem de Jesus. O sopro radical e violento da fé romana, cristalizada na Península, que criara os apóstolos iniciais dessa comunidade, teria sido bem necessária a despertar o fogo de tão altas dedicações. Ora, aplicar essa norma e feito aos jovens brasileiros da segunda metade do século XIX, seria prolongar exigências inconsequentes, pois não mais se coadunavam elas nem com os tempos nem com os elementos do país, sobre os quais trabalhavam exageradamente a religiosidade dos processos pedagógicos inicianos.

Seria com a rigidez desses meios exclusivos que a Anchieta e os seus companheiros faziam as primeiras presas de cristianização, no mundo americano? Parece que não. O que se sabe do grande missionário é que ele adaptava com grande tato o culto e as leis da Igreja às crenças e costumes do aborígine. As danças dos selvagens incorporaram-se às festas católicas. David acompanharia a arca, cadenciando seus passos no ritmo do cateretê. A língua do bárbaro era emprestada às psalmódias da Igreja.

Trezentos anos mais tarde, esses roupetas estabeleceriam concomitantemente com o curso de humanidades em Itu, certos rigores, impossíveis na América portuguesa, das regras de sua congregação hispânica. Esqueceram o esforço anchietano de conformar-se às condições do temperamento dos catecúmenos de 1550, persistente nos jovens brasileiros de mais tarde, quando não refugaram a própria lei da sua experiência, que funda principalmente na emulação o expediente dos seus meios de ensino à disciplina escolar. O resultado seria péssimo. Não conseguiriam numerosas competências, nem muitos amigos, nem tão pouco um grande número de vocações decididas...

O velho código do ensino jesuítico data dos fins do século XVI, esse *Ratio studiorum*²²⁷ que, sendo um monumento de arte educativa, aplicado no Brasil, de 1880 em diante, não deu senão frutos pecos e mal apresentados. A. Shimberg, apologista da Companhia de Jesus, citado pelo padre José Manuel de Madureira, pretendia que “*Os Colégios da Companhia são mecanismos excelentes de ginástica moral e de terapêutica cristã. Tudo neles falta ao espírito, ao coração, à vontade.*” A mim, em que se aplicou a exclusividade de tais métodos, não seria dada infelizmente a honra de subscrever essa opinião. A cátedra, do ensino, o banco do confessionário e o silêncio do “retiro espiritual” exageraram o “Santo temor de Deus” e botaram-me na alma as puas da inquisição, além de nos fazer roçar a psicopatia. Prepararam a descrença, a falta de esperança, o desconforto do céptico no azedume das últimas horas, sendo como foi calcada e rota, à força de superfetada superstição, a doce receptividade das primeiras indicações adorativas da alma da criança.

Um fato principal domina na educação jesuítica as incorreções, enganos e desacertos que a inferiorizam. Como em certos presídios só se espera dos castigos corporais

²²⁷ Em latim: “plano ou sistema de estudos”; talvez dir-se-ia “método pedagógico” modernamente.

a disciplina dos presidiários, como em certos regimes políticos aguarda-se do emprego do terrorismo a harmonia social, assim nesse colégio a arma do mestre na sua túnica talar era assustar o rapazio. Como vimos, o terror vestia-nos a todos, punha-se de sentinela na beira da cama, na carteira de estudo, no banco da capela, nos arcos do croquet...

Nada referia-se à dignidade humana, considerada em si, como referência à origem da coordenada de nossos atos. No regime policial e amedrontante, o inferno lambia de sua labaredas a borda de nosso leito, a areia de nosso recreio, o pensamento do nosso cérebro. Nenhum lugar havia para as repugnâncias provindas do apelo à condição moral do verdadeiro homem, cuidadoso da dignidade e hombridade de não parecer mal. Os recursos delicados ao poder de sua própria limpeza íntima não era facilitada de modo algum aos códigos de nosso aperfeiçoamento espontâneo.

Somente seriam utilizáveis os terrores da morte, dos castigos eternos, da maldição divina. O que haveria na consciência da juventude pronto a reparar-se com duas palavras de apelo a deveres essenciais e até ao orgulho sadio não era aproveitado. Só um pastor pastoreava em torno do espírito e do coração de criança, o espectro da vingança e a punição de Deus! As reações que a verdade e o próprio pudor íntimo podem criar no sentido de melhorar-nos e purificar-nos eram deixados de lado. O jesuíta, talvez por lhe ser mais fácil, esquecia-se da humanidade, enformando o homem. Deixava ignorar que muitas vezes, qualquer que seja o delito, é em si mesmo que se alcançam os cimos de nossa regeneração. Nem sempre será preciso trazer às profundidades do ser elementos a ele estranhos para restituir a saúde do espírito e do coração, um ou outro esquecidos do seu bom caminho. Mais eficaz que o fogo do Hades, uma palavra de mansuetude e de carinho, uma observação a propósito poderão servir a tudo remediar. A educação jesuítica olvida o que deixa de ser mais natural e optativo. Que a alma nas primeira idade é ainda barro fresco em que fomos modelados. É só calcar um pouco para obter a deformação em vista, o reparo do concerto... Pareceu-nos sempre que o jesuíta faz do menino uma máquina deformável apenas pelo medo do suplício dos condenados eternos. Está aí todo o seu erro profundo. Tirou o raciocínio do pequeno, abusou de sua receptividade, excitou-lhe a sensibilidade, deixou-lhe apenas a capacidade do selvagem: aterrorizar-se. Explica-se que tenham deixado menos simpatizante entre os seus discípulos. Quando não sejam todos seus inimigos, a

maioria nenhuma maior gratidão lhes consagra nem a mais leve sombra de saudade em que costuma matizar seu passado, arqueado na doçura do seu arco-íris.

É que acabamos reconhecendo não ser a vida uma navegação obrigada a desenvolver-se à vista do farol da Danação Eterna; e quem isso nos inculcou ou não era muito inteligente ou seria de pouca fé...

Singularidade maior estava no que São Luís a educação não alcançava o nosso preparo à integração na cidadania brasileira. Andávamos excluídos de qualquer alusão patriótica. Os dias nacionais não eram dias santos. Passávamos pelo sete de setembro ou outra qualquer data imperial como por outro qualquer dia de semana. Nenhuma lembrança do ser coletivo da pátria, para que nos preocupássemos a bem servi-lo. Nenhuma alusão a deveres e obrigação para com a terra de que éramos filhos. O educandário nas suas preocupações e outra vida esquecia o mais próximo, o trecho da terra e do céu nos coubera na partilha do Universo. De todos aqueles mestres estrangeiros não nos vinha a menor alusão ao culto do Brasil social e político. A vida espiritual, levada aos limites celestes, como que dispensava sabermos de onde tínhamos provindo, em que pedaço do mundo tínhamos nascido. Era como se da terra-mãe não quiséssemos nem precisássemos de nada, nem notícia, nem qualquer sorte de interesse que a ela nos ligasse. Nosso reino não sendo deste mundo excluiria todos os laços do nosso berço geográfico.

Grande falha a de nossa educação passada entre os compêndios e os livros de missa, sem que a hauríssemos e desenvolvêssemos na juventude os sentimentos pelo país dentro do qual nos tinha sido dado aparecer e entre cujas fronteiras nos seria dado viver e lutar. Com as primeiras noções do saber humano excluía-se o conhecimento e o amor da pátria. Triturando os exercícios das variadas disciplinas não havia lugar nenhum para lembrar que éramos filhos do Brasil, que um dia poderíamos vir a administrá-lo e governá-lo.

Um instituto astuciosamente organizado para desnacionalizar os indivíduos não seria melhor instalado que o colégio do Itu. A escola da renúncia e do esquecimento da naturalidade num país sem o maior nexo de nativismo estabelecera-se nas regras de Santo Inácio, servidas por um sacerdócio de alienígenas. O aniversário do Imperador, a data da Independência não mereciam à maneira de comemoração um merengue na sobremesa, uma fiada de bandeiras de cor estendida no recreio. O ano letivo atochado de missas e regras

de latim, sobressalteado de retiros e festa de igreja não conhecia nenhuma demonstração cívica.

Perante o Estado que o reconhecia, garantia e mimava, o São Luís, afora os salamaleques às autoridades em visita, desdenhava qualquer referência educacional. Esse erro de dispensa, para não chamá-lo crime, ninguém jamais verberou aos jesuítas do Itu. Seriam eles responsáveis por sua parte na criação dessa geração de 1889 que preparou e realizou a queda do Brasil monárquico, levando-o a esse abismo de violências e retrocessos de suas quatro ditaduras. Esse ensino unilateralmente religioso e científico, de onde se afastaram as conexões do patriotismo absorvido pela aspiração do céu, não poderia senão dar-nos a República e arriscar-nos ao separatismo... Certos ideais nefastos não encontrariam melhor sementeira de que andava tão ausente o culto da pátria, a sua história e o interesse pelos seus homens. Tal obívio deveria engendrar tudo quanto fosse monstruosidade.

O avanço dos tempos não teria adiantado muito cousa nesse sentido. Premidos no torno da fiscalização oficial da inspetoria do ensino, os senhores padres esfalfam hoje os meninos nas trombetas, nos rufos de tambores e com o hino à bandeira os vivas a Getúlio Vargas!

47. O PAPELZINHO EMBALADO

O meu caso particular, com efeito, é dos mais expressivos. Não fui um “menino das Arábias”. Geralmente dócil e bem comportado, sempre me afiz às compressões com que, desde menor, me “torciam o pepino”, segundo a expressão do ditado conhecido. Desenvolveu-se-me a primeira idade no seio da família aburguesada e cristã, *mediocre generi*²²⁸, bem longe da “gente nobre e mimosa” a que se referem os “Diálogos das Grandezas do Brasil”, mas de morigerado e decente meneio, simplicíssima de hábitos, muito previdente, vivendo a duas amarras, a economia e o trabalho.

Nunca tive péssimos modelos próximos, falências morais de mau exemplos, divórcios ou concubinatos, escândalos domésticos entre parentes, capazes de péssima influência na minha tenra psique. A linguagem dos meus sempre foi muito recatada e limpa. O que o berço me deu foi bem pouco, porém, honesto e suficiente a remontar-me na base dos bons princípios familiares da tradição brasileira.

Chegado ao “São Luís”, sofri logo dos pavores daquela tortura com que se tentava estender-me num leito de Procusto²²⁹, ferrar-me da marca do Índice, enfiar-me pelas orelhas a baixo o chapéu de D. Basílio. Que dolorosos embates ao senso moral, formado nos eixos da minha branda natureza, inclinada à tolerância e à sinceridade, disposta às doçuras da tranquilidade e bem querer! Vendo que o seu trabalho de dois anos e tanto não tinha conseguido o resultado aguardado, modelando a minha larva segundo o seu gabarito educador, que fracasso e desapontamento dos padres de Itu!

Eu não seria o primeiro nessas condições, outras enguias haver-se-iam esgueirado do mingacho do pescador inaciano. O corpo, sujeito à astase recomendada, pouco a pouco iria retomando o peso e a posição ereta, que lhe eram normais. O que isso me custou foi o purgatório do ano 1885. Num dia desse milênio fatal apareceu, dirigido a não sei qual aluno do “São Luís”, o bilhete ou madrigal pouco recomendáveis, expandindo sentimentos atribuíveis ao próprio Sócrates e a Alcebiades, para não falar senão de gente mais antiga e

²²⁸ Em latim: “de tipo medíocre”.

²²⁹ Leito de Procusto: cama de ferro onde, segundo a mitologia grega, este famigerado salteador estendia aqueles que capturava, cortando-lhes os pés quando ultrapassavam o tamanho do leito e estirando-os quando não alcançavam o tamanho adequado; por extensão: situação independente da vontade do indivíduo, em que este peca e sofre as consequências, quer por excesso, quer por falta. (vide Dic. Aurélio).

livre de qualquer parentela contemporânea ou descendência conhecida. Quem foi quem não foi?...

As interrogações sobressaltaram a negra esfinge, metida na sotaina do Reverendo Prefeito. Edificaram-se as hipóteses, perderam-se em conjecturas. Atribuíram a uns e a outros essas obscenas letras de vicioso, as quais como os personagens de Pirandello²³⁰ andavam à cata de autor... Estendeu-se numa sombra cada vez mais espessa a rede das pesquisas. A piabagem acusada saltava nas malhas de tarrafa, que pretendia prendê-la. Até que me vi, por minha vez, metido no rancho dos indicados como prováveis autores da peça indecorosa, a qual juro por todos os Santos do céu nunca vim a saber qual fosse nos seus termos inapreciáveis. Custou-me a iníqua suspeita ser designado para a “cáfila”, a odiosa “cáfila”, arrastada linguíça de gente, em torno do recreio, e que lembrava o libambo de pretos ao redor da cubata do régulo.

Suportaria que me fossem arrancadas a fita azul de filho de Maria, a vermelha do Coração de Jesus, mas nunca me metessem naquela procissão de galerianos, um a um, mergulhada a testa no braço direito encurvado, sob a vigia de um dos nossos companheiros de punição, com a tira da “garrucha” pronta a aplicar a lambada naquele que deixasse tombar o braço ou que saísse fora da ignominiosa ordem, a um de fundo. Nunca, nunca! E punha-me a imaginar que alguém de casa me visse nossa sujeição de preto, a rodar na praça entre seus malungos com a vasilha de despejo espetada no alto da cabeça... À possibilidade de tal opróbrio, todo o meu ser se apagava, amesquinhado e fugitivo das sentenças que a isso me levassem.

Réu inocente, fui mandado, entretanto, à punição que execrava. Vi-me consumido nas labaredas alimentadas na mais vasta e pavorosa das decepções. Das judiciosas regras de D. Bosco nenhuma me fora aplicada nesse castigo. Abrasado de rancor, apelei para as extremidades da amargura e indignação em que me pus a ferver. Tomado nessa febre de ódio e dissabor, eu devia ter mudado de aspecto e enchido os olhos de faíscas e relâmpagos de comprometedora rebelião, apesar de sentir que invisível patrulha me rondava o íntimo a passos furtivos, reconhecendo meus antecedentes e indagando de tudo quanto fazia ou tivesse podido praticar.

²³⁰ Alusão à peça *Seis Personagens em busca de um autor*, obra de Luigi Pirandello (1867-1936).

A desconfiança rabeava-me entre os pés, nos entrefolhos do ser, saltando das frestas, nas grandes paredes nuas dos corredores do Colégio. Garrotava-me o verdugo, que nada me dizia, apontava-me apenas, acreditando ser possível apanhar-me nalguma coisa de mais vergonhoso...

Por fim, abafado no cerco de mil fantasmas perquisitivos, tratei de respirar num protesto desgarrado, registrando-o para mim mesmo. Inclinado tão cedo às tendências de plumitivo, que já me roçavam a ponta da pena incipiente, enchi de ásperos garatujas fincadas numa folha de papel, aos borbotões de raiva insofreável. Repinguei-a do que haveria de mais amargo no coração ofendido, pequeno mas forte nas suas palpitações de desgosto e de vindita. Galguei as escarpas da injúria, fui às do cabo na blasfêmia. Provavelmente falaria em “abutres da Inquisição” em “demônios de roupeta” em “ferozes e modernos Torquemadas”. Tradutor ao pé da letra dos meus próprios ressentimentos, não poderia deixar de exprimi-los com o calor sincero do mais extremado desafogo, a colher recursos no que possuísse de mais prestável na minha parca instrução.

Interessante é que não tinha composto, o discurso das minhas reações para que fosse lido pelos outros. Satisfazia-me apenas a convicção de bem exprimir para mim mesmo a raiva da injustiça, as minhas protestações contra a maldade humana, e meu apelo de revisão às faltas acusações, alguma coisa que, tão íntimo quanto fosse, voasse pelos céus afora e fosse alcançar a casinhola do Bom Retiro, lá depondo contra aqueles discípulos do Bom Jesus, indiferentes à responsabilidade da sua imputação ignóbil e insustentável...

O que me maltratava não tinha nome e cristalizava-se no ambiente do Colégio, gerando esse arrepele, suspendendo-me aflito à distância daqueles que, do meu sangue, tanto me compreenderiam inconsoláveis de verem o filho utilizando o anonimato e vítima da conjectura, no instituto em que se educava, sob o fanal da Religião e seus imperativos de misericórdia de justiça e de verdade!

Quais seriam as palavras de estrebuchos que a minha tristeza e desconsolo empregaram, que os meus sentimentos revolvidos pela iniquidade traziam aquela confissão, e protesto cujo derrame só procurava satisfazer e endereçar-se ao meu próprio coração? Não me lembro dos termos, em que deixaria inscrita a tira reverberativa, mas deveria ter

sido estragada com muitos adjetivos dispensáveis, na truculência e mau sentido da descarga do ressentimento em que saltassem os meus desaforos.

A página de secreta contrariedade registraria, contudo, o suplício de nova espécie em que me farpavam com as unhas da suspeita errônea e da acusação injustificada... O meu projeto foi de esconder cuidadosamente esse papel de discriminação. Contentava-me com o desabafo de havê-lo escrito, morrendo a queixa dentro de mim próprio. Resolvera que o protesto existisse, mas que não fosse descoberto por ninguém. Vivi transido nessa obsessão. O gozo de afrontar os padres em segredo, resistir-lhe de qualquer modo à intolerância e atilamento, foi-me suscitado nessa manobra de forjar um crime, para ter o prazer e o cuidado de ocultá-lo cuidadosamente.

Alguma coisa haveria de escapar à vigilância que me rodeava. E todo o meu ser regalava-se das delícias desse desquite. Poderiam seguir-me, pois, multiplicar os espias, diversificar os meios de espreitar-me, escapadas ficariam as minhas palavras ao policiamento de Scarpia, tonsurado e esfarelado no ar, cheiroso a incenso da capela do Colégio. Não podendo enviar essas linhas aos meus pais, fazia um ato de sonâmbulo, confiando-o ao refúgio secreto que a minha inspiração determinasse. E, com todas as reservas de quem comete um ato perigoso, depois do estudo prévio e topográfico dos melhores esconderijos, o bambual no recreio, a carteira na sala de estudo, a cama no dormitório, resolvi aproveitar-me da racha descoberta no forro do fundo da caixa de folha, vinda de casa e instalada debaixo do meu leito.

Quem haveria de atilar com essa fenda, capaz de desafiar a perspicácia do próprio Sherlock Holmes ou Arséne Lupin²³¹, se já houvessem nascido? Além do que, os raios X e infravermelhos ainda estavam nos limbos; a dactiloscopia increada; o foto-elétrico era um supra-sumo de pilhéria pendurava-se nas órbitas do impossível...

²³¹ Referência ao detetive Sherlock Holmes, personagem célebre pelo raciocínio baseado no método científico e na lógica, criado por Sir Arthur Conan Doyle em 1887. De outro lado, Arséne Lupin, chamado de o “cavalheiro-ladrão”, protagonista da obra *Ladrão de Casaca* (1907), de Maurice Leblanc. Personagem arguto, engenhoso, criado para ser uma espécie de Sherlock Holmes francês – o que justifica a citação dos dois personagens simultaneamente no texto de Rangel.

48. A INUMAÇÃO DO ESCRITO

E na noite a seguir, procedi ao enterro do papelzinho reativo, que tanto me abalara a consciência e os nervos. Esperei que todos se aquietassem em redor e pedi às minhas pálpebras lassas e fuligiosas demorassem abertas e claras às órbitas contensas do combate do meu sono. Que inquietação me enlaçava dos pés à cabeça! Não é mais precauto o caçador furtivo, aproximando-se da toca do animal procurado. Da flor da pela ao fundo dos intestinos um tremor definia o drama do meu sobressalto. Se alguém viesse ou soubesse! Se a polícia aérea e ubíqua do Colégio me surpreendesse no flagrante delito desse escondimento! Ser-me-ia longa a espera de que todos se acomodassem nas camas em volta para poder ocultar meu escrito.

Não era o mal da insônia o dessa juventude extenuada nos recreios e nas aulas, só pedindo a Deus que chegasse a noite com a sua poção de ópio em doses máximas para todos nós. O espetáculo do dormitório apesar de tão ordinário não deixava de me impressionar. Atiravam-nos para ali a fadiga dos estudos, a estafa de certos exercícios religiosos, o suor do beto e o cansaço da “barra” e do “passo-de-gigante”...

Dormiam os novinhos no estábulo, acolchoados no aconchego do repouso diuturno. A natureza exigia dos mais inquietos e bulhentos a sua lei de quietude quotidiana. As vagas da respiração subiam do peito de todos aqueles corpos inertes, sobre os quais os anjos exprimiam o suco de um carregamento de papoulas para o ressono comum. Nossos anjos da guarda repousariam da trabalhosa vigilância diária. O Cafute aproveitaria para divertir-se, escanchado na medula espinal dos mais susceptíveis e dispostos...

Que haveria de reter na cabeça tonta essa rapaziada estendida nos lençóis do São Luís? Rememoraria as lições ou refletiria nos brinquedos ou nos casos do dia? Quanta recordação de saudade docemente pungida nos corações sensíveis e maltratados! Quanta imagem indiscreta e ainda mal formada! Que imensa população de súcubos, incubas, e mais larvas noturnas sobreposta nesses leitos isolados e escapa dos sonhos lúbricos, enchendo o ar desse imenso aposento de seu impuro bafio. Talvez somente de um deles se viria a conhecer o que lhe voejasse nas bossas do crânio de mal dormido. Do próprio Carlos

Magalhães de Azeredo²³² se sabe por que ele mesmo o contaria, na “Página Relida”. O mesmo chorava, pensando em D. Júlia, a mulher do deputado, de cabelos de Berenice e braços de Juno, a sua apaixonada da chácara do Flamengo, no Rio. O trecho comprobativo assim rezava na “Revista do Brasil” de 1920: “Quantas vezes no comprido dormitório do colégio, em quanto, nas duas extensas filas de camas, os companheiros jaziam imersos em plácidos sono, a diletta imagem de Dona Júlia veio sentar-se a minha cabeceira, na mesma perturbadora atitude em que eu a vira no seu quarto de “toailete”! Eram os seus braços as minhas “noites brancas”, sob o céu tenebroso e faiscante dos seus cabelos...”.

E assim prosseguia o acadêmico e embaixador, junto à Cúria romana, meu antigo condiscípulo, no sentido desabafo dessas horas colegiais: “A voz conhecida e amada me sussurrava, branda, como outrora: “Carlinhos...”. E ao mesmo tempo eu sentia em minha face o sopro do seu hálito fresco e recendente... E chorava, eu só desperto no imenso dormitório; mas chorava docemente. Era uma delícia o fluir das lágrimas lentas e tépidas ao longo do rosto...”. De outros adormecidos se ouviriam algumas palavras rosnadas, alguns gemidos trazidos nas ancas do pesadelo desbragado, que ralasse o cérebro de sua vítima num ralador de susto, de tragédia e sofrimento. Seria isso mais raro. Em geral a meninada, mal se deitava, sucumbia num sono sadio e pesado de marmotas.

De minha parte desejava-lo-ia longo, por dias e noites enfiadas, sem aquela maldita sineta que ao raiar da madrugada inadiavelmente tinha por obrigação acordar-nos com o triste badalar do seu bronze irremissório. O prazer todo físico da minha sonolência era estragado pela ideia de ser despertado tão cedo. Abominava aquele sino irrefreável, instrumento principal da ordem e da disciplina no São Luís. Tinha-o pelo meu pior inimigo. No melhor do sono interrompia-o, bendelengando o áspero e violento chamado matinal. Ouço-o ainda no seu malho retinente: “Tem, tem tem...Tem não tem, tem não tem”.

Isso entrava-me pelas orelhas de dorminhoco, às marteladas, verrumando-me os tímpanos... Como um dia a corda do monstro arrebatasse, utilizara padre Rossi a matraca que servia na Semana Santa... Não há males que não se remedeiem, com o fervor de Deus, diria sua Reverendíssima, sorvendo a sua última pitada de esturrinho.

²³² Carlos Magalhães Azeredo (1872-1963): escritor brasileiro, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Rangel dedica o capítulo 53 desse primeiro volume para falar sobre o colega.

Em dado momento, o silêncio e a imobilidade deram sepultura aparente a meus companheiros nos seus leitosinhos de ferro. Disfarçadamente me erguendo-me a meio do travesseiro, inspecionei a praça ocupada pelo invisível Morfeu, e seu delegados e plenipotenciários. Foi quando resolvi a operação fugitiva que tudo propiciava. De todos aqueles corpos semimortos de dorminhocos espichados de olhos cerrados na sonolência não viria nenhuma delação.

Em um instante a inumação do papel se realizou, num passe de prestidigitação. Recolhido à lura do baú, estaria doravante cozido ao meu destino de protestatário, diante a injustiça e a falsidade de garra aberta para as minhas bandas do inocente... Cartel de ingenuidade e desfeita, manifesto de raiva e defesa própria! Devo-lhe as primeiras horas de insônia na minha vida. Os terrores do criminoso buscado pela justiça. Os beaguins usariam da coroa dos clérigos, o rosário pender-lhes-ia da faixa da cintura em vez dos sabre-baionetas das cutiladas das praças bêbadas quando havia carnaval.

Puxando sobre a minha cabeça de insone a barra do lençol, pus-me a chorar. O pranto era o de um criminoso arrependido. Como acontece a certos moribundos então a palavra “mamãe” soltou-se de meus lábios, balsamizando-me. Os olhos ardiam-me. As faces afoqueadas pediam o refrigério de um beijo de socorro, que eu ignorava de onde me seria trazido. Para me secarem as lágrimas, sem que o percebesse, o sono viria, trazendo uma rodilha para enxugá-las.

Adormecido vi um ponto a tanto desconforto e estender-se-me a lápide aos sobressaltos de culpado. Uma teoria de anjos soprara-me no desconsolo e murara-me numa deliciosa sepultura de arminho.

49. AS NOTAS DA SEMANA

Disfarçado o papelzinho de despique na frincha propícia, seguiram-se, com efeito, os dias e as noites de espera e sobressalto, pensando sempre poder ser descoberto pelos padres o terrível corpo de delito. As horas pávidas, sucessivas ao crime na consciência do culposo! O polvo do receio com as suas pernas langanentas apertava-me por dentro, em cada poro de minha pele se aplicava uma ventosazinha do monstro. Teria sido lobrigadas, nas minhas idas e vindas?

E se acontecesse, descobrirem no buraco do baú a lauda condenável? Haveria, talvez, o recurso de negar tê-la escrito... O meu sono de delinquente decorria sobressaltado, aventando hipóteses, socorrendo-me de razões, enchendo-me de explicações... Tudo quanto era suposição caprichava em tirar-me a confiança de esperto ocultante. Acordava a tremer e suado frio. Era fatalmente, durante o sono, nas aflições dos maus sonhos, sempre pegado pelo Padre Ministro, e levado ao Reitor, que teria na ponta de uma pinça o escrito descoberto por uma série quase ilógica de indícios e motivos...

Em estado de vigília não melhorava o tormento. Por que pecara por não ter pecado? Esperando a minha vez, junto aos arcos de arame do *croquet* ou ajoelhado no banco da capela, as ideias me galopavam, girando no círculo infernal de que não conseguia tirá-las ordená-las e apaziguá-las. A atenção nas aulas e no estudo era completamente sacrificada. Vastos e complicados episódios de caça por todo o colégio ao papelzinho fatal absorviam-me todo. Eu mesmo os inventava pelo prazer doentio de atribular-me.

Atrás de mim todo mundo correria e eu a fugir, desabalado por montes e vales, seguido pela matilha negra dos senhores padres, que perdiam no meu encalço os solidéos, os breviários e as tabaqueiras... Mil suposições não me deixavam dormir. Para acrescentar-me as horas de suplício, nos sábados à noite, procedia-se à leitura das notas da semana. Ao passo que a tarde desse dia avançava, os nossos corações apertavam-se, vendo aproximar-se o momento horripilante desse Julgamento Final.

Os que já sabiam ter notas baixas desfaziam-se numa sensação física inenarrável, de esgano e turbilhão ao mesmo tempo. A série das vogais com que se exprimiam os graus de apreciação professoral marcava a escola, na dança do mérito e do demérito. O A era ótimo, o E “assim assim”, o I mau a valer, o O péssimo e o U quase um limite inatingível no fundo

da gruna do pior. Quão poucos eram os abençoados do A e os reprovados do U! Trocavam-se pelas pontas da sua extrema raridade de ultras.

Pelas alturas das nove horas da noite, o salão do estudo tornava-se irrespirável, como na sala dos Estaus, no Rocio, onde funcionava, em Lisboa, o Tribunal do Santo Ofício. Eram tremendos os minutos, pesavam literalmente, esmagando a consciência dos cabulas e reprovados, dando-lhes cólicas e retorsões introversivas. As fisionomias de certos rapazes lavavam-se de cal, os olhos cavavam-se de negro, a respiração mal regulava-se no peito oprimido.

Uma horrída aranha dos quatro cantos do salão tendia a teia onde tínhamos todos caído, esperando as mandíbulas do bicho que nos devorasse e deveria surdir na porta dos fundos, com os palpos disfarçados numa saia preta. Com efeito, em dado instante, o rotundo Padre Ministro, em cuja cabeça, se encocuritava o barrete de quinas de uso interno, irrompia, sobraçando um grande livro de carneira.

Se ao menos usasse de “sapatos rinchadores” como os de Januário Mateus Ferreira, o mestre de José de Alencar! Ele vinha ao contrário, trazido com por sobre uma fita de veludo, puxada por algum silencioso sistema de roldanas. Era rápido e sem nenhum barulho. Não arrastava o calçado, não mudava o volume de mão, não escarrava ou tossia, não anunciava: “Lá vou eu com a minha seringa de pimenta e o meu vaso de bonanças, o meu ferro em brasa e o meu panacu de boas graças. Darei a benção e o castigo. Pintarei a uns de negro e a outros de alvaiade. Repartirei o Colégio entre alvos e enodoados, sagrados e amaldiçoados, eleitos e condenados...”

Mudo e sem ruído, entretanto, a sua entrada surpreendia, mesmo aparecido a horas certas, em idêntico lugar, e marchando feito um autômato, preciso e indesregrável, ameaçador e precavuto, agatanhado a seu livro de contas. Pesado de banhas, ele galgava o estrado com soturna solenidade. Aninhava-se na tribuna para o choco dos óvulos e a larga das penas que iria distribuir, lendo alto a sentença que merecíamos...

Abria o livro inflexível dos escolhidos e dos rejeitados com vagaroso deleite. As folhas viradas tinham um farfalhar áspero e sepulcral, entre os nodosos dados do impiedoso leitor. A sua voz pausada precipitava-nos na mais funda e delirante das inquietações. Estaríamos entre os que se assentavam à direita de Deus Padre, ou no resto da cambada, a

sua esquerda? Não se via bem o rosto do enxudioso Torquemada das notas, por detrás da lâmpada e inclinado para as páginas do in-fólio. Entre as duas alentadas bochechas sabíamos que existia a penca nasal, atufada de rapé. Frequentemente visitada, atulhava-se a fomalha do simonte, cujas sobras recolhia o grande quadrado de lenço vermelho, puxado em sua direção.

E as notas iam pingando em gotas, ora cáusticas ora amenas, e bem espaçadas, como espremidas do bico de uma almotolia entupida. Quando desejávamos, oh! generosa mocidade! Que o Padre Ministro, naquela ocasião, de repente, sentisse os olhos turvos, ficasse todo rubro e tombasse inteiriçado, vítima da congestão ou da embolia, sem poder articular uma só palavra mais! Ficaria a leitura para outra vez... A imensa gordura do Padre Ministro nos sugeria a possibilidade de um acidente dos mais esperados, que nos dispensasse daqueles maus momentos.

Se me houvesse dado dirigir algum liceu, todas as notas dos meus discípulos seriam classificadas na ordem das esplêndidas; nos maus alunos acompanha-las-ia ternamente da seguinte observação: “É de esperar que ainda alcancem resultados melhores e mais decisivos...”. Com isso, se dentro de algum tempo não conseguisse efeitos ótimos e gerais, pouparia a tortura notificatória, capaz de empedernir e tirar toda esperança ao coração do jovem inaplicado, todo arrependimento e vontade de aperfeiçoar-se, se tratado de melhor forma.

Durante a recitação semanal, rascante e drástica do Padre Ministro, o silêncio no auditório se fazia cada vez mais gelado. Com a sensação de aperto indefinível, as nossas almas buscavam não existir, sentindo a marea de maldição, que se aproximava, para levar-nos à praia dos rejeitados e inutilizáveis. Era longa a operação com que nos arrancavam as unhas. Quando um AE ditongal mais generoso e alternativo sobrevinha, não teria a força de concertar a machucadura do I, que antecederia à nota mais benigna. Por fim, o sumo e sombrio ledor eclesiástico partia. No vácuo, que lhe ficava à esteira, todo o bando de infelizes contramarcados do E, do I, do O e do U, se arrastava ao dormitório, pedindo que os demônios e estriges da insônia não repetissem a dose da leitura do Padre Ministro. Somente os raros potrudos do A, tendo a sua frente o jovem Carlos Magalhães de Azeredo, é que sorriam, ainda assim vergados ao peso dos seus louros inestimáveis, tontos da semana

finda, a qual não lhes deixara por o pé em ramo verde... Tinham quase todos esses privilegiados senão um ar de superioridade e genialidade o da falsa modéstia, que lhes ia mal à frescura da tez e ao brilho puro dos olhos juvenis. Condecorados do A e impados de sua justa glória, obliterava-lhes a quietude a ideia de haver atravessado indenes uma perigosa pinguela ou tirado uma sorte grande.

Inserido comumente na lista que ia do E ao I, no tal abominário, ia-me naturalmente a simpatia aos réprobos do O e do U. Seria gente mais natural, mais desprendida de fórmulas e obrigações, mais corajosa de não fazer cousa nenhuma, as cigarras do espírito de liberdade, vadiagem e distração, cantando e vireneando nos bancos do Colégio. Enquanto que os aristocratas do A não passariam de uns cavouqueiros suarentos, formigas encerradas no seu celeiro, incubando bolor, atulhando-se de ovos, sem pensar ou cuidar noutra cousa. E eu votava a minha simpatia aos que de mim se avizinhavam, celebrando tudo quanto havia em todos nós de inatento e de volúvel, de independente e mediano, de espantado e incauto...

50. AINDA O PAPELZINHO

Nesse estado de choque, de cansaço e de castigo, sobrecarregava-me a preocupação da lauda escondida na racha do baú da folha. Era a inquietação de todos os momentos. Perseguiu-me o mesmo temor torturante infligido à marquesa de Blinvilliers²³³, quando pensava poder ser descoberta a página de sua confissão, deixada na caixeta conservada no convento de Diego.

Juro que os meus quatorze anos não foram divertidos. Nesse suplício raro da clausura ituana, que seria um achado para Mirbeau, Poe ou Villiers de L'Isle Adam, desflorei umas seis mil horas que bem mereceriam soar em outro campanário. Em círculo vicioso apertaram-se-nos os temporais e os músculos cardíacos. As notas más, com as quais me fuzilavam, provinham em grande parte da inquietação que me causavam as mortificações das suspeitas e do terror do inferno e do pecado, embrulhados no fatídico papelzinho. Os meus estudos não poderiam deixar de ressentir-se daquele estado em que recaía a meu pesar e me salteava, anuviando-me e perturbando-me o esforço da memória ou da compreensão.

Tornaram-me a vítima da pedagogia tormentória, da qual teria desaparecido a vara de marmelo, a régua e a palmatória, mas onde nascera essa espécie refinada de sofrimento morais, capazes de prostrarem na escuridade da idiotia ou da demência a alma suscetível e imbele do pobre criança. Foi no aperto dessas aflições, conjecturas e desconfianças inopináveis, que descobri não se achar mais no lugar, onde o tinha metido, o meu papelucho de protesto e inconformidade.

Consumara-se o que aterrorizado previra. O grande poder oculto, o qual me cercava na sua couraça mole e insinuante, tinha-se apoderado da peça que, por assim dizer, justificava a outra, causa de todo o drama. Se uma seria obra anônima da imoralidade inadvertida e temerária, a minha, retrancida de negação e desaforo, seria um ataque refletido e amargoso de minha parte ao poder discricionário dos padres, à disciplina armada nas sobrepelizes, sotainas, hissopes, cilícios e barretes queimados da sacra Companhia.

²³³ Marquesa de Blinvilliers (Brinvilliers): Marie-Madeleine de Brinvilliers (1630-1676): apontada como a primeira e uma das mais famosas mulheres a cometer envenenamentos em série na história.

Ao verificar o desaparecimento do ínfimo papelzinho quase perdi a razão. Seria o mesmo estado de espírito do personagem principal do romance de André Billy “L’approbaniste”²³⁴, quando, arrumando a sua carteira de aluno da “École Apostolique”, surpreendera-se com a falta do caderno de versos que lá tinha em reserva. A diferença é, que o rapaz de Billy rebenta em lágrimas e eu recolhi as minhas por não saber provavelmente que fazer delas. Ao contrário, senti nos olhos um ardor singular. A raiva, o medo e o despeito queimavam-me por dentro, revolviam-me as entranhas. A cobra cruzeiro que me tivesse saltado de dentro do baú de folha não me deixaria tão espavorido quanto aquela subtração, realizada por essa espécie de máquina pneumática, montada no São Luís e capaz de nos chupar o sangue pelos poros e os papezinhos guardados da maneira mais secreta.

Os reverendos padres, com o achado, saberiam que eu não podia suportar desconfiassem de mim e envolvessem-me à força nesse círculo de torturas, realizado na fiscalização obsedante, a qual tinha o ar de suprimir-se quanto mais se efetivava. Penei então mais do que dantes, quando supunha o meu protesto garantido no abrigo em que o sepultara. Nos olhos de todos comecei daí por diante a reconhecer tudo quanto justificasse a reprovação aberta do meu ato de ocultação. Cada batina se pejava dos ódios que eu lhe emprestava. Supunha que o meu discurso passasse de mão em mão, no silêncio das celas dos verdugos de preto. A minha cabeceira de mal dormido, repassavam todos os membros da Ordem de Jesus, lendo horrorizados a tira malsinada. Quando o sino repicava, mandando levantar do leito, erguia-se dos lençóis um infeliz menino abatido, de olheiras fundas, magricela, suspicaz e tremente... Até que o novo prefeito dos meninos o Padre Luís Maria Bonanni, um italiano agradável, muito mando e contemporizador, considerando o definho e arredamento do “211”, me chamou a sua camarinha, ao canto do dormitório dos médios e admoestou-me paternalmente, procurando relevar-me o ânimo, apelando para tudo quanto pudesse sustentar-me em tal situação.

²³⁴ Obra de André Billy (1882-1971), o romance “L’approbaniste” (1937), no qual narra a vida de um aluno pobre aceito num colégio jesuíta. Esse personagem sofre exclusão, pois se interessara mais pela literatura que pela vida religiosa.

Senti-lhe na voz o acento de socorro e amistosidade, a que não estava acostumado no “São Luís”. Foram assim desaparecendo lentamente os efeitos da peçonha que me envenenara a existência escolar. E, como para sublinhar de um traço irrevogável o que impunha de alívio e de perdão, o Bonanni fez consumir-se na chama da vela, ao pé do crucifixo, o fatal documento do meu desespero e furioso descarte. Ajoelhei-me aos seus pés. A religião desse padre entrava com as fórmulas de harmonia e lenitivo de que os seus companheiros de regra não eram muito amigos...

51. NÃO VOLTARÁS

Era o padre Bonanni alto e magriz, o beque anfractuoso repartia-lhe a face em dois lóbulos murchos, mas de grande e verídica simpatia. Diziam ter sido no século um nobre conhecido, quiçá de sangue real. Talvez uma invenção para lhe explicar a nobreza de feitio. Nos modos bem medidos, como que se lhe apurava a seleção da raça, a altura da família. A sua unção não seria o resultado de aprendizagem teológica, mas o efeito natural de disposições de nascença, desabotoada nas culminâncias da ordem social. Sentia-se nele, com a resolução da obediência e a coragem das privações, a atenção protetora meticulosa e sã, fora de qualquer encomenda alheia ou capricho autoritário do diretor de consciência.

Conservava os raros cabelos castanho-escuros bem penteados e a alpaca da batina não tinha partes reluzentes e esgarçadas. Certo cuidado no hábito significava-lhe a diligência em fazer-se na alma limpo de qualquer mancha e esfregação de uso. A boca ligeiramente circunflexa de lábios muito finos, dava-lhe uma deliciosa espiritualidade ajuntada á do rosto escorrido, descarnado e ascético das figuras de fra Angélico. No fundo dos olhos uma luz igual, muito doce, como que penumbrada, participando da lâmpada do Tabernáculo e nunca do clarão fosfóreo dos fogos-fátuos.

A narigança, em arco preciso e bem realçado, surgia-lhe da face no desabrigo afuroante das cartilagens francamente pronunciadas; um nariz de avanço confiado, da forma intrépida de um espigão de montanha, procurando no espaço livre o sol, o ar puro e a frescura das eminências. Todo esse jesuíta respirava compreensão e meiguice. A fala não tinha a aspereza e o falso entoamento das que se acostumavam a apregoar o recheio cominatório das cartilhas. Reproduzia-lhe a pureza da alma de serafim, com a água potável escorre da fonte insuspeita, na areia clara e sob o céu aberto.

Esse homem reconciliou-me com a Companhia de Jesus. Uma só flor no jardim, assim ela seja, enche-o de encanto, embalsama-o todo. Trouxe Bonanni, com a sua autoridade, muito de percebimento e tolerância e portanto muito de humano. A sua mão forte era calçada de um veludo raro. Tinha a robusteza de crente e o carinho do pai. No olhar a chispa forte da disciplina e da vontade irremovível e na boca a palavra doce do catequista e perdoante. Infundia respeito e enternecia com a doçura do levita, trazendo na mão liral a âmbula com os santos óleos do reconforto e da esperança. Regra advinculada à

brandura, sacerdote e coração! Se todos os padres do S. Luís do Itu fossem de sua marca não teria havido melhor instituto de educação no Brasil. O pior dos seus programas de ensino encontraria a alma transfigurante, que saberia torná-lo o mais eficaz e consentâneo de todos os melhores planos pedagógicos, porque ele entraria com a política da ternura e a arte do tato para interpretar-lhes e aplicar as disposições, onde, em geral só andam o quadro rígido dos estudos e o ordenamento ríspido do magister.

Apoiado nos recursos inteligentes da alma seleta do Bonanni, pude chegar ao fim do ano e regressar à nossa casa do bom Retiro, menos escanzelado que seria de esperar. Mas, com o primeiro abraço a meu pai, a quem encontrei contados dos correios de São Paulo, nomeado para esse cargo pelo Imperador a 30 de Setembro de 1884, ele surpreso de me ver tão magro e malecafento foi logo decretando: "Estás um empalemado. Não te reconheço, meu Alberto! Como encompridaste o nariz! Não voltarás mais para o Itu. Felizmente ainda não és um órfão da Jaqueira..."

Tinha eu, com efeito, o olhar meio apagado e em vias, a boca descorada, a fronte empalidecida. O nariz espichado e rostrado, como que espremido no alicate dos bons padres, adquirira a forte pronúncia de linhas que lhe seriam inerentes à forma de ora avante. Coube-me, então, expor ao Quincas o que sofrera no "São Luís", de como escapara nessa caçarola de secar o coração e de frigar e virar os miolos, perseguido por uma espionagem incansável e tudo o que haviam lá ousado atribuir-me sem o mínimo motivo, o castigo imposto fora de toda base e razão, a engrenagem pela qual passara, esmoídos os meus dias de menino no túnel de que me haviam devolvido astênico, com os ossos à mostra, hebetado e deprimido.

Certo exagero, natural no mortificado, teria carregado nas tintas. Para os casos pessoais não foi que se criou a palavra isenção. Voltaire, segundo os caprichos do seu humor de ocasião, dizia ora bem ora mal do ensino dos jesuítas. Foi ele educado entre esses padres, no colégio "Louis le Grand", de Paris; mas, apesar do seu ódio a Igreja, muito elogiou a alguns dos seus antigos mestres mais insignes, como os reverendos Tounemine e

Thoulié. Do padre Parée, seu professor de retórica, chegou ele a escrever: "Jamais l'homme ne rendit l'étude et la vertu plus aimables."²³⁵

Apenas do padre Bonanni poderia eu notar a mesma impressão. Por minha parte, porém, nenhuma ideia favorável poderei fazer do ensino no "S. Luís". Daí não saiu nenhum Voltaire e a gente quase santa e muito erudita que esse colégio expedisse poder-se-ia contar pelos dedos. Quanto a mim, sei que o latim de algibeira nele obtido não dava para servir à missa, o inglês insuficientíssimo mesmo para me entender com o *policeman* londrino, a aritmética reduzida a zero, a geografia, pelo menos a do Brasil, quase nula e o francês, bebido nas secas regras do Halbout²³⁶, dos mais insignificantes. Não me fizeram senão estragar a memória e dar-me o gosto das leituras dispersas e por vezes das menos agradáveis.

Se me arrastaram a debulhar a vida dos Santos Mártires, dando-me arrepios com o espetáculo dos seus sofrimentos, se me desseivaram a imaginação com os compêndios de classe, também não me consentiram despolar-me a razão com a debulha dos livros de cavalaria. Devido aos atentos padres, pude escapar à perda de tempo desses romances de peleja, estapafúrdios e atóxicos, com que até hoje ainda se provê a imaginação infantil do nativo, principalmente no interior do Brasil.

Fizeram-me felizmente passar a oportunidade de contato com Carlos Magno e a imperatriz Porcina e toda essa literatura de Idade Média, deixada do refugio no Brasil com as barricadas de bolacha salgada de taifa das caravelas seiscentistas do luso. Mas, o pouco adquirido no ensino em que me ralaram no Itu foi à custa da depressão moral e física, que toda essa parca e mal pespontada instrução estaria longe de compensar.

Mesmo se mais belos resultados intelectuais adquirisse, não valeria a pena atentar contra a saúde e riscar a eugenésica, depondo-as em sacrifício nos altares de Minerva, marcada, sob o capacete clássico, da tonsura do diácono e loyolista. Integrado no bando dos que pouco aproveitaram no Itu, não apresenta, contudo, a minha incompetência nas humanidades, que lá tão trabalhosa e pacientemente me despejaram, como prova de

²³⁵ "Jamais o homem tornou o estudo e a virtude mais amáveis".

²³⁶ Alusão ao volume *Gramática de Língua Francêsa*, de José Francisco Halbout, obra que conheceu muitas edições até meados do século XX.

incapacidade de grande instituição do "S. Luís". Queixo-me apenas do estado a que reduziram o rapagote, botando-o na espinha, e a cabeça toda estufada e ardendo com as perguntas e resposta do Catecismo e as mãos encarangadas de tanto exercício passado a limpo do método de Ahn²³⁷...

²³⁷ Outra referência a um método de ensino de língua francesa, o *Curso de Língua Francesa – Método de Ahn Reformado* (1912).

52. A ESTOCADA DE AYALA

Ramon Pérez de Ayala escreveu um livro intitulado "A.M.D.G.", com menção que explica e ratifica as quatro siglas de *Ad Majorem Dei Gloriam*²³⁸: "La vida en um colégio de Jesuita". O panfleto de combate remata-se num ódio absoluto e borda-se no vivo colorido da barra sobre a qual repassasse a brocha do artista, pingando tinta de todas as cores.

A insigne Sociedade de Jesus tem visto os seus contrários servirem-se contra ela de tudo em matéria de adjetivos e hipérboles, argumentos e denúncias, ajuntados mesmo com o apoio da teologia, as dúvidas da dialética, e as conquistas da ciência.

Línguas viperinas de escritores contravertentes, como Voltaire e Diderot, políticos astutos como Pombal, religiosos diversamente orientados têm desfigurado a Companhia com o talento e a força do demônio, espremendo a sua bolsa de cóleras e objeções contra seus mais decididos inimigos. O próprio Papa tentou riscá-la da cristandade, o homem da "Pucelle d'Orléans" e o patricio do "Uruguai"²³⁹ que também entraram com a sua quota de rancor à detestada.

Dessa vez a língua rica, insopitada do espanhol, livre e pomposa, carregada de seus epítetos de fogo, grosseira e rútila, alentada nas estrumeiras do campo e repassada no fétido bordalengo de certos bengos do burgo, castelhano, ocorreu nos recursos da arma de um dos maiores inimigos do loyolismo.

A pluma rascante do castelhano sacudiu-se num íris de imagens deslumbrantes e fortes, recortadas com o fio da boa navalha catalã, talhando uma broa dura de roer. O cenário da casa de ensinaça ignaciana saiu perfeito; do seu bico o elenco dramático é que deixa a desejar. O livro é mau porque no seu enojo de crítica e má vontade se arquiteta num virulento pasquim. As suas descrições materiais e a formação dos tipos morais empanam-se e diminuem-se na aversão categórica que lhe compromete a verossimilhança das

²³⁸ Ramón Pérez de Ayala (1880-1962), escritor espanhol, cuja obra citada data de 1910. O título, em latim, pode ser traduzido como: "Para maior glória de Deus".

²³⁹ Referência a Voltaire, autor de *La pucelle d'Orléans*, poema satírico de 1762 e ao poema épico de Basílio da Gama, *O Uruguai*. São obras que questionam e criticam posturas da igreja – a última é uma dura crítica à atuação dos jesuítas no Brasil.

evocações. A aparição de uma inglesa angélica de balde corta, com o seu cálice de flor exótica e branca, a sombra lóbrega do antro loyolista, que Ayala nos mostra.

Para o antigo aluno dos jesuítas, compreensivo e distante, ele abre as cortinas de uma cena familiar, arrancando-a, porém, às suspeitas e razões do propagandista anticlerical. Traz-lhe à memória um programa de aversão, que lhe compromete a justiça da censura e turva a sensação em que docemente se entreteça a lembrança do passado. O que há de despejo agressivo torna essas paginas impróprias à nostalgia de uma lembrança cordial. O pobre herói do libelo chama-se também Alberto e sofreu bastante nas garras do padre Mur. Não me revi senão bem rapidamente nesse rapazelho de meu nome e minha idade, caído feito um bezerro na garganta da sucuri, anelada de estolas e coberto de pelo-sinaes...

O fanatismo peninsular desabrocha nesse livro impiedoso e de sinal contrário a todo espírito de tolerância e anuência. Para Ayala o jesuíta é um monstro de hipocrisia, de contra-senso humano, pondo todo o calor da alma em esconder, opor e torcer o que lhe é, segundo as leis da natureza, sobranceiro e individual. Assim ele só testemunha e descreve o padre, o assanhamento para o lado do fingimento, da corrupção e do dolo... O seu livro de tanto decalque pessimista exaspera. O exagero está quase todo no ornato de seus qualificativos ásperos e coruscantes. Se ficasse o autor no quadro sem a moldura, se ficasse na linha sem a mancha, a verdade traria arrepios à impressão recebida. Suas páginas embotam-se, porém, no combate cego e não radiam na esfera da pura observação. Supõe-se entalado nos parágrafos de uma crônica escandalosa.

Os diálogos falsos põem-lhe tiras de vácuo, acentuando a agressão. Cousa alguma adoça a atmosfera do colégio de Regium, onde tudo é pérfido e opressivo. Da rouparia ao refeitório, do dormitório ao recreio, da aula ao confessionário, só se movem as larvas horrorosas da simonia, do fanatismo, da intimidação e da brutalidade. O único sacerdote verdadeiramente bom da Companhia desaparece dela, renegado num rito de abominação, com que finda a relação amaríssima do foliculário.

O São Luís não me deixou nem na consciência nem na pena o fel da repugnância, a fúria do vingativo. Embora hesitante no seu fulgor, a saudade bafeja-me a recordação, onde ocorre a tristeza de uma perseguição e o engano de equívoco. No colégio dos jesuítas sofri bastante, instrui-me pouco, aprendi muito a sentir e a reagir... E a figura bem-aventurada do

reverendo Bonanni aparece-me com os braços abertos, crucificado sobre a cruz de pau singela que lhe prendia a sombra piedosa e compreensiva na fria cal da parede da cela. A imagem do santo inseparável de meus recordos ituanos suaviza-me a lembrança do purgatório, tira-lhe a metade das angústias e amargores... O gênio da bondade de Luís Maria de Bonanni exorciza-me a casa, que certos demônios mal assombravam, garroteando-me a alma ainda tão mal formada.

53. O BOM MODELO

Encontrei em plena glória escolar do São Luís o jovem Carlos Magalhães de Azeredo. Era um bonito rapazinho, de maneiras estudadas, alagado no êxito em que o sobressaltavam os exames e provas de cada ano letivo. A sua constante e nunca assaz desmentida simpatia floria no acatamento aos superiores, no amor dos livros, na sabença das lições, o estrito respeito ao Regulamento do colégio e à Lei de Deus, e tornara-o o objeto da atenção e inveja de todos.

Membro da Arcádia Gregoriana, estabelecida sob o patrocínio de S. Gregório Nazianzeno, hóspede permanente da Congregação Mariana, leitor no refeitório, orador e ator de grande consagração colegial, freguês do “banco de honra” na aula do padre Chiari. Muito representativo e bem-educado, os senhores Padres tinham-no à mão, como o mais perfeito dos modelos, e o mais pronto dos recursos. Os cabelos crespos e castanhos repartiam-se-lhe feminilmente no meio da cabeça graciosa, onde verdejava o louro com as bagas preciosas das sucessivas boas notas.

Precisando-se de quem recitasse, honrando o visitante notável ou louvando a memória de um grande feito, era só pegar no Carlos e dar-lhe a decorar a ode ou o epinício. Com que mimo de dicção o rapazinho se desvencilhava daquele arrocho! Todos ficavam encantados; o Reitor desmanchava o duro cenho de leitor das sentenças da Inquisição das Notas, o padre Ministro derretia a enxúndia num rizinho de júbilo. Uma vaga de mel rosado logo inundava o colégio; todo o mundo ficava com asas daquela borboleta que eu criara e fugira tão levemente aeroplanando por cima das carteiras...

Nas cerimônias de certas recepções, na Solene Distribuição de Prêmios, no fim do ano, na festa de São Luís, tornava-se indispensáveis o mocinho inteligente e tão santamente honesto e bem comportado. Pau para toda a obra desse gênero, surgia todo encomendado para a representação oficial, quando fosse preciso mostrar o “aluno exemplar”, o produto seleta daquela fábrica religiosa de “esperanças da Pátria”. Carregado de fitas e medalhas distintivas, com que o seleta arvorava nas notas ótimas, o comportamento irrepreensível, fazia-se ele o “menino do cheiro”, a crisálida do acadêmico por partidas dobradas o futuro diplomata, altamente estimado e bem cotado pelo Catete e Itamarati, pelo Papa e o Sacro-Colégio. Era já então, no Itu, o embaixadorzinho, em proêmio ao que deveria representar,

com a devida untuosidade o Brasil oficial, republicano e sem religião, intrometido no zimbório de S. Pedro de Roma. Ele discursava em latim, em italiano, em francês, em espanhol, e no idioma pátrio, proferindo em voz alta no “Salão nobre” frases muito limadas e contensas, respeitosas no propósito de serem solenes, laudatórias, e muito obedientes às leis da retórica e a outras conveniências.

Recitando Horário e o doutor Angélico, falaria no dialeto banto, as visitasse o colégio algum soba sul-africano... Não poderia disfarçar no que dizia ou recitava a ultima demão da censura do Colégio. Nas representações de gala do teatrinho do São Luís o seu êxito era certo, declamando a tirada no palco cênico, enfiado na túnica de Polyeucte²⁴⁰. Quão gracioso e sorridente o seu desembaraço, avançado na tribuna oficial para recitar o discurso de recepção, diante do senhor Bispo ou de algum magnate, expedido da Corte! Deveria mais tarde o Azeredo, o “ai Jesus” do colégio dos Padres, ser premiado num certâmen literário da Gazeta de Notícias, cingir-se da láurea acadêmica do Trianon e culminar na carreira diplomática por assim diz irremovível do pé do Vaticano em que se aposentara.

Navegando pelo meio das escolhas da púrpura cardinalícia, foi também, a seu modo, uma Eminência. A casaca do Taylerand²⁴¹ ornou-se do mito de Virgílio e do buxo bento, no Domingo de Ramos. Nunca destino risonho foi trançado tão de longe e inequivocamente ao escolhido dos Deuses, repimpado no altar de “Santo Antoninho onde te porei”. Homem de representação, o correto Azeredo prendeu-se a todas as formulas do respeito público. Poeta, não desdenhava os altos píncaros do Hélicon ou do Pindo, embora não o ajudassem as asas de colibri dourado, disfarçado num anjo de Murillo.

Por mais que fizesse, nunca pôde bem servir-se da lira, cujo abafador do som a afrouxava. Apresentou as credenciais, no Parnaso, recomendando-se pelo esforço da fatura à inofensividade do tema e à estima da composição, dos quais tiraria os menores resultados literários a par das maiores vantagens sociais.

²⁴⁰ Personagem baseado na vida do santo que dá nome à tragédia de Corneille (1606-1684).

²⁴¹ Tayllerand (?-1838), ministro de diversos governos franceses, como os de Napoleão I e dos Bourbons. Famoso por receber subornos. No presente capítulo, pode-se perceber que a comparação com o amigo, corretíssimo, soa contraditória. Contudo, pode-se pensar que Rangel quis somar à figura de uma reconhecida personalidade política – no caso de Carlos Azeredo, honesto e correto – a formação clássica e as bases da religião para pintar os traços públicos que descreveriam o amigo Carlos.

Em 1936, a Academia de Cultura Latina de Roma distinguiu-o com o laurel do Palatino, uma barretada de arromba, designada menos aos créditos do poeta que as funções do diplomata. Arrojar-se-ia ele a introduzir, na poética brasileira, os metros de Carducci²⁴², coisa que não parece muito recomendável e nem encontrou imitadores felizes. Mas, a surpreendente e grandiosa natureza do Brasil não lhe mereceu senão tardias alusões de mole consistência e medíocre inspiração. Versificou assim as suas impressões de Petrópolis, no poema por ele mandado incluir na “Revista da Academia Brasileira”.

*“Pelos troncos, sem dó sugando a seiva,
quais ruínas mulheres luxam as orquídeas,
e as margaridas vestem cada leiva,
flores de alma infantil, que ignora insídias.*

*Parece, além, nas várzeas, nos barrancos,
brilhar a neve - oh! rara fantasia!
Neve?... é o noivar sem fim dos íris brancos;
é dos aromas a inocente orgia.*

*E, oh! Doce terra! um paraíso foras...
Sem a dor de sentir-te profanada
pelas muitas jactâncias palradoras
da burguesia aristocratizada...”*

Em relação às "ruínas mulheres" e a "a inocente orgia" dos aromas, nada haverá que dizer, quanto à "burguesia aristocratizada" e "suas jactâncias palradoras", quais seriam as razões de queixa e desdém do simpático Azeredo, tão levado por natureza a incluir-se nessa classe, onde chegou a alcançar tão bons lugares e rematadas posições? No mesmo poema, o poeta celebrava as avenidas da cidade serrana:

*"Glória sinfonia das avenidas,
onde salmeia o vento nas mangueiras,*

²⁴² O poeta Giosuè Carducci (1835-1907) foi o primeiro autor italiano a ganhar o Nobel de Literatura, em 1906. Notabilizou-se por romper com as influências românticas e retornar à tradição clássica.

*o gemem casuarinas desabridas
trenos, soluços de aerias carpideiras;*

*onde das araucárias gigantescas
parecem debruçar-se harpas: eólias,
e modulam endechas romanescas
as nêvas pomas nuas das magnólias!..."*

As "casuarinas desabridas" e as "nêvas pomas nuas das magnólias" que "modulam endechas romanescas" comprometem bastante, no mundo das perfeitas imagens, o embaixador de tão pecas e enjeridas Musas. Garantido pelo Estado e festejado pela Igreja, recomendou-se o Azeredo do arcanjo Gabriel, da Polímnia²⁴³ e de Sua Majestade D. Pedro II.

A este dedicou o livro, menos história que um episódio. No poema "Petrópolis", referira-se ao monarca nestas duas quadras inenarráveis:

*"o ancião imperador, que, algum repouso
buscando aí, como num eremitério,
ente o labor perene, e o minucioso
governo honrado do seu vasto império,*

*pelo bosque isolava-se, horas longas,
a ler, a meditar, indiferente
aos papagaios como às arapongas,
fossem alada ou palaciana gente; "*

D. Pedro II, isolado no bosque, "indiferente aos papagaios como às arapongas" vai além de tudo quanto se possa imaginar de mais bucólico e menos recreativo e cesáreo. S. Francisco de Assis comprazia-se em conversar com as aves, ao monarca brasileiro, a crer no ingênuo acadêmico, pouco se lhe dava tão santo e melancólico exercício espiritual...

²⁴³ Polímnia: uma das nove musas das artes, protetora dos hinos sagrados e das narrativas. Essa citação vem corroborar a imagem "ecclética" já elaborada de Carlos, homem protegido pela religião ("anjo Gabriel"), pela formação clássica ("musa") e pelo poder político ("D. Pedro II").

Não deveriam os papagaios e arapongas regozijar-se de nenhuma importância ligada pelo ancião imperial. Por que não seria dado ao poeta fazer-se o intérprete desses bichos queixosos de D. Pedro? ...

Para John Carpenter o didatismo dos jesuítas desdenhava o delírio da inspiração; Azeredo, no mundo das Camenas²⁴⁴ deveria ter sofrido desse modo de ver, que lhe havia sido inoculado nos bancos ituanos. Se na sua poesia as sílabas estão certas, juntas ficam logo todas artificializadas e frouxas...

Nele houve quem visse um “poeta sensibilizado e humanista de esplendorosa erudição”. Isso cheira a carícia de amigo, operando no queixo torto do outro por grandes baforadas de lisonja. Porque a qualidade da sua poesia não legitima essa asserção. Há nos mais fugitivos reflexos da amizade pessoal um grande motivo de má avaliação no sopeso dos valores artísticos. A verdade é, que não deve tomar por lúdimo o juízo, que se faça, tratando da literatura dos amigos. Dos tribunais costumam-se excluir como suspeitos parentes e camaradas. Mário de Alencar, amigo de Carlos Azeredo, haveria de escrever-lhe este período, talhando-lhe sem querer a carapuça que lhe chegaria até os ombros: “Há em literatura canonizações que são como epitáfios em jazigos perpétuos, cujo tampo se contempla sem levantar. A um grande autor consagrado, ainda os raros que o leem não o leem com os próprios olhos senão com os olhos dos que primeiro o louvaram.” Carlos Azeredo é desses a quem afogou a fortuna de ser muito apreciado pelo primeiro que o leu. Depois foi só repetir e seguir o trilho, assobiando a mesma ária recomendatória.

A existência de Azeredo decorreu felicíssima, orientada, sobretudo pelo respeito às classes constituídas, aos deveres do funcionário e do esposo exemplaríssimo aos altos poderes eclesiásticos e às influências proto-acadêmicas. Tudo lhe correu sob o signo da bonança e prosperidade na proa. Ao fim da vida teria as suas deficiências físicas e finais como a surdez, aproveitou, porém, quanto pôde as vantagens do clássico e meio-termo, enchendo-se de todos os aplausos na sessão da academia ou festival-concerto, de todas as bênçãos da Santa Madre Igreja e das simpatias conselheirais de certos paredros e bonzos dos mais aclamados e persuasivos.

²⁴⁴ Camenas: ninfas das fontes na mitologia greco-latina, às vezes associadas também às musas da inspiração poética.

Como nos fazia inveja o paradigma da Classe, o modelo do colégio! A auréola de Discípulo Exemplar dava-lhe tantas comodidades! Jamais lhe aconteceria titubear numa conjugação, dar um tabefe no companheiro, passar a perna no outro, recitar a lição errada, escrever na pedra sem que o professor mandasse, traçar o boneco irreverencioso na capa do caderno, escrever ao colega o bilhetinho dos mais repreensíveis, soltar o elástico esticado ao pé da mosca pousada na carteira, atirar aos ares uma flecheta de papel almaço... E por abster-se dessas faltas e inconveniências sempre merecera o sorriso beatífico do Reitor e a inocência do Padre-Ministro...

As nossas boas disposições, determinadas no sentido de sermos estudiosos e bem-comportados, como que se conjuravam contrariamente para os maus resultados. Era só respirar e deixar correr o marfim... Atribuíamos isso tanto aos esforços medidos e bem timbrados do Azeredo, como ao modelado da sua boniteza, à simpatia do olhar de amenidade, além de que as suas roupas eram muito compostas e talhadas com correção... A ele nunca seriam dados os cuidados por alguma lagarta que aprisionasse, as torturas daquelas calças curtas mal toleradas, daquelas exclamações de tão funda queixa escrita e escondida no fundo do baú de flandres, nem a cauda de ignomínia na "cáfila" do recreio... E se mais e melhor Azeredo não produziu, seria sem dúvida alguma pelo mal que lhe fizeram os abalizados jesuítas, pondo-o sempre em primeiro lugar...

54. O TRAGADALBAS

Como oposto a esse personagem exemplar, Magalhães Azeredo, que foi um tipo tão recomendável como candidato vitorioso no pau-de-sebo dos melhores prêmios, apareciamos José Thomaz Nabuco de Gouveia. O rijo rapazola tinha nas linhas pouco amenas do rosto qualquer coisa de custoso e resoluto. Dir-se-ia não temer o Padre Rossi, nem incomodar-se de ser irrigado pelos II e pelos 00 reprováveis da recopilação declamada, nos sábados à noite, pelo padre Mantero ou pelo padre Rossi. O seu desembaraço, apetite, múltiplos atentados às regras e preceitos do colégio, faziam-no um ser admirável. Entrou logo para o círculo da lenda, a Távola Redonda dos estudantes mais cabulas e indomáveis.

Sob a aba das carteiras levantadas no salão de estudo, quanto cochilo proibido provocava o seu denodo em afrontar os regulamentos, a constante inciência das lições, a felicidade de receber constantemente caixotes de doces e mais doces, penas extraordinárias, borrachas de todas as formas, vidros de cola, canetas e lápis de todas as cores, cadernos os mais variados!

Repruindo-o as saudades de casa, destroçando-o as misérias cumprimentos do Colégio, o destemido não sabendo como reagir aos seus males, punha-se a beber tinta, lambar goma-arábica, chupar mata-borrão, mastigar borracha e comer as folhas de papel de Holanda, que de casa lhe enviavam. Extravagante pelo gosto de escandalizar o próximo, todo ele disposto às singularidades que inventava para ter o prazer de exceder-se, despertava-nos o maior interesse.

Não respeitando a menor conveniência, alcançava cimos de herói manchego. Era o super-homem nietzscheano, sublime no beto e abaixo da crítica na aula, mas senhor de seu nariz, audacioso de todas as vantagens, adquirindo-as no exercício da insubmissão e do ludíbrio... Esse foi o único dentre nós que vi indomável a podas e enxertos, no seu livre crescimento de planta vivace.

Como o seu drama de revoltado contra as obrigações colegiais e pouco amigo de toda e qualquer disciplina iria acabar? Sumir-se-ia a tempo por um ato de expulsão dos padres? Enquanto, porém, não o retirassem do Colégio, cavalgaria o Padre Rossi? Domaria o próprio Reitor? Seguíamos os passos do Insurgido e Perturbador dia a dia, hora a hora. A solidariedade tácita com a má rez ameaçava, entretanto, botar todo o rebanho a perder. Já

sonhávamos com ele, amotinando o São Luís, incendiando as salas de estudo, descendo aos berros de anarquista a campa do bronze, despertadora do dormitório, do seu coruchéu, prendendo e ajustando contas com o padre Yabar e o padre Mantero, presidindo o tribunal de colegiais que mandaria enforcar nos paus da ginástica o padre Cortez e correr as pedradas mesmo o padre Taddei...

Bastaria ele querer, e toda a canalha escolar, dos maiores os menores, seguiu-lo-ia cegamente. Talvez o único a não acompanhá-lo fosse o Magalhães Azeredo. Um belo dia, esgotada a paciência dos padres, seria devolvido a bem da disciplina do São Luiz o Nabuco de Gouveia.

O meu pai, visitando no Grande Hotel de São Paulo o Doutor Hilário de Gouveia, conceituado oculista, encontrou no salão o menino que, abraçado a um frasco inglês de *mixed pickles*, devorava-lhe o conteúdo com resoluta quanto estrambótica determinação de guloso.

Chamado pelo oftalmologista, interrompeu o descomedido rapazote a insólita merenda. Agigantado e reluzido no rio Negro das barbas opulentas, o Doutor Hilário apresentou o jovem latagão, futuro cirurgião e Embaixador, deputado federal, protegido e lugar-tenente de Pinheiro Machado - o Grande Eleitor do Brasil: "É o meu filho, colega do seu, no Itu..."

O frasco da picante conserva entre as mãos do José Thomaz, estava abaixo de meio. Em falta do vidro de cola e do papel de Holanda, ele vingava-se nos pepinos, na mostarda e na pimenta do conhecido molho inglês, pelo gosto de estando quieto fazer alguma coisa de repreensível.

55. SANTO ANTÔNIO E A MARQUESA

Em 1883 deveria muito me divertir a festa de Santo Antônio, para que fomos convidados, numa grande casa de sobrado na rua do Carmo, na vizinhança da igreja do Colégio, em São Paulo. Queimavam os barris de breu. Os balões, imitados do padre Bartolomeu de Gusmão²⁴⁵, iam-se pelos ares em encontrarem o teto da sala das Embaixadas, mas ameaçando queimar alguma casa ou pegar fogo nos matos e nos campos de Piratininga. A profusão das “pistolas”, “busca-pés” e dos fogos de salão, a alegria da gente grande e o alvoroço da criançada surpreenderam-me, não estando acostumado a festas e rega-bofes desse tomo e qualidade.

Que me pareceria aquela pirotécnica de fogueteiro, derramando para a várzea do Carmo toda uma cachoeira de lágrimas de todas as cores, de tiros, de cintilas em chuva, de papel de seda dos balões, das estrias de fogo dos rojões...? A flora incendiária, rebentada nos paços fagulhentos do Santo lisboeta, faziam-me da noite um sonho de mil e uma noites...

Seria bem fácil contentar-me. Meus doze anos não exigiam muito. Aqueles bulhentos e radiosos folguedos pareciam-me ir além de tudo que pudesse ser imaginado. À queima dos fogos se juntou a opípara mesa de doces e bebidas, que dobraram por quatro o agradável e o proveito da reunião familiar. Mas, tudo isso não impediu atentasse eu à conversação de alguns velhos assistentes do sarau em devoção a Santo Antônio.

Recordando outros tempos, as saudosas épocas em que o melhor era de regra, explicavam eles aos circunstantes mais novos, que naquela mesma sala a marquesa de Santos, antiga proprietária do prédio, tornara-se o objeto das maiores atenções de todo São Paulo. Nas reuniões que a matrona proporcionava, apresentava-se muito enfeitada nos seus vestidos de gala e coberta das mais lindas joias. E citavam os leques, a borboleta de brilhantes, o colar de grossas ametistas...

²⁴⁵ Bartolomeu de Gusmão (1685-1724): padre jesuíta, conhecido por seu espírito inventivo e pela grande erudição. Efetuou vários experimentos no campo da Física, destacando-se o projeto de balões como a “Passarola”. José Saramago retoma o personagem em seu *Memorial do Convento*. (cf. site do “Museu do Ar”, de Portugal, no endereço: <http://www.emfa.pt/www/po/musar/historia/gusmao.php?lang=pt>; acesso em 21/05/2008).

A melhor gente da Província e do partido liberal comparecia. Entre os familiares havia sempre numerosos e escolhidos estudantes, entre eles Álvares de Azevedo e Martin Francisco segundo. Dançava-se muito. Enfiavam-se as “partidas” umas nas outras. O palacete regorgitava de escravos e mucamas. Que fartura e voa roda, a da fidalga e benfazeja! Nessa reunião antonina suspiravam os saudosos dos bons tempos. “Ah”, dizia um, “a festa de Dona Maria Joana da Luz é que era festa!...”. “Que bom cafezinho se tomava a dez réis a xícara!...”. Outros lembravam-se dos lindos efeitos dos fogos do fogueteiro Martins.

Falava-se muito no doutor Falcãozinho, no litógrafo Martin com a mania de inovações, como esse viaduto do Chá, considerado impossível de ser realizado, no Gavião Peixoto, no Souza Queiroz e Aguiar Barros, no barão de Itapetininga... Trazendo ainda à baila o São Paulo de outros tempos e lembrando-se da antiga dona do prédio em que se divertiam, um curioso indagava, pasmando para o caixotão do teto bem lavrado:

- A Marquesa de Santos era na verdade bonita, como diziam?

- Estava na ruína, mas ainda assim bem se via ter sido um pancadão de respeito...

E a testemunha atardava-se nos gabos da beleza moribunda. Toda a gente muito a considerava. Tinha o ar de soberana de todos nós, trazido dos hábitos da corte de D. Pedro I... No tempo do Brigadeiro dava sota e az em São Paulo...

- Será verdade que fazia bispos, condes, generais e senadores como quem não quer nada, só levantando a saia? - arriscou-se outro a um júizo menos reverente sobre a memória da finada.

- Exagera-se tudo na nossa terra, aparteou um velho escrivão da Cúria, advertido e oculoso.

Os informes prosseguiam em voz mais imperceptível. Eu ficava a ouvir, muito atrapalhado para deduzir alguma cousa de mais claro, acentuado e salino e enquanto isso esquecia as “rodinhas”, desinteressava-me dos “chuveiros”, dos “relâmpagos” e “cobras do Faraó”, vendo sobreposta à turba dos convidados, de que fazia parte, a sombra amorosa daquela antiga dama de honor, coberta de cãs, adereçada de diamantes, pairada no quadro de que eu começava a conhecer as paredes frias, os tetos apainelados, as janelas dos fundos de subir e descer, dadas para a várzea do Carmo...

Na estralada das bichas-da-China, na fosforescência e fumaceiro das “pistolas” e dos “busca-pés”, nos pratos de fios de ovos e pudins de aipim, nos prognósticos para que se consultava o “Livro de Sortes” mais em voga, o vulto da amásia imperial, evocada em tudo isso, não deixou de me impressionar a retentiva. Teria nascido daí a preocupação que faria do menino, trinta e tantos anos mais tarde, o primeiro historiador dessa mulher, aproveitada, vilipendiada e ignorada, cortesã em chinelas e fitão de Santa Isabel, que o Brasil, exagerado e inclinado a imitações francesas, pretendeu transformar numa pródiga Pompadour...

Seria, com efeito, por volta de 1912 que, subpreticialmente sugetionado pela recordação dessa remota festa de Santo Antônio, me decidi a incursar nos domínios limitado e refletidos da História, ajuntando o que houvesse de verídico no relato dessa ligação entre o primeiro Imperador e a sua conhecida amásia. O assunto parecia-me digno de exame pela novidade do tema, numa terra aliás sempre infensa às descobertas da Verdade, mas muito disposta e caroável ao cochicho de alusão maliciosa, na esquina, às fraquezas dos seus grandes homens e mulheres de melhor reputação²⁴⁶.

Levar a tal objeto as severidades do julgamento e os rigores da devassa história seria prestar de alguma forma um serviço às nossas letras, mais amigas de repetirem as velhas crônicas oficiais e empachar-se na superficialidade de novelas e poematos, que aprofundar o inquérito às realidades do nosso passado, cada vez mais controvertido ou menos prezado. Rompi com as mil considerações antelhadas em todos os tempos no Brasil àqueles que tentam afrontar certos prejuízos, provindos de relações de família, de embaraços de amizade, do medo de não ser agradável a Fulano ou Cicrano...

José Bonifácio, Mello Moraes, Homem de Melo, Raffard e Menezes Drumond tinham já se referido em escritos aos amores imperiais da paulistana. O caso da Marquesa tombara pois no domínio público. A própria Biblioteca Nacional conservava no seu magnífico empório, ao alcance de todos os consulentes, algumas cartas íntimas de D. Pedro I, imprudentemente caídas do colo de sua favorita. Já saíra em folheto grande número delas.

²⁴⁶ A fascinação de Rangel pela marquesa de Santos culminará na obra *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*, de 1916. O autor reuniu, numa espécie de biografia, cartas e documentos públicos e privados sobre essa controversa personagem.

E o tempo, consagrado no percurso de mais de duas gerações, tinha corrido na sua ampulheta para cristalizar os fatos, lavando-os do ranço de toda exclusão personalista e do saber de borbulhoso escândalo recente. A Domitila, falecida em 1869, tinha na segunda década de 1900 as cinzas bem esfriadas para que pudesse ser posta em foco, sujeitando-a aos rigores do instrumento de recomposição e análise próprio ao exame do retrospectivo e de seus extintos atores e figurantes. Seria azada e fecunda a minha disposição de historiador estreante. Pouco importaria que o meu confrade do Instituto Histórico e Geográfico, Ministro do Supremo Tribunal Federal Pedro Lessa, casado com uma neta da Marquesa de Santos, não visse com bons olhos escabichar-se tal assunto...

Outros óbices bem mais graves se apresentariam no meu caminho de pesquisador, a displicência de certos arquivistas, morosos e falhos, a falta de catalogação no Arquivo Público Nacional, o ciúme e a má vontade de detentores particulares de certos documentos imprescindíveis, o capricho de mal entendidos escrúpulos da chancelaria americana, a destruição e as distâncias de certas fontes informativas estrangeiras, a inexistência no Brasil de papéis desaparecidos por furto ou desmazelo... Restaria, não obstante, pertinácia e paciência à minha pena resolvida a não retroceder do seu dificultoso intento.

Achando-me no Rio de Janeiro, e buscando meios de documentar-me sobre o escabroso e delicado tema, tratei de sondar o terno compassivo de conhecedores de História pátria, por sinal que bem chegados à minha intimidade e bem-querença, neste diminuto e valioso ramalhete: Capistrano de Abreu, Martim Francisco terceiro e Vieira Fazenda.

Ao primeiro havia atado relações, conhecendo-o da seguinte maneira. Numa reunião de amigos em torno do banquete ao nosso caro Leopoldo Bulhões, o velho cearense, antes mesmo que lhe fosse apresentado, aproximara-se, aproveitando as disposições desse encontro de ocasião. Muito confuso de vê-lo dirigir-se para o meu lado, balbuciei: “Mestre!”, sem saber como acudir à forma de tratamento com que deveria acolher o famoso cariri, que sabia bastante crespo e difícil nos seus primeiros contatos. “Mestre é carapina...” – interrompeu ele, crivando com seu olhar entre maligno e risonho e recolhendo na tiririca das barbas grisalhas o feixe em reserva de maiores protestos e reservas. Lembraria, que, segundo conta C. Castelo Branco, antigamente se dava o tratamento de mestre ao chefe dos tamborileiros. “Doutor!”, voltei à carga, titubeando. Não sabendo dirigir-me ao ríspido

tapuio, recaía numa trivalidade. “Felizmente não possuo diplomas... Não alisei bancos de academias. Pouco além fui do colégio do padre Braveza...”.

Nos melindres de reverencioso e polido, vi-me bastante atrapalhado, pelo que resolvi saltar a barreira de arame farpado do circunstante esquisitão e tentar a nova maneira de fisgar a casca de tão arrepiado molusco. E como quem se dispõe a alcançar alguém, atirando-lhe a amarra para além do fosso cada vez mais largo e mais profundo, murmurei quase trêmulo:

- Senhor João Capistrano!

- Encurte o nome e dispense o “senhor”... Basta Capistrano. A sua cerimônia e vexame mexem-me com os nervos...

E ele estendeu-me a mão molaça, como hesitante no seu abandono e calculado pouco calor de cordial, esquecido por momento de misantropia.

Mas, o coração bateu-me mais forte. Senti nessa manopla destratada e desfeita o elo da corrente de simpatia a amizade atenta e desvelada, com que ele sabia oferecer um croque para reter o barco de passagem e carregá-lo dos mimos da sua discernida e preciosa afeição.

Nasceria daí todo o meu apego e toda a gratidão ao carinhoso e desvelado guia e amigo, cuja crítica não se lhe embaraçava das preferências do coração fingido de inacessível... Não seria eu o primeiro, nem o último, que assim se servisse da erudição e das raras qualidades desse homem prestativo, que aparece na história das letras no Brasil no mesmo papel atribuído ao frade mínimo Marin Mersenne, no começo do século XVII, o qual foi não só amigo de Descartes, mas um agente de ligação e um excitador de trabalho, na Europa intelectual do seu tempo.

Foi nessa ocasião, na qual inaugurei as minhas relações com o meu caríssimo Capistrano, que tentei extorquir desse cariri tudo quanto soubesse da favorita imperial. Num resmungo de surpresa da sua própria ignorância a respeito, citou as cartas da Biblioteca Nacional, o Melo Morais pai e o Vasconcelos Drumond. Era pouco, senão quase nada.

O fato é que nenhum dos três queridos amigos acima aludidos sabia de Dona Domitila de Castro senão uma ou outra anedota picaresca, nascida do gosto luso de pôr os indivíduos mais graves ou importantes em fraldas de camisa e reduzir os mais sérios ao

esquema de uma historieta quase sempre ridícula, inverídica e indecente. Foi então que resolvi estender a minha reportagem, dirigindo por escrito a Eugênio Egas²⁴⁷, de São Paulo, o seguinte questionário, que por si só já indicava o grau da minha ignorância e a natureza acirrada das indiscrições a que me arrojava, iniciando esse inquérito em torno das anáguas da famosa Canto e Melo. Ei-lo, na sua íntegra, com foi disparado de minha parte aos préstimos e conhecimentos do grande amigo e servidos da história paulistana.

1. Quem veio a ser a viscondessa e marquesa de Santos? Era mulher de família e boa estirpe? A quem deveria os títulos?

2. Quem foi o seu primeiro marido? Tinha posição? Talento? Abastança? Serviços públicos?

3. Qual a data do seu divórcio? Peripécias desse desquite e as suas razões íntimas?

4. Quando se casou com Rafael Tobias?

5. Quando nasceu e morreu Tobias?

6. Usava a Marquesa o seu título mesmo casada?

7. O nome de batismo da Marquesa era Domitila ou Demithildes?

8. Qual o grau de parentesco do Coronel João de Castro Canto e Melo com a Marquesa? É exato ter sido um forçoso como o marechal de Saxe?

9. Era parente o gentil homem da câmara imperial Francisco de Castro Canto e Melo?

10. Onde e em que ocasião viu D. Pedro pela primeira vez a Marquesa? Minúcias desse encontro e inícios dessas paixões.

11. Qual o grau de instrução da Marquesa? Cantava? Tocava algum instrumento? Recitava, ou tinha outras prendas, fazia renda? Sabia ao menos ler e escrever?

12. A Marquesa e Tobias davam-se bem? Nunca houve nuvens?

13. Qual a data da partida da Marquesa para S. Paulo após o abandono de Pedro I?

14. Assistiu ela à morte de Tobias?

15. Que qualidade de gente eram os pais da Marquesa? Viviam bem? Como eram considerados na sociedade paulista?

²⁴⁷ Eugênio Egas (1863-1956): historiador que se celebrou na luta pela Abolição e pela República.

16. Quais as relações posteriores da Marquesa com a Duquesa de Goiás? Foi de sua vontade o casamento com o capitão bávaro?

17. Quanto aos modos da Marquesa, como se mantinha no lar ou na sociedade?

18. Era debochada, grosseirona ou delicada e gentil? Desperdiçada ou econômica? Aceitada ou não? Expansiva ou reservada? Cruel ou Meiga? Egoísta ou benfazeja? Sincera ou hipócrita? O traço dominante do seu caráter? Confiante ou desconfiada? Malévola ou complacente? Dádiosa ou unha-de-fome? Protegia ou não os parentes e amigos?

19. Era morena ou clara? Cor dos cabelos? Crespos, anelados ou lisos? Alta ou baixa, magra ou gorda? Os seus gostos em matéria de trajes? Comedidos ou espalhafatosos? De joias? Airosa ou não? Ciumenta ou indiferente? Gulosa ou sóbria? Seus sentimentos religiosos? Supersticiosa ou não? Beneficiante, calculada, frívola ou ponderada?

20. Deixaria fortuna? Era rica quando se casou com Tobias e quando se ligou a D. Pedro? Quais os seus haveres?

21. De que era acusada a Marquesa em seu tempo?

22. Quais os favores que recebeu de D. Pedro?

23. De que morreu a Marquesa? Incidentes ligados à sua morte. Onde foi sepultada?

Propondo-se a levantar, nos domínios da História do Brasil, alguma lebre corrida da várzea do Carmo ou do palácio de S. Cristóvão, o inoportuno e curioso que me fiz, não se socorreria em vão do obsequioso detentor de tantas tradições piratininganas. E assim foi que, ponto por ponto, e antes de Antônio Egídio e do querido Affonso d'E. Taunay, meus bondosos colaboradores nas cascavilhagem dessa crônica de amores imperiais, Egas desfiou-me quanto lhe seria dado saber sobre D. Domitila. As respostas às minhas desabaladas interrogações não tardariam. Publico-as em homenagem ao préstimo daquele que me ofereceu, ajudando-me no início das pesquisas que, no meio acanhado e infenso à particularidade de tais estudos, devendo durar uns seis anos, não seriam obtidas do pé para mão... Pelo que se verá, não são todas as informações exatas nem completas, mas serviriam como essas pedras que, sendo apenas um casco bruto, prenotam a riqueza da grana.

“1. De uma família de militares e de origem fidalga. Deveu títulos de boas graças de D. Pedro I.

2. Felicito Pinto Coelho de Mendonça, Alferes de Milícia. Possuía alguns bens, era lavrador em Parnaíba, homem estimado, oriundo de Minas Gerais.

3. Ignora-se. Consta do inventário da Marquesa que Pedro I impôs o divórcio.

4. Casou-se com Rafael Tobias em 1842, antes da revolução desse ano.

5. Ignora-se.

6. Sim, mesmo casada usava o título.

7. O nome da Marquesa era Domitila.

8. Presume-se que era irmão da Marquesa.

9. Era seu irmão.

10. Em S. Paulo, na ladeira de S. Francisco ou de Ouvidor, quando D. Pedro chegou em Agosto de 1822, e a 7 de Setembro proclamou a Independência. Quem a apresentou a D. Pedro foi o irmão dela Francisco de Castro Canto e Melo, ajudante de ordens de D. Pedro.

11. A instrução era pouca, mal assinava o nome, entretanto, era muito agradável no trato e conversação. Enquanto ao resto, nada consta.

12. Não consta que houvesse desavenças entre eles.

13. A Marquesa voltou para S. Paulo depois de D. Pedro I casou-se com D. Amélia, ou pouco antes, enfim a separação foi causa desse casamento e D. Pedro comprou-lhe tudo. Daí a origem da grande fortuna da Marquesa. Rafael Tobias também foi muito rico, já o era quando se casou com a Marquesa.

14. A Marquesa chegou a Santos, a bordo do vapor Nacional “Piratinim” então comandado pelo Tenente Pereira da Cunha, em 7 de março de 1857, tendo nessa ocasião presenteado àquele Comandante com um rico tinteiro de prata com dedicatória.

15. Viviam abastados e possuíam bens em Portugal, depois que a Marquesa passou a ser dama de honra de D. Leopoldina.

16. Ignora-se.

17. Muito delicada, atenciosa, esmoler expansiva, religiosa porém vaidosa. Em público era de modos corretos, apresentando-se sempre em todo rigor e era mulher de salão. No lar era singela.

18. Respondido em parte acima. Quanto aos mais nada se sabe.

19. Era clara, cabelos e olhos negros, cabelos lisos, alta, elegante e bem feita, cheia de corpo. Belíssima mulher em suma. Vestia-se no rigor da moda e sempre com fino gosto. Amiga de joias, tinha-as valiosíssimas. Temperamento desigual. O retrato de D. Pedro que ela trazia no pescoço era como o que está no Museu de São Paulo, D. Pedro, de costeletas, fraque abotoado, com as luvas presas entre os botões do fraque.

20. Quando se ligou a D. Pedro era pobre, deixou porém grande fortuna, que foi calculada, entre joias e bens, em cerca de mil contos. Era já rica quando casou com o Brigadeiro Rafael Tobias, pois nada herdou do mesmo.

21. A Marquesa era acusada de levar vida airada com D. Pedro, e de negociar com favores que podia obter de D. Pedro. Conta-se que ela recebeu bastante pela nomeação de um Bispo de S. Paulo, do arcebispo da Bahia (Marquês de Santa Cruz) e por ter conseguido a convocação de uma Assembleia legislativa.

22. De D. Pedro recebeu todos os favores que quis e impôs. Títulos para si, seus Pais e filhos, riquezas e posição. Foi a imperatriz do Brasil desde 1822 (fins de Agosto) até o casamento de D. Pedro com D. Amélia.

23. Faleceu de velhice e diabete em 2 de Novembro de 1867, com poucos dias de doença e está sepultada no cemitério da Consolação em S. Paulo. A escritura de seu inventário é muito importante e existe no 2º cartório de órfãos de S. Paulo. Por ocasião da sua morte, viúva de Rafael Tobias, era muito considerada. Na velhice praticou a virtude em todas as suas mais elevadas manifestações, mas nunca foi beata. Quando o 7º Batalhão de Voluntários Paulistas foi para o Paraguai, ela deu 5\$000 a cada praça, e certa quantia a cada oficial, gastou nesse dia, cerca de Cinco Contos. A entrega ela mesmo fez no Ipiranga, no lugar em que D. Pedro proclamou a nossa Independência. Depois de casada e mais tarde como viúva, foi sempre virtuosa.”.

Parti desses grãos de informação, valha a verdade, nem sempre dos mais rigorosos como exatidão para chegar ao livro compacto que, um tanto intrepidamente, dediquei ao romance e deslizes amorosos de D. Pedro I. Calcando nesse gênero de rebuscas, apenas iniciado com bastante escândalo, na época, pelas descobertas e caturrices de dois ou três velhos cronistas, traria eu um pouco de verdade, que tanto necessitamos, tirando-a exclusiva e limpa, a palitadas, do fundo do seu caramujo.

A literatura proveniente desse tomo, saído em 1916 e reproduzido em 1928, sobre as relações entre a Marquesa de Santos e D. Pedro I, esparziu-se na repetência de uma onda, que vai do romance da peça de teatro à simples “variedade” do jornal. Não parece terem-se enriquecido com joias de alto valor as demonstrações do espírito nacional, aplicado a espichar o tema da Marquesa, o que não impede houvesse o assunto aproveitado à bastante gente, rabiscadores de seara alheia, caçadores impaciente de retalharem o seu bocado na carne do bicho já encontrado morto, no canto da floresta, pela flechada do outro.

56. O ASPIRANTE

Fruto imediato de minha maior liberdade de ação e desembaraço de espírito, fora do arrocho do São Luís, foi “O Aspirante”, jornalzinho mensário do qual se publicaram alguns números, na capital de São Paulo, em 1886. Certa cócega de escrever, que começara a pruir-me naquele secretariado dos nove anos na rua do Ipiranga, elaborando algumas cartas particulares do bom fazendeiro Francisco Camargo, brotoejou-me de modo um tanto dramático na lauda oculta no baú rachado do dormitório do Itu. Renovou-se bem caracteristicamente a tendência do plumitivo nesse promissivo “órgão da nossa Imprensa”, intitulado “O Aspirante”.

No menino brasileiro parece isso um fenômeno dos mais comuns. Só o que parece distingui-lo nessa mania deve ser a escolha dos respectivos títulos a dar às folhazinhas temporãs e tão pouco duráveis, as quais apareçam, denunciando-lhe as tendências ainda obscuras, na fresca argila em que se amassa o molde do homem futuro. Raul Pompéia, no Colégio Abílio, redigia e ilustrava o “Archote”. O título dos mais bem escolhidos daria logo a ideia do menino de doze anos, que deveria tornar-se nesse incendiário polemista de “O Bohemio”, o rancoroso panfletário de “As joias da Coroa”. Alcindo Guanabara, enquanto estudante, chamou o seu, “Arauto”, que lhe deveria anunciar os grandes triunfos do seu jornalismo futuro, no qual tomava por grandes causa nacionais o que se achava ligado a seus interesses particulares. Euclides da Cunha, aluno do Colégio Aquino, dirigiu “O Democrata” que, pelo título, já mostrava as preocupações republicanas e socialistas do rapaz, ardido nas primeiras armas da desorientação e inexperiência políticas, em que perseveraria sem se dar pra isso à maior reflexão. Alberto de Sousa e Gastão Bousquet fundaram e redigiram a “Revista”. O poeta baiano Rebelo Júnior, nessa mesma idade publicou “O Porvir”. Aos onze anos Lúcio de Mendonça redigiu o semanário “Aurora Fluminense”, pedindo à luz de seus primeiros dias o que pudesse iluminar-lhe a confusão e o combate de um jacobino na estacada. Vieira de Almeida, poeta matogrossense, ainda aluno do Liceu Cuiabano fundou o “Liceuista”. O primeiro jornalzinho de Medeiros e Albuquerque chamou-se “O Patusco”, como aquele que se publicava em Ouro Preto, no correr de 1879. Não posso avaliar quanto realizou nesse gênero e alusão o poeta e acadêmico, em cujo caráter deveria prevalecer todo o significado dessa denominação pouco

séria. No “Aspirante” sei eu que, se aspirei a muita cousa, deveria quase nada realizar, considerando o delineio de meus cândidos projetos... Concorreu, talvez, de modo imediato, ao meu pendor tão prematuro pelo jornalismo, o fato de ter meu pai ficado a substituir por algum tempo Pelino Joaquim da Costa Guedes, a pedido deste, na direção do jornal paulista “O Ypiranga”.

Nascera a gazeta desse nome em 1843, de propriedade do brigadeiro Tobias. Redigia-o Gabriel Rodrigues dos Santos. Reapareceria em 1867, tendo por diretor a Candido José de Andrade para defender o governo de Tavares pai. A sua propriedade foi transferida a Salvador Mendonça, que manteve o jornal até 1869. O título de Ypiranga pertencera pois sucessivamente a três outros jornais, que não deviam muito durar, embora o de Andrade, representando o partido progressista, muito se achegasse aos calores do Tesouro Provincial. Por sua vez, Pelino, que o adquiria em 1883, deveria amamentá-lo na teta oficial, contratando a publicação dos debates da Assembleia.

Os catálogos da imprensa paulistana, organizados por Lafayette de Toledo e Afonso A. De Freitas, e publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, registram a existência de um certo “Aspirante” no ano de 1886, na capital daquela província.

Na tipografia desse jornal teria sido impresso em 1889 o “Voluntário da Pátria”. A ocorrência proposital de idêntico nome de batismo, no correr do mesmo ano, não seria cômodo para as duas publicações ora citadas. Deviam ter os dois “Aspirantes” existido sem saber um do outro. Considerando por um momento tudo quanto me atraiu em torno do nosso “O Aspirante”, não é demais lembrar o interesse que desperta todo periódico na osmose das suas oficinas para a luz da publicidade.

A minha pouca idade não devia escapar ao ofusco da instituição da imprensa, mesmo vista por dentro. Ignorando tanta cousa, desconhecia-lhe os males, cuja crítica para o caso brasileiro, encontraria eu mais tarde consignada em “Memórias do escrivão Isaiás Caminha”. Muitas dessas “tendas de trabalho” aparecem como furnas de corrupção, locandas de vaidade, grotas de anonimato, oficinas de exploração das menos recomendáveis. “O Aspirante” não teria sido senão um filhote ingênuo, desplumado e goguento do esporudo e rabudo “Ypiranga” e outros galináceos da nossa Imprensa, quer

fossem galos da Índia ou simples perus-de roda. As visitas que fazia ao escritório e tipografia do “Ypiranga” pela mão do Quincas, levaram-me a considerar a fazeta do Pelino uma espécie de laboratório do Doutor Fausto, uma repartição das mais obscuras e trabalhosas, capaz de produzir as piores catástrofes e bem assim levantar os próprios mortos e salvar as situações mais críticas com três linhas apenas ditadas pelo governo ou sopradas pela Oposição.

Nessa toca de publicidade a figura do “caixa” era como em quase todos os jornais, evidentemente mais importante que a dos redatores, noticiaristas, repórteres, tipógrafos e impressores. Sobre esse balanceiro das cifras dos lucros e perdas do jornal é que tudo se fundava... Quando ele sentisse a gaveta vazia, a casa agitada fecharia as portas, volatilizar-se-ia o espírito e ciência da suas principais cabeças, a máquina de impressão ficaria toda engasgada, os “linguados”²⁴⁸ vazios de tropas, a cartabuxa desempregada, a tinta secaria nos rolos do prelo. A atmosfera do “Ypiranga” era a do bazar, cujo segredo de marcha repousava num repentismo bem sortido de a propósitos, exigido pela rotatividade diária ou periódica da produção forçada, toda presa pelo trabalho quase sem tréguas, aos elos da cadeia dos sucessos diários, e toda dependente do talento ou habilidade de quem os interpretasse ou explorasse.

O artigo editorial de oposição ou apoio ao Governo, o anúncio da loja de fazendas ou do escravo fugido e a notícia policial punham-se o eixo da mesma preocupação: a venda diária e o número de assinantes. O vidro de cola e ao tesourão dos retalhos para as transcrições, as tiras das “provas”, o galeão com a crônica escandalosa, o artigo de fundo ou o folhetim sensacional, a pedra mármore e a esponja, a dança do quadratim para o componedor e vice-versa, o cheiro ativo da tinta, o prelo à mão, no seu jogo de bulha ritmado e de última hora, tudo no “Ypiranga” vivamente interessava ao menino curioso e diligente.

Tratavam-se de cousas diferentes dos compêndios da aula no Moretzsohn e das flores plantadas nas aréolas do Bom Retiro. A minha razão incipiente, o meu rápido e sumário julgamento das cousas não poderia admitir que dentro de uma casa daquelas, como

²⁴⁸ Trecho manuscrito, quase ilegível. A solução aqui transcrita e proposta nos soa a mais adequada ao sentido do texto.

a do “Ypiranga”, se precisasse mais aprender ou corrigir-se, senão só bancar de mestre, fiscalizar os outros e dar lições a todo o mundo... Entretanto, nessa oficina seria permitido ao primeiro recém-chegado, bater moeda falsa, explorar o reclame em proveito próprio, falar de cadeira coroadado de inépcia, tapar o sol com a peneira, ofender impunemente a honra alheia, fazer do branco-preto, servir à inveja e à calúnia, negociar com os sentimentos e interesses alheios, excitar a criminalidade irresponsável e coletiva das turbas, espremer as tetas do Tesouro... E tudo isso sem que os Códigos o impedissem e a Lei se fizesse de tola para embaraçar os negócios particulares nessas casas de comércio das consciências por atacado e a varejo...

A legislação brasileira quase nunca haveria de encontrar meios eficazes de reconhecer e punir o abuso da imprensa. A chantagem, a “mofina” e o “testa de ferro”, tornados uma flora suscetível de fácil sementeira e pronta reprodução, peculiarizaram a depravação dos nossos costumes públicos, desabrochados no mensário, no semanário ou na folha do dia. Murchado nos ares o jornalismo de ideias e pura propaganda partidária, ficou a custosa máquina do anúncio, a rotativa do preconício comercial, superalimentadas nas mamas do Erário e da Matéria paga. Ferreira de Araújo cedera o seu lugar ao luso João Lage, porta-voz e caixeiro do Pinheiro Machado, cognominado João Gazua por suas entradas laterais nas arcas do Tesouro Público.

Tornaram-se certos periódicos mais populares criação hábil do mau instinto e do desvio do senso geral em favor das exigências da publicidade, próspera no lucro e na degradação moral de tantos ocupantes dos seus baluartes e balcões. Por isso, e com toda a razão, todas vezes em que por toda parte se pensa salvar o país, a primeira medida tem sido subsidiar, empastelar ou arrolhar o jornal. Não há, com efeito, melhor instrumento de dolo e confusão, que essa espécie de cadinho onde tantas vezes se fundem a Eloquência e Bom Estilo nas intenções celeradas de Robert Macaire²⁴⁹, armado de uma pena como de um bacamarte ou chave-falsa.

²⁴⁹ Robert Macaire: ladrão, assassino e impostor, que junto ao companheiro Bertrand, forma um par de canalhas interessados em enriquecer a qualquer preço; são personagens do desenhista e caricaturista francês Honoré Daumier (1808-1879).

Cogumelo, complicado nos segredos e disfarces de sua contextura específica, o jornal é também difícil de distinguir qual seja o perigoso e útil. Muitas vezes o “chapéu” é o mesmo, mas isso não basta a discernir o bom do prejudicial. O veneno anda-lhe às vezes bem disfarçado nos entrefolhos da casca. A imprensa periódica, sendo uma criação própria à independência e à liberdade, destinada à simples informação ou defesa de certos princípios generosos, não passa muitas vezes do instrumento da ambição, da ignorância, da má fé, da servidão e da intriga. Mesmo quando tornados um arauto dos sublimes direitos e deveres da expansão do pensamento e de sua crítica indispensável, não se lhe medem os males provenientes das razões que o justificam. Principalmente nas sociedades recentes, instáveis, ignaras e mal formadas, em que o critério de juízo público não se argamassou ainda nos alicerces de uma forte e extensa cultura, sustento do poder de uma crítica geral, o artigo, o anúncio, a notícia podem facilmente provocar os efeitos mais perniciosos, falsear a opinião, solapar as bases da existência nacional...

À mercê das forças do ganho material, agitada pela audácia, talento e imoralidade de um homem ou de meia dúzia de indivíduos, montados nas suas ameias editoriais, e dispondo da fraqueza, do medo e da credulidade receptivas e plásticas da rua, nenhuma instituição humana com a Imprensa é tão capaz de desastres, que importam no seu emprego de ultrapoderosa e irresponsável mala da Civilização... Sobretudo depois que tudo se monopolizou e industrializou.

Quem poderá resistir na verdade à ação deliquescente desses focos de perturbação do senso público, quando é tão comum entre nós garantir-se a autenticidade do fato, a idoneidade do parecer, a legitimidade do raciocínio, com esta frase de reles convicção: “Isto é tanto certo que veio do jornal...”.

É impossível que, tratando de tal assunto, não se venha a recair na alusão e julgamento das pessoas. A imprensa é tanto o prelo como o redator, tanto a máquina como o indivíduo. Terão todos aqueles que manejam uma pena no jornal, além do preparo intelectual, o seu moral em termos e mesmo a sua folha corrida? Acocorados atrás do papel em que injuriam, insinuam ou desfiguram os homens e os fatos, como despi-los da impunidade em que se entrincheiram?

Que valeriam, na verdade, sob o ponto de vista de sua moralidade intrínseca, Rensburg, Von Koseritz e Líbero Badaró, estrangeiros intrometidos nas nossas desavenças políticas, Justiniano José da Rocha, sucedido com menos probidade ao talento e independência de Evaristo da Veiga, e Alcindo Guanabara, barbudo e sem entranhas, que levaria Gentil de Castro a ser vítima da bárbara matança de 1897 pela jacobinagem carioca por ele exasperada? E os Mário Rodrigues e outros?

Quem seria Pelino Guedes, o xingaraviz, espichado no seu mutá de caça erguido no “Ypiranga”? Muitos anos depois, se encontrava este jornalista pernambucano bem popular no Rio de Janeiro. Antigo professor de português no Recife, na Escola Normal de São Paulo e de pedagogia na do Rio de Janeiro, gazatilheiro aleluítico e dotado de certa facúndia e mofosa literatagem, biógrafo de Ministros de Estado em exercício... Acabou os dias de velho e irremessível solteirão, primeiro Oficial da Secretaria dos Negócios do Interior e Justiça e diretor da mesma. Satirizou-o Lima Barreto, em “Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá”, e tornou-se objeto dos dichetes dos jornais da oposição, como *alter ego* do político baiano Joaquim Seabra, então Ministro do Interior.

Bem que nascido em 1858, a idade do Pelino tornara-se-lhe indeterminada. Aproximavam-na da de Suzanne Castera, uma proxeneta das mais caritativas, antiga artista do Alcazar, muito conhecida nas rodas alegres e patuscas da cidade, que por pilhéria e malignidade a consignavam em seus últimos dias como “viúva de Pedro Álvares Cabral”. Nesse tempo, as rodas vadias da rua do Ouvidor, inclinadas à maliciarem a propósito de tudo, deliciavam-se com o Pelino e o doutor Eunápio Deiró, um velho mulatão, parlamentar do Império, cronista de boa vontade, em suas horas vagas de funcionário aposentado.

Certa conformação física mais secreta deste último, havida como bastante exagerada, e o bigode daquele, que na sua face cadaverosa, revelava a intenção pictural de êxito pouco satisfatório nesse gênero de camuflagem estética, faziam as despesas correntes dos trocistas da época. Todo mundo conhecia e citava o burocrata Pelino, se bem que só a gente mais antiga de Pernambuco lhe soubesse dos subterrâneos. Mosqueteavam-no os versinhos contumazes e ferinos da malícia popular e que o salpicavam de rimas fáceis e pouco substanciais, da qualidade das que corriam em sua terra, no tempo de D. José César

de Menezes ou do marechal Luís do Rego Barreto²⁵⁰. A musa aleivosa e rueira do Rio de Janeiro picava-lhe a figura singularizada do modo que procuro indicar:

*A “Negrita”, meu menino,
tinta que mais apraz,
Bota seu melhor cartaz
No bigode de Pelino.*

*O Brasil anda mofino,
Sem saber por que vai mal.
Há de lhe ser bem fatal
A caveira do Pelino.*

A pena corredia desse funerário sujeito aplicava-se no “A pedido” e na “Seção livre” dos jornais e nos “papagaios” da sua inseparável Repartição. Dançava o anelido a música que lhe tocavam. Era sempre objeto de encomenda o que lhe escorria da pluma serviçal, fosse informação juntada ao requerimento ou o esteio retórico de apoio aos amigos do Governo. As suas vacilações não seriam nunca de ordem eleitoral; astuto disciplinado, não conhecia outra situação política senão a dominante. Muito sabido nos códigos do funcionalismo, a cabeça tornara-se-lhe um repertório completo de leis, avisos e portarias. Um Larrouse da Burocracia. Para cada questão trazia logo a data do decreto, o número do despacho, o termo do regulamento do acórdão ou decisão. Tinha claridades especiais para destrinçar o direito das partes, e bom julgado da hermenêutica administrativa. Os Ministros sucediam-se, procurando guiar o barco pela luz desse farol da nossa Legislação, pintado de preto para enganar os tolos, parecer menos velho...

A minha mãe, em 1887, mandar-me-ia visitá-lo, para que, avivada a memória dos benefícios devidos a meu pai, me ajudasse a achar ocupação honesta, cuja remuneração me facilitasse a carga dos estudos superiores.

A más horas foi posta em prática a lembrança da viúva. Enfiei-me, para isso, nas calças de casimira de listas e no fraque azul marinho, que haviam pertencido ao Quincas.

²⁵⁰ D. José César de Menezes: capitão-geral e governador de Pernambuco entre 1774-87; Marechal Luís do Rego Barreto: governador pernambucano no período de 1817-21.

Devidamente aparados por alfaiate de boa vontade e sobretudo muito módico, foi permitido que ainda os aproveitasse. Fraque semelhante vestira também José de Alencar, parado, em 1840, defronte o Colégio de Instrução Elementar, na rua do Lavradio.

Nenhum motivo seria dado de regozijar-me do encontro em que inaugurei essa vestimenta do melhor requisito. Pensando encontrar o apoio da gratidão, esbarrara com outra coisa muito menos respeitável. Escapo do incêndio da conhecida cidade bíblica e maldita, conservara o Pelino, no seu complexo de heredo, bem pouco recalcado, a chamusca inconfessável que o levava a tentar confundir-me o fraque com a túnica de efebo e príncipe troiano, o qual acabou copeiro dos Deus e presa fácil de certas condescendências.

Jean Jacques também não se felicitaria do encontro desse Mauro, que tanto o repugnou. Um aviso à porta do homem anômalo preveniria os menores desacautelados e impedi-lo-ia de tomar a nuvem por Yuno, o filho todo pudico do amigo morto pelo degenerado comparte da “boa ocasião”... Plutarco refere-se a um certo Capitulino, condenado pelo cônsul romano, pai de Marcelo, que fora objeto das más inclinações do dito Capitulino, como ao vicioso do mesmo gênero Lúcio Flaminino, expulso do senado por Catão, por haver imitado Orfeu e os trácios nessa extravagância. Pelino seria mais feliz que Capitulino e Flaminino; nunca houve tribunal ou censor que o chamassem a contas...

Mas, depois de tantos circunlóquios voltemos ao “O Aspirante”. Era em duas colunas o jornaleta, e não media talvez mais que vinte e quatro centímetros sobre dezesseis; do tamanho quase do “Diário de Pernambuco” e do “Correio da Baía”, em 1829, e maior que a “Gazeta do Rio de Janeiro”! É ver quanto jornal manuscrito ou tipografado sai do meio dos colegiais por todo esse Brasil afora! Experimentam as cabecinhas de vento sua opinião de letras e publicismo numa profissão de que não advinham a via celerada, os cravos de tantos tropeços e a conta de suas malsinações...

Dir-se-ia o jornalismo, para o qual já olhara de esgelha e condenara, reduzindo-o à sua expressão mais simples, o gênio de Augusto Comte, ser a forma mais nociva desses germens de toxinas, que nadam no caldo de bactérias de nossa cultura incipiente, não poupando nem a adultos nem a menores. Há uma lesão, seja de ordem anatômica ou simples perturbação de caráter funcional, que costuma produzir a “paralisia infantil”; a mania do jornal generalizar-se-ia entre os jovens brasileiros numa espécie de choréa

infantil. Por outro lado não posso dizer fosse eu totalmente responsável do nascimento e recheio de “O Aspirante”, a começar pelo título, pois encontrei em meu tio Franklin um poderoso Cirineu²⁵¹ para me ajudar, monopolizando-se na criação e manutenção do “novo órgão”, onde se inscrevia o meu nome todo, mas que era redigido efetivamente por ele, quando nosso hospéde de São Paulo.

Com efeito, esse meu parente, que arranjara uns bons cobres, ganhos no pedágio da estrada da Graciosa, no Paraná e viera começar a esbanjá-los na terra de Amador Bueno, esvaziando as papelarias e bazares de cromos e toda espécie de quinquilharia vistosa e barata, para revendê-los em Piraquara, naquela província, suprira as primeiras despesas de impressão e escrevia os artigos de fundo do jornaleco, pois à força de emendar-me não me deixava onde botar a limpo a pena incipiente.

Dispo-me hoje das penas da gralha, dou o seu a seu dono. Recordo-me de haver ele lançado por minha conta: “Amplíssimos em suas múltiplas formas pode-se dizer, a literatura tornou-se como que a feição proeminente do presente século, pois a inteligência tem nela horizontes vastíssimos a percorrer.” Lauro Sodré, qualquer Acácio²⁵² e papamoscas de nossa Academia de Letras não escreveria nada melhor.

Incapaz, mesmo em criança, de um tal esparramo de lugar-comum, desisto das honras de sua autoria, repilo de mim a nódoa de sebo desse período, desdobrado na cascalheira do que já foi dito e conhecido. Alivia-me a ideia de que a colaboração de Franklin é responsável, pelo menos, de noventa e cinco por cento do peso e inchação das minhas pretendidas primeiras tiradas e elucubrações no “O Aspirante”.

²⁵¹ Cinireu: segundo os evangelhos, ajudou Cristo a carregar a cruz em seu caminho até o Calvário.

²⁵² Lauro Sodré (1858 -1944) foi militar, professor e político (exerceu os cargos de Deputado Federal, Senador e Governador); Acácio: referência ao Conselheiro Acácio, do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, personagem famoso por ser representar um intelectual de “fachada”, pleno de conhecimentos superficiais.

57. TIO FRANKLIN

Esse meu tio Franklin, antes de estabelecer-se como arrendatário e peageiro da Estrada da Graciosa, no Paraná e encalhar como negociante de grosso e a retalho na vila de Piraquara, correrá os sertões da Paraíba do Norte atrás de alguém, que não lhe respeitara certos direitos conjugais dos mais exclusivos. Não sei se encontrara o rival nas catingas de Taperoá ou S. José das Piranhas e lhe metera nas costelas a pajéu, peculiar às desafrontas jagunças dessa natureza.

Na sua busca e odisseia, afastou-se por longos anos das relações de nossa família. O coração de Otelo pulsaria-lhe aos saltos sob o gibão de couro de veado. Talvez fosse mesmo por causa de algum lenço, como aconteceu com o Mouro de Veneza... Desconfio que, se encontrasse o rival, seria capaz de estripá-lo e queimá-lo a fogo lento. Questão de disposições de cangaceiro e tapuio para demorar e saborear a justiça da vingança que lhe fosse mais a peito.

Ponho aqui à margem esta historieta, que tenho a honra de apresentar com este título, e dedicada à memória do fura-matos, zangado e ciumento, às pernadas de ciumento nas fraldas da Borborema:

“A MÁSCARA AZUL DO ADULTÉRIO

O discípulo de Bacon e Paracelso inventara uma injeção de tal ordem que, aplicada às mulheres na ocasião do casamento, ficariam estas com o rosto azul quando adulterassem. No dia seguinte, mal se espalhara o boato dos efeitos de tão abusiva invenção, casadas e viúvas, solteiras e divorciadas apareceram nos bailes, nas visitas, nos passeios, lavando a roupa, cozinhando, passeando nos jardins, batucando no piano ou na máquina de escrever, recitando versos, costurando ou bordando, e mesmo apresentando-se às eleições, todas de cara azul. Tinham ido buscar à Moda o arrebique geral, que seria um remédio preventivo, despistando-as da indicação indiscreta pelo serum do alquimista”. – Um traço, para separar o apólogo do que se continua.

Nas férias de 1889, privei muito com o tio Franklin, em Piraquara. Era um povoado paranaense com caboclos, serrarias e uma estação de caminho de ferro, próximo ao Iraísinho e a alguns quilômetros de Curitiba. Delicioso e rústico recanto, quando me hospedei em sua casa durante um mês, se tanto. Temperamento adstringente de pirrônico e

voluntarioso, provindo dos antigos e rançosos Arrudas, o meu velho tio, com a energia quase toda feita de paciência e desconfiança peculiares à nossa matutada, que muito frequentara, mascatenado entre Itabaiana e Cajazeiras, vendendo e barganhando no balcão de Piraquara.

O ciúme encontrava-se perfeitamente bem no seu ânimo um tanto primitivo e insolente. Pelo mais simples motivo, ou antes sem fundamento, subia às perigosas alturas do rancor insopitável. Distraía-se dessas tensões passar dias inteiros a ajuntar e recortar cabelos e selos, para aplicá-los aos taquinhos nas paisagens que desenhava pachorrentamente, ou a decifrar as charadas e logogrifos dos almanaques e folhinhas, que lhe caíssem nas mãos. Ah! Se no seu tempo já houvessem inventado o entretenimento das palavras cruzadas! O seu forte era, porém, redigir artiguets mandados à seção livre das gazetas liberais, no tom acre e partidista, que lhe sabia às entranhas de político estreito, cabalista e virulento.

Concentrava ele seus ódios e preferências, afinando-os ao credo político, adotando mais pelo gosto inato da discussão e do rancor, que por qualquer outro motivo de convicção mais respeitável. Amador da disputa, caloroso amigo dos litígios, excitava-se ele, defendendo os correligionários na linguagem violenta do seu diapasão natural e em escritos ferinos e inconsequentes, que semeavam o terror do nortista surgido, sem se esperar, do canto de gazeta, pronto a tudo sacrificar e perder, como da boca da grota, rodeada de facheiros e macambiras no âmago do sertão, o facalhoz do matuto, reluzindo-lhe na unha...

O toleirão poderia ter-se aproveitado dessa aptidão de combativo para colocar-se como tem acontecido, nalgum emprego na Fazenda, do Interior ou da Diplomacia, forçando a mão dos que lhe temessem a oposição da têmpera acre e mal disposta... Deter-se-ia ele na inclinação desse feito árdego foliculário, divertindo-se a escrever nas colunas do "O Aspirante". Perdia o Franklin por ser pouco instruído, mal orientado e muito desconfiante, como tante gente de bastante espírito e melhor formação. No seu caso isso se agravava, porque quase não aprendera a ler e pouco se afizera a domar seus instintos e paixões. Raiando o analfabeto, escrevia, contudo, como qualquer jornalista mesmo conceituado e primoroso no seu ofício corrente. Envolvia-se em lutas eleitorais, sendo temido pelo que

dizia abertamente nas folhas e pelo que pudesse decidir com o bacamarte possível ou a "pernambucana" inseparável, disfarçada na cinta.

Se cabe a ira numa formiga, como notava o padre Vieira, quando mais no coração que a vida despejara do menor abono de boa fé só via por toda parte a trapaça e o crime correrem pela freguesia! Suspeitoso e disposto às do cabo, acreditou o velho parente, alguns anos depois da escrevinhança no "O Aspirante", que eu lhe desencaminhasse a enteada postiça, a filha dessa "costela", arranjada no Paraná, e a qual lhe facultava esquecer, em tão diferente e risonha latitude, a traidora do Paraíba. Mancebo, bastante reverencioso, revoltou-se a imputação de pouco acato ao teto de parente velho que me hospedava.

Já era morto o tio Franklin, quando essa moça, em 1894, resolveu de si mesma, e já casada, talvez com pena de ter sido eu acusado tão injustamente, lançar-me aos pés, com excelente resultado para ambos, na experiência de ordem sentimental das mais recíprocas, o seu manto de mulher de Putipnar²⁵³.

Lembro-se quanto ria, a mimosa desmiolada, oferecendo o peito desnudo e sem defesa, no simples aparelho da camiseta enfeitada de rendas da terra, referindo-se aos antigos rigores e descabidas suspeitas do "seo Franquelin", que afinal previra o que ia acontecer e se deu afinal por sua culpa, esse irrespeito, que me atribuíra falsamente e tempos depois tudo obtivera, à força do consentimento e oferecimento da voluntária vítima, por ele abroquelada no seu escudo de desconfiante e injustiçoso ciumento, guardador da honra da família torta.

²⁵³ Referência não localizada.

58. LÖFGREN E OS SAPOS

No “O Aspirante” colaborava o saudoso Alberto Löfgren, meu professor de desenho e ciências naturais, no colégio Moretzshon. Recorda-me que ia a sua casa, na Consolação, buscar cadernos de desenho e lápis de cor, que me fornecia, com generosidade desconcertante, principalmente sabendo-se que ele, quando embarcara na Suécia, para o Brasil, trouxera nas bagagens algumas caixas de penas e umas resmas de papel, pensando ser em nossa terra esse material excessivamente raro e caríssimo.

Nesse tempo, era ele um ruivação com a barba fluvial dos gnomos germânicos, se não fosse a do próprio Gutemberg. Filho de Estolcomo, pertencera a esse grupo de botânicos que nos vieram despachados da Escandinávia ao Brasil, tais como Regnell, Dusen, Ule, Lineberg, Henschen, Lindmann, Mosen e Malme. Dir-se-ia que Lineu²⁵⁴ os houvesse mandado como seus legados especiais, nomeando-os do fundo de seus herbários mofados.

Expediu-se Löfgren da península nórdica numa expedição científica. Tinha uma grande atividade. E divertia-me vê-lo, ao lado de Dona Emma, a sua diligente e boa mulher, mais loura que a espiga das gramíneas quando acabam de amadurecer, a construir higrômetros e outros instrumentos da física. Löfgren apanhava pelo chão tudo quanto precisava: os pregozinhos, o martelo, as cordas de tripa, a serrinha, a tesoura, os fios de crina de cavalo... Dava ele o nome de “prateleira” ao soalho em que pisava e onde se lhe espalhava a miudeza dos apetrechos mais precisos.

A primeira vez que vi uma máquina de eletricidade estática foi sob os cuidados de Löfgren. Era a almanjarra de Ramsden²⁵⁵, contemporânea de Diderot e sua Grande Enciclopédia. O enorme disco de vidro, carregado positivamente pelas escovas atritoras, mandava à terra as suas descargas negativas: por outro lado, dois pentes captavam o fluído misterioso de sinal menos, reservado ao condutor isolado, o de sinal mais.

O estranho aparelho de vidro, metal polido e efeitos de luz crepitante, tinha tanto de um brinquedo, como de uma máquina infernal. Na sua vizinhança não me tinha por muito

²⁵⁴ Carlos Lineu (1707-1778), ou Carl Von Linné, célebre botânico sueco, criador da classificação científica dos seres vivos e chamado “pai da taxonomia moderna”.

²⁵⁵ Almanjarra de Ramsden: referência à máquina de Ramsden, equipamento eletrostático que gera potencial elétrico. Foi inventada em 1766 pelo mecânico britânico Jesse Ramsden (1735-1800).

seguro. Poderia aquilo desengatilhar-se por si mesmo, não se contentar da emissão de raios perigosos...

Em dado momento, a convite do operosíssimo Löfgren, pus-me de pé num tamborete calçado de vidro e toquei na esfera, que a sorrir, o sueco me indicara. Estendendo os braços, em minha direção, o professor começou a tirar-me da pele uma chusma de faíscas. Dei um pulo de susto para me afastar de junto do dispositivo, que me empanturrava de centelhas. Essa atafona fantástica apareceu-me tão estranha quanto prenhe de surpresas e frutos diabólicos, no futuro. Debalde e solícito Löfgren explicou-me a natureza a marcha daquele esquisito engenho de alta bruxaria. Por mais que me tranquilizasse e descrevesse tudo o que de bem poderia resultar desse aparelho, eu me reduzia ao fundo de mim mesmo, atarantado do que me punha o professor a descrever e conjecturar a propósito daquela armação produtora daquilo que, até hoje, não se sabe o que seja!

Foi ainda muito abalado e roído de mil suspeitas, que ouvi o mestre, abandonando a manivela da máquina, recitar um pequeno discurso adaptado àquela lição prática de física, com que procurava divertir-nos e interessar-nos à ciência de Atwood e Galileu. Nessa experiência, afirmava o ruivacento peninsular nórdico, revelava-se a força das forças, essa Eletricidade, que transformaria o mundo, fazendo-o sem dúvida melhor. Haveria de sair dos punhos da fada faiscante uma batelada de cousas novas, a luta contra o inverno nas regiões árticas, a luz das ruas e a contida em caixetas portáteis, o movimento dos barcos e carruagens e até a saúde seria refeita. Permitiria iluminar as cidades, cauterizar, ventilar e falar à distância. E ainda voar, andar por debaixo d'água, e distinguirem-se os homens que não se viam...

A metrópole, a indústria, o povo, as nações dependeriam dela. O mais estupendo instrumento do progresso do universo nascera de um bocado de resina esfregada numa flanela, cuja operação primitiva Ramsden melhorara, fabricando o seu moinho de vidro e latão. Assim o fósforo já era um avanço sobre o sílex do isqueiro, o bote a vapor sobre a galera a velas. A Humanidade caminhava. A luz do fanal da ciência nos levaria de novo ao paraíso terreal. As guerras de tão aperfeiçoadas seriam relegadas ao museu das velharias... Isto dizendo, o sueco tinha a fé do carvoeiro. As suas barbas ruivas e fluviais reluziam em reflexos de ouro fulvo, correndo no busto de um herói da mitologia dos Sagas, que fosse ao

mesmo tempo o defensor e protetor da Humanidade eletrificada... Diante o seu conhecimento de sábio adulto, a máquina de Ramsden aparecia como a fonte das cousas as mais benignas, inclusive a Paz Universal. A mim, ignorante e pequeno colegial, ele me ficou como a estranha catapulta própria a disparar todos os males inclusive apurar os horrores da guerra. Para um, o corno de Oberon e para outro, a boceta de Pandora²⁵⁶. E o mais triste, é que não era o doutor de Upsala, que estava totalmente com a verdade...

Esse naturalista não se pejou de escrever folhetins para o “O Aspirante”, tratando do tatu, das flores, do ninho de tico-ticos e do sapo. Deliciosos pedacinhos, os do sábio escandinavo. No primeiro, advogando a causa do mamífero cascudo, fazendo desse papa-defuntos e cupins, suspeito hoje de alguns malefícios, o mais útil e grato dos amigos do homem, como parece ser. Segundo Löfgren, a concha córnea do desdentado abrigava simplesmente um tesouro.

No segundo folhetim, o sueco compôs o elogio sobre as flores que o seu mestre e compatriótico, o grande Lineu lhe pagaria, dando-lhe um par de beijos amistosos na testa. No terceiro, enumerou o mestre os prejuízos que daria à lavoura o desaparecimento de uma família de humildes tico-ticos. Calculava Löfgren, que cinco filhotes desses passarinhos precisando de um inseto cada dois minutos, em um mês destruiriam cento e oito mil.

Far-se-iam mais tarde cálculos semelhantes. O picanço protege cinco macieiras de seus parasitos. A andorinha devora seiscentos insetos diariamente e a cambaxirra cem mil por ano. O casal de melharucos precisa de quarenta e cinco mil lagartas para criar a ninhada, o de pardais cinco mil vermes por semana, o cuco cento e oitenta lagartas por dia. Ora, trinta lagartas destruídas diariamente representaria mil e quinhentas larvas, afirmava o bom Löfgren, que seriam devoradas por cada ninhada de cinco cabeças dos vulgares conirastros. Duzento e vinte e cinco mil frutos, valendo muitos contos de réis, ficariam poupados dessa forma. A conta de Löfgren, perdido na área de tão extraordinários resultados, era também de entontecer a nossa imaginação infantil, além de dar todos os

²⁵⁶ Oberon é um personagem de fábulas medievais, rei das fadas e marido de Titânia. Shakespeare o inclui em sua comédia *Sonho de uma noite de verão*, fazendo-o símbolo da perdição. Pandora, a “multi-presenteada”, foi a primeira mulher criada, segundo a mitologia grega; na versão mais conhecida, oriunda de *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, Pandora carrega um recipiente (um jarro, uma bolsa, boceta...) contendo flagelos e dores capazes de atormentar os seres humanos; por descuido, tais sofrimentos lhe escapam, restando consigo apenas a esperança.

remorsos aos grandes perseguidores do passaredo, que, como todo menino brasileiro, constituíamos, armando o alçapão, a visgueira, a atiradeira e o bodoque contra os coleiros no capinzal, os canários nos terreiros e as rolinhas nas velhas plantações de chá, no Arouche...

No último rodapé, Löfgren gabava a utilidade e a real beleza dos batráquios, pelos quais deveriam um tanto singularmente interessar-se dois meus conhecidos. O insigne professor Theophilo das Neves Leão, pai do meu saudoso compadre Dr. António Pacheco Leão. Conservava carinhosamente na sua residência um exemplar buforíneo dos mais escarrapachados e cornutos desse gênero de vertebrados insectíferos. Seria um saparrão ordinário, provavelmente o *Bufo ictericus* de Spix²⁵⁷, hóspede inchado e pegadiço dalguma poça de lama, quando fosse da última chuvada. Tratavam-no familiarmente de Babá. A essa voz, o luzidio e bolorento acudia sempre atolado na sua bolsa flácida, carocuda e peganhenta, saltando, com desembaraço, dos canteiros do quintal aos ladrilhos da cozinha e do assoalho encerado da biblioteca ao tapete do salão. Pesado bicho nas suas banhas crostradas, sentia-se regalado um meio às atenções excepcionais que o cercavam. Fingia a sua imagem repugnante constituir-se nalguma faiança ornamental e apreciada das Caldas ou do Japão. Era o monstro os amores do velho Leão, quando regressava a casa da estafa das lições. E era Babá para aqui e para acolá. – Já botaram hoje alguma cousa de comer ao Babá? – Deram água ao Babá? – Não vão pisar no Babá. – Ponham o Babá para dentro! – Babá está triste... Que animal inteligente e prestativo! Não é tão horripilante como à primeira vista parece. Que limpeza no jardim depois que o hospedamos! O urubu no matadouro e o sapo no jardim deviam ser condecorados por serviços relevantes! Ouvindo esses gabos diários o anuro tornava os seus olhos magnetizantes e a bandeja inferior da boca maquinava-se na charneira de seu perfeito abre e fecha. E com esses comentários e recomendações, Babá tornou-se um personagem importante da família, um cuidado a mais para a criadagem e uma apresentação de surpresa e curiosidade para as visitas...

²⁵⁷ Trata-se do sapo-cururu, grande sapo presente no Brasil, Argentina e Paraguai, espécie descrita e nomeada por Johann Baptist Ritter von Spix (1781-1826), naturalista alemão que realizou importante expedição no Brasil entre 1817-20.

Tantos elogios e tanta preocupação pelo Babá lhe provocariam pouca simpatia por parte de alguém da casa. E, um belo dia, o Babá causou grande sensação no lar acariciativo, que o regalava, porque não havia meios de descobri-lo em parte alguma. Procuraram-no desde o fundo das bananeiras aos quartos de dormir. Era como se o empadão verrugoso do Babá tivesse criado asas, sumido no sótão ou voado por cima dos muros do quintal. Foi grande luto para o velho Leão, quando deu por fim atrás de um baú com a carcaça seca do Babá, esmagado pela má vontade do filho Tutico para com o hóspede e amigo do pai, esse sapo-boi que a todos incomodava, embaraçando os passos das visitas e comensais que horripilava lorpamente acaçapado e apostenindo aos pés da mesa de jantar, suplicando as migalhas, inchado na dupla volúpia da espera e da certeza de breve satisfação.

Outro simpático a essa espécie de animais, que ainda escaparam à observação e sensibilidade de Francis de Miomandre, foi o padre egresso Severiano de Rezende. Rodeado dos múltiplos modelos desse bicho estimado e defendido por Jean Rostand e que lhe atulhavam em bronze, em latão e em terracota a sua chaminé parisiense, dera o Severiano a efígie do sapo ao *ex-líbris* dos seus “Mistérios”, acompanhado em exergo de legenda: “Caelum adspicio orbem amplexor”²⁵⁸ e dedicara-lhe o soneto:

*“E o sapo, voluptuoso e pávido, a alma em pranto,
Vai lento e lento ansiando ao túrgido quebranto
E desmaia a babar na goela da serpente.”*

Talvez que tanto sapo não o tivesse reconciliado com os homens, estes, se menos repugnantes, com certeza, menos úteis, mais venenosos e gulosos de tudo...

Estou a vê-lo o pobre Severiano, e não sei por que sempre o surpreendo espremido num dos pilares da catedral de Chartres. Visitava ele essa igreja monumental, em companhia de Afonso Arinos e Olavo Bilac, justamente na ocasião em que a procissão passava na abside, fazendo a volta pelo deambulatório da celebrada nave. Severiano, que abandonara a sotaina e casara-se em Paris, reprimido de escrúpulos, turvado de remorsos, na crença que se diria penetrar até pelas carnes a dentro dos seus sacerdotes *in aeternum*, tornou-se do palor de uma visagem.

²⁵⁸ Em latim: “O céu observo, o mundo abraço”.

O lusófono e alcoólico foliculário Antonio Torres, que tinha por sua vez largado a batina e já funcionário consular, apertado pela mesma situação, que lhe revolvia as entranhas de antigo levita unguado pelo bispo D. Silvério, se prosternava em S. Pedro de Roma de tal modo, que a testa se lhe fizera em sangue, tanto o arrependido e confrangido despadrado batera com ela nos mosaicos no chão da basílica. Severiano, em semelhantes circunstâncias, limitara-se a ficar de pé, incrustado nas pedras trabalhadas de Chartres, com os olhos esgazeados, suando frio por quantas juntas tinha. Bilac, escarminho e impiedoso de natureza, apontava para o antigo presbítero, indicando-o à bonomia horrorizada de Arinos, com esta palavra de trágico exacerbado às lembranças devotas do mísero Severiano, como amarrado a um pelourinho na coluna plurissecular do belo templo gótico: - O Anticristo!...

Levado pelo Bilac a incorporar-se a essas alturas demoníacas, o Severiano ficaria ainda mais branco e gelado, crucificado no edifício medievo, a sua figura rivalizava com os monstros das goteiras, recolhida entre os santos, os vitrais e as ogivas da maravilha arquitetônica e religiosa da França.

Volvamos, porém, ao balbuciado e mínimo “Aspirante”. Hão de ser publicadas as produções saídas nesse jornalzinho e assinadas pelo grande botanista, meu mestre e meu xará, autor de “Manual das Família Naturais Fanerógamas” e de tantas contribuições desse gênero, algumas das mais preciosas, relativas à flora xerófila do Nordeste. Melhor seria fossem as linhas de Löfgren, no “O Aspirante”, metidas em apêndice à alguma nova edição dos contos de Andersen, Grimm ou Perrault. Os manes do escandinavo não hão de envergonhar-se dos graciosos e úteis folhetins de sua pena, no jornaleco do menino, seu discípulo. Proporia juntar-lhes também essas poesias do Max Muller²⁵⁹, naturalista como ele, e forjicadas pelo teuto com o vaga-lume, a paca e as formigas de Santa Catarina.

Depois de 1886, só encontramos uma vez o sueco e laborioso monografista botânico, que se radicara no Brasil como um de seus melhores filhos adotivos, aparecido para honrá-lo com a ciência e o trabalho. Em 1913, descíamos da tribuna, onde em conferência na Biblioteca Nacional, tentávamos algumas revelações sobre um pouco do

²⁵⁹ Max Muller (1823-1900): linguista alemão, estudioso de religião e mitologia; sua principal obra, *The sacred books of the East* (51 volumes, publicados de 1879 a 1910), é fonte essencial para estudo da história das religiões e da mitologia comparada.

coração e caráter de Euclides da Cunha, quando o reconhecemos em meio da assistência. Das suas imensas barbas de Hans Staden só restava o que já houvesse sido amparado, no hessês²⁶⁰, pela tesoura do tupinambá e mudados para uma cor de tabaco mais escuro, repletas de brancas. Em meio de tanta gente, somente pudemos fugazmente lhe apertar a mão e gaguejar não sei quê. A vontade que tivéramos fora cair nos braços de Löfgren, sopitando algumas lágrimas de reconhecimento a tantas lembranças do passado, de que ele se tornara o centro momentâneo e redivivo, no mundo da ternura e da saudade.

²⁶⁰ Étimo não identificado.

59. O JAYMINHO E A ALICE

Outro colaborador do “O Aspirante” também não existe mais, o meu pranteado amigo de meninice Jayme Pinto Serva. Mas o Jayminho não conseguiu jamais colocar uma só linha na nossa pobre gazetinha. Ou porque tio Franklin ocupasse toda a praça, ou os seus artigos nunca estivessem acabados ou deixasse-os para o número seguinte, na mania de nunca os dar por prontos, o que não impedia se desgostasse ele bastante com a minha exclusividade redacional...

Moíam-nos e afastavam-nos por vezes certas dissensões, despertadas nas pontinhas de vaidade em que nos atritávamos, inventando uma rivalidade que nos seria, entretanto, útil e apreciável. É que aproveitávamos um do outro para fazer a aprendizagem de certos sentimentos de desconfiança e atenção, nas relações em que nos empenharíamos com os nossos semelhantes. Sabendo que dali a pouco teríamos ambos de nos matricular e tomar pensão na sociedade, como valores autônomos, lográvamos as primeiras experiências recíprocas de nossas qualidades e defeitos. E isso não ia sem alguns arranhões de parte e de outra.

Mas, desses encontros iniciais nada de grave nos atingiria. Trocávamos golpes em superfície, cortezinhos de andiraquicé, rápida queimadura da folha escarlate do arrediabo... Fomos por isso amigos inseparáveis e de uma estima verdadeiramente fraternal. O que invejamos mutuamente, e que nos separava em certas ocasiões dariam melhor gosto a nosso apego e simpatia. O molho da malagueta serve para tornar a iguaria mais saboreada. Não posso sem pensar nele ler estas linha de Augusto Comte: “Rien au monde ne saurait remplacer les affections pures et si sublimes dépouillées de tout égoïsme qu’on trouve dans sa famille et dans les amitiés contractées aux premières années de la vie, avant du développement de l’amour propre, de la rivalité, de l’opposition des intérêts et des positions, ait rendu impossible tout attachement profond”²⁶¹.

Foi mordido o gentilíssimo rapaz por um cão hidrófobo. E partiu para Paris, onde seria talvez o primeiro brasileiro remetido de além-mar aos cuidados de Pasteur. De posse

²⁶¹ “Nada no mundo saberia substituir as afeições puras e sublimes, despojadas de todo egoísmo que achamos em sua família e nas amizades contraídas nos primeiros anos da vida, antes do desenvolvimento do amor próprio, da rivalidade, da oposição de interesses e de posições, tenha tornado impossível todo vínculo profundo”.

do diploma acadêmico, o seu talento, preparo jurídico em tão verdes anos, delicadeza de trato e simpatia pessoal valeram-lhe depois muitos triunfos no foro paulistano. Era realmente o Jayminho de uma irresistível atratividade. Tinha a voz quente e muito doce, a que o sotaque paulista ajudava a dar um quebro mavioso e meigo dos mais veludosos e penetrativos. Alto, muito claro na tez feminina, o nariz fino e pequeno marcava-lhe o eixo do rosto sedutor, modelado para esplendor e afeição. Dir-se-ia a sua elegância anunciar-lhe todos os dons do espírito, que só lhe permitissem êxitos e aclamações onde pousasse os palpos do primeiro ensaio ou final resolução.

Constituía uma dessas naturezas delicadas, mas nascidas por assim dizer armadas desde o berço de tudo quanto, expresso num sorriso, pudesse leva-las ao triunfo na luta empreendida; a menos que a morte já lhe tivesse marcado o peito da cruz que indicasse para muito cedo o fim do caminho dado a trilhar a seus encantos. Encarnaria o Jayminho a imagem de um jovem deus baixado à terra, mas inseparável das instâncias do breve e ríspido destino, que o forçasse precipitadamente a voltar às altas regiões, de onde lhe fora dado baixar. As suas asas sedosas dir-se-iam apressadas de crescer para o voo do retorno. E, com efeito, assim foi. As Parcas, disfarçadas num ramalhete de belas mulheres, de que ele deveria ter recolhido a mais ardente e submissa, para o beijo da despedida, cortaram-lhe antecipadamente o fio da existência.

É pena que essas megeras não tenham mais que fazer e procedam quase sempre sem nenhuma reflexão, muitas vezes, acrescentando à crueldade do emprego comprazerem-se na infâmia da antecipação do golpe, que lhes é inerente à horrorosa função de tecelões do Averno²⁶². E isso muito mais agravado, por se tratar de uma vítima, cujo direito à vida extensa e risonha, repleta de benefícios e contentamentos, seria a devida compensação, a paga a todos os dons e predisposições amáveis de tão desagradável criatura. Na campa desse amigo de infância um molho de saudades virentes orvalham-se das lágrimas do coração do velho, preterido até agora por tão rancorosas e irrefletidas personagens do Érebo²⁶³, apesar de mordido e remordido por um ou outro jaguapeva²⁶⁴ danado. O nome

²⁶² Lago Averno ou Avernus, na Campânia, consagrado a Plutão, onde os poetas situam uma das entradas para as regiões infernais (vide Dicionário Básico de Mitologia – Grécia, Roma, Egito; p. 16).

²⁶³ Érebo: região das trevas, sinônimo dos Infernos, por onde os mortos devem passar (*Op. cit.*, p. 46).

dessas divindades infernais, encarregadas de tanta vigilância na sua lúgubre incumbência, procedem do verbo *parcere*²⁶⁵, lembra o Larousse aos mais deslembados. Em meu caso todo particular, essa origem etimológica não é uma antífrase. Poupano-me por tão longos anos dos golpes da cizalha do seu ofício, aparecem-me as três Eumênides²⁶⁶ de toda complacência e dilação, pelo que apresento todos os meus agradecimentos a essas amáveis e benevolentes figuras de fiandeiras, entretanto agrupadas e cheias de péssimas intenções no vestíbulo do reino tartáreo do famigerado Plutão²⁶⁷... Contudo poderiam elas ter feito melhor as suas contas, tirando do que me sobra para conceder mais alguns anos de vida ao caro e radial Jayminho, como aos meus pobres filhos, desta vida tão cedo despartidos²⁶⁸.

Oito irmãos circundavam-lhe a família distinta e bem fornida. Acolhedores e afáveis, discretos e bem formados. Da prezada Alice, minha querida companheira de infância, guardo ainda nos ouvidos as notas como que fluídas de seus dedos de pianista exímia. A excessiva modéstia não lhe apregoaria o talento a sucessivas toadas do tam-tam publicitário e recomendatório.

Nascida artista, como as outras suas irmãs, Alice Serva dedicou-se ao ensino, que lhe autorizaram a habilidade inata, a interpretação magnífica, os dons de uma inteligência musical das mais raras e preciosas. No seu fino perfil os grandes olhos tinham a profundidade do seu ilimite, disfarçada na expressão sorridente que lhe nadava nas pupilas atentas.

O seu riso fácil, de toda graça e frescura, corria na escala da mais expressiva e calcada das oitavas. Era a imagem mesma da virtuose, segura de todos os seus meios de aplicação e adivinhação, quando seguisse e rubricase a leveza do motete, a dolência so scherzo, os floreios da cantata ou as meia-pausas do prelúdio. Menina delicada, simples e

²⁶⁴ Apesar de ser a denominação dada ao cão doméstico, sem raça determinada, de pequeno porte, aqui pode ser tomado como referência a Cérbero, cão vigia dos Infernos, segundo a mitologia grega.

²⁶⁵ Em latim: “*Poupar, no sentido de ser misericordioso, livrar de uma pena ou sofrimento*”.

²⁶⁶ Eumênides, sinônimo das Erínias para os gregos, mais conhecidas como Fúrias na mitologia romana. São divindades encarregadas de castigar falsos juramentos e os crimes de sangue no âmbito familiar, representando a vingança e a ira dos mortos.

²⁶⁷ Plutão é o nome latino de Hades, senhor das regiões infernais. Note-se que o texto deste capítulo é todo permeado de referências mitológicas, dada a gravidade do tema.

²⁶⁸ Rangel perde dois filhos jovens: um, ao final de 1938, e outro, em 1942.

risonha, assim a conheci moça feita. Discreta e tímida, não sei que deixasse explorar o talento pelos mercenários e empresários do elogio fácil e bem remunerado.

Foi-lhe a Música a razão da vida, como das flores se entenda seja a essência o perfume que exalam. Bach, Haendel, Schumann e Chopin, à borda de seu piano-forte, estremeceriam de surpresa e prazer, suspensos à alma daquela feiticeira do teclado, reveladora de tudo quanto haveriam eles procurando exprimir, pedindo ao mundo fugitivo dos sons o infinito poder de sua representação imortal e sensível. A última vez que a ouvi, tínhamos os nossos vinte e três anos. Meio século depois não morreram aqueles arpejos e acordes. Tirados na profunda inspiração de quem os feria, com o calor da alma vibrante e sonhadora, inda me estão no ar, levando-me para outros mundos, rolados em torrentes de harmonia, dispersos em murmúrios de sua linguagem eternal e ultracelestre.

Alice Serva! Enclavinadas no peito da virgem, lá se foram para o fundo da terra as tuas mãos, modeladas no ritmo e na harmonia dos grandes sinfonistas, que interpretavas. Não mais hão de evoluir e adejar nos caprichos e variações de tua nobre e fiel execução. Sumidas e firas, elas seguram a açucena imarcessível, que te foi símbolo da vida, dedicada por completo ao enlevo dos mistérios e belezas da Arte pura...

60. O ENTERRO DO SENADOR

Em Outubro de 1886 assisti a um espetáculo, que me fez grande impressão, o enterro do José Bonifácio, o Moço²⁶⁹. Na cidade de São Paulo, pouco amiga de reuniões, casmurra de feitio, aceitando apenas como grupos os da estudantata, onde só nas procissões ou na plateia do São José ou no Jardim da Luz é que se via mais gente, quase toda população seguir o féretro de um homem, deixou-me estatelado de admiração. Capricho do que tem de ser!

Não se sabia, então, onde era a sepultura do grande Diogo Feijó, mas do poeta dos “Goivos” e do orador parlamentar, todo em tropos melodiosos e em vacuidades libero-metafísicas, se fizeram os funerais extraordinários, nos quais somente faltou, como no de César, atirar na fogueira mortuário tudo quanto fosse bancos da Academia, mesas dos botequins e prateleiras das lojas e armazéns. Pela intensidade do sentimento público não foram maiores, em S. Luís do Maranhão o sepultamento do presidente Olímpio Machado e, na capital do Império, os enterros de José Clemente e do marquês do Paraná²⁷⁰.

Prestígio iniludível da palavra retumbada entre nós! Platão e Pitágoras pensavam que tudo quanto fosse belo seria redondo. O brasileiro acredita que tudo quanto se processa em discurso é que merece atenção. Homens houve, nascidos em São Paulo, Arouche Rendon, Souza e Melo, Gabriel dos Santos, Paula Souza, o Mestrinho, Vergueiro, superiores a ele pela influência e consequimento construtivo da sua ação pública, os quais se finaram sem que a Pauliceia toda os levasse de rojo às casuarinas do cemitério da Consolação.

Selados os lábios desse Andrada, foi como se parasse a roda do nosso destino, nosso céu não tivesse mais estrelas, nossa vida mais amores... Sob que influxo aquela multidão sorumbática, sequestrada nos seus hábitos coloniais, confinada entre a xícara de bom café, a geleia de mocotó, a marmelada e o cuscuz de peixe, bastante prática e desconfiada, saíra

²⁶⁹ José Bonifácio (1827-1886): foi poeta, jurista e professor; também ocupou cargos de Deputado Geral e Senador. Mais uma vez, Rangel interrompe a narrativa da vida particular para centrar-se numa personalidade fundamental de sua época.

²⁷⁰ Olímpio Machado (1817-1855): presidente da então província de Goiás; José Clemente Pereira (1787-1854): político de origem portuguesa, viveu no Brasil até sua morte e teve importante presença na Independência do país. Honório Hermeto Carneiro Leão (1801-1856), Marquês do Paraná, diplomata, exerceu o cargo de primeiro-ministro do Império do Brasil de 1853 a 1856.

assim à rua para a via pública, atrás do féretro de um professor de direito e senador, debaixo de cuja cátedra e curul se espremia um dicionário de rimas? Egrégios representantes da Academia, do Parlamento, do jornalismo e do Parnaso tinham-se enterrado nas veigas de Piratininga, mas somente aquele tinha provocado tal luto e desolação. Vão lá explicar os arcanos da popularidade, à qual poder-se-ia aplicar o juízo amaríssimo do Príncipe de Ligne: “Faut-il que la réputation dépende de tant de gens que n’en ont pas?”²⁷¹

Pertencendo à família tradicional dos Andradas, possuía o Segundo José Bonifácio muitos dos dons geralmente nela espalhados, tais como a agudeza do engenho, o preparo das boas letras, certa independência de caráter voluntarioso e radicalista. Também o diminuía certos defeitos dos tios, como fossem o capricho do orgulho de sua superioridade, reforçado na ligação recíproca de certo espírito estrito da família, e sentimento um tanto abstrato das realizações políticas tomadas como simples temas acadêmicos.

Só não o infectara o gosto das conspiratas e a prepotência dos Andradas quando trepados no governo, em contraste aos seus brados de oposição. Esse rebentão andradino gozava, com todos os direitos a isso, da valia e popularidade, que tem laureado esses santistas de 1821 a nossos dias. E essas qualidades particularmente incidiam na pessoa daquele sobrinho do Patriarca, homem de seu natural muito probo e severo e que em sua vida particular apresentaria a peculiaridade, segundo diziam, de ser extraordinariamente ciumento da esposa.

Corriam fábulas a esse respeito, exagerando talvez sentimentos dos mais delicados e exaltados: que, agitado da paixão de um Otelo, ao sair de casa retinha nos bordos da gaveta fechada à chave dos cabelos da infeliz e que conservara o seu cadáver, não querendo separar-se dos restos amados, cioso da campa que ficaria distante da sua dor de inconsolável... Não se sabe até que ponto havia de ser isso verdadeiro. Tudo é possível nos extremos de um grande e desesperado amor para que o público o exagere...

Desaparecido esse Andrada, a dor popular foi com efeito, imensa. Não falharam as grandes explosões do luto nacional pela voz da Eloquência emudecida. Benjamim

²⁷¹ “É necessário que a reputação dependa de tanta gente que não a tem?”

Constant²⁷² achou-se com direitos de suspender a sua aula em manifestação de pesar. A morte do Orador seria um pouco a morte de nós todos, amigos das belas imagens, dos tropos harmoniosos, se bem que na maioria dos casos, dentre deles nada haja de muito aproveitável. Esse mesmo povo de S. Paulo deixaria as cinzas do terceiro Martim Francisco, seu primo, tomar o lugarzinho definitivo, sem mais atroadas, no mesmo cemitério da Consolação.

Era esse Martim Francisco talento de primeira água, repleto dos bons clássicos, vulcão de ironias e repentes, jornalista incomparável em cuja pena se revezavam Rabelais, Swift, Courier e Rochefort. Advogado capaz de tornar a menos das causas uma “causa célebre”, andava mil furos acima do primo José Bonifácio, o Moço. O Martim Neto, o “Martinzinho”, como era chamado na família, fazia da memória, da compreensão e da expressão o que queria. Atirava os dardos do panfletário, molhando-os previamente numa mistura de riso e cruzeza, dosados com insigne perfídia e divertida perversidade. Brasileiro vigoroso, confesso e ininterrupto, em Pau ou Itararé, valia ele só todos os Andradas juntos.

Grandes impressões me deixaram, em 1913, as páginas de sua autoria, que ainda se conservam inéditas para desproveito da História e da verdadeira literatura nacional. Quanta malignidade, patriotismo e combate, fluídos num jorro de fecundidade e esparsos em panorama de tanta coruscação! Vários imensos cadernos enchiam-se dessas linhas tersas, sem emendas e razuras, todas plantadas de girassóis do sarcasmo. Os Arlequins, os Sganarellos e os Bertrands²⁷³ da política paulista são aí terrivelmente escovados e sacolejados na sua baixa comédia de quadrilheiros da incompetência e a da ambição. O brasileiro arguto e impiedoso vingava-se de todo o mal dos dirigentes de seu tempo, anotando o riso e o asco que suscitavam, chafurdados na vergonha e no deslustre de suas intrigas e delapidações. A inteligência do panfletário desferrava-se dos prêmios e vantagens da estupidez vitoriosa nas academias e nos conselhos do governo. O humor cáustico do terceiro Martim nada perdoava, arrancando as máscaras e afogando no ridículo o poder que

²⁷² Benjamim Constant (1836-1891): Abolicionista, líder da insurreição republicana e “fundador da República Brasileira”, influenciou grandes alterações políticas e sociais no Brasil do final do século XIX.

²⁷³ Arlequim é um personagem típico da *commedia dell'arte*, espécie de “bobo da corte”. Sganarello é um personagem cômico de Molière, tipo meio tolo e débil. Sobre Bertrand, não foi possível localizar a referência (Bertrand, de *Os Sonâmbulos* de Hermann Broch? Bertrand Russel, o filósofo?).

nos sobremontava e desacreditava. A República, seus pensionistas e figurantes, devem-lhe boas pilhérias e ditos imperecíveis. Ferreiro de bom argumento, era na forja do seu alto critério e retidão que ele moldava as suas armas, e temperava a razão com a qual sustentava as causas de independência e da justiça.

Ouvindo ler essas páginas do seu diário, repletas de uma escrita sem riscos nem raspança dura para correções ou interposições, grandes gargalhadas excitaram-me a lembrança de certos contrastes e acordos, a alusão cáustica e jovial à tolice ou à improbidade dos homens que o indignavam. Sem o auxílio dos livros, sem o menor apontamento, Martim construiu o seu diurnal, pedindo apenas à prodigiosa memória e ao precipitado jogo de suas expressões mais espontâneas poder alinhar a prosa afuroante e escarnecente, sustentada no cautério de seu ferro em brasa e no repto de seu idealismo genuíno.

Para mostrar o mau estado da aldeia e o desprestígio geral da nação, ele não se socorria somente dos sinapismos e dardejos da censura jocosa, possuía a eloquência segura e a palavra forte de um Crassus²⁷⁴. Sincero campeão das liberdades pátrias, diante do abuso e confusão dos corrilhos, tinha Martim a erudição e a paixão da História e do amor ao Direito, atrelados ao serviço e defesa dos ideais mais puros. Esse “Diário”, ainda não publicado, orfana o Brasil do pensamento e da cultura trazidas pelo cérebro atulhado de cultura greco-romana de um dos mais interessantes dos seus filhos. Deliciaram-me, outrossim, nesse registro, as suas impressões da Europa, de onde tantos de nossos transatlânticos não trazem senão, com a visão dos grandes boulevards de Paris, o pacote de cartões postais dos monumentos visitados às carreiras e a blenorragia por contrapeso.

O que ele viu em Lisboa, Madri, Paris e Roma cresce de imponência e sabor através da pena interpretativa, alerta nos entalhos da boa navalha catalã, do sábio ponteiro do escultor. Da visita aos Jerônimos, ao Prado, ao Louvre, à capela Sistina, à vila Adriana, ele trouxe as páginas que revelam o artista poderoso, nutrido de helenismo e latinidade, anquizado embora por estas duas pragas do moderno turismo: o guia e a gorjeta. As linhas, por exemplo, sobre o Juízo Final, de Miguel Ângelo, são inscritas com a tinta

²⁷⁴ Lucius Licinius Crassus (140-91 a.C.): um dos mais talentosos oradores romanos. Cícero, em seu tratado *De oratore* (55 a.C.), retrata-o brilhantemente.

daquele fresco sublime, reacesas ao calor do entusiasmo do homem da Renascença, espirrado anacronicamente do esteiro de Brás Cubas, no tempo de Bernardino de Campos²⁷⁵.

O encontro do Moisés, em S. Pedro de Roma, foi um esbarro inolvidável para o senso artístico do paulista. O cornuto e grande legislador do judaísmo teria cofiado o novelo da barba fluvial e sorriso de ver que, pela primeira vez, se lhe deparava um troglodita da América do Sul capaz de defini-lo, transferindo-o da pedra estupenda à página valente e explosiva, que o endeusa. Cometidos pela inteligência do Andrada, perdido numa pensão das Laranjeiras, ainda me ressoam aos ouvidos os períodos sinfônicos do mais repentista de nossos prosadores, a cuja espontaneidade, graça e altivez, propriedade e sabor será dado ao futuro fazer a devida justiça.

Nesse tempo de política de Pinheiro e Mário Hermes, jornalismo de Azeredo, crítica de José Veríssimo, poesia de B. Lopes, o pensador Martim não passaria de um chocalheiro contraditório, rabiscador de razões nos autos e fabricante de artiguetes venenosos nos jornais de Santos... No entanto, as suas letras inolvidáveis são repletas de risonhas cousas, caireladas do espírito de Rivarol e Gil Vicente e dos frêmitos medulares de um Seleno hilariante; noutras graves há a rigidez do músculo, tapeçado de nervos escariados e tudo expresso no estilo fluido e cortante de um Luciano de Samósata²⁷⁶. Haveria de dispensar-se seu nome do galarim da Academia Brasileira de Letras, assim votada à ignomínia desse vácuo que para sempre a esgarça e diminui.

Dos defeitos atribuíveis aos ancestrs da família paterna, Martim, por via hereditária, dispunha apenas dos mais perdoáveis, a imodéstia da própria superioridade, a indestrutível e borbulhante petulância do seu “livre pensamento”, filho dos preconceitos da ciência positiva, erigida em remédio de todos os males terrestres, certa repugnância anarquista de todo poder espiritual ou temporal, a tendência ao sarcasmo que não se poupa,

²⁷⁵ Bernardino de Campos (1841-1915), jornalista e político que lutou contra o Abolicionismo e fundou o Partido Republicano.

²⁷⁶ Antoine Rivarol (1753-1801), escritor francês considerado brilhante e polêmico. Gil Vicente (1465-1536) conhecido dramaturgo português, tido como o “pai do teatro moderno” lusitano, conhecido pelo caráter moralizador bem como pelo humor de suas obras. Luciano de Samósata (125-181?), autor de diálogos satíricos; a partir do Renascimento, foi uma importante referência para autores diversos, entre eles, Machado de Assis.

o coração fundente ao calor da primeira impressão, o dandismo da contradição por convicto de certo niilismo necessário como reativo à incompreensão universal.

Grande cousa foi que dessem licença para ficarem os seus ossos sujeitos à lei do *consummatum est*²⁷⁷ no buraco da terra a que tanto injuriou e tanto amou e serviu, estilando-a com o espírito altaneiro e faiscante da cerviz e a ternura irrestringível de um coração de criança, sem que lhe fosse atrás do féretro a Comissão Executiva do Partido Republicano Paulista, carregando coroas e todo o povo, admirados de se verem compungidos por tão grande perda... Ao gemente das casuarinas paulistanas, que se dirão os dois primos acabados um no rumor e outro no silêncio de tão diverso e terrestre destino? Como hão de passar esses homens de cultura e paixão das grandes cousas humanas o gelo e o isolamento de tão lóbregas noitadas, no frio e desconforto do além-túmulo na mesma necrópole?

Para se contentarem no mútuo desídeo da sua emulação espiritual, da chama e intrepidez do seu amor vívido e rival, José Bonifácio troará as frases cadentes do primo jornalista e advogado: “Governo é força, é renda, é moralidade. Há isso no Brasil?” Ou então, voltando para a população das tumbas circunjantes, o senador de pé num volume das *Pandectas*²⁷⁸, fará fuzilar a filípica do Martim: “A sociedade é um organismo vivo. O crime é a moléstia. O remédio é a cadeia. Doente que não se trata, falece. Sociedade que não pune, desaparece”. E se o bom José quisesse colher na seara da eloquência parlamentar do Martim pedaços dignos da sua reprodução, não teria senão o embaraço da escolha.

Esteirados das pedras preciosas do pensamento dos antigos clássicos, das louçanias do espírito mordente do satírico, dos raios do ironista e epigramático, dos motivos do legista compreensivo, das razões do jurista alentado de seus textos mais imperiosos e claros, do sedento da liberdade e independência de todos, são das páginas melhores de nossa oratória política, esses discursos, do fulgente Martim. O senador poderia tomar na ruma do primo deputado os trechos que lhe fizessem inveja para reconvi-los.

Paralelamente o Martim recitaria os versos do Zeca, bem alusivos ao lugar e situação em que ambos se encontravam:

²⁷⁷ Em latim: “*está consumado*”.

²⁷⁸ Compilação de textos (fragmentos) de juriconsultos clássicos (o mesmo que *Digesto*).

*“Talvez é sono a vida, e vida a morte;
Dorme-se aqui pra despertar além!
O vivo é um morto, e a luz que do alto vem
Do céu a terra é a ponte de transporte!”*

Ou declamaria fragmentos do discurso com que esse parente receberia o ministério Itaboraí em 1868: “Que querem os nobres ministros? Pretender o nosso apoio seria, senhores, confundir a idolatria do poder com a religião dos princípios e a dedicação dos amigos com a submissão dos escravos”. Superlativamente inteligentes e ilibados, contentar-se-iam os dois Andradas em servir de espelho um ao outro. Dar-se-iam por satisfeitos, brincando assim na troca de suas produções de espírito para passar o tempo, no gélido Reino das Sombras de onde, bastante inconfundíveis, embora com os mesmos traços fundamentais, inclusos nos mesmos sentimentos da poesia, de revolta, de esperança e amor da pátria, não mais hão de voltar...

61. JÚLIO RIBEIRO

Mais ou menos nessa ocasião, vi de perto o Júlio Ribeiro. Esse brasileiro brotado em Sabará, Minas Gerais, tinha o contendo dos britânicos; fisicamente podia passar muito bem por um assíduo caixa de Banco ou infatigável corretor de Fundos Públicos, em Lombard Street, na City. A bicanca de tomo e encurvada prevalecia no louraço. Fizesse frio ou calor, não tirava de cima de si o grosso sobretudo, uma espécie de ulster, cinzento e peludo que, atulhado de jornais, lhe chegava quase aos pés. Era filho do norte-americano, de que parece haver desprezado o apelido Vaughan, adotando exclusivamente o cognome português.

Sofria do peito, o que ele mesmo deixava entrever, quando escrevia: “O que eu sinto é que o meu patife de pulmão não dê ensanchas para me eu pôr à testa de uma publicação regular”. Desde que Teófilo Braga²⁷⁹ achou a sua gramática, escrita em Capivari, a melhor então publicada, contavam-se prodígios de sua erudição. Que levava à parece o antagonista no concurso, limitando-se a discorrer sobre a letra A, a primeira do alfabeto. Atribuíam-lhe um extraordinário saber técnico e enciclopédico, adquirido não se sabe como e por que meios. Assim dizia um articulista da época: “Júlio Ribeiro tem um cérebro privilegiado: compreende, absorve, assimila, sem esforço, sem custo. Tem pelos livros uma paixão incrível; ele não se embaraça nos meandros da geometria; esmiúça e resolve um problema algébrico de física; decora Camões e coleciona moedas; conhece os reativos e as cores dos precipitados de um sal; discute Darwin e sabe fisiologia; venera Victor Hugo e classifica um vegetal; conhece profundamente linguística e descreve um himenóptero; lê o código e é capaz de dissecar um tórax pelo que sabe o compêndio de Beaunis; conhece literatura e geologia, etc”.

Davam-no outrossim como colecionador de arte, entretido em armas e cerâmica. Também dele escreveram: “Discutir com ele relógios, venenos ou literatura fosse qual fosse o assunto, ele falaria com a mesma riqueza de informação e de detalhe”. O fato é que o consideravam “o mais brilhante, o mais correto dos escritores brasileiros”, sendo aliás essa afirmação ainda bastante discutível. Habitualmente assim fabricamos entre nós tantas

²⁷⁹ Teófilo Braga (1843-1924): escritor e político português; participou na Questão Coimbrã (1865-66), fazendo parte da ala esquerda cujo líder foi Antero de Quental.

eminências da inteligência e da cultura! Quão útil seria estudarmos a diagnose dessa facilidade, as razões desse comprometimento pelo qual, constituindo um povo de tanta esperteza natural, exageramos o conteúdo do bocal, quando não tomamos o ogó por ouro de vinte e quatro, o cheiro do manjerico pela da kananga do Japão!

O processo de tais criações é manipulado a princípio com o boato, que o jornal confirma e a posteridade perfilha. Do grupo de amigos ou interessados alastra-se a notícia do valor do novo super-homem, ganha terreno na massa tendenciosa a fama da raridade, a gazeta muitas vezes agastada apregoa o fenômeno e o Brasil pouco a pouco burlado por uma opinião de otimismo e superfície corre a suspender o muro sacrossanto de suas glórias intangíveis o nome de outro *nec plus ultra*²⁸⁰.

Basta quase sempre como origem da falsa estimativa a frase ou anedota atribuídas ao personagem, o seu ardiloso silêncio de introverso ou a falança do galreiro. Eça de Queirós, observando o meio português de onde nos originamos, e ao qual por tantos pontos nos semelhamos, inventou a estampa do Pacheco²⁸¹, com o ácido mordente das litografias tornadas populares. Na nossa mesma língua traçou um retrato do bubão que nos é comum. Nos organismos desnutridos não é estranha a aparição de certos engurgitamentos significativos, preparados e salientes como sintoma de debilidade geral. Entre nós, tais excrescências são em geral o resultado de um trabalho de sedimentação, assim são trazidas as areias para construir a ilha de aluvião, a qual não resistirá, contudo, ao primeiro enxurro, acompanhado da trovoada que limpa os ares das poeiras interceptoras da luz franca e direta, borbotada do zênite...

Tinha Júlio Ribeiro o caráter acérrimo, absoluto e presunçoso, e por isso contraditório e fora de toda logicidade, simpatia e indulgência. Ingressado no partido republicano em 1883, logo se arrepiou e apartou-se da falange três anos mais tarde, reingressando, porém, em 1888, com um manifesto pouco generoso, estabanado e áspero quanto possível. O seu democratismo nasceu na cena lamentável que ele mesmo narrou. Atravessara o Carceler D. Pedro II e o pai de Júlio Ribeiro fora o único a não tirar o chapéu

²⁸⁰ Em latim: literalmente, “não mais além”, daí “não ultrapassar”.

²⁸¹ Personagem de *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), de Eça de Queirós, Pacheco era tido como intelectual brilhante na faculdade. Depois, torna-se renomado político. Quando morre, descobre-se, ao estudar sua biografia, que não havia passado de uma fraude.

à passagem do soberano em Abril de 1855. “- Por que não tira o chapéu? Perguntei eu. - Porque só cumprimento os meus conhecidos, respondeu Washington Vaughan. - Mas o homem que ali vai é o Imperador. - Para mim é apenas um homem. Foi talvez uma indelicadeza, uma grosseria para com o chefe de Estado, para com o próprio Estado; mas foi também uma semente democrática que caiu em bom terreno, que caiu no meu coração”.

A falta de compostura do ianque, desrespeitando perante o público e o seu menor a personificação do Poder público da terra que o acolhia, valeria ao herdeiro do americano por um péssimo exemplo, o grão de rebeldia que transformou a alma e a vida do Júlio Ribeiro num campo de narcisos e abrolhos... Assim não respeitaria Júlio Ribeiro neste mundo senão muito pouca cousa. Nesse manifesto já citado, ele rompia com os modos do homem da mais simples educação. Assim começou o seu sarrabulho de queixas e imprecações: “Em lenta agonia vai-se extinguindo a vida do Sr. D. Pedro II, seu estado nestes últimos tempos, é o vasquejar de uma candeia que já não tem azeite. A qualquer momento receberemos sem surpresa a notícia da morte do velho imperador”.

O descalabro físico do Soberano, tão desproporcionado aliás a sua idade, não mereceu de Júlio Ribeiro a menor expressão de respeito e piedade. O jacobino, cheirando o cadáver da Monarquia, tinha a face regozijada de uma hiena... O temperamento cru, radical e intempestivo de Júlio Ribeiro alimentava-se nessas atitudes exageradas de fúria, de desprezo, de maldade e de escarninho mal colocados...

Para chocar o otimismo da roda em que palestrava, ouvi-o aconselhar: “Em vez de andarem por aí, canalizando água e gás, encanem iodureto de potássio, que isto tudo está podre”. Expressava-se assim, vendo em tudo corrupção, inveja, cobiça e malefícios dos homens, todos péssimos. O seu orgulho e incontentamento seriam, entretanto, dos mais vulgares, ofendido, talvez, de não dar para conselheiro de Estado, nem ser devidamente aproveitado para Censor Público ou para governar nem que fosse a Mooca ou Nossa Senhora do Ó. Em matéria literária era Júlio Ribeiro dos mais parcos em suas admirações. Mas, perante Camões se sentia humilhado.

“E sinto-me pequenino, imperceptível como a monera no oceano, como o ponto no espaço”. E saudava o épico luso com esta frase interjectiva de grande extensão e pouca novidade, se bem que a ninguém lembrasse: “Salve, príncipe do pensamento!” A sua

bulhenta independência e picos de agressivo não lhe faziam numerosos amigos. Elogiava a mui poucos. Um deles seria o visconde de Parnaíba, por tê-lo nomeado para a vaga de Silva Jardim na Escola Normal e o cunhado para interinamente servir em outro lugar!

Faria também excelentes referências a Quintino Bocaiúva, a quem chamava “primeiro jornalista da América do Sul”. Conta-se, porém, que proclamada a República e ido à presença desse novo Ministro do Exterior para se fazer lembrar às suas boas graças governamentais, este o recebera de pé, anunciando que só teria cinco minutos para os gastos da entrefala. Ao que Júlio Ribeiro logo se retirara, desembuchando ao formalizado Quintino: “Pois eu só disponho de um minuto para mandá-lo àquela parte...”.

Nas dez “Cartas sertanejas”, folhas de panfleto de discussão e oposicionismo, Júlio Ribeiro dá toda a medida de seu gênio atrabiliário, ameaçando céus e terras, atacando ora os seus correligionários Prudente, Campos Salles, Moreira Pinto, Lúcio de Mendonça, Alberto Salles, ora certas instituições como a Imprensa, o bacharelato... Da Academia de Direito de S. Paulo dizia essa má língua acídulo e discordativo: “polipeiro de metafísica e pedantismo insolente, onde os Kopkes, os Vieiras e os Leoncios constituem odiadas exceções, onde a castigos e bombas se sufoca a voz dos Wernecks e dos Argimiros, onde esteriliza a mocidade brasileira tão digna de melhor sorte”.

Fazia questão Júlio Ribeiro de notabilizar-se como ateu professo. As suas discussões de gazeta com os padres do “Thabor”²⁸² não lhe recomendam nem a condescendência nem a compreensão, nem a extensão da cultura. Ele não atnetava no mau gosto e poucos méritos do agnosticismo batalhador, o qual ofencia e afligia mais do que lhe seria dado convencer. Afirma-se que, antes de morrer, anunciara *urbi et orbe*²⁸³ estar em condições excelentes de gozar do inferno. Bem se via desconhecer a palavra de Pascal: “rien n’est plus lâche que de faire le brave contre Dieu”²⁸⁴.

Sinceridade maior exigir-lhe-ia disposições menos escandalosas quanto à escolha do asilo final, e dos mais incômodos, para além da Morte. Não parece que fossem de monta os

²⁸² Provavelmente, uma expressão de época, a qual não pudemos desvendar. Tabor ou Tabhoé o nome de uma montanha na Síria onde teria ocorrido, segundo a Bíblia, a transfiguração de Cristo.

²⁸³ Em latim: “*para a cidade* (i.e. de Roma) *e para o mundo*”; é expressão usada pelo papa para designar o destino de sua bênção.

²⁸⁴ “*Nada é mais covarde que se tornar bravo contra Deus*”.

recursos filosóficos e antirreligiosos desse homem, ocupado em momento tão crítico, como o da passagem para o Outro Mundo, em horrorizar algumas velhas beatas e fazer tanta pena ao Vigário da sua freguesia, senão ao padre Sena Freitas, o “urubu” que lhe caíra às bicadas na carniça literária...

A sua gramática elevou a todas as honras e dignidades a letra K. O seu jornalismo sustentava o lábaro da República e da Democracia à força de palavras bonitas, lavradas em português de lei, quando não atacava os próceres da monarquia com a pena incompaciente e ferina de qualquer testa-de-ferro. Em José Tavares Bastos, Presidente de S. Paulo, ele só viu “um agente de recrutamento, um fornecedor de carne brasileira ao canhão paraguaio”; do bravo e limpo Conde d’Eu “o perfil vulpino do Orléans ganancioso”. E apontava o Terceiro Reinado com as tintas negras de sua ridícula e insultuosa invenção: “Vamos ser governados por padres, por um usurário e uma mulher!”.

Teve Júlio Ribeiro a pachorra de passar para um caderno a correspondência entre D. Pedro I e a marquesa de Santos. Os originais dessas cartas lhe haviam sido confiados pelo capitão Leite Sobrinho, solicitador, ligado por negócios à condessa de Iguaçu. Tal cópia ele a transferiria a Martim Francisco, o qual, por sua vez, a transmitiria a Ferreira Viana Filho, vulgarmente conhecido por “Abismo”. Este, posteriormente, haveria de publicá-la, na tipografia Morais, com um prefácio tendencioso e dos menos caroáveis.

Mas, Júlio Ribeiro só se animava a tirar dessas cartas a cópia integral, não ousaria extrair delas um parágrafo de história pátria... Escreveria o ácido jornalista, professor de latim e apreciado gramático dois romances, de que um bem regular como fatura é a “Vida do Padre Belchior de Pontes”, impresso no começo em folhetins no “Sorocabano” e que, aliás, dizem inspirado no “A cruz de cedro” do Barão de Piratininga e o outro é “A Carne”²⁸⁵. Neste bom pincel descritivo e as veleidades do romancista não encontraram recursos estilísticos e de observação para lhe desculparem o descompasso e obscenidade da pena remetida. Ele mesmo seria o primeiro, ao anunciar a Gaspar da Silva e Léo da Fonseca a publicação de um trecho desse trabalho, a sangrar-se na veia da saúde: “Muitas santas gentes chamar-me-ão pornógrafo”. Sua filáucia seria grande de supor que realmente não fosse... Em verdade “A Carne” era um livro de crua terminologia, brotoejado de arcaísmos

²⁸⁵ Respectivamente, obras publicadas em 1867/1868 (dois volumes) e 1888.

mal empregados, atingido de erros gramaticais, aleijado de estilo e psicologia como a sua repetência de frases e sobretudo mal construído nas obras vivas do gênero. Pretendia mais o escândalo que os relevos da boa arte. Eduardo Salamonde tomara-lhe a defesa, procurando um meio termo para salvá-la do merecido naufrágio. “A Carne”, segundo ele, não seria propriamente excelente romance, mas um bom livro audacioso e bem escrito. Mas, outros dois críticos corajosos deixaram à mostra a choldra literária: Alfredo Pujol e o reverendo Sena Freitas. O primeiro definiu a produção, reduzindo-a a um ato de improbidade: “ “A Carne” obedeceu a um impulso muito rasteiro: a sede de uma popularidade inglória, indigna de um homem de espírito”. O outro arrancou de debaixo de sua batina da lazarista o ferro do cautério em brasa: “A forma não consegue salvar o fundo quando o fundo é detestável... Pobre Júlio tão ilustrado, mas tão derrancado no seu gosto literário!”.

O célebre gramático passava na rua da Imperatriz todo verde de seus maus fígados braveando de único estudioso do Brasil, do mais vigoroso dos escritores, do mais independente dos homens, do mais sábio dos filólogos, maior que Max Muller e por isso temido, escoiceado, incompreendido, invejado...

Dava-me a ideia de pinguim, tomando-se pela procelária e desgarrado no galinheiro, num fundo de quintal da Tabatinguera... Deus, com quem tanto se inimizara, não o abandonou, entretanto, no seu fim de acerbo e irremittente negativista. Deu-lhe ao travor da existência amarga, deficitária e rompente, melhor ainda, se possível, mais raro que um filho grato ou uma mulher modelo, o amigo verdadeiro, acorrido como um Bom Samaritano a suas horas últimas de derrocada e acabamento.

Recolheu-o na sua casa Martim Francisco Terceiro, socorreu-o no isolamento que travava o bravatão das negas, o presumido de seus píncaros de inacessível, consolando-o do vazio que, aos quarenta e cinco anos apenas, em 1890, e engolia para sempre na retorta de seus resíduos, fechando-lhe para sempre os olhos de ético, murchado entre gargalhos, rejeições e blasfêmias.

Por grande misericórdia do Eterno e na fortuna incomparável desse amigo infalível, tipo daqueles cortesãos do infortúnio, como tratava Vanhagen a Henrique Dias, a última lágrima do acrimonioso e seu último olhar ao Andrada representariam sentimentos de que

toda a sua vida de combate não oferecera talvez muito exemplos, nem certamente igual ocasião para tão pura e delicada expressão...

62. O CHICO AURÉLIO

Nesse ano, de 1886, era entregue o meu preparo teórico a mestres particulares. O de português foi Augusto Freire da Silva, com a sua alentada gramática, os óculos e o cavanhaque abundante, espavorizando o rapazio. O de História era de chupeta. Tomava da obra sintética do Consiglieri Pedroso e marcava umas duas ou três páginas, que devíamos trazer decoradas. Na aula seguinte, tínhamos que recitar o texto, sem licença de trocar a mínima palavra pelo seu sinônimo, ou de subtrair uma conjunção mais indispensável.

A cabeça ardia-nos com aquela placagem de reprodução do original do Consiglieri, vírgula por vírgula, ponto por ponto. Não seguíamos o fio de cousa alguma, senão repetindo tudo. Ainda se fossem versos de Atalie ou algum canto ou redondilha de Camões!

Ensinou-me Aritmética e Geometria o Chico Aurélio, que também foi professor de retórica. Examinando o seu valor no mundo da antanagoge e da hipotipose, Júlio Ribeiro perguntava nas “Cartas Sertanejas”: “Até onde chegará a retórica do Sr. Francisco Aurélio?” De sua matemática posso entrar com o meu humilde testemunho. Cozinhava-a no seu magistério, condimentando-a a seu jeito. No físico, era ele um sujeito alto, resseco, trigueiro, a barba fiapenta de um mambirã, chefe local... No moral, compendioso e severizado, mas sem rebentinas no seu mestrear. Se a ciência lhe era pouca, a sua imperturbabilidade era grande, o seu ar, de pedagogo era solene.

Muito conhecido por várias gerações, às quais proporcionava o mesmo gosmado, repetindo o conteúdo do compêndio, exigente na aplicação e capacidade, que não preparava, mas embuchava como sabugo de alguns teoremas escolhidos. O princípio relativo aos números primos, consignado sob o número 112, na Aritmética do Ottoni, era o tormento e cabrião de seus alunos. Exigia-o na ponta da língua. Tratava-se do “Jaraguá da ciência”²⁸⁶ exclamava ele, álgido, hirto, monomaniaco, todo de preto como um “nova-seita” ou frade leigo.

Chamando-me uma vez à pedra, encetou comigo o seguinte diálogo instrutivo e bem pitoresco:

²⁸⁶ Jaraguá da ciência: por extensão de sentido da palavra “jaraguá” (*campo extenso*, vide Dicionário Houaiss), pode-se associar a ideia de novas amplitudes, imensidões da ciência.

- Saberá o senhor o que se faz, quando mal se distingue, no círculo indefinível do horizonte, o perfil da montanha que se intenta galgar?

- A gente utiliza-se do óculo de ver de longe, respondi muito desconfiado da naturalidade com que me vinha a resposta razoável.

- Justamente. O aluno compreende perfeitamente... E o que se leva mais consigo, em tão sérias circunstâncias?

- A matulotagem para a ascensão, arrisquei-me comovido de ainda mais uma vez poder acertar, satisfazendo a esquipática interrogação do matemático, desencadeado no mundo acolchetado dos seus “logos” e “portantos”...

- Não há dúvida... É de todo acerto, porque em geral se tratam de lugares baldios e, com o nosso caráter brasileiro de conhecido imprevidência, se fica sempre sujeito a situações desagradáveis. Demais, em geral as populações estabelecem-se nos vales...

- Preferindo a beira dos rios, intervim, imoderado na facilidade do assunto, que tanto me agradava, como um sueto à fastienta e soporífera desenrolagem dos postulados e corolários do Ottoni.

Interrompeu-me ele, menos ferido pelo minha interrupção que para fazer cessar as delongas do assunto em que eu seria capaz de tanto superabundar:

- Chegou a ocasião, por nossa vez, de dirigirmos os nosso passos de bandeirantes no terreno sáfaro da ciência à cata do alteroso Princípio 112...

E assim, nesse meneio de pura perda, nessas alusões sem objeto e sem maior razão, o professor gastava a hora regimental, esmerando-se e parasitando os seus discípulos, em vez de transmitir-lhes alguma coisa da ciência em estado de ser bem deglutida e aproveitada.

Paralelamente ao Princípio 112, esmaniava-se ele com o teorema de Pitágoras. Contava-se e corria todo S. Paulo que o Chico Aurélio, numa banca de exame, divisando na pedra a figura do triângulo retângulo com os quadrados desenhados sobre os lados, voltara-se para o examinado, de cujo lenço impregnado de essência se evolava o cheiro que impregnava o olfato do mestre enternecido. Logo este aproveitaria o caso para a conexão, que lhe sorria: “Sinto um cheiro de violeta; meu não é, do senhor também não, será do quadrado da hipotenusa, que desponta no horizonte negro da pedra!...”.

Se de fato Pitágoras imolou cem bois aos seus deuses por ter descoberto esse teorema, o Chico Aurélio a ele imolaria toda a sua ciência geométrica, todas as suas preferências e simpatias de discente. Interessante é que, nos meios escolares da França, haja esse teorema particularmente atraído as preocupações de troça dos estudantes secundários. Porque o mesmo não aconteceria ao de Tales e outros? Divertia-se a rapaziada francesa a fazer versos à famosa proposição:

*“Le carré de l’hypothènuse
Est égal, si je ne m’abuse,
A la somme des deux carrés
Faits sur les deux autres cotés.”*²⁸⁷

É verdade que à perpendicular e ao círculo já tinha feito cousa semelhante:

*“La perpendiculaire se pique
D’être plus courte que l’oblique.
Et le cercle se trouve heureux,
De s’égaliser à pi R deux”*

A esfera também não deveria escapar desse inofensivo torneio:

*“Je te salue, ô rude Sphere!”*²⁸⁸

Maurras²⁸⁹ cita, nas suas lembranças escolares, essa versalhada dos estudantes do seu tempo. Decomposições da Química, arranjo dos astros na eclíptica, receberiam também os cafunés da Musa, chocarreira dos colegiais. Atribuíram-se a Carlos de Laet²⁹⁰ uns versos sobre o binômio de Newton. A Geometria Descritiva mereceu também alegres alusões da versalhada de nossa aversão.

Mas não sei que alguém dentre nós ousasse rimar qualquer referência à relação determinada entre os quadrados construídos sobre os lados do triângulo retângulo. Chamaram a esse teorema em França, de “pont aux ânes des geomètres”²⁹¹, tal como o

²⁸⁷ “O quadrado da hipotenusa, / É igual, se não me abusa, / À soma dos dois quadrados / Feitos sobre os dois outros lados”.

²⁸⁸ Tradução das quadrinhas, na ordem em que estão dispostas: “A perpendicular se bica / De ser mais curta e oblíqua. / E o círculo se acha feliz / De se igualar a pi X dois”. Na sequência: “Eu te saúdo, ó rude esfera!”.

²⁸⁹ Charles Maurras (1868-1952), poeta francês. Como Rangel, monarquista.

²⁹⁰ Carlos de Laet (1847-1927), jornalista, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

²⁹¹ Em francês: literalmente, “ponto dos asnos dos geométricos”, i.e. ponto de dificuldade banal.

considerava, nessas antigas épocas, o modesto professor brasileiro. Nosso estro cômico ou irreligioso de escolares encolher-se-ia respeitossíssimo daquela grave proposição científica, que não nos parecia muito própria a brincadeiras. Compreendê-la, absorver-nos-ia toda a verve. Contentamo-nos com aquele conto do aroma geometral, no qual muito bem transuda o tom altívolo e solenificante do nosso formalizado e retórico Chico Aurélio.

Falsa ou verídica, a historiazinha cômica do perfume do Quadrado Hipotenusa indica como nos divertia esse cândido professor, capaz de sugerir aos seus ouvintes tão descompassada e saborosa invenção. Aliás, nesse meio acadêmico de S. Paulo, nem sempre a competência professoral foi de regra. O terceiro Martim Francisco e Ferreira de Rezende contavam boas, ferreteando a ridiculez, a ignorância e a desmazelada condescendência de muitos de seus mestres, alguns dos quais tantas vezes vi passar nos corredores do claustro do convento, onde funcionava a Academia de Direito.

Nesse tempo, não me afluara o espírito nenhum irrespeito por esses vultos, farfalhantes no gorgurão negro das becas, as mangas empatufadas e os quais iam da figura alentado do doutor Rubino ao tipozinho enfezado e trigueiro, de óculos escuros do douto e rigoroso civilista Justino de Andrade. No segundo plano dessas respeitosas imagens se esgueira o Chico Aurélio, tingindo de motivos de riso na corcunda da sua caricatura de jeca espremida na ladeira de S. Francisco e suspensa entre o “princípio 112” e o Quadrado da Hipotenusa.

63. ECLIPSES E COMETAS

Os eclipses eram recebidos na rua do Ipiranga e Bom Retiro da mesma maneira que no tempo de Anaxágoras ou entre os povos da Melanésia ou do Zambeze. Começado o astro a escurecer, corríamos ao quintal e, obedecendo à longínqua tradição, que suspendia ainda na sua teia tantas populações primitivas, batíamos nalguma velha bacia ou lata vazia de querosene um tanto desenfreado. Nossa infância reproduzia a infância da humanidade. Em face do idêntico espetáculo, reproduzíamos o mesmo velho gesto de alarma, de alvoroço e persuasão. A nossa idade coincidia com a da pedra lascada... Como o graso da rã chama o coaxar das outras, quando a tarde cai, arrastando a fímbria da veste crepuscular do dia na baça vidraça da lagoa, respondia-nos a barulheira dos nossos vizinhos, saudando e provocando da mesma forma e remate daquele drama do alto, que nos enchia de certo receio, pois se passava no firmamento, como uma aparente exceção a suas leis de precisão e harmonia planetária. Pretendíamos chegasse ao céu, com esse recurso de zabumbeiros e pratileiros, o nosso protesto contra algum possível atentado ao equilíbrio geral dos mundos.

S. Paulo, naquela interseção da luz solar, parava toda a sua civilização. Velado o astro, rolava a trovoada das temerosas na qual estrugiam artificialmente os arredores da cidade, para não consentir se consumasse a gana do dragão devorador de uma peça do cosmos. A população, mais branca, podia chumaços de penas na cabeça e um batoque no lábio inferior; assim poderíamos imaginá-la, sobressaltada pela simples intercepção dos corpos celestes, no plano das suas órbitas respectivas.

Divertia-nos afinal a subversão do universo. Pedíamos que, ao menos uma vez por semana, nos fosse possível o pagode da pancadaria nas latas velhas, percutidas e rebatidas, sublinhando o fenômeno celeste. Por pouco iríamos, como relata Humboldt, bater, à maneira dos peruanos, nos cães enquanto duravam os eclipses da lua!

O cometa de Biela²⁹² também veio sobressaltar-nos a todos. O astro de maravilha encahava em 1882 a sua nau de cintilações na orla do céu austral. E o setor da abóbada

²⁹² Cometa de Biela: corpo celeste descoberto e analisado pelo astrônomo austríaco Wilhelm von Biela, em 1826 e que reapareceu em 1846 e 1852. Desaparecido desde 1866, supõe-se que tenha sido desintegrado por uma chuva de meteoritos.

enchia-se daquela cauda de brilhante neblina, inclinada num leque de escumilha à borda do toucador escuro da noite tropical.

Em “Les Quatre vents de l’Esprit” V. Hugo averbara o terror inspirado do astro vagabundo e cabeludo:

“... *quand on voit la comète passer*
Farouche, et sans qu’aucun firmament l’ose exclure
Sait-on ce qu’elle essuye avec sa cheveleure?”²⁹³

Quantos cuidados pelo meteoro metuendo e pomposo! Acordávamos para vê-lo, buscávamos onde melhor observá-lo. Ouvíamos as mais várias opiniões sobre a origem e a marcha do errabundo, a possibilidade do encontro com a Terra na sua trajetória parabólica, a sua influência sobre o nosso orbe, os males que poderia engendrar...

O certo é que o astro rabudo e carregado dos seus valores cianogênicos monopolizava o pensamento de todos. Dir-se-ia transformar nossos tempos de rasa e vulgar satisfação. Importava numa novidade imensa e ultraterrestre. Sacudia-nos do morno torpor de nossa vida na explosão féérica de um cataclismo cósmico. Esperava-se pela noite, como alguma cousa de espetacular, de ameaçante e de fantástico. O terror minguaava diante a beleza daquele repucho de luminiscência de esporos, que fosforeavam no horizonte. Em torno da farinha nebulenta do cometa, a corte das estrelas se pontuava com o seu brilho piscante. – Que prodígio! – Já viu o cometa? – Já se vai afastando... – Que traga alguma peste ou guerra, será o diabo! Diziam os mais suspeitosos. Lembrariam, os mais eruditos, a história dos outros, que haviam disparado no mundo tantos infortúnios e flagelos, inclusive o de 1844, o qual ficou célebre nos anais sertanejos. Ezequiel Freire pôs-se mesmo a recitar Shakespeare: “Cometas que trazeis a mudança dos tempos e dos impérios, sacudi no firmamento vossas tranças cristalinas, chicoteai as estrelas rebeldes...”.

Mestre insigne nessas informações astronômicas e meteóricas, qualificara-se o nosso primo Belarmino de Arruda Câmara, do qual mais tarde largamente me ocuparei. Recém- chegado do Rio de Janeiro, em visita à nossa família, dava ele toda expansão ao seu aferro a questões de Astronomia, discursando horas inteiras sobre tal sorte de meteoros,

²⁹³ “Quando a gente vê o cometa passar / Feroz, e sem que nenhum firmamento o ouse excluir, / Sabemos o que ele suporta com sua cabeleira?”.

de eclipses e fases da lua, cujos conhecimentos bebera, folheando Flamarion e a folhinha de Ayer²⁹⁴. Utilizando-se da sua ciência de algibeira, achava sempre meios de sair do cognoscível para o incognoscível, discutindo a Teodicéia, fendendo com o chuçó de materialista as razões religiosas, que lhe pareciam das mais insustentáveis. A convicção muito arrudiana do incréu e pirrônico dobrava-se do gostinho de escandalizar a companhia, quase sempre muito suscetível na sua incontrovertida credibilidade...

Com esses hóspedes de esplendente cabeleira o céu incomodava bastante os cá de baixo. O ínfimo verme terráqueo levantava a cabeça, preocupado com o que se passava acima dele... Alçava-nos do prato de feijão quotidiano às siderais regiões. Enchíamos os olhos, com as centelhas da peça de fogo de artifício, aceso na festa interplanetária, a qual sempre nos interessava, sobretudo desde que o jogo de sua relojoaria pareça desconcertar-se, fazendo quebrar a corda, torcer algum dente da engrenagem ou para algum ponteiro...

²⁹⁴ O “Calendário e Folhinha Portuguesa do Doutor Ayer” era um folheto com informações metereológicas. Machado de Assis faz referência a esse impresso em algumas de suas crônicas.

64. O CIGARRINHO ESCONDIDO

Das prematuras atrações do vício tabagístico, por minha vez, não escapei. O meu pai não fumava e era imensa a sua repugnância pela famosa e absorvente “erva santa”, que antigamente tudo curava e para tudo servia. Não me faltaram, portanto, os seus conselhos para que não a experimentasse e nem por ela me deixasse empolgar. Os prejuízos seriam grandes e discriminavam-se nos casos que o “velho” debulhava, a perda da memória, a cegueira e a angina-pectoris, acarretadas pelo alcalóide inseparável da planta de Nicot²⁹⁵.

Ele citava em reforço, mas sem nenhum efeito premonitório, o Papa que amaldiçoara os fumantes, o rei da Inglaterra, que mandava azorragá-los, o sultão da Turquia que os enforcara, o xá e o tzar, que lhes cortavam o nariz. E para nos acentuar a devida repugnância com alguma coisa de mais gracioso e persuasivo, ele reproduzia, tomando de não sei onde, esta maravilhosa lenda do tabaco, que parece arrancada a autor oriental, entre duas miniaturas de um conto lavradas num fundo de ouro e tinta purpurina.

Ei-la resumida através o rosicler de minhas primeiras e mais gratas lembranças: Maomé marchava distraído no dorso do seu dromedário. Vendo no caminho uma serpente tolhida de frio, recolhera-a no albornoz. Reaquecida no colo do seu protetor, ela veio a picá-lo no braço. Então Maomé, aplicando os lábios na ferida, sugou-a, rejeitando para a terra a peçonha que o réptil traiçoeiro lhe injetara. No lugar onde cuspira rebentara uma planta. Vegetal de apego e traimento, o tabaco surgira. Tinha o veneno da serpente e o perfume exalado da boca do Profeta.

Prende-se a tentação do tabaco – o pirima do tupinambá - a grandes questões, nos obscuros alvéolos do nosso espírito e sensibilidade. Com ele se perpetra, talvez, o grande drama inicial em que se consuma, na meninice, a primeira derrota da vontade com ares de sua grande vitória.

É tal o instinto da intrínseca anarquia humana que, mesmo contra a boa norma das cousas mais lógicas, trazemos sempre em nós mesmos engatilhada uma máquina infernal. De um lado, essas perturbações peculiares ao fundamento do homem, cevado à sombra

²⁹⁵ Referência a Jean Nicot (1530-1600), diplomata e estudioso francês que, em 1560, introduziu o tabaco na Corte Francesa. A planta do tabaco, *nicotiana* (que também é uma planta florida de jardim), tem o seu nome retirado de Nicot, como em nicotina.

imperativa de certas ideias e sentimentos em caminho de equilíbrio, de outro, a reação anormal, ao adstrito e ao defeso, apoiada no exemplo dos companheiros do colégio, mais avançados e indispostos às regras da obediência e do bom proceder. Todas elas se conjugam à imposição do ânimo do rapaz, já tendido por si a ceder ao influxo de certos maus exemplos, no embate dos problemas imaturos da personalidade dos mais graves e prementes... Que falta de recursos de defesa à praça tão assaltada da meninice! Toda ela é um crivo aberto aos inimigos de toda parte. A natureza é pródiga de todos os incidentes em que ela própria se contorce e se aberra. A sua primeira vítima é o ser que ela cria, adotando-a para em seguida o deformar e desviar em inclinações que chegam às vezes ao crime e à torpeza, indecisas e flutuadas embora no incógnito da subconsciência. Nunca arena de combate seria mais tumultuada e acirrada, antes uma grota de animais de rastejo, que a alma da puerícia endoidecida e entregue a suas impressões, temores e desejos...

A experiência do homem, em geral, antecipa-se de um programa espontâneo e secreto, que raia os abismos da nevrose. Quem chegasse a registrá-lo ponto por ponto, num traslado em regra, antes que o esquecimento e a obnubilação fossem apagando certas minúcias, prolonga-se, quando não coincide na realidade terrível, no panorama de ecos, de tentativas, de revoltas, de suposições e de sonhos de absurdo, de bem negro aspecto e insólitas tendências.

O primeiro cigarro é o grande divertimento, a empreitada de desobediência e independência em que nos projetamos tão cedo e a qual nos sorri, orgulha, interessa, envergonha e preocupa... É o passaporte da viagem regozijada na fumaça, que baila no ar, mas atrapalha com a denúncia do sarro infecto. Dá-nos o primeiro cigarro a presunção de romper com prejuízos e de um grande pulo a mais na existência antecipada.

Entra, porém, ele na longa conta das anomalias volitivas, em que andamos por essa triste época tão sujeitos. De uma parte, o organismo reage, dá engulhos e sobressalta-se em vertigens à adoção do hábito prejudicial do tabagismo; por outro, todas as forças espirituais disponíveis no inexperiente se juntam para a aceitação e perseverança no mau e no proibido. Mais sábio é o corpo cego, revoltado nas ânsias do enjoo contra o que intoxica, que a alma, de essência superior, entregue à resolução do capricho pervertido, que a diminui e escraviza... Raro é o homem que se faz um fumante, se não começa em tenra

idade... Vencidas as repugnâncias do seu noviciado, o tabaco torna-se automaticamente a absorção de todas as horas, sepultando as vítimas no sudário de sedução irreduzível... Certos escrúpulos na sua cauda vão-se demolindo... O furto, a mentira, a escondebura, o disfarce, a hipocrisia, recebem as primeiras lições das suas vantagens e proveitos mais imediatos, ligados ao uso e abuso da planta insidiosa, perseguida e contra-indicada...

O primeiro contato com a vida, contentada em contrariar as sujeições, levanta entre os escolhos surgidos na adoção do tabaco a sua bandeira de triunfo. O homem começa vaidosamente a usar de um veneno, no capricho de empenhar-se na luta travada entre o estômago e a consciência, onde e quando a víscera estúpida na sua repugnância é quem tem razão!

Vinte e quatro anos empolgou-me a erva tupinambá. A brincadeira duraria uns nove mil dias, evaporados como aquela fumaça, às baforadas, engolidas e expelidas pelas narinas, tão dispendiosa quando inútil e vã. A decisão do quarentão acabaria, bem tarde, por triunfar da leviandade e teimosia da criança. Desde 1910, não fumaria mais.

65. PÁLIDA MORS

Faltavam-me apenas os exames de Retórica, Filosofia e Latim, que os outros já os havia passado no Curso Anexo da Academia de Direito de São Paulo, quando perdi meu pai, levado pela dilatação da aorta. Ele mesmo previra a data desse acontecimento, quando poucos meses antes, provavelmente sob a impressão da carpinteiragem da “Magra”²⁹⁶, que lhe abalava a boa segurança e facilidade de circulação sanguínea, martelando-lhe as artérias quebradiças e aneurismáticas, ele nos dera um calefrio com esta reflexão: “Sinto que se passar deste ano seria um felizardo...”.

O seu avô, o doutor Francisco de Arruda Câmara, grande clínico pernambucano, precedendo à autópsia num negro morto de carbúnculo, infeccionara-se com a terrível bacterídia. Havia de saber o clínico que, desde Tito Lívio, não se ignorava esse mal tão rápido e violento nos seus efeitos. Esfregaria ele o corpo com fel de galinha, poria cal viva e vinagre na pústula maligna, aplicar-lhe-ia a decoção dos raminhos novos do cipó cumanan? Nem a incisão, nem o cautério, nem a infusão poderiam salvá-lo. À semelhança de Armand Trousseau²⁹⁷ que diagnosticara seu cancro, calculara o tempo que lhe restaria de vida, ele marcou o dia, a hora, do desfecho de sua morte, que saudara no desenlace com esta despedida de velho céptico à chama que se lhe apagava: “Vou para a Terra da Verdade, se é que existe...”.

Ao fim de três dias de cama, a 30 de Dezembro de 1886, pronunciada a crise final da moléstia do Quincas, cujos ataques de dispneia se multiplicavam na sua última fase, fui, pelas nove horas e tanto da noite, chamar o clínico assistente e seu compadre Doutor Jaime Soares Serva, que morava à rua Senador Feijó. Na caleça de praça que nos transportava, deu-me o facultativo baiano a notícia de horror a qual me cavaria subitamente um boqueirão nos pés. Iria ele, confessou-me, então, assitir ao fim do amigo Quincas... Não haveria como salvá-lo, a não ser que Deus entendesse o contrário, derogando as leis vitais do corpo humano. Acompanhara-lhe o mal desde o começo. A bolsa arterial dilatara-se, sem que o houvesse impedido o tratamento iodurado e arsenical... A valeriana, a beladona e

²⁹⁶ Termo de uso informal, regionalista, para designar a tuberculose (vide Dicionário Houaiss).

²⁹⁷ Armand Trousseau (1801-1867): médico francês. Dominou a clínica francesa durante o século XIX. Participou do ensino a partir de 1839 e assumiu a Cátedra de Clínica Médica no Hôtel-Dieu em 1852.

os brometos intervinham apenas para acalmar as palpitações cardíacas, mas o processo de inchação dos vasos sanguíneos tendia à ruptura mortal. A voz do médico ressentia-se do abalo e desespero de amigo, transtornado na sua impotência de clínico. O sacerdote da ciência, velando o caduceu simbólico, balbuciava-me palavras paternas de pena e de consolo... Ao entrar na sala, onde arfava o doente, o Doutor Serva verificou a aproximação do desfecho orgânico da antiga lesão vascular. Julgou dever não obstante receitar ainda a poção calmante. A ética médica penhora-se até a inutilidade, a que cede à força dos seus preceitos pretendidamente humanos.

Sabe Deus em que estado de sobressalto, corri à botica mais próxima, no meu velocípede, atravessando no percurso as porteiças da via férrea inglesa em face e engolfando-me pela Avenida do Triunfo, cujo nome na ocasião era dos mais impróprios à minha via dolorosa. O coração fugia-me, ritmando as pulsações de afogo ao sabor da minha pressa em escapar daquele pesadelo, entrando e saindo da farmácia do canto, com a receita do Dr. Serva aviada. Ao regressar, com o frasco da puçanga, ouvi, desde o portão de casa, os soluços e gritos que se filtravam através das janelas da sala da frente. Às dez horas justas da noite, a boa alma do Quincas desembaraçara-se das angústias e misérias da terra.

A vela na mão contracta de moribundo despedia um tétrico vislumbre. Pequeno crucifixo plúmbeo pesava-lhe no peito, colhendo-lhe numa ânfora invisível o último suspiro. Adquirira eu essa imagem num leilão colegial do Itu, em meio à pacotilha devota, provinda de Saint Sulpice. A esse Cristo tanta vezes me abraçara, trazendo-o ora pendurado na cabeceira da cama, no imenso dormitório de duzentos leitos, ora juntando-o na carteira aos meus livros de aula no São Luís! Dele me parecia vir todo o socorro, baixar toda a proteção celeste, em tantas ocasiões. Irmão dos soldadinhos da minha infância, por talvez coado na mesma colher de chumbo que os modelara todos, figurinhas de guerra e o próprio Filho de Deus, solenemente esfriado no suplício da sua cruz de madeira preta!

Como jamais me pudera passar pela imaginação, um dia ele viesse a repousar sobre o coração parado daquele morto, que tanta falta nos fazia! O fato horrível é que a pobre imagem do crucifixo ali estava, selando a catástrofe, abraçando-a com os braços inertes... Sagravam-se os restos do extinto funcionário postal, consternados com o divino simulacro

do sofrimento de Gólgota²⁹⁸... Nas pacificantes portadas do céu, recebê-lo-iam muitos pássaros e flores, todos do seu apreço. Não deparei no momento nem lágrimas no fundo do abismo álgido e sem bordas, em que me encontrei rejeitado. Precipitou-se-me no ser uma angústia feita sobretudo de vácuo nas entranhas e travo na garganta. Agarrado ainda ao vidro de calmante, trazido da farmácia, ajoelhei-me na beira do leito onde minha mãe, demudada e trepida, rugia a sua mágoa e choravam os meus irmãos...

Vi-me nas mesmas sensações daquele imaginativo “Angústia” de Graciliano Ramos, lembrando-se de quando lhe morrera o pai: “Tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar, sozinho neste mundo. Sentia frio e pena de mim mesmo. A casa era dos outros, o defunto era dos outros. Eu estava ali como um bichinho abandonado...”.

Sentia-me, por minha vez, na jangada de Medusa... Fagundes Varela havia marcado o negror nefário de horas semelhantes!

*“Oh! Essas horas tremendas
Tenho-as sentido demais!
E os males que me causaram,
Não se pagarão jamais!”*

Os versos de Tobias Barreto, que tantas vezes meu pai recitava e era obrigada a sobrestar, pela emoção que nos causava, volveram-me à cabeça, sacudindo os seus véus de crepe, confirmado o golpe de terror, que tanto temíamos na alusão dos dolorosos heptâmetros:

*“Não sei quem é que permite
Que se tenha um mau destino,
Que se sofra tão menino,
Que a gente fique sem pai...”*

Essa estrofe do sergipano ocorreu-nos para epigrafar o vácuo que se desatara sobre o íntimo de Proust, ao assistir o trespasse da avó de toda sua estimação. Em mim duraria menos que em Proust a surpresa de seu golpe. Mas o refluxo de dor consecutivo e esse desaparecimento, como no coração do grande anatomista das suas sensações, é que seria

²⁹⁸ Gólgota: nome aramaico do Calvário, colina em que Cristo foi crucificado.

dos maiores. Torcer-me-ia depois no mais lancinante e ruminado dos pesares toda vez que pensava nessa perda.

No oratório, sobre a cômoda de nogueira, imagens de Santo Antônio, São Benedito e Sant'Ana juntavam-se ao Senhor dos Passos coberto de uma capa roxa e ornado de rutilante resplendor. Existiam por existir, na afirmação dos ritos ancestrais e lareiros, de que as suas figuras abandonadas atestavam a continuidade. A impiedade um tanto despótica dos Arrudas de nosso sangue não conseguira derrubá-los, mas isolá-los em certa zona de indiferença.

Quando coriscava, porém, é que nos lembrávamos da devoção aos santos do oratório. O medo empurrava-nos a seus pés. Reatávamos o fio da crença às faíscas e bombardas do céu... O terror das trovoadas frequentemente nos acabrunhava a todos. Às fulmíneas projeções e estampidos rolados das baterias celestes, caíamos juntos de joelhos, rezando a “Salve Rainha” ou o “Magnificat”. Guardávamos na família, aliás não muito dada a frequências e práticas religiosas, esse pânico de primevos, quando o índio apavorado ouvia as estrondosas manifestações de Tupã.

Ainda hoje, quando firmamento escurece e se zebra de fuzis e relâmpagos, conturba-se-me a psiquê dos receios da meninice. Não me sustentaria mais a confiança, para acreditar que, implorando São Jerônimo ou Santa Bárbara, o fluído elétrico fugisse a suas leis invariáveis, mas o certo é que jamais poderia repetir a afirmação de Jean Cocteau: “J'aime la foudre”²⁹⁹. Tombado o raio dessa morte em casa, juntamo-nos todos, estatelados na desgraça, trazida ao fim de algumas horas de tão profundo desgosto e sobressalto. Contudo, não houve prece que viesse aflorar aos nossos lábios. A lamparina do oratório ficou apagada...

Seria porque o mal já estava feito e o desastre irreparável consumara-se, derrubada a trave mestra da estância recatada e feliz. Esmagados na catástrofe irremediável, como deter ou revogar as forças que nô-la tinham desfechado?... Traumatizara-se-nos o ser, impedindo curvar-nos diante à atroz contingência daquela realidade insólita e brutal. Saltara o eixo das engrenagens de nossa vida de momento, paralisada na conformidade ao que nos parecia um absurdo...

²⁹⁹ “*Eu gosto de trovoadas*”.

E o sono irrecusável começou a correr-me nas pupilas um pano de intercepção, ao fúnebre e doloroso desenlace do drama capital do fim da minha infância. Acordando, o dia seguinte, que foi o 31 de Dezembro de 1886, como a manhã alta e ensoalhada de verão me pareceu uma tarde lóbrega e invernal! O horror da véspera ainda estava em toda a sua vigência, com os frios restos do Quincas estendido na sala, aguardando a cova coberta de flores, que ele mesmo plantara, no secreto desejo de enterrar-se com elas... O fim de ano parecera-nos o fim de tudo. O filho mais velho de Alphonse Daudet escrevia a respeito da morte deste: “Comme il arrive, cette heure, si lourde, de ma vie, est demeurée entourée de toutes ses circonstances.”³⁰⁰ Poderia também dizer o mesmo, de tal modo esse instantes do fim do Quincas me ficaram marcados na memória. A consciência do sinistro abrir-me-ia os sulcos em que tais lembranças se foram inscrevendo inapagavelmente.

Não assisti a mais cousa alguma do que em seguida se passou. Não me foi consentido ver o esquife, o arranjo do féretro e o cortejo fúnebre. Através das vidraças do quarto em que fui relegado, nessa noite de fim de ano, uma lua disforme, amojada, rutilava no céu, como a própria encarnação da indiferença universal pelos vulgares acidentes da dor e da orfandade na terra... Com que esplendor rolava o astro, desdenhoso de seu brilho e solidão! Pela primeira vez senti essa distância incomensurável que vai, em certos momentos, da natureza empedernida ao homem sofredor. Se ainda não tinha lido, já sentia o amargor do verso de Laforgue, definindo a terra:

*“Qu’un atome où se joue une farse éphemère...”*³⁰¹

Achegando-me choroso ao peitoril da janela de casa, que o terreno em declive tornava inacessível pelo lado de fora, pareceu-me no dia seguinte ver na penumbra da tarde a sombra de meu pai, andando no quintal, sumir-se na latada do poço, coberto de maracujás e madressilvas. Como na fábula de D. Francisco Manuel, a “Raposa e o Lobo”:

*“De uma polé pendurava
(Porque o poço era profundo)
Uma corda, a qual atava*

³⁰⁰ “Como ele chega, esta hora, tão pesada, de minha vida, permaneceu envolvida de todas suas circunstâncias”.

³⁰¹ “Que um átomo onde se goza uma farsa efêmera...”.

Dois baldes (...)

A imagem querida do Quincas, reimpressa numa visão de instante, morria de novo em torno da cacimba de casa...

Abrindo o ano de 1887, publicava o “Correio Paulistano” a curta notícia do falecimento em que se dava falsamente o meu pai, como tendo militado nas fileiras do partido conservador. E a gazeta assinalava: “e como empregado público foi sempre solícito no cumprimento dos seus deveres, aliando a esta excelente qualidade caráter sério e trato ameno, pelo que a sua morte causou profunda consternação entre os seus companheiros de trabalho”.

Essas linhas foram lidas por meus olhos anuviados, bastante curiosos do que se poderia dizer em público e raso daquele extremoso Quincas, todo modéstia e intimidade, nem outro desejo de passar na terra senão como os pássaros, as flores e os sons da flauta de sua estima e predileção. A seca notícia, seguida ao singelo necrológio, é que me empolgaria de surpresa e horror: “Obituário. Sepultaram-se no cemitério municipal os seguintes cadáveres: Dia 31 de Dezembro... Joaquim do Rego Rangel, 47 anos, morador da freguesia de Santa Efigênia: dilatação da aorta (atestado do Dr. Jayme Serva.)”.

Essas linhas breves pareceram-me ter mais força de realidade e dizer-me mais respeito, que o elogio da gazeta. Resumiam-me todas aquelas cenas tristemente vividas na véspera, com o corpo ainda quente do morto, estendido no leito, e esmaltado do Cristo de chumbo do Itu, ao clarão da vela benta, trazida não sei por quem...

66. O EPITÁFIO, AS ABELHAS E A CORUJA

Coberto de rosas escolhidas por mais belas e seguido o morto querido para o seu jazigo pelo Ezequiel Freire e outros amigos e companheiros do Correio, a viúva e os três órfãos se entreolharam, encerrados no quarto de onde lhes custou sair para ver tudo que lhes faltava. A choça ruíra, com efeito; na tormenta quebrara-se-lhe a vara do capote das palhas... A viúva e os três órfãos, consternados, abraçaram-se no exício daquela derruição...

Algumas semanas mais tarde, atravessando distraído, a assoviar, a avenida dos Campos Elíseos, onde se estabeleceram uma oficina de marmoreiros alguma coisa de insólito me fez parar surpreso e terrificado. No meio do terreno, onde se empilhavam entre vasos, colunas, cipós e urnas algumas pedras funerárias já trabalhadas me era dado ler esta singela inscrição: “Aqui jaz Joaquim José do Rego Rangel. Saudade eterna dos seus”. No instante, segurei-me às grades do estabelecimento, na luta de quem quisesse fugir do epitáfio e ao mesmo tempo beijar a lousa de Carrara, onde lera as letras negras que me surpreendiam. Dir-se-ia ter de novo encontrado meu pai, dessa vez, levantado em meio do caminho, bem vivo, mas semidevorado pelos vermes, rejeitado da cova para o derradeiro adeus, de que me haviam subtraído, com pena de agravar-me o desespero. Aquelas palavras inscritas na lápide sepulcral e inesperadamente encontradas no pátio do marmorista, confrangeram-me todo, reproduziram-me as cenas do infortúnio daquela noite do fim de Dezembro, de que tão proximamente tinha saído com os olhos marejados de lágrimas.

Pedra branca, laja fatídica, hórrido calhau de tampa que tanto me pesas quando de ti mais me afastos; levantaste-te no limiar da minha vida, obstruindo-a e marcando-a da primeira dor inapagável e assim a vi alçada no pórtico do artífice e vendedor paulistano. Pedra do nunca mais, farilhão de onde deveria partir a pequena ave de retrizes e voadeiras aparadas nos seus préstimos de lemes de direção. Nem as rosas do Bom Retiro deveriam circundá-la mais, cairelando-a de aroma e de frescura. Ficarias só, rocha nua e chata, com um nome apenas para te afrontar a dureza e enegrecer a brancura! Extinto o prazo da concessão do jazigo temporário é força que te tirasse do lugar. Estarás talvez forrando alguma pia de cozinha, como as que vi aproveitadas dessa forma pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro em prédios de sua construção.

Chegando a casa, as órbitas ardiam-me como se nelas houvesse passado pimenta. Explique que a poeira, trazida num golpe de vento, me tinha entrado nos olhos... Obrigaram-me a lavá-los com chá de camomila, não tendo dado resultado sacudir as pálpebras recitando:

*“Santa Luzia
Passou por aqui
No seu cavalinho.
Dei-lhe água,
Diz que sim,
Dei-lhe pão,
Diz que não...”*

Meia dúzia de cortiços de abelhas europeias afanavam-se na tábua descansada sobre cavaletes, que lhes fazia de silhal, entre os pessegueiros e limbeiros do quintal da casa do Bom Retiro. Adquiríramos o primeiro enxame, quando este balouçava, fervilhado, perdido e zunindo no ar. Fizemo-lo pousar à tardinha num esteio da cerca, ao barulho infernal que produzíamos, para esse efeito, tangendo com paus e martelos o fundo de latas e velhas bacias. A barulheira de quando havia eclipse e precisava espantar o dragão celeste. Como se ficassem atordoados e procurassem um encosto para fiar de si, os insetozinhos embolaram-se, cerrando-se uns contra os outros, pendurados no primeiro canto mais propício, sem quererem saber de mais nada. A rainha do bando, escondida ao meio do negro aglomerado, encontrava-se no centro de sua família, de seu operariado e de seus exércitos assexuados. Era uma caça em pleno voo, dela mesmo concentrada para ser apanhada sem esforço, ao som de uma música de pancadaria.

A caixa de querosene vazia, cujo interior, trespassado de cruzeta de pau, fora por dentro previamente esfregada de folhas de laranjeira, colhera o bolão negro e volteiro das apidas errantes que ali despejávamos. Três entalhes angulares na borda da parte aberta da caixa, emborcada sobre uma prancha, dariam fácil entrada e saída aos elementos do rancho que se hospedava. Com que facilidade e segurança a primeira colmeia se multiplicara na casa do Quincas! A recolta do mel era sempre um dia de juízo em casa. Não escapávamos a alguma picada dolorosa. Esses insetos, preferidos de Fabre e tão amados de Virgílio e

Maeterlinck, não pareciam muito contentes da espoliação a que os submetíamos anualmente. Armava-se o meu pai de luvas e véus para o rosto, que nem sempre o garantiam das ferroadas.

Uma vez atacaram-se elas ao molosso de guarda ao galinheiro e ao quintal e o mataram, vestindo-o de seus agulhões terebrantes. Pobre “Nero”, todo inchado, com os colmilhos de aço à mostra na boca entreaberta, vencido por um punhado de moscas melíferas, enganadas no seu endereço de ódio e combate de alguns instantes! E dizer-se seriam as mesmas a que se referia o poeta do “*Chatiments*”, no desvario dos seus ódios políticos:

*“Oh! Vous dont lê travail est joie
Vous qui n’avez pas d’autre proie
Que les parfums, souffles du ciel”*³⁰²

Com a morte do Quincas, as abelhas foram-se sumindo no fatídico abandono que parecia inspirar-lhes o luto próximo, a tristeza familiar da gente da chacinha do Bom Retiro. Entre certos campônios do Velho Mundo, quando é da morte de pessoa da família, ata-se um crepe às colmeias, para incorporar ao luto de casa as próprias abelhas. As nossas, descontentes de velhos enxames europeus, não vendo esse costume realizado no Brasil, retirar-se-iam envergonhadas da indiferença com que, nos utilizando do mel de seu fabrico, as alheávamos da pena com que as solidarizássemos, ligando-as ao objeto de nossa dor com esse nastro de luto...

A entrada em casa de alguma borboleta preta ou gato dessa cor era sempre muito mal recebida. E isso se dera várias vezes, bem como a dos morcegos que, sobretudo em Pernambuco e no Rio de Janeiro, frequentam os frutos dos sapotizeiros da vizinhança. Enxotados com toda a rapidez, não dariam tempo a impressionar pessoa alguma. Entretanto o único mocho, o qual jamais entrara onde residíssemos, deveria fazê-lo justamente na véspera da perda do meu pai! Debatia-se de encontro às paredes de casa a pobre ave mortuária; os seus olhos de fogo, redondos e fixos, acendiam-se no mistério do agouro

³⁰² Fragmento de “*Le manteau imperial*”, em *Chatiments*, de Victor Hugo: “*Oh! Vós cujo trabalho é alegria, / Vós que não tendes outro espólio / Que os perfumes, hálitos do céu*”.

daquela visita única, de que ela seria a primeira a desconhecer a coincidência trágica, sombreando um lar e alarmando uma família...

Encadeada pelo candeeiro aceso na vigília do doente, a estrige, amiga de Minerva, anunciava a sepultura provável da qual somente nós não vislumbramos a goela negra e insaciada, aberta à nossa ilharga... Para nós a ave insetívora era o sinistro correio das más notícias, de que já a acusava mestre Boileau:

*“(...) um hibou retiré
Trouvait contre le jour un refuge assuré.
Des desastres fameux ce messenger fidèle
Sait toujours des malheurs la première nouvelle”*³⁰³.

O autor da “Vida dos Bárbaros” assim consignava os efeitos da noturna ave de presa sobre nossos patrícios: “A coruja por exemplo é um dos seus maiores espantalhos. A triste e retraída ave, em seus passeios noturnos ou pousada num juazeiro, canta nas proximidades de uma moradia de onde a ouvem, logo no dia seguinte a tristeza invade os lares e conjecturas terríveis e desgraças preocupam atenções de muita gente. Na opinião daquela gente, aquela ave vem pronunciar uma calamidade, ou a morte de pessoas da casa em cujas proximidade canta”.

Filhos da cidade, não nos diferenciaríamos dos filhos do sertão, enrolados nas suas crendices e temores. Acabamos por apanhar a coruja desgarrada do seu oco pau, e metê-la numa gaiola, onde a condenamos à fome e à prisão perpétua. O mocho acabou não sendo mais o tremendo animal dos terrores lendários, mas um pobre passarão doente, indiferente aos suplícios que lhe infligíamos, surpreso pelo dia em que o maltratávamos, sem que pudesse fechar os olhos do oftálmico e solífugo à luz que o atormentava...

Ave de agouro, com sua mensagem de luto e de mistério suspensas das unhas aceradas e curvas, substituíra um canário belga fugido por inadvertência. Tristíssimo,

³⁰³ “Um mocho retirado / Achava contra o dia um refúgio acertado. / Desastres famosos este mensageiro fiel / Sabe sempre dos infortúnios a primeira notícia”.

hierático, os olhos de fogo, pedindo à noite a ruína e o silêncio, fora essa coruja o último pássaro do Quincas! Pusera-lhe as garras e ferrara-lhe o bico na cabeceira do esquifo...

67. O ESCRIVÃO E O FAMILIÃO

Acabadas para sempre as seroadas repletas do que o meu pai contava, ora das suas peripécias de criança ou de rapaz, ora dos casos de parentes, conhecidos e amigos e que se sucediam no seu quadro diverso, orlado de uma larga tarja preta! Tantas vezes lhe vinha a lembrança dos pais e dos irmãos, trazidos um a um dos recantos da Eterna Sombra, onde a morte os recolhera e dissolvera a muitos reatados no bastidor de bordar, cujo fio familiar de cores vivas se estendia da ruma dos avós à pererecada dos netos!

O Escrivão do Tribunal do Comércio, meu avô paterno nascido no Recife em 1800, falecera na mesma cidade em 1854, na sua casa do Monteiro, lavando o rosto empoeirado e suado, depois de chegar da longa trotada a Jaboatão. E o familião de oito filhos, destroçado na surpresa do navio que se partisse, de repente, levado por um torpedo no meio da quilha.

O tipo de família brasileira, toda aparafusada na cacunda do velho chefe, a rolar nas diversões e na abundância que ele lhe traz, o burro-de-carga, sem repouso, sem protestos, moendo a atafona da Repartição ou da Casa de Negócio, os dedos das mãos suspendendo os embrulhos, para dar a todos os seus o pirão, o teto, a roupa, os níqueis, as guloseimas, a escola, os divertimentos e os remédios... E subitamente, do dia para a noite, em vez da fartura descuidada a orfandade necessitosa, o golpe que ninguém esperava tão cedo... Fora então a dispersão das Doze Tribos³⁰⁴...

Franklin, o filho mais velho, atirara-se, comerciando, à vida do sertão, Dimerico conseguiu formar-se em Direito no Recife, em 1881, Juvêncio foi juiz no Rio Grande do Sul, Maria casar-se-ia com Paulino Chaves, filho do barão de Quaraí, Olindina, a santa e mártir, com o jurisconsulto e calígrafo mineiro Luís Francisco da Veiga, Ulisses pôs-se de caixeiro, Quincas e o caçula José seriam internados no Colégio dos Órfãos do Recife. O meu pai incorporou-se como flautista e o Cazuzza como ofcleidista no orfeão daquele estabelecimento de ensino e caridade. Enquanto viam o barco enfurnar as velas, saindo pelos arrecifes da costa, levando a Dona Ana de Arruda Câmara, sua progenitora, que seguia para o Rio de Janeiro, os confrangidos eram obrigados a seguir com nitidez os compassos da polca bem tepicada no Domingo. As lágrimas canalizavam-se-lhes com a

³⁰⁴ Referência às *Doze Tribos* simbolizadas pelos doze filhos de Jacó. Aqui, pode-se entender a menção como uma metonímia para dispersão dos membros da família.

saliva correndo pela flauta e pelo ofeide afora. Os coitados teriam preferido mil vezes executar qualquer marcha fúnebre, a missa do Réquiem...

Pois não lhes pareceria desaparecer para sempre, seguindo para os antípodas ou o fundo da terra aquela que lhes dera o ser e assim se apartava num frágil madeiro, arriscada à voragem do mar, sumida entre as névoas do sul e os vagalhões do largo?

68. OS GRILOS, A BOTÂNICA E AS XÁCARAS

Ali, nesse colégio gratuito, de meninos órfãos, o meu pai, nascido em 1848, se dera à aprendizagem da geometria e do desenho de que nunca perdera o gosto e da música de que também adorava a solfa. A grande distração do orfanato consistia e propagava-se na briga de grilos. Cada menino, cada família de saltadores dos mais fortes e escolhidos no mundo desses ortópteros. Desviavam eles as tristezas e deveres das classes para o absorvente interesse dos prélis encarnecidos, que os insetos ciumentos e raivosos empreendiam ao se defrontarem.

Distinguiam-se as espécies, os bons tipos mais rijos e coléricos e guardavam-nos em caixinhas de fósforo ou carretéis gradeados a linha, alimentando-os de tudo, onívoros como são esses azoiantes bichinhos. Sobretudo os escondiam da impiedosa vigilância dos professores e bedéis. À noite, no dormitório, só mesmo o sono pesado do rapazio poderia vencer o cricri seguido e intenso dos insetos acorridos à companhia do semelhantes, que já estavam encarcerados e por sua vez vibravam, desesperando-se em desafio aos vizinhos e recém-chegados. O colégio tornara-se um só estridor, reduzido ao grande viveiro de criação desses diminutos animais, lutadores inveterados e por isso tão apreciados no Oriente. Afinal, um santo dia, depois da resolução das mais decididas e importantes por parte da administração do Orfanato, foi dada caça aos grilos da meninada. Esmagou-se a população dos insetos belicosos, que foram encontrados nos bolsos, nas carteiras e nos baús dos alunos, seus colecionadores.

Os grilos não seriam mais apercebidos nem pegados outra vez na lura dos assoalhos, nem nos buraquinhos do chão do recreio. Foi uma Matança de Inocentes por ordem de Herodes para que voltassem à casa dos Órfãos o silêncio, a atenção ao estudo e ao trabalho. O meu pai, mais recalcitrante e cioso, muito repugnara o objetivo dessa perseguição e destruição sistemáticas e a qual lhe parecera tão injusta e acabrunhante como as dos Primeiros Cristãos. Agarrado ao par dos seus grilos de mais estima, não podendo impedir a coação e apreensão dos vorazes insetos, exclamava a bigorriha fora de si, opondo-se à campanha de limpeza do Orfanato: - Façam o que entenderem! Hei de criar grilos e grilas... O pertinaz, zangado, abroquelava-se do feminino que inventara, defendendo os seus direitos à disposição de tão divertidos combatentes. Jamais nos seriam renovados pelo

Quincas as pequenas lições práticas, professadas no jardinete da casa, com a tesoura das flores a talhar o buxo, a cortar os galhos secos, a extirpar a sobra de brotos e rebentões. A razão do jasmim-do-Cabo chamar-se, no extremo norte, jasmim-general. Onde estava o segredo das boas enxertias. Em que época deveria proceder-se aos talhos da poda. Porque a flor do maracujá se denominava flor da Paixão. Que faziam os insetos, atraídos ao âmago de certas flores melíferas. Que intentava o caboclo amazônico, regando com sangue o pé de tinhorão, junto da sua choça. Era toda uma botânica amorosa e anedótica, servida em meio a tantas tradições conservadas na vida pernambucana.

Guardava ele bem vivos os trâmites da revolução de 1848, tão decantada por Pedro Luís. Na casa do Monteiro, no Recife, a família do Escrivão apavorada, fechada a sete chaves, ouvia o tiroteio da peleja civil e espiava pelas frestas da porta e das janelas o que se passava na rua.

O cadáver de Nunes Machado, com o seu colete e calça de quadros, transportado na rede, todo ensanguentado, era objeto da curiosidade geral. Iam parando, para mostrar inânime e a quem o quisesse, o chefe da bernarda, ferido na Soledade. Retumbavam por toda parte os vivas aos “saquaremas” e morras aos “praieiros”... Todos eram legalistas...

E quando fora da guerra do Paraguai! A extrema repugnância da guerra transbordava na matutagem que via, com horror, ser um dia arrancada de seus brejos ou espinhos para as terras que não conhecia. Morrer longe de suas chapadas e ribeiras trazia-lhes a maldição decorrente. Entre os antigos romanos havia até uma denominação geral para aqueles que cortavam o polegar a fim de serem dispensados do combate.

Os sertanejos nortistas fugiam para o mato e quebravam os dentes da frente para não servirem na fileira, pois não poderiam morder os cartuchos para carregar as espingardas de pederneira. Outros toravam os dedos, faziam chagas artificiais, utilizavam-se das cabeças de alho... Os escravos é que preferiam à escravidão a liberdade concedida desde que assentassem praça. Para tornar emancipados e livres os povos do Prata seria preciso começar por desfazer os grilhões dos legionários da liberdade. A polícia, onde o meu pai era empregado, andava cheia de recrutados. A tarrafa, emprestada ao general Soares de Andréa, e celebrizada pela quadrinha inclusiva sob outra versão do “Novo Dicionário Enciclopédico” de Simões da Fonseca, revisado por João Ribeiro :

*“Se é português,
Eu também sou,
Vá para a guerra
Que eu também vou.”*

Estendia-se nas suas funções de surpresa e de arrepanho, a pretos, a brancos, a mulatos, a estrangeiros. Os desordeiros, ladrões de cavalo e escrunchas mais em voga mandaram-me para o sul; a cidade andava limpa e bem aliviada de todos os maus elementos habituais, como os cabras rixeiros, nas gameleiras da lingueta, amigos dos lundus e outras folganças, no terreiro dos mocambos do Pina, iam-se muscando... Aludindo à segurança que se gozava nas ruas e casa da cidade, havia gente que dizia: uma guerra todo ano punha um jeito no Brasil, sobretudo em Pernambuco, consertava essa vagabundagem, recolhia esse lodo...

Eram adivinhas e charadas outro passatempo do Quincas. Que é, que é? E excitava-nos ele a inocente e romba perspicácia. Nossos raros acertos e erros sucessivos prolongavam-se entre risos e disparates. Precipitando-nos à descoberta do provável, na urgência de precisar as conjecturas, caíamos e rolávamos de engano em engano...

A poesia lancinante das xácaras, trauteadas por meu pai, estendia os seus trapos de luto, no róseo perpassar da nossa meninice. A “Vida do Frade” punha-me sempre água nos olhos:

*“Só a força eu professei
Por meu pai assim querer,
Sou defunto sem morrer,
Amortalhado.*

*De noite à porta da cela
Certa matraca tocando
Vão-nos levantando
A rezar no coro.
Com isso quase que morro,
Às vezes sonambulado.*

Se estou rezando ou mijado

Também não sei.”

Haveria então pais que atiravam os seus filhos nessas geenas, para todo o sempre! E isso me conturbava profundamente. No colégio do Itu esses versos me voltavam, tangendo afinados. Por seu lado o “Romance de uma freira” impressionava à minha irmã Ana Olinda:

“E queria ser casada,

E ter pensão de meninos,

A viver tocando sinos

No campanário,”

- Nunca hei de ser freira, soluçava ela, sem poder adivinhar o seu áspero destino de uma mãe de família, enfermeira atrelada durante mais de vinte anos ao leito do marido, tornado cego e parálítico pela *tabes dorsalis*³⁰⁵.

Intercalavam-se na boca do meu pai a “História de Clara Linda”, a “Flor do Dia”, o “Cristão cativo”, “A bela Infanta”, “O ceguinho”, “O Conde de Flores”. A humanidade que descobríamos balança nesse poemeto, sofria, os corações separavam-se, traíam-se, perseguiram-se, prendiam-se, desprezavam-se e morriam juntos...

A nossa imaginação sobreexcitava-se. A pena de uns e o desgosto dos outros instalavam-se na nossa sensibilidade nascente, davam-lhe sensações de todas as cores. Íamos aprendendo a sentir, a tomar o partido dos fracos, a admirar a força dos poderosos, a compreender a dedicação e a firmeza, a rir dos extremos, a ter em conta a razão e a dor... Toda uma educação sentimental, no teclado dessa velha poesia rejeitada à literatura chamada de cordel. A alma do Quincas espriava-se na melancolia, que, por vezes, a inundava, voltando-se para o passado, socorrendo os irmãos, carregando os filhos para salvá-los e ampará-los.

Lembranças da guerra holandesa, o assassínio de Dona Ana Faria e Sousa trespassava-nos de pesar. Como nos confrangia a história dos figos, que infantilmente

³⁰⁵ Segundo o Dicionário Houiss: problema de coordenação motora provocado por uma alteração degenerativa da medula espinhal, geralmente causada pela sífilis; ataxia locomotor.

consagrava a incompatibilidade entre a órfã e a madrasta! A mísera enterrada gemia sob a erva crescida na sua cova rasa:

*"Capineiro do meu pai,
Não me cortes meus cabelos.
Minha mãe me penteou,
Minha madrasta me enterrou,
Pelos figos da figueira
Que o passarinho bicou."*

A tristeza esparsa no povo pernambucano, submetido a tanta crise econômica e a tanta luta política, espregueia-se nesse lamentoso praticar das xácaras, nas sombrias histórias de perseguição, de crimes e mistérios, colhidas até na cintura gemeabunda dos alcatrazes, mumbebos e "viúvas", que soturnizam a ilha de Fernando de Noronha e nos lobisomens e cabra-cabriolas da Cruz do Patrão...

As lembranças familiares do velho Pernambuco respiravam a alguma coisa de tético e sanguinolento. Em mais que nenhuma outra parte do país, a existência precária do homem do sertão, a decadência da aristocracia açucareira e algodoeira, a devastação e embates da nossa ideologia política tingiram para sempre a alma nortista dessa espécie de aflição e entristecimento, que a sobreja e punha frequentemente o Quincas bem taciturno e sucumbido, sem saber por quê.

69. AS PREVISÕES E A POLÍTICA

E aqueles devaneios do meu pai, ao cair da tarde, aos primeiros clarões do candeeiro de querosene, na sala de jantar! Algum besouro cascudo batia os élitros na pantalha de papel ou tartalana e logo vinha a propósito a ideia da navegação aérea. “Hei! Meu filho, no dia em que o homem puder voar, como será feliz o mundo; não se conhecerão as distâncias, as guerras serão impossíveis...”. Sem saber subscrevia o Quincas as profecias do Lögfren, junto da máquina elétrica, sem falar nas do Hobbes e do Victor Hugo, montado este em “Plein ciel”, no seu “aéroschape” ! A humanidade tem sempre pensado nisso.

Tenho fé, adiantava ele, há de ser um brasileiro que resolverá esse problema. Bartolomeu de Gusmão começou e ninguém fez caso. Em São Paulo mesmo ninguém fala desse padre. Foi preciso que o estrangeiro repetisse a operação do santista para ficar logo com o nome na História como de um precursor, tomando as honras do outro... E quando os homens se puderem comunicar pelos ares sem necessidade de fio transmissor, e guardarem a palavra como quem guarda toucinho defumado!... O maquinismo realizará esses impossíveis, produzindo raios que ninguém ainda suspeita. A gente será nutrida a pílulas e enxergará através dos corpos opacos. Bastará à saúde uma injeção... Verás talvez isso, meu filho... Que mundo novo!... Que transmutação das paixões de baixo para cima, como todos se hão de achar irmãos! A terra será bem boa de ser habitada. Tudo será a farta e a tempo e a hora. O Brasil há de valer alguma cousa, reduzido do peso morto da imensidade que o esmaga... De Pernambuco a São Paulo haverá de ser um pulo de gafanhoto... Com a facilidade das comunicações, tudo quanto é burgo podre há de reviver. Os seus sentimentos patrióticos e propriamente humanos vibravam, sacudindo como grandes borboletas o pólen das asas, matizados de azul os sonhos do futuro.

Não seria da culpa do Quincas que se enganasse quanto aos reflexos desses maravilhosos resultados, que nos trouxeram com as guerras monstruosas tantos motivos de tormentos e inquietações modernas. A Política vinha também à baila, com a leitura da notícia da gazeta, a recordação dos homens de Pernambuco, do barão de Itamarati ao segundo barão de Vila Bela. O liberalismo do meu pai, aliás bem sossegado e só aquecido à força de reminiscências, alimentava-se daquele velho ambiente pernambucano, que já Silva Lisboa, o primeiro Cairu , definia como “um foco de jacobinismo” e, desde o século XVII,

se tornou propício a certas cartadas de rebeldia e à efervescência democrática, toda nutrida de perspectivas de miragem e de palavras de gala... Condensaram-se e desataram-se esses vapores vermelhos nos três movimentos políticos da primeira metade do século XIX e dos quais o meu pai, aos sete anos, assistira a derradeira ato, o praeiro, em 1849, espiando das frestas da janela para a rua, quando a 2 de Fevereiro desse ano, passava morto Nunes Machados, num fiango, para quem o quisesse ver, “entre baldões e ultrages dessa vil gentalha...”.

Essas terríveis impressões da agitação da “Praia” muito haviam calado na alma do meu pai. Criança, recebera-as na cera mole da primeira idade. É preciso, com efeito, ler no único discurso existente do grande Francisco Lisboa o que foi essa época febril de discussão e agressões, no norte do Brasil. O certo é que o liberalismo praeiro, com toda a sua idolatria por homens anárquicos e violentos, com toda a ideologia nefasta, deixaria traços de maior simpatia em todas as camadas sociais, do lavrador e proprietário ao cafajeste da praça.

O mar convulso levava às menores enseadas como o eco do seu escanchoo, num marulho suspirado. Nada escapava aos reflexos dessas lutas intestinas. Desse entusiasmo de rua, desse tumulto de oradores e periodistas, padres e soldados, pregando a regeneração dos costumes de gestos, ficaria na memória do Quincas o aroma do ideal e sacrifício que, emprestado aos autores desses conflitos e mazorcas, para sempre haveria de merecer-lhe o respeito e admiração. Tal é a obra tremenda desses movimentos políticos, espetaculares, em torno de urnas inutilizadas, explodidos nos quartéis, trazidos do pensamento livre às soluções da guerra civil. Deixam no espírito popular a letalidade com que se fazem teatralmente representar, tornando-se passíveis da aprovação ou concordância do interessado e partidário como do inocente e mal informado. Se a inteligência se recusa a compreender e ratificar, o coração frouxo estende os seu palpos de simpatia e perdão. É aí que o brasileiro se faz amolgável e hiper-sensível, entregando-se no mais fundo do ser à influência e agrado de tudo quando lhe cheira à resistência aos poderes legalmente constituídos. A condição colonial de sujeitos ao Capitão Mor e ao Capitão General ter-nos-ia criado a maior receptividade aos sentimentos da oposição, amassaria dentro de todos nós as razões, que estamos sempre prontos a oferecer contra os que nos governam. Mascarando

a pressão dessa tendência nativa, procuramos inventar e legitimar todos os motivos do conflito.

E, quando aparecem os instigadores e fazedores de intrigas, assinando escritos ou proferindo discursos, expedidos no programa que há de justificar a rebeldia e proclamar a lógica dos antagonismos em ação, podem imediatamente contar conosco. Exagera-se a opressão, inventam-se as barreiras, romanceam-se as perseguições, multiplicam-se os fatores latentes da discórdia. A liberdade surge de exagerados embargos e reclama com or roncões da ênfase os seus direitos conculcados. O povo logo estremece, pendendo para o flanco dos que mais gritam e porfiam. O bom Quincas sorria às lembranças da infância, alimentadas nesse alvoreto da "Praia".

Era mais forte do que ele. Modesto e tranquilo, estava pronto a sustentar os oprimidos e dar o seu cinquinho à caixa de sustento da Revolução! Abolicionista desabalado, no excesso de seu sentimentalismo, o meu pai não perdoava a escravidão; admirava cegamente a Joaquim Nabuco e fanatizava-o José Mariano. "Escravo, nem de Santo Antônio!", gostava de repetir, segundo uma fórmula de expressão muito pernambucana. Narrava, sem havê-las verificando, as maiores abominações dos senhores-de-engenho, dos feitores e capitães-de-mato. Admitia-os como verdadeiras, desde que fossem das mais cruéis. Eu aliava-as às torturas dos pretores romanos nos livros das vidas dos santos, lidos por mim, no Itu, suando frio...

Quanto à abolição do cativeiro, aguardava ele, tão certo com dois e dois fazem quatro, que a realizassem os liberais. Por que se enganaria o Quincas nas suas esperanças tão mal colocadas? Dos nossos partidos políticos era o liberal o que menos agia a gem da realização dos seus propósitos, sendo que mais explorava as suas promessas e falências. Tinha todas as probalidades de receber a maioria dos sufrágios, vestindo-se de vítima e paladino. Se acontecia não vencer nas urnas, recolhido ao seu ostracismo, tinha, contudo, por is a opinião pública, quando descontente e azedada. O poder, temporário e legal, confiado aos corrilhos da agitação, é para estes mais incômodo que vantajoso. Tirava-lhes precipuamente a prova da capacidade, cantada na oposição. As suas promessas de tão ufanas seriam condicionadas à sua irrealização. Ainda vemos o mesmo hoje, em que a licença e a tapeação de exaltados autorizam o engano do povo, era reclamando ora

maldizendo a panaceia eleitoral. O Quincas, liberal, não tinha infelizmente a cultura política e histórica que lhe abrisse os olhos, que lhe desse clareza para bem julgar onde estavam a exploração e a má fé e o esforço construtivo no sentido das soluções mais satisfatórias. Certa ingenuidade de concepção, a exemplo de tantos brasileiros, obnubilava, no Quincas, a ponderação judiciosa das questões das questões sociais.

A sua inclinação, da maior boa fé e cândidos intuitos, patenteava-se no rumo dos provocadores dos nossos consecutivos desaguisados e revoluções. No entanto, ele nunca estudara particularmente essas manifestações, nem os homens que as dirigiam e desengatilhavam.

Sempre confundimos os chefes e corifeus dos motins, encartando-os no tipo coletivo do desinteresse e da coragem. Gabados em prosa e verso, abandonamo-los às nuvens a que foram içados. A história perfunctória ou repentina embalsamou-os num relicário de generosidade e santidade. Nunca estudamos esses indivíduos, nunca lhes fomos ao miolo... Não lhes examinamos os papéis íntimos. Não consultamos os atos particulares da vida. Não fizemos o inquérito rigoroso desses sujeitos, antes, durante e depois da suas trabuzanas. Que móveis os conduziram? De onde viriam? De que modo agiam na rua e em casa, com a mulher, a parentela, os amigos as partes e os vizinhos?

O Quincas recebera-os, como a tradição ou a propaganda os apresentava, nomes aureolados de belas ideias, libertadores, amigos do povo, generosos, desinteressados, reivindicadores, mártires, apóstolos, autores de arengas prodigiosas e artigos extraordinários nos jornais.

Contentava-se o Quincas que José de Barros Lima se adornasse da juba de "Leão Coroado" e Pedro Ivo fosse Pedro Ivo! Tinham desfraldado o estandarte da sedição e berrado o lema de seu aparato, isso bastaria para torná-los uns tesouros do caráter e independência e uns heróis proclaros e imortais. Já em 1694, o abade d'Estrées, embaixador da França em Portugal, informava de Lisboa à sua chancelaria, que os brasileiros estavam dispostos à revolta. Outro embaixador da mesma nação, também daquela cidade, noticiava um pouco mais tarde: "Il court un bruit sourd depuis quelques jours que le Rio de Janeiro s'est soulevé; et que cette sedition a été excitée par une vingtaine de malheureux qui sont venus du Spirit Santo, où ils avoient été banis pour un même crime il y a sept ou huit mois,

mais je n'entendu point dire d'autres particularités qui autorisent cette nouvelle"³⁰⁶ . Esse despacho diplomático é de 26 de Abril de 1718. Poderia ser datado de uns duzentos e tantos anos depois, com bem poucas variantes...

Brotava e cresceria a nossa simpatia a todos os botafogos de nossas patriadas, "cabeças de bandos", inspiradores de quarteladas, engenhosos preparadores das amotinações do nosso povo, atrás dos quais correríamos alegres e cegos no escandeio dessa atração.

O meu pai fora também assim atacado pelo vírus provinciano das dissensões locais. O envenenamento seria geral, do caixeiro ao negociante, do açucareiro ao moço de barçaça, do conselheiro ao amanuense. Atraíam a todos as miragens em que a vaidade, a ambição e a violência não as menos aptas a poder perceber e liquidar do melhor modo a questão política. Suscetíveis e orgulhosos, os pernambucanos inclinavam-se de uma forma ou de outra às conflagrações, que se anunciavam e prolongavam na rivalidade entre "praieiros". Se nessas frações da opinião se repartiam o espírito do passado e o do futuro, o conservador e o liberal, fugiam ambos dos princípios da tolerância e compreensão, indispensáveis à conveniência de sua marcha e aos proveitos da sua concorrência.

Daí, desse trato de divergências, a tendência superficial do Quincas em se deixar apaixonar pelos grandes parlapatões das Câmaras e da praça pública, os prometedores da lua e do sol à gente que se contentaria afinal de contas de uma melhor distribuição do pão e do circo, intacta a riqueza pública e assegurada a ordem precípua a todo organismo social, propulsionado nos seus meios de legítimo progresso.

A fé partidária acendia-se, no entretanto, com os trapos da fraseologia dos jornalistas e o estouro bombástico dos discursadores, anunciantes convulsivos do Éden dos tempos melhores, com o Monarca derribado ou com outro Ministério no jugo... Quanta perturbação e afogo introduziria na alma do Quincas o micróbio desse praieirismo que, do Catucá ao Pasmado e ao Cabu, encontrou a tímida expressão no foliculário Alves de Oliveira de "O Brado do Povo", em Barros Vulcão e no tribuno Antônio Borges da

³⁰⁶ “Corre um ruído surdo após alguns dias que o Rio de Janeiro se rebelou; e que esta sedição foi excitada por uma vintena de infelizes vindos do Espírito Santo, onde tinham sido banidos por um mesmo crime há sete ou oito meses, porém não ouvi falar de outras particularidades que autorizam esta notícia”.

Fonseca, seus contemporâneos, os epígonos da contenda, os iluminados da metáfora, os bacharéis da xenofobia, jornalistas e tribunos coruscantes das grandes tiradas demagógicas e nativistas.

Não seriam eles capazes de abalar os muros de Troia dos "guabirus" e "luzias", levantar os mortos da Guerra dos Mascates e efervescer com seus trapos e faíscas o próprio gelo dos Pólos?...

70. A TRADIÇÃO ORAL

Por toda a primeira metade do século XIX, e mesmo em diante, o sopro da Revolução Francesa, bastante atardado, corria ainda nas costas do Recife, exaltando-lhe os fervores da gente irrequieta, combativa e bairrista. As imaginações excitavam-se nas cabeças esturradas, inclinadas à discórdia, incendiadas de ambição, afeitas à rivalidade e supremacia de certas famílias, no jogo de remotas influências externas e nos vaivéns da riqueza pública, que a sorte econômica do açúcar balançava. Carimbavam-se de vagas abstrações políticas as opiniões dos nossos pregoeiros de reformas, de nacionalismo e de desmornaquização do Brasil.

Uma certa tradição local oferecer-se-ia de assento a esse espírito um tanto coletivo de novidade e de ilusão, estendido e arraigado no seu cortejo de ideias supostas avançadas e palavras julgadas das mais bonitas e remediantes. Os defensores da situação conservadora, na Academia de Olinda, com o seu ranço caramuru e coimbrão, haviam-se encolhido ante os propagandistas dos novos princípios liberais em alicerce a outras instituições sociais e políticas. Chegando a vez das bufarinhas germânicas do haeckelianismo e do monismo serem tomadas por mercadorias de peso e qualidade, o paraclito Tobias Barreto, em mangas de camisa, rodeado dos seus discípulos, apurar-se-ia nos ataques ao Direito Natural do Pedro Autran e à metafísica de outros velhos mestres. No terreiro provinciano imperavam as paixões partidárias que haviam adotado a ilusão e o calor das fórmulas demagógicas para uso popular.

Três revoluções feitas em nome desses princípios tinham revelado o elevado grau térmico da febre liberal pernambucana. O Rei e o Padre não seriam emblemas dos mais acatados, embora a religião de Roma continuasse nas suas práticas mais generalizadas, preponderada do batismo na igreja da paróquia à missa no sétimo dia pela alma do defunto e os votos das urnas constantemente apoiassem os sustentáculos do Trono, entre os quais chegou a haver arrependidos de sua inclusão anterior nas hostes das insurreições republicanas.

Na família dos Arruda Câmara, nossos avós, gente mais ou menos dada a estudos da ciência, evitada de ceticismo e criticismo e de grande radicalismo partidário, não imperava a crua e charra aridez dos negativistas recalcitrantes e superficiais, mas uma espécie de

confiança exagerada e cândido entusiasmo nas belezas da experiência e nas conquistas do Século das Luzes, nos resultados quotidianos e terra a terra, provindos do domínio palpável, concreto e limpo do “pão, pão, queijo, queijo”. E isso refletia-se por igual nas crenças políticas e nas opiniões preconcebidas da irreligiosidade em que eles se encarneciam. O seu republicanismo ardente roçava nos perigos de uma campanha aberta e diuturna a que o seu patriotismo e independência de caráter emprestavam uma autoridade das mais notórias. De par com as convicções políticas, extremadas em ideias nativistas e antidinásticas, ia-lhes à feição o espírito liberto de qualquer sanção religiosa ou clerical.

O grande médico pernambucano, meu bisavô, um materialista dos quatro costados, que já fazia suas críticas ao exclusivismo de Broussais³⁰⁷, mas se impedira nas negações de Voltaire e afirmativas de Rousseau, frequentemente recomendava aos seus clientes: - Não descreia da natureza, meu amigo! O homem tem seus meios de aproveitá-la e mesmo de intervir quando ela se faz de tola... – Confio sobretudo no Todo Poderoso, retorquia o outro, opondo-se com quantas forças tinha à incredulidade do doutor, disfarçada muito bem nesse confiança exagerada na cega natureza.

Como todo sofredor desamparado em betas pelos males que o afligem, o doente procurava um esteio e consolo na religião. – Deus pode pôr-se de fora, remanicava o Arruda. Como os frades Mínimos fazem-se alheios a certas exigências de limpeza do corpo, dispensemos a Causa das Causas. A Matéria, comprometida na sua harmonia e equilíbrio preestabelecidos, há de reagir por qualquer forma, torcer, suprir, parar, retroceder, dar o sim e o não... Assim se estenderia o ímpio médico, com os seus puxos de irreligiosa filosofia. – Credo em Cruz, seu doutor Arruda! Exclamaria o outro, por sua parte, encolhendo-se na lona da cama-de-vento e só faltando desmaiar na caieira dos lençóis. O senhor fala como quem não acreditasse em cousa alguma! – Creio no Cosmos e na força das suas leis incriadas e sempiternas...! Acudia o clínico e citaria sábios gregos, Condorcet e o barão de Holbach, relampagueando de um fogo satânico e negror das pupilas do homem que não via no outro senão órgãos e funções. A boca cheia do Cosmos sobrava-lhe da cabeça

³⁰⁷ François-Joseph-Victor Broussais (1772-1838), médico francês, célebre por defender o tratamento com sanguessugas e jejum.

logomática, enchumaçada de termos campanudos, de falsas premissas e de tropos de aparente exatidão.

Ao ouvir alguém que reclamava medicamentos para a filha casadoura, a qual perdia as cores, isolada, só entregue a leituras e sujeita a vagados frequentes, aconselhava o Arruda, no seu desembaralhado realismo! – Nada de remédios, meu compadre Ausculte e sonde a natura... Leia Hipócrates, Lucrecio... Drogas do Códex, no caso, são uma insanidade... E simplificando a questão, num arranco de ultrassinceridade, desatou nas oíças do pai surpreendido: A donzela precisa é de varão... Estarrecido, o progenitor mandaria ao diabo aquele insigne e incrêuo charlatão de tão poucos circunlóquios.

Seria o feitio desabusado do arquiatra, despido de reбуços, avesso a panaceias, e tomado de todo respeito aos mandamentos da ciência tida como um Alcorão. Não suportaria nesse sentido certos enganos e reservas. Provido de boa dose de energia, seu caráter e persuasões se rebelariam contra nuvens e fantoches. Empregaria por isso palavras havidas como certas, expedindo conselhos francos fossem ou não de difícil acordo ou obediência. De sua parte seria incapaz de brincar com a profissão, de atravessá-la de alguma nuvem passageira de ceticismo. A ele não seria dado proferir a pilhéria daquele médico do romancista do seu tempo que, redarguindo ao avô penalizado do efeito devastador das epidemias, lhe dizia: “En bien! C’est la l’utilité des medecins, sans eux lê monde serait trop peuplé”³⁰⁸. Nem por gracejo o doutor Arruda duvidaria dos poderes extremos e providências que a arte de Hipócrates ou de Galeno pudesse conferir-lhe.

O Manuel, seu dito irmão, frade egresso e botânico ilustre, abandonando o cenóbio, não o faria provavelmente por outro motivo senão obedecer, depois de uma crise mística, a reações desse espírito desabrido e realístico da família. O outro Francisco de Arruda Câmara, o general, era de tal maneira um ateu empedernido e confesso, que provocara todos os comentários pouco favoráveis a seu respeito pelo seguinte fato com ele passado e considerado pelo povo com evidente castigo do céu. Conta-se que, na festa do Menino Deus, subúrbio de Porto Alegre, fizera esse alto oficial o filho menor saltar a janela de casa para não assistir à procissão. Cuidadosamente suspendera pelos braços o curioso pirralho. Ao depô-lo no soalho do lado de dentro, ficara o pequeno com as duas pernas partidas!

³⁰⁸ “Bem! É a utilidade dos médicos, sem eles, o mundo seria muito populoso”.

A irreligiosidade comezinha entre esses Arrudas deveria culminar em meu primo Belarmino de Arruda Câmara, como adiante e mais tarde se verá. O credo político avançado, apesar de tão seguido por eclesiásticos e maçons, particularmente na revolução de 1817, deveria facilitar esse espírito frívolo e irreverencioso de origem bem lusa e gaulesa, com que se vivia comumente a brochar de historietas a batina dos padres, a alegrar a sobremesa ou o serão, nos “cavacos” à porta da charutaria ou à beira das calçadas, inventando passagens com beatas, “coroinhas”, sacristãos, missionários ou simples clérigos de missa...

A Questão dos Bispos, em 1860, abrolhou do terreno estrumado para essa espécie de conflitos. Com a aparência de um litígio entre o Papado e o regalismo imperial, seria isso uma disputa de birra local entre a autoridade canônica e o irrespeito de origem popular para com a hierarquia eclesiástica, montada no cavalo de batalha dos seus deveres e apanágios sacerdotais.

O certo é que, os Arruda Câmara se embebiam da mesma vaga de credulidade política e de incredulidade religiosa, que os irmanaria na conta dos preconceitos correspondentes a cada uma das categorias de suas ilusões contrárias. Comigo, um de seus descendentes, seria bem diferente. O liberalismo de convicções e preconcebimentos dos avoengos murchar-se-me-iam nas aparas do casmurro e sebastianista, de maneira a tornar-se um reacionário a toda essa jacobinice ancestral, depois de ter bebido na copa da experiência outra profissão de fé que não as das noções erradas as quais, sobretudo em matéria de crenças políticas, me trouxe a mocidade tão mal-encaminhada.

Quanto aos mistérios da revelação e às outros duas maneiras de chegar ao conhecimento das cousas divinas, como o entendia São Tomás de Aquino, amparei-me a prescrições de menos rejeição e acentuo. Balançado entre o agnosticismo e a opinião oposto, teria eu adotado prudentemente a fórmula de Sancho Pança, em que expressas ficariam todas as minhas dúvidas a respeito: “Creyo que non creyo, pero non es muy cierto”.

No rosário da poranduba debulhada pelo Quincas, os sacerdotes da nossa “Santa Religião” de voz em quando apareciam nem sempre metidos, para efeitos canônicos, no roquete e alva. Sem se dar por isso, seria tudo trazido nesse espírito familiar de fundo

iconoclasta, o qual, surgido dentre a massa fetídica acumulada, a viria temperando para melhorar-lhe a essência e cortar-lhe os exageros da intolerância e negação. Certo cura do interior, simplacheirão e bondoso, reunindo as ovelhas no tempo da Quaresma, contava passo por passo, pintado com as cores mais vivas, as dores e lances da Paixão. Chegando a certo ponto da homilia, surpreendera-se com o pranto dos fiéis, que lhe atapetavam a igreja, acompanhado os transe da lúgubre narração. Muito penalizado de ver a todos assim arrasados de lágrimas, começou o inadvertido pároco a procurar conter os soluços do povo, com estas considerações de inesperado bálsamo a tão sensíveis devotos: - Consolem-se, meus irmãos. Não chorem mais pelo amor de Deus! Não vale a pena! Esta história dos sofrimentos de Nosso Senhor é tão antiga, que talvez mesmo jamais houvesse acontecido...

O pregador italiano no sermão do Natal descrevia a visita dos Reis Magos ao presépio de Belém. Não lhe ocorreria, no momento, o que levava o terceiro rei. Depois do ouro e do incenso havia ainda a mirra, a substância aromática, cujo nome não lhe acudia à lembrança, por mais que lhe espanasse os recantos e prateleiras. Instado pelos seus apuros oratórios, tratou de descrevê-la um tanto sumariamente para açular a memória ao seu encalço: “Era una cosa...una cosa... escura... pegajosa...”. Alguém da assistência, o sapateiro da localidade, muito interessado em tirar do embaraço o bom do pregador, com a prática da sua adestrada sovela, lhe acudiu gritando do fundo da igreja: “Será cerol, seu padre?”.

Falava outro eclesiástico no sermão de quaresma, explanando de maneira das mais enternecidas sobre as dores do Jardim das Oliveiras e do Caminho do Gólgota. E todos os fiéis a soluçarem pela descrição, que punha ao vivo os sofrimentos indizíveis do Senhor. Notando, porém, o sacerdote que somente uma pessoa no público se conservava impassível, arrojou-se a admoestá-la: “E tu, meu irmão, quão insensível te mostras no teu coração de impenitente. Por que não choras? – Ia passando quando entrei por acaso na igreja. Eu não sou da freguesia, padre-mestre!” Respondera o roceiro, esfregando nas mãos todo confuso o seu chapelão de palha. No “Dictionnaire encyclopedique d’anecdotes” por Edmond Guérard lá se inclui a mesma historieta, que devia correr mundo antes de encalhar e reconstituir-se nas costas do Brasil.

Missionário calabrês assistira a um samba ou bate-pé qualquer da cabroada no terreiro de algum engenho ou arraial do sertão. Recordava-o aos amigos, na sua meia língua macarrônica: “Quando io traversara il sertone, ho encontrato diversi mulati e mulate riongiuntos num balo. Suonavam uno instrumento rotundo com cucio nel mezzo e dinhedra all’interno. Caxaxá...”³⁰⁹ Esforçava-se o frade para explicar a natureza do instrumento, do qual não sabia o nome não passava do simples pandeiro, rufado entre as violas e caxambus nas mãos dos pares que, dando de pernas, saracoteavam nas voltas do fandango. Repetíamos a bom rir a historieta paterna, alongando a lista dos instrumentos citados pelo frade informativo: “Trombon no era, violon non era, flotin no era, zabumba tabem non... Caxaxá...”.

Por sexta-feira santa oficiava-se na Penha. Para começar o sermão, trazia o pregador os testemunhos dos fundadores da Igreja: “Meus irmãos! São Pedro e São Paulo...”. Ao apoiar-se, porém, no rebordo do púlpito, ferira as palmas das mãos nos alfinetes ali postos por malévolos estudantes. Como não se contivesse na irrefletida expansão de dor, que o gesto do momento provocara, o molestado cortou o sermão, explodido no repente: “...que farsantes!”. Ficara assim imediata e irrefletidamente ligada aos santos a interjeição de arrepele que, proferida pelo apologista, se tornara numa inesperada blasfêmia.

No cerco do Recife, quando fora da guerra dos holandeses, como um pelouro houvesse rasado a cabeça do coronel português, este engolira na gola do fardão a fronte ameaçada. O frade capucho, que estava a seu lado, observara-lhe sarcasticamente: - Que é isto, Coronel? Sua Senhoria viu pato? Momentos depois, outro pelouro dessa vez raspou a coroa do capucho, pelo que este logo se atirou por terra. Foi então a vez do oficial voltar-se para o eclesiástico: - Então que é isto, padre mestre? O Reverendo se transformou numa toupeira?

Esta anedota viria eu encontrá-la em 1937, reproduzida quase nos mesmos termos, na relação setecentista e inédita de um franciscano bretão, junta a relatórios diplomáticos, nos Arquivos do Ministério de estrangeiros da França: “Un major fort vile m’a dit qu’un jour comme ils etaient devant pernambouq, il vint un boulet de cànnon par dessus la teste

³⁰⁹ Vale destacar que Rangel cita como “macarrônica” a língua do missionário, mistura do italiano e do português, que se tornou tão conhecida no país.

d'un coronel portugais qui la baissa de la pour qu'il eût et que le capucin Luy dit em souriant et quoy Mr. vous feite la canne a un moment de la un autre boulet vint donner proche du capucin qui se jette ventre a terre pour lors lê dit colonel luy et quoy pere vous feite la tope"³¹⁰.

Outros episódios surdiam nas referências e narrativas do Quincas, desenvolvidos nos embaraços e astúcias não só a padres, como a soldados, a marujos, a estudantes, a estrangeiros, a simples sertanejos ou pretos mandigueiros. Vingavam-se estes últimos, manipulando os senhores, produziam o quebranto com feitiços adequados, proporcionavam vidro moído...

Sobrevinham os casos à menção do Quincas narrativo, muito contente do passa o tempo e distrair os filhos, que assim não piscariam as pálpebras, esperando a hora inevitável da bênção e da oração para deitar. As histórias de cobras, sobretudo, nos tiravam o sono. Havia as que, contra todas as disposições da anatomia e da História Natural, mamavam nas vacas e nas cabras e no peito das amas substituía-se aos pequeninos, dando-lhes a chupar a ponta da cauda; as boioçus que torciam as vítimas no arrocho do seus anéis de aço; as que pulavam e perseguiam, silvando, ao encalço dos fugitivos; as que se deixava paralisar pelo olhar ou pelo assovio especial dos que tinham o dom de apreendê-las facilmente; as que fascinavam os passarinhos e os sapos...

O fabulário nos fazia tremer, sorrir ou gargalhar, tomando partido pelos corajosos, pelos humildes e sofredores, ajuizando das fraquezas, dos vícios e espertezas alheias. A raposa, o cágado, o jacaré, o macaco, a cotia, o tatu acudiam do mato para fingir de gente, embaraçar, zombar, enganar, vingar-se... Às vezes a terra se ligava com o céu, completava-se o ciclo da vida e da morte, integrava-se ao Universo a nossa bicharia esperta e contraditória.

A Europa, a África e a Ásia mandavam para oeste as suas aventuras do folclore, filtrando os contos que lhe eram peculiares através do Atlântico. Do litoral partiam para o

³¹⁰ “Um major muito vil me disse que um dia, como eles estavam diante de Pernambuco, veio uma bala de canhão abaixo da testa de um coronel português, que a abaixou, porque a teve, e que o capuchinho Luy disse, sorrindo, ‘o quê, o Senhor vos fez a vara em um momento de outra bala veio dar próxima do capuchinho que joga seu ventre à terra por enquanto’, disse o coronel, ‘Luy, e qual pai vos faz convite’”.

sertão e dali retornavam às praias. Nesse trabalho de ida e vinda, lendas, fábulas e contos coroavam-se de suas particularidades, vestiam-se de outras circunstâncias... Readaptavam-se aos climas de sua vagabunda passagem pelo fio da tradição oral em que iam as três raças, colaborando anônimas no monumento sedimentado de imaginação e observação, que lhes eram intrínsecas.

E os casos que tinham por centro de teatro a ilha de Fernão! O Quincas não raro a arrancava aos segredos da geografia para cumular a nossa imaginação. Ao canto soturno das “viúvas” e mumbecos decorria a existência tenebrosa e amaldiçoada dos degredodas, as suas evasões dramáticas. Nossas reflexões perdiam-se naquela ilha, centro de tantas tentativas de perdição, trágica e farta, abandonada ao seu destino de inferno do moedeiro-falso e paraíso dos caranguejos... E o meu pai nos estendia o rolo do novelário em que ele afugentava o tédio e espertava a imaginação e no qual seguíamos linha a linha, palavra a palavra, o texto que nos parecia a risonha transcrição de cousas acontecidas e perpassadas nas páginas do livro de figuras, editado especialmente para o nosso uso.

Como poderia ter sido que o macaco houvesse conseguido surrar a onça? – Ah! Compadre, dizia o quadrúmano todo a tremer de medo entre as patas da soberba e forte suçarana. Não sabe o que vai acontecer. Antes de passar na sua goela é bem útil que lhe faça saber. Uma horrível tempestade irá daqui a pouco levar tudo pelos ares. Só mesmo as árvores mais possantes hão de escapar à fúria do tufão. E seguia-se a descrição sucinta, mas impressionante do temporal esperado. Por sua vez a onça, abanando o rabo, arrepiara-se toda de terror da profecia. Suplicava ela ao macaco: - Compadre, então me amarre bem a esta caneleira para me segurar dos pés e não ser levada por tanto vento. Aos desejos do feroz carnívoro, o símio ligou-o com cipós para que ficasse indene da terrível ventania anunciada.

Vendo assim imobilizada a onça, aproveitou-se o outro para aplicar-lhe no lombo uma sova de tirar couro e cabelo. O que haveria de pensar a suçarana, surpresa dos poderes dos mais fracos? Desaparecido aos saltos com os seus açoites improvisados, encontrara o algoz o comboio de almocreves, que viria da engenhoca com a carga de mel-de-furo e rapaduras. Piedosamente recolhido, botaram-me em cima da cangalha de um jerico. Todo lambuzado de melaço sorrateiramente se deixara o ágil espertalhão, inimigo da

onça, num monte de folhas secas do caminho, as quais se lhe pegariam por todo o corpo, disfarçando-o completamente.

Fora assim revestido que o macaco depararia o felino na tunda a beber na outra margem do rio: - Eh! Compadre Folharal! Como vai? Gritava o gatarrão, que se dessedentava, aquele que não reconhecia como autor da surra da véspera. E o ladino antagonista, responderia, depois de ter bem satisfeito a sede, e suspendendo-se aos primeiros galhos das árvores mais próximas: - Muito bem, comadre Onça, bebendo à minha vontade, pois desde aquele muchinga, que te passei, nunca mais bebi... “A Onça e o Macaco” erigia-se em semelhança ao episódio de “A Onça e a afilhada” de João da Silva Campos, em seus “Contos e Fábulas populares na Baía”.

Para pegar o mico que devorara e estragava os cachos do bananal, imaginara o senhor do sítio fabricar um moleque de pez bastardo, fazê-lo sustentar um tabuleiro com os melhores exemplares dos frutos e deixá-lo de guarda à plantação. O buliçoso animal, chegado ao inerte vigia, reclamara-lhe as frutas escolhidas de que tomava conta: - Se tu não me dás banana, mando-te uma “bolacha” nas bochechas de estafermo. Ao silêncio do interpelado, seguira-se a bofetada do guloso impaciente. A mão do agressor ficara presa na visgosa face do boneco do bananal. À nova exigência, outra punhada acabaria no mesmo efeito. Os pés do macaco furioso colaram-se, por sua vez, no esterno do moleque imóvel e pegadiço.

O macaco enfim grudado ao simulacro do pretinho, acabara agarrado e metido na panela do dono da plantação, saqueada pelo visitante furtivo. Os efeitos, porém, não se fariam esperar. Como do corpo fendido do gigante de Andersen, se destacaria uma porção de anões, assim daquele símio, cortado e ensopado em pedaços mal digeridos, surgiria a barriga do sitiante a terrível macacada que, solta e desabada no bananal do engenhoso agricultor, não deixaria uma só pacova para remédio.

O que se poderia chamar de “O macaco e o moleque de piche” modelava-se no que se passa no “O Macaco e a negrinha de cera”, dos “Contos e Fábulas populares da Baía”. Cousa semelhante viria eu a ler, em 1930, num boletim do Museu Nacional, naquele conto que o apinagé refere como sucedido entre a onça e o macaco, rivalizados na sua mútua perseguição. Aquele fabricara um boneco de leite de seringueira para atrair as iras do

ardiloso macaco, que acabou impotente e todo grudado no manequim que maltratava a palmadas e pontapés.

O calanga de alcatrão do Recife, no alto Tocantins transforma-se no fantoche de borracha, nos antípodas será um judas de laca do Tonkin . O que bem demonstra quanto variam, se deslocam e engrazam as mesmas concepções, nesse jogo múltiplo de inversões do sentimento e inteligência, com que se trama e se desmancha para a entretecê-la de novo a tela de Penélope folclórica.

Desembarcando o gringo no cais da Lingueta, fora logo mascatear nas vilas do sertão. Ao seguir pela estrada, encontrara o tamanduá que, meio tonto, saindo do “carrasco”, lhe arqueara os braços, sob o farto dossel das sedas da cauda recurva e bem frocada. Muito contente da amistosa recepção do bicho, que não conhecia, o carcamano fizera o mesmo gesto para corresponder ao agrado do solerte desdentado. E ambos cingir-se-iam calorosamente em tão inesperado e afetuoso encontro. O estrangeiro admirado não se cansava de gabar a gentileza do mirmecófago: “Amico. Giovinetto. Piacere! Brasile, paese extraordinário. Medesimo gli animali sono galantuomi”. E como o tamanduá prolongasse o apertão de estima, enfiando as suas unhas fortes e agudas nas costas do bufarinheiro, este, mudando de persuasão, reclamava do bicho musculoso e eriçado: “Bruto bestia! Amare non é già martirissare...”.

O berimbau, essa harpazinha de aço do custo de um vintém, tangida com o dedo na lingueta trepidante entre os beijos da garotada maltrapilha do meu tempo, punha nas ruas o ruído zoinante das cigarras, quando é força do verão. O ferragista da ponte de Santo Antônio, no Recife, achava-se atravancado no armazém com a velha barrica desses instrumentozinhos aos quais não achava meio de dar saída no comércio local. Lembrara-se, então, de subvencionar alguns moleques e mandá-los procurar essa mercadoria em casa de outro ferragista. Este, reconhecendo o empenho nascido na inesperada freguesia, que não lhe deixava as portas, comprara ao colega todo o lote dos invendáveis berimbaus.

A mulher tanto discutia e teimaria com o marido, que não perdiam ambos a ocasião oferecida para esse exercício de bate-boca tão turbulento quanto irreduzível. A propósito do estado de limpeza da cabeça do filho prolongava-se a obstinação de costume.

– Tinha piolho! Afirmava um.

– Não tinha piolho! Respondia o outro.

– Tinha...

– Não tinha... Finalmente, desesperado, para livrar-se da turra da esposa, atirá-la-ia o marido no meio do rio a fim de afogá-la e ver-se livre da irritante cegarrega. Mas, toda imergida, ela levantava os braços e espremia nas unhas dos polegares, que ajuntava fora d'água, o piolho contestado pela birra do consorte. Acontecia que o gesto semelhante, apropriadamente alusivo à mulher do piolho, eu o trazia às discussões com a minha irmã, o que tinha a virtude de pará-las, evitando a inconveniência de maiores dilações no capricho de havermos razão fosse como fosse. Aliás a anedotazinha já a contara Montaigne, no correr dos seus "Essais".

No desenredo desses contos as madrastas não eram das mais bem acolhidas. Lembra-me aquela que obrigava a enteada a vigiar a figueira, para que os pássaros deixassem incólumes os figos. Os esforços da menina debalde redobravam no cuidado de sua rigorosa vigília, porque a passarinhada conseguia apesar do sentinela aos xoos, no canto do vergel, bicar os figos, estalados no mel de sua polpa atrativa. A madrastra furiosa de dar as suas ordens sem resultado, entregou a rapariguinha ao monstro negro que a mataria, afogando-a num saco de couro. Cantarolando, o pretalhão sem entranhas divertia-se a bater no invólucro onde a inculpada se encerrava:

*“Canta, canta meu surrão,
Sinão, sinão eu te dá,
Com o pau do meu bordão
Tá, tá, tá, tá, tá, tá, ta...”*

Ao que respondia a vítima, cumprindo a ordem do algoz, toda encolhida e abafada no fundo do receptáculo:

*“Metida neste surrão,
Minha mãe me castigou
Pelo figo da figueira
Que o passarinho bicou.”*

Essa narrativa parecida com a do “O negro que quis ser príncipe” de João Silva Campos, registrada nos “Contos e Fábulas populares da Baía”. O personagem de lenda

popular do Negro do Surrão tornara-se para mim a mais viva das realidades. Era a visagem de horror caseira, acorrentada a meus pés, acorçada em carne e osso sob minha cama. Era o ajudante, rei e porta-voz do Espanto, sempre presente na sombra, do quintal enluarado, nos murmúrios noturnos das folhagens... A sua intimidade alarmava-me. O meu coração fazia-se pequenino, ouvindo bater uma porta no crepúsculo, a folha da vidraça, o pio da coruja, uns passos no corredor... Negro do Surrão, quanto mal me fizeste, verdugo de alcaçuz, instalado à minha cabeceira com o teu cacetão de quiri em vai-e-vem a pobre criança vagindo na sua queixa de inocente! Quantos momentos de inquietação e receio, lavrados com a tua figura pixainhenta de algoz, perpassada entre meus brincos de infância e sonhos cor-de-rosa. O conto étnico dava-me entretanto um santo horror do injusto e cruel, mas abalando os fundamentos racionais do pequeno ser, que não acreditava possível tamanha coação e martírio por tanta falta de culpa. Negro do Surrão, armado no teu cavalete de tortura, vieste soprado pela boca do melhor e maior dos meus amigos para me mostrar o grande drama da força e da iniquidade; vociferando o teu canto de agressão, às tagantadas na pele da própria inocência, impotente na vigilância que o dever não ressaltava junto da figueira, cujos frutos os passarinhos comiam. Foste o mito folclórico da crueza, desenvolvido naqueles gemidos da menina, surrada pelo Negro do Surrão. A lição da repugnância à Madrasta e ao Negro envolvia-se na página do medo, que me era dado soletrar, tiritando da cabeça aos pés. A endecha de lástima da ingenuazinha ficar-me-ia ressoando pela vida inteira, criando-me a repugnância ao injusto e brutal ao mesmo tempo.

Quando não recorria o Quincas à seara da imaginação alheia, dava-nos os contocos da sua inventiva paternal e lareira, banhados na moral banalizada no triunfo dos bons e dos humildes, salvos pela força dos fados imprescritíveis, representados na intervenção da Providência ou do Acaso...

A história dos “Quatro Santos que não tinham nome”, nunca mais deveria esquecer-se. O bom e piedoso santeiro, muito velho, que havia em toda a sua vida enchido o sertão, da serra do Curupi à Santana do Parnaíba, de imagens refendidas no cedro ou em cajazeira, tendo expirado na paz do Senhor, encarregaram-se de levá-lo ao cemitério os quatro santos, que acabara de esculpir e aos quais, por sinal, ainda não dera nome algum, pois desejava dos mais raros e não sabidos. A morte tinha vindo antes que ele houvesse podido escolhê-

los, folheando cuidadosamente o calendário da Santa Madre Igreja. Chamá-los-ia: São Rigoberto, Santo Arcádio, São Timoleão e São Sostênio. Assim denominados provocariam por certo mais devoção e mais fé à gente das vilas e ribeiras do interior, cansados da ocorrência de tantos conhecidos como S. João Batista, Santo Antônio, Santo Onofre, São Benedito, São Cosme e São Damião. Sabia do gosto e preferências do pessoal perdido por essas freguesias de por aí além. Só confiavam em quem lhes aparecesse recamado de novos títulos, apelidos esquisitos, nomes extraordinários.

O santeiro havia fechado os olhos, tendo por toda fortuna o martelo e a goiva de escavar a madeira em que talhava, a custo de muito suor e trabalho, os intermediários celestes junto ao Onipotente. A sua arte simples e bem acabada impusera-se ao agrado de todos, que adquiriam as imagens sem querer saber quem seria o autor delas. O certo é que, vinte e quatro horas depois, segundo o Regulamento Municipal, já estava o imaginário estirado na tumba, para ser transportado ao seu último jazigo.

A seca no sertão tinha torrado mesmo as raízes das umburanas e dos juás. O povo tinha todo sumido, buscando o pé das serras, onde ainda restasse um pouco d'água, que as avoantes não tivessem bebido toda. O cemitério era muito longe do centro da vila. Os caminhos cheios de camalhões impossíveis, de chabocões perigosos. E como se não aparecesse ninguém para levar a seu destino o féretro do santeiro, então os quatro santos, deixados pelo artista que os esculpira, decidiram prestar-se àquela obra de misericórdia. Não pertenciam ainda ao céu, não tinham ainda recebido os respectivos nomes. Sendo simples homens, poderiam, contudo, muito bem prestar-se anonimamente ao árduo e humanitário serviço.

E isso lhes valeria alguma atenção de Nosso Senhor, que os fizesse, ao fim de tão caritativo encargo, logo os recolher à glória do Empíreo, à direita de Deus Padre, mandando que S. Pedro os batizasse. Seria em todo caso melhor que ficassem inativos, cobertos de pó, apodrecendo nas prateleiras da oficina do santeiro, ocuparem-se, empregando os ofícios de gatos pingados tão necessários naquelas tristes circunstâncias, para não ficar insepulto quem tanto mereceria jazer, enterrado que fosse, na cova rasa do cemitério do sertão, onde pastavam cabras e jumentos...

Um dos quatro Santos, o mais gordo, vestia simplesmente. Representava o tororó, bastante baixo e corpulento, um sujeito muito doce de expressão e muito capaz de aguentar com o carregado pela estrada fora. O outro era alto e esguio, a face imperiosa e resplendente. Dir-se-ia todo nervos de aço, na sua vontade de fazer alguma coisa do agrado e serviço do Altíssimo. Revestia-o túnica roçagante e palheta de prata. O terceiro, muito proporcionado de corpo, metido no manto curto dos mais singelos, tinha os largos ombros e a tesoura de pernas dos moços de frete. O quarto, muito idoso, escondia as mãos no hábito castanho, enquanto os pés estavam nus, apontados na fímbria de dourado balandrau. Cada um tomou da sua auréola de latão, arrancando-a de detrás da cabeça e a prendeu às bordas do esquife a fim de servirem de argolas, que faltavam para suspê-lo.

E lá ser foram os quatro carregadores, cingidos às tábuas do caixão, onde dormia o autor de tantas imagens devotas, espalhadas nas capelas e oratórios do sertão. A marcha se fez lentamente, não só pelo respeito ao defunto, como pelas dificuldades inacreditáveis do caminho, que parecia por isso cada vez mais longo e inacessível.

Levariam por isso alguns anos nesse piedoso encargo. Acontecera, porém, que durante o transporte, o primeiro portador se visse vitimado pela doença repentina, que acabou afogando-o numa golfada de sangue. O segundo, sendo acometido pelo bandido que o visara com o bacamarte dentre umas macambiras e mofungos, resolveu fugir e não mais apareceu, talvez por se haver perdido no meio das espinharas daqueles ermos. O terceiro destroncara os tornozelos num buraco da estrada. Ficaria apenas o quarto, que bastante idoso e percluso de reumatismo, conseguiu assim mesmo ir empurrando e puxando pouco a pouco o caixão do morto, para poder galgar o cocuruto dos morros e atravessar o fundo dos vales pedregosos, que pareciam não ter mais fim.

Quando o mísero santo restante se viu esmagado e tolhido pelas dores e pelo cansaço diante daquele esquife que, no entretanto, por seus esforços ingentes já se achava apenas a meia légua da porta do cemitério, atirou-se o pobre de joelhos ao chão e começou a rezar e a chorar, soluçando de se ver imponente e sozinho, sem poder dar mais um passo com esse peso. Teria, com os seus três companheiros, de abandonar os sagrados restos a tão pouca distância do seu eterno repouso? As horas iam passando na inutilidade e no esmorecimento do derradeiro carregador do cadáver do santeiro. Até que, encorajado pelas

orações que acabara de recitar, o Santo, quase todo percluso no seu reumatismo, resolveu abraçar-se ao caixão do defunto e tentar, num derradeiro arranco transportá-lo ao seu pouso definitivo. Estava, enfim, a dois passos do portão do cemitério, no alto da serra toda escalvada, varrida dos ventos, onde o que vivia era um pe de mandacaru. Somente o milagre poderia coadjuvá-lo na derradeira resolução. Pálido e tremente, implorou o santo a Nosso Senhor e, descansando alguns dias, juntou quantas forças disporia ainda no fundo dos membros lassos.

Fincando os pés encaranguejados e, tentando soerguer e sustentar nas mãos engelhadas o ataúde, este, todo atacado pelo cupim, se desfizera num montão de pó. O santo, apesar de muito velho e acabado, não custou reunir os ossos do defunto e levá-los às costas, numa trouxinha. Depô-los-ia com muito contentamento, na campa que esperasse os restos do pobre e infeliz imaginário, trazido com tanto custo pelo meio do sertão. Mas, por cúmulo dos contratempos, a cova estava fechada pelas enxurradas do último inverno, que tinha levado as terras escalvadas de em redor.

O exânime, não tendo mais forças para abrir nova escavação, olhou em torno desesperado de não poder cumprir a incumbência já no fim de tão dificultosos esforços. Foi quando saltou, detrás de uma pedra, o mocó assustado da presença do santo naquela solidão. Dir-se-ia o bicho ter abandonado a toca de propósito, para oferecê-la de sepulcro de ocasião. Então o santo despejou no buraco, de que o animal se escapara, o conteúdo da trouxinha. Ainda pode fechar com o pé a abertura da toca, botar uma cruzinha de gravetos e recitar o *requiescat in pace...*

O Tempo realizara sua obra, ajudando quatro Santos, encaminhados a bom fim às cousas deste mundo, que têm de acontecer. Consumara-se o enterramento daquele que, não deveria ficar insepulto, por ter muito amado a Deus, falqueando no pau bruto as figuras daqueles santos desconhecidos, que não tinham nome. Foi ao sair do cemitério, que uma onça de lombo preto fizera do último santo do carregio a sua ração do dia. Mas que se queria saber era que o velho mulato das imagens estava enterrado.

O rosto não tinha mais importância alguma. No céu haviam todos os serafins reunidos assistido esse caso, encolhidos sob o frouxel das asas mais alvas que a flor do arum. Reunidos em torno dos quatro santos, que embalavam a alma do santeiro, começaram

todos a cantar os louvores ao Onipotente, trespassados da luz do céu que lhes deslumbrava os olhos e lhes enchia o coração do maior contentamento, como o vento topeta de ar o funil de uma caverna.

Assim também para sempre nos ficaria a historiazinha dos Quincas, denominada “As três cordas do enforcado”.

Um pobre negro de Santo Antão tinha sido condenado à forca por haver sido acusado inocentemente de cúmplice, no rapto da formosa sinhá-moça do engenho. No alto do patíbulo amarraram um grosso cabo de algodão. Quando, porém, a vítima esperneava, a corda da dependura partira-se, pois havia já servido muito anos atrás a justicar vários ladrões de cavalo, coiteseiros, arrombadores de igreja e cabos de cangaceiros. Enfraquecera-a o uso de haver tão bem servido. Então foram por todos os cantos, e descobriram o cordel de seda, que tirava a cortina na sala de visitas de uma casa-grande. Ele também rebentara, por muito esgarçado, deixando cair outra vez com vida o corpo do enforcado. O juiz que assistira à execução exigiu que a lei fosse rigorosamente cumprida e pela terceira vez o negro se sujeitasse a sofrer a pena da sentença.

Um homem do povo assistia à cena; muito compungido só pedia que o criminoso morresse para acabar com tanta demora e aflição de todos. Para isso, oferecera o longo cipó, que trazia em rodilha para sustentar na cabeça uma lata de garapa. Aproveitado o oferecimento, foi feita a laçada conveniente. O desgraçado preto dessa vez ficara quieto, pendurado na extremidade do cipó. E o povo, vendo consumado a obra do juiz e da polícia foi-se embora, deixando o enforcado só, tal uma fruta venenosa, destacada no alto do galho seco da árvore amaldiçoada. Que o sol, a chuva, as ventanias e os urubus deixassem bem limpo e esbrugado o feixe dos ossos no cadafalso, para exemplo do que poderiam a Toga e a força do Governo, reprimindo os crimes dos indivíduos.

Ora, o cipó seria conhecido por suas virtudes medicinais e mandado, pela Mãe do Mato, para impedir que efetivamente morresse o inocente preto, estrangulado no patíbulo da cidade, no laço do acabamento final. Livre o condenado, que se repusera da sua morte aparente, pôs-se o cipó a florir, enredado na forca, a qual ficou, em vez do pau de meter medo, um lindo mastro de festa, atraindo as abelhas e as borboletas do val... A “trouxinha de ossos” e o “cipó da Mãe do Mato” ficar-nos-iam na mente, retinindo e sobejando ao alto

dessas relações do bom narrador caseiro, que dava tratos à cachimônia para accontentar e entreter os filhos sem maiores despesas e incômodos.

Quanto nos divertiam essas histórias que o bom Quincas repetia, de vista já cansada, tirando os óculos de aço de cima do jornal “Ypiranga” ou “Província de São Paulo” para guardá-los meticulosamente numa caixa verde, e enquanto anediava as cabeças dos filhos, levantados para ele, como para Deus na terra, os pequenos olhos que toscanejavam! Por força do meio, embebido nas correntes longínquas da tradição, pelo mesmo processo das antigas eras, ligavam-se semelhantes elementos populares nas sucessivas gerações de contadores. Muitas das narrativas e alusões, casos cômicos ou tristes, superstições, parlendas, simples ditados, ouvidos da boca de meu pai, vi-os citados depois no “Folclore pernambucano” de Francisco Augusto Pereira da Costa, nos trabalhos de Basílio de Magalhães e outros.

O sentimento paterno não dava tratos à bola, buscava forjar os seus elos, o seu trato de intimidade, a animação da convivência, roborada pela natureza num livro quase inédito, que é o vasto repositório oral e à procura de nome de autor, no qual colaborara a imaginação coletiva da região provinciana, continuada a influir na dos seus filhos deslocados mais para o sul.

O trato da recíproca afeição familiar, nos seus extremos de ternura, estrelava-se nessas bagatelas, prolongadas da mesma origem de espírito, nas alturas onde fica inacessível à crítica de estranhos, como à variação do próprio tempo. Que linguagem teria o direito de fazer-se compreender e dizer inocentemente a que bem entendesse, o ter sido assim no quadro da risonha aparição, senão aquela que nos foi sussurrada no berço?

Modulada por essas imagens, que nas riquezas de seu tesouro agiriam tão longamente nas flores do meu ser, seria essa linguagem transmitida por minha vez aos filhos, tentando em terra estrangeira, o apelo às forças nacionais do meu povo e as quais haveriam de dar profundas raízes brasileiras a quatro plantas nascidas e vingadas sob céu tão diverso...

Ao findar o ano de 1886, com o falecimento de meu pai, sete palmos de terra haviam engolido um mundo de impressões duradouras, sem que nada bastasse ao encavo de sumiço das primeiras esperanças e ilusões do menino órfão. O archote que ardera, deitando

as fagulhas lareiras desses contos e recontos, tombara das mães paternas. Ficara-me de repente em roda tudo escuro. E para além, este mundão de mundo, desdobrado para os primeiros passos pelo meio de tanto mato e voçorocas, na rude e perigosa subida e descida da vida do futuro septuagenário, aquecido nos seus últimos invernos com esse gravetos de lembranças intercorrentes.

Com esse marco lutuoso do desaparecimento do Quincas estaria posto o limite de nossa adolescência, isso que o infeliz poeta alagoano viria a chamar a “idade dos passos perdidos” e na qual em foram concedidas a minha ração de ilusionismo, a minha quota de felicidade, a minha fase de despreocupação. Nesse trecho tão passageiro da vida fitara o mundo pela única maneira de o tornar suportável, com os olhos de quem até então nenhum caso houvera feito do que viesse mais tarde a acontecer...

Aves desagasalhadas pela inesperada refrega, não pudemos ficar onde nos aninhávamos. De “luto fechado” deixamos logo depois a capital de São Paulo, aboletando-nos na casa de nossa avó, residente no Rio de Janeiro, no Campo da Aclamação. A casota do Bom Retiro ficou entregue à injúria de malfadados e inconscientes inquilinos, as flores do seu jardinete arrancadas logo murcharam para sempre, suspirando pelo Quincas, tão orfanadas quanto nós... A flauta de prata, que subsistira a de ébano, forrada de latão, foi oferecida a quem mais desse...

Índice Remissivo

A

Abencerrage · 133
Absalão · 210
Adélia da Fonseca · 127
Ader · 13
Afonso A. De Freitas · 321
Afonso Arinos · 336
Afonso Celso · 190, 191
Afonso Celso Filho · 190
Alberto de Brandeburgo · 77
Alberto de Sousa · 320
Alberto Godoy · 139, 247
Alberto Haller · 100
Alberto Loefgren · 221
Alberto Salles · 353
Alcebiades · 89, 284
Alcindo Guanabara · 320, 324
Aleghieri
 Dante · 16
Alphonse Karr · 191
Álvares de Azevedo · 34, 140,
 190, 311
Álvaro de Barros · 18
Alves de Oliveira · 387
Alves Serrão
 frei · 53
Amália Freitas Henriques · 127
Anatole France · 158, 237
Anaxágoras · 360
Andersen
 Hans Christian · 14, 337, 395
Andradas · 52, 130, 207, 344,
 345, 348
Andrade Neves · 39
Anna de Moraes · 61
Anna Jansen · 61, 86
Anna Paes · 61
Antônio Alvares Pereira Coruja ·
 57
Antônio Borges da Fonseca · 387
Antônio de Macedo Costa · 220
Antônio do Livramento · 61
Antônio Fausto de Souza · 46
Antônio Maria Quartim · 145
Antônio Pacheco Leão · 335
Antônio Pereira Caldas · 63
Antonio Torres · 336
Antônio Vieira · 262
Aquiles Varejão · 206
Aristipo · 51
Aristóteles · 77, 89
Arminius · 10
Arouche Rendon · 343

Arria
 a Velha · 126
Arruda Câmara · 34, 40, 41, 42,
 43, 44, 54, 55, 56, 58, 361,
 366, 376, 388, 390, 391
Arséne Lupin · 287
Arthur Azevedo · 77
Arthur Neiva · 51
Artur de Azevedo · 132
Asmodeu
 diabo coxo · 269
Atalie · 356
Ataulfo Nápoles de Paiva · 101
Atélio Melior · 110, 112
Athalie · 12
Augusta Espiridião · 127
Augusto da Graça Leite · 279
Aureliano Lessa · 34
Ayala
 Ramon Pérez · 301, 302
Azevedo Marques · 174

B

B. Lopes · 347
Babeuf
 François-Noël · 128
Balzac · 77
Baptista Cepelos · 64
Barbara Heliodora · 126
Barbusse · 272
Barros Vulcão · 387
Basílio da Gama · 191, 301
Basílio de Magalhães · 402
Baudelaire · 80
Becque
 Henri · 160
Beker Stoive · 132
Belizario Penna · 51
Belmiro Braga · 21
Benjamim Constant · 344
Bento de Almeida · 266, 268
Bento Sebragi · 57
Bérard
 Victor · 232
Berluc-Perussis · 85
Bernardim Ribeiro · 231
Bernardino de Campos · 346
Bíblia · 18, 152, 231, 353
Biela
 Wilhelm von · 360
Billy
 André · 43, 295, 296
Blinvilliers
 marquesa de · 295

Boileau · 374
Bonald · 85
Bonanni · 296, 298, 299, 302
Bosco
 dom · 285
Bossuet · 263
Boucher · 72
Bouguereau · 72
Bourdaloue · 263
Breslay
 Pierre · 87
Briand
 Aristides · 13
Broussais · 389
Buarque de Hollanda
 Sérgio · 4, 28
Bulhão Pato · 231
Burns · 96
Burton
 Richard · 109, 214
Byron · 96

C

Câmara Cascudo · 54
Camões · 151, 350, 352, 356
Campos Salles · 353
Capistrano de Abreu · 101, 314
Carco
 Francis · 17
Cardim
 padre · 127
Carlos de Laet · 358
Carlos Magno · 230, 300
Carrel
 Alexis · 14
Caserio · 13
Casimiro de Abreu · 191
Castelo Branco
 Camilo · 69, 112, 314
Castro Alves · 191, 192, 232
Castro Araújo · 57, 76
Catão dos Santos Roixo · 57
Cazalis
 Alice · 23
Cervantes · 176
César · 34, 114, 325, 343
Chamfort · 137
Chartreuse de Parme · 11
Chateaubriand · 202
Choiseul · 101
Churchill
 Winston · 16, 156
Cícero · 37, 40, 222, 346
Clemenceau · 102

Colleoni
Bartolomeu · 9
Comte · 85, 96, 327, 339
Conceição Velloso
frei · 53
Conde d'Eu · 163, 354
Coriolano · 126
Costa Brito
padre · 112
Courier · 345
Crassus · 346
Cruz e Souza · 191

D

da Silva Campos · 395
D'Alembert · 15
Damião de Góis · 127
d'Aurevilly
Barbey · 43, 175
David Copperfield · 254
De Maistre · 85
De Sivrac · 249
Debret · 89, 262
Delfim Henriques de Carvalho ·
56, 57
Deodoro · 111, 204
Dickens
Charles · 254, 264
Diderot · 18, 38, 43, 237, 301,
332
Diogo Feijó · 343
Dioscorides · 69
Domingos Jaguaribe Filho · 148
Duarte de Albuquerque Coelho ·
80
duque de Borgonha · 163
Dusen · 332

E

Eça de Queirós · 328, 351
Emílio Zaluar · 141
Ernâni Rosas · 231
Espiridião Eloy de Barros
Pimentel · 204
Estatina
deusa · 79
Estevam Ribeiro de Rezende ·
141
Etienne Rey · 18
Euclides da Cunha · 170, 320,
337
Eugênio de Castro · 126
Eusébio Macário · 69
Euthália Avelino · 127
Evaristo da Veiga · 324

F

Fagundes Varela · 187, 368
Felicito Pinto Coelho de
Mendonça · 317
Felix Bourgueney · 43
Félix Cavalcanti · 92
Felix Pacheco · 99
Fenelon · 196
Ferreira de Rezende · 21, 359
Florian · 233
Foch · 102
Fontanier · 267
Francis de Miomandre · 336
Francisca Elisa de Carvalho · 35
Francisco de Lima e Silva · 45
Fregoli · 267
Freire
Ezequiel · 51, 92, 140, 160,
167, 169, 170, 176, 179,
180, 184, 185, 187, 193,
195, 225, 227, 229, 361,
372

G

Gabriel dos Santos · 343
Gabriel Rodrigues dos Santos ·
321
Galeno · 390
Gandavo · 111
Gardner · 145
Gastão Bousquet · 320
Gentil de Castro · 324
Gerard d'Heuville · 152
Gide
André · 17, 231
Gil Vicente · 347
Gilberto Freire · 58, 83, 92
Godofredo Rangel · 176
Goering · 10
Gonçalves Dias · 230, 232, 233
Gorki
Máximo · 224
Graco · 127
Grimm · 337
Guérard
Edmond · 392
Guevara
Luis Vélez de · 269
Guizot · 5
Gusmão · 13, 311, 383
Gutenberg · 332
Guy Royle · 113

H

Halbout
José Francisco · 300
Hélicon · 304
Helvetius · 42
Henri de Régnier · 152
Henrique II · 152
Henrique Moritze · 218
Henschel · 132
Henschen · 332
Hériat
Philippe · 22
Hipócrates · 389, 390
Hipocrene · 191
Hitler · 10, 12, 29, 105
Homem de Mello · 101
Homero · 232
Hugo
Victor · 5, 350, 361, 374, 383
Humboldt · 112, 360

I

Ícaro · 13
Inês de Alvarenga · 126
Insley Pacheco · 132
Ivo d'Evreux
frei · 125

J

Jacinto Reis · 77
Jamin
Dom Nicolas · 222
Januário Garcia · 61
Januário Mateus Ferreira · 292
Jayme Pinto Serva · 339
Jeronymo Gesteira · 216
Joanne D'Arc · 11
João Capistrano Bandeira de
Mello · 205
João de Lemos · 231
João Francisco Lisboa e
Gonçalves Dias · 87
João Gazua · 323
João Ribeiro
padre · 50, 53, 379
Joaquim Dias Martins · 41
Joaquim José do Rego Rangel ·
34, 372
Job · 18
John Carpenter · 306
José Ângelo
deputado · 134

José Bonifácio · 26, 30, 49, 101,
136, 313, 343, 344, 345, 348
José César de Menezes · 34, 325
José Costa
 padre · 111
José de Alencar · 109, 292, 326
José de Barros Lima · 386
José Francisco do Rego Rangel ·
 34
José Leandro de Godoy e
 Vasconcelos · 76, 125, 134
José Lourenço de Magalhães ·
 215
José Maria Lisboa · 150
José Veríssimo · 347
Joubert · 20
Jouglá
 Victor · 60
Juan Gutierrez · 132
Justiniano José da Rocha · 324
Justino de Andrade · 359

K

Kardec
 Alan · 219
Kipling · 15, 16
Koster
 Henry · 50, 54, 80

L

La Fontaine · 94, 233
Ladislaw Baena · 279
Lafayette de Toledo · 321
Laforgue · 370
Laurindo Rabelo · 36, 230
Lauro Sodré · 327, 328
Leandro do Sacramento
 frei · 53
Leão XIII · 133
Leocádia Rosa de Castro Araújo ·
 34
Léon Bloy · 102
Leonardo Mota · 149
Leonor Porto · 127
Leopoldo Bulhões · 314
Leopoldo de Freitas · 201
Levy
 Sylvian · 25
Líbero Badaró · 324
Lilienthal · 13
Lima Barreto · 325
Lin Yutang · 261
Lindmann · 332
Lineberg · 332
Lineu · 332, 334

Lino de Andrade · 57
Locke · 113, 196
Löfgren
 Alberto · 332, 333, 334, 335,
 337
Lopez · 26, 38, 39
Loreto do Couto · 193
Louise Labbé · 184
Luciano de Samósata · 347
Lúcio de Mendonça · 191, 320,
 353
Lúcio Flaminino · 326
Lucrécio · 21, 389
Luís Delfino · 191
Luís do Rego Barreto · 325
Luís Francisco da Veiga · 179,
 376
Luís Gama · 89
Luís XIV · 267
Luís Yabbar · 268

M

Machado de Assis · 76, 89, 132,
 200, 347, 361
Madame de Segur · 184
Maeterlinck · 373
Magalhães Azeredo · 288, 309,
 310
Magalhães de Azeredo · 271,
 288, 293, 303
Malme · 332
Manduca da Praia · 61
Manoel Porfírio de Castro Araújo
 · 35
Mansfield · 82
Manuel Tota · 47
Maomé · 363
Marat · 118, 136
Marcial · 114
Marco Antônio · 166
Marcos Neville
 padre · 136
Maria Adelaide Ferreira de
 Araújo · 184
Maria Amália Dias Lima · 127
Maria Ana Soares Brandão · 127
Maria Cruls · 127
Maria Godoy · 127
Marialva
 duque de · 29
Mário Rodrigues · 324
Marquês de Olinda · 134
Marquesa de Santos · 101, 312,
 313, 314, 319
Martim Francisco II · 135
Martim Francisco Terceiro · 130,
 355

Martiniano Fogaça · 57
Matarazzo · 150
Matius · 226
Maurício de Nassau · 113
Maurras · 358
Medeiros e Albuquerque · 320
Melusina · 198
Merveilleux · 125
Meuret · 163
Micrômegas · 155
Mirbeau · 295
Mistral · 77
Moisés · 346
Montaigne
 Michel de · 17, 22, 196, 224,
 397
Moreira Pinto · 353
Moretzsohn
 colégio · 221, 322
Morley
 Helena · 120
Mosen · 332
Mozzafer-ed-Din
 Xá · 13
Murat · 191
Murillo · 72, 304

N

Nabuco
 Joaquim · 21, 81, 91, 309, 385
Napoleão · 37, 99, 304
Narcisa Amália de Oliveira
 Campos · 179
Narciso Filgueiras · 174
Nassau · 80, 82, 99
Nattier · 163
Newton · 358
Nicolai
 marquesa de · 17
Nicot
 Jean · 363
Nietzsche · 12
Nogueira da Gama · 21
Nunes Machado · 379

O

Octaviano Hudson · 187
Olavo Bilac · 174, 336
Olegária Mariano · 127
Oliveira Junqueira
 deputado · 135
Oliveira Lima
 Manuel · 57, 100, 102, 157

P

Paderewski · 113
padre Caldas · 89, 191
Paula Souza · 343
Paulina · 126
Paulino Fernandes Chaves · 212
Paulo Prado · 138, 174
Pausânias · 12
Paxea · 126
Pedro de Araújo Beltão · 100
Pedro de Saxe
 príncipe · 136
Pedro Gobá · 175, 193
Pedro I · 30, 102, 103, 312, 313,
 316, 317, 318, 319, 354
Pedro II · 46, 47, 51, 135, 191,
 238, 253, 306, 351, 352
Pedro Lessa · 313
Pedro Thomé de Castro Araújo ·
 35
Peixoto
 Floriano · 130, 204
Pelino Guedes · 324
Pelino Joaquim da Costa Guedes
 · 321
Pelisson · 267
Pereira da Costa · 49, 402
Perrault
 Charles · 337
Philotas de Amphissa · 166
Pickwick
 Samuel · 264
Pindo · 304
Pinheiro Chagas · 102
Pinheiro Machado · 12, 310, 323
Pitágoras · 343, 357
Platão · 191, 343
Plotina · 126
Plutarco · 37, 166, 326
Poe · 295
Poetus · 126
Pombal
 Marquês de · 27, 40, 41, 49,
 301
Pompadour
 Madame de · 101, 313
Pompéia
 Raul · 255, 320
Poucel
 Victor · 78
Preston E. James · 29
Pretextato
 Alfredo · 48
Príncipe Alberto · 151
Príncipe de Ligne · 344
Procusto · 284
Prudente de Moraes · 353
Publicola · 126

Puisieux · 18

Q

Quarahim · 212
Quintino Bocaiúva · 352

R

Rabelais · 278, 345
Racine · 11, 12
Raimundo Corrêa · 185, 191
Rainha Vitória · 151, 153
Ramalho Ortigão · 175
Ramsden · 332, 333
Rangel · 4, 9, 10, 13, 24, 26, 34,
 40, 44, 55, 76, 96, 101, 130,
 153, 155, 163, 174, 195, 247,
 263, 287, 288, 304, 313, 341,
 343, 358, 371, 392
Reboul
 Jean · 63
Regnell · 332
Remy de Gourmont · 242
Renard
 Jules · 13, 124
Renard & Krebs · 13
Rensburg · 324
Reverendo Caldas · 64
Rivarol · 347
Robert Macaire · 323
Rocheport · 14, 345
Rodin · 147
Rodrigo Octavio · 21
Rodrigo Silva
 conselheiro · 140, 184
Romualdo de Seixas · 21
Rousseau
 Jean-Jacques · 11, 16, 72, 222,
 389
Rousseaux
 André · 60
Rubens · 72

S

Safo · 180, 184
Saint Hilaire · 50
Saldanha Marinho · 134
Sancho Pança · 391
Santa Rita Durão · 89
Santos Dumont · 13
São Pedro · 393
São Tomás de Aquino · 391
Sauvage

Cecile · 107
Schiller · 96
Sêneca · 126
Severiano de Rezende · 336
Sextia · 126
Shakespeare · 334, 361
Sherlock Holmes · 287
Silva Lisboa · 383
Simão de Vasconcelos · 111
Soares de Andréa · 379
Soares de Passos · 231
Souza e Melo · 343
Spix · 335
Sthendal · 75
Stuelpnagel
 von · 10
Swift · 345

T

Tácito · 12
Tales · 358
Taunay · 21, 57, 100, 317
Tavares Bastos · 136, 204, 353
Taylerand · 304
Tchaikovsky · 149
Teffé
 Barão de · 21
Tellier
 Claude · 5
Temple · 113
Teófilo Braga · 67, 350
Teófilo Dias · 191
Theophilo das Neves Leão · 335
Tibúrcio · 38, 192, 193
Tirteu
 lira de · 192
Trajano · 126, 222, 223, 224

U

Ule · 332
Urbano Pessoa de Mello · 135

V

Vaillant · 13
Valentim Magalhães · 174, 194
Valéria · 126
Vargas · 111, 283
Vasco Figueira · 65
Vergueiro · 343
Verne
 Júlio · 261, 264
Vetúria · 126

Víbio Sequester · 273
Vicente da Costa Taques Góes e
 Aranha · 256
Vieira de Almeida · 320
Vieira Fazenda · 314
Villiers de L'Isle Adam · 295
Vinci · 13
Virgílio · 227, 304, 373
visconde do Rio Grande · 61
Vitória Pinto Serva · 127
Vitorino Monteiro · 247
Vollsack · 132
Voltaire · 155, 299, 301, 389

Von Koseritz · 324

W

Washington Vaughan · 351
Watteau
 Antoine · 278
Wied
 príncipe de · 50
Wilde
 Oscar · 17
Wilson · 13

Wiseman
 cardeal · 272
Wright
 irmãos · 13

Z

Zamarini · 245, 246
Zeferino de Almeida Pinto, · 51
Zélia Pedreira · 61

Glossário³¹¹

Capítulo 1

Brocotós: borocotós, ou seja, terreno desigual, esburacado; buraco fundo ou ainda fenda cavada por enxurradas em ruas de terra batida. As três acepções são possíveis e aqui pertinentes, tendo em vista a imagem que se pretende construir sobre a força do apanhado da memória.

Cimbro: relativo aos cimbros, povo céltico das margens do Báltico estabelecido na Germânia, e que, no sII a.C., invadiu a Gália e foi detido pelos romanos na região dos Alpes e pelos celtiberos na Espanha, ou indivíduo desse povo (vide Dicionário Houaiss). Teutão: próprio do povo desse nome, dos teutões – povo de origem provavelmente germânica que falava essa língua; têtunes, teutônicos (vide Dicionário Houaiss).

Quiçaça: mato rasteiro e espinhento, terra seca e estéril, de vegetação arbustiva rala e baixa. Já tabuleiro aqui remete à 12ª acepção dada pelo dicionário Houaiss, que aponta a forma como marca de regionalismo do nordeste, explicando-a como faixa de terra com poucas árvores ou arbustos.

Saburá: palavra de origem tupi que designa resíduo amarelo e amargo, proveniente do pólen das abelhas; o mesmo que borá.

Capítulo 2

Estatuição: pressupõem-se que um neologismo criado a partir do verbo estatuir – criar estatuto.

Anspressado: aquele que tem cargo militar de menor graduação; o mais inferior na organização antiga do exército (cf. Lello).

Capítulo 3

Vade-mecum: em latim, na tradução literal, “caminhai comigo”; expressão utilizada para livro de consulta muito freqüente, que o usuário costuma carregar consigo; agenda.

Capítulo 4

Descante: além de designar uma técnica medieval de composição, refere-se a um canto popular executado por várias vozes, com acompanhamento musical (o mesmo que

³¹¹ Elaborado com base nos dicionários Houaiss e Aurélio.

machete); pode ser também referência ao canto na forma de duelo ou ao popular desafio.

Bioco: espécie de mantilha usado pelas mulheres para cobrir a cabeça e parte do rosto, como demonstração de reserva, modéstia, virtude.

Voluta: ornato em espiral us. no arremate de capitéis de colunas, modilhões, mísulas etc.; por extensão de sentido: qualquer motivo decorativo enrolado em espiral.

Mecônio: nome dado ao suco da papoula; substância pastosa de cor esverdeada como a da papoula, que é coletada no intestino do feto e constitui as primeiras evacuações dos recém-nascidos.

Capítulo 5

Píxide: Caixinha, estojo; na botânica, um tipo de fruto.

Bródio: Banquete ou refeição farta e alegre.

Capítulo 6

Mamote: criança que mama no peito; palavra registrada como regionalismo para designar o filhote que ainda mama.

Boicininga: o mesmo que cobra cascavel.

Jetirana: tipo de arbusto ou trepadeira, de que brotam flores vermelhas, aromáticas.

Amojo: Por definição “estado túrgido e lactescente dos grãos de cereais antes da maturação”. Aqui, refere-se ao estado dos seios de Mariana: cheios de leite, de nutrição para o recém-nascido.

Píxide: caixinha, estojo; na botânica, um tipo de fruto.

Ancila: Escrava, serva, aquela que presta serviços.

Bibe: tipo de avental com mangas, abotoado ou atado nas costas, que as crianças usam para proteger as roupas.

Quimbembques: berloque, de matéria e forma variadas e freq. de pouco valor material, que se traz junto com outros pendente do pescoço.

Gangu: afago, meiguice.

Capítulo 7

Tanglomango: o mesmo que cafifa, incômodo, aborrecimento; tanglomango: expressão popular, referente à bruxaria, malefício.

Jetatura: mau-olhado, “olho gordo”.

Entica: teimosia.

Bródio: banquete ou refeição farta e alegre.

Capítulo 8

Cruviana: Vento muito intenso ou chuva miúda (regionalismo do Norte do Brasil).

Bougainville: Árvore conhecida popularmente como “primavera”.

Capítulo 11

Vesânia: loucura, mania.

Fateixa: gancho que pode ser usado como âncora.

Capítulo 12

Baldreira: nome genérico dos alicerces de alvenaria.

Cumeeira: parte mais alta do telhado.

Quizila: aversão irracional a determinada pessoa.

Tunda: surra.

Capítulo 13

Himenóptero: ordem de insetos que incluem as formigas, abelhas e vespas. No texto de Rangel a palavra é usada para designar as terríveis formigas que dizimaram as plantas da casa do Fundão.

Zagaiar (ou *azagaiar*): ferir ou matar com lança (azagaia).

Capítulo 15

Espique: caule de palmeira.

Capítulo 17

Famulagem: criadagem.

Curumbas: o caipira, o homem da roça.

Hebetismo: imbecilidade.

Dunquerque: armário constituído de prateleiras e de portas envidraçadas de modo a permitir a exposição de objetos de valor material e/ou afetivo.

Capítulo 20

Caprimulgídeo: Ave da família caprimulgiformes, vulgarmente conhecidas como bacuraus e curiangos.

Capítulo 21

Abolório: obrigação, no sentido jurídico.

Urumbeva (ou *urumbeva*): o mesmo que caipira.

Tauxiado: enfeitado, ornado.

Capítulo 22

Cinocéfalo: mamífero conhecido como lêmure-voador (um tipo de primata).

Plenipotenciário: aquele que tem amplos poderes; agente diplomático investido de plenos poderes, em relação a uma missão especial.

Capítulo 23

Picica: pessoa de pequena estatura; coisa insignificante (cf. Lello, p. 661).

Capítulo 25

Serapilheira: aniagem, ou seja, tecido grosseiro.

Capítulo 27

Plectro: inspiração, gênio poético.

Marimba: instrumento de percussão, espécie de tambor.

Capítulo 29:

Pandorga: papagaio de papel.

Nelumbo: tipo de flor (lótus-amarelo).

Capítulo 31

Jagodes: expressão regionalista que indica figura de chinês barrigudo de louça por cuja abertura da boca se metem cartas etc., fazendo as vezes de uma caixa.

Astilha (estilha): pedaço, fragmento irregular de madeira.

Flabelo: leque.

Capítulo 32

Fichu: espécie de abrigo, de tecido leve e formato triangular, com que as mulheres cobrem a cabeça, pescoço e ombros.

Mitene: luva feminina que deixa os dedos de fora; meia-luva.

Capítulo 33

Trouxe-mole: de maneira atabalhoada, desordenada.

Capítulo 36

Sinecura: emprego ou cargo rendoso que exige pouco trabalho.

Capítulo 40

Pritaneu: na Grécia antiga, estabelecimento público para se fazer refeições; numa acepção mais geral estabelecimento em favor dos beneméritos da pátria.

Capítulo 43

Cormorão: biguá, corvo- marinho.

Capítulo 48

Bete: jogo infantil originado do beisebol.

Cafute: regionalismo para espírito mau, diabo (“chefe dos demônios”).

Lura: buraco, cova, esconderijo.

Capítulo 49

Enxudioso: adjetivo a partir do verbo enxudiar, engordar; portanto, o gordo.

Simonte (ou *somonte*): rapé.

Capítulo 53

Opinício: hino triunfal, poema ou cântico feito para comemorar uma vitória ou qualquer obra em que se manifesta o regozijo por um acontecimento.

Enxúndia: gordura, adiposidade do corpo humano.

Capítulo 55

Óbice: estorvo, empecilho.

Capítulo 56

Choréa: dança caracterizada por movimentos convulsivos e frequentes, também chamada de dança de São Vito (cf. Lello, p. 556).

Xingaraviz: indivíduo que se intromete de forma inconveniente ou prejudicial em determinada situação.

Capítulo 57

Higrômetros: nome genérico de instrumentos que servem para medir a umidade de gases ou do ar.

Atafona: moinho; aqui, por extensão de sentido, aparelho.

Capítulo 59

Jaguapeva: cão doméstico, sem raça definida, de pequeno porte. No texto, por extensão de sentido, metonímia para Cérbero, o guardião dos Infernos da mitologia grega.

Capítulo 60

Blenorragia: doença sexualmente transmissível.

Desídeo: possivelmente derivado de *desídea* – preguiça, indolência (cf. Lello, p.754).

Capítulo 61

Himenóptero: ordem de insetos que inclui as formigas, vespas e abelhas.

Capítulo 62

Matulotagem: substantivo derivado pelo autor a partir de “matulo”, homem grosseiro – ou seja, grosseria, rusticidade.

Capítulo 65

Carbúnculo: infecção extensa e profunda da pele e dos tecidos subjacentes, frequentemente localizada na nuca ou nas costas, com numerosos abscessos irregulares.

Capítulo 66

Exício: ruína, prejuízo; morte humana.

Capítulo 64

Orfeão: instrumento musical semelhante a um órgão.

Capítulo 68

Geena: local de suplício eterno pelo fogo; inferno.

FABIANA BIGATON TONIN

**ÁGUAS REVESSAS: CONFLUÊNCIAS DA MEMÓRIA,
LITERATURA E HISTÓRIA NAS MEMÓRIAS INÉDITAS
DE ALBERTO RANGEL**

ANEXO I

VOLUME I I – CAÇA AO RECRUTA

Texto para dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

CAMPINAS
2009

ALBERTO RANGEL

Águas Reversas

Volume II - Caça ao Recruta

Volume II

A CAÇA AO RECRUTA

Sumário

1. A CASA DO CAMPO	7
2. O RIO NUMA VELHA ESTAMPA	11
3. A RODA DO JARDIM	21
4. O OBÁ	33
5. NOSSA SENHORA DO PARTO	37
6. DEODORO	41
7. OS VELHOS E BONS VIZINHOS	47
8. DOIS TÍTULOS	55
9. O TIMÓTEO	59
10. OS LATINOS	67
11. O DOUTOR LADISLAU	71
12. O ÍDOLO DE OURO	81
13. O CRÂNIO DE LUND	87
14. A PRINCESA IMPERIAL	91
15. SUA MAJESTADE EM CENA	95
16. INCOERÊNCIA NACIONAL	101
17. PRAÇA NO RAPAZ	105
18. EM VÉSPERA DE TARIMBA	111
19. ARCABUZADO PELO CONDE DE LIPPE	117
20. O CORPO DE ALUNOS	123

21. O FRAQUE DO CASCABULHO	131
22. O BLUSÃO DO EUCLIDES	139
23. CONTINUAM EM CENA O BLUSÃO E O FRAQUE	145
24. DE NOVO O FRAQUE E O BLUSÃO	147
25. O CRAVO EM MAU ESTADO	149
26. O PESADELO DOS PERCEVEJOS	151
27. A BOIA DA ESCOLA	157
28. O SALVE NA MONTANHA	159
29. A MISSA MAL OUVIDA	163
30. O VALADARES	167
31. MOREIRA PINTO	171
32. O MUSEU MILITAR	175
33. FIGURAS DAS RUÍNAS	179
34. O “AMOR À TRIBUNA” E O LINO	189
Índice Remissivo	199
Glossário	203

1. A CASA DO CAMPO

Voltando de São Paulo, em começos de 1887, rechaçados pela surpresa da perda do meu pai, instalamo-nos no Campo da Aclamação, número 89. Ali vivia, com as duas filhas solteiras que lhe restavam, a Dona Panchita, viúva desde 1867 do major Porfírio. Das duas filhas últimas, a bela Elisa veio a casar-se com o viúvo, general reformado e professor de desenho na Escola Militar, Albino Rosière, e a outra, a nossa boa tia Manuela, tão carinhosa, arranjada e oprimida, faleceria solteira, mas deveria ter por epitáfio as palavras que se leem na sepultura de certa amante de Napoleão: “Seule et soumise”¹, como resumo de tudo quanto lhe coube na longa passagem sobre a terra.

O seu noivo, que a dotou, experimentando a casaca encomendada para o casamento, dera o último suspiro na loja do alfaiate. O esposo prometido lhe ficou de lábios gelados para o sim, na igreja, deitado no alto de uma eça. Essa imagem de horror deveria enlutar-lhe a alma para sempre; não lhe aparou, porém o bom humor, o senso da vida exterior, prazenteira e conformada. Findaria a existência até os cabelos brancos de sexagenária, dedicando-se especialmente às ordens, caprichos e cuidados de D. Panchita: - Manuela! Enfia esta agulha... – Sacode este guardanapo... – Limpa este pente... – Fuxica esta toalha de pratos... – Apanha esse alfinete... – Embainha este lençol... – Pega-me esta pulga

Dois cousas Manuela desejava com afinco em toda a sua vida de submissiva: uma caixa de música e o bastonete com mãozinha de marfim para coçar as costas. De prêmio a tanto trabalho de devotada consagração e graça afetuosa, não lhe faltaram com esses objetos heterodoxos, que lhe deveriam suprir a felicidade mais complicada e difícil de atingir por meio de outras cousas menos rebuscadas e caras. No seu último aniversário puseram-lhe nas mãos de meiga e submissa velhota a caixa de música, e o gadanhzinho de marfim utilizado para aliviá-la do prurido insólito de alguma brotoeja ou “cabeça de prego” fora de mais curto alcance.

Essa casa de nossa nova residência, no Campo, não passava de uma espécie de mansarda, semidevorada pelos cupins, de propriedade do Estado e concedida de empréstimo, pelo general Osório, quando Ministro da Guerra, à viúva do seu amigo pernambucano e companheiro de campanhas, o major Porfírio. Nesse ano, o coronel Catão

¹ “*Só e submissa*”.

Roxo, secretário do Ministro de Guerra, a súplicas reiteradas da minha avó, que era sua prima-irmã, assentira mandar- e com que custo! - consertar o “Prédio do Governo”, pelos cofres da Administração militar, encarregada de conservar bens próprios e imóveis. A vivenda, com efeito, ameaça desmoronar, asfixiando as suas [hóspedes] sob a montanha de farinha em que os insetos roedores iam transformando a madeira das traves, dos ferros, soalhos e tabiques.

Sobrepunha-se esse domicílio das senhoras ao velho quartel, uma espécie de aljube, atochado nos baixos de soldados casados e das respectivas chinas, a vozearem no pátio empedrado em torno dos filhos piolhosos e dos montes de roupa para ensaboar. Com os melhoramentos supervenientes do Prefeito Passos deveria desaparecer a verruga e antigualha arquitetônica.

Nesse circuito interior e fechado do prédio, mulheres pitavam ou mascavam. Outras lavavam ou repassavam a roupa, magras e chupadas, umas com a barriga à boca. Abanavam pequenos fogareiros de carvão de madeira, onde faziam as brasas para os ferros de engomar, de curva chaminé, em que sopravam todo tempo para avisar-lhes o calor. Muito as interessava a passagem do mascate avulso, com a lata de folha sortida de chitas e fitinhas. O “vendedor do bicho” e o “turco da prestação” andavam ainda nos limbos.

Machos e fêmeas, era tudo uma cabroada salpicada de alguns pretos e brancos, gente mais ou menos amarela ou fusca, faladeira, gostando de arengar uns com os outros. Os cachorros não seriam raros; comiam pouco e apanhavam para não ladrar e não lamber, não entrar ou não sair. No pátio em aberto, centrado do tanque, é que a vida se passava, trabalho e cantorias, sesta e discussões... O silêncio não era de regra, com efeito no rés-do-chão, em que se incrostava a casa de Campo. Que ninho de altercações e vias de fato! Dir-se-ia a mulher e o soldado, misturados, não se darem bem. Um eterno quelelê em meio deles. Pela menor das cousas rolava o pau, desenfiava-se o refle...

Toadas plangentes e sem fim de sanfona e viola, prolongadas até a madrugada anunciavam a paz; injúrias pesadas denunciavam o estado de guerra, a ebriedade dos casais desarmonizados. Quando era grossa a bordoeira, mais repetiam-se os gritos de “acuda Nossa Senhora!” O Miranda, futuro barão do Freixal, personagem de “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, incomodado com o ruído dos vizinhos, punha-se no alto do murado a

vituperá-los com certo rigor e demasiada imprudência. Afora os berros, o seu vocabulário não era dos mais escolhidos. Quando D. Panchita do alto de uma de suas janelas, era bem mais discreta com a canalha do quartel. E para manter os seus poderes de pacificação, deles não abusava. Assim só raramente se mexia para mostrar-se repimpada no alto do peitoril, como num retábulo, sobrevinda no conflito...

Conhecia pelos nomes os habitantes daquele porão de nau encalhada e transformada numa estalagem. Gritava então para os altercantes: “Raimundo! Brás! Domingos! Gertrudes! Florisbela! Madalena! Deixem a Viúva do Major dormir sossegada! Acabem coma zoada infernal, senão vou eu mesma chamar a ronda ou dar parte no quartel do 23!”. Não tinha que ver álcool numa queimadura, logo refrescava. Tudo entrava na ordem pelo prodígio da velha mãe de família, em camisolão de dormir, as falripas brancas contidas na touca de chita, botando com uma frágil ameaça aqueles desaforados e desordeiros do “Quartel Velho” no bom caminho...

O silêncio vinha em geral já alta noite, depois dos gritos de socorro. Um relento de “pinga”, fraldas sujas, e roupa no coradouro subia das pedras do pátio, onde a meninada seminua corria e saltava, aprendendo nessa promiscuidade tudo o que não prestava. Sobretudo palavras pouco limpas, que subiam como trazidas por lufadas do monturo dessa espécie de *Cour de Miracles*, que fosse uma senzala militar. Entretanto, nunca senti que a minha avó as percebesse. Uma espécie de redoma a isolava dos respingos da insolência e brutalidade das praças bêbadas e das mulheres arrepeladas. A matrona julgava-se tão de cima que não lhes ouvia a coaxada... O coronel Paula Cidade, homenageando Deodoro a 4 de Dezembro de 1939, parecia ter assistido a noitadas nesse canto do Rio, quando contava: “A disciplina doméstica era muito severa. A pancadaria, pelos motivos mais insignificantes, ia da filharada à esposa. Uma calça branca mal lavada, um botão mal pregado, uma panela mal temperada, faziam logo sentir o rigor do chefe de família”. Não nos habituávamos à turbulência e aos tristes e rasteiros ecos de miséria e indisciplina aos nossos pés. Mas, a “Casa da Vovó”, sendo um forno de quente, por seu baixo pé direito, era bem situada, cômoda e gratuita.

2. O RIO NUMA VELHA ESTAMPA

A capital do Brasil, oferecida em regaço de aventuras aos brasileiros mais ladinos e ousados, hoje é a Cosmópolis das Três Cores, o fundeadouro e o porto seguro dos navios da frota de Salomão, o esgoto coletor de Portugal, da Itália e do Levante, a ilha de salvatério do europeu e do asiático, escapulidos da ruína de suas catástrofes continentais. Nessa transformação, o Rio de Janeiro, chumaço de cimento armado, cintado de asfalto e verdejado de bougainvilles² e *ficus benjamin*, pagou caro a mudança de seus aspectos coloniais.

Bem diferente o viram os meus olhos de menino e rapagote. Contemplei-o, tranquilo e chacareiro, ardido entre as pilastras boleadas das palmeiras imperiais e as filas de amendoeiras e flamboyants com a florada acesa num brasido, do Caju ao alto da Gávea. Na vegetação intensa e variada sobressaíam os cartuchos brancos das trombeteiras, o róseo das espirradeiras, as folhas digitadas e escarlates da papagaieira, escarlate e leitosa, a eufóbia pulquérrima, o amarelo de cheiro adocicado dos jasmims Cayenna, debruçados e esgalhados nos muros e grades de jardinetes e chacrinhas.

Ainda os jardins conservavam os bancos de conchas, os repuchos com bordas de conchas, as grutas de conchas. O buxo e a arruda viçavam nos canteiros bordados de alvenaria ou de botijas enterradas com os fundos para cima; o manacá e as murteiras cheirosas postavam-se à entrada dos portões com cimalhas onde pousavam cães de louça, os maracujazeiros e jasmineiros entrançavam-se nos caramanchões, os bambuais ogivavam-se do fundo dos sítios nos subúrbios. Cruzavam-se avizinados as jaqueiras, jambeiros, mangueiras, pitangueiras, abieiros, sapotizeiros, cajueiros e caramboleiras nas grandes chácaras de S. Clemente, da Gávea, de Matacavalos e Engenho Novo e Velho.

As ilhas dormiam sem temer que as ondas lhe levassem os cestos de verduras. A baía ainda não tinha sido atulhada com os avessos da Prefeitura. O suave contorno das suas curvas imperava na poética harmônica do perfil de suas praias e enseadas. Copacabana era uma plaga misteriosa, que se desvendava na ascensão dos muros do forte do Leme, sobranceiro à sua orla de alvura, vermelhujada de cajus e pitangas. Uma igrejinha, plantada

² Segue trecho ilegível, possivelmente enumerando outra espécie vegetal.

entre espumas e penhascos, patroneava os pescadores na amplidão da Terra e do oceano. Piscava-lhe o olho de três cores o farol da Rasa, na ronda da treva e do marulho do largo.

A febre amarela ceifava a marujos e mais forasteiros, gorgolhando o seu vômito negro. Não mais a trágica Ristori deliciava a fidalguia da Corte com o desespero de Medeia; não mais a Aimée apimentava as árias canalhas do “Órphés aux Enfers”; contentavam-se o Vasques e o Xisto Bahia em sacudir o baço dos seus frequentadores, na rua do Espírito Santo. No morro do Castello subia o balão do meio-dia, flâmulas içadas no mastro do Telégrafo Marítimo, indicavam a nacionalidade dos navios que vinham atravessando a barra, do lado da Guaratiba ou da Ponta do Itaipu.

As campainhas dos bondes guizalhavam ,ao trote dos muares de tração. As meretrizes do Ravaux e do Provençal, a dois passos um do outro, penduravam em *peignoir*, nos balaustres das varandas, as tetas amarfanhadas. Patrocínio e Nabuco, ricos das melhores intenções filantrópicas, fecundavam com o verbo solto a libertação total dos escravos; aventavam no entusiasmo geral e por meio das tiradas de sua mapiagem de bem falantes a necessidade de soçobro imediato o cego da economia do Brasil...

Casavam-se tão bem as acácias e as quaresmeiras do Cosme Velho, às dedaleiras enxofradas de Botafogo, as mangueiras da rua Dona Luiza às palmeiras imperiais do Jardim Botânico e da rua Paissandu! A metrópole no seu torpor burguês dormitava, na travessa de rochas hirsutas e empinadas; cozinhava os males e digería os bens à sombra dos dois obeliscos do Passeio Público e dos renques das sapucaias enfileiradas duas a duas, à frente Quinta da Boa Vista. O poder imperial abrigava-se patriarcalmente sob a coroa de frondes esparsas do Paço da Cidade à Fazenda de Santa Cruz, de São Cristovão a Petrópolis.

Era toda a graça ática da cidade e reencarnação viva do Girardin, o gordalhudo periodista Ferreira de Araújo, almofadando as banhas nos exageros térmicos da canícula carioca. Na *Gazeta de Notícias*, com a leveza de Ariel, fichavam ele e Machado de Assis as mazelas dos nossos costumes, alvoroçando os “Macaquinhos no sótão”, distribuindo as “Balas de estalo” à sua freguesia diária.

Deleitava-se a burguesia mais instruída e polida da época, lendo a prosa do Araújo e os folhetins do Ferreira de Menezes e os “Tópicos do Dia” do Joaquim Serra. O público ria e punha a atenção de seu melhor humor nas infundáveis aventuras do Zé Caipora, que o

lápiz de Angelo Agostini servia como o mais popular da *Revista Ilustrada*. Tratava-se do bom Rio de Janeiro, quando as barcas da Campanhia Ferry iam e vinham entre o Pharoux e São Domingos, dando à cidade com o trem de Subúrbio a válvula de sua maior respiração.

Os bondes acabariam por dispersar e matar as “diligências” e as “gôndolas”. Os tífburis e os carros de quatro rodas estacionavam nas praças com os preços marcados em tabela. O Homem dos Sete Instrumentos irromperia na cidade como descido do planeta Marte. Acudíamos a fazer-lhe roda desde que o víssemos estacionar na esquina da rua, calcinada, poeirenta e cheia de buracos. Embora me afligisse certo receio desse sujeito desconhecido, admirávamos o gênio e a habilidade do artista que, soprando numa cornamusa e coroadado de um barrete de guizos, manjava ao mesmo tempo tantos instrumentos, repetindo a sua tarantela. Deveria o pobre latacho vir a representar simbolicamente, com o gosto público pelas acumulações, a prática dos sete pecados mortais, a decretação das sete ciências, as sete pragas do Egito, os sete trabalhos de Hércules, o abuso dos sete sentidos, a enumeração das sete maravilhas do mundo, as quais nos seriam todas particularmente atribuídas com os rios Amazonas, as Sete Cidades de Piracuruca, a cachoeira de Paulo Afonso, o Teixeira Mendes, a Gruta do Inferno em Mato Grosso e o balão de Júlio César. Sobretudo o exercício imorigerado dos sete cargos bem remunerados deveriam encarnar-se nesse tocador ambulante. Ainda até pouco tempo se apontavam os prebendados de múltiplos empregos a cada canto de rua, nas escolas e nas secretarias.

Nesse tempo o esdrúxulo músico era uma curiosidade, sem maior imitação em seu excepcional e complexo modelo do quanto mais possível, fazendo marchar a orquestra, que não valia o guincho honesto e simples de uma gaita isolada... Depois de se reduzir a um símbolo patricio, desaparecer ao prestimoso Homem dos Sete Instrumentos, ficariam apenas os seus copiadores de outro gênero.

A rua do Ouvidor fervilhava de basbaques nas esquinas e portais dos “cafés” e charutarias. As bugiarias da Moda de Paris atulhavam-se nas montras. Dir-se-ia que a cidade aguardava a passagem do conde de Rezende no seu coche de gala pela torta Rua Direita. Capoeiras trocavam navalhadas, ensanguentando o calçamento, rivalizados em

grupos de “nâgoas” e “guaiamuns”, perneando na frente das bandas de música dos batalhões, espalhando com os “rabos de arraia” a portuguesada de tamancos na Prainha e no cais dos Mineiros... As maltas de desordeiros eram, por assim dizer, uma instituição pública, constituída de mulatos, desocupados, ágeis e perversos, eleitores disponíveis, de “petrólis” na mão e muito sabidos na arte elástica da ginga e do cambapé.

Temiam-na principalmente os estrangeiros e os burgueses da cidade, riscados muitas vezes pelo fio das armas traiçoeiras, brandidas por essa espécie de demônios, que reboavam as cadeiras e estiravam as pernas, enganchando-as nos tornozelos alheios. Tinham a melena frisada e repartida ao meio da trunfa, o chapéu a três pancadas...

Quando se ia em visitas aos amigos, não se levava mais e esteira e o colchão; mas, o recitativo, acompanhado da Dalila era de regra, nas ferstinhas de família, onde havia sempre o poeta ao plano e o orador para a sobremesa. Soares de Passos e Castro Alves faziam as despesas dessa poesia de saru, de um lado funerária e de outro condoreira. Na ladeira da Glória apertava-se a nobreza da terra, como em 1828, glorificando a Mãe de Deus, com a novena na igreja do morro sede do baile na casa do Baía, em frente. São Jorge, parafusado no cavalo branco, encartava-se com as suas armas medievais e o fitão de Grão Cruz de Cristo na procissão do Corpo de Deus. Seguia-se o Homem de Ferro, de viseira erguida, doido por apeiar do seu preto corcel e tomar gengibirra em alguma taverna do Rocio ou Lampadosa.

As guardas do Exército e Policial bradavam “Às armas” e seguiam o Nosso Pai, o Santíssimo. O Lava-pés na Capela Imperial era um acontecimento da maior importância. No Largo do Moura erravam as almas dos últimos enforcados. A não serem os negros carregadores e de ofício, quase não se trabalhava, ou pelo menos, de uma maneira ostensiva, não se tinha o ar de gostar disso. Militares e funcionários civis inativos não se lembravam de organizar um repertório biográfico, um índice remissivo... Estafermados e gandaieiros, madraçavam às portas do Farani, do Laemmert, do Brito e Castellões, ocupados a falar de mulheres e discutir política, odiar a Inglaterra, divergir dos Estados Unidos, regalar-se das ideias e lembranças de França...

A atividade urbana demonstrava-se um tanto ruidosamente quando passavam as carroças de lixo, e entre nuvens de poeira os garis limpavam as ruas, os balanceiros

italianos traziam à domicílio o peixe, a fruta e os legumes. O meleiro gritava à freguesia: “Hê melado e mé de abeia”. Outro rodava a matracazinha, anunciando os roletes da cena; num cilindro de folha vendiam-se os “pilritos”. A baiana do largo assava no fogareiro o alvo bolo de tapioca. Passavam o sorveteiro com o gelado de abacaxi e pitanga, o moleque do mendubi, das balas e do puxa-puxa, a pipa d’água do Vintém... Os pretos de casa rezavam o Bendito, antes de dormir.

Era o Rio de Janeiro, a cidade do torpor, com marujos a dormirem na Pharoux ou na rampa do Mercado. Negros forros bebericavam o café e a pinga nos quiosques, mas não se atropelavam mais nos chafarizes... Os saveiros amarravam-se nos cais para o desembarque de tijolos e a ananás, vindos de Magé, de Meriti ou da ponta do Galeão...

Pesava o silêncio das chácaras do Catumbi, Santa Tereza, Tijuca ou Largo dos Leões, afogadas na pinachada das palmeiras, no ouro pingado das acácias, no perfume ativo do jasmim-manga, no relento dos jambos, saptotis, carambolas e jacas, a que se juntavam a terebentina das mangas, o sumo rancidoce dos cajus... Botafogo, com os foros de estância divina, merecia ainda a opinião de Darwin a seu respeito. Mas, o esgoto da City Improvements poluía a praia frequentada ainda de banhistas. O casarão do marquês de Abrantes guardava os móveis de jacarandá e os ramalhetes de flores de penas do tempo do velho Miguel Calmon e festejava o baronato do Catete dado por Portugal ao marido da sua viúva, a filha do barão de Meriti.

Sua Majestade D. Pedro II, com os seus batedores, seguia de S. Cristovão na sua traquitana dourada para a Fala do Trono, todo em seda branca como Carlos X e com o manto de veludo verde e a pala de papos de tucano, que a de penas de galo-da-serra, enviada de Portugal a D. Pedro I pelo seu criado de quarto José Maria, levava-a para a Europa o abdicado de 7 de Abril. A maravilhosa peça de plumaria seria conservada no Castelo d’Eu. Soldados “permanentes” cochilavam nas esquinas. Nos arredores do Quartel do Campo e da Prainha as praças do Exército armavam rugas com os “morcegos”³ ou com as patrulhas de Imperiais Marinheiros. Do que resultavam cada noite, nos botequins mal afamados, várias poças de sangue.

³ Soldados que faziam a ronda noturna.

Passava o homem que vendia os perus, pajeando as aves com a vara que os agrupava e guiava pelo meio da rua do arrabalde. “Eh! peru gordo”, anunciava, pachorrento, seguro do seu rebanho volátil mas lerdo, soluçoso de gluglus. O leiteiro português parava de casa em casa, levando a vaca turina e o seu bezerro, ordenando-a de porta em porta. D. Panchita reclamava que não houvesse muita espuma no apoio...

O preto velho Pai João soava o seu urucungo na beira da calçada, abandonado do poder que o libertara. Era o resto raro, trágico e por assim dizer, doméstico, da civilização que ele sustentara e ali o deixava sem pão nem lar, algodoado de cãs, trêmulo e patético, contando casos do tempo do Rei Velho, agarrado à sua alma como ao instrumento grosseiro que lhe dilatava o ventre numa hérnia em forma de cabeça.

Multiplicavam-se os cambistas e vendedores de loteria, no beco das cancelas. No austero oitão da Ajuda marafonas haviam de estabelecer o seu mercado ou casinholas de rótula. Dentro do convento a Carne se divinizava no potro das suas restrições continuadas, já paredes e meia era outro cantar... Não se viam mais os foliões do Espírito Santo, nem os irmãos da Santa Casa de Misericórdia, vestidos de escuro, pedindo pelos “padecentes”, mas o irmão-das-almas ainda esmolara com a vara de prata, a sacola e a opa verde... O “galego da Venda” ou “da quitanda”, como hoje, roubava no peso, fiava ao doutor e ao empregado público, que os caloteava, sem que por isso nenhum juiz houvesse suscitado algum “Caso do quitandeiro”.

O “Jornal do Comércio”, instituição nacional fundada, possuída e manejada por estrangeiros, dava o movimento do porto e hipotecava, vão lá saber por que bom preço, o seu apoio à situação do ministério... Sobre todos os homens de consideração se enfunava a cartola, se cerrava a sobrecasaca preta. Todos estavam já vestidos para a Repartição, o enterro de quem quer que fosse, o espetáculo da ópera no “Pedro II”, [o baile no Clube Beethoven ou no Cassino Fluminense]⁴...

O carnaval era, como atualmente, a preocupação popular do ano. Desde Dezembro zabumbavam os Zés Pereiras nos Clubes. Chegada a festa móvel, durante três dias, máscaras características corriam as ruas. Frades e freiras, bem imitados, chasqueavam da Religião. O professor , cabeça de asno, casacava-se de aninhagem, com a palmatória e a

⁴ Trecho ilegível no original.

carta de ABC nas mãos. A Morte, tunicada de preto ou branco, sacudia a sineta de última chamada. O “princês” punha a luneta, realçava-se de casaca e calções de seda achamalotada. O “índio” palitado de flechas, cintava-se de penas de espanadores. O “morcego” assoviava, com as asas forradas de lantejoulas. Os “diabos”, grandes e pequenos, armavam-se de barbas, chifres e tridentes, sacudindo as caudas na ponta das quais se disfarçavam algumas vezes alfinetes e navalhas. Cordões de “rainhas”, “pastoras” e “cabeças-de-velho” desciam do Catumbi e do Pedregulho...

Em carros espetaculosos armados pelos “Democráticos” e “Tenentes do diabo”, troneavam no papelão dourado as meretrizes de mais fama, como a Chica Polka, mostrando as cochas em *maillots*⁵ de seda e atirando beijos, entre fogos de Bengala que alumiam o préstito da saturnal... O Imperador, não escapava das troças dos clubes de Carnaval, emprestadas as barbas brancas crescidas, a glicosúria adiantada e o amor da Astronomia à mofa da população... Os projéteis de cera ou borracha da molhadela do Entrudo voavam dos sobrados para as casas térreas e vice-versa.

Estalavam os “limões de cheiro” no colo das senhoras mais veneráveis e nas bochechas dos senhores mais respeitados. Os baldes d’água despejavam-se, seringões de folha de Flandres ensopavam grandes e pequenos, as bisnagas esguichavam o líquido perfumado na nuca e nos olhos de uns e outros. Era a mistura perigosa da água e do suor, engendrando as pneumonias e a “queixa-de-peito”⁶. O povo ria, a juventude brincava, talhando muitas vezes as tábuas do feretro que a carregava para o Caju, alguns dias depois.

Nesses brincos relampeavam por vezes, a faca e a garrucha assassinas, açuladas pelo álcool, dando fim à altercações e ao brinquedo. O poviléu gargalhava, a capoeiragem saltava, a burguesia e a Corte divertiam-se à larga. O próprio Imperador no remanso de Petrópolis, quando mais moço, dera o exemplo à recreação e criançada do entrudo. Se a morte espiava os foliões, muitos amores e casamentos saíam desses combates de molha, iniciando as relações familiares de onde surgiriam, com o seu facho aceso, o buliçoso Cupido e o Deus das Bodas, o poderoso Himeneu...

⁵ “*Maiôs*”.

⁶ Expressão informal para tuberculose (vide Dicionário Houaiss).

Às noites de mais calor, os serenatistas, olhos de peixe morto e cabelo “em escadinha”, e como via seus semelhantes o poeta baiano, citado por Wanderley Pinho:

*“cacete em baixo do braço
Noutro braço o violão”.*

Entoavam as modinhas com o acento melódico de provável origem cigana ou eslava, em que o gênero foi gerado. Enchiam-se os descantes da sua mágoa vagabunda, o ar borrifava-se dos lamentos em mi menor surdidos na trêmula pressão dos bordões de acompanhamento a esses cantos, esparzidos pelos arrabaldes para os molhar de tristeza languinhenta, do amor desfeito, flácido e sem forças... Lembra-se ainda dos assentos dolentes e frouxos das cantigas açucaradas:

*“Que se importa o mundo injusto
Com meus suspiros e ais”*

ou então:

*“De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi;
Que morro só por teus olhos.
Não posso viver sem ti!”*

Os violões, os cavaquinhos e as flautas gemiam e regemiam nas fiorituras de seu gênero. O silêncio da retirada paragem filtrava-se toda dos sons que morriam, agudados, pedindo à saudade, à paixão e à morte os seus doridos arrancos de dor e de agonia. E as vozes iam-se extenuando, sugadas docemente pelos flabelos das palmeiras, e pela copa intrêmula das mangueiras... A iluminação a gás embora pouco intensa, ainda assim desconcertava os cantadores, mas não os enxotava de todo.

Abafada, fétida de salsugem, a capital do Brasil respirava sossego e bem-estar, farfalhada de palmas, ao som das campainhas dos burros dos bondes da Lapa e S. Cristovão. A molecada, às pedradas, derrubava as frutas das amendoeiras e mangueiras das ruas. O Ministro voltava da Secretaria com os seus batedores montados em cavalos do Prata. O teco-teco suave com a caixa do armarinho, oferecendo pelas portas o côvado de chita, o papel de agulhas e o carretel de retrós...

O Câmbio sobre Londres orçava, na taxa média, quase vinte e três dinheiros por mil réis! Richard Burton encontrou-o no Recife, em 1865 a 27. Estavam os juros de nossas dívidas no estrangeiro pagas em dia! O Rio era maravilhoso, mas com a modéstia de não se aperceber disso. Não o haviam convencido de tal estampadores de frases feitas e o chamo do turismo, nem haviam tentado trazer-lhe à beleza, saborosa da sua própria majestade natural, os jardins emprestados das Tulherias e o cimento armado de Nova York, constrangida em Manhattan.

Rio de minha mocidade, assim passas no moinho de tuas imagens, impressas no pitoresco de um velho livro e abandonado de figuras. A maior parte da tua gente do meu tempo dorme na paz do Senhor, só a tua luz e o teu quadro portentoso ficaram como dantes eram. Agora me reapareceis como quando me divertia a ver horas inteiras no estereoscópio de ruínas de Pompéia ou as vistas da Jerusalém, trazidas a D. Panchita por Monsenhor Pinto de Campos. Se não havia praias aterradas nem arranha-céus no Castelo e em Copacabana, a vida era estabilizada, a política sem revoltas, os ares bonançosos... Sua Majestade, hiperglicêmico, ressonava...

3. A RODA DO JARDIM

A nossa casa do Campo conservava corajosamente o seu aspecto de edificação colonial, esquecida à margem desse parque pomposo, o jardim da praça da Aclamação, todo festivo da natureza que lhe opulentava a cintura de ferro, atochando-o de palmas, de grama e algodão bravo... Não importa fosse humilde e triste a construção oprimida e envergonhada, onde residia a D. Panchita. Avizinhava-a o casarão do conde dos Arcos, transformado em Senador do Império, o que sobremodo o honraria . Dava o sobradinho pouso a tantos necessitados, entre os quais se congregavam quatro mulheres e três crianças, graças à sombra protetora do Porfírio e do marquês do Herval!

À sua ilharga o Império mantinha a sua melhor instituição política, como para garantir-lhe a sombra e mediania e o sossego. Dava-nos suficientes distração o belo e grande Jardim do Campo, que ao pé de nós, com os seus quatorze hectares, era por assim dizer um anexo de casa, pois não dispúnhamos de quintal. A Providência dera-nos um regalo de primeira ordem, proporcionando-nos o gozo quotidiano desse faustoso suplemento. Apadrinhado por João Alfredo, ministro do Império, Ferreira Vianna, deputado geral e Araújo e Silva vereador, tinha sido esse melhoramento realizado pela competência técnica de Augusto Francisco Maria Glaziou, inspetor dos jardins municipais da Corte e aposentado, em 1897, como botânico da Prefeitura do Distrito Federal.

As suas obras haviam sido contratadas em 1873, sendo inaugurado seta anos depois. O botânico francês, que de 1865 a 1895 apanhou no Brasil doze mil espécies de plantas, recusara transplantar para o trópico os planos chatos, as linhas bem esquadriadas de le Nôtre. Trouxe aos rigores da soalheira o tamis da folhagem, o valonamento que adoça e ondula a paisagem, a graça e frescura do ar livre e umbroso, na área curvilínea, apartada em prados e boscagens.

Desprezou Glaziou a arte do jardineiro do Rei Sol porque viu que seria uma imitação inoportuna. Compreendeu que, onde havia luz de mais, precisava circunscrevê-la, ampará-la e interceptá-la. Não procedeu como a nossa arquitetura, no capricho dos seus maus momentos, transferindo a aba vítrea das *marquises* adaptadas aos vasqueiros favores do sol, onde em metade do ano ele é raro e mortiço, nos palacetes que rodeiam o bosque de

Bolonha chimpando-as absurdamente nos muros fervidos à reverberação do mormaço tropical.

O parque de Glaziou é inteligente e compreensivo, casou a sombra à perspectiva. Teria, porém, sido melhor que Glaziou, emigrado para o Brasil por volta de 1858, houvesse realizado a fórmula que ousou lançar aqui, o jardim brasileiro, constituído por uma floresta representada nos elementos reduzidos de sua configuração natural. Aqui a moita de taquaruçus, surgindo da barroca, ali a rebolada de cabiúnas, mais além o jequitibá e muitos fetos arborescentes na margem do riachinho, ao canto o palmeiral e sobre tudo o cipoal trançado, cingindo as frondes e amarrando os troncos. Nada de avenidas a cortá-lo sabiamente, mas simples picadas e clareiras abertas na furna vegetal do seu refrigério...

Que grita entretanto, se teria levantado contra Glaziou, se fabricasse esse modelo reduzido de brenha, pois nós só apreciamos as francesias descarregadas pelo último pacote! Contentou-se ele em pedir à flora nacional os dados decorativos que temperaram a exposição europeia dos relvados com os maciços da vegetação arbórea. Cedo cresceu o Jardim do Glaziou, substituindo as lavadeiras e os monturos do tempo do Paulo Vianna, do Vidigal e do Intendente Aragão. As figueiras anastomozaram as raízes, as malváceas cresceram a olhos vistos e as palmáceas frutificaram no côncavo das espatas. Dominaram estas últimas plantas, com a sua elegância obsequiosa e vivaz, o sonho do Glaziou.

A República Velha, a de 1889, quebraria o gradil do Jardim, ciumenta das armas imperiais que justamente o adornavam; a Nova, de 1930, ali chegaria com a sua tesoura profana, imprudente e ignara: a República Novíssima, a de 1937, demoliria e acabaria com o anteparo custoso e nobre que compunha o contorno da devesa paradisíaca. O monumento, esse Parado municipal, o Jardim da Aclamação, com a Quarta República, se um dia a tivermos, onde irá parar, apelando para as necessidades do Tráfego e da Utilidade Pública? Na feira de amostras, no campo de aviação?... As aves e cotias desertarão da plácida mansão, a poeira e o óleo reinarão onde foram os bosques, para sempre envergonhados da inconsciência dos seus inimigos, os subscriptores desse Progresso, que tudo afeia, arrasa e transforma quase sempre para pior...

Nessas manhãs esplendentes e tépidas, nessas tardes secas e comburidas do verão, esse portentoso jardim torna-se o grande refrigério da estufa carioca. A placa verde da

grande condecoração de alívio e pitoresco, cravada em esmeralda e águas marinhas, exposta no peito esbagaxado, poeirento, agitado e mal cheiroso da cidade. Na bulha e desordem da *urbs*⁷, crescida aos saltos num repente de civilização, arquitetada por Gribouille e Rabelais, o Jardim do Campo é, ainda hoje, um sedativo ao tumulto, ao desassossego das ruas, ao desencontro dos homens...

É calmo, surpreendente, belo e disciplinado. Pede meças à palheta de ocelos de ouro e azul dos seus pavões. Resgata tudo mais que o homem fez nesse canto do planeta, digno de melhor sorte... O Poder Imperial, no oceano de mormaço e inquietação, construíra com esse parque uma ilha de frescura adornada do capital de leques de bronze, de copas viridentes, e na água do lago a sombra esguia, rósea e breve do guará passando... Um oásis no *bled* de fogo dos resíduos de fermentação da cidade, na polêmica da sua politicagem, na febre do seu comércio de ciganos, na sua literatagem de prensa e improvisação...

No parque de Glaziou e João Alfredo, a sua principal curiosidade era, em 1887, além do peixe-boi na cascata, o Tenente reformado João José Soares, chefe dos guardas empregados na sua fiscalização. Nascera em 1820 na cidade do Rio de Janeiro. Pretendia-se reformado do Paraguai e inválido da Pátria, tanado pelo sol do Chaco e Tuiuti, mas não passava de um antigo escrivão e comissário da Armada; que fizera a campanha dos Farrapos e fora reformado em 1860 por ferimento não recebido em combate. Caolho, usava óculos azul-escuros, a blusa parda de botões pretos e o boné de pala voltada para o alto.

Adaptara-se à prontidão do ofício de vigilância, que não o deixava parar nem sentar-se no emprego de Argos volante do Jardim do Campo. Frequentavam-no os meus, numa roda para fazer o chilo, todas as tardes, com os Mamanguape, o Ladislau, senhora e filhos e a família do doutor Afonso Faustino, que nos apresentou o irmão, Domício da Gama.

Haveria de encontrar este último muito mais tarde, na Embaixada de Londres, quando arrasado de desgosto acabava de ser posto em disponibilidade por não haver conseguido que o Brasil, no cortejo das maiores potências do mundo, fosse representar-se no Conselho Supremo da Sociedade das Nações. Expôs-me então, o diplomata, as suas queixas que eram frescas e azedíssimas. “Que culpa tenho eu de não ter sido isso possível? Lorde Cecil, Briand, todos me declararam que o Brasil deveria aguardar uma ocasião mais

⁷ Em latim: “*cidade*”.

favorável. A arte da diplomacia consiste em saber esperar, lembraram-me no Foreign Office. A verdade é que não se pode impôr a essa gente as fórmulas preferidas do “vai ou racha”, “crê ou morre”, “a vida ou a bolsa!”“. Com todos os diabos! Junto desses ases da política internacional não tenho o direito de pedir moças a Lampião. Tem-se que contemporizar, muitas vezes a conquista se disfarça na aparência da conformidade a dilações... Onde está a força, onde o prestígio do Brasil, por sua economia, por suas finanças, e ordem interna, por sua esquadra, por seus exércitos, prontos e disciplinados, para que possa imprimir aos seus desejos mesmo os mais legítimos, razoáveis e cordatos, a chancela que imediatamente lhe satisfaça aos direitos ou justas reclamações? O Presidente Bernardes está acostumado a tudo exigir e obter dos bruaqueiros de Minas... Nossos homens de governo não têm, desde alguns anos a esta parte, a justa noção das cousas exteriores. Basta ver como escolhem os chefes de nossa chancelaria. Conta-se que alguém, notando ao contínuo da Secretaria no Itamarati, o absurdo de uma disposição qualquer, murmurara este ao ouvido da parte, referindo-se ao Félix, nosso atual Ministro; “Que quer o senhor? Botaram para tutumqué da casa um simples repórter!!!”.

E o Domício continuava, forçando a contenção ao verter-me as suas queixas: “Cabe-me arcar com a responsabilidade da recusa ao Instituto de Genebra, o qual não poderá ver com bons olhos uma Nação que vive sob as restrições do Estado de Sítio, entra ano e sai ano, sob o regime, das moratórias... A Sociedade das Nações não é afinal de contas o Instituto Histórico, a Academia de Letras, ou a Sociedade de Geografia, onde um espirro do homem do Catete pode tudo mudar e conseguir... Ainda em plena idade de bem servir, com a minha carreira farta de serviços ao nosso Brasil, recebo um castigo que sinto não merecer...”.

Constrangido no seu desalento, o Domício procurou-a então derivar a expansão de insofreável amargor: “Falemos do nosso Euclides da Cunha. Tenho algumas cartas dele, que estou pronto a ceder-lhe para fazer o uso que entender”. Duas ou três lembranças desse amigo comum ainda mais nos entristeceram, sem poder desviá-lo da grande mágoa desilusória que o empolgava. Mais de quarenta anos fazia que nos tínhamos encontrado ao Jardim do Campo, e não nos tínhamos mais visto. O seu ar de doçura e de delicadeza eram

os mesmos, apenas apurado ainda nessa rajada de injustiça e incompreensão oficial, que o devolveria à pátria, dessa vez, para o naufrágio definitivo e a morte inexorável.

Apagaram-se-lhe, no Rio de Janeiro, os olhos entre inauditas preocupações materiais, com as quais se procurou agoniar ainda mais aquela alma, na sua benignidade incapaz de uma vingança e de um simples desagravo. A literatura do Brasil deve-lhe algumas páginas primorosas, de um tocante natural, desse brasileirismo roceiro, balançado na indolência e na fartura, na soalheira e na descida rio abaixo, beijada a canoa pelas franjas dos ingás... A grande arte de Teylleyrand e Motternich⁸ deve-lhe também algumas intervenções felizes, a demonstração de nosso tato possível, de nossa inteligência raramente aproveitada em negócios de representação pública e principalmente diplomática.

A morte viria a tempo para não se consentir se prolongasse a perseguição estúpida ao homem de merecimento, de poesia de *savoir faire*, culpado por não haver metido na sacola de negociador o consentimento de algumas das maiores nações do globo, no jogo do seu orgulho excessivo, em favor de uma colega tão moça e pretensiosa de por paus e por pedras ousar hobrear com elas...

Com um grupo dos meus, vinham todos esses frequentadores do Campo das cercanias do Jardim. Consistiam os Mamanguape do velho barão, Flávio Freire, paraibano, grande do Império, fazendeiro e senador, homem distinto e bem apessoado, e de sua mulher, figura altamente romântica, uma Sarah Bernhardt de traços mais acentuados, que os da trágica judia. O grande nariz acavaliava-se-lhe entre os dois grandes olhos azuis de febre e cisma, no longo rosto aveludado e pálido da dama Duplessis.

Os seus cabelos de um amarelo quente, pareciam polinosos; quando soltos lhe desciam em cascata até os pés. Muito mais moça que o marido, e de origem muito inferior a ele, a sua beleza era feita da raridade do tipo e daquela coma farta e imensa, que despreendida lhe dava os élitros de um grande escaravelho dourado, e, retida no torsal do coque, tomava forma do casco de ouro de Minerva. Chamava-se Carmen, oh! Merimée! Os modos da descorada e loura pernilonga eram de uma sereia languida, flutuosa, acalentada na vaga que a trouxesse e levasse de uma praia à outra, recitando às hidras marinhas:

⁸ Como se esclarece à frente, trata-se da diplomacia.

“Minh’alma ‘é triste como a rola aflita...”. Tinha qualquer cousa de longínquo e serpentino, como se viesse das ilhas Feroë⁹ para ser envenenada nos miasmas de Capricórnio.

Por que escaninhos de sedução conseguira essa Lorelei da Marambaia¹⁰ abalar a alma tranquila e proba do ancião e fazendeiro paraibano, trazido d’entre os coqueiros de Tambaú, para entregar-se a tão esquipático himeneu? De que filtros se teria utilizado a Medeia carioca, embrulhada no vasto tosão de ouro de sua opulenta cabeleira? Ela nascera em 1855. Não teria ainda os seus trinta anos quando a conheci. Haveria de falecer em 1892, entregando à avara, decomponente e fria Morte, na cena digna de um epigrama ou de uma estela gregos, essa áurea cabeleira, que soberbamente a cingia das cabeça aos pés.

O seu livro de versos “Visões e Sombras” ficaria engasgado no prelo, segundo nos dá notícia o proveitoso Blacke. Este informa ainda, que Dona Carmen se dedicara também ao estudo das ciências naturais, do que nunca soube ou desconfiei. A menos que as relações da vizinhança com o Ladislau do Museu Ihe tivessem justificado sua fama. O naturalista alagoano, que inaugurara, em 1878, um curso de botânica no Museu Nacional, seria muito capaz de dar um curso nesse sentido à Mamanguape, como de nele intercalar outras lições sobre assunto talvez dele decorrente...

Não há cenas de amor ou pelo menos de afinidade eletiva, entre os mais ínfimos, esquisitos e precários animálculos, bem dignos de provocar a meditação e o exemplo dos amantes mais constantes e refinados? No mistério das águas rasas ou profundas, na vibração da luz em que dançam os germes florais, que instantes de inveja aos amorosos mais ardentes nos adejos do pólen, sacudido das asas da primavera e introduzido na câmara nupcial do pistilo entrefechado!

Não há cenas de amor ou pelo menos de afinidade eletiva, entre os mais ínfimos, esquisitos e precários animálculos, bem dignos de provocar a meditação e o exemplo dos amantes mais constantes e refinados? No mistério das águas rasas ou profundas, na vibração da luz em que dançam os germens florais, que instantes de inveja aos amorosos mais ardentes nos adejos do pólen, sacudido das asas da primavera e introduzido na câmara

⁹ Ilhas Feroés ou Faroés (“ilha das ovelhas” em dinamarquês), território autônomo da Dinamarca localizado no Atlântico Norte, entre a Escócia e a Islândia.

¹⁰ Lorelei é uma personagem mitológica, uma espécie de sereia, que penteava os cabelos e cantava, seduzindo marinheiros com sua voz melodiosa e causando terríveis acidentes.

nupcial do pistilo entrefechado! Ninguém melhor, que o pestanudo e bovino Ladislau para errar nesses domínios, levando pela mão de *galantuomo*¹¹ a serpentina e loura poetisa, a iara do Campo da Aclamação, a ondina do Boqueirão do Passeio, por essas paragens do amor tão perfeitos mesmo quando aflora entre as formas mais imperfeitas...

Tiveram os Mamanguapes um lindo casal de filhos. Décio morreu bem moço. Dedicava-se à pintura. O seu pincel tentativo e incerto provocava-nos o riso. E talvez fosse o de um pré-rafaelita, ou pontilhista, ou cubista, ou super-realista, cujo talento inovador se afogasse entre os incompreensivos burgueses daquele canto do Jardim... A irmã Célia esposou o poeta Guimarães Passos, aquele que, desafiando quaisquer dúvidas a seu respeito, costumava afirmar aos berros: “- Sou o último bêbado e o derradeiro mulato desta terra!”. Crestada nessa união matrimonial com o incorrigível bardo mestiço, intermitente entre a fonte de Castália e a Confeitaria Colombo, a bela rapariga, à semelhança do irmão, faleceu muito cedo, buscando regiões mais puras do que a boemia em que o esposo e futuro acadêmico a contaminara tão prosaicamente.

Carmen Freire apareceu de repente na *Gazeta de Notícias*, assinando alguns versos polidos ao mesmo torno parnasiano em que trabalhavam os joalheiros desse gênero. A malignidade patricia estranhou logo que a Baronesa, passados os trinta anos, se iniciasse tão tarde nos torneios de Poesia. Os seus poemas tinham um certo tom masculino, e talvez demasiado tom aquecido, peculiar, aliás, a tantas sacerdotisas do estro, tais como a Dona Júlia da Silva, Dona Rosalina Lisboa, ou Dona Gilka Machado. A musa da Dona Carmen era tersa e bem aparada, no brilho surpreendente dos seus jogos florais:

*“Sê tu o alento, o poderoso veio,
Que penetrando à curva do meu seio,
Torne minha alma ardente e venturosa.*

*Se porém, não te é dado o [niveo] pranto
Matar, matando a tua dor pungente
Finge, não mostres o que presas tanto.”*

¹¹ Em italiano: “cavalheiro, *gentleman*”.

Não sabíamos, os do Campo, que se desse a Baronesa à preocupação das rimas, antes de ser assinalada publicamente nesse ginástico, nas encostas do sopé do Parnaso. A sua figura extremamente original, ardida nas labaredas da longa cabeleira flava, ornava-se da coroa de uma outra Safo das mais desconhecidas, banida ou precipitada nas moitas do Jardim do Campo. Porque capricharia a poetisa em escondê-lo às severidades da D. Panchita e à terrível escabichagem do Tenente, que afinal não passariam ambos de uns prosaicos e míseros filisteus?... Não era de si mesma, como um alexandrino esgalgado e ruivo, dolente e palhetado de harmonia nos seus dois belos hemistíquios? Davam ao Passos como autor dos versos que a sogra assinava, quando o genro não passaria aliás muito legitimamente do corretor de boa vontade. Não viria ele a mostrar a sua competência nessa colaboração, subscritando o “Dicionário de Rimas” e o “Tratado de Versificação”, muito a propósito?...

Quanto ao sogro, o barão de Mamanguape, soçobriria no realismo daquele quadro de descalabro familiar. No fundo entristecido da dissolução do Senado Imperial, estirava-se-lhe a dor pela perda dos filhos, mortos em meio de suas graças juvenis, junto ainda ao que deveriam produzir-lhe a malevolência e os ruídos de críticos e jornalistas, alvoroçados com a poesia intrépida e um tanto retardatária da sua loura esposa, a Walkíria Dona Carmen, sem falar nas camoecas sensacionais do genro alagoano...

Para não escapar à influenciados nossos males gerais, sobretudo exacerbados quando a política os exalta e insinua, também D. Carmen Freire sairia do seu halo poético para imergir na onda vergonhosa das nossas cessões e soçobros de moral pública. Esquecida que era a esposa de um senador do Império, ou talvez por considerar, na mudança brusca do regime, os riscos trazidos por essa condição política e social de quem lhe era tão próximo, ela julgou dever incluir-se na vaga reinante do “adesismo”, em que o pretendido espírito de independência do nosso povo e a consistência do seu caráter geral tem frequentemente dado à costa. Lia-se na “Cidade do Rio”, de 20 de Novembro de 1889, a seguinte declaração: “D. Carmen Freire, baronesa de Mamanguape, a distintíssima poetisa, declara em nome do seu marido e de toda a sua família, aderir e aplaudir ao Governo Republicano”. Às flores do 15 de Novembro juntar-se-ia o ramalhete adesivo da

baronesa, toda tremente no alto do pavilhão das suas rimas e cesuras, espantada da marcha dos pretorianos revoltados e senhores de tudo que fossem achando mais à mão...

Recolhendo-se mais tarde à Paraíba, dorido de certas lembranças da Corte, revoadas no cemitério da sua memória, falecia o velho Mamanguape a 23 de Setembro de 1900.

As tardes pacíficas no Jardim de Campo, de alívio ao bochorno do dia, presididas pela inexaurível loquacidade do Tenente, acorrer-lhe-iam talvez na indiferença e sofrença dos últimos momentos do viúvo, para acariciá-lo na saudade dos velhos tempos...

Uma das graças peculiares do Tenente do Campo era fazer o elogio rasgado e em alta voz de quem, no momento, se retirava da roda e perguntar com malícia ao grupo dos remanescidos na palestra: “Teria ele ouvido?”. O linguarudo assim procedia à finta que lhe definia a maledicência. Falar bem dos outros, só por brincadeira... O corrente seria meter-lhes a ronca, o arco da rabeça. Tinha, com efeito, esse militar a língua afiadíssima na mó dos seus constantes motejos e murmurações. O que ele acreditava surpreender nos meandros daquele parque, nos corredores cavernosos da Cascata do Jardim! A sua imaginação exacerbada ajudava-o muito no trabalho de cálculo e hipóteses pessimistas, em que a virtude alheia nunca poderia escapar ileso. Homem de braço dado a uma dama, oferecendo-lhe conselhos de são juízo, o avô acompanhando o neto, apontando o roedor saltitante no relvado, a senhora junto ao marido, no banco mais retirado, entregue a suas cogitações de fim de mês e era logo para ele o Drama, o Delito contra os Bons Costumes, e incursão no artigo tal da Lei do Processo Criminal...

Investido na modéstia das funções de um simples chefe de guardas municipais, ele exagerava a porção da autoridade que lhe cabia, desfraldando as faculdades e direitos que o tornassem sem maiores dúvidas e empecos o Ditador do Jardim. Era como se a sua patente de reformado e o título de funcionário ativo ajuntados lhe dessem uma soma de poderes maior que os incluídos em cada uma das parcelas. Assim tinha ele o hábito de dizer: “Aqui no Jardim, abaixo de Deus, só este velho piloto de guerra!” Seguia a lei dos que tanto menos podem mais exigem... E mandava segurar o “quidam e a sujeita” e levá-los ambos a entenderem-se na Delegacia. Isso dava por vezes lugar a saborosos diálogos, em que a defesa e a acusação embrenhavam-se nos melhores passes:

- Mas, seu Tenente, eu estava justamente informando a minha cliente sobre a questão de uma divisão de partilhas no Meyer. Sou Solicitador de Causas junto aos auditórios da Corte... E o tenente remanicava:

- Não me parece ser no Campo, lugar de são repouso e honesto entretenimento das famílias, que se devam tratar questões equívocas dos subúrbios. Não tem atenuantes... Para isso é que existem cartórios e escritórios em que se recebem as partes...

- Não há dúvida, mas nem por isso deixe de comportar-se seriamente. E, enfarruscando-se de súbito para o Tenente, que por seu lado, com o seu ar de poucos amigos, franzia as sobranceiras, estalava o procurados: O senhor não pode... O Jardim é local público... Não incorri em nenhuma disposição contrária aos Regulamentos da Câmara do Município Neutro... O rábula baseava-se em artigos da legislação municipal, que conhecia como a suas mãos... A isso retarquia o Argos do Jardim:

- Já sei. O sufragante está se fazendo de muito entendido e falastrão... Todos vocês se entendem muito bem. São uma cambada de sem-vergonhas e recalcitrantes... Não é a mim que se vem contar histórias e arranjar burlas e desculpas... Tenho um olho só, perdido num entrevero de Curupaiti, mas enxergo muito bem e sei perfeitamente como as cousas se passam... Não me diga mais nada. E dê-se por muito feliz que não lhe solte em cima a “Aurora Matutina”, esta cachorra de fila que não está pedindo outra cousa... E voltando-se para um de seus auxiliares, o Tenente ordenava: Guarda, vá chamar um “urbano” para conduzir os infratores...

Como se cansasse nessa obstrução a romances e aventuras, transformando-os em casos policiais ou passíveis das Posturas Municipais e de Código Penal, nos quais ele hospedava quase toda a população dos frequentadores do Jardim, o Tenente aplicava-se em nos divertir com os seus contos de guerra: “Uma vez, em Lomas Valentinas, bala era que nem muquirana... Minha perdeneira estava que era uma broca só, quando vinte camisa-vermelhas...”.

Além disso, ele se preocupava em construir mecanismos repetidos e geralmente pouco novos e mediocrementemente eficientes. Até a navegação aérea o tentava, se bem que limitada aos seus sonhos e projetos ainda bastante vagos e incoerentes. Ele não sabia ainda ao que se ater a esse respeito, se deverias adotar planos de estabilização mais pesados que o

ar, se um saco de gases, mas leves que o ar. A sua mania de descobridor perdia-se entre mil projetos incoerentes. No momento matutava numa espécie de velocidade que, manejado à força de pés e mãos do piloto, propulsionasse o invento e ao mesmo tempo o sustentasse...

No Paraguai tivera a ocasião de ver bem de perto o balão cativo comandado pelo capitão doutor Amarante. Isso lhe dera muitas ideias... Chegara ao ponto de não poder dormir, a cabeça fervendo de uma ruma de desígnios... Aquele Jardim, entretanto, lhe acabava com a imaginação. As responsabilidades de seu cargo eram imensas. A constante vigília pela ordem e moralidade do local tiravam-lhe todo o tempo útil para refletir sobre tanta coisa interessante a que ele poderia ser uma solução ou pescar num achado inesperado. O governo não sabia aproveitar os homens, nem remunerar as aptidões... O Brasil definhava e sorria porque só se vivia a contrariar as verdadeiras vocações. O soldado não nascia para a fileira, o professor tão pouco para ensinar, o juiz era inapto para julgar, o deputado para legislar... Ele, Tenente, também viera ao Mundo para outra coisa que não fosse perseguir indecorosos e vadios, encontrados pelos bancos do Jardim...

- Então, Tenente, tem alguma maravilha diferente para hoje? Ia logo perguntando a minha avó, divertida e irônica, plantando-se de chegada na cadeira que lhe oferecia o militar reformado, ao pé do excelente pavilhão, inçado de ratos e baratas, em que ele residia, com a “Aurora Matutina”, cachorra do seu enlevo e companhia mesmo de cama.

- Pois não, senhora Dona Panchita. De ontem para hoje, entre uma quiliada de cousas, inventei (ele nunca dizia, achei, descobri, fabriquei ou arranjei) um aparelho dos mais interessantes. Não é a pedra filosofal nem o Elixir da Longa Vida, mas o Ovo de Colombo, que servirá indiretamente a moralizar a sociedade... Esta anda bem precisando de ver purificada aos bandidos que a entopem, dessa gatunagem que, aproveitando da nossa falta de policiamento afronta a inviolabilidade do lar do cidadão. A vantagem do meu último invento salta aos olhos de todos, como verá a senhora D. Panchita. É de fácil manejo, de uma grande simplicidade de meios mecânicos e de um imenso proveito como punição aos transgressores da Lei...

E ia buscar a jigajoga, modelo da sua arte de construtor e engenhosidade aguçada. Dessa vez se tratava do “castiçal-pistola”.

- Veja a Senhora a facilidade do funcionamento. Ata-se o cordão nesta arruela, que passa na argolinha e vai ter ao gancho que lhe estou mostrando. Há ainda a chaveta que segura esta cavilha... Não toque, senhora Dona Panchita. O aparelho é delicado...

- Deus me livre, Tenente! Retorquia a minha avó, encolhendo medrosamente as mãos, cobertas de mitenes, no regaço de sarja de seda. E o Tenente prosseguia na exposição do extraordinário mecanismo:

- Nada poderá evitar a boa marcha do fio distensor, que opera nesta roldanazinha. O movimento, no sentido ora da direita para a esquerda, ora da esquerda para a direita, forçará o desengatilho desta peça, curvada de propósito para reter e deslocar o cordel, estirado no engenhosa sistema de vai e vem...

- Não é tão simples assim a sua descoberta, observava a minha avó, elogiando a complexidade da composição para disfarçar a sua pouca credulidade nos graciosos préstimos da almanjarra do Tenente.

Este, levado pelos gases da sua própria satisfação, prosseguia na descrição e resultados do seu mecanismo:

- O ladrão noturno, estendendo o braço para a beira da cama, sem desconfiar do castiçal, esbarrará no obstáculo invisível do barbante bem fino, ligado ao dispositivo da percussão. De repente, a arma, disfarçada no tubo do castiçal, dá o tiro que acordará o dono da casa, por mais duro que lhe seja o sono. O efeito será ultrarrápido e incalculável...

- Mas a vela, Tenente, onde irá parar com a explosão?

- Como um torpedo do Lopez ou um foguete a Congreve, nas ventas do meliante, Excelentíssima!

- O ovo de Colombo, descoberto pelo Tenente, seria uma fogaça de chedite...

Enquanto durava essa demonstração técnica, Mário, o meu irmão bem menor, aproveitava para afastar os cachorrinhos da grande cadela do Tenente e substituí-los na sede inestancável. O menino diabólico chupava as mamas do pachorrento animal que, bastante admirado, consentia nessa intromissão de despropósito.

O encapetado menino ouvira aconselhar, que leite de cachorra era bom para os dentes... Servia à experiência do picica a “Aurora-Matutina”, lerda, paciente e maternal, mesmo para aquele abuso da suga de tão estranho e ocasional parasita...

4. O OBÁ

No Jardim do Campo, geralmente aos Domingos, passava, em 1887, um tipo que me despertava o maior interesse e simpatia, apesar de ignorar tudo da sua vida e, mesmo, que se tratava de um alferes honorário do Exército, chamado Cândido da Fonseca Galvão, antigo militante do Paraguai. A 12 de Janeiro de 1886, em S. Borja, fora ele demitido de alferes do corpo de Zuavos Baianos, quase exclusivamente composto de pretos minas, pelo “mau comportamento habitual e desordeiro”, sendo dispensado do serviço do Exército pelo Governo Imperial a 6 de Maio seguinte.

Conservaria, entretanto, as honras que lhe seriam feitas e inerentes a esse posto. Habitual do Saco do Alferes e do Catumbi, conheciam-no por “Príncipe Obá”, aliás um pleonasma, pois a palavra Obá só por si indica a categoria social que lhe reconheciam¹². Viam-no, contudo, por toda parte, e mesmo na seção livre dos jornais e no xadrez das delegacias, em cujas grades tinha o seu lugar uma vez por outra. Bêbado, barulhento e mau inquieto, isso não lhe sujava os pergaminhos. O bom Mello Moraes Filho, perigoso de citar, às vezes, por não bastante seguro nos seus informes, dá em “Quadros e Crônicas” algumas impressões do Obá, as quais coincidem com as de minhas lembranças.

O cronista tratou-o de “montanha preta” e “crioulão robusto”. Assim desenhou ele, num carvão adequado, o retrato do crioulo: “O Príncipe Obá era um negro de estatura colossal, usava empinada carapinha, bigode espesso e *cavaignac*”. Achava-lhe a voz harmoniosa e vibrante e o olhar dominativo, julgando-o muito respeitado pelos minas e quitandeiros da Sé. Nos dias de cortejo no Paço, revestia-se o negralhão da farda de gala, quando não se tornava menos aguerrido com a casaca ou o *croisé* pretos, o monóculo escuro, as calças largas e afuniladas de hussardo, as manoplas enluvadas e a cartola guinada na aba da gaforinha.

Relata o mesmo Mello Moraes Filho, dois casos a seu respeito que, se não forem reais, não desmerecem, sobretudo o segundo, como significado dos bons lados da alma da figura excêntrica e a abandalhada desse tipo de rua. Comparecendo no Paço, em certo dia 7 de Setembro, viram-no às zumbaias na frente do Corpo Diplomático. Ao recuar de costas, segundo a obrigação da etiqueta, ele embaraçara-se na espada, pisando assim no sapatão

¹² Obá é um orixá (i.e., uma divindade) do candomblé africano, esposa de Xangô.

afivelado do Internúncio, que todo surpreso da dor subsequente, lançara bem pouco protocolarmente a interjeição: “Sacramento!” das mais italianas e expressivas, nos seus “RR” dobrados. No dia 2 de Dezembro de 1889, o Galvão, afeito às homenagens anuais a D. Pedro II pelo seu aniversário natalício, bateria à entrada do Paço procurando em vão a entrada de costume. A “Cidade do Rio” noticiava no dia seguinte: “Vestiu grande gala, saiu para a rua, foi vaiado, visitou algumas redações de jornais, e foi *pedibus*¹³ andando cumprimentar o ex-paço imperial do largo do dito.”

Não se lembraria o preto de que o Quinze de Novembro já lançara os seus meirinhos de farda com o mandado de despejo contra o ancião que havia tão longo tempo habitado legalmente o local. Seguiria o Obá, na sua peregrinação de respeito, um séquito de mais de mil moleques. Agrediram-no no Rocio. E a *Gazeta do Patrocínio* chasqueava: “Porque o Laet¹⁴ e o Obá são os únicos que ainda não aderiram”.

A República agradada pela adesão dos penitenciários da Casa de Detenção não estaria contente do movimento de coração do homem de cor. Batendo com o nariz na porta do Paço, pusera-se o Príncipe Negro a reclamar de tal forma contra a ausência do velho de outrora e as portas fechadas da casa vazia dos antigos donos, que lhe cassariam a 6 de Dezembro de 1889 as honras do posto as quais, segundo o critério da época, não deviam ser compatíveis com essas expansões de reconhecimento, agravadas e manifestas tão anacronicamente...

Declarando-se filho de certo rei africano, Obá II, e assim todos os seus parceiros o consideravam, trazia ele no sangue a fusca majestade, ressurgida de bordo desses tumbeiros, que nos trouxeram de leste o carregamento humano indispensável, e o qual, à força de gargalheiras e chibata, nos deu o Brasil do ouro, dos diamantes, do café, do açúcar, do tabaco e do algodão.

Contudo, em Março de 1890, a *Gazeta de Notícias*, obedecendo à influência dos novos tempos, o tratava de “cidadão Obá”, o que seria de todo contra-senso... Um negro

¹³ Literalmente em latim: “*com os pés*”, de que se pode inferir, “*a pē*”.

¹⁴ Carlos de Laet (1847-1927) foi jornalista e escritor. Foi perseguido graças a sua postura monarquista e sua participação na Revolta da Armada (1893). Eleito deputado em 1889, ainda no período do Império, perdeu o posto com a proclamação da República. Também sustentou uma postura anti-modernista em relação à Semana de Arte Moderna de 1922.

esplêndido, muito alto, harmonioso dessa força e elegância nativas, que ainda hoje se fazem admirar nos descendentes puros dos extraordinários homens, que as raças dos fulas, hauassás, nagôs, inrubás e outros trouxeram ao angu da mistura índio-afro-portuguesa. De tão escuro e reluzente, parecia o Obá talhado num pedaço de sabão da Costa. Punha ora o chapéu-armado com a elegante segurança de algum membro do Almirante britânico; ora o tubo da cartola com o aprumo do banqueiro da City empinado no seu *top hat*. O monóculo encrostava-se-lhe no lho branco, reluzido no ébano da face. Calçava luvas brancas e ao mesmo tempo usava a bengala e o formidando guarda-chuva de paninho. Este último, considerado simples “insígnia burguesa da autoridade”, ele o elevaria às honras de cetro ou bastão de marechal. Em sua compartilha aparecia o rijo “petrópolis” bem envernizado.

Nenhum branco e “homem de importância” melhor revestido de seus trajes de representação: o chapéu-alto, as luvas espetaculares, o caco de vidro engastado na arcada superciliar, a sobrecasaca preta, o precatado para-sol e as pantalonas abalonadas... O maço de papéis encanudava-se-lhe num rolo resguardado sob o braço. Eram os artigos, os requerimentos e memoriais com que sustentava a sua pretensão de ser um dia nomeado Ministro junto à Costa d’África ou os elementos de defesa da causa dos seus malungos, recolhidos à Detenção.

O peito ornava-se-lhe das condecorações inventadas que lhe faziam ressaltar a proeminência abaulada do peito largo e demonstrativo, entre elas se distinguia a pombazinha de metal, cuja insígnia ele distribuía aos que julgava dignos dessa distinção. E seriam tão poucos: os príncipes da Família Imperial, algum Conselheiro de Estado, D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, alguma outra dignidade do cabido, o Diretor da Companhia Jardim Botânico, o delegado de Polícia da sua freguesia...

A sua marcha era desprendida e soberba. Compassava-se-lhe a nobre gravidade, com a do soba, talvez seu pai ou avô, partidos na brenha sudanesa, vestido por algum pastor protestante, a inspecionar em dia de bom humor e todo pacífico e risonho, os cabedais do seu gado de antílopes e as mulheres de seu harém de alcaçuz...

Nas alamedas dos algodoeiros bravos do Campo, quando ele aparecia, com esse andar desembaraçado e solene, dir-se-ia seguir, sob a umbela do pálio, à frente do préstito religioso da tribo, com puitas, atabaques e trombetas. Sairia da cabinda real para a cubata

dos sacrifícios humanos. Urrando e dançando, a multidão, negra e bariolada, dos súditos e fiéis, contentes e felizes, seguiria à reboque de Sua Alteza. As grandes flores amarelas das malváceas do Jardim do Campo abriam-se, como enormes olhos arregalados de espanto, à passagem do Obá. Na areia em que ele pisava, com tão altaneira distinção e sobrançeria, as flores dos flamboyants, caídas em grossos coalhos vermelhos pelo seu caminho de passeio, representavam o sangue pingado das cabeças decepadas que o acompanhassem, na ponta das lanças dos guerreiros...

O preto Galvão dir-se-ia destacado das estampas de Debret, do Rugendas ou do Guillobel. Viam-no pavonear-se nas sacadas dos palácios imperiais, acudido às reuniões protocolares de preito à pessoa do Soberano e sua Augusta Família. O Imperador, de fato, acolhia benevolmente o pobre Príncipe da África. Nenhum ridículo nesse encontro de cortesia. O soberano constitucional estendia-lhe a destra que nos impunha alguns benefícios, segurando o famoso “lápiz fatídico”.

Beijá-la-ia o representante autorizado de toda uma raça, à qual por sua vez devia o monarca a riqueza e o trabalho que lhe sustentavam o Trono. Pagos por pagos, um não poderia aguentar-se sem o outro...

Além disso, em peitos semelhantes ao daquele ente preto, soberbo e risível, deveria reluzir a medalha de Avis, a qual identificava se para o representante da alta linhagem o bravo humilde da legião daqueles que lutaram no Paraguai, salvando o Brasil de outra forma e mais seguro e honesto propósito que não fossem a patarata dos jornalistas e a eleição das grandes mediocridades políticas...

5. NOSSA SENHORA DO PARTO

A par do Obá, era muito conhecida na cidade a Madame Durocher. Por todo tempo e mesmo pelo Campo, com outro intuito que espairer, passava a ser curioso, cujos trajés singulares a faziam metade homem, metade mulher. Baixota e gorda, toda de preto, a saia redonda completada do vasto casaco de merino e de trespasse abotoado. A meia cartola de castor aprumava-se-lhe sobre o rosto claro e a cabeça limpa. Ela intrigava as crianças e atraía os remoques dos maiores. Tanto tinha a fazer, que parecia escapar-lhe o tempo de cuidar quanto se ocupavam dela. Lutuosa e solitária, vojava dos bairros mais ricos aos recantos mais pobres.

A todas as horas, chovesse ou fizesse a soalheira abrasadora, a virago não poupava os passos. Onde pousava, logo a humanidade ia aumentando. Dir-se-ia ter sido importada pelo governo para a missão especial de que fizera o múltiplo apostolado. Coelho Neto, num de seus melhores romances, conta havê-la encontrado, às dez horas, numa barca de Niterói. Assim a delineia num vivido flagrante: “A um albarroo da barca os passageiros oscilaram aos encontrões e começou o escoamento. O vulto levantou-se. Era um corpanzil de homúnculo, enjorcado em ancho casacão, com uma cartolinha cônica, de abas direitas”. E o maranhense registra: “Um terço da população da cidade passou pelas mãos dessa ceifeira de umbigos”. E se a trata de “servidora da Morte” e a compara a “uma das Parcas, a que tira o fio para a tesoura de Atropos”, reconhece-lhe “um coração de ouro”.

Ferreira da Rosa, roborando uma opinião geral, mais tarde consignava: “A parteira madame Durocher, primeira diplomada pela nossa Faculdade, usando saia, jaquetão e cartolinha de pêlo de seda, era conhecidíssima; de muita probidade e vasta clientela”.

Para coroar-lhe masculinidade do tipo fumeava-lhe nos lábios um charuto baiano e um grosso chapéu de chuva com o seu cabo torto. Qual a sua história? Como surgira no cais da metrópole, onde tantas outras suas compatriotas teriam vindo contratadas para os coros do Alcazar ou fisdadas pelo cafetismo como escravas brancas? Nascera em Paris em 1809 e era filha de uma modista que veio a ser estabelecida no Rio de Janeiro, com o seu comércio e fornecedora da Casa Imperial. Aparecera no Brasil na companhia materna, educando-se em colégio nacional. A orfandade levara-a à Faculdade de Medicina, onde se matriculou no curso obstétrico, fundado em 1832. Completados os estudos, foi o seu diploma o primeiro

passado pela Faculdade. Recebida em 1871 na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro como sua associada titular, ali apresentou um estudo ginecológico “Considerações sobre clínica obstétrica”, reassumindo as observações de cinco mil e quinhentos e dez partos ocorridos em cinquenta e um anos de sua clínica. A rica estatística de luz de criação!

Discípula dos doutores Júlio Xavier, Cambuci do Vale, Soares de Meireles e Freire Alemão. Praticando apenas duzentas sangrias em cinco mil e quinhentos partos, ela insurgia-se contra os exageros das doutrinas e práticas de Broussais. Não empregava a ventosa escarificada, a sangressuga ou a lanceta, senão corrigindo-lhe os efeitos de enfraquecimento com o vinho do Porto e o caldo para restabelecer as perdas sanguíneas da intervenção cirúrgica, o que previa o emprego ulterior e bem moderno dos soros sanguíneos.

Parteira da Casa Imperial e D. Leopoldina, desde 1866, dela pode dizer o Dr. Alfredo Nascimento no seu excelente trabalho sobre o “Centenário da Academia Nacional de Medicina”: “Profissional habilíssima quanto se pode ser na sua arte, honesta a toda a prova, caridosa, tipo modelar de esforço e de trabalho, sempre ativa e solícita na vastíssima clientela, Mme. Durocher impunha-se ao respeito e a consideração da população inteira que a conhecia e acatava”.

E de tal forma ela se impusera à consideração dos médicos e professores de sua formação e de seu tempo, que a Sociedade de Medicina haveria de festejar o centenário da sua chegada ao Brasil, sendo instituído o prêmio sob o seu nome, para o qual um anônimo, “que lhe fora grato”, enviara um óbolo a fim de celebrar-lhe a honra da memória de trabalho e dedicação em cerca de sessenta anos de clínica providencial.

Freira leiga, a Durocher usava do hábito que inventara para a não confundirem no ofício, a que só trouxe ciência e probidade, caridade e dever escrupuloso. Pouco mais se lhe sabe da biografia, quando de tanta gente inútil ou maligna andamos completamente ao par. Maria Josefina Matilde Durocher não recusava socorrer aos desvalidos de uma e outra cor. Não trazendo isso na testa, tão pouca gente haveria de sabê-lo! Afora o bem que despejava em torno de si, exercendo a delicada profissão, ocupava-se dos escravos, apaixonada no exercício de extremada abolicionista.

Ninguém a celebrava por esses serviços. Notavam-lhe a singularidade exterior da roupa, a esquisitice do tipo. E era tudo. Merecia a santa e popular mulher mais que a curiosidade do vulgacho. À D. Panchita acudira com a reconhecida honestidade e perícia profissional. Vindo a saber que se tratava de uma senhora, cujo marido estava nas fileiras da Guerra do Paraguai, não só recusou qualquer retribuição pelo seu trabalho, como enviou à assistida algumas galinhas gordas e balaio de doces, frutas e vinho para a dieta.

Que estas linhas dedicadas à sua memória pudessem retribuí-la do delicado e substancioso presente. Empantufada no merino preto, na cartolinha equestre, tinha a Durocher o aspecto de um estranho besouro negro e cascudo [encandeado] na luz que o atraísse. Seria por dentro dos élitros que lhe dobravam as asas de anjo disfarçado. Estranha bruxa, rolando nas calçadas, atravessando o Jardim do Campo, para levar ao sofrimento alheio o bálsamo que não poupava a livres e a escravos. Estrangeira insólita verdadeira amiga do Brasil, onde está o monumento dos que te deveram a vida e a liberdade? Em alguma revista de antigas caricaturas, onde se eterniza e amarelece a imagem estapafúrdia da Mulher-homem, Ruth colhedora de tanto grão inaproveitável, Nossa Senhora do Parto, a paladina da criança e do Liberto!

6. DEODORO

À semelhança da parteira Durocher e do alcatroado Obá, costumava atravessar o parque do Campo da Aclamação alguém cujo aspecto altamente marcial e singular, na sua distorcida vigorosa elegância, se me fixou para sempre na retina. Via-o alto, com o porte e a fronte dominadores. A sua cabeça dir-se-ia própria a reproduzir-se no forninho de um cachimbo de raiz de tojo ou cerejeira. As passadas firmavam-se no ritmo da marcha desembaraçada e bem calcada.

Vestia de ordinário pantalonas de brim branco, a sobrecasaca dos oficiais gerais e, em vez do quepe bordado ou do chapéu armado, a reluzente cartola do civil. Esse uniforme, permitido na monarquia às mais altas patentes do exército, tirava ao militar, nos postos extremos, metade da pompa usual, quando em revista ou na mostra da tropa. Constituía-o engraçado meio termo entre o soldado e o paisano, aquele depenado das insígnias mais vistosas e este ainda guindado no topo cerimonioso de traje civil. Reduzia-se à expressão mais simples, o soldado enfeitado e garboso. Seria o meio do nosso generalato passar menos despercebido, não ofuscar o homem da rua...

Dava-se-lhe respeitabilidade, tirando a insolência um tanto farfalhada dos acessórios de metal e filigrana de ouro. O brigadeiro ou o marechal estariam mais à vontade, mostrando o que eram sem precisar cobrirem-se de insígnias visíveis, pomposas e redundantes. Transcreviam-se com a mesma significação, em estilo corredio, menos componudo e altíloquo. Muitas vezes reconheci assim encadernado, cortando pelo Jardim afora, em caminho entre a sua residência ali próxima e o Quartel General, a Manuel Deodoro da Fonseca. Notavelmente aquilina a faca trigueira do velho sargentão. A curva e pronunciada bicanca repuxava-se-lhe rostralmente entre as barbas grisalhas, repartidas bem ao meio do queixo, representadas na moldura do semblante vulturino inesquecível. O olhar, direto e fincado em golpes dardejantes, tinha a agudez e a resolução do das aves carniceiras.

Mas, esse físico, fazendo supor a força da alma e a vitalidade do corpo, aquelas não lhe deveriam, contudo ser das mais inteiriças e cabais, apesar da momentânea representação que o seu vulto aparentemente inspirava. Fosse como fosse, o mestiço impressionava, metido mesmo naquele híbrido uniforme de meio cá e meio lá.

O comando, a intrepidez, atestavam-se-lhe no todo, onde a linha adunca de gavião-real lhe definia as qualidades de ataque de preá e de ousadia no barbialçado. Entre os irmãos, em número de oito, mais um que os Macabeus, era ele o mais velho dos filhos de Dona Ana da Fonseca que, à maneira romana, os imolara a todos ao altar da Pátria. Dir-se-ia que a guerra os atraíra, assim o bando de aves pilharentas se atira aos regos da sementeira longínqua e soaberta.

Em meio ao recrutamento forçado do país para as necessidades irremediáveis da mobilização geral, esse grupo de homens da mesma província e da mesma família, espontaneamente ocorrido para a defesa das nossas fronteiras, não foi o espetáculo ordinário. A poesia brasileira, que cantou cheia de si o insurreto, o fujão e o traidor, inclinou-se com alguns versos sublimes, sentidos e naturais, para comemorar a irmandade heroica e o consentimento materno.

No intento de enquadrar e bem destacar no vago do anonimato a pura glória familiar, quem os fez não os assinou, empenhado em celebrar o Brasil, salvo pelo verdadeiro sacrifício dos seus filhos mais dispostos. Sei-os de cor e tem-me acontecido recitá-los para esquecer os maus versos celebrantes de tantos parvoeiros e tantos criminosos, mesmo estrangeiros.

*“Oh! não te assuste o horror da márcia lida;
Colhe no vasto campo a melhor palma:
Ou morte honrada ou gloriosa vida.”*

Nunca mais esqueci, com efeito, o Deodoro, encartolado no Campo. Esse homem de guerra, assim semipacificamente trajado, estranhou-se-me indelével na memória. E, não somente porque o visse passar, entremeado à Durocher ou ao Obá, nas ruas arborizadas do Jardim da Aclamação, mas, pelo que passo a contar no seu recheio de bravo e propositada anedota.

Cuidando obter os favores de alguma influência, que me facilitasse a matrícula na Praia Vermelha, lembrou-se a minha mãe de recorrer à tia Marocas, cujo marido, deputado conservador pelo Rio Grande do Sul muito se aproximara do marechal Deodoro, desde 1886, quando este fora Presidente da Província de S. Pedro. Era essa irmã do meu pai uma senhora muito bonita, risonha, graciosa e [louçan], cujas preocupações de moda, elegância

e diversão lhe tomavam grande parte da vida. Vejo-a ainda, arrastando o vestido de cauda de veludo carmesim, bordado de lantejoulas, pronta aos faustos de uma recepção no palácio de Nova Friburgo. - Que pareço? Uma obreia vermelha, passada na areia dourada do areeiro, dizia ela, mirando-se ao espelho. De outra vez, tendo enrolado os cabelos da cabeça após o banho, achara-os tão bem no seu negro cocar de torçal, que os deixara assim empilhados na festa a que compareceu nessa mesma tarde.

Bela, tiful e divertida, os anos trouxeram-lhe ao feixe das alegrias e satisfações anteriores toda uma pesada carga de pesares e desgostos. Findaria os dias no quartozinho desprezado da pensão humilde. Na cabeceira do leito mortuário pendurava-se o crucifixo protetor e o apito para chamar a polícia ou os criados da pensão, no caso de um assalto de gatunos.

Levou-me, com efeito, essa tia à presença de Deodoro a fim de pedir-lhe o empenho junto ao Ministro da Guerra, para que me fosse permitido ingressar na Escola Militar. Com que custo me deixei alçar até a presença do Marechal revestido das barbaças imponentes e bem cuidadas! Os meus dezesseis anos, desconfiados e tementes, não estavam a cômodo ao pé do homenzarrão da tarimba, que o sol das batalhas havia requeimado, nas cargas e contramarchas de sanguinolentas vitórias.

Muito à vontade no traje caseiro de brim pardo e chinelas de ourelo, pareceu-me Deodoro o mesmo homem sobrecasado e de chapéu de pelo, todo teso e eriçado, diante do qual soavam os clarins e berravam as sentinelas de guarda. Um pouco mais tarde Tasso Fragoso, já oficial, visitava-o. Encontrara-o enfermo, mas o seu acanhamento diante do homem teria sido semelhante ao meu. Afundei-me na cadeira, sustando a respiração, todo o tempo que durou a nossa entrevista.

Liberado fiquei quando a minha tia, sempre muito despachada e risonha, se despediu do homenzarrão barbaçudo, que me tocando no ombro encolhido foi dizendo à guisa de despedida:

- Há de arranjar-se o menino. O neto do meu amigo Porfírio! Como não! E voltando-se para mim, na imponência do cenho carregado, e do tom solene com que me esmagava:

- Hás de ser um soldado às direitas, resistente, leal, disciplinado. Não vejas diante de ti senão o Imperador e a bandeira da Pátria. Fora a modéstia, mira-te no meu espelho. Tornado um caco-velho, sujeito às macacoas da idade, para obedecer daria outra vez com o costado nos charcos do Paraguai. Sobretudo, menino, nunca te metas na maldita da política...

Fora na rua, passaria o mascate avulso, com a lata de folha sortida e o côvado partido, servindo de matraca de seu anúncio. As mãos de mercador volante, incansáveis no abre e fecha da régua de madeira graduada, dir-se-ia bater as palmas à sensatez do Marechal de Campo.

Dirigia-se, de fato, o proclamador da República, sem o saber, ao futuro e bem jovem companheiro de revoltas, a um dos berradores do Quinze e revoltosos do Vinte e um de Novembro, estes seus adversários... O velho soldado, vítima da “maldita da política” haveria de renegar os seus velhos sentimentos, nas últimas horas da postergada existência... Estaria então longe de supor que, dentro de tão pouco tempo, ao morrer generalíssimo, em 1892, pediria como o sobrinho Hermes, um dos seus sucessores na governança da República, o conduzissem à sepultura, despojado da farda e das respectivas insígnias militares.

As suas queixas e desapontamentos de Ditadores levá-los-iam a essa renúncia de despeito, e que se misturariam todas as angústias do remorso... Viria, porém, o bronze de sua estátua perpetuar o gosto e o triunfo da rebelião, que ele seria o primeiro a condenar, mandando no Paraguai para a “guarda de frente” os seus soldados e oficiais mais insubordinados e fazendo a 30 de Setembro de 1888 ao seu sobrinho Clodoaldo o ato de fé inscrito nestas linhas íntimas: “República no Brasil é cousa impossível, porque seria verdadeira desgraça... O único sustentáculo do nosso Brasil é a monarquia, se mal com ela, pior sem ela”.

Traída a fé jurada ao velho Imperador, e rodeado dos seus cinco sobrinhos, contentes de constituírem uma corte de Bizâncio no Itamarati, ele não se contentou do poder com que ilegalmente o revestiram. Os seus bordados comprometem-no nessa exposição perpétua do soldado soçobrado na desonra do mau passo, que serviria a glorificá-lo, erigindo-lhe a estátua numa praia do Rio de Janeiro. Explica-se que ele ali se ache, de

braço alçado, como arrancando de si mesmo aos bocados o bronze que tão surpreendente e indignamente o reveste.

7. OS VELHOS E BONS VIZINHOS

Era a casa do Campo, por assim dizer, parede e meia com o palácio do Conde dos Arcos, onde se alojava o Senado Imperial. Além da venda da esquina, apenas dele nos separava a rua do Areal. Volta e meia guindava-me às galerias do Senado para ouvir os oradores, examinar mais de perto os Pais da Pátria. Não me contentava das janelas do nosso sobradinho ver chegarem os membros daquela casa legislativa, uns a pé e outros de bonde, nas caleches da praça, nos tálburis e coupés de luxo. Distinguiam-nos dos mais transeuntes uma evidência de dignidade, um sério de maneiras, a preocupação que de certo modo os alheava das cousas materiais mais próximas; o que a sua idade e contendo concorriam a imprimir e fazer notar!

Os grandes nomes, que resumiam tantas lutas parlamentares ou haviam prevalecido no nosso passado, revoavam em direção daqueles muros da Câmara Alta, englobados na mesma auréola, arrastados na corrente de mesma esteira tradicional. Bastava vê-los atravessar familiarmente o portão do Jardim, descer do carro ao pé da entrada no Senado. Os personagens do teatro dos antigos iam buscando, como sombras, o seu lugar na olímpica ribalta...

Eu conhecia-os um por um, à força de distingui-los nas bancadas do hemicycle interior. Aquele homem alto e seco, de barbas amplas e brancas como as de Dom Pedro II, o visconde de Pelotas, fora o vencedor de Lopez, nas barrancas do Aquidaban. Prolongava as sombras de Osório e Caxias, sem poder levar-se ao pináculo das mesmas alturas políticas e governamentais. Um vulto atufado na glória do seu triunfo de soldado, o que não era pouco.

O outro, José Alfredo, de poucos bigodes, as maçãs salientes no rosto de caboclo caeté. Todo mundo achava ser o sócia do meu pai. Inconfundível, o Gaspar Martins, faiscante de orgulho e inteligência, na sua face alevantada de franqueza e de comando. Bem murcho e apagado de físico, lá vinha o octogenário José Bento, o pacificador, o progressista, um dos maiores administradores do Império. O conselheiro Lafayette, giboso, zarolho, a fisionomia de esgar e de superioridade, os óculos de ouro servindo à penetração microscópica do humorista, enterrado na cartola que parecia dar-lhe uma chaminé aos novelos crespos da eloquência, às ardentes fagulhas do espírito observador e sarcástico. Cotegipe trazia na venta achatada, na pele baça do rosto de mestiço, o espírito que já

reluzira nas “saídas” de Acaiaba Montezuma¹⁵. A sobrecasaca ritual, abotoada apenas no primeiro botão, vestia-a sobre o colete e calças brancas. A andaina de brim pardo, deixaria-a para as boas horas das tardes de repouso e lareira, na chácara do Caminho Novo de Botafogo. A sua marcha lenta e segura denunciava-lhe a calma ironia da palavra fácil, dos a propósitos contundentes e bem despachados. O conselheiro Saraiva, abotoado e cingido no seu traje preto, tinha a barba alva a moldurar-lhe o rosto claro e regular, onde o olhar direto se lhe aafiava num par de dardos finos e luzentes. Era bem ainda a figura do Plenipotenciário do Prata, parecendo trazer no físico airoso o caráter de função, limpo, discreto, seguro e insinuante... O marquês de Paranaguá, lento e bem disposto, passava na calçada. Tinha o ar dos mais tranquilos e determinados. Na coleira da barba da qual raspava o bigode, o rosto atrigueirado e limpo respirava a honradez e a lealdade dos servidores antigos, juntas a uma justa nação dos homens, temperada e proporcionada na condescendência e na indulgência por seus erros e paixões. Exemplo de sisudez, da retidão, da conciliação, unia a cordialidade à rijeza dos seus altos princípios da amizade e do bem público. Encarnava como o visconde do Bom Retiro o dever sem restrições, o conselho sem subterfúgios, a crítica sem atritos, a mansuetude sem baixezas, a dedicação sem estardalhaço...

No correr da legislatura tinha eu o longo prazer de examiná-los a todos, como se os visse pousados na vitrina de um museu de sobrevividos. Onde havia calva poderia contar as bossas do crânio, onde tufavam as barbas, classificá-las pelos cortes e pelos tons da cor e quantidade de brancas.

Na sala das sessões do Senado pairava a autoridade daqueles varões, dava-me a apreciar as inflexões, (...) ¹⁶ o corredio da elocução, os primores do debate, o estalo dos apoiados e a fuzilação dos apartes relentadores da fervura subida das bancadas.

É preciso dizer que sempre admirava esses homens. Até aqueles que entendiam de seu dever não dizer nada, tinham o ar prevenido de guardar o silêncio apenas no momento do Expediente, reservadas na gravidade da controvérsia da Ordem do Dia para trancar a discussão com a barra do último argumento.

¹⁵ Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, (1794-1870), o Visconde de Jequitinhonha, célebre advogado, jurista e político brasileiro, de origem mestiça, um dos fundadores da OAB e do IAB (Instituto dos Advogados do Brasil).

¹⁶ Trecho ilegível no original.

A minha juventude tinha a sua hora de aula prática e gratuita do parlamentarismo em ação. Considerando a ponderação dos velhos, o seu julgamento são, o seu apercebimento esclarecido das cousas, o fundo incorruptível daquelas consciências jamais dadas à venda, as fórmulas perenes em que circunscreveram teu respeito mútuo, por detrás dos quais se levantavam os raios do poder majestático sempre presente no seu dossel vazio, no estrado da sala, a minha alma enchia-se de impressões inovadoras, que só podiam fazer melhor. Extasiado, acreditava num Brasil definitivamente assegurado nas suas liberdades públicas, no império da Razão e do Direito, balançados nas clarezas da opinião; experimentava à vista dos meus olhos baterem os ferreiros a forja do aparelho de que quotidianamente saía uma Pátria respeitosa de suas leis, por isso mesmo que nascidas na discussão e na divergência das assembleias deliberativas.

O menino de hoje preferira ao anfiteatro de¹⁷ altos prédios oratórios, torcer no campo de futebol.

Na sala de sessões do Senado pairava a autoridade daqueles varões, que nada tinham, pelo menos, da insuficiência e improvisação dos que vieram depois. A elegância e aprumo do Franco de Sá e de Leão Velloso davam à assembleia o figurino da modernidade e direitura, que seria continuada do inglesismo desde o primeiro reinado cultivado entre os Nabuco, Lopes Gama e Barbacena. Souza Dantas, que substituíra o Zacharias, em 1878, sacudia o *cavaignac*; opulento de cumprimentos, incansável na sua sedução e afabilidade prazenteira, representando essa alta prática da simpatia e da prestimosa atenção, que haveria de deixar semeada na mediocridade da família bem colocada bem colocada e meritória. As atitudes desses homens sempre me interessavam. A impressão de todos enchia-me naturalmente de maior timidez. Deles irradiava-se uma aura de respeito, um sentimento de compostura, que não via comumente em outras pessoas. Assentados nas curues do recinto, eram como na rua, bons velhos conhecidos e vizinhos, venerandos e assíduos, desde o tipo mais avançado em anos, como fosse o Cansansão de Sinimbu, ao mais chibante e mais moço, o louro e belo, de cabelos cacheados, visconde de Taunay¹⁸.

¹⁷ Trecho ilegível no original.

¹⁸ João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu (1810-1906), primeiro e único barão e visconde de Sinimbu, político brasileiro, presidente das províncias de Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Sul e Bahia por períodos

Quem o diria? Estabelecera-se entre eu e eles uma certa intimidade. Dos umbrais de casa dava eu à minha família a notícia concernente aos que nos iam aparecendo, de um ou de outro lado da praça.

- Sabem quem atravessou agora mesmo o portão do Campo? O conselheiro Junqueira. - Acaba de entrar o Muritiba. - O Ribeiro da Luz traz uma manta no pescoço. - Passa de frente da Casa da Moeda o Soares Brandão. Vem mais atrás o Sobragi...

Tratava-se do velho conselheiro Bento José Ribeiro Sobragi. Não era senador, mas quanto merecia sê-lo! Primo-irmão da Dona Panchita e por conseguinte ainda meu próximo parente. Sua boa estatura, sua pera negra bem acentuada e acomodada no rosto regular e amorenado, os cabelos da cabeça muito alisados, ondulando-se apenas sobre as orelhas, era um tomo excelente de pacífico e austero solteirão. Fora Diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II, onde se notabilizara pelos dotes de probo, culto e ativo técnico e administrador. Missionaram-no na Europa. Foi a seu respeito, que pela primeira vez ouvi da boca do barão de Mamanguape a chapa inglesa do *Right man in the right place*. Nessa época, era o Sobragi Diretor da Casa da Moeda, onde acabara deixando o nome digno de figurar no exergo da medalha que lá fosse cunhada em sua honra. Não o desdourava, senão um quase nada, ser um tanto avarento.

Às vezes ele prolongava os passos até a nossa casa no Campo. - Venho ver-te Panchita, dizia ele, pousando o inseparável cartolão no punho fechado sobre o castão de ouro da bengala, que para lhe evitar incômodos lhe fazia de cabide mais próximo. E infalivelmente continuava: Ao lado deste jardim de fadas, e por pouco preço, que belo palácio habitas! A minha avó sempre se picava com a aborrecida ironia desse alazão de mingola à gratuidade do “palácio” da prima. E resolveu de uma vez pôr água na fervura do asteísmo do avantajado parente: - Ora, Sobragi! E consertava negligentemente o seu fichu de rendas pretas. Ainda seria melhor se você me fizesse limpá-lo de todos os cupins que o hão de reduzir, um belo dia, a um pouco de farelo para engordar as bestas do Governo... Irei então habitar alguma choupana coberta de casca de pau. Para isso não acontecer o meu pobre marido deveria ter voltado com o Caxias ou ficado no quente, encostado no estado-

diversos. Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (1843-1899), primeiro e único visconde de Taunay, escritor, professor, político, historiador e sociólogo brasileiro.

maior do marquês da Gávea. O Paraguai não devia trazer uma boa estrela aos que nele se sacrificariam pelo Brasil...

O emérito Sobragi disfarçou, lembrando o nome do Catão Roxo que poderia dar ordem às Obras de Engenharia para o concerto do prédio, e foi falando em outra cousa. Nunca mais repetiria a pilheriazinha de entrada. Dona Panchita, ameaçando a sumicaria e metódico Sobragi, convidava-o a encolher o vezo de fazer valer a favor governamental da mesquinha habitação da gaúcha.

Nunca pelo Natal e Ano Novo se lembrou ele de regalar-nos com um cartucho de confeitos, um rosário de balas de altéa ou hortelã-pimenta. Por toda graça à Dona Panchita limitava-se a assinar-lhe a *Gazeta de Notícias* e um jornal de modas. Não iria, porém, muito longe com esse apreciado favor; suspenderia os jornais, desde que a caçula da Dona Panchita contraíra núpcias. A felicidade do casamento da prima Elisa descarregara-o de onerosas galanterias... Reto e meticoloso homem, não lhe era de muito fôlego a filantropia. Deveria, talvez por isso, deixar às sobrinhas uma regular fortuna, ajuntada a vinténs...

Pendurado na janela, continuava eu a relação dos egrégios transeuntes, rumo do Senado. - Vem de cima, o Gomes de Castro, que eu logo distinguia pelo passo apressado e a pera em riste. - Hoje o Andrade Figueira está com a cara de poucos amigos... - Em vez de cartola, o Martinho Campos traz um chapéu do Chile. - Como ainda está forte e decidido o filho do marquês de Paraná, o pai do Henrique! - Quem é o menino? animavam-se a perguntar-me de dentro de casa. - O visconde do Cruzeiro.

Henrique Carneiro Leão Teixeira tinha sido meu contemporâneo no Itu. Era o nosso grande e verdadeiro modelo, pelas altas qualidades que mostrava na primeira juventude. Formou-se em direito como tanta gente, e chegou a Secretário Geral do Estado do Rio de Janeiro, mas foi repellido das urnas para deputado federal. Desdenhou-o a política dos Nilo e dos Backer. Érico Coelho chegaria a senador da República, só não haveria lugar para ele, Henrique. A República acabara também com a era e dinastia dos Carneiro Leão... A indústria e a finança, por força das cousas mais objetivas e arrazoadas elevaram-no, entretanto, a Diretor do Banco do Brasil, do Crédito Mercantil, e de várias companhias.

A sinceridade de sua convicção católica nunca haveria de abandoná-lo. Diretor tesoureiro da Casa de Santa Ignês, católico militante, foi-lhe a fé da Igreja, a suprema guia

na vida, a fonte de luz, a força de sua perfeição. Não pode ser aproveitado pelo Brasil nas cadeiras parlamentares do [passo] do avô, o nobre e valiosíssimo Henrique! Não mais devia encontrá-lo, nem saber dele, desde 1884, quando o noticiário da sua morte, me abriu o ano de 1938, com essa efeméride de saudade, de luto público e sobretudo de tão amarga lição de cousas nacionais...

Ia eu apontando e divisando os varões do Senado, atente a esses homens que sustentavam ainda, entre as forças subterrâneas da destruição do Brasil, o facho da bela continuidade da nação, centrada no Império, prestigiado pelo seu crédito, filho do equilíbrio de instituições, infelizmente bem superiores ao estado de formação do país, que daí a pouco, politicamente retrogradando, não haveria mais de comportá-las. Reparando nesses indivíduos, ia-me afazendo ao estudo da nossa história, ao respeito dos varões do Império.

Eram na sua maioria proprietários, magistrados, funcionários, geralmente acatados pelo seu passado, seus dotes ou poder e círculos de ou influência. Impregnava-me do culto à minha terra, escutando aqueles homens dizerem das suas queixas e aspirações, deliberarem ou intervirem nas grandes questões públicas, decidirem segundo as suas consciências... As várias Províncias do Império, com os seus desejos e clamores, tendências e tradições, colecionavam-se ali, na antiga casa do Conde dos Arcos, vitaliciamente unidas aos diferentes caracteres e aptidões, nas várias doses de talento e de caráter dos seus servidores e representantes mais notáveis. Sibéria, chamara ao Senado, o inflamado Antônio Carlos: deviam torná-lo o Areópago e Panteão do Brasil os grandes nomes de nossa história política, no reino dos Braganças.

O regime monárquico, de tão benéfico, costuma legar às republicas a sã e valiosa instituição do Senado. Opõe-lhe às probabilidades da desorganização a peça mestra do equilíbrio, que lhes será indispensável. A República francesa transmitiu-se com as reminiscências de Carlos X, adaptando a imagem da Câmara dos Pares, que foi instalada no palácio do Luxemburgo, em Paris, em 1789, sob o nome de Senado da República. Chamou-o Bainville um “quebra-mar”, “*un brise-lames*”, reconhecendo-lhe a alta missão restritiva, a consciência, a reflexão, e retempero peculiares à essência desses órgãos coletivos de governo parlamentar.

A monarquia brasileira legou-nos também o mesmo instituto de moderação e refreio. A câmara alta do Brasil republicano instalou-se até no mesmo lugar da antiga.

Ali, com o idêntico instrumento político, se procuraria estabelecer o mesmo ambiente de circunspecção, de experiência e responsabilidade própria a demover dos riscos da demagogia o esqueleto do Estado, qualquer que fosse. Em “Velhos Rumos Políticos”, Contreiras Rodrigues haveria de consigná-lo de um modo axiomático, incontentado embora dos rigores que faltaram à cópia da adaptação: “Toda República sem verdadeiro senado, como a brasileira, reduz o seu governo à expressão numérica e se volta à inocuidade de valores absolutos”.

Antes de 1889, designados pelo povo, no racha das urnas, tinham os senadores sido apontados pelo Imperador, no crivo da mais responsável das seleções, atribuída a escolha do monarca na Lista Tríplice. No prestígio dessa dupla indicação, a popular e da Côroa, alguma cousa de solene e meritoso flutuava nessa representação do nosso povo.

Eu não podia então explicar, em 1887, a grave impressão que isso me oferecia. Rapazelho, antes disposto a irreverências da zombaria e pouco caso de tudo que fosse empregado na consideração atilada e atenciosa das instituições públicas, o Senado Imperial impunha-me, contudo, o sentimento de alguma cousa de muito sério, de um eixo onde toda a máquina do Estado e a vida de todos nós repousassem e o qual, uma vez desaparecido, tudo rebentasse e fosse pelos ares...

Não haveria de ser assim? Não reelegeria a democracia republicana, nas ruínas dessa nobre agremiação política e tantas vezes, o cavalo de Calígula, multiplicado nas suas patas históricas? Na minha meninice, pasmando para essa velhada vitalícia e inamovível, eu subscrevia inteiramente este trecho das “Reminiscências” de Alfredo Taunay, que o meu respeito de então testemunhava: “Se havia semideuses em política, eram os senadores do tempo da monarquia, e o apreço público não recusava as suas mais profundas barretadas até aqueles que não possuíam outras razões de seleção senão pertencerem a tão elevada e afinal onipotente corporação”.

8. DOIS TÍTULOS

Transbordado, provavelmente, do pélogo de cachaça e desarmonia, que era o “quartel velho”, sobre o qual vivíamos, uma vez se instalou no chão da porta de entrada da rua da nossa casa, no Campo, certo pobre homem, para curtir a sonolência de grande bebedeira. A minha avó, descendo para fechar a porta, esbarrara com o borracho deitado, cozinhando o pifão, que o deixava semimorto.

Muito franca e decidida, pois, a sua mocidade decorrera nos azares da campanha do Sul, em tempos de 35, onde conhecera muito Garibaldi, tornara-se comadre do conde de Porto Alegre e amiga da professora D. Nízia Floresta Brasileira Augusta, a matrona, espiou para a rua e viu alguém que se aproximava, mudando de calçada.

- Senhor! Senhor! Chamou um tanto aflita D. Panchita ao transeunte, que parecia um senhor de respeito, despachado e temeroso.

- De que se trata, minha senhora?

- Aqui este embriagado... Tenha a bondade de ajudar-me a botá-lo fora de casa. Ele impede-me de encostar a porta e dar volta à fechadura...

O homem de óculos e sobrecasaca, a custo, na instância dessa inesperada interpelação, resolveu dar de si alguma cousa. Parado, parecia, entretanto, estudar o caso afim de dar a devida resposta, que não foi das mais prontas nem das mais delicadas. E repinchou à minha avó com esta pergunta à queima-roupa:

- A senhora sabe com quem está falando? E tinha o ar do ator de dramalhão, dirigindo-se à ingênua de modo um tanto ríspido e altaneiro.

- Não tenho essa honra, replicara a minha avó, segura de seus direitos de mulher nessa situação de atrapalho. Mas, o senhor não será um cavalheiro, tal como o considero, se não comprazer em acudir-me nestas críticas circunstâncias...

Resolveu afinal o orgulhoso anônimo decidir-se a fazer alguma cousa, em favor da velha suplicante.

- Onde está o indivíduo, a que Vossa Excelência alude tão particularmente?

- Aqui, neste canto. Dorme como em sua cama, o malditoso. Dir-se-ia um peão debaixo da ramada, à sesta, ao lado da chaleira do chimarrão, no galpão da estância...

Recuando da sua intenção intervencionista, o cidadão anônimo obtemperou:

- Minha Senhora!... Talvez esta pobre-alma esteja na cintura com alguma arma proibida, alguma garrucha ou faca nortista... A prudência manda chamar algum vigilante da polícia, que ande patrulhando nestas redondezas...

- Armado, pensa o senhor, rebimbou D. Panchita, só se for da botija ou garrafão, que o transformaram dessa forma.

Não se dando por achado, replicou de novo o circunstante, que passava na rua, pouco disposto a mexer-se para ser aproveitado:

- Esses malandrins, quando no presente estado de evidente embriagues e falta de sentidos, oferecem sempre perigos consideráveis. São inconscientes, capazes de tudo, minha nobre senhora! A luz da razão, apegada no indivíduo, pode, de uma hora para a outra, torná-lo ma fera... Quando assistia como chanceler e desembargador da Relação de São Luiz, no meu Maranhão, vi casos que lhe poderia contar.

- Está entendido, voltava à carga a disposta minha avó. O senhor, entretanto, compreende que não há meio só com palavras de acordar este infeliz. Por Nossa Senhora da Conceição de Viamão, dê-me um auxílio prático; justamente por vir da sua parte será dos mais preciosos e esperados. E vendo que o sujeito que se dizia magistrado não tomava uma iniciativa: Pegue-lhe nas pernas, que eu seguro na cabeça.

- Pois não! Pois não! Excelentíssima! Suspirou enfim o Chanceler e Desembargador, obrigado pela insistência da velha gaúcha, filha de S. Antonio da Patrulha, no Rio Grande do Sul e a qual, acostumada a montar em pelo e a fazer sentar no pampa os árdegos baganas, se via ali entalada, num canto obscuro, entre o beberraço e o sujeito da alta hierarquia, ao qual não conhecia e tão recalcitrante e imprestável se mostrava.

E o cerimonioso senhor, resolvido afinal a puxar com muitos cuidados o “pau-d’água” semi-morto, enterrou-se mais na cartola que o rematava. O indivíduo alcoolizado, turbado pelo barulho do diálogo entre Dona Panchita e o Desembargador, então resolveu de si mesmo abandonar a entrada da casa na qual se insinuara na sua bebedice, sem a devida licença.

A minha avó, vendo-se livre do vagabundo, agradeceu o imenso favor ao cavalheiro que, aliás, nada tinha feito. Sentia não ter o prazer de o conhecer há mais tempo... Ao que o

antigo Chanceler e Desembargador de São Luiz, julgando-se diminuído por haver-se prestado a tão insólito e singular serviço, mais próprio de um guarda - urbano, declarou:

- Saiba Vossa Excelência que sou algo... Tenho o meu honrado nome arrolado na nobiliarquia do Império do Brasil e na do Reino de Portugal. Possuo dois títulos, minha senhora...

- Logo dois, arriscou-se Dona Panchita, julgando tratar-se de um maníaco com a sua telha de menos

- E a Excelência ainda duvida! Cortou o homem entaramelado, na réplica de ofendido no seu natural orgulho e displicência, de homem pronto a desandar no “Veja com quem está falando!” - Sou não só visconde de Belfort, como barão de Gurupi! Chama-se este seu criado Antonio Raymundo Teixeira Vieira Belfort. Cavaleiro da Casa Imperial e Guarda Roupas de Sua Majestade. A origem da minha família perde-se nas névoas da antiga Irlanda, a verde Erin... Não fui eu que lhe inventei a nobreza... E repetiu, sacudindo para a minha avó o V formado pelo indicador e o médio da mão direita: Dois títulos, minha senhora! Sem nenhum favor!... Descoberto ainda e já a mais de quinze passos de distância repisava: Dois títulos! Minha nobre dama, achará que é pouca cousa? Barão de Gurupi e visconde de Belfort!...

A noite rechupou o estafermo, tão inchado com o par de pergaminhos. O bico de gás, ardendo na esquina, dir-se-ia ele de charuto aceso, estatelado e entapizado na treva, brasonado por diante e por detrás. Dona Panchita atirou, muchochando, à sombra do seu noturno ajudante e nobiliarca, as frases que o julgavam sem mais apelo:

- Que *pax vobis*, benza-o Deus! Talvez nunca fosse útil a ninguém... Mereceria ir para o céu, se pela primeira vez de sua vida desse uma ajuda aos outros... Prefiro ver o china-seco, a chamá-lo outra vez...

9. O TIMÓTEO

Residiu algum tempo, em 1887, num sobrado da rua Marquês de Abrantes, o meu tio afim Paulino Chaves. Lá me atraía um grande pasto à curiosidade de leitor de tudo quanto me ia caindo debaixo dos olhos. E, a propósito, qual seria o primeiro livro que me veio às mãos, para o simples prazer de uma degustação propriamente literária? A Montesquieu, saído apenas do Colégio, puseram-lhe nas mãos os livros de direito. O conde de Chaptal conta em suas Memórias, que se regalara nas primícias da infância com um Aristóteles. Aos dezesseis anos Vauvenargues apanhou na biblioteca do pai os livros de Plutarco. O rapaz de tão enlevado e contente só faltou enlouquecer, como ele próprio o refere. Emoções semelhantes de minha parte abalar-me-iam talvez palpando o volume que não as merecesse.

A mim não coube as honras de semelhantes achados e encontros, acreditando mesmo que não me alegrassem os trabalhos de civilistas ou criminalistas e o calhamaço do peripatético e do historiador.

Depois dos contos inclusos no terceiro livro de leitura do Abílio Borges deveria ter havido bastante matéria para empapar os olhos em leituras inaproveitáveis, descoordenadas, interrompidas ao meio ou continuadas até o fim. Sei, porém que data certa época precisa a minha intimidade com os folhetinistas franceses de capa e espada, quando tive ocasião de folhear muito a meu gosto numerosos volumes de Alexandre Dumas, Ponson da Tarrail e Xavier de Montepin.

Em verdade, esses plumitivos não tinham lugar de honra na casa do meu tio. A jurisprudência do dito Paulino pouco caso faria da licença dos novelistas em questão. Dormiam empilhados na dispensa e era daí, que eu subpreticiamente os retirava para fartar a sede de todo menino indiscreto, atolado por prazer nesses inventos de complicação teatral, combinados entre pessoas de bom tom e gente fora da lei e fora das horas...

Devido à longa estadia junto às mantas de charque, à barrica de mate, ao pacote de folhas de guaco e ao bacalhau seco, os romances tinham-se impregnado do cheiro específico dessas mercadorias. Em certos volumes prevalecia a emanação aromática das folhas secas, da sinantéria e do “chá dos jesuítas”, em outros a da carne ou a do peixe popular. O que de bom ou de mau se exalava das narrativas parecia caracterizar-se,

adequar-se ou misturar-se segundo o que me passava pelo nariz; rescendendo a uma dessas quatro cousas. Os tipos e situações escalavam-se ao sabor daquele relento de fundo de armazém de secos e molhados. O tiro, que rebentava na treva, a carruagem que sumia na esquina, o mosqueteiro ou mascarado que raptavam ou apunhalavam, cada qual tinha com efeito a sua atmosfera própria. Dir-se-iam, combinar os seus atos segundo o odor, que lhes atribuía o gênero alimentício que havia sido conservado na sua vizinhança. Quando figura de mulher suspirava era pena, entretanto, que o fizesse numa forte exalação de charque; quando o belo cavalheiro sacava da farrusca era lamentável que o fizesse, rescendendo ao badejo norueguês seco e achatado na espinha. Todas as cenas se precipitavam nos cheiros prosaicos, fossem passadas no palácio ou na espelunca, no jardim ou no beco de suas artes e tropelias.

Que estranha impressão a essa leitura furtiva em que tudo me atraía, menos o cheiro em que me eram perpassadas as situações e os personagens! Ainda quando era o guaco, que intervinha com as suas doces emanações, nada mais agradável ao ambiente de uma cena de amor... Porém quando era o pitiu do bacalhau, que acompanhava o beijo da heroína, com o seu mau hálito! Assim se expunham ao mesmo tempo à minha visão e ao meu olfato, essas páginas de aventuras em que o duelo se deslindava, tresandando à erva paraguaia, os esbirros cheiravam à aguardente perfumada pela olorosa trepadeira, a congosta escura e mal afamada, onde se esgueirava a sombra ambígua, rescendia à fedentina do peixe da Terra Nova, o vestíbulo armoriado do castelo à salmoura da carne dos saladeiros pelotenses...

Passava-se, pois, a leitura entre as sensações diversas ligadas à pituita do leitor. Consternava-me a inesperada concorrência de atmosfera tão nacional à criada pela fantasia dos três romancistas estrangeiros! Esses livros, aliás, não me deixariam nenhum traço de maior importância. Desses reбуçados e dessas vítimas, desses cavaleiros e pedestres, desses postilhões e desses conspiradores, desses assaltos e recepções, desses policiais e desses criminosos nada realmente me restou.

A não ser os três Mosqueteiros, não lhes guardei um só personagem ou mesmo um transe dos mais patéticos. Baralhou-se e evaporou-se tudo. Principalmente quando a História não ajudava, faltava alguma cousa à pena desses escritores para que pudessem impor-nos a persistência das imagens, acolchetadas no fio de suas incôngruas e forçadas

tragédias. Narravam como uma negra enfia contas. Era uma pura encenação de fantoches, uma farfalheira de casos, uma desova de diálogos. Fitar para aquilo era como olhar para estampas velhas, rasgadas e desparelhadas ou à passagem de um préstito de carnaval, desconexo e sem relevo. Havia rumor, festa, crimes, galopes, soturnidade, escaladas, suspeitas. E todo esse alarme, esse atropelo, essa grita, esses negócios, esses suspiros, essa farfalhada folhetinesca, afora muitas páginas de Dumas, não valiam três linhas de Balzac, ou mesmo de Hector Malo. Entretanto, enchi horas e horas, deleitado nessas torvas façanhas, cuja aparência de realidade me evitaram talvez uma pior aplicação do tempo. Essa sociedade heteróclita de Dumas, Terrail e Montepin, esses acontecimentos ousados e incríveis voltaram ao limbo de onde os tiraram os seus autores, traduzidos ou não para satisfazer aos instintos do inédito, complicado e fantasioso, que fermenta no fundo de cada um de nós, brasileiros, ou ansiosos da vida ou já desiludidos dela.

Felizmente, que também por esse tempo o “Eurico, o Presbítero”, de Alexandre Herculano haveria de sacudir-me a emoção de outro forma mais excedida e duradoura. Ah! Essas páginas estremecidas e bastante artificiais ensinaram-me a sentir com abalos que nunca dantes me tinham perturbado. Minha vida suspendera-se nesses episódios, onde pairava a alucinação romântica de um excedido e bravo guerreiro, em cujo coração de acólito se amortalhava o amor impossível, feito um morto levantado da cova, entre suspiros e juras e recordações. Ao mesmo tempo, que aprendia uma língua portuguesa, belamente formulada na túnica inconsútil de sua correção sintáctica, tangia-me a alma com essas sensações de exaltado sentimento, que exclusivamente nessa idade o homem é capaz de compreender e afinar-se. Talvez, mais tarde, só “Come um sogno” de Barrili me tivesse alterado a sensibilidade, no mesmo dedilhar das cordas atrativas.

Entre os divertimentos da casa do tio Paulino fossem banquetes, jogos ou danças peculiares à sociabilidade do tempo, lembra-me os que se passaram na noite distribuída entre “lanceiros”, a catira e a cana-verde, e onde particularmente deveria distinguir-se o sulco meteórico de um convidado momentâneo que lá aparecera.

Encadernado na farda muito elegante e saída de novo, primeiro tenente de Artilharia recentemente promovido, comparecera à recepção familiar. Era Timóteo de Faria Corrêa Filho, oficial que concluiu os estudos da sua arma na Praia Vermelha. No belo rosto de um

oval pálido, o leve bigode negro punha-lhe à regularidade uma sublinha crespada, graciosa e varonil. Como ao Jorge de *Iaiá Garcia*, que era também um militar, sentia-se-lhe “a alma juvenil através do olhar e repousado”. As moças presentes faziam-lhe roda, penetradas dos eflúvios da atração e todo aquele soldado moço e irresistível, e que sem mesmo utilizar-se de catana do uniforme, se mostrava capaz de conquistar todo o frágil feminino que o rodeava, que o emoldurava, encantado de ouvi-lo e vê-lo.

Usava ele grande pince-nez de tartaruga, fincado no nariz muito perfeito e o qual lhe aumentava o prestígio que sombra calado do olhar de míope, circunvago e sedutor. Quando se soube, que era o militar um poeta, a descoberta aumentou-lhe ainda mais o enleio da turva e envolvente simpátia de toda a sala. Instado para que recitasse, vimo-lo pôr-se de pé, depois das cerimônias da instância e da recusa logo vencidas. Cintado da banda regulamentar de seda vermelha, a fronte escaçada e límpida, o sorriso em orla da boca harmoniosa e escarlate, que uma suspeita de permanente ironia docemente arqueava. Fechou-se-lhe em torno o círculo dos circunstantes, realçaram-no os peitinhos da camisa engomada dos homens, o frufu da seda das senhoras e moçoilas.

Tanto quanto a promessa dos versos os encantava a distinção do porte, a nobre parada do tipo apolíneo do tenente, enviado especial e extraordinário das Musas à tertúlia do meu tio. Muito de ver-se aquele jovem militar, dando férias à Bolona, diante da plateia de Ninfas e de Dríades, pousadas no salão do Paulino Chaves como numa decoração de Puvis de Chavannes¹⁹. Daria o soldado por ameno favor a lição de melodia e dicção, em vez da do porte de armas e evoluções aos tímidos recrutas da bateria. Tudo nele se compunha para os êxtases da poesia e do ideal em que culminava. O rapagão, modelado na elegância marcial do seu fardamento bem talhado, alteava-se na inspiração laivada de Espronceda²⁰, que nele romanticamente se aventava e repetia.

Contavam-se do Timóteo extravagâncias de perdido byronismo. Bebedeiras trágicas. Leituras de Álvares de Azevedo, à meia noite, sobre as campas do S. João Batista; desafios ao mar, bombardeado com alexandrinos de Hugo, na crespada arrebentação das

¹⁹ Pierre Puvis de Chavannes (1824-1898), pintor francês, de tendência simbolista, conhecido por pintar murais em prédios públicos na França (no Panthéon, na Sorbonne e na prefeitura de Paris, por exemplo).

²⁰ José de Espronceda (1808-1842), tido como um dos grandes poetas românticos espanhóis, teve importante participação jornalística e política ao final de sua breve vida.

vagas arrugadas e desfeitas pela tempestade... Direito e calmo, a sua máscula conformação, onde a elegância insofismável punha um carimbo de atratividade irradiante provinha-lhe provavelmente em grande porcentagem do sangue continental dessas espanholas, mandadas povoar as terras americanas do extremo sul ou dessas açorianas, cujo sangue marinho também fecundaria, embelezando a gente do Rio Grande do Sul.

Timóteo recitou vários versos de sua composição. O ritmo do poeta estendia aos quatro cantos do salão burguês de Botafogo bambinelas franjadas de ouro e púrpura e alguns panos mortuários... No filtro das sílabas decantavam-se os sentimentos mais calculados, estranhas horas de febre, a passageira e trêmula visão das cousas tão íntimas e só dizíveis pela forma musical em que se desenrolavam... Centro vibrátil e térmico dessas sessão de entretenimento familiar, o Timóteo, apoiado no encosto da cadeira de jacarandá, que lhe fazia de tronco de algum plátano de Arcádia, disse o soneto de sua autoria em que celebrava as mãos da sua amada:

*“Ó mãos alvas de neve, ó mãos aveludadas,
Que eu tanta vez beijei e não mais beijo agora!
Que santa palidez ebúrnea vos decora,
Ó mãos alvas de neve, o mãos imaculadas!”*

Numerosos anos depois haveria de deixar-se tocar pelos frêmitos da mesma harmonia quando Cruz e Sousa a arrancaria das cerdas da lira simbólica os versos parelhos de “Mãos”, colhidos na dolência de idênticos eflúvios:

*“Ó mãos ebúrneas, mãos de claros veios
Esquisitas tulipas delicadas...”*

Os homens presentes na reunião de Botafogo faziam-se de esquerdos e distraídos, mas o mulherio engrinaldava o poeta, bebendo-lhe os ares, arfando o peito, que as rendas e a popelina dos corpetes não pareciam poder suster. A respiração dos que o escutavam irregularizava-se; nos olhos femininos intensificava-se o magnetismo de certas pausas, acentos e centelhas do recitante, cujo tom quente tinha o poder de exaltar os mais fugitivos sentimentos. A palidez romântica do airoso oficial, com os seus vinte e seis anos e o frêmito carinhoso de sua voz abemolada e grave, davam um reflexo de delíquio àquelas quadras de amor, sacudidas por sentimentos de ternura poética de que o belo artilheiro se

fazia o jovem deus, arrojado até ali, na sua sensibilidade exagerada e torrentosa de algum outro Childe Harold²¹.

A minha mãe, um tanto indiferente àquela Musa de morbidez e paixão, só fazia dizer-me: “Quando te hei de ver, meu filho, metido no uniforme, como esse rapaz tão inteligente à posição tão bonita...”. Afundando mais na cadeira em que me sentava, ouvia com especial desgosto o cicio carinhoso desses votos maternais. Só a poesia do Timóteo tinha a força com o seu orvalho tépido, cortado de clarões sensuais, de lembrar outras cousas que não o intento materno enviar-me na farda do Porfírio, meu avô...

Se percebia não me aprazer o seu pensamento, D. Iaiá abafava-o num suspiro, fortificando-se mais e mais na resolução de ver mais dia menos dia aquele sonho realizado, fosse como fosse, o filho aluno e mais tarde general...

Parece-me ainda a noite passada que assisti a essa reunião de família. A renda de parentes e mais convidados sapateava à portuguesa, adornando-se de lenços na cabeça e encurtando as saias e casacos para maior propriedade. Como numa aldeia minhota fervia a bailada em torno da sacudida e foliona tia Marocas:

*“Caninha verde
Anda à roda do vapor,
Ainda está para nascer
Quem há de ser o meu amor.”*

Variando a cena, mudando a chula, “puxavam a fieira” as moças ao pé dos cavalheiros mais desenxabidos, acompanhando-se da letra do conhecido lundu:

*“Mulatinha do caroço
No Pescoço
Eis aqui o teu cambão”*

E como aparecesse uma viola a que chamavam “buzo”, trazida dos fundos da casa, logo veio a ideia de cantar a “galinha morta”, dançar a “Chimarrita” e a polca mancada. Era

²¹ *Childe Harold's Pilgrimage* (1812-1818), poema de Byron que se apresenta como uma espécie de diário poético, revelando os estados de alma do poeta. Pouco tempo após sua publicação, devido ao tratamento exótico dado ao oriental, à força das ideias românticas, o poema alcança sucesso e torna famoso seu autor. Nesta obra, o poeta se apresenta como um característico filho de seu tempo, um dândi misterioso, um homem fatal para si mesmo e para os outros.

a evocação suave da terra da maioria dos presentes, a lembrança da chinarada e dos pagos riograndenses, animando a reunião. Alguns palas nos ombros dos homens e algumas flores espetadas na cabeleira das mulheres e logo se fez a cor local. E tudo mais foi deixado à alegria, à saudade e à afinação do acompanhamento gauchesco:

*“Chimarrita quando nova
Uma noite ma atentou...
Quando foi de madrugada
Deu de rédea e me deixou”.*

Acabaram dançando de roda, trocando os pares e escandindo o estribilho da “Ciranda”:

*“O Ciranda, o cirandinha
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar”.*

Com o albor do dia desenlaçaram-se os pares, a aurora colhia com os seus primeiros raios rosados os folgazões do “animado sarau” de Botafogo. O sono reclamava os seus direitos, pondo carradas de areia nos olhos dos divertidos bailões.

Tempo consumidor e sacrificativo! Artista da Hecatombe! Vitimário do holocausto de todos os dias! Onde bailarão todos eles hoje, donos da casa e convidados, tornados poeirada como a que lhes acolheu o rápido afano e o cadente rodopio?... Presidirá a dança macabra o Poeta, o meu companheiro e amigo, o caro Timóteo, embalsamado na sua dupla coroa de mirto e de asfodelos, brotados na Praia Vermelha e extintos na frieza de uma tumba, em torno de sua frente fria e desnuda, em São Gabriel...

10. OS LATINOS

Achava o antigo francês ser a maior dificuldade de instrução dos menores ensinar-lhes o latim. Era para ele a conquista desse idioma: “une étuds seche & langue”²², Montaigne achava custar muito caro. Rousseau, às avessas com o latim, chegou a escrever: “J’étais destiné, comme on verra dans la suite, à apprendre souvent le latin et à ne le savoir jamais”²³. O próprio Santo Agostinho não pôde ir, no grego, além da segunda declinação. Desanimou e deu com o basta.

No mosteiro de São Bento saí das declinações latinas, ajudado pela candura do professor e pelo abuso da gazeteagem e outras dissipações e dissimulações do tempo em que me desobrigava, no Mosteiro de São Bento, dos enfados e tropeços da língua de Cícero e de Horácio.

Que especial ojeriza, contra a conhecida “Artinha Latina” de Antonio Pereira, a qual me seria uma tênia de que não pudesse livrar os intestinos, saltando embora as pevides das variações silábicas dessas desinências, impossíveis de reter na devida ordem e terminação! Quão diferente o segundo Fernandes da Cunha que segundo se diz, aprendeu em um mês a gramática do padre Pereira e tão jovem traduzia as fábulas de Fedro!

Encarregava-se o angélico e gorduchão frei Lourenço das atribuições de ensino dessa disciplina à meninada vadia e insubordinada do Mosteiro, a qual lhe enchia ruidosamente os bancos da aula, pelo que bem poderia ele repetir os versos do padre Correia de Almeida, metido nos mesmos apuros:

*“A fortuna caprichosa
Arranjou-se contra mim;
Sentei-me, por meus pecados,
Na cadeira de latim.”*

O bondoso prelector e frade bento teria também todos os motivos para perder a cabeça. Assim, só raramente me chamava à lição. Não tinha que ver o clérigo mestre de latim de Nicolau Tolentino:

“... que era um poço

²² “*Estudo seco e longo*”, em francês arcaico.

²³ “*Eu estava destinado, como se verá mais tarde, a aprender o latim e não sabê-lo jamais*”.

de tabaco e de ciência”,

conservando-se absolutamente isento de maior atenção mo discriminar as faltas ou chamar as contas, segundo os seus méritos, à malta dos seus discípulos. Ele não distinguia através das lunetas de como o Azevedo da pessoa do Coutinho, o esperto Rocha do tapado Belchior, no bando de fantoches assentados nos bancos de seus aprendizes; não lhe importava quem fosse mais inteligente ou aplicado, mais vadio ou mais bronco... Frei Lourenço, no entanto, fatigava-se a explicar e corrigir. Quem quisesse aproveitasse ou não do seu esforço professoral, do seu ramerrão de didata e padre-mestre...

Era esse monge um rapezista insóbrio. Esse tipo de frade deveria ser bem comum nas linhas de seu ajustado e clássico padrão. Bocage o citaria: “Bojudo fradalhão de larga vendo aquele corpo gordo envolto na batina, o carão largo e risonho, lenço e boceta na mão esquerda”. O retrato vivo do angélico e tabaquento frei Lourenço.

Com que frequência abria e arrolhava a caixeta do simonte, seguindo-o das manobras do enorme lenço vermelhão de ramagens, passado e repassado no assoar a sua tromba atufada! O rapazio alegremente acudia às pitadas, espirrava, acamaradava-se como velho mestre cercilhado, inscrevendo-se na freguesia trocista do vício tabaqueiro do pachorrento beneditino. Cortavam-se frequentemente as explicações do frade desta forma divertida e abusiva:

- Frei Lourenço, ainda hoje experimentei...

- Noster, nostra, nostrum...

- Mais uma pitadinha, Reverendo... Estou tão constipado!

- Todos os pronomes fazem o genitivo singular em *ius* e o dativo em *i*...

- Agora para mim, é também para curar o defluxo, insistia eu, abusando da longanimidade do frade pacientíssimo. E os dedos ingeridos do pedinte pinçavam o esturruinho, colhendo-o na caixa redonda de chifre, destampada e entregue pela bonomia e beatitude do filho de São Bento à indisciplina e à vadiagem daquela juventude discipular, que procurava todos os meios ao seu alcance de ser distraída, estragada e irreverenciosa.

Os espirros, por causa do rapé e que seria difícil distinguir os naturais dos inventados, atrapalhavam a aula, mergulhavam o bom do monge no atroo de toda uma bateria esternutatória. - Padre-Mestre, o meu pai nunca me nega o tabaco de cheirar. Vossa

Reverendíssima pode fazer o mesmo... E assim eu excitava a caridade do bom monge com a mentira que nada me custava. E, por minha vez, entrava com o meu contingente nessa descarga consecutiva em que se me desentupiam as ventas convulsionadas, alcançadas pelo esturrinho do beneditino. O certo é que a boceta de corno de frei Lourenço, naquele dia, se despejava de todo o seu fornecimento e a sala de aula ficava completamente impregnada do tabaco da santa criatura. Desse pó havia não só em cima das carteiras como entre as páginas dos livros... Assim o Vesúvio cobre das cinzas da erupção os vinhedos da sua encosta.

Tinha eu a habilidade, ou antes o descaramento de oferecer às exigências didáticas desse mestre da maior simplicidade e confiança ora o *servus, servi*, ora o *currus, currûs*²⁴, sem nunca sair disso. Quando estávamos, o frade e eu, muito cansados dessas duas declinações, entrávamos com o par das outras: *hora, horae* e *arbor, arboris*²⁵. A quinta declinação, *res, rei*, ficava sempre esquecida no tinteiro... Quando me dava na veneta, errava propositalmente.

Frei Lourenço, de ouças atulhadas daquela moinha de anos e anos, enchia o resto do tempo com a reprimenda adequada.

- *Domus, domuorum*... gaguejava eu.

- *Domuorum*, não senhor! *Domorum, domum, domibus*... Precisa mais atenção, meu rapaz! Que cabeça de miragaia! Dura assim nunca vi! É malhar em ferro frio... No meu tempo, e contava ele o seu caso, frei João das Mercês, que sabia sermões inteiros de grande frei José da Natividade... E a hora da aula acabava, ficando para outra vez: *Domos, ó domus, domibus*. E nessa fulheira, só a mim é que me enganava, regozijado de iludir o complacente professor e benemérito servo de Deus.

No colégio de jesuítas havia cursado latim durante três anos seguidos. Chegara a traduzir Cornélio Nepos e as fábulas de Fedro e já media versos de Virgílio com entonado desembaraço, dando em verso latino as regras da versificação: R brevis est ou O datur ambiguus, que nós traduzíamos como recurso mnemônico: Erre, seu Breves e Oh! dá no umbigo... Mas, sabendo tudo isso, para intrujar e aborrecer a frei Lourenço, um monumento

²⁴ Referência às declinações dos “substantivos” latinos, respectivamente aos modelos da 2ª (*servus*: “servo, escravo”) e 4ª (*currus*: “carroça”) declinações, com nomes usualmente masculinos.

²⁵ Menção à 1ª e à 3ª declinações, com nomes femininos citados.

verdadeiramente litúrgico de longanimidade e boa fé, eu me mostrava bem avesso em reter as declinações!

O resto do tempo, em São Bento, ficávamos nas galerias do claustro, a chalar, a rir e mesmo a blasfemar. Tantos vultos da história pátria, como outros anônimos, haviam calcado aquelas pedras, na mesma atitude descuidosa e profana com que elas passeávamos! Rapazolas como nós, inatentos e irrespeitosos... Quais seriam eles? E não sabíamos que, entre tantos outros, o dicimarista Moraes e Silva, Benjamin Constant e Nilo Peçanha e Coelho Neto haviam deixado as pegadas de alunos, sob essas abóbadas sagradas, nesse chão conventual que se estendia num mosaico de lápides funerárias.

Contraste singular entre aquela mocidade descuidosa, bulhenta e o silêncio de morte, recolhido na sombra daquelas pedras antigas. Tanto latim de algibeira, tanta discussão inútil, tanto pensamento mal germinado, rejeitados e desfeitos com as nossas conversas rematadas nos escarros e nas pontas de cigarro que juncavam o chão sagrado, onde dormiam os monges desaparecidos do mosteiro. Cuspindo nas lápides dessas sepulturas permutavam-se selos e romances ou trocavam-nos as pernas, esperando a hora das aulas aborridas. A não ser que preparássemos algum artigo para “A Metralha”, de Evaristo de Moraes, jornaleta de propaganda republicana de que só apareceu um número, creio, quando o Imperador deixava pela penúltima vez o Brasil. O velho soberano não ouviria o tiro tão mal dirigido e que nos sairia pela culatra, pujando-nos de seus estilhaços de sebo e cacografia.

11. O DOUTOR LADISLAU

Passei o ano de 1887, dividindo o tempo entre o Museu Nacional e o Mosteiro de São Bento. Como peixe entre as duas águas, procurava um rumo. Não poderia impedir os meus sobressaltos, ora de desânimo ora de exaltação e arremesso. O caráter, procurando firmar-se, o temperamento corrigir-se, temos alguma cousa da bola de cortiça, abaixo e acima, no eixo vertical de um repuxo. Riscando saltar dos planos de seu equilíbrio para a beira do tanque, quantas idas e vindas ao longo das inclinações de instante, comandadas de longe pelo jato dos heredismos, antes que tudo venha a firmar-se na pura perpendicular do homem feito! Como tudo nessa preparação será possível!

Perigoso momento, em verdade, o da existência que se experimenta na decisão das suas primeiras armas intelectuais e disposições afetivas mais pronunciadas! Como insólita reação a alguma observação mais ou menos justa dos que me rodeavam no lar, pensei até em afastar-me da família, buscando algum emprego de copeiro, numa pensão desconhecida... Rousseau não deveria escapar à perigosa determinação de deixar os seus em plena adolescência. O pai de Maxime Górkí, segundo conta o filho, por cinco vezes fugiu de casa, acabando por abandoná-la completamente. O filho de Léon Daudet foi vítima dessa psicose. A mim não passaria essa ideia de um propósito fugaz, de um salto felizmente evitado na intenção de péssimos projetos... A menos não fosse o bacilo da aventura que, sem escolher um bom motivo, tentasse demover o rapaz do seu bom juízo habitual, arrastando-o a veleidade de jaz no fundo de todo jovem inexperiente sequioso da vida acessada na febre dos seus apelos mais secretos.

Enquanto se me remodelava a personalidade, modificados certos segmentos ósseos e musculares, alcançava o estado físico em que se me fixariam as formas completadas na estatura do adulto. Pareciam estas afinar-se mais. Ficaria definitivamente acentuado molde do que mais ou menos sempre fui, mais seco de carnes que redondo de formas.

Com os meus dezesseis anos, aproximava-me, entretentes, da idade da razão, e se não a perdia, vacilava antes de reconhecê-la e sujeitar-me aos seus arestos intervenientes. A menor contrariedade, a camisa enxovalhada, a falta do níquel ou do botão, o desencontro, o embaraço da hora, a lição a saber, o remendo no casaco, a impossibilidade de ida ao circo ou ao teatro, atentavam-me a contrapelo que amadurecia. Absorvia-me nas primeiras

oposições e concessões a mim mesmo, tentando mentalmente as lutas de discernimento com o absurdo, a realidade, o impossível, o comecinho, o regular, reagindo aos reflexos de pensamentos menos puros ou mais justificados. Nos olhos de imaginoso adaptava lunetas de grande alcance e no coração de voluntarioso abria certas portas esconsas, revoltado da sogá com que me retinham os passos, do freio barbelado que me punham na cabeça de ardego petiço...

No fundo confuso do teatro em que se fazia de público e ator, o mistério psicológico de complemento da virilidade desconhecia o código das leis físicas e sociais em que ela se esbarrava... Para trás ia ficando o que na alma se fizera de incorruptível, de inesperado, receoso, de insignificante e de débil. A maturidade precedia à sua marcha precipitada entre sessões e arreperamentos. Bem verde ainda a banda do fruto, quando na outra já lhe corria o suco da polpa rija. A natureza excessivamente matinal, despertava-nos fora de tempo, avançava as suas horas de preparação e de espera... Em uma criança tudo é egoísmo em flor. E na crise da puberdade o homem não se melhora. Que pressa e arritmia nas células da vibração sexual! E como isso tudo domina, adianta, complica, absorve, desequilibra e divorcia! O animal completado antes do homem formado intelectualmente e moralmente, é um contra-senso das forças vegetativas. Toda a ordem da vida se desorganiza no ser que prenuncia! Duvida-se de um plano divino, com essa precedência sexual de exacerbo inconciliável. Bem antes da luz interior, a fogueira acesa que tudo devora! Bem antes de pronto o leme da nau, vê-la a flutuar no meio das sirtes, com o vento na popa!

A razão, nessa época, entre a puerícia e a juventude, é a lanterna indispensável da vigia que vem vindo e não se apressa. Só um determinismo estúpido poderá oferecer legitimamente essa predominância ao instinto que dirige e multiplica a espécie, desequilibrando em meio de mil embaraços sociais o indivíduo em busca de seu destino normal. “Il est bon pour chacun de nous de réfléchir au danger d’apprendre”²⁶, escrevia Abel Bonnard. Entenda-se isso sobretudo com o adolescente. Mas essa prudência é contrária à sua condição de sequioso do saber mesmo das menores cousas. O mesmo autor afirma: “Apprendre est le drame de l’esprit”²⁷. Entenda-se isso, principalmente, quando se

²⁶ “É bom para cada um de nós refletir sobre o perigo de aprender”.

²⁷ “Aprender é o drama do espírito”.

está a serviço do instinto em que a espécie trabalha no problema capital do seu próprio desenvolvimento e eternização. Os meus sonhos e aspirações de menino, uns iam murchando e outros desabrochando, assim a planta em que vão se entremeando as flores e os frutos. A minha sensibilidade, formada de elementos diferentes e enriquecida de novas aquisições, irritava-se por estranhos motivos, o meu juízo de bem procedido, de prisioneiro de certas reservas, caía em colapsos... O ser tresvariava-se com aquela irrupção dos sentidos de procriação, descontraídos de tudo quanto pudesse cercá-los ou obtemperá-los.

O que me saltava das veias, o que se me intercalava na mente, alterava-me profundamente o quadro da personalidade. No meu psiquismo, a antecipação da matéria exprimia-lhe as crises da inconsideração e da cegueira... “La puberté, dit-on, est l’âge ingrat. Or l’âge vraiment ingrat commence bien au-delà de la puberté, à dix-sept, à dix huit ans. Un garçon de quinze ans est un enfant”²⁸, afirma-o Henry de Montherlant. E muito convencido da realidade de sua falsa descoberta, o psicólogo retoma mais adianta o seu asserto: “Dans aucun de ses âges, l’homme ne contient autant de bêtise qu’entre dix huit et vingt ans”²⁹. A verdade é que se poderá recuar aos quatorze anos, senão antes, essa fase crítica para o menino brasileiro, que é um infeliz antecipado. Montherlant poderia inteirar-se da precocidade de que é sobretudo o grande responsável o sol levantado em nossas latitudes, a alvoroçar o sangue misturado de néos peninsulares, incrustados nas vizinhanças da equinocial, a qual se faz tudo apressar...

De outra parte, quanto é certa a observação de Remi de Gourmont, que, um tanto cínico, não esquecia a razão direta das cousas nem o seu aspecto por vezes bem revoltante, para ser contraditório ou ilusório: “Les platonistes oublient vraiment trop que l’amour est une phisique avant d’être une rêverie...”³⁰.

Não aproveita, contudo, contar, servindo-se da precisão de escabrosas minúcias, mesmo para documentar as fichas de análise física do famoso neurologista moravo, quando e como foi ou não foi a cena capital da crise de que experimentei, da infância para a

²⁸ “A puberdade, diz-se, é a idade ingrata. Ou a idade verdadeiramente ingrata começa após a puberdade, aos dezoito anos. Um garoto de quinze anos é uma criança”.

²⁹ “Em algumas de suas idades, o homem não contém tanta bobagem quanto entre dezoito e vinte anos”.

³⁰ “Os platonistas verdadeiramente esquecem que o amor é de natureza física antes de ser um sonhar-acordado...”.

mocidade, o precipitado consumo, no arroubo do adolescente pronto à iniciação do mistério genesíaco. Desde que certos sentimentos do começo, engendrados e como recalçados através do corpo em formação, coincidem na surpresa e enleio assustoso dos sentidos vitoriosos, encaminhados à aglutinação dos sexos, desvenda-se a vida nova. Vai tombando a casca premonitiva de impúbere, no alarme das emoções recém chegadas, vestindo outras percepções de animalidade precípua e mais acentuada no segredo da sua resultante carnal... Num repente de precocidade a larva se reveste da forma da linfa; cai o pano fora da hora; o homem reincorpora-se ao universo, embaraçado nos obstáculos que encontrou ou desenvolveu tão prematuramente... A continuidade forja-se em elos do sobressalto que, pelo mais das vezes, nada lhe aproveitam... Poderia fotografar-me no físico e no moral dessa época, copiando o retrato que o jesuíta francês traçaria do menino de muda para homem feito: as mãos e os pés espessados, a cabeção e os outros membros mal ajustados ao corpo, o gesto esquerdeado, a voz hesitante em busca do registro definitivo, o bigodezinho com o seu ar de novidade e no fundo do ser o borbulhar de um fermento novo.

Jules Payot em “L’education de la volonté”³¹ dava como causas excitatórias da sensualidade, uma propriamente devida ao apelo violento dos órgãos que a presidem, outra à alimentação exagerada, à frequência dos cafés e às salas de curso de pesada atmosfera, ao automatismo do meio sono das sextas e manhãs, à tendência a ideias vadias, congraçadas a suas imagens de excitação, mais prementes e inseparáveis. Bem raros os que escapam a isso.

O frangote no Brasil, entregue a si, colhido nos excessos do carinho, perdido por envites, e modelado à feição de certos exemplos, não tem senão que estender a matriz do seu espírito a tão depravados e poderosos motivos e agentes. Repito, nada adianta, nem particularmente interessa, a confissão da estreia que me coube, aproveitando do que a natureza permitiu, ao oferecer-me o ramalhete de ardores com que se compôs a primeira cena inicial de cumprimento aos ditames da nossa puberdade.

A organização social embrechada de negros e mestiços, tudo facilitava nessa matéria e quase que uniformizava o que se passava em torno do objetivo de tão naturais e

³¹ Jules Payot (1859-1939), educador e pedagogo francês que publicou, dentre outros livros, *Educação da Vontade*, volume que recebeu muitas traduções e edições logo após sua publicação.

precoces disposições do Menino e Moço brasileiro. Quando não servia a cabocla de casa, não escapava a mulata da estalagem... Wanderley Pinho, neto de Cotegipe, armado da rica documentação, que tão airoso dispõe e aproveita, entrando pela vida afora do conselheiro Saraiva, descobriu os primeiros amores do baiano com uma cria parda da madrinha. O jovem historiador parece ter indicado com isso as circunstâncias gerais com que passássemos preliminarmente debaixo das forças caudinas de nossas primeiras submissões à lei do sensório. Os amores ancilares ofereciam-se no recheio de onde se precipitaria o travesso e desperto machozinho, iniciado na sua nova aptidão fisiológica. Próxima a estopa besuntada de breu, e seria o bastante para petiscá-la o fogo da faixa mais vizinha...

De asas cortadas à minha inocência, não poderia escapar-me à reincidência na trilha aberta, se bem que certas disposições de natural remitência houvessem limitado bastante a febre que essa inauguração importava. Nessas alturas definir-se-ia do mesmo modo a explosão de contatos, quando o terrível segredo da animalidade do homem se repete, desvendando à custa da colaboração da ação e em proveito da satisfação recíproca, no círculo fechado de suas imperiosas manifestações, assentes no seu novo transe. Várias circunstâncias do nosso meio social favoreciam as numerosas mensagens em que a natureza é tão fértil, soprando-a aos inocentes, contra os quais tão precoce e materialmente conspira e se rejeita...

A ancila ou cria de casa ou do vizinho seria, no país entregue à continuidade e intimidade do serviço escravo, o instrumento mais fácil e propínquo com que se resolvesse a obcecação do drama orgânico, pansexual, tentando a operação de suas primeiras provas e atracadelas. Não deveria, portanto, eu a esse respeito, ter variado muito dos brasileiros do meu tempo, subordinados às condições do ambiente, confeccionadas por gente caracteristicamente sensual, como o português, o negro e o ameríndio dos quais descendemos, na perigosa e cru versão do menino para homem.

Deveria essa fase de trânsito e fixação suscitar ocultamente suas tempestades, despedir os seus raios, multiplicar as altas e baixas barométricas, e obrigar-se a suas instâncias, na subsequência do mesmo objetivo da casualidade nascente. O colégio beneditino e o Museu do Campo puseram distrações sadias, abafando certas manifestações

no efluxo das forças novas e incôngruas que me saltaram, antecedendo a formação moral do mancebo irresponsável e já completo nas suas funções reprodutoras. O brocado popular: - A ociosidade é mãe de todos os vícios - compendia todo um maciço tratado de moral. Devo a Frei Lourenço e ao Doutor Ladislau certas barragens de benéfica interrupção à radiância desse “Demônio do Meio Dia”, que é, sobretudo um mau arcanjo brasileiro...

Ladislau Neto, alagoano inteligentíssimo e de excelente físico, o qual, com grande habilidade para o desenho, como o Barbosa Rodrigues dos Crixanás e do “Sertum Palmarum”, a aproveitou na curiosidade da botânica, foi bater com os ossos em Paris e em Liège, onde frequentou os meios científicos e apanhou um diploma. Com a proteção imperial foi ajudante de Emanuel Liais na exploração do S. Francisco, ao voltar dos seus estudos na Europa.

De chefe da seção de botânica no Museu Imperial fundado por D. João VI em 1818, não custou gargalhar-lhe a direção. Esse estabelecimento, em 1887, já havia de há muito sido transferido da “Casa dos Pássaros”, no Campo da Polé, para aquele casarão do Campo da Aclamação, em que o encontraria a República.

Como aquecer o tipo prestigioso, seletivo e pousado do conselheiro, doutor Ladislau? A bigodeira grossa, então mais curta, guarnecia-lhe a boca de um chumaço ouriçado e pontudo à força de cosmético. Sob as grossas sobrancelhas de supercilioso tinha o olhar arguto e sensual. Com maneiras altamente insinuantes, distintas e polidas, era o nortista contracunhado na preguiça das sestras na rede, dos vagares nirvanísticos, ouvindo o pássaro ou mirando a flor, amigo inveterado dos petiscos pesados e copiosos, como a feijoada completa, o angu de quitandeira, a fritada ou a moqueca de sururu ou camarão, o quibebe apimentado, o badejo recheado, porém, capaz de grande atividade quando o despertasse o interesse da ciência, sobretudo desde que isso o enchesse de honras e dinheiro. Em, 1887, rastreando os cinquenta anos, estava já bastante pesado, dado a longos e invencíveis cochilos e bocejos na poltrona, depois das refeições...

Natureza de epicurista, ensaiada quanto aos prazeres da mesa, nas delícias do sururu e do leite de coco, era o Ladislau um grande apreciador e amigo do sexo feminino. O seu espírito e sensório, afiados no exame e estima do mundo floral, davam-lhe especiais disposições para tomar dessa outra espécie de flores e ir ajuntando-se e secando-se no seu

herbário sentimental. Mesmo quando perderiam a cor e o perfume, tinha para elas o luxo de conservá-las, nem que fosse para compará-las a outras, no gosto do botânico que escolhe os seus exemplares para confrontá-los ou deixá-los de lado, entreguei ao cemitério de rótulos da taxinomia. Bastante agudo e espirituoso, viu-o sempre particularmente amável com as mulheres, para as quais tinha a palavra fácil e deleitosa. A minha tia Eliza, formosíssima trigueira, ainda solteira, havia executado, com toda a paciência, um vestido totalmente feito sobre o fundo de cetineta num trançado de barbante. Recebeu-a o Ladislau com este pensamento libertino, mas bem apropriado: “A garoupa está na rede. Que afortunado pescador há de tirá-la das malhas de croá?”. Afagando a menina remelosa e espantosamente feia, não pôde o Ladislau reprimir a frase que se lhe precipitou distraidamente dos lábios carnosos: “Que monstrozinho!”. E imediatamente emendara, retrocedendo com a graça repentina e contraditória, que lhe corrigia o que havia de verídico na espontaneidade da observação anterior: “Que monstrozinho... de beleza!”.

As suas anedotas eram sempre escolhidas e como cobertas de um pólen de cínica ironia. Tinha uma coleção passada na oficina de pintores de Montparnasse e Barbizon, nos laboratórios dos museus e nas mansardas de Mimi e dos estudantes do Quartier Latin. A sua estadia na Europa refinara-lhe os traços salgados de um grande voluptuoso. Astuto e materialista, era, com efeito, o seu fraco o feminino. Tinha por ele um gosto de amator e colecionador de orquídeas, ou plantas carnívoras.

Com o prazer de distinguir o estame de uma crucífera, o labelo de uma labiada rara sob a sua lente de botânico, tinha o de descobrir e apreciar o dom gracioso da mulher com quem sem mais compromissos se entretivesse a conversar na borda do sofá ou na mesa da merenda. Intuitivo, reverencioso e insinuante, sabia toda a gama de agradar, tecendo com toda arte dos palpos ávidos e macios os fios que sabia estender à sua presa e dosar cabalmente para tudo aquilo que lhe servisse a merecer a atração alheia. “Este Ladislau não passa de um marau de polpa...” costumava dizer a D. Panchita, descobrindo-lhe as manobras de caça e pesca, nos terrenos proibidos da sedução em que andasse furtivamente operando... Hoje ao sedutor dar-se-lhe-ia o nome vulgaríssimo de pirata.

Residia o Ladislau Neto no edifício do próprio Museu, onde, à noite, nos reuníamos frequentemente, à mesa do chá, com biscoitos de fubá mimoso ou goma de mandioca. Um

episódio tristíssimo e subitâneo marcou, certa vez, a ceia que o espírito de escada-abaixo de D. Iaiá Ladislau trazia sempre muito alegre e animada.

“Ria tomando chá em torno a mesa

Da sociedade a flor”

como dizia Gonçalves Crespo, traduzindo Heine. Um moço em visita à minha frente contava das suas viagens recentes na Europa e dos seus projetos de futuro. Alvo dos gracejos e referências das moças presentes, vi-o de repente empalidecer, atufado na sombra glacial que, de repente e definitivamente lhe espancou a luz dos olhos, antes alagados no fluido ardente da vida em que se banhavam.

Dispunha-me a observar à tia Elisa o poupasse, no jogo de farpas que amistosamente lhe desfechava, pois o rapaz, que era solteiro e dos mais tímidos encalistrava com toda facilidade, quando ele caindo para o lado, se espichou sob a mesa, como figurado em gesso. Ergueram-se todos para acudir ao sucumbido repentino. O pobre não era mais que um defunto. Há o quadro macabro de Orcagna, em que se representa a morte suposta invisível, tocando um alaúde, em meio aos cavaleiros e damas que discreteam, rindo... Dir-se-ia andar a foiceira a segredar a cada um palavras do velho de Cós: *Vita brevis*³². Dessa vez, nas mesmas condições, não guardara mais o sigilo a senhora harpia do Basta; Mortal!, errando entre nós, tomando chá conosco, ao estalar das torradas na casa do Ladislau...

A morte apareceu-nos nessa noite de jovialidade e despreocupação, dando-nos a mais terrível das lições, a do capricho da sua instantaneidade do raio inesperado e liquidatário. Com que desembaraço e hórrida frieza, a Morte arrancava da juventude o seu trono de ilusões, o seu tesouro de aquisições e referências, a coroa perfumada, nupcial e virente das nossas esperanças! Nunca ela me pareceu tanto essa tenebrosa e insuportável cortadeira de espigas inda na erva, a companheira dos festivos convivas de mestre Orcagna, aquela que deveria mais tarde arrebatá-lo em tão pouca idade... A alegria do lar do Ladislau, sustentada com as saídas de D. Iaiá, sobreara-se de repente com essa cena de tão funérea repercussão. Cortou-se a barra da jovialidade e o ar de festa noturna de um tétrico arrepio. O anjo escuro, cego e mau de última Arfada raspou a todos nós com a sua

³² Em latim: “*vida breve*”.

asa gelada, dando em lugar bem impróprio o sobreaviso do “momento mori”³³ ... O corpo morto, debaixo da mesa, fez de resto da ceia num banquete de canibais.

³³ Rangel não se furta a empolar-se em erudição, nem sempre atenta ou precisa. Subentende-se pelo texto que o autor quer dizer nessa expressão “momento de morrer, instante da morte”, porém a construção latina utilizada não o diz, não segue as regras gramaticais do latim. Possíveis alternativas corretas seriam *momento moriendi* ou *momento mortis*, mas não com o infinitivo do verbo morrer, *mori*, como grafado por Rangel.

12. O ÍDOLO DE OURO

Ladislau, o mais urbano e atilado dos homens, era um relaxadão de marca, não tinha ordem em cousa alguma. A sua erudição fizera-a também assim: o que ele apanhava à primeira vista entrava logo na cachola e aí se instalava de qualquer forma. O seu gabinete de trabalho refletia-lhe o cérebro em desordem. O Museu sofria bastante de feitiço improvisado e desordenado do seu diretor. Mas, as ideias eram muitas e felizes: a reforma do Museu, em 1876, as lições públicas dadas nesse estabelecimento, e que seguiam a tradição de Silveira Caldeira, em 1823, a publicação dos “Arquivos do Museu Nacional”, a Exposição Antropológica realizada em 1882, as pesquisas nos sambaquis ou ostreiras do sul e nos cerâmios paraenses.

Em 1887, encarregava-me o Ladislau de pôr-lhe ordem na barafunda do escritório. Viu-me num cafarnaum. Os livros e a papelada solta de relatórios, comunicações, estudos e informações extravasavam das estantes, gavetas e mesas, enchendo o chão de colunas vacilantes. Mas, bastante aproveitei, manuseando os montes de revistas, correspondências, livros e in-fólios que lhe atulhavam literalmente a sala do gabinete. Uma e outra noção, apanhadas naquela anarquia e esboroo, me ficaram, sem que me custasse a útil aquisição senão um breve relanceio de olhos. E isso me deu um extremo gosto pelas ciências naturais, conciliando o que lia com o que muitas vezes via nos armários das salas públicas do Museu, nas mesas dos laboratórios dos preparadores...

Cheguei mesmo a lançar em caderninhos muitas notas botânicas e etnográficas, que a minha fresca observação de menino, recolhia aqui e ali e sobretudo nas conversas com o Gustavo Rumbelsperger, velhote, alemão, mais seco que um bacalhau de porta de venda e cuja peruca ruiva sempre de través muito me intrigava, em homem tão bem arranjado e despegado de tudo que não fosse seriado e em boa ordem. Naturalista-viajante do Museu Nacional desde 1884, explorava os depósitos unerários [sic] de Marajó e era altamente informado do que se passava nos nossos sertões mais longínquos. Flores, insetos, matutos e índios, ele os conhecia, com esse amor arraigado do homem de ciência, excedido no gozo de suas observações dos entes mais próximos da natureza que reagiam no seu meio original. Tinha o germânico muito de pueril, sem quase consciência do que se passava no mundo de mais real, mais proveitoso e mais humano, como fossem a política e toda espécie

de conflitos sociais, incertos no drama da civilização que tateávamos. Mais o interessava o gravatá, espigado de róseo, que Guilherme I, a serra dos Órgãos ou certo canto da praia de Imbituba, na Ilha Grande, que toda a Prússia em peso.

A sua candura era infantil. Como o chinês, não tinha quase a noção do tempo, desde que o perdesse, examinado um caco de louça primitiva ou um besouro efêmero. O olho no microscópio dilatava-se-lhe como pasmado pelas espiras de novas nebulosas, quando às vezes o focalizava sobre uma asa de meruim, o folículo de uma conclopermácea. Esquecia-se de comer e de beber para ver cousas de nada. Era comum ouvir dizer-lhe, coçando o chinó: “Casca do Prasil é azeda e dá muito picho, não bresta; o miolo é mais abroveitável”.

Não sei se isso afirmava com o duplo sentido de ver um dia o nosso interior tomado, ocupado e aproveitado pelo senhor de Bismarck! Não gostava de gente de cor, principalmente de mulatos, o que o fazia um pre-ariano, à moda de “Mein Kampf”³⁴. Não me acodem os termos exatos das proposições com que os condenava, mas sentia-se que para ele o mulato, sendo uma ruptura do compromisso divino da conservação da pureza das raças, encartava-se na civilização para a comprometer, no desequilíbrio da mescla que o desproporcionava.

Quanto aos índios, tinha a mesma opinião de Ihering e do Lutz do Museu Paulista: “Pom barra nada!”, como ele dizia, individualizando-se no acento teutônico, que o fazia um tanto cruel, na sua tolerância e boa fé quase sempre tão bem empregadas.

Posteriormente, certos animais, amigos do consta e da superfície, presumidos da agudeza e alcance da trombazinha embotada e curta, ignorando minhas antigas aquisições e influências recebidas no comércio com Loëfgren, Neto e Rumbelsperger, descobririam que as minhas relações com as ciências naturais datariam do “Sertões” de Euclides da Cunha, cujo estilo, segundo eles, me caberia imitar...³⁵

Meses e meses passei, em 1887, nessa lida de arranjar o antro do doutor Ladislau. Dona Iaiá, a sua esposa, rodeava-me de um carinho maternal, embuchando na fartura das suas opíparas merendas e gulodice de rapaz. A goiabada de Campos, a geleia de araçá, o bacuri, os cajus e goiabas cristalizados do norte apareciam à discrição. Espirituosa, os ditos

³⁴ Referência ao livro escrito por Adolf Hitler, *Minha Luta*.

³⁵ Rangel antecipa a pecha de “imitador ou discípulo de Euclides da Cunha” que lhe caberia à exaustão na posteridade.

e saídas dessa senhora eram de sainete um pouco vulgar, porém, dos mais engraçados e espontâneos. Despedindo-se para dormir, D. Iaiá dizia a rir: “Vou atirar-me aos braços de Morfeia”. A sua condição de esposa honesta não lhe permitiria compartilhar o leito com o deus da fábula. Mudava-lhe então o sexo, alterando-lhe o nome em tão horrível equívoco. Nunca se referia à capital da Califórnia, em cuja Exposição o marido representara o Brasil, senão pelo nome de “Chiobro”, que assim deformado em suas últimas sílabas lhe parecia muito menos rebarbativo. Dando instruções aos criados sobre o modo de servir, recomendava-lhes: “Primeiro as visitas... por mais vis que sejam!”. Certo objeto de uso noturno merecia-lhe o eufemismo digno de ser invejado da baronesa de Canindé, a “preciosa ridícula” dos fins do Império. Tratava-o de “vaso das precisões indelatáveis”. Para ela o gabinete particular, que não passa de popular “casinha”, tomava o nome que emprestava das suas recordações de Lisboa, chamava-o: “Palácio das Necessidades”. Perguntando-se-lhe uma vez qual a diferença que havia entre o tato e a polidez, ela explicava. Se entrasse inatentemente na sala de banho e aí encontrasse um homem já despido, a polidez mandar-lhe-ia dizer: “Desculpe-me, senhor, a inadvertência”. Mas o tato, muito mais avisado, aconselhara-a exclamar: “Perdão não tê-lo visto!”.

Vestia sempre de preto e no desalinho que lhe ia de par, por pouco caso às imposições e fanfreluches da moda. Interrogada por que não usava outra cor, respondia: “Ando de luto pela morte do meu próprio bom gosto”. Sofria de uma enfermidade inflamatória e pruriente na epiderme das pernas, que cobria de polvilho. Às vezes encarregava as amigas em visita mais íntima de coçá-la com um pedaço de cartão. Sabendo-se muito feia, socorria-se do espírito e de bom humor para melhorar a impressão rápida e desconcertante que deixasse, com a sua máscara e invólucro muito mal arranjadas. Honestíssima, destampadamente franca e de rigorosa lealdade, não suportava o exagero do que se chamam as boas maneiras, nem certas reservas de linguagem mais dispensáveis. A sua vivacidade fazia rir, estimulava a conversação, atraía as relações, quando não refrigerava a cálida presunção de certos toleirões mais hipócritas e inchados de sua pessoa. À sedução de suas raras qualidades não se eximia a própria Princesa Imperial, a condessa d’Eu, sua protetora e constante amiga dos bons e dos maus dias... Não me distinguia ela do seu filho, o Zizinho, poucos anos depois falecido e cujo talento, bem herdado, anunciava a

continuação do que falcava nos pais. Muito esperto, malicioso e traquinas, ameaçava esse rapaz esvaziar o depósito dos impressos do Museu, espalhando as pilhas das publicações lá encafuadas nos “sebos” da rua São José.

Se não fosse ele, os papirógrafos, inimigos capitais de nossa civilização, teriam tudo devorado, sem que ninguém os aproveitasse. Prestava, pois, um serviço de salvação e propaganda, com a sua distribuição, a qual lhe deveria ser bem paga e não apenas recompensado com o preço miserável que lhe davam os livreiros de segunda mão, aproveitadores da modicidade dessa chuva de brochuras oficiais tão valiosas.

Pela altura dos dezesseis anos, o homem mais do que nunca é uma cera. A sua consciência tem alguma cousa de um disco de ebonite pronto para registrar a voz com que se o impregne e valorize. A fim de se deixar calcar por qualquer cousa que o impressione, ele chega a inventar influências.

E acontece, muitas vezes, que as influências más por vezes tornam-se boas, criando a moralidade da repugnância em que se reflitam. Zizinho, nesse sentido, foi-me um útil companheiro. Pilhando os calhamaços do Museu, ele acabaria por me dar nojo de andar no ensejo e na sorrateirice deste exercício ambulante e desonesto, de apropriar-me do que não me pertencesse. Zizinho amigo, teu exemplo, era bastante corruptor. E não sei, por minha parte, como pude resistir diante aquele ídolo peruano ou mexicano de ouro maciço, que pesava talvez um quilo ou mais e tinha a dobrar-lhe a valia a antiguidade e as condições da sua origem, achado por mim nos guardados do Ladislau.

A pensar nele tremo pelo destino de tantas riquezas nossas, como a “Bíblia de Mogúncia”, o “Lusíadas” da primeira edição, certos exemplares de numismática, objetos preciosos de culto e raríssimos manuscritos e estampas conservados em igrejas e conventos, em arquivos ou museus oficiais ou semi oficiais, no Brasil...

Afonso Taunay consignou que o primeiro livro das atas da vereança de São Paulo e de Santo André da Borda do Campo se extraviaram e que o arquivo de Minas Gerais foi desfalcado de muitos de seus mais importantes documentos. César Marques, a 28 de Abril de 1893, protestava em sessão do Instituto Histórico e Geográfico contra os “grandes desfalques” na biblioteca dessa associação; a sege do Paço, que o povo conhecia por “monte de prata”, vi-o aos pedaços abandonados num recanto do palácio da Quinta da Boa

Vista, depois que a Exposição de Chicago o devolvera ao Brasil; aos paços imperiais não ficaram indenes do roubo, do extravio e da destruição; os medalhários Guinle e Bernardo Ramos, a pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes sofreram de pilhagens supervenientes; o original da “Poranduba Maranhense”, desaparecido do Instituto Histórico Geográfico, salvou-se na cópia do coronel Cunha Júnior; o metro-padrão em platina esvaiu-se do Observatório Astronômico, sendo encontrado abandonado e desconhecido na Casa da Moeda, as estampas da flora de Frei Veloso forraram as barretinas dos soldados franceses e transformaram-se, no Rio de Janeiro, em papelão; os mapas e levantamentos topográficos feitos pela Comissão Demarcadora dos Limites, entre 1781 e 1800, no Pará, foram encontrados em Buenos Aires!!! E assim por diante.

Deparei a preciosidade arqueológica americana, o ídolo de ouro, esquecido pelo Ladislau, embrulhado num papel pardo e perdida entre folhetos, no canto da prateleira, onde o relaxamento do naturalista o abandonara. Que fluidos espalharia esse deus tolteca ou asteca, para que viesse eu a descobri-lo no fundo da livruxada do alagoano? Nas minhas mãos de menino, a imagem arcaica dobrou o seu estranho esplendor. O demônio da tentação, com a cara do Zizinho, enrolou a cauda peluda na estatueta e pôs-se a ciciar-me todo carinhoso e piscando-me os olhos: “Este boneco exótico, trocados em cédulas do Tesouro Nacional, conceder-te-á muita coisa bonita, muito maço de cigarros *bird eyes*, dar-te-á a conhecer certos gozos que te farão igual a mim, velho suscitador e realizador das alegrias e loucos prazeres, que tu não supões nem conheces bem. E as polacas, muito gordas, esbagachadas nas gelosias da rua Sete de Setembro e as charutarias venustas da rua Gonçalves Dias repassavam-me nos olhos, ostentando as suas graças vendáveis de Libitina. Não te custará nada... Um pouquinho de desembaraço e resolução e terás ao teu alcance as Sete Maravilhas do Mundo, todo o lupanar da Babilônia...”. Eu tremia e não queria ver nem ouvir mais. O áureo calunga pré-colombiano continuava a instigar-me, todo blandicioso. “Como ao Zizinho, não te acontecerá nada. São cousas de criança que ninguém punirá. Alienado, que seja, acabarei fundido no cadinho de um ourives. Não deixarei traços...”. E o ídolo luzia como o diabo punha fogo pelos olhos, vestia-se de um clarão de segurança, refletido no seu envite e parecer de malversação e conivência... Nos meus dedos escorria da inapreciável estatueta uma substância que os queimava e enviscava.

Por fim, não sei de onde me veio a força, que me pôs muito contente comigo mesmo, e foi como um jorro de água lustral, lavando-me de todo o resquício desses pensamentos impuros e ímprobos. E, quando apareceu o doutor Ladislau, entreguei-lhe o objeto salvo do combate entre o bem e o mal, a luz e as trevas, Ormurd e Ahriman, São Miguel e Satã...

- Achei isto, por trás de uma resma de ofícios... Não sei o que venha a ser... Pesa como chumbo... Comuniquei-lhe, entregando o objeto grotesco, hierático e precioso.

Entreabrindo o embrulho e arregalando os olhos pestanudos, subitamente atravessados de um raio de grande surpresa e satisfação, Ladislau resmoneou, trazido ao mesmo tempo de susto e satisfação.

- Ah! Com todos os diabos! Já não me lembrava mais onde parava esse maldito manipanso...

13. O CRÂNIO DE LUND

Deixando o ídolo asteca ou tolteca, vem-me à lembrança o crânio fóssil da Lagoa Santa, exposto numa prateleira de armário do Museu Nacional. Certa vez o naturalista-viajante Gustavo Rumpelsberger designou-me nestes termos: “Veja como é mais pesado que os outros... Foi contemporâneo do cavalo fóssil e de tantas outras espécies extintas. É o vovô do Brasil, o Homem do Sumidouro, bem mais velho que o Homem dos Tabaques. Não há crânio de esquinas ou patagônio que lhe seja superior em dolicocefalia...”.

E apurava-se a atenção, procurando reproduzir e acentuar o desenho desse fragmento do antepassado petrificado: “Tem as arcadas superciliares como que inchadas na fronte baixa de um gorila. A gabela proeminente... O seu tipo craniano alongado não engana. Deve ter existido a três mil anos, quando se deitou no leito mortuário, como ele, contemporâneo do paleolítico...”.

O velho naturalista, coçando a peruca ruiva, sem nenhuma dúvida de que apenas se tratasse do pai dos Gês ou de um ultra botocudo, e, referindo-se aos homens de Cro-Magno e de Neanderthal, explicou-me a importância científica e contou-me a história do resto humano desse vizinho do Photopithecus, depois de descoberto no seu remoto jazigo mineiro, próximo da Quinta do Fidalgo, no município de Santa Luzia do Rio das Velhas. Pusera-lhe a mão o célebre doutor Peter Lund, botânico, natural de Copenhague, e [ficado] no Brasil por fraco do peito como Henry Koster e haver encontrado, em 1834, em Curvelo, Minas Gerais, um fazendeiro de Porteirinhas, três léguas distante de Curvelo, certo Pedro Claussen, seu patrício, conhecido entre os tabaréus da localidade por Pedro Cláudio Dinamarquês, o qual chegara ao Rio de Janeiro, vindo de S. Catarina, a 23 de Fevereiro de 1827.

Este animara o sábio seu compatriota a situar-se no clima seco da Lagoa Santa. O crânio fóssil viera ter ao Museu, não conhecia Rumpelsberger bem de que maneira, se oferecido diretamente pelo doutor Lund ou por alguma porta travessa...

Ora, a 14 de Outubro de 1894, o primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro depunha na longa mesa das suas sessões, que então se realizavam, por favor imperial, no antigo convento do Carmo, sito do Largo do Paço, essa preciosidade da paleontologia nacional. Segundo os próprios termos da ata ele fora “examinado, sendo

devidamente apreciado” pela meia dúzia de sócios presentes a tão macabro aparecimento. Que poderiam ter notado os venerandos personagens, inclinando-se sobre o fragmento do esqueleto do indivíduo pré-histórico, senão o que eu vira sete anos antes, indicado pelo dedo sábio do velho Rumbelsperger?

A falta do maxilar inferior, os molares salientes, a fronte baixa e inclinada para trás, as órbitas quadrangulares, as bossa parietais salientes, um único dente, o segundo molar esquerdo no renque dos alvéolos vazios. E ainda o aspecto metálico bronzeado e na região temporal direita a marca do golpe que teria causado a morte do indivíduo muitas vezes milenário. O doutor João Batista Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, que o tinham estudado, atribuíram-lhe trinta séculos de existência. Os antropologistas consideravam-no como pertencente a um homem de trinta anos no máximo.

Mas, que se passara, entretanto, para que o crânio de Lund, depois de ausentar-se no Museu Nacional, a cujas coleções pertencera, segundo a declarava Lacerda em 1881, viesse rolando até se encontrar de novo tantos anos depois, na mesa das sessões do Instituto Histórico, entre os suspiros de alívio dos sócios que tanto o reclamavam?

Em carta de 21 de Maio de 1844, o sábio dinamarquês finalizara uma carta ao Presidente do Instituto Histórico, prometendo-lhe mandar um exemplar dos crânios de que se ocupava nessa missiva, afim de ser colocado no museu recentemente aberto no Instituto. Aguardava apenas uma condução segura para proceder a essa remessa.

O doutor Lund colheira esse crânio entre 1841 e 1843, na região compreendida entre o rio das Mortes e o Paraobeba, em meio de restos humanos e de animais alguns já extintos. Achava-o o “Pai da paleontologia brasileira” numa caverna calcária, situada em Minas Gerais, a três quilômetros de Santa Luzia, entre quinze outros, sendo que só cinco se achavam em bom estado.

Dos exemplares mais perfeitos Lund despachara três para Copenhague, um para Londres e o outro enviara ao Instituto Histórico. O achado do doutor da Lagoa Santa daria muito que falar. Estaria a ciência em alvoroço diante o problema da autoctonia americana, surgido com o resto do Homem do Sumidouro. Diferente dos crânios e o europeu pré-histórico, seria esse contemporâneo do Terciário ou do Quaternário? Encartado neste último, formaria na época da Rena, do Mamote ou do Hipopótamo? Circunstâncias

especiais apareciam ainda. O homem dos Sambaquis era leptorrino, enquanto o da Lagoa era mesorrino.

Seria já um botocudo como os que erravam em nossos dias, nas matas marginais do Rio Doce? A 1º de Outubro de 1845, o doutor Lund escrevia ao Cônego Januário Barbosa, indagando se o Instituto havia recebido a “caixeta que remeti há pouco tempo contendo um crânio, e mais alguns outros ossos humanos fósseis”. O Primeiro secretário do Instituto só acusou esse recebimento da “coleção de ossos fósseis humanos” a 21 de Abril do ano seguinte. Ora, esse crânio, por volta de 1875, foi parar no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sendo objeto de sérios estudos cranimétricos pelos dois professores desse estabelecimento, já citados.

Da memória intitulada “Contribuição para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil”, publicado no primeiro volume dos Arquivos do Museu Nacional, constam os dados científicos obtidos e pelos quais o crânio de Lund foi reconhecido mais doliocéfalo que os da Patagônia e os dos esquimós. Asseguravam os investigadores tratar-se de uma raça pré-histórica “contemporânea do cavalo fóssil e de outras espécies já existentes”. Interessante, porém, que os pesquisadores do crânio da Lagoa Santa dessem em 1876 a peça como pertencente ao Museu Nacional, pois declaravam abertamente: “O crânio fóssil da Lagoa Santa, uma das preciosidades da nossa coleção...”

Foi só em 1893 que surgiu a questão do crânio, tornado objeto da mais burocrática e renitente das reivindicações, por parte do seu legítimo possuidor, o Instituto Histórico.

Este em 1893, encarregou o conselheiro Alencar Araripe de saber do Doutor Lacerda como saíra do Instituto a peça pré-histórica que se reclamava. Ora, o Instituto deveria ser o primeiro a sabê-lo... Lacerda respondeu “que esse crânio saíra para ser examinado no Museu Nacional, ficando lá classificado entre os outros lá existentes”. Então o Instituto, tomado de um zelo dos mais tardios, pelo seu possuído, pois só se manifestou mais de quinze anos depois, resolveu reclamar a entrega ao seu patrimônio do crânio que Lund lhe oferecera. Dada a inversão dos papéis, autorizada pela forma com que o Instituto perguntara a Lacerda como fora parar o crânio no Museu, o Diretor deste reclamou ao Instituto os documentos que provassem haver sido oferecido ao Instituto o crânio de Lund. Ora, o contrário é que deveria ser, perguntar o Instituto ao Museu com que direito se

apossaram do que não lhe pertencia. Ao revide do Diretor do Museu, decidiu então o Instituto suspender o apelo ao Ministro do Interior para que intervisse no caso.

Somente a 6 de Abril do ano seguinte é que, em sessão do Instituto, lembrou-se o seu primeiro secretário da necessidade de deliberar-se sobre o caso do crânio da Lagoa Santa. Foi então posto a votos, se a peça fóssil deveria voltar ao Instituto ou remanescer no Museu. Havendo igualdade de votos ficou a decisão para a sessão seguinte. A 20 de Abril de 1894, recomeçada a votação, ficou assente, por seis votos contra quatro, que fosse removido para o Instituto o crânio em questão.

A 14 de Outubro desse ano de 1894 é que foi declarado em sessão do Instituto Histórico haver sido entregue a essa antiga corporação a dádiva do sábio dinamarquês. E por isso, rolaria de novo à mesa do antigo mosteiro dos frades do Carmo, onde se instalara por favor imperial o Instituto Histórico, o crânio do pai dos botocados, o mais velho de todos os brasileiros...

Em 1887 o seco e ruivo Rumbelsperger não imaginaria a que pleito estaria sujeita, indo de Herodes para Pilatos, a cabeça fossilizada do Homem do Sumidouro.

Dezenove anos, por entre reclamações e protestos de reivindicação conservar-se-ia o legítimo proprietário longe da fruição da sua posse. Também os vereadores de S. Paulo, em 1632, emprestaram o sino do Conselho da Câmara ao Vigário Manuel Nunes. Ainda treze anos depois o Procurador reclamava o sino, que afinal acabaria voltando ao Conselho, tal como a caveira do Vovô do Brasil tornado aos armários do Instituto.

Dar o seu a seu dono, que problema!

14. A PRINCESA IMPERIAL

Foi no Museu Nacional que vi, pela primeira e única vez na minha vida, a Princesa Imperial. Inaugurava-se montado no estabelecimento e posto bem no alto, no pequeno pátio interior que se envidraçara para esse fim, o esqueleto da baleia de que todo mundo falava; uma jubarte (*megaptera bosps*), encalhada numa praia da costa fluminense. Aproveitou-se para iluminar a festividade do Leviatan, reduzido à sua menor expressão, a descoberta de um alagoano, o qual se propunha a dar melhor luz às lâmpadas elétricas por incandescência, utilizando-se de uma fibra vegetal do Brasil.

Não custou que se lhe atribuísse a rivalidade de um Edison, na tendência muito patriótica de avolumar o mérito e importância das invenções nacionais, que, muitas vezes, na realidade não passam de fogo de palha ou de reclamo passageiro a certos espertalhões, abusando do público mais crédulo e inocente.

Ajudei a carregar os acumuladores da experiência do eletricista, em meio aos vapores de ácido sulfúrico e à fedentina da ossada colossal ainda reçumante do óleo do monstro aquático, desprovido recentemente da sua montanha de carne e de gordura.

De fato ficaria, nessa experiência de espanto, para inglês ver, a descoberta de Aladino, sujeita a ser tirada a limpo, pendurada a sua lâmpada maravilhosa nas costelas fétidas de descarnado e tremendo mamal, ao qual dava a aparência de um peixe volante, pulando ao luar nas águas oceânicas do jurássico.

A “lâmpada do Argimiro” não daria mais que falar de si, juntar-se-ia aos balões de Júlio César, do Nuro, do Patrocínio, e do Barrouin, sem esquecer a “Aeronave Projétil” do Sayão Lobato, ao “Projétil-foguete” do inventor Martins, ao “Electro-mareografo” do Índio do Brasil, ao “Velo-aéreo” de Jaguaribe Filho, aos “Electro-fono”, “Electro-serra”, “Ornychtyoide” de Magalhães Castro, o “gato dobrado” de Casemiro Rodrigues para largar minas e do “Transformador marciano” de Santos Dumont...

Muito interessada e regozijada do espetáculo, a Princesa teve palavras amáveis para o Ladislau e o eletricista curioso. Sua Alteza, bastante feia, não tinha uma bela cutis. D. Leopoldina e D. Thereza Christina contribuiriam certamente às imperfeições físicas da neta. Demais os pós e os cosméticos ainda não cobriam a mercadoria feminina, fazendo passar gato por lebre...

Mas, que dignidade e justeza na simplicidade de suas maneiras, como o sangue azul lhe botava nos modos esse dom de agrado, cujo equilíbrio não decorria do artifício das intenções prévias e calculadas! É no privar com essa gente, contra-firmada pela herança da altura e do mando, que se pode apreciar devidamente o que a natureza obtém e formula como conquista, no delineio secular dos seus altos planos de seleção.

Amigo e arquivista do seu filho, o príncipe D. Pedro, teve infinitas ocasiões de apreciar o que através mesmo da prevalência do seu rude acento de raiz bragantina havia de fino e gratamente apresentável no homem que trazia em si a responsabilidade de tantas gerações, incrustado na família em que se haviam mandatado as autoridades de seis povos.

Havia qualquer coisa de discrição na polidez que a tornasse como ainda mais apreensível e perfeita. Privando com esse Bragança-Orléans-Hasbsburgo-Bourbon, que nada tinha de um dulçoroso ou pisa-flores, quantas vezes me foi dada a ocasião de apreciar-lhe a qualidade excelente do trato, extremo de toda demasia ou flutuação. Nada de encomendado ou aprendido para tal ou tal fim. A vida se lhe obrigava no quadro que de antemão a regesse por seu meneio singelo de homem à homem. Cevando no gosto das viagens e fortalecido pelas seivas do ar livre, na pôpa do *steamer* para o Oriente, alumiado pela fogueira do acampamento em Mato Grosso³⁶, como no recinto da biblioteca do castelo d'Eu e no vestíbulo funerário do palácio Lambert, em Paris, nele a cortesia tinha adquirido a forma de uma segunda natureza, o produto da fonte longínqua que sempre alimentasse a corrente do regato volteada nas sinuosidades do prado. Qualquer coisa de indefinível, como linha correta de atitude, lhe acompanhava o gesto, corrido no acolhimento dos mais simples e amáveis.

O sorriso de Dona Isabel, a sua mão alongada no gesto de oferta ao beijo protocolar, que a supria, tudo o que floria no jogo harmonioso de seu aprumo e desembaraço nato e cordial, haveria eu de encontrar, com efeito, congregado mais tarde no terceiro Padre, mesmo quando ele arrumava na estante uma braçada de fascículos e brochuras ou berrava na janela, chamando pelos filhos... Outros o veriam da mesma forma, forrado do seu substrato de alta civilidade, quer naufragasse nas cachoeiras do Araguaia ou derrubasse na Índia, sob o olhar do maradjah estupefato, dois elefantes com o mesmo tiro!...

³⁶ Segue trecho ilegível no original.

Considerando a lembrança dessa mulher, que o destino designara para futura Imperatriz do Brasil, é de imaginar-se quantas probabilidades de felicidade ela nos traria se tivesse ascendido ao Trono, dando um chapéu à nacionalidade, impondo-lhe o respeito à arbitragem e intercessão do poder fora dos partidos, e emprestando o seu nome a uma época de grandezas como acontecera à rainha Vitória, talvez coroando a civilização britânica. Pelo menos apoiada em seus direitos majestáticos e dinásticos teria a senhora trancado ou protelado a ação dos miseráveis desordeiros, tenentes ou não, cuja série de revoluções tornaram o Brasil talvez o único país do mundo que as fez cada vez para pior!

15. SUA MAJESTADE EM CENA

À noite, na paz da casa do Campo da Aclamação, em torno do lampião caseiro, visitado por mariposas e besouros cascudos, quando não de algum morcego mais desnortado, as senhoras costuravam. Se não “batia na máquina” ou picava, com a agulha do chuleio, a roupa que mandava buscar ao Arsenal de Guerra a cuja paga servia para aumentar-lhe as parcas rendas do Bom Retiro, a minha mãe, dando-se ao luxo de distrair-se um pouco das fadigas do dia, pousava os olhos na leitura de algum livro de Feuillet ou George Ohnet.

Este último romancista francês havia invadido o país, tendo ganho suas falsas esporas de um grande cavalheiro das letras na sua própria terra. Ohnet inundara o Brasil com as suas novelas de história romanesca e as quais pretendiam rerepresentar a vida num folhetim de grandes paixões vulgarmente tratadas. Jules Lemaître, na “Revue Bleu”, acabou mostrando às escancaras o erro da opinião, a qual aceitava como produto de primeira classe o que não passava de um rebotalho literário, para que a reputação do autor de “Maître de forges” fosse apagando as luzes com que, inatentemente, lhe enfeitavam o galarim.

Valéry, brincando a seu modo, dizia ser-lhe impossível escrever: “La marquise rentra chez elle à cinq heures”³⁷. Ohnet, ao contrário, só se deleitava, alinhavando períodos desse jaez. O são juízo do crítico tardaria a chegar ao Brasil. Nossa importação nem sempre é facilitada para os produtos estrangeiros de maior escolha ou qualidade melhor. A baeta e o madraço são sempre o que tem mais saída, e não as sedas de Liberti ou os gorgurões e brocados de Lião...

Demais, André Gide já o dizia: “Toutes les grandes oeuvres d’art sont d’assez difficile accès”³⁸. Por vários anos continuaria o interesse pelos livros de Ohnet, o mais raso e convencional dos escritores de imaginação, mesmo os que proliferam na literatura inglesa, onde tudo acaba em suicídio ou casamento. A sua sentimentalidade artificial e melosa, o hábil manejo da ficção, o estilo fácil e prolongado no macadam das frases feitas atraíam sobretudo a atenção feminina, por mais aberta que fosse a sua inteligência ou as faculdades críticas de seu discernimento.

³⁷ “A marquesa adentrou em casa às cinco horas”.

³⁸ “Todas as grandes obras de arte são de acesso assaz difícil”.

A noite prosseguia em casa a sua queda e representação vulgar. A negrinha Porcina raspava laboriosamente a barra de chocolate, em vez de dissolvê-la por inteiro, mergulhando-a na água da chocolateira a ferver. Quando operava inutilmente essa rapa de atenção e paciência, candidatava-nos eu e os meus irmãos a algum pedacinho maior, escapo à cuidadosa rala da pequena crioula. Eu folheava algum livro de pedaços clássicos escolhidos. O Mário e Ana Olinda recortavam as figuras da “Revista Ilustrada”, forçavam a cadelinha “Selika” a estender a pata ou a saltar o arco de papel.

Se tentávamos segurar alguma borboleta crepuscular, avisava a minha avó, talvez menos com o intuito de poupar a vítima da crueldade dos três netos, que para lhes evitar a falta de sossego. - Meninos! Larguem essa infeliz falena! O pó das asas pode cegar... Da rua chegava-nos o eco bem cantado do vendedor de sorvete, de maracujá e dos jornais da tarde. O de bilhetes de loteria afiançava como ainda hoje: “Quem quer a Sorte Grande? Quem não arrisca não petisca. Cinquenta contos por dez tostões!”.

Fora isso, o que me seria dado ouvir nesses serões tranquilos e a memória perdeu, deixando tudo escapar pelo fundo do seu saco furado! Pequenos trechos da vida quotidiana, rápidos percebimentos da distante existência, casos curiosos ou cômicos e trágicos, referências a antigas figuras, quadrinhos do passado, tudo o que teria talvez o seu valor, dando o índice de nossas alusões, esperanças e decepções, servindo a aquilatar do nosso progresso possível ou pelo menos da diferença de nossas reações ou conformidades no destino!

Lembra-me essa visita a D. Pedro II, que a vovó contava, mal sofrendo as queixas conservadas de Sua Majestade. Com a ruma de filhas e sem outros recursos que os magros quarenta e tantos mil réis mensais do meio soldo do marido, via ela passarem-se os anos e tudo em volta melhorar e aumentar, menos a soma com que o Estado subvinha às necessidades, cada vez maiores, da viúva do soldado morto em seu serviço. A vida encarecera e se transformara, entretanto o meio soldo ficara intacto, inamovível e seco! Queixava-se a D. Panchita a uns e outros, esperando despertar os poderes públicos pela sua sorte, que era a de inúmeras viúvas de oficiais da primeira e segunda linha, os quais tinham deixado a pele e os ossos nos pantanais do Paraná e do Paraguai. Mas ninguém se abalava, embora todos julgassem um abuso a indiferença do governo. Até que alguém mais

experiente e avisado lembrara à necessitada dirigir-se pessoalmente ao Imperador. Aventada a ideia, entre outros, os conselheiros Godoy, este manifestaria a sua abalizada opinião, esclarecendo a minha avó sobre a inutilidade do seu justo empenho junto ao monarca. Fundava-se para isso, que o soberano era muito insensível por natureza, não se amolecia diante certos apuros das classes médias, sendo bastante infenso aos militares de terra a quem ele na sua fífia de soberano de soberano não gostava de prestar ouvidos. Nem tão pouco atender nas necessidades iniludíveis.

O ranço liberal e democrático do bom conselheiro vinha a fluxo, pondo reservas ao interesse por todos da parte daquele que, trazendo na frente o peso terrível da coroa imperial, não deixava de sentir na arca do peito bater o coração humano. Não é sobremodo extraordinário, que a esse valioso homem, o Dr. Godoy, ponderado, verdadeiro e bem intencionado, porta-voz do seu partido na assembleia legislativa, luminar da jurisprudência, ele mesmo uma “santa criatura”, não ocorressem outras razões para demover a minha avó da ida a São Cristóvão para obter a melhora do seu soldo?

Não seria mais equitativo que ele dissesse à Dona Panchita: - Não vá ao Imperador, minha senhora! Pela lei base que rege a monarquia no Brasil, ao monarca não compete nomear um contínuo ou varredor de rua, aumentar o ordenado de ninguém. Aos seus Ministros que é dado governar e administrar. E tão pouco não deve D. Pedro II intervir nas necessidades particulares de uns e outros. Figura que assim não fosse. Não faria outra coisa o Imperador senão adequar milhões de bocas de brasileiros à sugança do Erário. Não lhe sobraria o tempo para mais nada. A Coroa passaria intermediariamente a ser o polvo da nação, levando ao tesouro as ventosas das sanguessugas e parasitos que lhe suplicassem “um auxílio”. D. Panchita, dirija-se ao Ministro de Guerra, aos deputados e senadores do Rio Grande do Sul e decida-os a apresentarem um projeto de lei, incluindo todas as viúvas no seu caso. O país não se oporá a essa medida de justo socorro, impregnado da santidade da gratidão aos seus filhos mártires, escosidos e mortos nos campos de batalha, defendendo-lhe a bandeira... Mas, deixe Sua Majestade em paz...

Seria mais ou menos isso que o ilustre pernambucano, com tanto juízo na cabeça, deveria ter inculcado à velha amiga gaúcha, mulher do seu bom amigo Porfírio. Aconteceu, porém, que a dúvida sobre a piedade imperial não abalou a resolução da enganada minha

avó. Em dia de audiência em São Cristóvão, tomou uma caleche e, a “barriga à boca”, com que lhe pesava o último puerpério e arrecadado o farrancho das filhas menores em sua companhia, lá se foi a viúva à residência imperial.

Difícilmente pode a rogativa ter entrada no palácio da Boa Vista pela pequena porta, através da qual se escanchava numa cadeira o padre gordo, que não se arredara para deixá-la passar. Introduzido no casaréu da Quinta, errara o grupo feminino pelos corredores e salas à procura da varanda, onde deveria encontrar o soberano. Deparando um moleque descalço, a camisa abanando fora das calças de riscado, este indicara às nhamãs o lugar exato onde era costume, na varanda, passar o Imperador e deter-se para receber os que lhe desejavam falar.

Depois de alguma espera apresentou-se de repente, surgindo de uma porta lateral, o homem alourado e barbudo, que envergava a casaca de almirante toda enxovalhada nas lapelas, as unhas crescidas e nada cuidadas do sujo que as orlava nas mãos, que as meninas minhas tias muito haviam repugnado beijar. O imperador em carne e osso! A minha avó expusera o caso e estendera-lhe o memorial escrito que o referia e explanava as razões do requerimento. Com a voz fina que o caracterizava e as chapas de frases, com que era obrigado a intervir satisfatória e seguidamente nas mínimas cousas oferecidas à sua atenção, D. Pedro II, passando o papel às mãos do Mordomo, respondera: - Já sei! Já sei! Comunicarei ao Ministro da Guerra para providenciar na medida do possível. Pode ir ver a Imperatriz...

Estava finda a audiência, a que, tão mal orientada, tinha sido empurrada a minha avó. O convite para o encontro da Imperatriz tinha por fim proporcionar à suplicante o recebimento de alguns mil réis, que serviriam ao menos para indenizá-la das despesas da viagem, a S. Cristóvão, o pagamento da caleche, amenizando o indeferimento...

Desapontada, D. Panchita dispensou-se da espórtula, não quis apresentar-se à Dona Teresa Cristina, piedosa distribuidora das propinas, que deviam aveludar o ríspido efeito da inteireza do monarca reinante, menos poderoso que qualquer Presidente da República quando só abre à sua vontade as portas do erário, em auxílio e benefícios a correligionários, parentes e camaradas... Bem inútil, com efeito, a andada da viúva do Porfírio. Tinha razão o Godoy, mas por motivos mais legítimos.

O povo brasileiro incidiu no mesmo erro do Conselheiro. A ignorância relativa ao regime coincidia com o lapso do legista pernambucano que, aliás, sabia muito bem não ser uma atribuição legal do Imperador arrombar as arcas do Erário e pedir-lhe os recursos, que só a lei do orçamento poderia autorizar, por pena das dificuldades aliadas a fim de criar um fácil popularidade em prejuízo dos interesses do país, exaurindo-lhe os recursos na tapagem dos buracos das contas de cada indivíduo.

Não se estava em República, onde se facilitam certas vantagens, se multiplicam as sangrias do Tesouro, onde o poder detido transitoriamente, e sem ser garantido pela estabilidade da sucessão hereditária, apenas se delega da pretendida e ocasional vontade do povo. Pactuado de outros tantos conchavos em seu proveito e vaidoso dos seus sufrágios torna-se o funcionário dependente dos favores que se lhe fazem e cuja paga se inscreve numa letra promissória em favor de tantos felizardos. Que excelente lição prática de política e direito administrativo e constitucional perdera de dar o meu incomparável padrinho e conselheiro Godoy! Pouparia a viagem dispendiosa e cansativa da minha avó nos mangues de São Diogo, rumo de São Cristóvão, afirmando simplesmente isto: “Sua Majestade ainda mesmo que quisesse nada poderia fazer. Monarca constitucional e Poder Moderador, não está escrito lhe seja das atribuições fazer chover o maná dos ordenados e qualificações da Tesouraria nas cidades e campos do Brasil. Ele é apenas, pela vontade de Deus e unânime aclamação dos povos, o Unificador, o Árbitro, o Catalisador e o Fiscal da Nação e não o Caixa e Distribuidor da confraria dos necessitados e Mal Contentes da Sorte... É de lei, que em matéria de aumento das despesas públicas o Executivo tenha de apelar fielmente para o Parlamento...”.

Sobre as costas largas de D. Pedro II recairia, no entretanto, a carga dos amargurados queixumes de Dona Panchita e seus congêneres, como esse Ferreira de Rezende, Ministro do Supremo Tribunal Federal, que em algumas das páginas de suas memórias não perdoou a D. Pedro II haver feito a abolição indenizando os proprietários de escravos. Onde é que esse alto juiz da República, educado nas escolas do Império, veria a possibilidade de cousa semelhante como resultado da simples intervenção legal da vontade imperial?

16. INCOERÊNCIA NACIONAL

Inclinado quanto seja à cordialidade e à paz, é o brasileiro um entusiasta da Guerra. Com que facilidade a incita na própria casa, entre os seus irmãos, desencatilhando a sedição e a revolta, turiferando os seus heróis de insurreição, dos seus cabecilhas mineiros, goianos e mato-grossenses, nortistas e sulistas!... Com que interesse, na falta dos seus fratricídios, se ocupa e se embevece nas façanhas e probabilidades das lutas entre os povos!

Que tipo de trigueiro e adunco D. Quixote, excitado nas lutas dos seus ou da gente alheia, enterrado mesmo na poltrona dos ócios da leitura, diante do caruru e da goiabeira, palitando os dentes e enfrinhado nas chinelas de andar por casa! “A nossa gente é de índole pacífica”, afirmou Osvaldo Aranha, em 1938, no Rotary Club, ele próprio o organizador, desde 1925 da guerra civil de 1930, que tanto dividiu, ensanguentou, e entusiasmou o país. Pode ser que assim seja. Essa afirmação anda por aí, na placa de um pretendido truísmo.

Mas, em verdade, apaixonamo-nos por tudo quanto é briga, nós a pedidos dos jornais ou nos cerros e nos campos, que uma vez por outra o sangue dos beligerantes arrega e avermelha. Estirados nas redes ou esteiras, encolhidos nas varandas ou alcovas, no gozo soalheiro das cidades e viletas, dos engenhos, fazendas e sítios, a paixão da luta, o interesse pelo dize tu, direi eu, a tendência às soluções e represálias pelas armas brancas ou de fogo, anima-nos frequentemente.

Não perderíamos essa idiossincrasia no longo espraio da paz do Império, que é quase um eufemismo se nos pusermos a arrolar os distúrbios e conflitos em que nos demandamos, mesmo nessa época de calma aparente e prezada. Com os desaguisados eleitorais, questões de terras e ciúmes de influência proliferaram os ódios de família, os Moura Medrado e Cangussus, os Militões e Guerreiros na Bahia, os Pereira e Carvalhos em Pernambuco, os Dantas e Pessoas, na Paraíba do Norte, os Mourões opostos aos Lopes e Moreiras, Macius e Araújo e os Guabirabas contras os Liberatos, no Ceará...

Interessados a essas tropelias e desquites intramuros, acompanhamos sempre com a maior paixão os transe e resultados das guerras europeias e americanas. Para se falar em algumas do meu tempo, a do Chile, Peru e Bolívia, em 1879, a da Grécia e Turquia, a da Espanha e Estados Unidos, a da Inglaterra e Transvaal e as ocorridas entre 1914 e 1939 tiraram o sono aos bacharéis, funcionários e negociantes das nossas capitais, dos

agricultores e pastores do centro, dos caixeiros das lojas e carregadores nas esquinas, dos estudantes das escolas. Estes, em certo tempo, viam divididas as classes, para os proveitos da rivalidade, escolhida entre os povos combatentes... Na de 1914 não sossegamos, enquanto, de encontro aos interesses comerciais e econômicos mais diretos e próximos da nação, não nos arrolamos entre os inimigos da Alemanha, entrando com a ajuda da gripe, em Drakar, para o vasto holocausto do universo. E em 1944 foram enviados milhares de patrícios aos campos de batalha na Europa pelo simples capricho de um poder discricionário e todo pessoal, o qual entenderia dessa forma que nada lhe custava resgatar-se a tempo de antigos comprometimentos fascistas.

Ao lado desse empenho de simples amadores de pugnas internas e externas, subsiste paradoxalmente, entre os brasileiros, uma repugnância das mais estranhadas ao que mais nos tem abaixado e prejudicado, a peste do militarismo. Para não desprezar o concusso das menores cousas na explicação das maiores. Lembremo-nos que nosso povo dá ao “vaso da noite” o nome de “Capitão”. Não seria isso um traço mínimo dessa animadversão com que nossas gerações têm acompanhado com o seu pensamento de repugnância a existência e supremacia do soldado, apoio da justiça iníqua das alcavalas que o regalam!

A coincidência popular, sempre disposta a muito apreciar os incidentes das lutas armadas quaisquer que sejam elas, é, na realidade, profundamente antipática ao Soldado, em síntese. A prova, ei-la na dificuldade, que sempre assoberbou os nossos governos, quando tratavam de recrutar. Na guerra de Cevalos, de Artigas, na de Lavalleja, na de Rosas, como na do Lopez, não oferecemos senão recursos dos mais limitados à aquisição de voluntários para sustentar as necessidades das tropas nesse sentido, sendo tais combatentes adquiridos pela rede de um recrutamento forçado e de nenhuma escolha.

As nossas populações, sobretudo rurais, sempre se mostraram das mais adversas à conscrição. Fugiam para os grotões das serras, sumiam-se nas caatingas e cerradões, quebravam os incisivos para não poder morder o cartucho, e até como o descrevendo o maranhense e meu querido amigo Viana Ribeiro, a grande promessa de escritor tão prematuramente ceifado pela “Magra”, decepando propositalmente a mão com o machado que falquejava as árvores do roçado.

A gente da cidade e da roça atraída a paradas, danças e procissões era apanhada a trouxe-mouxe por simples operação de polícia quando limpava as ruas e praças de vagabundos, sambistas e desordeiros. Ainda em 1938, José Duarte Filho, em “O Sertão e o Centro”, registrava de fato essa antinomia, achando que o soldado entre nós “conserva, sempre, o espírito geral, um espírito de paisano”.

A incoerência nacional leva-nos a execrar a guerra e a cultivá-la entre nós mesmos, a adotar em nossas constituições republicanas e quase nos termos o artigo da constituição francesa de 1791, que impedia a guerra de conquista. O que não nos impediria consentirmos os taitas do Chico Pedro, em 1849 e 1850, exercessem as suas correrias no Estado Oriental, fosse fornecida a Plácido de Castro a munição da polícia amazonense para invadir e conquistar o Território do Acre e bem assim à da polícia paraense a Veiga Cabral, a fim de sustentar os nossos direitos à posse do Amapá...

17. PRAÇA NO RAPAZ

Nove horas da noite tocavam no tímpano argentino da pêndula em forma de 8, no alto da parede de tabique, da Casa do Campo. Dona Panchita dormitava, esbrugando o terço que lhe haviam trazido da Terra Santa e bento pelo Santo Padre. As duas tias cerziam roupa. A minha mãe, sem auxílio de nenhum artifício sempre muito rosada, balançava-se molemente na cadeira austríaca, esvaecida ao bochorno que não pode suportar. A cabeleira de Anna Olinda, como um novelo de compridos e crespos fios de ouro, dir-se-ia fornecê-los às agulhas do crochê em que a pequena e sonolenta se afincava.

O irmãozinho Mário ressonava no seu catre de pau e lona, chamado cana-de-vento. Eu perpassava os trechos, que mais me agradavam no “Ornamentos da Memória” de I. L. Roquete. Lia alto e com muito prazer e convicção. Cansado do padre Bernardes, perseguido nos meandros da sua “Nova Floresta”, atochado dos solilóquios e plangências de “Eurico, o presbítero”, frequentemente eu recaía nas apóstrofes do padre Vieira, para sacudir o serão morno e abafadiço com alguma cousa de mais seletto e mais sonoro. Cozinhava-nos o rescaldo do verão carioca, concentrado no baixo pé-direito do sobradeco em que nos entaipávamos.

Os inquilinos do quartel, em baixo, dormiam mal, no bafio de cachaça e trouxas de roupa mal lavada. Uma ou outra palavrada estalava no torpor noturno por algum soldado descontente da mulher. No jardim do Campo da Aclamação nem viva alma, senão a glauca espessidão das árvores, que os pirilampos diamantavam, através das grades ornadas com a Coroa Imperial. “Selika”, a cachorinha rateira, negra de azeviche, lépida e graciosa, toda nervos, saltava co colo da minha irmã para dar caça às baratas escondidas nas gretas do rodapé...

E eu, já meio vencido na espartina, a declamar a prosa do ínclito jesuíta: “É a guerra aquele monstro, que se sustenta da fazenda, do sangue das vidas e quanto come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre, que leva os campos, as casas... É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades... O Pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda...”. A prosopopeia do sermonista dobradamente me encantava. Recitava-a, embargando a voz nos pedaços de mais sensação. Quando recitava o “Meus amigos adeus” nunca fizera assim com tanta convicção e sentimento de minha parte.

Em véspera de jurar bandeira, eu escondia-me atrás da voz do padre clássico para procurar comover e talvez dar remorsos aos tímidos seres que me rodeavam, empurrando-me para a odiada praça.

- Podes vir a ser general... um carreirão!... interrompia a minha mãe a leitura, procurando com um argumento *ad hoc*³⁹ responder às fáceis apóstrofes do jesuíta mulato e português ultrarretórico. A pobre seguia com essa hipótese risonha do generalato infalível o seu pensamento de bons cuidados, despedido do coração levantado, num bando de esperanças, e tão remoto e improvável porvir do primogênito.

Eu retrucava-lhe sempre com o espectro do meu avô, acabado num acampamento de guerra, de olhos fechados na terra estrangeira ofensiva e pestífera. Ela obviava a força do constante argumento, declarando com amoroso enlevo a predição deste ousado vaticínio: - Não havemos de ter mais guerras... Subscrevia a boa Iaiá a opinião de Proudhon em “La Guerre et la Paix”, o qual concluía a sua obra, espichando-se neste falso pressuposto: “L’humanité ne veut plus la guerre”⁴⁰, antecipado ao pranteado Alberto Torres, quando este, no transporte das suas falsas e tão benévolas induções, à semelhança daquele publicista francês, se arrojaria a escrever em “Vers la Paix”: “La Guerre est virtuellement vaincue... Il n’y a pas aujourd’hui de gouvernement assez fort pour conduire un peuple dans une guerre de conquête”⁴¹.

É verdade, que o próprio Napoleão em Santa Helena nublara-se também desta rósea ilusão, quando por sua vez afirmava: “La guerre va devenir un anachronisme”⁴². O bacharel brasileiro espichar-se-ia como o general corso e o publicista de Besançon, perdidos todos nas nuvens do sonhar profético. Nada é de admirar, portanto, que a Iaiá também viesse a acreditar numa bula.

Assentada a praça na Escola da Praia Vermelha, repetia minha mãe, insistindo no seu projeto, dominada por seus doces sentimentos maternos, como ficarei descansada! Que melhor futuro te será garantido? A farda será sempre a farda e sobretudo quando

³⁹ Em latim: literalmente “*para isso*”, daí “especificamente planejado” ou “com esse objetivo”.

⁴⁰ “*A humanidade não quer mais a guerra*”.

⁴¹ “*A guerra está praticamente derrotada. Não há hoje nenhum governo forte o bastante para conduzir o povo numa guerra de conquista*”.

⁴² “*A guerra vai se tornar um anacronismo*”.

desaparecer Pedro Segundo, que é quem atrapalha tudo... Era a antífona, com a qual, atirando-se para a tarimba, se abordava o salmo do que me poderia acontecer de melhor, palpitado, nas certezas e previsões do coração de Iaiá! Segundo o que a minha mãe asseveraria, uma eterna paz das mais cômodas me embalaria na existência militar. Roeria, sem mais outros cuidados, o milho na manjedoura da Pagadoria Geral das Tropas ou da Contadoria Geral da Guerra. Depois seria, com os cabelos todos brancos, o reumatismo nas juntas, a próstata hiperatrofiada e as artérias esclerosadas, o prêmio do chapéu armado, do talim dourado, das dragonas, da banda de fio grosso, do brado de armas e guarda formada, do toque de sentido das cornetas nos batalhões, bem ou mal inspecionados, das descargas de mosquetaria com cartuchos de festim por ocasião do meu enterro. Que mais bela perspectiva!

Ajuntar burguesmente os anos de serviço público e ir aumentando de ano para ano os vencimentos, as honras e os galões! E considerar, ainda por cima, que um dia as Forças Armadas sairiam do papel restrito e apegado a que viviam, chamadas a salvar o Brasil, fazendo a República! Ah! O Exército Nacional faria ainda grandes cousas. Haveria com certeza de proclamar o governo do Povo pelo Povo e então consertar o país e melhorar as condições precárias dos soldados e oficiais. Trataria logo de aumentar os soldos... O Imperador estava velho e doente. Quando ele morresse, os militares é que teriam decididamente a palavra. Talvez mesmo antes, como estava parecendo... Quando desaparecesse a Monarquia e o soldado ditasse a lei, ele começaria por arranjar-se, melhorando a situação da classe, aumentando as prerrogativas e direitos... Teu avô, quando morreu, só esperava por isso, adiantava a Iaiá.

Quantas apreciações iguais e estas não se reproduziriam, por essa época, nos lares brasileiros? Quantas esperanças egoísticas nessas favas contadas, com que se carregavam os alforges do espantoso corsel da Revolução, cujas crinas se aflagavam, cuidando fosse ele a égua mansa e estradeirona em cujos cascos e selagote de couro cru viria o bem-estar de cada um... E em tantos outros povos e em tantos outros tempos não seria ainda assim? E como já aparecia então próximo o que iria acontecer dois anos mais tarde!

A minha avó nada dizia. A lembrança do Porfírio, estendido frio e sepultado na terra inimiga, gelava-lhe os lábios para o conselho que pudesse atirar um dos seus a renovar

tragédia semelhante. Esta perpassava-lhe ainda nos olhos com a querida imagem do marido, de pé ensanguentado em Tuiuti e consumido de febre e desintérico, no porto de Palmas. O horizonte de fogo e a mortandade da epidemia em que ele desaparecera, antes de ver as linhas de Picequiri, punha-lhe as pupilas rasas d'água, o coração dorido e para sempre enlutado.

Em fins de 1887, ficara decidido pelos meus matricular-me, no ano seguinte, na Escola Militar do Rio de Janeiro. Por esse tempo, por motivo de uma leitura de acaso, inspirava-me a maior compaixão a morte da mulher e filhos de Manuel de Souza Sepúlveda, em 1552, nos areais africanos e a figura do general Belisário, errando em Constantinopla, recolhendo no capacete de velho legionário a esmola que lhe merecia a gloriosa indigência.

Colhêramos o general bizantino, desentranhando-o da página de uma seleta francesa. Em 1914, isto é, vinte e sete anos depois, haveríamos de encontrá-lo de novo no castelo de Cuissy, reproduzido do quadro de Gérard numa esplêndida gravura, pendurada no muro do salão da vivenda centenária de que éramos hóspedes. Não seria ainda sem muita emoção que revi, nessa época trágica do mundo, o velho conhecido, com o seu cajado de fabuloso cego e mendicante, vitimado pela ingratidão de Justiniano. Belisário amigo, como me encheste a sacola da sensibilidade, derretendo-me em lágrimas tão mal empregadas!

Essa imagem idealizada, na sua falsa história, não seria das mais favoráveis ao meu entusiasmo militar. Empanava a glória das Armas o fusco sobrecéu da injusta carga lançada à cabeça do herói antigo. Raios tristes coavam-se, alongando na esteira da miséria a queda do soldado, cuja fidelidade se pagava com a miséria e o abandono dos senhores do Império a que servira... A ocorrência do major Porfírio, sepulto no cemitério de coléricos, à beira do Paraguai, quando em marcha para Assunção, juntava-se a do nobre Belisário, encontrados fortuitamente aos azares do serviço da Pátria em que um, na realidade, depararia a Morte e o outro, na lenda, a pobreza vergonhosa...

Entretanto, seria esse major da Cavalaria, meu avô, morto longe da pátria, que paradoxalmente muito concorreria para levar o menino seu neto à então aleatória e malfadada carreira das Armas. A condição do antepassado, ainda tão perto de nós,

aproximaria as ideias da minha mãe ao temeroso lance da praça que me impunham. A profissão do Porfírio renovar-se-ia honrosamente na minha... A gratuidade do ensino militar decidira essa determinação, sem que nenhuma disposição particular me levasse, de qualquer modo, a simpatizar com o quartel para o qual me precipitavam. A garantia do acesso aos mais altos postos, as múltiplas vantagens do soldo e da reforma, a assistência médica e farmacêutica, a vida tranquila nas guarnições, o serviço das ordenanças e bagageiros no Império ordenado e pacífico, tudo isso vinha trazido pelos meus para sustentar as vantagens, com as quais se pretendia advogar, ante minha repugnância instintiva à vida militar, a segurança e comodidades do oficial doutorado, sempre em comissões e bem remuneradas, protegido de cicrano, de fulano, de beltrano e nunca abandonado nos carinhos de sua boa sorte.

Precisaria para isso apenas deixar-me viver e “correr o marfim”. Quando faltasse o merecimento vingaria o princípio da antiguidade e quando esta não contasse ou valesse, sempre haveria de estar engatilhado o “pistolão” do compadre... Não poderia passar-lhes pela cabeça a vida atribulada do oficial na República em busca de mais vantagens, além das revoltas do Sul, do Centro e do Norte e das encrencas de Canudos e do Contestado, que contrariariam o bom negócio... A minha pobre família atribuía às possibilidades da República o doce perpassar dos dias que vivíamos nos últimos quinquênios da Monarquia!... Como se enganava a atilada D. Iaiá redondamente!

18. EM VÉSPERA DE TARIMBA

As guerras do Sul e sobretudo a de Lopez se alimentaram numa boa parte com a carne dos nossos escravos. Libertavam-nos, colhendo-os e acorrentando-os à servidão militar. Trocavam a senzala pelo açougue, e a enxada pela pederneira. Empurrando-se os pretos para a carnagem, evitava-se aos brancaranas o cumprimento de um dever precípua numa sociedade organizada, defendê-la por todos os modos da ameaça estrangeira.

Mesmo o governo de Washington Luís iria abaixo por tentar legitimamente manter a ordem no Brasil, salvando-a nos braços da mobilização geral! No entanto, para as revoluções e as guerras civis nunca faltou pessoal voluntário, entusiasta e adequado, entre nobres e burgueses, funcionários e pés rapados, letrados e analfabetos!

Nas famílias brasileiras geralmente se ameaçava o filho recalcitrante e mal ouvido com o castigo dos mais aviltantes e inexoráveis: - assentar-lhe a praça, “pô-lo de reiuno”. Dizia-se de Fulano ou de Ciclano: - Não deu para nada, sentou praça... No Rio Grande do Sul os soldados de infantaria de linha eram tratados de “chimangos”, afirma Coruja nas suas “Antigualhas” e adianta “com que são ameaçados os filhos mal criados e os vagabundos”. Koster afirmava que os soldados de Pernambuco “são recrutados entre os piores indivíduos da província”.

Na minha família essa repugnância não existia de modo tão radical e acentuado, porque nela pairava a sombra pranteada do major Porfírio e a figura honrosa do tio-avô Pedro Tomé, oficial da marinha. Não obstante, já porque se me infiltrava no sangue o dos pacíficos doutores Arruda Câmara, o Soldado seria para mim qualquer coisa de inútil, de mascavo e inferior. O meu espírito, sonhando um mundo melhor, rejeitava a ideia de que fosse ele aproveitável e ainda menos, agradável e suportável.

Gente toda vestida por grupos, com os seus alamares, frisos e galões distribuídos para se distinguirem uns aos outros, por fazerem os mesmos gestos, marchando em forma idêntica, acabariam todos pensando a mesma coisa; perigosamente organizados para a violência que lhes é inerente; forjar-se-iam nesse instinto de aglutinação em que se aliciam para mandar, sempre prontos a intervirem com a ofensa e a repressão das armas. Acreditar-se-iam exclusivos, feitos na massa benemérita, pois que representavam a onipotência da força no drama melindroso da conservação da ordem pública, e por isso, merecedores de

que tudo se lhes vantaje e propicie, inclusive um câmbio mais favorável! Identificados com o passaporte mutualizado de prometidos dos sacrifícios, davam esses sacrifícios como coisa feita, importadas de avanço em direitos adquiridos. À parte da nação, esquecer-se-iam do que do que a ela deviam, apresentando títulos de credores com juros compostos em que antecipavam e exageravam as contas. Ainda não muito bem discriminadas e digeridas essas reflexões, dançavam-me elas pelos escaninhos do cérebro, entre elos de lógica e painéis de observação, que a minha pouca idade ainda não coordenara completamente, deixando-os num estado de imaturação e vislumbre. Assim devolutas e mal lobrigadas, pairavam elas no fundo da minha aversão a esse quartel, em cujas vésperas me via empuxado para o falso pano de fundo de honras e outras rutilâncias, com que lhe disfarçavam as misérias e decepções.

O senso político do brasileiro médio, com toda razão, pressentiria no exército um perigo contínuo de intervenção e predomínio, desde que deixasse de se lhe opor o cetro altamente anticético e impediendo do senhor D. Pedro II. Se nos absorvíamos no prazer de acompanhar todas as circunstâncias de pelejas, quer estourassem lá fora ou lavrassem no nosso território, olhávamos, entretanto, de través o nosso compatriótico fardado, arrolado na profissão de prender e matar o nosso semelhante, para aumentar de posto e ver dobrado o seu soldo e mais prebendas, quase sempre à custa da tranquilidade e economia do país.

É assim que, vendo os nossos militares melhorarem de soldo e conquistarem mais algumas regalias, como Santo Inácio de Antioquia, pensávamos que se mostravam tanto piores quanto mais bem se lhes fazia. Quanto a mim sei que, destinado ao Exército, com efeito, não me foi aprazível essa resolução: Certamente, como todo guri, mais ou menos belicoso e traquinas, botei o meu chapéu armado de papel de jornal, comandeí exércitos imaginários, alinhei os soldados de chumbo, fabriquei na areia minhas fortalezas e as desmoronei e refiz, acompanhei com sabre de sarrafo e a trombeta de folha de palmito ou a folha-de-Flandres a marcha dos meus imaginários batalhões:

*“Marcha soldado,
Cabeça de papel!
Marcha direito.
Que vais para o quartel,*

*Marcha soldado,
Cabeça de alguidar!
Larga a espingarda
E toca a passear.*

*Marcha soldado,
Cabeça de xexéu!
Solta o correame
E deixa de escarcéu”.*

Excedido e canhestro, furei, outrossim, o tambor, que seria um presente de anos, entremeando ao repique das vaguetas a conhecida quadra onomatopaica do rufo:

*“Ratos com coco,
Lagartixa com feijão!
Lá no beco do Marisco
Tem arroz de camarão.*

*Me fazendo bem de queixo,
Com o meu bico de latão,
Rompo tudo quanto posso.
Tenho medo do papão.*

*Rão, prão, prão, prão
Compre todo o camarão,
Ferreiro fez a foice
Mas não fez o gavião”.*

O instinto de destruição, afagado na condição elementar de vertebrado, afina-se em certo transe de nossa vida inferior e essas preocupações de guerra e atinentes derruimentos. Quanto o homem mais inferior, mais inclinado a tudo liquidar pela força. Depois a razão o vai levando à esfera contrária. A criança é um combatente nato; para se divertir melhor

arrebenta o brinquedo. Timbra em seguida consertá-lo, apurando os grandes sentimentos em que a alma se esforça para reconstruir... O varão vai apontando no menino. O que há em nós de soldado é quase um rudimento de humanidade...

Não há, com efeito, menino que não encontre diversão, encaixando-se na representação de figuras, as quais se podem considerar típicas, como sejam o cocheiro, o médico, o soldado, o padre e o professor. Na pele de cada uma dessas entidades, faremos nossas primeiras armas de imitação e decalque. É de supor, que todos nós enfiamos na alma as experiências iniciais desses empregos sociais, supondo-nos destinados um dia a atribuir-nos o exercício fatal de alguma dessas respeitáveis profissões. Passando pelo ensaio um tanto antecipado de todas elas, nenhuma de futuro nos forçaria a preferência. E, muito menos, a de soldado-de-paga. No entanto, havia praticado os privilégios de general, experimentando os instintos de mando e decisão, nessa espécie de gente firme e passiva, saída da mesma colher de líquido metal, quando, sob as minhas ordens, os soldadinhos de chumbo se despejavam da caixeta de pinho ovalada, para tomar posição nos seus batalhões e regimentos. Não respeitaria eu nenhuma regra de precedência ou condição de hierarquia, fossem granadeiros napoleônicos, zuavos de Magenta e Solferino, *horse guards* da Albion⁴³.

Muitas vezes se misturavam eles aos animais da arca de Noé de minha irmã, o que nem sempre dava muito certo, pela origem dos conflitos a que essa vizinhança heterogênea dava lugar. Com que prazer arrumava eu a soldadesca em colunas e alinhava-a em pelotões e linhas de atiradores ou distribuía em escalões, sujeitando-a aos perigos de mil combates, varrendo-a com bolinhas de barro ou grãos de milho! Infundáveis momentos de distração e deleite, organizando o plano das batalhas, destacando os graduados e derrotando os audazes e os bisonhos... Esse coronel era um trouxa, aquele cabo um valentão! Adornava-me das insígnias de chefe, a espada de pau talhada no sarrafo de pinho do garajau, pendida do cordão na cintura. Quando o chapéu armado era dobrado na gazeta do dia, infalivelmente merecia a reprimenda materna: “Rapaz! com certeza estás com o “Jornal do Comércio”

⁴³ Zuavos, por extensão de sentido, eram soldados armados e uniformizados à semelhança dos zuavos argelinos, originários de uma tribo cabilda, pertencente a um corpo de infantaria ligeira da armada francesa, criado na Argélia em 1831 e caracterizado por um uniforme vistoso e colorido (vide Dicionário Houaiss). *Horse guards* são soldados montados reais ingleses (*Albion* é o antigo nome grego da ilha da Grã Bretanha).

de hoje metido na cabeça!”. O que impediria a folha continuasse a servir aos proveitos da segunda e última leitura da boa e lúcida Iaiá!

Minha irmã, por vezes, orientava o exército contrário, as hostes de Xerxes; enquanto eu comandava as dos vitoriosos falangistas da batalha de Plateia. E no mais inocente dos anacronismos, Aníbal comandava os lanceiros e o hussardos de Hoche e Cipião os artilheiros de Valmy.

Como bons brasileiros, regrávamos os nossos antagonismos e afrontávamos as nossas razões habituais de disputa atrás daqueles exércitos em presença, desdobrados na mesa da sala de jantar. Acontecia, às vezes, que a marcha e contramarcha dos batalhões se fazia pelos ares, ameaçando os olhos dos dois irmãos. Mas, disso não deveria resultar nada de muito grave. Ao contrário, esses soldados, conquistando nossas almas de crianças, concorriam à boa paz de casa, ao bem estar do lar que vivia ainda sob uns restos da atmosfera da guerra do Paraguai, oferecida pelo vulto do Porfírio, cuja alma se diria pendurada às saias de luto da minha avó. Ajudando a manter patrioticamente a memória da grande luta passada, no terrível quinquênio, uma vez por outra nos era dado ouvir cantar a “Canção da Vivandeira”, sem que isso não nos deixasse de inflamar a alma, tingida nos ecos românticos da marcialidade nortista:

*“Só na guerra se matam saudades
Só na guerra se sente viver,
Só na guerra se acabam vaidades
Só na guerra não custa morrer.
Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida.”*

Contudo, não me seria grato pensar que, daí a pouco, me tornaria realmente um galucho, muito desengonçado no exercício dos recrutas, na Praia Vermelha, peão do vasto tabuleiro, onde teria que marchar muito direitinho, com a “cabeça de papel” e os olhos nos regulamentos em vigor, pobre-diabo achatado pelas instruções militares, os pés em esquadria, a barriga para dentro, a granadeira no ombro, o peito saliente, a mão aberta escorando a pala do guritão e a esquerda caída ao longo da listra das pantalonas mal cortadas.

19. ARCABUZADO PELO CONDE DE LIPPE

Matriculei-me na Escola Militar da Praia Vermelha no ano do “Golpe”, do “Bedengó” ou no ano “dos três oito”, como sói dizer o sertanejo, marcando 1888, como um dos pontos desesperados da curva, inscrita no quadro da sua descritível e periódica miséria de terras calcinadas e rebanhos dizimados... Qual, porém, a exata e completa indicação dessa efeméride, o dia certo do atropelo e mergulho do jovem, assentando a praça no Corpo de Alunos da Praia Vermelha? Quem não conhece a preocupação de frisar as datas, agulhas sempre perdidas no palheiro da memória, e por vezes tão difícil de achar, mesmo quando constituem importantes referências da insignificante existência, consumida nos azares do seu triste borbotão?

O Pequeno Polegar atentava nas pedrinhas que lhe marcavam o caminho. Sem calendário não há historiador que se respeite, as obscuridades de ontem se perdem em encruzilhadas indetermináveis, o passado vira num labirinto. Em tal dia assim o padre Manuel da Nóbrega, a chamado do Donatário, partiu para Pernambuco... Tendo a esquadra holandesa, em que vinha o coronel Waerdenburch, a tanto de tantos, sido visto pelas atalaias da costa... Seria no milênio tal, o mês e o dia bem certos, que Bonaparte escreveu a Maria Luiza, deixou a Ilha d’Elba, foi fisgado no “Bellorofonte”...

Datar é pôr uma estaca nos caminhos deste infinito que nos vai engolindo. E estendermo-nos no espraio da vaga imensa, para instantaneamente medir-lhe as dobras e lhe os acidentes da voragem... Quando dizemos Sete de Setembro de 1822 e lembramos o Quinze de Novembro de 1889, nós, brasileiros, vemo-nos menos indiferentes, e mais descontraídos. Alcançando ouvir o berro do Príncipe resolvido no Ipiranga a não admitir mais delongas e Deodoro, que era todo hesitante, aparecer no pátio interno do quartel do Campo da Aclamação, para um salto nas trevas, tocamos com os dedos em dois polos do nosso orbe político, a energia e a perplexidade, o interesse público e o proveito próprio e dos seus; botamos dois cravos significativos e contrários na roda da nossa história...

Só conheci Martim Francisco Terceiro, insigne neste exercício de acompanhar o sol e seus cálculos julianos e gregorianos, para os números de precisão, ligados aos espirros e convulsões desta humanidade composta de Micrômetros de cabeça inchada no alto conceito de si mesmos, mas errantes e sucumbidos no marnel de hipóteses inverificáveis, de

disposições hereditárias inapercebidas, de instintos irrompentes na fieira arbitrária dos seus fastos mais ou menos indetermináveis...

São justamente célebres aqueles artigos que de momento, e num só repuxo da pena febricitante, Martim escreveu no “Diário de Santos”: Em uma hora e pouco, “sem ter à mão qualquer livro”, ele consignou as cem datas do “Século Paulista”. No artigo que intitulou “De Bizâncio ao Ipiranga” anexara trinta e duas datas esfuziante rosário de imensos acontecimentos, desde a tomada de Constantinopla e os quais foi inscrevendo, sem pestanejar, numa folha de papel, com a sua inteligência e memória peregrinas e faiscentes. As datas, em busca-pés de sarcasmo bem andradino, romper-lhe-iam às chispas na cabeça esperta e flamejante, calçada numa “folhinha” Laemmert presente por todo tempo. Destituído desse maravilhoso privilégio, eu desistiria de assinalar o dia exato em que, à pavorosa sombra do conde de Lippe, jurei bandeira no exército de minha terra.

Na falta ocasional do Almanaque Militar, recorro a notas do caderno esmaecido, que me suprem as deficiências de esquecido e trôpego revelho, e marcam o dia 17 de Fevereiro do ano da graça de Nosso Senhor Redentor 1888, para esse acontecimento. Com essa data, sob o ponto de vista de Sírio ou de Altair se confundirão tantas outras de maior ou menor importância: a da morte de Tibério, a da vitória de Lepanto, a da abdicação de Dom Pedro I, a do nascimento do padre Kelé ou do Filósofo do Cais... Sob o ponto de vista de Bourg La Reine, no departamento do Sena, essa data tem a sua importância.

A efeméride, que só a mim interessa, é anterior à emancipação dos escravos e à proclamação da República no Brasil, ao automóvel, ao fonógrafo, ao telégrafo sem fio, ao cinema, ao hélio, à sérum-terapia, à máquina de escrever, à indústria dos ersatz, às vitaminas, à insulina, à penicilina, à navegação aérea e submarina, à célula fotoelétrica, à teoria da relatividade, à mecânica ondulatória e à multidão de guerras quanto mais crescia a vontade de acabar com elas... E isso deve contar, para justificar a prostatite e os cabelos brancos dos últimos anos, circunscritos a tantas mudanças marcadas por maravilhas e desgraças, ficando a humanidade a mesma, senão muito piorada. Em pleno domínio do trabalho inaproveitável, respeite-se a fraca preocupação de mencionar esse dia qualquer, em que na conjunção de Marte com algum asteróide desconhecido, fui entregue fatidicamente

às muralhas da Praia Vermelha, todo concho e tremente, sob a casca do meu inenarrável fraque de cheviote azul...

Nesse dia inicial da minha vida militar, para a qual fui levado como que a tacadas de rabo-de-tatu, quantos calafrios senti correr-me na espinha de novato! Desde 1810, quando foi fundada a Escola Militar, teria havido um outro com eu, tão amofinado e tremido nos transes da sua iniciação profissional? Tirado pelas abas do fraque, conduziram-me ao sobrado amarelo, situado à direita do edifício unilinear, que se estirava com os três baluartes entre a Urca e a Babilônia. Chamavam-no “Expoente”, pelas condições de altura e posição indicadas do grau potencial nas expressões matemáticas, acrescidas desses valores que as sobremontam.

Na bulha e atropelo dos apupos, com que nos acabrunhavam os “veteranos”, ficamos um momento mais tranquilos, encurralados para a cerimônia em que nos juntavam e discriminavam na saleta da Casa-da-Ordem, sita no dito anexo. Foi quando meio hebetado me vi diante da Bandeira Nacional, murchada nos seus ramos virentes de fumo e de café, nos braços da sua cruz de Cristo e no ouro da esfera armilar manuelina, com o que se lhe abençoava e justificava a história e o nascimento.

Depois de ter jurado fidelidade a D. Pedro II, fizeram-nos a leitura nada tranquilizante dos “Artigos de Guerra”, os mesmos aos quais o conde d’Eu chamava em carta a Alfredo Taunay de “Nefandos artigos do Lippe”. Esses itens de penalização constituíam o capítulo XXVI do “Regulamento para o Exército, e Disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima etc.” criado pelo conde de Lippe, em 1763. Apesar de muito sombrios, carregados de severas punições, adequadas à constituição militar da Prússia, ainda assim quanto haviam abrandado as disposições disciplinares anteriores! O mercenário conde reinante de Schaumburg e de Lippe, Frederico Guilherme, nascido em 1724 e falecido em 1777, marechal do exército português, engendrara, copiando de algum excessivo regulamento dos exércitos do grande Frederico, ou mesmo Barba-roxa, esses monstruosos mandamentos do código militar de 1763. Abolindo a polé e substituindo-a pelas pranchadas, não poupavam, porém, nem o carrinho perpétuo, nem a força, nem o arcabuzamento. De 1763 a 1888 medeiavam cento e vinte e cinco anos! Imarcescíveis na sua sombra de horror, os “Artigos de Guerra” de

antanho tinham a vida longa, o fôlego de gato... Findaria com o Regulamento Processual de 1895, mas ainda assim projetando-lhe alguns traços de seu rigor.

A indolência brasileira, portanto, ainda em 1888, não os conseguira mandar para um armazém de refugio ou museu de velharias, de sorte que aquelas sérias admoestações e ameaças oficiais e militares de arrepiar couro e cabelo, só faziam rir. A mim sei que me encheram de pavor. Eram vinte e nove os Artigos de Guerra inclusos e repelidos nesse compromisso de honra e lealdade, em que quase só se falava de arcabuzamento e carrinho perpétuo. Fora, ao ouvi-las, como se ali mesmo, por ordem do general Marques de Sá, e para começar a provação me tivessem descarregado em pleno peito os arcabuzes do pelotão, comandado pelo tático inglês, esse Lippe, que dera tanto trabalho aos espanhóis nas fronteiras de Portugal.

Mas, isso media toda a minha inocência e credulidade de ontem ante essas cerimônias e aparatos da velha militância luso-prusso-brasileira. De fato deveria prenunciarse nesse dia um lastimável e paradoxal resultado. Com tal juramento de respeito aos símbolos da ordem interna e da defesa externa, em contrário aos solenes protestos desse momento, deporíamos do Trono do Brasil a Sua Majestade o senhor D. Pedro II, expulsaríamos com a sua família o Conde d'Eu e sustentaríamos Floriano Peixoto, mandando eu desta para melhor vida, em 1894, na ilha da Conceição, do Vianna e da Madama, não sei quantas pessoas, aos descendentes das quais peço aqui o mais sincero, necessário e público dos perdões... Era tão moço e tão mal mandado...

Depois de ouvir os Artigos de Guerra, apalpei-me com precatado cuidado. Senti colar-me ao corpo alguma coisa que me dava outros fins sociais e quiçá me atribuía outra natureza. O fraque, envergado na ocasião, deixara apagada a sua elegância discutível sob o brim pardo do uniforme interno, que na Arrecadação me substituía o invólucro civil. Senti-me de repente autorizado a prender, furar, talhar, espicaçar e matar o meu semelhante se se fizesse de tolo, quer perturbando as leis constituídas da minha nação, quer vindo atacar o Brasil com as patas do invasor agressivo, quer tentando depor de suas nobres funções a pessoa “sagrada e inviolável” de nosso Imperador ou desrespeitar os bordados do seu genro, o Senhor Gastão de Orléans, confiado por via matrimonial à segurança de sua nova pátria...

O certo é que, com essa solenidade oficial de tanto aterramento, estava eu incorporado à grande academia do Exército, na Praia Vermelha, sujeito aos benefícios de uma educação grátis e bem exclusiva. Entrara como soldado do Imperador e “Defensor da Pátria” para o pugilo nacional de alto índice, agrupado numa escola de Guerra fundada para os efeitos de seleção da tropa; sairia engenheiro nulo, bacharel insuficiente, defensor provisório e arrependido da República e soldado demissionário dos menos sólidos e aproveitáveis... Contra as forças armadas daqui e dali ruas.

20. O CORPO DE ALUNOS

Era constituído o Corpo de Alunos da Escola Militar de representantes de todas as províncias do Império, arrebanhados sobretudo nas classes menos favorecidas do país. A maioria provinha de gente paupérrima, órfãos desamparados ou filhos de pequenos agricultores, militares, negociantes ou funcionários que roíam o osso dos respectivos soldos, pensões e pequenos ordenados; sendo muitos deles forçados a mandarem os descendentes à tarimba, que nada lhes custaria, para lhes dar uma situação quiçá mais segura e porventura mais gloriosa que outra qualquer carreira.

Nessa corporação não existiam senão raramente os filhos das grandes famílias da aristocracia civil. Alguns das mais importantes famílias militares, como as Gama Lobo, Pinto Bandeira, Lima e Silva, Fonseca Costa, Marques de Souza, Mena Barreto, Silva Tavares, Fontoura, Niemeryer, Morais Aurora, Andrade Neves, Rego Barros, Argolo, Beaurepaire e FONSECAS, eram menos raros. Pertencentes às primeiras, só conheci o filho do barão de Nonohai, o neto do barão de Grão Mogol, e um Saldanha da Gama, meu companheiro de matrícula. Este não fez senão passar, depois de sujeito ao castigo de se ver fuzilado por cartuchos da areia, imposto pelos “veteranos”, os quais costumavam decretar esse gênero de punição aos colegas culpados de algum delito a que os regulamentos oficiais não prestariam maior atenção.

Porque o excelente rapaz fora encontrado fardado a acompanhar uma “mulher-perdida” e logo o puritanismo, que floria na Praia Vermelha ao lado de tanta impureza de consciência, de atos, de palavras e de sangue, tomou a si justificar aquele procedimento, tido como capaz de marear os castelos dourados que nos distinguiam no boné e na borda das golas... Assim nos faziam os costumes do Império sujeitando-nos com certas vantagens a melindres e escrúpulos nas menores cousas...

Na maioria da população da Escola, quase toda de baixa e média extração social, alguns rapazes vinham da Escola de Aprendizes Artífices, centro de recrutamento de modestíssima proveniência. Adivinha-se a babel desse pequeno mundo, colhido em tais origens pelos fundos e beiradas do vastíssimo Brasil. Todos os sotaques, todos os temperamentos ferviam na sopa desse caldeirão. Todas as cores, do negro fulo ao dolico-louro, todas as paixões e vícios individuais e coletivos, todas as condições de fortuna, de

condição e de trato. Na tabela democrômica na qual se assinalasse em todos os tons a epiderme dos colegas, do mulato aço ao caboclo legítimo de pele cuprina e cabelo espetado como Cândido Rondon, bem graduada seria a miscelânea das tintas da palheta. De Domingos Ribeiro, Orozimbo Barnabé e Afrodísio Amado Borba, mais pretos, a Gustavo Schimidt, Fabrício Fabricci e Aloys Scherer, mais brancos, toda uma escala insensível correria, definindo entre os seus extremos característicos o pandemônio das raças e o caldeio dos seus cruzamentos.

Seríamos um microcosmo, melhor ainda, essa sociedade escolar sintetizava o Brasil. Nenhuma agremiação nacional o representava tão bem na sua gente daqui e de acolá, da beira da praia, do brejo, da caatinga, e do mato dentro, de tal modo a congregava e espelhava na diversidade dos seus tons de cor, na variedade dos seus sentimentos, na diversidade dos seus tons de cor, na variedade dos sentimentos, na divergência de suas opiniões e precariedade ou abundância dos seus recursos, nas suas taras e sobretudo nas qualidades e defeitos que lhe eram inseparáveis.

Distinguiam-se as três principais regiões do país pela prosódia e por todas as formas de sintaxe, que eram inerentes ao linguajar de seus filhos mais próximos ou distantes. Amazonenses, nordestinos, cariocas, paulistanos, sulistas, e os do centro, geralistas e outros, cada qual tinha as suas características, sobretudo pronunciando. Era segundo as latitudes.

Para os do norte certos sons vogais eram mudos; para os do sul mais ou menos abertos e acentuados. Na língua ali falada havia todas as variações em que apesar disso todos muito bem se entendiam. As irregularidades prosódicas e sintáticas em que incidiam eram fatos gramaticais em verdade, mas quão suscetíveis de corrigenda, fácil de lhe impor por meio de uma cultura clássica, que freasse a deturpação popular, acorrida aos lábios desses escolares quando perdidos no interior de suas terras praianas ou sertanejas. A língua nacional mostrava-se entre eles obliterada, uma língua de trapos, alcançando ser menos um dialeto que uma geringonça. Constituíra um deleite para os estudos do morfologista, sendo as suas deformações mais devidas à ignorância, ao hábito e à preguiça, que à outra cousa.

Pretenderia constituir o dialeto esse mau falar, se da condição considerada em relação à deformidade inevitável já se lhe houvessem fixado as características, descoberto e

tirado as respectivas leis. Não é só corromper e bostelar a linguagem de alterações sintáticas e alterações fonéticas para que se lhe dê direitos de uma formação superior, substituível ao que a tradição dos maiores nos deixou, forjando e plasmando o instrumento de nossa intercomunicação linguística.

Se o texto dos cancioneiros e livros de linhagens portugueses tornaram-se por assim dizer ilegíveis, de quem a culpa, senão dos que não reagiram à tendência natural de que agora certos espíritos vão afagando o irrespeito, suportando e integrando na linguagem as novidades que a sua antipatia ao passado lhe autoriza e facilita? Realmente a língua envolve, adotando por exemplo o novo material do progresso, mas é da autoridade dos guardas da linguagem pajear essas transformações ou criações, cortar-lhe os exageros e maus aproveitamentos, sustentar nas escolas as disposições do povo às mutações de forma que nada legítima, e que tanto lhe vai ao gosto da modificabilidade, chamando-o à constância, à reflexão e a tudo quanto possa orientá-lo no emprego dos elementos glotológicos de suas relações escritas ou verbais. A língua não é viva porque suscetível de transformar-se, é também pelas suas qualidades de resistência ao que possa dissolvê-las pelo menos nas suas raízes e nas belas flexões do trato em que se formou, servindo-se de suas razões intrínsecas e primitivas...

Está assentado que nós brasileiros falamos todos a mesma língua. Pudera! Estropiando-a segundo o gosto e a região de cada um. É assim que, nos vícios de locução ora se abrandavam ou ensurdeciam certas sílabas, ora se terminavam todos os substantivos e qualificativos numa vogal.

Alguns só indicavam o plural com o S no fim dos adjetivos numerais ou demonstrativos. Vocalizavam-se certas letras, suprimiam-se e despalizavam-se outras. A queda do D, do L intervocálico e do S final era comum. O vício do mutacismo e da eférise trocava e suprimia certas consoantes e sílabas. Assimilavam-se e dissimulavam-se as proposições. A língua deformava-se nas facetas de mil modos de dicção corrompida. As negativas, os comparativos e os superlativos se enredavam nas peculiaridades sintéticas das mais curiosas. Flexionavam-se os adjetivos uniformes. Os verbos tendiam a se facilitar na sua conjugação, perdiam o s no plural da primeira pessoa. Permaneciam certos arcaísmos e idiotismos, ao passo que nasciam certos modismos e neologismos dos mais saborosos,

inventados nessa riqueza de criação local, tão própria às nossas populações praianas e mais centrais. Valia por todas elas o termo “engrossador” e seus derivados, correspondentes ao “chaleira” carioca, ao “caçambeiro” dos habitantes de Minas e ao adequado “lambe-espora” do gaúcho. Constituía essa invenção neológica da Praia Vermelha um sinônimo de gíria dos mais achados para o caso geral da adulação de brancos, de amarelos e de pretos.

De outra parte, os solecismos abundavam na cozinha dessas pretendidas formas dialetais, contra as quais há mais de quatro séculos resiste a rocha da língua lusa, abandonada à sorte de seus recursos arquiteturais principais, perdida para além dos oceanos movediços e destruidores que a separam da mãe peninsular.

Nesse sentido, a Escola era efetivamente a heterogeneidade do Brasil na sua aparente homogeneidade, o vaso fechado onde se procediam às expansões e as resistências da sua composição real. Entre nós combinávamos espontaneamente a unidade da nação que retratávamos, pedindo à cultura do laboratório, em que nos retemperávamos, o meio de manter-nos compreensivos no mundo das mesmas leis, servindo-nos de instrumento da mesma linguagem portuguesa de nossa herança e colonização.

Um rapaz chegado do Norte, ainda bastante tosco por seu antigo convívio sertanejo, olhando para o rato corpulento que atravessava um corredor da Escola, tomado de espanto, exclamara à roda que o cercava: “- Xente! Vigiem que guabiru mais treboçu?!”

O nome nortista do roedor daquela espécie, e mesmo aplicado em Pernambuco aos partidários do barão da Boa Vista, intrigando os presentes, celebrava-se no seu emprego regionalístico. O termo tupi, de tão lúgubre assonância, não escapou à hilaridade geral, dos que o desconheciam. Para consagrá-lo, batizaram de novo o aluno que o pronunciara. O Gustavo Eustáquio de Faria Leite, como se chamava o provinciano, rio dessa denominação inesperada, passou a ser para o resto da vida, o mesmo para os efeitos legais, o Gustavo Guabiru!

Pelo lado propriamente moral e social, distinguiam-se os naturais de certas províncias por traços que se lhes davam por comuns. Um conhecido ditado colonial, ajuizando dos principais habitantes das Capitâneas, informava: “De Pernambuco elas e não eles, da Bahia eles e não elas, de São Paulo eles e elas”. Seria evidentemente um juízo, que devia ter nascido na velha prosódia de Piratininga, amiga de se totalizar em gabos de tão

generalizado encômio. Na Praia Vermelha era menos estritamente particularizado e compensado os defeitos dos companheiros de casa e filhos de tantas terras diversas, sem monopolizá-las em favor de certo grupo.

Contudo, os maranhenses eram em geral, entre nós, mal havidos e recebidos. Aliás, Antônio Vieira que bastante os conhecia, não os tinha em boa conta pois os tratava publicamente, no púlpito, de motejadores, maldizentes, mexeriqueiros e sobretudo mentirosos. E parece, quanto a este último atributo, com alguma razão, pois, ainda hoje, nos registros da nossa língua maranhão, bula e carapetão se consignam na mesma sinonímia.

Parece realmente, que a má acepção emprestada ao vocábulo - maranhense - não era uma balda da Praia Vermelha. Em nota apenas às poesias de Laurindo Rabello por Joaquim Norberto de Souza Silva, este, referindo-se à uma gazeta satírica *O sino dos Barbadinhos*, editada no Rio de Janeiro, escrevia: “O primeiro era uma folha de publicação irregular, órgão das especulações e traficâncias de um indivíduo, como ainda hoje muitos *maranhenses* lhe seguem o exemplo”.

Como quer que seja, os maranhenses suscitavam entre nós uma grande prevenção. Eram considerados capazes de tudo, exímios na arte de vencer pela bajulação e de todo irrespeito à mais comezinha honestidade. Distinguia-os, em geral, um grande preparo nas humanidades e um forte sentimento gregário. Essa colônia escolar era de todas a mais unida e dotava-a uma inteligência esperta e muito clara, o gosto do estudo, da linguagem extrema de impurezas e empenada nas regras da gramática do Sotero dos Reis.

Dada a coesão desses grupos provinciais, procurando distinguir-se e centrar-se pelos nomes das várias regiões do país, nessa inclinação do homogêneo ao heterogêneo bastava, às vezes, que um simples indivíduo saísse fora das regras da Moral ou do Bem Viver, para que logo todo o grupo fosse incriminado do defeito acusado num dos seus componentes. Em todo agrupamento territorial a que pertencesse o delinquente, não custavam recair a falta ou o crime do seu elemento individual mais irregular ou comprometente.

- Fulano surruiu um níquel, que estava na mesa de Beltrano...
- De onde é ele?
- Do Cadó ou de Itapemirim...
- Ah! Esses maranhotos, não tem que saber...

De um fato semelhante, confirmado pelo acaso de algum outro de gênero idêntico, nasceria o aleive que a todos alcançasse. Fosse por isto ou por aquilo, na nomenclatura de nossa gíria interna, “maranhense” qualificava quase todos os defeitos, mesmo o de não respeitar o sétimo Mandamento⁴⁴. A apreciação sumária e a parcial revertia, quase sempre, na maior das injustiças por não poder um partido ou uma coletividade serem responsáveis da fraqueza ou ação repreensível de alguns de seus indivíduos. Ninguém refletia nisso.

Não nos distinguíamos em geral por primores de julgamento. O juízo bom ou mau, sobretudo mau, estava feito e prevalecia apesar do seu disparate e iniquidades evidentes. A tendência a tudo agravar e denegrir, nos atos dos companheiros e vizinhos nascia talvez de uma rivalidade e desconfiança comuns, jazidas no fundo do subconsciente de uma gente colhida às cegas, aqui e acolá, curtida na generalidade das mesmas tendências e deficiências...

O baiano era inquinado de apacholado, falso e bem falante. Andava-se longe, porém, de aceitar como exato o injusto e falsíssimo prolóquio embora viesse à baila frequentemente: “Baiano quando se encontra um bom é por engano”. O paraense, o mineiro, o goiano e o mato-grossense apareciam como gente de boa marca, bastante retidos, sérios, promessa de homens de conta. No rio-grandense-do-sul via-se o fronteiro petulante, contador de casos de farroupilhas e castelhanos, um quase estrangeiro, dotado do sentimento do brigão, pela posição extrínseca do raiano, inquieto e bravateiro.

O paulista e o pernambucano, bem cotados, tingiam-se, porém, de certo orgulho e exclusivismo bairrista. Calcavam-se no pernambucano as suas disposições de agravado e reativo. De comum ajuizava-se: “Todo pernambucano é faquista”. Considerava-se o carioca um disposto à malandragem, ao partidarismo, à conquista de mulheres. O nordestino corajoso, inteligente no trabalho de sua readaptação, deveria prevalecer na população escolar. Caracterizava-se fisicamente por sua cabeça chata e por sua ignávia, maneiras desprovidas do menor polimento em convívio social e certa simpatia às soluções da vingança, peculiar aos negócios do cangaço.

Predominava na Escola a superstição do “muque”, isto é, da força física, para a quebra de nós, que toma por divindade. Nós limitávamos ao bíceps brachial todo nosso

⁴⁴ O mandamento do adultério, ou seja, “não cometerás adultério”.

culto do atletismo. Raro aquele que desdenhasse o músculo devidamente cultivado como uma das vantagens da defesa e independência do indivíduo.

Não havia muitos fortes de constituição nas nossas fileiras, daí talvez o prestígio inconcusso dos mais raros assim dispostos e bem-formados. A cultura metódica da ginástica, capaz de desenvolver-nos, não era nem das mais bem feitas nem das mais seguidas. Ela e a esgrima só conseguiram apresentar meia dúzia de tipos, que a natureza talvez já dispusesse a esse relevo particular.

A verdade é que nós os encarávamos com certo respeito, embora no fundo ríssemos das incapacidades do peito aberto e do braço elástico e potente para o seu possuidor, limitado a isso, compreender a página do Conto ou o teorema do F. I. C. A literatura, daria elementos para apreciar o verso ou a perífrase, falar bem e escrever bonito, o “muque” não armava os seus adeptos de outra perícia mais notável que levantar o peso dos halteres ou vergar o pulso alheio. A verdade é que os exercícios físicos não nos eram agradáveis.

O calor, como em todo o Brasil, pedia a sesta, o ócio e a quietude como condição de seu refrigério. O muque exigia uma educação da atividade, reclamava horas e horas diárias de tração rítmica, de braçadas ou pernadas bem dirigidas e a tempo. Requeria gente disposta a sair do pé dos livros, da aula ou na banca do dormitório, para a guarda de quinta, o salto e a corrida, o nado e o remo, a prancha nas argolas e a cambalhota nas paralelas... Além do tempo gasto e do cansaço consecutivo, seria a porta aberta para o entorso, o resfriamento e a queixa-do-peito... Contudo o “muque”, como um prêmio ou laurel de poucos escolhidos, desenvolvia-se numa grande admiração de nossa parte; o “muque” seria uma sobreexistência do Homem da Caverna, chibante de contar com o próprio punho para decidir do direito, na urgência de suas últimas instâncias... Se as ocasiões do seu emprego eram raras, nem por isso o “muque” perdia de suas virtudes garantidoras e heróicas quando fosse das imposições da necessidade da reação mais premente. O “muque”, bastante raro, era citado, frequentemente, na expressão adverbial com que a todo momento, mesmo os mais fracos, o celebrávamos: - “Isso só a muque, - “Se me vir perdido vou a muque”- “Tiro as dúvidas a muque”...

“A muque” era o sinônimo escolar do português “à força”. Por isso os menores e mais débeis, como os mais membrudos e robustos, empregavam-na todo tempo, inclinados

a crer que neste mundo a razão deve estar sempre da parte de quem mais pode. Marcos Curius, ou Luís Furtado, invencíveis na “queda de braço”, bombeando os seus peitorais de aço no tórax de discóbolos, tinham qualquer cousa de um exemplar de humanidade bastante atrasada e bruta, mas quão digna de nosso apreço!...

Nesse magma diverso de cores, de interesses, de sentimentos, de expectativas, e modos de ver, revolvidos em indivíduos de todas as classes, me vi na Praia Vermelha bem pequeno, insignificante e tolhido. Esquivaram-se-me num halo de saudade, sumidas no escuro de caserna o cochicholo do Fundão, a residência no Pau Ferro, a casa do Bom Retiro, o sobradinho do Campo.

O meu primeiro movimento na Escola Militar seria de medo e decepção, numa confusão das mais explicáveis, dadas a minha educação anterior e tudo que me cercara até então. Não sei se tive o cuidado de pôr o pé direito na entrada dessa academia e quartel da Praia Vermelha. Sem dúvida alguma o fiz na saída, sem melhor resultado... Contudo faltando-me o “muque” não poderia dispor de melhor argumento... Como, pois, abrigar as minhas razões sob o signo do bíceps, estojado num feixe avultado de fibras musculares de que a natureza a meu respeito se mostrara bastante avara?

21. FRAQUE DO CASQUILHO

Cheguei à escola da Praia Vermelha esterlicado na calça de casemira de listas e no fraque azul-marinho, que haviam pertencido ao meu pai, falecido pouco mais de um ano antes. Era o meu traje das grandes ocasiões, a roupa de ver a Deus, vestindo-o nos aniversários e visitas mais importantes...

Esse fraque pesava-me como se tivesse pedras nos bolsos, muitos quilos nas ombreiras e fossem de chumbo os debruns das orelhas. Detestava-o. Compreendia que a minha juventude, se obrigava a suportá-lo na singular emergência do luto que representava. Deu-me a noção clássica da túnica de Nessus, e a de certos casacos forrados de pontas de ferro, usados segundo dizem nas torturas do Santo Ofício. Não seria porque tivesse nódoas ou algum rasgão disfarçado. Ao contrário. Era limpíssimo e quase novo em folha, pois o tinham poupado durante tanto tempo, no fundo da mala, para que ele tornasse a receber a luz do dia, escorrendo-me no dorso amargando-me a existência... O cheiro de cânfora não largava o honesto e sólido tecido, lembrando a gaveta de seu antigo jazigo. Se estava assim em tão bom estado, acontecia que o talhe e mesmo algumas costuras não podiam deixar de definir-lhe o tamanho anterior ao conserto por meio do qual fizeram-me utilizá-lo; de sorte que o meu temor era que apercebessem por esses indícios haver pertencido a outro. Ser reconhecido pelo segundo hóspede do fraque tirava-me o sono; só pedia a Deus que de repente esse invólucro de luxo estalasse todo, como a seda de um antigo guarda-sol ao fechar-se do avesso pelo vento.

A minha alma aborrecida por esse traje, sonhava no seu desejo malsão, que ao passar debaixo do andaime o pintor lhe deixasse cair em cima o balde de zarcão ou algum desvairado, na rua, lhe entornasse nas abas o frasco de vitríolo. E tão porfiosamente me fazia no exaspero contra esse fato inocente, que nem me enternecia pensando ser nele que meu pai, Contador dos Correios de São Paulo, ia abraçar o Ezequiel Freire, espairar aos domingos no Jardim da Luz ou visitar as rosas da chácara de Dona Veridiana Prado, no alto de Santa Cecília.

Não sei como o fraque saiu incólome, no seu elegante alinhamento, quando atravessei os umbrais do portão da entrada dos imensos alojamentos da Praia Vermelha. Há umas páginas publicadas em 1818 por Felipe Patroni e intituladas: “Dissertação sobre o

direito de caçar, que compete aos veteranos”. Nunca as vi, tendo, porém, as minhas razões para acreditar, que não deverão cheirar a grande cousa, se não forem mesmo a amostra inicial do desconcerto cerebral do famoso paraense, seu autor. Em todo caso viria bem a talho de foice a distribuição dessa famosa Dissertação do Patroni, no limiar da Praia Vermelha. A menos que se preferisse grudar-lhe nas portas a estância jocosa e alatinada do “Palito Métrico”⁴⁵, que assim contava os abusos e maus tratos da estudantada portuguesa:

*“Nanque solent novatorum rasgare baetas,
Sopaposque dare, anhis arrancare que barbas
Inque suis caris cuspire deinde: novatis
Siqua sit a pobris resimpolitica, murri,
Et barretadas cum pontapedibus ipsis.”*

Galgando o vestíbulo da nossa academia militar, tínhamos, com efeito, que enfrentar as apoquentações do “trote”, quer quiséssemos quer não. Essa instituição escolar de matraqueação dos principiantes não nos era original; como tantas outras, boas e más, e sobretudo péssimas, tinham-nos sido em grande parte legadas pelos meios universitários europeus. Nas academias do Rio de Janeiro, Bahia, Olinda, São Paulo, Porto Alegre e Fortaleza, muitos excessos foram cometidos na cópida dessa velha tradição da estudantada.

Phoncion Serpa, em “Calouro”, dá ideia do que se passava com os novatos na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Os “anexins” da Escola Politécnica do Rio de Janeiro não sofriam menos. O que reinava na Escola Militar era ponto por ponto imitado da Escola de Saint Cyr, basta ler as páginas recordativas de René Maiseroy⁴⁶.

Os cadetes em chusma pareceram-me ter ocorrido especialmente para ver não o noviço enfezado, o antigo diretor e redator-chefe do “Aspirante”, mas o fraque imperdoável, que oprimia o esdrúxulo e tímido calouro do Campo da Aclamação.

A Praia Vermelha eriçar-se-ia de todos os seus espinhos de má recepção para aturdir e castigar o bisonho, que a procurava, vestido tão cerimoniosamente. – Que pensa você

⁴⁵ “Palito Métrico” é uma coletânea de poemas, cartas e recomendações escritas em latim macarrônico, assinado por Antonio Duarte Ferrão, pseudônimo atribuído ao padre João da Silva Rebello (1710-1790), doutor em Teologia ou Cânones pela Universidade de Coimbra.

⁴⁶ René Maiseroy (1856-1918), escritor francês tido como autor de romances erótico-mundanos.

querer, seu animal, metendo-se nesta Escola? – Que deseja alcançar, seu coió sem sorte, esgargalhado neste fraque, fazendo pouco dos mais? Confundiam-me de começo com essas e outras perguntas do mesmo gênero, silvando ao meu encontro. Eu respondia às pulhas, com a sobranceira da pureza, que minhas intenções alardeavam: - Ser um dia, se Deus Nosso Senhor deixar, engenheiro e bacharel... O apelo ao consentimento da divindade provocava as gargalhadas cétricas com que se me desfolhavam e murchavam os cálculos de futuro.

Na Escola Normal de Paris obriga-se o recipiendário a oscular a última vértebra da cauda do megatério, que dorme nas coleções desse estabelecimento. No Instituto de Química dessa cidade eponja-se-o de uma tinta gorda... Na Praia Vermelha sonegavam ao novel estudante o direito às suas melhores esperanças, escarnecendo dos seus áureos projetos, duvidando mesmo do Altíssimo...

Na Universidade de Coimbra, por exemplo, as brutalidades de acolhida protraíam-se, exagerando os seus abusos. Assim na Praia Vermelha, onde o infeliz era sujeito ao noviciado de provas, as mais demoradas e acerbas. Durante vários meses se prolongariam os nossos tormentos. Até o exame de Habilitação, que era no meio do ano, não poderia mais dormir sossegadamente, nem me aplicar ao Compêndio, à luz de vela que a alumiasse.

Para começar, tiravam-nos a alma, cabível na personalidade dos seres de razão, transformando-nos em “bichos”, para autorizar tudo quanto fosse meio de aperrear-nos e constranger-nos. Entre os muros da academia e quartel, que nos recebia tão pouco caritativamente, a tradição escolar prosseguia invariável nos seus tratos e vexações. A lei, com que se nos riscava de existência qualquer veleidade de animal volutivo e autônomo, traçava-se neste aforismo passado em julgado: “O bicho só tem direito a não ter direito a coisa alguma”. Por essa declaração draconiana das mais contraditórias tentava-se quebrar o fundo de independência, que se opusesse à triste servidão a que nos submetiam nesses constrangimentos.

Seria a educação obtida por meio de tudo que nos fosse vexatório, contrário e irritante, o preparo da alma afiada na roda de amolar das picuinhas alheias; seria a

obediência do *perinde ac cadaver*⁴⁷, à força de maus tratamentos e pilhérias, confundidos por vezes de tal maneira, que não se sabia onde começava o brinqueado e acabava a judiação. Por esse meio abusivo e constrictivo nasciam e desenvolviam-se, entretanto, as relações entre as turmas dos estudantes. Os constrangimentos, as chufas, as sujeições e aperturas ajudavam trotistas e troteados, seniores e juniores, a se conhecerem mais de perto. A entrada do paraíso da sociabilidade se fazia pelo corredor infernal das amofinações e surriadas dos mais antigos.

Albert Thibaudet em “Trente ans de vie française”, estudando o bergsonismo dizia: “Le mot par lequel on designe dans écoles l’effect heureux de la brimade est caracteristique: elle vous ‘assouplit le caractère’”. E o autor explica essa operação de abrandamento obtido pelas contraposições e arregos do trote: “Lisons qu’elles vous assouplit, comme un massage, a l’entrée d’une vie où vous apportez de la gaucherie et de la laideur, des mouvements maldroits et inadaptes”⁴⁸.

Para o filósofo, que se preze, não há em verdade grandes nem pequenas cousas humanas. De tudo é capaz de tirar a ilação, o argumento de força, a razão de ser, o princípio de causa e efeito... Para ele a alma, nas suas relações necessárias, desdobra-se como num tecido contínuo, onde tudo se prendesse à necessidade das malhas em que se erigisse e se distribuísse o inseparável parênquima da sua substância anímica. Dos safanões e afligimentos escolares do trote, esse neoplatônico tira o benefício moral da flexibilidade maior do homem à subordinação prática de nossa índole às circunstâncias mais ou menos agressivas do meio.

Não deixemos de reconhecer-lhe alguma razão... Seria, entretanto, bem longo o calvário do calouro da Praia Vermelha, durante o qual a vontade do noviço era a todo hora dominada e espezinhada. Na Inglaterra, em Eton, os novos são os *fags*, completamente submetidos aos maiores. Fazem a cama, tiram a água das bombas, escovam a roupa dos

⁴⁷ Em latim: “*igual a um cadáver*”. A fórmula já foi usada como juramento dos votos de Pobreza, Obediência e Castidade em certas comunidades da ordem religiosa da Companhia de Jesus.

⁴⁸ Albert Thibaudet (1874-1936), ensaísta e crítico literário francês. O volume *Trinta anos de Vida Francesa* foi publicado em 1919. No primeiro trecho: “*A palavra pela qual se designa nas escolas o efeito do trote é característica: ele vai ‘abrandar o caráter’*”. No segundo: “*Entenda-se que ele [i.e. o trote] lhes amolece, como uma massagem, a entrada de uma vida para a qual você traz a gafe e a desgraça, os movimentos errados e inaptos*”.

grandes. Toda desobediência é punida com suplícios. Também se nos transformaria a existência na estreiteza de um mesquinho cativo. Não sei se sairíamos melhores do concurso dessas provas. Entregando-nos perfeitamente subordinados aos caprichos e importunação dos “veteranos”, preparar-nos-íamos para viver, fazendo boa cara às exigências e impedimentos alheios.

Lucraria a psicologia, afazendo-nos ao comércio das relações sociais, de começo apertadas nas fivelas de tão incômodo cinturão... A menor das cousas, na série dos aborrecimentos do trote, era a xícara de café na sobremesa, tomada em fases bem distintas: primeiro, o líquido puro e, em segundo lugar, a colher com o açúcar. Os safanões consecutivos, para fazer o paciente rodar sobre si mesmo, misturariam os elementos separados na ingestão consecutiva dos dois alimentos. O simples fio de linha das mais fracas, atando o “bicho” no braço do bico de gás, dar-lhe-ia a noção prática das mais estupendas e necessárias, exemplificava a Força Moral. Nos banhos salgados, não seria raro forçarem-nos ao “caldo”, recebendo na volta da onda, os goles do seu amargor... As ratazanas, à noite, marinavam pelas travessas das camas, em cuja chapa de cabeceira haviam disfarçado para esse fim, o pedaço de queijo ou de pão untado de manteiga. À hora de acordar para a formatura da manhã, todas as nossas botinas se encontravam misturadas com as dos outros numa pilha, sendo urgente procurar na montoeira o par que nos pertencesse. O mesmo seria encontrar a agulha no palheiro e isso nos apuros da hora regimental, cuja aproximação para o novato se fazia das mais instantes e improrrogáveis...

Perder-se-ia nesse elenco de provações, a hesitação de certos princípios ou noções de pudor mais explicáveis. Na areia da praia, onde rolávamos em comum, a falta da menor folha de vinha, chocava-nos certos melindres, pois não andávamos acostumados a tal promiscuidade e nueza como entre selvagens ou nossos primeiros pais. Chegava-se a ser obrigado a guardar o pãozinho da ceia dentro de meia velha ou repassá-lo em certas partes mais secretas do próprio corpo para deixá-lo na gaveta e poder conservá-lo intacto até a hora de aproveitarem os direitos inconcussos da fome do seu proprietário. No seguro de certas repugnâncias tornava-se-o incólume da voracidade.

Os mais alvoroçados dos que nos receberam, nesse dia de matrícula e apupada na Praia Vermelha, ameaçaram-nos logo continuar até o pescoço a lasca na cauda do

malfadado fraque. E silvavam em torno as galhofas de remoela, dirigidas menos contra mim próprio, que à minha escoreita sobreasca: “- Fraque! Engole ele!”, “- Olha o gafanhoto!”, “- Cerca o paspalhão das luminárias!”, “- Corta um pedaço do rabo do enfrascado e deixa-lhe uma banda só”, “- Que fenômeno, o pomboca, entrepigaitado num fraque!”, “- Mané Gostoso! Quanto queres pelo fraque de asas? Meia pataca ou meio tostão?”.

O Cristo na Via Sacra não ouvira tais cousas e não sofrera tanto como eu sujeito a tais mofas e corrimaças, chauças e palavradas, entre tantos desconhecidos. Porque ao passo que me ridicularizavam a veste, zombavam implicitamente de todos os cuidados de ternura que haviam comigo lá em casa, aproveitando e arranjando aquela deixa de tão boa sarja... Afinal, como remate das chacotas e apupadas, obrigaram-me a despir o fraque e a vesti-lo do avesso.

Relanceou-me logo o pensamento atroz de que assim pelo forro fosse talvez mais fácil reconhecer haver sido consertado e diminuído do tamanho primitivo. Comprimiam o indivíduo, abatiam-lhe a personalidade, a fim de lhe dar o melhor percebimento e aptidão no jogo e limite de certas condescendências.

No meio do ano, por ocasião do exame de habilitação de Aritmética, cessavam todas as mangações e caprichos contra os novos por parte dos colegas mais velhos. Completar-se-ia nessa ocasião a metamorfose liberatriz, a que transformaria o “bicho imundo” em “veterano” seletos... Para solenizar a transformação, armavam-se “troféus”, derrubadas as camas juntavam-nas aos livros, às botinas, às malas esparsas de cada matriculado no ano. Encaroçavam-se as tolhas de laços bem apertados. Como só pudessem ser desfeitos com os dentes, davam-se apropriadamente a esses nós o nome de “biscoitos”.

O último trote erigia-se no monumento de confusão e desordem, erigido com os troços do “bicho” e ao pé de cujos montões seria escrito a giz a dedicatória adequada... das fraldas da pilha considerável de nossos objetos juntados no acervo dos mais heteróclitos, olharíamos para o que ficara bem para trás de tudo isso, a meninice irresponsável, o rabo de saia familiar, o livro proibido, distinguiríamos dali o que nos faltava percorre, o caminho árduo para o galão e diploma, estrepado de zeros, inçado das noites em claro em cima do

Clairaut e do Delaunay⁴⁹, sobressaltados pela chamada dos bedéis na aula e dos sargenteantes na revista e pelo exercício de esgrima de baioneta do coronel Meyer, apertado nos parafusos da sentinela armada numa guarita de Postdam⁵⁰.

⁴⁹ Alexis Claude Clairaut (1713-1765), matemático francês. Rangel possivelmente se refere aos dois livros que se destacam graças ao amplo uso no ensino de matemática, na França e outros países, por muitos anos: *Elements d'algèbre*, de 1749 e *Elements de géometrie*, de 1765. Charles Eugene Delaunay (1816-1872), matemático e autor de vários manuais didáticos. (vide <http://ecalculo.if.usp.br/historia/clairaut.htm>; acesso em 07/12/2008).

⁵⁰ Cidade alemã que abrigou a chamada *Conferência de Potsdam*, entre 17 de Julho e 2 de Agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da II Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha vencida.

22. O BLUSÃO DO EUCLIDES

Foi desse modo atrapalhado e vexado, que me vi pela primeira vez da minha vida, no meio daquela juventude fardada, diante de Euclides da Cunha, assim duas pedras se reconhecessem, atraídas em meio do cascalho, revolvido na babugem da ressaca do equinócio. Ele andava metido dentro de uma blusa parda muito folgada, que lhe atestava a despreocupação de qualquer proporção e janotismo preponderante.

Pequeno e seco de carnes, talhavam-se-lhe os pômulos e maxilares de nordestino assolado na cabeça ligeiramente escantilhada, onde os anediados cabelos de um bororó luziam como almecegados. O ar de introvertido vincava-lhe a personalidade física das mais comuns de um traço sumamente significativo. A alma onera-se-lhe-ia em perpétuo litígio, forçada às algemas da existência material. Vaguejado no arrebate de um sonho continuado, dava-me a impressão do último habitante do planeta, estirando ainda um olhar ao seu último poema, para o corrigir, quando já ressoassem as primeiras notas de chamada na trombeta de Josafá⁵¹.

Entre os numeroso alunos muitos haviam do mesmo tipo xenguengue e acaboclado, de maldades altas, escuros e secos, nenhum, porém, contramarcado daquela aura de transporte e visão, que nele radiava. Esse deveria pular do meio da turba escolar com os modos de um Lúcifer, exilado do Empíreo, sacrificado na revolta do gênio ardente e insubmisso... Os seus olhos abrasavam-se num fogo entranhado e misterioso. Que vida intensa lhe resumava a alma em fulgores repentinos e penetrativos! Não me tranquilizou a expressão, que lhe surpreendi no esgazeio e fixidez com que por vezes se lhe rasgavam as pupilas dum gato-do-mato.

Não obstante, o meu fraque se sentiu logo todo inclinado para aquela ampla gandola do meu veterano, que lhe dava a rotundidade do Cyrano de Bergerac, resolvido a subir ao céu com a cinta cheia de bexigas de ar. Assim adjacentes, ele de dentro com a blusa e eu de fora com o fraque, metidos em duas cousas que igualmente nos singularizavam e distinguíam, botamo-nos um para o outro, nessa indizível atração, que acabaria de fazer-nos “Os dois egressos da farda”. O “blusão” interpelou-me, com o ar de espanto que lhe tirava

⁵¹ Josafá, dentre outros músicos, toca trombeta na chegada da Arca da Aliança ao reino de Davi (Bíblia, *Livro de Crônicas* I, 15).

tudo o que pudesse oferecer de escarninho: “- Então, seu “fraque”, onde vai com esse “bicho”?”. Esse trocadilho devia ter-me feito ficar cor de lacre. A minha sensibilidade, avivada por essa rapa irônica do “blusão”, incomodava-me como sujeira ao voo importuno de um inesperado moscardo. A menor alfinetada esvaziar-me-ia as artérias...

Aquele meio em que acabava de cair, nunca me pareceu tão agressivo. Os estudantes apupavam os recém-chegados. Puxavam-nos para um lado e para outro. Enganavam-nos. Traçavam-nos. Aperreavam-nos, ameaçando com água, urina, fogo, cola e tinta de escrever. Fustigavam-nos com ditérios. Suportaria tudo. Que me fizessem ajoelhar no esterco, tomar banho à força, provando de vez em quando da água da bacia, fazer marche-marche várias voltas da Escola, separar a farinha da pólvora, mas aquela alusão ao fraque, justamente pelo cadete com que tanto logo simpatizara me deixou arrasado. Senti secretamente, que isso partisse daquela criatura a qual, perdida nas sobras do blusão de seu uniforme, parecia nadar nas vagas empoladas e revoltas dos seus próprios sonhos e ideais. Mais que nunca, arrependido fiquei de me haver matriculado naquele carfanaum, o qual me pareceu repartido ao mesmo tempo num quartel, num hospício de loucos e numa casa de marimbondos.

A aranha, com os oito olhos de sua constituição, vendo-se por sua vez caída na teia inimiga em que não pudesse mexer-se, não seria mais infeliz que o mocinho do fraque, tombado na Praia Vermelha. Por sobre todo esse rapazio contumelioso e ridente essas cousas, incompatíveis com a minha doçura de menino bastante quieto e bem mandado, me fizeram um órfão irresgatado no seio da Geena da madrasta irrevogável. E no momento, tudo aquilo me aparecia assim disposto por causa daquele blusão, chistoso a seu modo, o qual caprichosamente também implicara com o escorrido do meu custoso fraque. E dizer-se que, como eu, ele sofria, das reações contra esse meio ao qual não nos adaptaríamos definitivamente!

Afinal, notando ter feito bastante mal ao “enfrascado”, aumentando-me o embaraço e a confusão, Euclides aproximou-se e perguntou-me, chateando com ar blandicioso, se já tinha feito versos. Ah! Se soubesse, que ele os fazia e pudesse citá-los um a um! Com efeito, Euclides, em 1883, tinha inserido num caderno, datado do Rio de Janeiro, extratos dos primeiros versos, que coligira e ficaram inéditos sob o título de “Ondas”.

Nesse poe­tar de princi­piante todos os grandes temas da Vida e da Morte, do Bem e do Mal eram tateados no balbucio de quem experimen­ta as suas forças, tangendo, com a inexperiência de uma criança, a harpa de tão graves e doloríssimas cordas. O Amor, e o Destino, acendiam-lhe, no céu negro, os facho­ para aquele que, mau grado a sua inspi­ração, ainda não podia distingui-los bem. Já então se anunciava o que haveria de retratar-se no soneto “D. Quixote”, buscando o espelho no escudo do cavaleiro da Triste Figura, louco de humanidade e arrojado a impossíveis, o agitado paladino da defesa do fraco e a vítima do amor não-corresponde­do...

Faria Euclides conter neste terceto todo o enigma decifrado de sua intensa e delicada vida moral:

*“Porque há cousa pior: é o ir-se a pouco e pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes ilusões e não se ficar louco.”*

Doido por atirar-se ao abismo das dores que adivinhava imensas, como prêmio da sua pobre existência, enrolava-se aquela alma na valva da poesia para elevar-se-lhe nos vórtices de seus rasgos mais cruentos e desesperançados. E o seu sentimento flutuava, tentando sondar-se na desilusão, na ira, na tristeza, na paixão, em cujos setores de paio ensaiava as asas do canto exordial.

Nos seixos rolados desses versos de Juvenilia há vestígios de ouro puro. Nessa ganga, quase infantil, despontam estilhas do metal precioso de que ele encheria as bateias nos rios afluentes do seu pensamento, para mais tarde fundi-las nas páginas de “Os Sertões”, da “À margem da História” e dos “Contrastes e Confrontos”. Nas “Ondas”, instáveis e passageiras, Euclides inclinava-se sobre um seio de mulher, escutando-lhe gravemente nas pulsações as “horas da eternidade”. Referindo-se a Danton, devia retratar-se o menino, quando o achava “inquebrável” e com a voz de “eco formidável”. Numa volta da estrada ele surpreendia o luar, semelhante a um companheiro de lenda, no traço que lembra a estampa de Alberto Durer. E, blasfemo a seu modo, “– O lábio ermo da prece, e peito ermo da crença–” como Cristo à cabeceira, sonhava na montanha dos seus devaneios com a tentação de Satã... O olhar cego da estátua tinha-lhe esta trágica significação: - ser a “noite petrificada”. O céu azul, na mais fresca e pura das imagens, parecia-lhe o “lábio

ardente”, abrindo num sorriso: - o dia! O lirismo expedia-lhe do estro este murmúrio de amor desabrochado em luz:

*“Com dois sóis como os teus olhos
Há dia no coração!...”*

Queixar-se-ia de que nunca um beijo de mulher lhe tivesse adejado os lábios ressumbrados nas primeiras preces e blasfêmias. Não perderia o infausto por esperar... Esse beijo viria, a seu tempo, dar-lhe o gosto do fel, o veneno da tradição e mesmo o ressaibo de sangue... No vácuo do ser, com seus dezessete anos, as “gélidas bafagens”, lhe crestavam tão cedo as flores que dão em cachos nos jardins da ilusão e da ternura... Tão precoce Manfredo, a tecer a balada da sua prematura desesperação! A vida do estudante banal, suando frio, entalado entre os teoremas do Bourbon e as equações das curvas clássicas, seguia na estrofe o ingrato ramerrão:

*“Acabo de estudar e pálido, cansado
De umas dez equações o véu fui arrancando.
- Estou cheio de spleen, cheio de tédio e giz...”*

E dedilhava nos bemóis do lânguido harpejar, chamado muito antes de Olavo Bilac, as estrelas, uma a uma, para o concurso suspiroso de seus cantos de criança. A volata tangia-se com os raios que lhe mandavam os astros eternos, fluidizados no trópico:

*“Aquela estrela perfumada e branca
Que cintila na noite de sua alma...”*

“A noite é negra, é feia e tem no seio a estrela

.....
Nos olhos das estrelas Deus espia

.....
Deus deixa a estrela se espelhar na lama

É bem pequena a estrela

E no entretanto é um mundo.”

Mas, de repente, esse troveiro juvenil, de olhos pregados nos céus, para sem poder respirar teria previsto todo o pavor do drama da Estrada de Santa Cruz, com este dois versos exalados da alma, e nos quais adivinhava a sua triste sorte, entre as pesadas névoas do que tem que ser e o esperava na tangente da existência submersa no barranco, onde um par de assassinos lhe abriria a precoce sepultura:

*“A estrela – rubra e imensa
Do meu destino atroz, aspérrimo, sangrento.”*

Euclides mete a mão esfriada no peito, palpita-lhe o coração indomável e convulso reventado em lágrimas infantis. Uma grande dor atravessa o músculo, partido-o pelo meio. Que teria visto ou sentido o desgraçado? E este verso de horror lhe salta dos lábios, sucedendo ao “je ris en pleurs”⁵² de Villon, instituído com tantos anos de antecedência o drama de “Pagliacci”⁵³:

“- Solução a gargalhada!”

Interessante, que esse contraste entre a risada e o pranto lhe voltasse à lira incerta e precocemente magoada dos primeiros anos. É assim que o moço, minado dos sentimentos absolutos nos quais se lhe abatia a alma noviça, ousava misturar as lágrimas ao riso solto:

*“E quando pouco a pouco
Essa ideia me abate e vence-me alterosa
De amargores repleta eu rio como um louco...
E se ainda dor mais forte e tenebrosa
Soe ao último ideal de minha alma aniquilar
E vence-me de todo
Então – me ergo mais – e desvairado o olhar
Divinamente doído
Eu rio, rio, muito e rio até chorar!...”*

⁵² François Villon (1431-1463), poeta francês do final da Idade Média. Tradução: “*eu rio em lágrimas*”.

⁵³ Pagliacci, ópera em dois atos composta por Ruggero Leoncavallo, retrata a tragédia provocada por um marido ciumento, que mata a esposa adúltera e o amante em meio a uma trupe teatral que encena, num vilarejo da Calábria, um espetáculo da *commedia dell’arte*.

Remédio seriam as suas sombrias interrogações mais íntimas, consolo às tribulações do seu pesar sem objeto, rir quando lhe andasse a alma entristecida e mais inquieta! Rasgar-se-lhe-iam então as trevas interpostas no seu desespero, usando de fácil terapêutica:

“E sonho e canto e rio e me deslumbro.”

Pensaria o lamartineano, que ainda lhe restaria esse recurso para adormecer os golpes aos quais fosse mais sensível, sem vender por bom preço a sua descoberta:

“Não há dor que resista ao som de uma risada.”

Mais tarde Cruz e Sousa também bateria na tecla desse contraste, todo arrepiado neste decassílabo penoso:

“Ri, coração – tristíssimo palhaço!”

Ah! Nesse momento em que o “blusão”, fingindo zombar da aptidão literária, que presentia em mim e por seu lado tanto o afervoava, já tivesse eu o conhecimento das “Ondas”, quão fácil seria responder-lhe: - Não faço versos, mas sei de cor os que te saem da estuosa cachola. E, recitá-los-ia ao autor, que me ouviria confuso e todo vaidosamente encantado:

“O Vício

Dar-te-ei Ouro!... gemas coruscantes!...

A Honra

Foge!... eu te dou a minha capa velha!...”

O meu fraque, julgado novo, rejubilaria com a história dessa capa velha. Tu, meu companheiro e futuro amigo, davas com esse apólogo dialogado o programa da tua altiva e atribulada existência.

E as estrofes das “Ondas” continuariam a borbotar-me dos lábios. Quando me detivesse na recitação, seria para berrar-lhe de dentro do meu fraque: “Nestes teus balbucios poéticos o gênio brota da copa de sua vasta ramada. Língua portuguesa falada no Brasil, tu, Euclides, escrever-te-á grande e nobre silabário, mas há de ser num grande livro em prosa”.

23. CONTINUAM EM CENA O BLUSÃO E O FRAQUE

Com a pergunta que me fizera o Euclides, se jamais havia dado alguns tratos à musa, fiquei, entretanto, mais confiado e arrojado em tão complicada e apoucada ocasião, confessar-lhe: - Versos, nunca os fiz, não senhor! Mas já tive um jornalzinho: - O ASPIRANTE. À minha resposta se submisso informante, o Euclides sorriu benevolmente e disparou-me com ar protetor: - E não terá algum exemplar desse “Aspirante”, seu conceituado órgão, escondidinho nesse bolso de dentro, que está de fora!? E assim perguntando, apontava com o fura-bolos inclemente para o fraque virado, no alto do fígado, onde se escondia, muito espremida a minha carteira vazia. Aquele rapaz, para o qual tudo me inclinava, não poupava na sua mofa e vestimenta odiada, que eu previra fazer-me notado naquelas lufadas de veias e zombarias escolares, apesar das garantias de tranquilidade a esse respeito dadas por minha mãe: “Deixe de bobice! Que rapaz mais pateta, Santo Deus! Pois não vê, meu filho, que estás bem vestido com essa roupa fina e tão bem arranjada, que parece não ter sido feita senão para o teu corpo!”.

Ao penetrar no alojamento, constrangido no fraque que, voltado do avesso pelos cadetes não melhorara, o meu ímpeto foi voar naquele pandemônio de troça e vilipêndios. Os meus pensamentos tomaram asas ultrarrápidas, alvoroçadamente levantaram o voo e começaram a voejar pelos quietos lugares que me eram mais conhecidos e estimados, lembrando cousas diferentes e melhores. Precipitou-se-me a romaria das recordações de ninho em ninho, de alvéolo em alvéolo, bem longe da Praia Vermelha.

Revi a nossa casinhola do Bom Retiro, em São Paulo, vestida de rosas e jasmims; a coruja que entrara em casa nas vésperas do meu pai morrer e a qual se debatia na gaiola em que a encerramos para maltratá-la: o cão “Nero”, as mandíbulas babosas, os olhos surpresos no infinito de sua dolorosa mágoa, debatia-se morrendo, mordido pelas abelhas de nossos cortiços, zangadas com o nobre animal sem saber por quê; apareceu-me o Zamari, o velho colono de S. Paulo. Vi-me, enfim, a banhar-me no tanque do Bexiga, com meu pai e o Ezequiel Freire, este todo poético e nu em pelo, recitando no alto da barroca de onde tombava o jato do cachoeira:

*“É lontra a beber água
Nos Tanques que abriu a chuva,*

Arde o calor pela frágua

E há sombras na capitiva”.

Essas cenas distantes me acoiriam, incorporadas ao meu fraque, metido no gado que os “veteranos” continuavam a aporrear, tirando-nos a prova exaustiva da educação, do medo e da paciência.

24. DE NOVO O FRAQUE E O BLUSÃO

O desgosto, a cólera, a náusea de tanto amofinamento e menosprezo, com as pirraças do trote, começava a encher-me o peito de ondas tensas e mal reprimidas. Ah! Se tivesse a força de arrebentar o fraque pelas suas costuras, como dizem estalam as cigarras, quando lhes vai alto o canto! Procurei com os olhos de desamparo o celebrado blusão, para sondar se ele seria assim desbocado e irritante, como aquele moço do cravo, arrependo-me logo de querer tentar esse reconhecimento, pois Euclides poderia voltar com aquele fura-bolos em riste, estendido par ao bolso de meu fraque, onde deveria estar atulhado “O Aspirante” e descair na rampa que a minha simpatia não lhe autorizasse ou supusesse o uso.

O temor de experimentar os amigos, de avaliar-lhes as intenções, o receio de vê-los precipitados no mau sentido, o medo de não corresponderem ao que se deva esperar deles!... Nisso está o sentimento de toda a amizade, que delicadamente se apalpa, escondida nos terrores de sua momentânea contraprova. A minha amizade por Euclides nascia no absurdo de poder perdê-la por um nada.

Bem pouco, com efeito, nos sustentava nas relações que assim se iniciavam entre dois temperamentos pouco diversos, na exageração da sua essência e na forma precisa de suas mútuas exigências e demonstrações. Bastaria ter havido de nossa parte qualquer coisa que desagradasse ao outro e tudo estaria acabado entre nós dois. O mundo de nossa afeição recíproca andou seguro por um fiapo. Quase sempre isso acontece, com a amizade que se tornará mais constante e indestrutível. Dir-se-ia experimentarem-se os verdadeiros sentimentos da camaradagem na susceptibilidade dos seus primeiros ensaios. Felizmente que tão frágil laço de começo se transformaria nesses ganchos de aço aconselhados por Shakespeare aos verdadeiros amigos, experimentados na liga da sua fidelidade incontrastável.

Euclides da Cunha largaria me breve o comezinho blusão de brim pardo com a gola e os punhos de azul ferrete; o meu fraque de luxo e de “cascabulho” durar-me-ia bastante... Mas entendemo-nos sempre muito bem, vestidos de uma e outra maneira. Seria só muito mais tarde, que nos julgariam a ambos vestidos da mesma forma, no mesmo uniforme do estilo, de que o mais moço se apropriara, consciente da imitação que os imbecis maléficos descobriram, sem nunca ter estendido na mesa de uma autópsia a cópia incriminada, o

decalque denunciado, como se o lema pompeano – mau mas meu – não pudesse servir de epitáfio sobre os restos da minha inassinalável obra histórica e literária...

Mas, isto, como dizia Kipling, é uma outra história...

25. O CRAVO EM MAU ESTADO

No cansaço daquelas brincadeiras, vexames e provanças, no vasto salão da Quarta Companhia, fez-se de repente um momento de silêncio. A rapaziada, ofegante no seu alvoroço, surpreendera-se com um cachorro, vindo não se sabia de onde e o qual subitamente se apresentou tão prazenteiro e desprevenido entre as camas do alojamento, como se fosse um velho companheiro da alunada. Por sua agilidade e graça intempestivas atraía o animal a atenção de todos.

Cor de tijolo, gafento, a cauda longa e destratada, um bicho, caracteristicamente sem dono, satisfeito de sua liberdade desmandada, ligando pouco a tudo quanto lhe aproximasse... Quem saberia das suas qualidades mais recomendáveis, para bem recebê-lo ou gabá-lo, na miséria e falta de modos com que se apresentava? Suscitou-se então o problema de saber de que raça seria o pobre rafeiro, surgido tão improvisadamente, na alegria do seu desleixo e abandono? Procurava-se realçar o podengo desqualificado, do qual não se conhecia nem a proveniência, nem o dono e nem o nome, ao menos fixando-o com o subscrito de uma raça qualquer.

Começaram então as suposições de uns e outros. Seria um buldogue, um fila ou um terra-nova o mastim em torno do qual se acendia a nossa curiosidade vadia? Suscitaram-se as maiores dúvidas, sem que se pudessem sustentar as opiniões aventadas, atribuindo as diversas qualificações de raça ao desembaraçado carnívoro. Eis senão quando um cadete, tomando a frente dos mais irresolutos, declarou resolver a questão. O intercorrente decidia a momentosa dúvida: - Vocês não reconheceram a custa deste jaguapeva? Basta olhar para o rabo, as orelhas, o focinho, as pernas e o pelo. Não passa de um muito bom... vagabundogue. Gargalhada geral aprovou e subscreveu a descoberta, que liquidou o desacordo anterior. O pobre cão, espantado das vozes e dos risos, estendeu e abaixou a cauda torcida e saiu porta fora, desagradado daquela pilhéria, que deveria ter bem compreendido. Eu é que não poderia fazer o mesmo, ainda querendo, abandonar a malta dos que se encanzinavam a maltratar-me.

Por minha parte, entretanto, isso aliviou-me um instante da aflição de apoquentado dessas horas de insuprível aperreio. Achei graça no caso do “vagabundogue”, quando não estaria muito disposto a brincos e sorrisos provocados pela chacota dos meus apupadores e

algozes. Enfiado no fraque, continuava a notar a menor impressão daquele meio, em que se encontrara pela primeira vez e tão diferente me parecia do das pobres casas do Recife, do Rio e de São Paulo, quando vi um moço muito alto, com a cara cujo perfil se diria serrado todo em pontas numa tábuca de cedro, abaixar-se e tomar o cravo vermelho bastante esfancado, que apanhara no chão.

Todo inclinado, afetando a maneira de polido, como se me pendurassem no peito a venera de Avis, ele me ofereceu o achado, metendo-o ele mesmo na botoeira do fraque e acompanhando-o do epigrama popular:

*“Flor no peito,
Asno perfeito”*

Num cômico propósito vir-me-ia à ideia, responder-lhe com estes versos da “Moreninha” de Bruno Seabra:

*“- Este cravo.
- Ora esse cravo!
De que me serve uma flor?
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?”*

Mas o “veterano”, com a língua saborosa do uso dos turpilóquios, soltou-me esta farpa concluyente: “- Para o teu fraque indecente só mesmo este cravo esculhambado”. Senti-me menos ofendido com a cena, na qual o pobre cravo se atava àquele adjetivo usual, de tão baixa geringonça, que preocupado com a ideia de continuar a encher os ouvidos com tão grosseiras expressões, capazes de fazer corar ao galo de S. Francisco como então se dizia e semelhantes às que jamais pudera habituar-me e vinham por linhas tortas da soldadesca infrene, que jogava, bebia ou surrava o mulhierio, no pátio e andar térreo da Casa do Campo. A flor desfeita adornara, entretanto, com bastante graça o fraque enxovalhado. Dir-se-iam feitos um para o outro...

26. O PESADELO DOS PERCEVEJOS

Boa Praia Vermelha! Continuaste, toda recolhida nas tuas muralhas abaluartadas, do tempo do conde da Cunha e do marquês do Lavradio. O mar profundo, bordado sempre de rendas, na prisão das penedias escuras, fazia-te de uma vasta concha marinha, rejeitada ao pé da Urca e da Babilônia e lavada pela salsugem e ressoada pelo vento e pela água, aos brincos de amor, na borda das tuas valvas encrespadas.

Boa Praia Vermelha! No meu tempo andavas cheia de rumor dos versos adejados nos teus recantos de sombra, deixados pelo TIMÓTEO DE FARIA, Euclides da Cunha, Servílio Gonçalves, Domingos Nascimento, Edmundo de Barros, Rocha Filho, Bruno Seabra, Laurindo Rabelo, Ezequiel Freire e José Bonifácio, o Moço.

Estes quatro últimos traçaram naquelas penhas as primeiras estrofes das “Flores e Frutos”, das “Trovas”, das “Flores do Campo”, de “Rosas e Goivos”, sachando-as entre os seus exercícios de frações ou nos teoremas do insípido Lacroix⁵⁴. Quem te diria minha pobre Praia Vermelha, que deverias acabar como acabaste, tornando-te a lição viva do teu próprio apagamento e marcado em teu lugar o monumento que celebra a Derrota e a Retirada, esquecendo a efígie e o nome de quem as [celebrizou], salvando-as da condição de um puro desastre nacional.

E, no entanto, nada mais lógico e imodificável que as desgraças chovidas em cima de ti, oh! minha velha e suprimida Escola! Foste a primeira a achar que devíamos renegar todos os nossos compromissos de soldados, jurados ao pé da bandeira em cujas dobras haviam implícitas as garantias dessa Ordem e Progresso, inscritos explicitamente na que a substituiu, pelo gosto não só de mostrar alguma coisa para inglês ver, como pela extravagância de tergiversar, correr atrás das nuvens e tirar o verdadeiro sentido às palavras e às realidades.

Deixaste-te embair, boa Praia Vermelha, entontecida e inexperiente! Perjuraste! Andaste atrás de miragens, abandonando a necessidade da disciplina e o código da legítima

⁵⁴ Sylvestre Lacroix (1765-1843) professor da Escola Politécnica de Paris, foi autor de numerosos livros, adotados em diversos cursos na França, sobre várias áreas da Matemática. Em 1812, o brasileiro José Victorino Santos de Souza traduziu a terceira edição do livro de Lacroix, que era o livro-texto recomendado para a Academia Militar do Rio de Janeiro (in SILVA, C. M. da Silva e, “Lacroix e a popularização da geometria analítica”. Artigo disponível em <http://www.ufes.br/circe/artigos/artigo56.htm>; acesso em 12/12/2008).

obediência. Abaladas as colunas do Templo, ficaste sob as suas ruínas, - velha imagem que tu obrigas a tornar bem fresquinha. Arranja-te com o espectro de Benjamin Constant, abraçado à sua insignificante e errada “Teoria das Quantidades Negativas”, muito preocupado, finalmente, em ser nomeado lente sem concurso, como de fato o foi, e aos soluços de arrependido do que fizera a 15 de Novembro... Pobre Praia Vermelha, cemitério de fermentados, campo santo das minhas primeiras esperanças, castelo esborado de tantas ilusões de uns e outros...

Guardo desse recanto carioca a memória inesquecível, se bem que por vezes, não das mais doces e favoráveis. Muitas das almas por lá passadas ao meu lado e com as quais estive em contato não me abalariam de muita simpatia e merecida admiração. Parecem-me ainda e sobretudo hoje, na sua maioria, tão pouco interessantes e indignas de maior apreço!

Mas, da dureza dessas rochas brotoejadas de pitas, da aspereza dessas grenhas rupestres, de vultuoso rancor e doce murmurejo das suas águas salgadas, quanta impressão de poesia me desataram na alma! Os meus primeiros sonhos, de mais provável realização, tão cedo desfeitos, talvez bem felizmente, surgiram munidos de suas róseas brácteas nas rachas desses paredões, nos grãos dessas areias, nas sombras desses baluartes, nas mesas sujas do infecto Bodegão vizinho...

Noites profundas, aniquilantes, dobradas das sombras dessas montanhas, nunca as senti assim, pesadas, encorpadas numa lã espessa e plúmbea, que entrava por ali adentro e caía nas cortinas e nos baluartes constituída de um feltro pesado, que se me colava nas pálpebras e entupia todo o meu ser, quando, depois de cabecear sobre as regras da Aritmética do Coqueiro ou da Geometria do Ottoni e da Álgebra do Cunha, eu cedia a Morfeu todos os seus direitos sobre a minha pessoa e tão plenamente, que nem sentia as legiões infectas dos percevejos, alimentados no sangue das nossas veias de moço.

Na pitoresca e espirituosa linguagem escolar, chamávamos de “Persas” a essa espécie de invasores dos terrenos onde prima a falta de limpeza. Seria, aliás, o único nome que poderia exprimir a quantidade inumerável, a persistência e o arrojo do avanço e penetração milímoda das suas colunas de ataque: - “Os Persas!”. Incrível! A minha geração e as que a antecederam e sucederam fartaram a voracidade desses exércitos sequiosos e fétidos. O governo do meu país, a administração militar, os corpos da higiene pública do

Brasil consentiram consumir-se a monstruosa infâmia: - deixar que déssemos o que melhor tínhamos, essa seiva em que o homem se alaga para nutrir os mistérios da sua vida celular e de relação, o nobre, rubro e transmissão fluido vital, a *chair coulante* de Bordeu, em pasto a essa repelente imundície e como hoje ela ainda devora os conscritos recolhidos aos nossos quartéis! Provincianos fortes do Centro, do Norte e do Sul, vigorosos rapazes de limpa carnadura, torsos amplos, sólidos e perfeitos ou enfezadas e frágeis criaturas de mal constituídos corpos, costelas à mostra, ombros estreitos, músculos frouxos, pobres animais, hesitantes na sua apressada puberdade, infectados da sífilis ou do mal-do-peito e mesmo esse miserando, querido e bom Filipe, o qual veio a morrer leproso, todos tiveram que se chegar às trombas dos infecciosos parasitos, dar a sua pele aos sórdidos, silenciosos e recônditos animálculos, formiguejando na noite morbífica!

Um só de nós não escapou da sangria. Quando ferrávamos do sono, nossos rostos cingiam-se de uma máscara de insetos. As mãos enluvavam-se dessa bicharia; os pés calçavam-se dessa praga. Atravessando os alojamentos das quatro Companhias e beirando os que dormiam ao meu lado, quantas vezes vi os míseros cobertos da negra e fétida mortalha dos parasitas nauseabundos; seriam o meu retrato de aí a pouco.

Ressonando como bem-aventurados os nossos anjos da guarda ficariam na cruel indecisão, matar os sanguissedentos ou deixar-nos como estávamos, a fim de não sobressaltar. Talvez não se mexessem, por sem forças para acabar de vez com essa invasão. Deter-se-iam pois no bater das suas asas pulcras; os seus dedos cor-de-rosa recusariam por um motivo ou por outro a esmagar os hemípteros, tão malcheirosos no seu almíscar característico...

Ao acordarmo-nos, surpreendiam-nos as filas opacas dos percevejos, entrefecundados numa gênese de incontáveis, na procissão prodigiosa, estagnada, talvez como a de Etchternach, no Luxemburgo, dois passos para a frente e um para trás, nas dobras do travesseiro, nas orlas e costuras do colchão. Com uma vela acesa procurávamos destruí-los num rio de espermacete. Mas as legiões mostravam-se mais numerosas que as de Pompeu, ao apelo do seu pé recrutador.

O comboio dos miúdos e indesejáveis era mais ordenado, sucessivo e numeroso que os exércitos de Xerxes, ou a fila dos caminhões de abastecimento e transporte das tropas

modernas, que as enguias invadindo os rios e lagos europeus anualmente. Refaziam-se, reproduzidos como por uma geração espontânea, ubíqua, fervilhosa, capaz de só ela infectar todo o globo, vindos e repartindo para todos os quartéis, hospedarias e baiucas imundas dos três continentes. Se afastávamos os leitos das paredes e mergulhávamos os pés das camas na água de recipientes, os percevejos, segundo se dizia, haveriam de se deixar cair do forro do teto, assim a técnica da defesa do homem os obrigasse à manobra dessa última instância. A nossa convicção geral adotaria como pura verdade essa lenda, talvez criada para exprimirmos o desânimo de algum dia chegar a reduzir e vencer a horrível sevandija, de visita quotidiana a nossas noites mal dormidas.

O Palácio Imperial de S. Petesburgo era minado de percevejos. Também os havia no grabato em que morreu Beethoven. Luís XIV tinha-os no tálamo real. Não era o Versalhes do seu tempo uma habitação higiênica. No Caraça também havia uma praga. Mas, isso não me consola dessa imundície escolar, paralela às pompas pouco cuidadas do Sol dinástico e bourboniano.

Raros episódios da vida interna escolar cortavam-na, entretanto, do vivo clarão de seus rápidos sucessos! À esquerda do baluarte, estendido em face da Cotunduba, no alto da penedia em cuja criatura inferior os mariscos e ouriços do mar faziam um degrau áspero e cortante, tinham os estudantes construído uma embarcação. Serviam-se de material com que se levantava o edifício da projetada Universidade, e transportavam-no à formiga e ao pé da obra, ao favor das noites mais negregosas. O barco fora riscado e arquitetado com todas as regras da arte das construções náuticas e posto um belo dia a navegar de verdade.

Lançaram-no às ondas, resvalando na pedra que lhe servira de mortona e na qual fora gerado quase em segredo. A cerimônia batismal, com a presença do padre, do coroinha e da cruz alçada, executou-se com o fingido apresto de sua simulação. O ridículo, nascido das facilidades da paródia, é um gênero grato à juventude. Se o hissope tinha sido copiado de certas peças do museu reservado de Nápoles, o nome que se deu à embarcação respirava à poesia da selva, lembrando o romance de José de Alencar. Chamaram “Ubirajara” à bela e possante baleeira. Doces recordações de certos companheiros mais estimáveis, poéticos momentos na gruta do Pão de Açúcar, viagens à praia de Copacabana deserta para chupar cajus e pescar no costão da Igrejinha, avante “Ubirajara”, primeiras impressões da vida

abraçada à consciência coletiva, blusão de Euclides, meu fraque abominando tudo vai para um saco de horrores e desgostos, quando os vejo aliados a tanto percevejo.

Não seria essa infestação um caso impossível de evitar, peculiar às grandes aglomerações, nos países quentes? Ora, do outro lado, em face da Escola Militar, o grande Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas irmãs de S. Vicente de Paula, não conhecia essa calamidade. A atenção, a limpeza de uma administração cuidadosa poderiam opor-se às disposições climáticas mais desfavoráveis à boa higiene.

Se ao menos Benjamin Constant, em vez de engurgitar-nos das matérias desse pedantesco Regulamento de 1890, tivesse ao menos mandado limpar a Escola dos hóspedes imundos... Faria do monturo, onde apodrecia e se exauria a mocidade, que o ajudara a trepar nas culminâncias do Governo e da Imortalidade Agradecida, um ninho isento dos insetos sanguissedentos, e não manter-se a caverna onde se operava por meio desses condutores a perigosa e nojenta transfusão de sangue limpo no sujo e vice-versa.

A que te arriscaste, velho camarada e radioso Euclides! Se a tua pena pudesse ter escrito o que escreveste, por causa da picada dos estiletos desses asquerosos animálculos! E que ainda moço, as tuas orelhas pusessem-se a inchar, e certas arroxeaduras pela face e pelos dedos edemaciados comesçassem à tragédia de te fazer em pedaços, precocemente surgido da sepultura antes de entrar nela! Preferi-lo-ias talvez! Ao menos não terias de passar pelo que passaste, varado por quatro balas, quando exigiste do coração irresignado que te salvasse do opróbrio, com a coragem de teu reto às más fadas do Destino...

27. A BOIA DA ESCOLA

Na vasta sala baixa e ladrilhada de preto e branco, que a estreita abertura de alguns mezaninos eram insuficientes para arejar convenientemente, estendia-se o “Rancho”. Detestável como instalação, oferecia-nos a alimentação abundante de guisados, ensopados, bifês e almôndegas, uma burundanga que não faria honra a Vatel⁵⁵, preocupado dos recursos da ciência dos seus quitutes e manjares. A qualidade não sobrelevava a quantidade. E ainda por cima, colhido pelos vapores das imensas marmitas, o mosquedo se punha nos molhos e caldos à maneira de alcaparras...

Antes de cada refeição, era levada, numa bandeja, ao “Superior do Dia” a amostra dos pratos a servir na mesa dos alunos; mas, essa demonstração de aparato oficial nada adiantava. Entrava na conta das cerimônias diárias da vida escolar, como a parada, a aula, a revista e o exercício. Aquilo fazia parte do Regulamento estatuí-a-se na fórmula cuja consequência imediata era o toque de corneta que anunciava o “avançar para o rancho”. Selecionava a amostra e melhor pedaço, cuidadosamente catada pelo rancheiro, cuidadoso de não desagradar o “Superior do Dia”.

As tigelas do café, acompanhadas de “pão de dois”, às quais nunca se pode juntar uma gota de leite, porque não o havia, entremeavam-se ao picadinho de carne seca torrada e aos nacos repugnantes de carne-verde ou charque e seu pirão ou farofada, oferecidos sobre longas mesas de mármore, sem toalha e ladeadas de bancos para forçados.

Essa comida era tratada por aquilo que, em linguagem de tarimba, se denominava: - a “boia”. O termo, se não adotado de alguma consonância tupi, seria sugerido pelo feijão bichado, ao nado no caldo chilro, e catado na inventiva do velho expressionismo soldadesco e rasteiro dos quartéis. O refeitório era o reino da Mosca e do relento do Sebo e das frituras. O calor intolerável fermentava os restos da cozinha. Dominava o cheiro indescritível da velha gordura, de cebola apodrecida, do sebo rânido. Por mais água e sabão que os criados empregassem, agitando a vassoura, a escova e o lambaz, não partia a inhaca do enxurdeiro das sobras da mesa do Gargântua, cevado numa penitenciária... Exauriam-se as nossas forças, na Praia Vermelha, no sorvo do percevejo e no péssimo

⁵⁵ François Vatel (1631-1671), célebre cozinheiro francês, ao qual se atribui a invenção do creme de chantilly. Tinha como um dos seus grande objetivos provar a Luís XIV ser o melhor chefe de cozinha da época.

alimento que se não nos desnutria, nos punha a todos no cocho do mesmo comedouro. O preto do munguzá ou canjica, que pelas nove horas da noite acudia à Escola e o café, distribuído e feito no alojamento, entre os grupos de associados reunidos para esse fim sob o nome de “bodega”, e o qual se servia a essa mesma hora, é que nos davam alguma coisa de são, de agradável e de limpo para ingerir...

A 26 de Agosto de 1889 “O País” escrevia: “Estão os alunos em pleno regime do charque com farofa, e nada mais; o de anteontem estava arruinado e a sopa desse dia completamente podre.” O Ministro da Guerra acudiria à Escola no dia seguinte, escandalizado bastante para comprovar o que ora se lê e poderia parecer não muito verdadeiro...

O Estado inventaria um ensino mirandolesco e não nos dava ao menos a cama limpa, nem a mesa aceitável e bem posta. O Brasil preparava os doutores de espada, chafurdando-os no regime alimentar de uma pocilga ou enxovia! É verdade, que certos oficiais, encarregados da administração do Rancho, tinham nas suas mesas, em casa, tudo aquilo que nos faltava, a começar pelo vinho final e pelo queijo do Reino. Os fornecedores do Estado sempre souberam arranjar as cousas, de modo a se fartarem de todos os lucros, amansando, mimando e enriquecendo os que os fiscalizavam...

29. O SALVE NA MONTANHA

A bordo do “Congo”, a 22 de Agosto de 1888, transpunha D. Pedro II a barra do Rio de Janeiro de volta da Europa e percebia na lombada do Pão de Açúcar a primeira saudação que lhe dirigia o seu povo, no resumo de uma simples palavra, forjada de costume para tais demonstrações de gala oficial. Algumas senhoras brasileiras se haviam congregado em torno dessa ideia e dado os meios de realizá-la, utilizando-se da temeridade dos moços da Praia Vermelha.

O Imperador Cômico era tão preguiçoso que se limitava a escrever, às vezes, nas cartas simplesmente: “Vale”. Conta Ausônio, que uma única palavra serviu de resposta aos lacedemônios ao Rei inimigo. A exemplo do déspota romano e dos espartanos, amigos das expressões de brevidade, o Brasil escolheria só um termo: “Salve”, para exprimir tudo quanto fosse possível como explosão de contentamento, nas boas vindas ao seu Soberano.

Nunca fora o país tão abreviado nas expansões usuais do seu júbilo oficial. Em matéria de encômios e saudações somos, em geral, muito prolixos. Pintaram o “Salve” ostentadamente, em letras gordas e vermelhas, da altura de sete metros, no fundo de uma tela branca e “o arrojo de alguns jovens alunos” da Praia Vermelha o estendeu no alto do morro, sentinela da barra, entre as sérias dificuldades de uma ascensão alpina, tornada ainda mais embaraçosa com o trambolho daquele enorme pedaço de tecido de algodão, arrastado até o cimo daquelas alturas tão pouco acessíveis. O general Afonso Monteiro, autor de um folheto de dezesseis páginas “Reminiscências da Escola Militar”, afirma a propósito do “Salve” no Pão de Açúcar: “Uma tal ideia teve o assentimento de toda a Escola Militar, confirmando assim a sua simpatia para com o ilustre Chefe da Nação”.

Ao contrário do que diz esse testemunho, tal unanimidade não se deu. E longe disso. O sentimento antidinástico da maior parte dos alunos não viu com bons olhos essa empresa montesina de apoio e entusiasmo por D. Pedro II, como o sol da tarde, já tocado dos tristes sinais do seu grande e patético declínio. Alguns dos mais exaltados rosnaram queixas, e rodearam os ascencionistas de grande malquerença. É verdade, entretanto, que nenhum protesto de natureza pública e de mais repercussão se procurou levantar contra essa expedição, considerada como do mais indecente aulicismo. Deixou-se o “engrossamento à Sua Majestade” passar como de lado, sem maior ofensa aos nossos sentimentos e princípios

republicanos. A expectativa em que se ficou do êxito da arriscada empresa absorvera-nos o ódio gratuito ao Imperador, deixando-nos todos atentos ao resultado berrante da expedição. Encarregaram-se da extraordinária missão os conhecidos amadores escolares dessas proezas, habitualmente preferidas por meia dúzia de rapazes corajosos e fortes, amadores de ascensões, capazes do palmilho e guindagem pelas rochas escalvadas da beira mar, em busca da majestosa penha litorânea.

Demais, a notoriedade em que ficaria a Escola Militar, participando desse preito público do “Salve”, enchia-nos a todos de vaidade imensa. Esta abafaria qualquer repugnância, mais ostensiva, de ordem política. Éramos bastante infantis para subordinar tudo ao que de bem se pudesse dizer de nós, desde que exaltado fosse o fervor, a audácia dos expedicionários, entregues aos riscos de tão portentoso prodígio, como fosse escalar a rocha por amor à simples barretada, expressiva, mas toda vazia de sinceridade.

Éramos ciosos do reclamo em que essa operação se traduziria. Os jornais, a “boca do povo”, gabariam a audácia dos realizadores dessa subida ao Pão de Açúcar. Não seria apenas para o Imperador a mensagem no alto da sua terra, mas sim para o Brasil inteiro, o qual haveria de saber que éramos, nós da Praia Vermelha, os únicos capazes de atingirmos o vértice do morro íngreme, por tão pouca cousa... O nosso orgulho, fácil de ser tilintado, o nosso exibicionismo de espalhafato foram mais fortes que tudo o mais.

O republicanismo nascente estava pronto a ceder as suas pueris veleidades, o terreno de seu exagero jacobínico, mediante a ideia de sermos cantados em prosa e verso, como heróis do Pão de Açúcar, trilhadores do impossível, agarrados a uns bons metros quadrados de passo comemorativo... Afinal, aproveitariam todos do desembaraço de um punhado de rapazes esportivos, seguros de pernas e gadanhos, dispostos a beber a água impura dos gravatás, a escorchar a pele nas arestas do granito, a deixar-se pendurar no vácuo dos precipícios... Mais tarde, quem nos olhasse no bonde, na rua, diria: aí vai um deles, se bem que, quinze meses depois, ninguém quisesse mais ser um dos tais...

Quase todos, se não todos, os cadetes que tomaram parte ou consentiram na escalada para o cartaz do “Salve” endereçado ao Imperador, assinariam a 17 de Novembro de 1889 a mensagem a Benjamin Constant, o vencedor da véspera, “conquistador sem rival, conduzindo um povo desgraçado à terra da Promissão”. Os mocinhos desse “baluarte da

honra e do civismo”, como foi chamada a Escola Militar da Praia Vermelha pelo general Moreira Guimarães, tinham por vezes, uma estranha maneira de obedecer à intimação e à lógica dos grandes sentimentos humanos...

Entre os nomes desses contraditórios, recorro com bastante vexame o de Edmundo Wright, louro moço, de origem inglesa, meu companheiro de matrícula na Praia Vermelha. Tendo feito parte do pelotão de guindamento do “Salve”, assinava dois dias depois da fundação da República a mensagem adesiva, pejada de protestos contra “os abutres esfaimados da monarquia” e repleta de genuflexões aos pés dos triunfadores do dia.

Brilhante oficial da polícia militar paulista, serviria o Wright no exército britânico como capitão, na guerra de 1914, morrendo em combate nas linhas da França, inteiramente absolvido, nessa última volta do caminho de sua nobre vida, desse deslize de criança...

Os heróis da afixação do “Salve” foram obsequiados com a posse da “legendária tela” e esta seria desdobrada no exterior do edifício do “O País”, a 7 de Setembro de 1888; devendo ser recolhida mais tarde ao Museu Nacional. Não sei se por lá existirá essa espécie de mortalha com que ficaria metamorfoseada a última expressão material da nossa fidelidade política. Devolvida a Coroa de ouro por mandato da nossa Justiça à Família Imperial, fosse ela envolvida nesse trapo de tanta significação...

A Escola da Praia Vermelha nenhum espírito militar nos enculcara, como também nunca procurara nos imbuir de certas imposições de ética social, dentro da qual estaria essa filiação imprescritível de nossos atos à lógica de seus antecedentes e consequentes. Nos seus muros filtravam-se, preparando o fim do Império, as teorias pacifistas, transplantadas de A. Comte, e rubricadas por B. Constant, avessas ao que o filósofo e pai dessas asneiras julgava um atraso, essa atividade guerreira, dada como um estagio primitivo da humanidade.

Weiss, autor do *Au pays du Rhin*, citado pelo marechal Liautey, no seu ensaio sobre “Le Rôle social de l’Officier”, visitando uma escola de cadetes na Alemanha, reparara não haver nela uma só espingarda, o que não impedia esse núcleo imbuído do espírito do exército o desenvolvesse ao mesmo tempo com o gosto das letras e ciências. No Brasil, o prestígio e a tradição das Armas era cerceado nas Escolas Militares pelo positivismo,

doutrina que a todos, de perto ou de longe, nos impregnara dessa antipatia a tudo quanto fosse glórias de guerra, troféus de guerra, empresas de guerras, sacrifícios de guerra.

O dogma da Paz Universal, central nessa doutrina de estreitas e cândidos utopistas, apagava em todos nós a chama de qualquer entusiasmo por nossa classe e seu destino especial. Desagregávamos-nos na tendência à indisciplina, desfalecia-se-nos o moral, aceitando apenas da vida militar as garantias materiais e comodidades burocráticas. Esquecíamos-nos, frequentemente, de que embora mais letrados, não passávamos de soldados. Benjamin Constant, se foi arauto de alguma coisa, seria o desse programa de apaisamento da tropa, de sua indiferença por tudo quanto nos cheirasse a canhão, a sabre, a pólvora e fumaça. Isso não impediria que o seu nome, como brigadeiro aclamado, continuasse irremovível no Almanaque Militar, para exemplo de péssima imitação das nossas gerações de soldados, genuflexos ante o patrono de sua corrupção e destruição. A menos que, para desonra da Lógica e inutilidade do Bom Senso, ele possa simbolizar paradoxalmente aquilo que afetivamente não represente...

O que nos faltava, em 1888, em suma era também a cultura cívica, apoiada à certa linha de caráter em que se nos fosse esteiando a sua aplicação a boa conduta pública. É certo que, nesse tempo, nos empanturrávamos de matemática, mas não nos advertiam de certas responsabilidades, não nos ensinavam a ser co-honestos na obrigação e consequência dos nossos atos, na razão e na sinceridade de certas exigências, representadas por certos compromissos que nos eram particularmente afetos... Desde então aprendíamos a torcer por conveniência o sentido às palavras, virando-as do avesso. Esse “Salve” não passaria assim de um atrevido e calculado “passa fora!”, escrito mesmo no batente da porta da rua em que recebíamos o ocupante do trono, prostrados ao seu encontro numa épica e contraditória zumbaia...

29. A MISSA MAL OUVIDA

Todas as noites, antes do “toque de silêncio” pelo corneteiro do dia, rezava-se nos corpos de tropa uma oração à Virgem Maria. Vestígio dos antigos tempos, da maior fé das populações, recrutadas em épocas de guerras seguidas e arriscadas navegações, nas quais seria posta em sério perigo a vida arriscosa e comum, essa prece não corresponderia mais ao estado d’alma dos nossos soldados, corrompidos na vida do madraça dos aquartelamentos, tornados pouco a pouco e cada vez mais escravos do instinto, indiferentes aos apelos do céu e as suas ilusões de ajuda e compadecimento... Von Den Stein dá-nos o trecho dessa reza, executada mesmo pelo destacamento da colônia Teresa Cristina, pejada de bororós e perdida para os lados do rio São Lourenço, no interior do Mato Grosso: “Ó Virgem Maria da Conceição, Maria Imaculada, vós sois a advogada dos pecadores, etc. etc”.

O espírito tarimbescos, com tendência ao material e sacrílego, afazia-se não obstante a essa obrigação de piedade e respeito, ditada pelo regulamento de serviço interno, como ao porte do uniforme ou ao trancafiado na “solitária” e no xadrez... Seria um ato da Ordenança, maquinalmente realizado, como apresentar a arma em continência ao mais graúdo ou incliná-la de boca para baixo, em dia de funeral... Raros corações poriam certa unção nessas palavras religiosas, repetidas todas as vinte e quatro horas.

A quase todos entrava nos hábitos o refluxo por horas mortas da lengalenga de invocação idêntica e constante... Versos correntes nos quartéis, numa paródia de risonha profanação, acompanhavam ou se substituíam à letra da piedosa jaculatória:

*“Ó Virgem da Conceição
Maria, minha cunhada,
Pague o nosso soldo
Deixai de caçoada!”*

Certamente a obrigatoriedade da recitação em comum, quotidiana e a horas certas, tirava à prece soldadesca metade da sua doce imprecação de amor, arrependimento, socorro e bálsamo divino. Os negros, nas senzalas, repetiriam também a mesma reza e na sua melopeia devota assim a alteravam e compassavam:

“A imacu

*a imacu
ladra ladra
da Conceição”*

Na Escola Militar, apesar de constituirmos um batalhão, - O Corpo de Alunos - dotado dos capitães e dos sargenteantes, do “detalhe”, do papel do “pernoite” e da formalidade da formatura para a revista, a parada, o rancho, e o exercício das respectivas quatro companhias, não éramos adstritos à essa rezaria noturna. Mas, nas manhãs de domingo, obrigavam-nos a ir enfileirados para a missa, dita pelo capelão, que era no meu tempo um carcamano, sobre o qual se contavam anedotas picarescas, autorizadas pela pouca austeridade ou prestígio do dito personagem.

A capela, a que comparecíamos à força, armados com as carabinas Comblain e arrastados no rigor da chamada, a que nem sempre se podia escapar, ficava nos fundos do edifício chamado “Expoente”. Era uma sala desprovida de maior aspecto sagrado ou litúrgico. Sem nenhum interesse seguíamos o ofício de pé ou ajoelhados, segundo a exigência ritual. Os alunos, sob a pressão da propaganda republicana que nos infiltrava todos os seus germes de afronta e dissolução, iam pouco a pouco rompendo com a sujeição religiosa, no programa geral em que se desfaziam os laços de toda disciplina interna.

Tudo quanto fosse ordem e subordinação parecer-nos-ia intolerável, como pois aceitar o dever dominical, que considerávamos uns restos de feiticismo ancestral? Por nosso gosto a Escola seria transformada num vasto clube político, apenas com o rancho e o soldo por atributos principais e indispensáveis à condição da fileira e disciplina. Sobretudo nem cruces nem orações, que nos lembrassem a maldita teologia.

Nesse pensamento de oposição e destruição das instituições ligadas íntima e imprescritivelmente ao edifício da Monarquia, perdíamos paulatinamente a noção do que éramos e deveríamos ser, enjeitando de boa mente tantas obrigações e embargos inseparáveis da vida militar corrente. A formatura para a “boia”, o “exercício” e a “revista” uma estopada, a chamada na aula desgostava-nos, a corneta, com os seus toques de reunir, uma buzina. Ter que passar na “habilitação”, “tirar o ponto” para o exame ou preparar a sabatina seria uma abominação. Assim a assistência do Santo Sacrifício Divino se ajuntava semanalmente às demais exigências regulamentares, que nos seriam insuportáveis... Nesse

Domingo achava-nos, mais que nos outros, especialmente trabalhados por essa atmosfera de desensino e insubordinação. E ao correr da missa, assentamos bater cadencialmente com a coronha das carabinas nas velhas tábuas do chão, como no teclado de um xilofone.

Nenhum conchavo prévio. Bastou, entretanto, que o primeiro aluno tivesse a lembrança de deixar cair a arma e voluntariamente repetisse o choque, para que logo se iniciasse o batuque irreverente, ritmado nas filas dos rapazes, prosternados mau grado seu perante o altar que desrespeitavam. As pesadas comblaius, mesmo na posição de “descanso”, não se repousaram mais. Opunhamo-nos à seca da missa para desobedecer a alguma cousa... Seria menos para enticar com o padre, que para manifestar contra o governo! E a tal ponto as armas dançaram nas tábuas carunchosas da capela, que o soalho começou a abater.

Foi bem a tempo que nos retiramos, na eminência de nos sepultarmos entulhados nas ruínas da capela. Por minha parte balbuciei uma Ave Maria de penitência e íntimo reconhecimento por não ter saído com uma perna quebrada ou ficado com o crânio numa papa, afundando-me de roldão com os colegas, no buraco formado sob nossos pés. Vários boatos surdiram, como demônios soltos, do abalo das vigas e pranchas da capela. Atribuíram-se outras causas ao sucedido. Do desastre a que escapáramos faziam culpado o próprio Imperador!...

Ninguém teve uma palavra para condenar o irrespeito da piolhada das coronhas, das espingardas no forro do solo úmido do “Expoente”! A Monarquia é que seria a responsável... Seria nessa atmosfera propícia às alterações do bom critério de uma juventude excitada e explorada na sua natureza e paixão de rebeldia, que Euclides da Cunha, algumas horas mais tarde, de supetão, irromperia de forma saindo do seu juízo, com a baioneta que rejeitava...

30. O VALADARES

Em matéria de simpatia e popularidade no meio escolar da Praia Vermelha, encontrei rivalizando com o Benjamin, o piauiense, major Henrique Valadares que, nascido em 1852, viria a ser o chefe do executivo do Distrito Federal. Como tivesse, nesse posto governamental, sucedido ao doutor Hermenegildo Barata, tratado de “Bota-abaixo” porque demolira a hospedaria conhecida por “Cabeça de Porco” e também ao doutor Furquim Werneck, apelidado de “Bota-fora” por ser um insigne porteiro, deram ao Valadares o apelido dispensável de citar, mas corrido de maneira pouco honrosa, nessa linhagem de “Botas” municipais.

O povo assim aludia ao homossexualismo ao qual se entregava o oficial, improvisado Prefeito da Capital da República. Nele, com efeito, o “pecado nefando” passava à ordem de acidente dermatológico causado pelo estômago, de úlcera benigna na pele, em via de cicatrização; não o manchava senão na superfície... A vida do Valadares era perfeitamente dividida em duas partes bem distintas. Uma passada nos cafés noturnos, nas cervejarias do Rocio e nos corredores dos pequenos teatros, sempre à paisana e rodeado de alguns efebos mais comprometentes. Outra muito diversa, quando, bem fardado, exercia com muito tato, algum saber e grande decência, os cargos públicos de lente, de instrutor de artilheira, comandante do Corpo de Alunos e da Escola Militar de Porto Alegre. Muito discreto nas suas relações, sua atitude geral para com os subordinados era de toda distinção e boa compostura. Não participava de intrigas, não baixava a certas concessões de relaxamento, singelo de maneiras, nem vaidoso e nem orgulhoso dos seus sucessivos empregos. Nada à primeira vista, moralmente, o comprometia.

O físico desdobrava-se-lhe na linha do correto e equilibrado, o trato sério e agradável mantinha-o como chefe educado e bem apessoado. Pairava no quadro honesto e aprazível, que constituía o lado exterior do indivíduo, aquele fundo de boqueirão, onde negrejava o vampiro da psicopatia irrefreável... Que se passaria nesse duplo e íntimo jogo de existência de um “Dr. Jekyll”, na instalação dessas duas almas diferentes, cada uma gozando dos antagonismos que lhe eram inerentes? Que lançariam em rosto, um ao outro, o militar, o pai de família, o funcionário encadernados no tarado, no desviado, no dissoluto do Rocio? Dir-se-ia ser-lhe absolutamente indiferente a opinião alheia sobre a mórbida

inclinação em que se reputava. A asseveração um tanto cínica e realista de La Fontaine: “Tous les goûts sont dans la nature”⁵⁶ parecia dar-lhe mil desculpas ao vergonhoso desvio do sensorio. O vício aberrante de Rimbaud e de Sócrates, de Sólon e de Alcebíades, pondo de parte que proviria, no Brasil, de hábitos escabrosos de certas tribos indígenas, como potiguares e guaicurus, apareceria entre nós desde o primeiro século de colonização, no desembarque inicial dos portugueses, marujos e deportados, gente de instintos indisciplinados e de moral muito duvidosa. As denúncias ao Visitador do Santo Ofício, em Pernambuco e na Bahia, realizadas no correr do século XVI, deixam rastros indicativos dos péssimos costumes adotados entre os primeiros ocupantes de nossa terra.

Mesmo no século XIX, o uranismo põe uma tacha à boa reputação do conde de Galvêas, de Bernardo de Vasconcellos e poucos mais que se saiba. O doutor Auguste Forel chegou a afirmar no seu trabalho “La question sexuelle”, que em certos países como o Brasil havia casas especiais apropriadas ao comércio desse gênero! O Dr. Pires d’Almeida, em 1906, escrevia: “A pederastia bem sucedida e termo foi sempre exercida em todo o Brasil, sobretudo nos estabelecimentos que recebiam menores”. A palavra exagero acode, naturalmente, em resposta a tais asserções.

Mas, o vício vergonhoso sempre existiu como uma espécie de tradição entre os “traquejados”, isto é, na parte menos instruída do Exército, se bem que ali se mantivesse nos raros índices de sua irrupção endêmica e atávica. Alguns praticantes mais citados dessa bestialidade apenas sustentavam o escândalo da existência do vício, o qual seria menos um hábito generalizado que a aborrida exceção de alguns apartados da regra geral, em matéria de consciência e de pureza de costumes.

Na tarimba de ébrios e mal polidos, como nos corpos de oficiais de estudos encontravam-se indivíduos dados a tal abjeção, incertos no complexo do seu túbido heredismo. De um destes contava-se por tal motivo ter sido apreendido pela polícia belga. Não seria, somente, entre as forças da terra que surgissem casos esporádicos dessa psicopatia; mas do mar se davam fatos comprovantes do detestável aberração. O “Bom Crioulo”, escrito por Adolfo Caminha, que foi por sinal um oficial da marinha, oferece indicações por demais claras a esse respeito. Não chegavam, porém a tudo infectar. Como

⁵⁶ “*Todos os gostos estão na natureza*”.

nas fileiras ativas das Classes Armadas, assim sucedia no recinto da escola Militar, onde o caso mais notável seria o do Valadares, pois este conseguira, apesar da túrbida inclinação em que se aferroava, não perder a sua força moral de lente, instrutor e comandante, quando outros andariam sem essa tacha a comprometé-la... Na Praia Vermelha, a crítica e a chacota não deixavam da corrigir o desvio de degenerescência que, atribuída a Pisístrato, a Diomedes da Bitínia e a outros personagens históricos de porte, ainda em 1723, a Inquisição condenava a chibata e dez anos de galé e mercearia as honras do *Dictionnaire Philosophique* de Voltaire sob o nome de “Amour nommé socratique⁵⁷”.

Conservavam-se vigilantes os alunos no policiamento dessas fraquezas e vergonhas, que embora de rara manifestação lavrariam subterraneamente. O general reformado Lobo Viana, atacando este ponto delicado na vida desse internato, afirmava: “Essas aberrações homossexuais existiam. Não se pode negar”. Em reminiscências publicadas em “O Jornal”, em 1929, lembrava ele esses bailes organizados entre si pelos rapazes e conhecidos pela denominação de “caroços”. Dividia-os em dois grupos, os “normais” e os “anormais”, explicando como tal espécie de divertimento se ligava também ao gênero de inversão a que ora se alude.

Jamais me ocorreria a distinção, pois nunca surpreendi esses “colóquios lascivos” e sombras convidativas” a que se refere o general, tão informado das equívocas minúcias, pescadas no correr desses ajuntamentos de pura pândega escolar. O divertimento dos “caroços”, sem a concorrência do outro sexo, sempre me pareceu dos mais castos e inofensivos. Não passariam de simples motivos para a diversão aos pulos, esgares e fantasias de nossa bulhenta distração e gaiatice.

Quebrava-se a monotonia das aulas e exercícios com pinchos e algaradas que faria, aos soar do trombone e dos pistões dos músicos alugados ao Batalhão de Engenheiros, esquecer as ocupações mais sérias. Tomei parte nessas festas internas, corri, saltei, ginguei. Não tendo nenhum gosto ou aptidão dionisíaca para dançar, agitava as pernas, às cabriolas de desengonço em que me desopilava da rijeza nas formaturas e da seriedade nas aulas. Quebrava assim a uniformidade dos movimentos da ordenança. Se muitos colegas, dos mais contidos e não menos cômicos, se metiam em saias nessa brincadeira, nenhuma razão,

⁵⁷ “Amor chamado socrático”.

entretanto, haveria de conceber como justa e permissível a separação do Lobo Viana, repartindo o bem e o mal, segundo o que lhe chegava à desconfiança da pituita, no curso desses inocentes folguedos de bailadas e mascaradas acadêmicas.

O certo é que o espírito dos alunos tinha ainda bastante de correto e inconcessivo para não permitir a impunidade a desfalências morais da parte de colegas, que seriam por isso muito mal notadas. Esse espírito escolar estendia, entretanto, certa complacência ao Valadares, que devia habilmente achar meio de estabelecer um cordão de isolamento entre os deveres da sua posição pública e aquele despenho na ladeira da escusa perversão a que particularmente se entregava.

Estranho homem, são e doentio, capaz de tolher-se e desmandar-se, degradado só por metade, como se de dia o cavalheiro andasse bem limpo e bem composto e à noite, desdobrado num sátiro, errasse todo desmantelado, exibindo nos rins e à vista de todos a faixa de molambos que não lhe encobrisse as partes da indecência... Dir-se-ia o imperador Adriano ou um personagem de Gógol ou de Tourgueniev, tendo sob a capa da cultura geral e o refinamento de suas maneiras civilizadas a alma pouco honesta e imperfectível, rebaixada à pratica menos usual de certos delitos monstruosos, ou o fruto devorado a meio por tapurus, sob a casca limpa e dourada que lhe indicasse a falsa aparência da sadia madureza...

A legislação judaica condenava à morte o sodomita, a tolerância pública, bem caprichosa por vezes nos seus consentimentos e excomunhões, achou quanto ao Valadares que ele por isso não merecia reparo algum, quando a outro semelhante talvez fosse aplicável a pena da reprovação e exclusão, fazendo-o processar por uma sociedade inteira, assente em toda uma montanha de códigos penais.

31. MOREIRA PINTO

Na cabeça do “Expoente”, Moreira Pinto, desdentado, o chapéu de coco rapado e sobrecasaca preta bastante ruça, enodada e caspenta, seguia com o costumado atraso para a aula, na Praia Vermelha. Retardava-o, provavelmente, o “Dicionário Geográfico” que lhe servia de pesada grilheta ao trabalho e de pomposo penacho ao pregão da sua especialidade. O homem, com efeito, não vivia de outra cousa senão das glórias e servidão dessa obra portentosa, ainda nos estaleiros de sua preparação, mas já anunciada de todos os modos e em todos os lugares pelo preocupado professor de História e Geografia do Brasil.

Era o “Dicionário” a sua ideia fixa e seguramente das mais exclusivas. Imenso repositório corográfico, histórico, etnográfico, glotológico, botânico e zoológico, que vasto monumento da paciência e do labor de um só homem, tolhido e esmagado no torno da indiferença geral! A Sociedade de Geografia, cheia de todas as razões, abalava o Brasil com os pedidos de subscrição para realizar-se tão grandioso cometimento. Não ia a nossa Pátria retratar-se, discriminando numa fotografia as suas veias mais secretas, distinguindo as suas células e nucléolos, e contando todos os seus nervos?...

A pedido do próprio Moreira Pinto, o monarca comparecera a uma reunião desse grêmio para examinar os originais ajuntados e prontos para a publicação, num Itatiaia de manuscritos. Diversas autoridades, na Corte e nas Províncias, eram constantemente agitadas pela necessidade da impressão desse trabalho extraordinário de beneditino, esperado com especial avidez. Comissões particulares, membros do Governo, vultos da Indústria e do Comércio, jornalistas, sociedades científicas e literárias viviam sob a impressão da propaganda de Moreira Pinto, incansável em reclamar auxílios para o “Dicionário”, que seria o maior repositório dos acidentes com que a Natureza e a Civilização haviam gratificado os ermos de nossa extensão territorial a que faria empalidecer o registro do Milliet de Saint Adolphe, a geografia universal de Balbi e a de Elisée Reclus. Enquanto isso, colaboradores de toda ordem e de todos os pontos do país, açodados e benévolos, ajudavam o mestre, reforçando-lhe o feto e facilitando-lhe o parto gigantesco. A tal ponto que a obra haveria de muito sofrer dessa participação generativa, muitas vezes, inidônea e mesmo prejudicial. Na sua faina de informações para aumentar o

porte do seu produto, Moreira Pinto não esqueceria nem desdenharia quem pudesse fornecer a notícia aproveitada sem mais discernimento.

É assim que, dirigindo-se aos estudantes da Escola, estes se divertiam, muitas vezes, a servir-lhe dados falsos. Rios que nunca existiram engalhavam-se nas grandes artérias fluviais, na sua falsa dicotomia; povoações pelo sertão a dentro ganhavam melhoramentos com que a sua insignificância e distância jamais sonharam; montanhas empolvavam-se artificializadas na rapa de nível das terras mais centrais... A sofreguidão de Moreira em engordar o filho, enchumacando-o de todas as informações de que andava à cata, na cegueira do operário esmagado pelo volume da sua própria obra, impediam-no do estudo crítico, da ciranda que apurasse e reduzisse achados e descobertas.

Ele queria o filho tornado um monstro, empanzinado de tudo quanto lhe chegasse aos ouvidos. não opunha nenhuma defesa às fontes de má indicação de suas achegas. Encontravam os colaboradores o bom apetite do autor e abusavam dessa predisposição entusiástica que amontoava a alhos e bugalhos; no saco receptivo da mesma contribuição.

Com a República proclamada, tendo esfriado o interesse pelo “Dicionário” e fechadas as portas principais, anteriormente escancaradas dos antigos doadores, pois outros objetos atirariam os povos trazidos ao interesse pelos Tenentes, pelo encilhamento, pela inflação monetária e pela guerra civil, Moreira Pinto ajuntou as suas tiras na serraria com a qual abarrotou a montra em que os empilhara na rua do Ouvidor. Atrás da pirâmide de verbetes inéditos pretendia confranger o Brasil.

Floriano Peixoto, obumbrado daquele murundu de notas geográficas, apanhadas pelo patrício e rejeitadas pela insuficiência de apoio público, apelado no fundo de uma vitrine do comércio, mandaria ao prelo os originais do calhamaço. Ao lado de tanto fumo, com os tiros fraticidas, caberia alguma cousa de menos transitória à sua glória de tirano, um punhado de folhas de papel impresso, encadernadas com o seu retrato e o prefácio em algodão-pólvora do explosivo Raul Pompéia.

Além do “Dicionário”, armado em único objetivo de sua existência, numa paixão absorvente e total, e a qual nos interessava pelo lado cômico com que ela aparecia, tomando conta inteiramente de todos os passos de sua criatura, engrinaldava ao corógrafo haver em aula enfrentado e maltratado o Conde d’Eu. O fato foi que ouvindo a lição de Moreira

Pinto, o Príncipe protestara contra a lenda de Carlos IX ter fuzilado das janelas do Louvre os protestantes de Coligny, anedota expressamente escolhida e exagerada por Moreira Pinto como legítima página de histeria para ofender o Orléans presente⁵⁸.

Particularmente, Moreira Pinto tudo devia ao Imperador. Fora D. Pedro II que lhe patrocinara a educação. Ele mesmo o confessou perante o Soberano, com as palavras assinaladas na ata da sessão de 22 de Junho de 1885 da Sociedade de Geografia. Esse reconhecimento lhe aconselharia, afinal de contas, mais discrição nas relações com a Família Imperial. Professor de História na Escola Militar, Moreira Pinto, no entanto, aproveitou do comparecimento do genro do Imperador à Praia Vermelha para provocar o incidente que tanto deu que falar no seu tempo e concorreria para aumentar a dose de antipatia que, injustificadamente, cercava a figura do Conde d'Eu.

Mudando intencionalmente de assunto da sua preleção, procurou o docente um meio de afundar e provocar as susceptibilidades do Consorte perante o mentiroso episódio de histeria, reproduzido, especialmente, no intuito de magoar aquela que o honrava com a sua alta presença. O que não impediria o Silva Jardim justificasse a atitude do mestre, carregando o Conde do crime inespíavel de haver destruído a liberdade, usando legitimamente dela para liquidar uma balela e repelir a inconveniência de um professor esquentado e incivil: “Cidadãos, os dias da Tirania estão próximos! Gastão de Orléans entende não dever existir liberdade, nem de pensar... Não há muito sabe-lo ele interrompia, violento e grosseiro, uma aula em que a palavra de um professor brasileiro condenava à luz do critério histórico Carlos IX, um seu antepassado real!”.

Examinado de perto o escândalo do professor secundário, só mereceria a reprovação do Bom Senso. A cadeira de ensino público numa escola do Exército Imperial não devia constituir um meio de atentar contra o protocolo, sendo ao respeito comum entre cavalheiros. Porque uma regra geral de palidez aconselha não desfeitear as visitas. A atitude intempestiva e calculada de Moreira Pinto para provocar o Conde d'Eu, carregando a memória do seu longínquo antepassado de um crime falso e quando essa autoridade superior do Exército exercia um ato de pública gentileza, comparecendo à exposição de um

⁵⁸ Fora suprimida do texto final a seguinte passagem: “Diante dos alunos o ato de descortesão do professor agressivo emprestou a este uma palma de triunfo! No entanto, nada mais condenava que a atitude do mestre na cena passada a 18 de Julho de 1882”.

curso teórico, mereceria o mais geral dos protestos, sem falar na devida sanção disciplinar. Ao contrário disso, a grosseria do homem, o seu montanhismo agitado num momento dos mais dispensáveis, o esquecimento dos seus deveres de dívida para com D. Pedro II, tudo isso chegou a circundar de uma auréola de independência e de glória a Moreira Pinto!

Péssimo professor, por seus defeitos de relaxado e atabalhoado e de uma condescendência de julgamento nos meses de exame, como a de Tobias Barreto, abaixo de toda crítica, o seu mau exemplo, a sua inciência, trefeguiça e impolidez, puseram-no num nicho de incabida admiração.

Até Rui Barbosa procurou justificar-lhe o ato insólito de ignorância e remata impolidez! Quanto ao rapazio da Praia Vermelha, se de uma parte o tínhamos pelo ridículo e consternante papa-moscas da Geografia Nacional, de outra o considerávamos o Inimigo declarado do Trono, capaz de chamar à ordem o marido da Princesa Imperial e puxar as barbas de D. Pedro II, com inteiro proveito para a propaganda republicana, de que ele nos aparecia uma figura predominante por não respeitar maiores conveniências e as próprias regras da delicadeza e urbanidade.

Aquela mocidade, que andava errada, menosprezava o trabalhador empenhado em corrigir e completar a corografia brasílica e habilitava de herói, aquele que no fim de contas não passava de um partidário e *sans culotte*, abusado de seus privilégios professorais e de nenhum modo atento às exigências mais comezinhas do Manual de Civilidade.

32. O MUSEU MILITAR

O major Leite de Castro, futuro marechal do Exército, então instrutor de artilharia na Escola, organizara um museu histórico militar, no andar térreo, à direita da entrada do edifício, no local cedido aos exercícios de esgrima de baioneta do coronel Meyer. No vasto salão empilharam-se biscoinhos, balas rasas e ocas, lanternetas, estativas e saca-trapos, espingardas Miniés e de pederneira, pistolas, trabucos e clavinotes, feixes de lanças e troféus de sabres, antigas colubrinhas, morteiros, camelos e falconetes, bandeiras rotas e esfuracadas, soquetes, lanadas, estrepes e tambores, os quais foram distribuídos e ajeitados ao longo da sala de exposição. A fábrica da Conceição e do Campinho, os depósitos do Arsenal de Guerra e o Asilo da ilha de Bom Jesus concorreram com vários modelos e artefatos a essa mostra de artigos bélicos, que deveria ser útil ao ensino técnico como à veneração dos jovens matriculados da academia militar, pois alguns exemplares tinham vindo dos tempos coloniais e outros dos campos sangrentos do Prata e do Paraguai, enfumaçados da luta, quentes das batalhas transadas; sendo que, na verdade, bem pouco nos importava, sob esse duplo aspecto, essa curiosa montoeira histórica de ferragens e trapos, ajuntados pelo capricho de um colecionador de velharias de combate e destruição, muito ancho e vaidoso da sua proveitosa ideia...

Contudo, alguns elos formidáveis da cadeia de ferro que fechara o rio em Humaitá e a lança do general Osório, quase uma joia, isolada no tripé, nos atraíam, comovidamente, a atenção. O Leite de Castro tomava a peito o arquivo das Lembranças de guerra, provavelmente, com o intuito muito pessoal de fazer valer os méritos da sua bela iniciativa na próxima promoção. A sua criação nascera doente do reclamo pessoal e decorativo do que se impregnava. Os jornais haveriam de falar, citar-lhe o nome, grudá-lo aos mais belos adjetivos, cantá-lo em prosa e verso.

Grande dia seria o da inauguração. Far-se-iam representar o General Comandante, os altos poderes do Estado. Sua Alteza o Conde d'Eu não falharia, receberia Leite de Castro as felicitações de todo mundo pelo extraordinário pensamento e execução de tal melhoramento. A sua obsequiosidade e camaradagem exerciam-se no duplo intuito de juntar na sala aqueles gloriosos detritos, arrolados para atraírem alguns raros visitantes e sobretudo elevar às maiores alturas o "Fundador do Museu Militar do Império". A atividade

de oficial não pareceu, no entanto, provocar nenhum entusiasmo; sentia-se nela o aviso do brocado: “Uma no prego outra na ferradura”. Compensá-lo-ia, sem dúvida, a boa paga de uma elogiosa ordem do dia; e provavelmente, a vindoura promoção por merecimento ou serviços relevantes, pescados naquela ruma de ferro velho e trenheira de clavinas e tambores paraguaios...

Era pouco e bem pobre o conjunto exposto, para que se devesse fazer tanto ruído em torno disso. A modéstia do resultado, porém, não impedira o barulho da inauguração, a que se dera uma publicidade das mais nutridas e borbulhosas...

Sobrevindo a República, o Museu do Leite de Castro, como tudo o que cheirava a passado ficou, porém, logo doente dos carunchos que lhe eram inerentes à natureza e haviam servido ao interesse pessoal disfarçado no patriotismo da conservação das nossas antigas armas. Desapareceriam, em breve, da sala da Escola a coleção dos artefatos de guerra, as lembranças de glória da nossa história militar. Aquelas palanquetas, bandeiras e morteiros virtuosos espalharam-se, voando não se sabe para onde.

Sob o signo então dominante de Benjamin Constant, o pacífico sectário da Paz Universal, general por favor da anarquia vitoriada na praça pública, aquela mostra de antigualhas não deveria ser de nenhum préstimo, nada representaria de respeitável e aproveitável!

O que não fosse devolvido ao Paraguai, deveria sumir-se de qualquer forma, como a ignominiosa representação dos maus instintos prevalecidos na fase conquistadora e defensiva, nos quais persistia a Sociedade, tardada na evolução que deveria precipitar-se ao próximo e definitivo Estado Normal, a dois passos de todos nós!... O fato é que o Museu Militar da Praia Vermelha, servindo de começo à popularidade de quem o assentara e arranjara, duraria bem pouco. Não o favoreceria o comtismo reinante. As suas cinzas de sarcófago não resistiram, pois, aos golpes desse vento de seca e aridez da Filosofia Positiva, abastardada no centro de depressão ciclônica, montado na Escola Militar e na Catedral pseudocientífica do Mendes, o sabe-tudo, pontífice e cornaca⁵⁹ do Brasil em nome da

⁵⁹ Segundo o Dicionário Houaiss, cornaca é o nome do “tratador ou condutor de elefantes”. Nesse trecho específico, provavelmente uma expressão ou “gíria” local e/ou da época.

Humanidade, reduzida a uma deusa Razão dos seus ritos e momices, na rua Benjamin Constant...

À lança do Osório, junta aos pedaços da corrente de Humaitá, não seria dado corrigir a miopia e nem calar a pabulagem dos pregoeiros da harmonia entre as nações... Evaporou-se o Museu do Patriotismo, do Sacrifício e da Glória no pélago da desordem e indisciplina em que se instituiu o Brasil republicano.

33. FIGURAS DAS RUÍNAS

Boa Praia Vermelha! Visitei-a pela última vez em companhia do general Alfredo Mallan, em 1928. O rei Dario, que voltasse nesse ano a contemplar Persépolis, não ficaria mais desfeito que o “bicho” de 1888, e alferes de 1900, nos destroços da sua antiga Escola. Estarrecido fiquei pelo abandono e começo do arraso daquela grande casa de tradições, que fora o centro de preparação da inteligência do Exército e renovação de seu comando, e onde espaiavam as sombras históricas dos Vice-Reis marquês do Lavradio e conde da Cunha, ajuntadas nos lineamentos das pedras dos meus baluartes e quartéis.

A exposição do Centenário da Independência, adaptando as velhas edificações a uma feira, tudo desrespeitara naquele canto de tantas recordações. Para o brilho e o proveito do instante memorial, em país pobre de sinais e monumentos do passado, puseram em exercício para derrubar a fortaleza da Praia Vermelha, a picareta demolitória, instrumento específico dos niilistas e parodistas do nosso urbanismo, conjurados em entupirem com o entulho vertical dos seus aterros e caixotões de cimento armado o horizonte e o ar que a todos é devido.

O “Expoente” e o picadeiro, tinham sumido. O relógio do Pego também, e com ele a lápide inesquecível que lembrava um grande general, nomeando-o à maneira das inscrições na via Appia: *Polydorus A Fonseca Quintanilha Jordanus*⁶⁰. As imagens do antigo tempo sucediam-se-me no cérebro, mortos sobre mortos, bandos de espectros refratados numa luz de ressurreição levantavam-se das covas, atulhavam o pátio, alinhados em forma, diante do monóculo inquisitivo do major Tamborim e do *cavaignac* do borracheiro do major Marinho da Silva.

Corria na crista-de-fogo ou no cordão da berma do extenso baluarte, cortinado sobre a praia, uma tira de esqueletos, pendurados como no muro do assuário siciliano. Aqui o general Marquês de Sá, ali o general Clarindo de Queiroz e sua guarda formada. Da Urca e da Babilônia pareciam rolar duas tiras de crepe, como se usam nas exéquias solenes, corridos sobre o catafalco. Enchia a Praia Vermelha uma cinza gelada, um bafo de necrotério, a desolação das catacumbas. Reconheci ainda, nesse horizonte de despojos e

⁶⁰ A *via Appia* (grafia em latim, aqui) foi uma das principais estradas que ligava a antiga cidade de Roma à cidade de Brindes (atual Brindisi), no litoral italiano do Adriático. O nome homenageia Ápio Cláudio Cego, que iniciou a construção da via em 312 a.C.

ruínas, o “Vaca Brava”, que viria a ser o Marechal Pires Ferreira, grande conquistador da Política à custa da Caserna, grande cevadeiro da Caserna à custa da Política. Foi o segundo homem desse apelido, na história do Brasil. O outro, que era um civil, o terrível redator da “Idade do Pau”, demolia a cornadas a reputação dos “corcundas”; seria muito menos manso e prejudicial que o militar e ativo legislador de propinas e vencimentos, aumentados em seu proveito e a bem dos camaradas da sua clientela. Graças a este, o soldado reformado no Brasil receberia mais do Erário do que quando na ativa!

Outros fantasmas surdiriam na esplanada de Elseneur, esprimida entre os doces maciços de granito carioca. O velho e quase impotente, coronel Meyer, engelhado e ereto, defronte da turma de esgrima de baioneta, inspecionava os molinetes e a posição das pernas, rosnando entre os seus dentes de germano imperturbável: “Sol-da-do ca-i, sol-da-do morre, mas não trrreme”, enquanto o alferes Marcos Curio com os seus bíceps e peitorais ressaltados fazia de modelo para o ataque e a guarda, apontando contra a cavalaria e varrendo as baionetas...

O “Pombinha”, macilento, franzino e de barbas negras esparsas na sua esqualidez de frade mendicante, português sequioso de lucros e bem fornecido de pacotilha, percorria diariamente os salões das companhias na⁶¹ de seu negócio rendoso. Fiava aos alunos os cigarros de palha, as caixetas de fumo Rio Negro ou Barbacena e os tijolos de grosseira goiabada. Trazia em grande trouxa a sua mercancia de bazar, casa-de-doces e charutaria. O bufarinheiro era infalível no começo do mês para a cobrança do que se lhe devia. Um gavião, essa pombinha...

Esgueirava-se nas primeiras sombras da noite o acendedor de gás. Dir-se-ia a treva exigir diariamente esse gnomo com o poder de a espaços destruí-la à força de a estrelar. Tratavam-no de “Profeta” por semelhante à estátua do reclamo, levantada à frente da tinturaria desse nome na rua do Ouvidor e a qual empunhava com toda a solenidade o báculo espetado e disfarçado numa lanterna dourada. Gritavam no momento azado e propício ao humilde empregado da Companhia do Gás, que parava em cada lampadário, fucicando-o com a sua longa vara de acender: “Profeta! Alto! Preparar e carregar!

⁶¹ Segue trecho ilegível no original.

Apontar... Fogo!”. E a luz se fazia no candeeiro do pátio, mas acompanhada do palavrão maciço e contundente do indivíduo, montado no primeiro raio de luz do lampião.

Napoleão Reis, alto funcionário do Itamarati e despachado como representante do Brasil na China e no Japão, matriculou-se comigo na Praia Vermelha, e a sua aptidão para falar várias línguas já se manifestava desde então. Dizia-me ele ter aprendido o árabe com os mascates sírios que perpassavam em Landim, Minas Gerais, de onde era natural. Compreende-se que esse árabe não lhe daria para rivalizar com o do doutor Mardrus, o melhor tradutor das *Mil e uma noites*. Mas, o pobre rapaz só porque se dedicava ao poliglotismo para o qual patenteava um gosto tão natural, os pandilhas de seus colegas não o deixavam respirar.

Toda Escola se metera a tomar chá-de-garfo com o Reis, a quem traziam amofinado com o granizado de remoques e troças. Apelidaram-no com este hórrido e estropiado hibridismo: “Heptolinguorum”⁶². O certo foi que o aperreado mineiro teve que deixar a Escola, e 1891, sem ter conseguido nenhum êxito na Aritmética o que parecia confirmar a regra sumária - quem desse para outra coisa que não fosse a ciência de Arquimedes, de Monge ou de Euler não passava de uma besta orelhuda e quadrada, indigna da menor consideração.

Isso não impediria que depois, Napoleão, na Secretaria das Relações Exteriores alcançasse os maiores postos, para não dizer as suas maiores batalhas. Tinha ele uma voz bem afetada de mestre-escola especioso e acetinado e a maneira de tratar os outros como quem andava sempre em classe especial, morava em sobrado dispunha-se a passar no sufragâneo uma rigorosa sabatina.

Quantas vezes, em 1913, socado no primeiro banco do bonde da Igrejinha, na Copacabana, era eu sobressaltado por alguém que de último me citava à sua atenção, lendo-me nas costas esta copiosa e incomoda tabuleta: “Ilustre autor do Fooo-ra de- forr-rma”, do “In-ferrno Verde”, das “Som-bras ná-gua” e das “Quin-zzenas-de-Campo e Gue-rrra”... Encaramujava-me todo, bombardeado na retaguarda com aquela citação intempestiva e

⁶² Heptolinguorum: mistura do grego *hepto*, “sete”, com o genitivo plural latino *linguorum*, “de línguas”; traduzindo, “de sete línguas”.

clamorosa, altamente indiscreta para quem gozava, naquela ocasião, o delicioso instante de não pensar mesmo em si...

Era o Napoleão, que se fazia presente, como se gritasse, lamentavelmente, a célebre apóstrofe de Bonaparte, parafraseando-a desta forma: “Do alto do morro dos Cabritos há vinte e tantos anos vos contemplo...”. Haveria nessas suas manifestações amistosas mais a preocupação de chamar a atenção sobre si, do que para o antigo colega, designado e torpedeado pelos seus cumprimentos.

A derradeira vez que o vi, para deter-lhe a sonora expansão, cristalizada, no momento, na tentativa de uma lição sobre as primeiras letras do alfabeto japonês, riscadas com o dedo indicador no encosto do bonde, atalhei para desafogar-me:

- Então, quantas línguas estais falando, *Napôleun*? Eu acentuava a pronúncia inglesa da palavra Napoleão para marcar a nossa intimidade e fraternal simpatia com o cheiro de outra língua perdida no lagamar das que lhe eram familiares, tendo ele chegado a falar, segundo dizem vinte e seis.

- Meu eminente condiscípulo e amigo, ilustre escritorr pátrrrio, autor do Inferrr-no Verrr-de, falo agora corrente e perrfei-tamente uma dúzia...

- Quais são elas?

E ele, esparralhando a mão direita, começou com o indicador da outra a contar:

- Primei-ro, o por-tu-guêsss...

- Que diacho! Exclamei. Você bem poderia dispensar-se deste, que afinal já se compreende esteja entendido na coleção. Há de começar por alguma para poder com as outras. E como foi com a língua materna, o português, que você se arranjará de início... A não ser que por essa época houvesse você tenha preferido triturar o tupi...

Napoleão não se deu por achado e recomeçou com o seu tom enfático e proficiente:

- Primei-ro o por-tu-guesss... E desandou o nosso Mezzofanti do Itamarati a lista glótica que lhe era o dom, a bagagem e o armorial... Não se entendeu ele com o marajá de Kapurthala em indostânico? Melhor que isso, fundou por aí afora várias bibliotecas. Que nobre benemerência! Um seu colega aposentado tomou por programa ocupar-se de espalhar a torto e direito, no Rio de Janeiro, tudo quanto era semente vegetal de que pudesse dispor. Dir-se-ia querer que a cidade retornasse à selva de antes de Mem de Sá. Não subia a Santa

Teresa ou galgava o Corcovado sem levar os bolsos atulhados de grãos de toda espécie, do feijão guandu ao eucalipto globulus. Acharia ainda pouco a mataria que nos rodeava, das furnas da Tijuca à boca do mato em Jacarépaguá. Tornara-se um semeador urbano, anônimo e gratuito, agente de reflorestamento, desconhecido da Prefeitura Municipal.

Napoleão Reis fez, sem dúvida melhor, que seu colega inçando de livros o solo natal, fornecendo germens de luz e cultivo de inteligência a seus patrícios os mais obscuros e longínquos.

Que fila é aquela que passava equilibrando-se em pleno quadro da nossa invocação, no fio da pedra inclinada de 70° sobre a orla que o mar lambe, bordada de ostras e encalombada de ouriços? Eram os colegas de 1888 que iam à gruta, ao pé do Pão de Açúcar, ou de lá voltam da excursão de férias. Nas trouxas de gêneros do rancho estão as bombas de dinamite com que se fulminam as tainhas e robalos na praia do Anel ou ao sopé do morro do Vigia...

De boné a três pancadas, o major Pego Júnior, sólido, baixo e truncado, com a banda de seda vermelha arrepanhando a enorme blusa parda e a barba ajuntada ao queixo numa fulva e alentada maçaroca de praganas de milho, iria dar a sua aula de Geometria Descritiva.

Não sei por que uma grande relutância escolar havia pelo ensino dessa disciplina. Não só na Escola Politécnica, onde regia essa aula o Dr. Ortiz; como na Praia Vermelha, onde a ensinava o major Pego. A veia risonha de poetas de ambas as escolas exerciam-se em zombar da ciência que nenhuma culpa tinha de para proveito de todos os construtores representar os corpos sólidos, achatando-os nos seus planos de intercepção. Damasceno Vieira da Praia Vermelha versejava:

*“Possantes esquadrões escuros, baços,
Vinham correndo para mim de longe,
Armados de enormíssimos compassos
Tinham na frente caminhando o Monge!”*

Bastos Tigres, da Escola Politécnica, aproveitava-a também para o chiste da sua Musa de motejos:

“Cheio de dor sincera

Eu mal posso contar os prantos meus!

Adeus conóide cirscunscritos à esfera!

Parabolóide adeus!”

Era Pego Júnior a imagem do soldado limpo de coração e reto de consciência, benigno quanto bravo, inteiriço e ativíssimo. Os seus alunos, de insuficiência armada no mau preparo, em geral não o entendiam nem trabalhavam para o acompanhar na exposição da matéria. Indefectível, o mestre ajoujado de suas réguas e esquadros, levantava a giz uma cidade disparatada, sobre-realista, toda em tangentes, normais e arcos de círculo, cheios ou pontuados. O mundo baralhado de projeções e rebatimentos, que só ele compreendia, dir-se-ia traçado na parede de um manicômio. Seria, porém, só aparentemente indecifrável e insensato o desenho caótico do Pego. Tudo, ao contrário, seria inclinado ao desfecho das soluções, como arrastado ao termo de seu objetivo de complicação e incoerência. Assim a aranha tende a teia de fios brancos para apanhar a mosca que não lhe há de escapar. Suado, apoplético, alçado num banco para atingir certas interseções das linhas geométricas, a esponja cerrava-se-lhe no punho crispado e ele todo borrava-se de cré.

Manejando o grande compasso de madeira com que circunscrevia as áreas, a régua com que lhes cortava os planos, estava nas suas quintas o ginasta das épuras e interseções do F. I. C. Dizia com clareza porque estudara com amor o que sabia a fundo. Esbarrando numa equação dada como insolúvel, o seu colega Roberto Tromposwky exclamava, abatido, entre os dentes cerrados: “Esta tem resistido a todas as tentativas...!”. Semi-afogado na coifara dos seus planos e rebatimentos, o Pego tinha o zelo paciente e o interesse laborioso do inseto alimentando a larva ou do mineiro buscando, no intrincado de seus bolinetes e mundéos, a pepita rara e preciosa. Abraçada à “pedra”, tinha ele movimentos de um calmo jardineiro, alinhando os canteiros; às vezes, apagava a projeção como se limpasse com um trapo os bordos do alvéolo de uma úlcera dolorosa. Só quando se enganava no traço é que lhe sacudia um sobressalto de epileptóide, para rapidamente elidir o risco errado, expurgar a chaga.

Desdobrando as projeções e determinando os pontos de seção, como o pedreiro ergue o edifício pedra a pedra com o nível e o fio a prumo, dir-se-ia o Pego erigir, preocupado e carinhoso, o seu próprio mausoléu. Que as fundações não esboroassem e

todos os planos se conchavassem e rematassem num coruchéu de lógica e boas proporções. Era tomado de uma verdadeira pena que ele se via chegar ao fim da aula, deixando em caminho o dédalo de ângulos e de curvas seccionados ou embricados que se diriam da sua propriedade e invenção exclusiva e os quais lhe sendo o pão e o vinho de cada dia, ele teria de deixar ao fim da aula sumirem-se num canto de sala abandonado e poeirenta.

Em caminho para a rotunda do picadeiro, igualmente reconheceríamos, nessa visita à Praia Vermelha, sacudindo o *cavagnac* imenso e grisalho o pernegudo gaúcho José Maria Marinho da Silva, voluntário do Paraguai, instrutor de cavalaria, mestre de equitação e autor de uma “Instrução para a Cavalaria”. Ouvi-lo referir as cargas de arrojado dos esquadrões paraguaios de Caballero e dos lanceiros do barão do Triunfo, era assisti-las *de visu*. Tinha o entusiasmo fácil, colorido e estrepitoso das crianças, diante o arrojado, os aspectos e efeitos do peso, arremesso e surpresa dos corpos montados. Com a fala alta punha a sua admiração em axiomas de rumoroso recheio. Poderia compor-se o Evangelho do Equite, inscrevendo no mesmo tomo os seus conceitos de ginete: - O cavalo e o cavaleiro devem constituir um todo harmonioso, plástico e inconfundível. A religião e a arte dos antigos, ensinaram-no, inventando o centauro. - Aníbal como Jugurta, espantou os romanos com os seus elefantes, mas destruiu-os as legiões de Cipião, com os corséis montados pelos frecheiros da Numídia. - Quando o homem domou o cavalo é que pode abandonar a caverna primitiva, mudar de clima, melhorar de sorte, renovar a tática dos seus exércitos... - As esporas não são meios de castigo, porém, recursos de advertência. - Dos joelhos do cavaleiro às orelhas do cavalo tudo deve pertencer ao mesmo animal.

O Marinho metia tanto ardor nas suas regras e observações equestres, que nos divertíamos a inventá-las, dando-o como autor das nossas pachuchadas de paródia: - Deduz-se o cavalo do homem. Você é o que o seu animal de montada representa. - Só castigues o cavalo quando te mostrares incapaz de corrigir-te a ti mesmo. - Sirvam o rabicho, o freio, a chilena e o chicote a quem os mereça. Há animais pundonorosos que os dispensam; há homens que os exigem. - Entre o burro teimoso e o cavalo couceiro não há melhor escolha. - Cair de cavalo magro supõe sempre um aviso feliz. - Cavalo por cavalo prefira-se a besta mansa e chasqueira. - Da bota espera-se o que exprime a sua espora. - Do

cavalo de Troia o perigo está não pegar mais a tramoia clássica de seu recurso e vantagem de invasão e golpe de surpresa.

Pisando aquele canto assolado pela picareta de novidadeiros e arrivistas, de fôlego suspenso na execução de um imensa ruína, outro espetáculo se me avivava nas retinas, voltadas na retrospectiva de tão longínquas e inapagáveis lembranças, em meio ao pátio da finada escola da Praia Vermelha. No alojamento da terceira companhia a rapaziada rressonada. E os “veteranos” em tropel irrompiam das portas: os possessos, a um de fundo, numa bicha de alienados e apopléticos. Envolvidos nos cobertores de baeta vermelha, desvairados e sinistro, agitavam na correria fochos de jornal acesos, batiam em latas e bacias, corneteavam, berravam, gesticulavam, derrubavam os leitos, espertinando e fazendo o mau sonho tangível dos calouros deprimidos e dorminhocos...

Era o chamado “carnaval”. Os olhos dos mal despertos saltavam das órbitas, vendo o horror do atropelo e da invasão. Que pavorosa surpresa, a dessa visão da sarabanda do inferno! Não o compreenderiam os sonolentos, sem tempo para supor outro cousa que não fosse o pânico e o estupor. A escola estaria incendiada? Atropelar-se-iam os danados do Orço à conquista da Praia Vermelha! Poderiam descobrir os mais calmos e menos perplexos, na frente, comandando a falange dos trotistas, no escarcéu dos mil diabos, o Cromâncio Bastos, ou o Inocência Vasconcellos, meio Adão, meio Mefistóteles, a pena de pavão prolongando-lhes o cóccix... Passados alguns minutos, a noite rechupava no âmago do seu silêncio aveludado a estrepolia dos antigos; o sono e o percevejo retomariam os seus direitos sobre a “bicharada”, sopitada no calor da noite sinistramente interrompida.

Na Praia Vermelha, aos ribombos, o oceano fazia o seu longo e ininterrupto discurso de arroubos ao céu, rivalizando de profundidade, com o Pão de Açúcar, que ameaçava entupi-lo. O imortal Vauban inspirara a ligação da Urca à Babilônia. Nunca fora tão majestosa garganta objeto da segura concepção do marechal e engenheiro francês, que construíra trinta e três praças fortes, mas nenhuma estabelecida em lugar tão estranho e tão belo como aquela canhada carioca, tendo o trópico de Capricórnio a beijá-la tão de perto.

O mesmo mar, de um lado e de outro dos baluartes, dispunha de diferentes fisionomias! Era uma cousa na praia da Saudade e outra na praia Vermelha. Como se pode mudar assim e ao mesmo tempo! Na praia Vermelha era bravo e profundo: na praia da

Saudade, raso e humildoso. A ira e o barulho da um lado; a meiguice e o suspiro de outro. Aqui o monstro Polifemo zangado, ali o Tritão brincando...

Na Praia Vermelha, o soluçoso e solitário ameaça com os punhos fechados, dando murros e espumando nas areias. Dir-se-ia justificar Seneca, quando dizia que as águas do mar eram machas, todas as outras fêmeas. Na Praia da Saudade tem dedos de veludo, é grato e serviçal, oferecendo o banho seguro e o desembarque fácil. Como símbolo do seu carinho e hospedagem tinha, além da balsa para a lição de natação dos alunos, uma obscura e sossegada casa de pasto.

Íamos por lá bebericar algum álcool, fosse vermute, genebra ou parati, ou então fazermo-nos servir de um bife à cavalo ou da tigela de café, a que geralmente acompanhava um longo biscoito. A taverna do “Bodegão” estremecia à voz do jovem freguês: “Um pontão do Mar Negro!” O caixeiro já sabia. E o cadete afogava o boque no bojo da palangana, onde flutuava no líquido preto a rosca de encomenda.

E Netuno não cessava na Praia Vermelha a sua barulheira de galrão, apostrofando os peixes e as rochas do costão. Retumbava, como na Cadeia Velha, os salvadores da Pátria, ou nas sessões do “Amor à Tribuna” os seus novos oradores...

34. O “Amor à Tribuna” e o Lino

Uma espécie longínqua da *Debating Society* de Eton, na Inglaterra, com tudo o que entre nós deva reduzir as pretensões de semelhantes grêmios aos quais nossos poucos recursos universitários possam prover sustentar, havia sido fundado na Escola da Praia Vermelha o centro acadêmico de fins literários, cujo nome era bem elucidativo da natureza do cenaculozinho em questão. Em 1888 encontrei o “Amor à Tribuna”, funcionando com regularidade e provocando, com a “Sociedade Literária Família Acadêmica” e a “Sociedade Dramática Escolar”, o maior interesse dos que dela faziam parte. O meio acadêmico da Praia Vermelha, estrepado no Binômio de Newton, na resolução de triângulos, no cálculo do aterro e do desaterro e nas leis de Gay Lussac, não era muito propício ao desenvolvimento de tais agremiações. A álgebra, a geometria e a mecânica não seriam das mais favoráveis à flora da imaginação literária. Alguma coisa de severo, de limitado e de especial estrutura, representada nos compêndios da Ciência de Carnot e Arquimedes, criava certos óbices e leituras espaiadas e vagabundas de romances, dramas, comédias e poemas.

Quem se arrolasse nessas distrações, imiscuindo-se em tiradas de teatro, temas de discursos, embecendo-se nas tiradas da *Noite na Taverna*, da *Notre Dame de Paris* e da *Comédia Humana* de Balzac, correria o risco de zero na sabatina, de R ou do simplesmente no fim do ano.

Opunham-se a esses *diletanti* do verso e do romance, os mais arraigados a essa ordem de estudos abstratos, que não estariam longe de encontrar o prazer do perfume do capitiu⁶³, quando explanavam, por exemplo, o cálculo dos momentos de inércia das áreas planas por intermédio das integrais duplas. Compreende-se, aliás, perfeitamente que quem deixasse de lado o Bourdon ou o Bezout para somente se nutrir de Montepin ou Castro Alves, teria que prestar mais contas nas sabinas ou nos exames parciais. Tal era o prestígio da matemática na ensinaça da Escola, que a Química do Luz, a Física do Carneiro da Cunha ou a Fortificação do Agrícola andavam para nós bem por baixo das divagações teóricas do Benjamin, perdido em meio das assíptotas, dos ramos parabólicos e dos limites de variação do x das suas curvas, a que não ligava maior importância.

⁶³ Um dos nomes do “limão-bravo” ou “cicatrizante-das-guianas”, fruto usado no tratamento de cólicas.

Distraídos do principal, acreditávamos correr o risco de sacrificá-lo, sem que o acessório das letras nos adiantasse à carreira das Armas, necessitada para o estudo das trajetórias, da força viva das explosões, da resistência dos muros das cortinas nos bastiões, de positivities matemáticas, indicadas por coordenadas cartesianas, polares ou semi-polares ou encontradas entre os limites das integrais definidas... Pensava-se então, como depois certos teóricos da república dos Soviéticos, fulminados por Soulimov, que para se ser um engenheiro não precisava conhecer literatura, para se ser um general seria perder tempo ler os poetas nacionais. A ciência não comportaria aliar-se à imaginação. A matemática daria a chave de tudo. As equações de Lefschetz e de Clairaut, a fórmula de Moivre, o teorema de Meusnier, a equação de Bernoulli, o desenvolvimento em série de Fourier de uma função periódica é que serviriam de “abre-te Sésamo” à utilidade geral, forneceriam o alimento e a razão de nossa preparação ligada exclusivamente às modalidades e confins do cálculo algébrico, diferencial ou integral.

Tomávamos por um fim, o que não passaria de um meio, esquecidos que para a matemática de um técnico tudo está em saber aplicá-la e não apenas em chegar a demonstrá-la. Atolávamo-nos naquele preconceito, quando sob o ponto de vista cultural do soldado e do engenheiro nenhum motivo para a ciência dispensar a poesia ou o estudo da matéria que não lhe sejam afins. Voltaire citava Mallebranche e Pascal como incapazes de produzirem um verso, mas levantava hosanas a Locke, mal disposto à matemática. Dele próprio, dizia o filósofo de Ferney, com encantada satisfação, poder aliar o cultivo da arte à da ciência: “*et quand j’ai passé trois mois dans les épines mathématiques, je suis fort aise de retrouver des fleurs*”⁶⁴.

Mas, aferrados à esta ideia falsa dos benefícios da monopolização da matemática, nada mais natural que dentre nós só alguns privilegiados ou arrojados se imiscuissem na formação e sustento desses grêmios mais ou menos literários. Não sei se Euclides fazia parte do “Amor à Tribuna”. Provavelmente. A única incongruência, que não se explica naquele temperamento de viva independência e magnífica altiveza, levaria-o às portadas da Academia de Letras. Não será demais supor que ele preparasse no “Amor à Tribuna” as

⁶⁴ “*E quando passei três meses entre os espinhos matemáticos, estava muito feliz por reencontrar as flores*”.

primeiras experiências para quando Machado de Assis o arrastasse a um departamento tertulioso do “Paraíso dos Medíocres”?

Por minha parte, repito, nunca vi de que cor era esse “Amor à Tribuna”. A minha repugnância natural a tal gênero de arcádias já se anunciava no horizonte. O “Amor à Tribuna”, mesmo sem significar um ajuntamento dos mais dissaboridos ou perigosos e mesmo ilícitos, nunca me atraiu. A falta completa dos dons da improvisação oratória, o temor de aninhar-me nesses conciliábulos, que degeneram em geral em sociedades aliteratas, pervertidas em seu destino e desmoralizadas em sua constituição, tem-me feito refugar a honra de nelas ingressar.

Ao próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nunca me fiz candidato. Aliás nenhum direito me davam a isso esses contoziños do “Inferno Verde”, que não cheiravam de modo algum a títulos históricos, ou geográficos indispensáveis a tal investidura. Se lá entrei com essa bagagem, é responsável a surpresa de saber o meu nome proposto à minha revelia e aprovado no conclave da comissão de História e de Admissão de sócios desse “soldalício”, por uma benignidade de julgamento que ultrapassa as raias do possível. Dado o beneplácito ao novel escritor, não quis levar a intolerância à impolidez de tão obsequiosos, lisonjeiros e espontâneos sectários, que usavam e abusavam da tradição do São Leopoldo e do Varnhagen, através das manigâncias do Max Fleuiss.

O “Amor à Tribuna”, com esse ou outros nomes oficiais, pode botar os seus rizomas nas terras fofas do Brasil, que outros apanhem o cacho das honras e privilégios... Em relação à própria Academia Brasileira de Letras, que depois da surpresa de aquinhoadas na herança do português livreiro e editor se tornou o imã de quase tudo quanto faz letras no Brasil, como a sua co-irmã de Paris, a que Voltaire se referia deste modo: “*cette Academie-Française est l’object secret des voeux de tous les gens des lettres*”⁶⁵.

Poderia apropriar-me das palavras de convicção de André Gide: “*Et dire que si je n’aimais tant la litterature, je serais déjà de l’Academie!*”⁶⁶, para considerá-la pra de todo o meu alcance. Entraria na conta dessa aversão literária, a que aludimos, a repugnância geral que nos causavam então, na Praia Vermelha, os “diretórios”, isto é, aqueles que se

⁶⁵ “*Esta Academia Francesa é o objeto secreto dos desejos de todos os homens de letras*”.

⁶⁶ “*E dizer que se eu não amasse tanto a litterature, já estaria na Academia!*”.

aplicavam no Brasil ao estudo do Direito e da Jurisprudência. Não podíamos compreender que valessem alguma cousa. Fora da Análise infinitesimal não haveria nem interesse nem salvação neste mundo... Dir-se-ia que a consciência do país, concentrada e revelada na livre aceitação e no culto das suas leis civis, nos era bastante antipática. Do soldado só tínhamos como necessário e respeitável a curta noção do seu abuso e contra-senso, quando pretendesse legislar sobre tudo, impondo o seu credo e as suas ordens à majestade da nação, regida por outras vontades que não fossem as de seus cabos e sargentos... Quanto a mim, sempre repugnado a conventículos de letras, nunca me arrolei no “Amor à Tribuna”, nem na “Família Acadêmica”, não tendo nem por isso me achado mais disposto à ciência e técnica que se lhes julgavam tão opostas...

Não sei como foi possível despontar naqueles estrepes e cavalos-de-frisa das funções diferenciais e integrais, espalhadas na esplanada da Praia Vermelha, este cogumelo de fraseologia, o “Amor à Tribuna”. Talvez, em suma na Praia Vermelha, não fosse a oratória de per si considerada assim tão rigorosamente oposta à Geometria do Lacroix, à mecânica do Lagrange e aos cálculos do Navier, sendo como ainda hoje, no Brasil, essa arte o supra-sumo, a arte das artes, aquela que leva a todas as mais altas posições no país e arrasta a admiração das nossas turbas as menos impressionáveis. - Fulano é um grande talento. – Como assim? – Fala em público muito bem! Esse diálogo, corrente e consagrado dos nossos maiores valores intelectuais de bico aberto, reproduz-se a cada passo no julgamento do povo.

O personagem de Alphonse Daudet, o Numa Roumestan dizia: “*Quand je ne parle pas, je ne pense pas*”⁶⁷. Desse estofo, quanto gênio consagramos! Resta saber o que, efetivamente, dizem de aproveitável esse gramofones da oratória nacional, rolando e gastando a ebonite dos seus discos sonoros. Das Câmeras à mesa do batizado, sempre há de haver alguém que se revele ou acentue os seus méritos, selando-os com o signo de Lísias ou Demóstenes para uso do Parlamentar ou da Mesa dos Doces. E o Verbo pairava sobre as águas, diz-se na Bíblia. Devia ser sobre as águas balsadas no Xaraes, na lagoa Rodrigo de

⁶⁷ “*Quando eu não falo, não penso*”. Frase da personagem homônima do romance *Numa Roumestan*, do escritor francês Alphonse Daudet (1840-1897). O original de Rangel não cita fielmente a fonte em francês, aqui corrigida.

Freitas, precipitadas na cachoeira de Paulo Afonso, fluídas no rio Doce ou no Banana Podre...

Destinado a desenvolver o gosto e a qualidade da arte oratória, num país por assim dizer de oradores natos, o “Amor à Tribuna” era uma excrescência e dentro do quartel uma inconveniência, senão um perigo evidente. Em 1888, pelo delatado Brasil, já se tinha por toda a parte chocado os milheiros de ovos de onde deveriam sair os notabilizados torpedeiros da Monarquia, os futuros naufragos da fiança e da economia da Nação como Rui, Floriano e Epitácio Pessoa... Como se viu, o contingente da Praia Vermelha com a eloquência de espada à cinta dos Barbosas Lima, Tomás Cavalcanti e Vespúcio de Abreu, só poderia aumentar a balbúrdia e a salgalhada sem que cousa alguma se harmonizasse, se salvasse ou consertasse, pois, destacadas às ameias do Congresso Nacional todos eles não fizeram senão concorrer a substituir o edifício das nossas liberdades públicas, mantidas na aplicação mais que semi-secular da Constituição Imperial, pelo capricho individualístico de ditadores mais ou menos disfarçados e alongados...

Compreende-se, entretanto, que essa associação recreativa não fosse ainda assim tão antipática aos espíritos de companheiros menos secos e que procurassem escapar uma vez por outra da ideia fixa na proposição de Thales ou da equação geral do trabalho. Dar-lhe-ia o “Amor à Tribuna” a ocasião de falar alto e de certa maneira despiciente, ao saber do que lhes aprouvesse, quando da parte da ciência tudo se apresentava preso ao antecedente e ao consequente, nos elos da dependência que fechavam o raciocínio na mesma tabela e no mesmo círculo de ferro. Vivas seriam dadas à licença de juntar as palavras sem os colchetes dos sinais mais, menos, igual, maior, menor ou proporcional!... Vivas e mais vivas! À fantasia da figura de retórica, à confusão borbotada da alma, o exórdio de um lado e a peroração de outra, o tema ignorado o anti-tema!...

O “Amor à Tribuna” representava um oásis, onde se desse folga à aspereza e exclusividade da matemática, a esse X, uma cruz de Santo André, em que se era esquartelado dia e noite, numa pedra preta, entra ano, sai ano... A sociedade literária temperava as séries do Antíoco Faure e os infitesimais do Tromposwsky de um sueto compreensível. Que parênteses de voo para além dos laços de tanta dedução de valores; que deleitosa sinalefa de ruídos orais os mais desencontrados ao desenvolvimento analítico

silencioso de natureza e que não comportava desvios de imaginação nas suas linhas cabalísticas e precisas!...

Havia, porém, os alunos que julgavam esse “Amor à Tribuna” alguma coisa de informe e muito impróprio. Eram os convencidos que fora do F. I. C. ou do Sturn nada se tinha a fazer, aqueles para os quais só podia rolar preso a um sistema de eixos ortogonais e expresso numa equação monumental e irresolúvel. A sua aversão às letras alcançava a profundidade de ódio entranhado e insopitável. Alinhar uns versozinhos ou qualquer trecho de prosa amena eram para eles atos quase vergonhoso. Apontavam-se com desdém ou delituosos dessas fraquezas. Euclides da Cunha, por sua incoercível inclinação literária, não seria por isso melhor considerado, antes pelo contrário... Não se lembravam os tumultuários rapazes, obsessos na broca da mata dos radicais e “rabcões”, que Augusto Comte, além de matemático, fora um sociólogo, perdido na fantasia das suas preocupações religiosas; não sabiam que Descartes dissertara no “Discurso sobre o Método”, com a pena de um perfeito homem de letras, e mesmo escrevera para a Cristina da Suécia a letra de um bailado, pondo na boca de Marte o hino do completo fanfarrão:

*“J’écrase les rechers, j’aplanis les mantagnes,
Je comble les fossez, je mine les chasteaux,
J’ensanglante les mers, je brusle les vaisseaux
Et je jonche de morts les plus belles campagnes.”*⁶⁸

E ignoravam eles, outrossim, que o afamado matemático maranhense Joaquim Gomes de Souza publicara em Leipzig, em 1859 a “Antologie universelle, choix des meilleures poesies lyriques de diverses nations dans les langues originales”; que Pascal, com onze anos compôs um tratado dos sons e com dezesseis anos, o “Essai pour les Coniques”, geômetra e físico eminente, mais tarde subscrevera em “Pensées” algumas das mais belas páginas da língua francesa, em “Provinciales” armara as suas baterias de panfletário; que Newton se dedicara ao estudo da teologia e da alquimia; que Hamilton também poetara; que o “Príncipe dos Matemáticos” Gauss filosofou e Boole cultivaria as línguas vivas e mortas...

⁶⁸ Em francês arcaico: “*Eu arraso as buscas, eu aplano as montanhas, / eu encho as fossas, eu cavo os castelos, / eu ensanguento os mares, eu queimo os vasos, / e eu cubro com mortes os mais belos campos*”.

O resultado de estarem convencidos, na Praia Vermelha, dessa falsa incompatibilidade entre a Ciência e a Arte, é que a grande maioria das gerações que de lá saíram não sabia redigir uma carta e nem lançar o relatório bem escrito; em matéria de poesia não iria além da versejadura do Santos Titara e do “Trinos e Cantos” do marechal Rodolfo da Paixão, se não a salvassem algumas estrofes de Edmundo de Barros e Ulisses Sarmiento. A literatura aviltou-se degranada nos dramas de Dantas Barreto. Com quase mais de um século de existência, a Escola da Praia Vermelha só chegaria a produzir como legítimos escritores Urbano Duarte, Alfredo de Taunay e Euclides da Cunha. É certo que esses dois últimos são de tomo; o que não impediria que numerosos outros filhos dessa academia pudessem ter irrompido dos seus muros de guerra e matematicismo, notabilizados sobretudo nas ciências e nas armas. Sendo que quanto à política e à legislação foi um Deus nos Acuda. A sua incapacidade fez grande estragos do sul ao norte da nação. A máquina do cultivo do X, instalada na Praia Vermelha, quase que só primou na bagaceira e na vulgaridade. Nada nos deixou muito valioso ou novo, senão uma ou outra página mais legível, ou algum raso compêndio ou estudo mais notável. Para não citar os vivos como demonstração, trazemos a contra-prova dos mortos.

Quantos autores do meu tempo produzidos pela Escola Militar, penejaram sem que disso resultasse maior brilho ou proveito para as letras pátrias! Dir-se-ia o público botá-los de lado por se cingirem a assuntos de árida especialidade, se não os atacasse uma espécie de febre irremittente, incidida e alimentada no total dos desconhecimentos humanos em cujos quartelões se aplicavam remoedos. Alguns mais copiosos constituíram verdadeiros boiões rachados, a esparrinharem a tinta por todos os cantos, sujando resmas e resmas de papel de imprensa. Uchoa Cavalcanti discretou sobre química, recuo dos mares, o mundo, o homem, a terra, a geografia, a religião, a filosofia, sem que se saiba se isso foi repetido de modo interessante ou levado ao cimo de reflexões originais. Liberato Bittercourt foi outro exemplar desse gênero enciclopedicamente caudaloso tão incompensado nas fontes de seu maior esforço, efundido de Larousse e secado no berço do seu mata-borrão. Educação, ensino, ciência, biografia, de tudo também se ocupou esse oficial, cujo pensamento parece ter constantemente rodado em torno da chateza dessa afirmação, que uma vez se arrojava,

discursando na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: “As pirâmides do Egito, admiração da Europa civilizada e culta, são especialmente volumosas”.

A verdade é que, oficiais distintos, professores regulares, cultores eminentes da matemática, educados na Praia Vermelha, falavam em geral numa língua de trapos, escreviam com a pena de Polichinelo⁶⁹. Salvaram-se alguns daqueles que tinham feito as humanidades fora, mas os que passaram português com o meu contraparente Doutor Lino de Andrade, no curso anexo da Praia Vermelha, estavam votados à ignorância do vernáculo a mais irremissível e completa.

Esse professor, que era genro da minha tia-avó Deolinda Jacutinga, fora mandado ao Paraguai, antes de concluir curso médico na Bahia. Regia a Enfermaria da Escola como seu diretor e clínico principal. Por excessiva comodidade de sua parte, reduzia os récipes a dois modelos principais, o que consignava o vomitório de poaia e o que ordenava o purgativo de rícino. A sua arte de curar, esquecendo a sangria, comportava apenas esse dois meios poderosos e variados na ação respectiva em que agiam ora por baixo ora por cima. Eram a expressão mais simples do vasto Códex, e do repositório do Dr. Chernoviz, os dois recursos terapêuticos da usa mediação sacerdotal. O caso é que nunca vi ninguém sair defunto por doença da Enfermaria do Lino!

Ao contrário dessa ignorância ou displicência médica, que lhe encurtara os recursos da intervenção medicamentosa do facultativo, facilitando-lhe as curas, ele conhecia perfeitamente a língua que ensinava, mas de uma grande indulgência, seria incapaz de exigir o que quer que fosse dos seus discípulos, como esforço e cabimento. Por sua culpa a sintaxe das preposições continuava para eles tão hermética quando as receitas de alquimia.

Muito alto, funerariamente acorcondado e enterrado no chapéu de copa tubular e na sobrecasaca e calças pretas de costume invariáveis, tinha o Lino as barbas imensas, aparadas de modo que lhe prolongavam o rosto fino num almofadão de sedas bastas e grisalhas. Esse médico, no seio da família, não dizia palavra. Vivia com a mulher, a sogra, os cunhados e os filhos, evitando com o silêncio a possibilidade dos atritos, manobrava nos mares interiores de suas quatro paredes com a mão no leme e a rolha na boca. Essa alalia,

⁶⁹ Polichinelo: versão napolitana do Arlequim; personagem-tipo, burlesca, destacada pela *commedia dell'arte*. Pode indicar aqui um caráter mais brincalhão, esperto ou ainda de bobo da corte.

como terapêutica, reduzia-lhe o lar a um cemitério. Tratando-se de um facultativo, isso tinha a sua importância. Fora de casa descontava a mudez e era um parlador interminável e engraçadíssimo. Não aborrecia, acentuando a flexão correta das formas vocabulares e exigindo a perfeita colocação dos pronomes. Encostado à porta do Farani ou dos charutarias da rua do Ouvidor, falava pelos cotovelos, descontando o silêncio a que se obrigava na família e nunca se lembrava da fêrula do mestre, escondida no bolso de trás, para desfazer nos seus colegas gramáticos ou interromper o colóquio desta forma profissional: “Não é assim que se pronuncia, menino!” ou então: “O verbo morrer é intransitivo, meu amigo...”.

Aprazia-lhe pronunciar as homilias, nas festas escolares para onde era convidado frequentemente. Parainfando uma turma, o ignoscente começou assim o discurso, com que rematava as aulas, num colégio de Botafogo: “Os meninos vão pegar nos seus cajados para atravessar esta enorme arena, a que se chama férias...”. O único dente que possuía, e era enorme e valente incisivo superior, saltava-lhe das barbas, num passo à frente, em continência à solenidade daqueles tropos professores, dejetados como pérolas de eloquência educativa... O caso foi que o ensino do português e as correções linguísticas do Lino tiveram contraproducente a má sina de afugentar⁷⁰. As regras do bem falar e do que se deve escrever encontrariam os bancos acadêmicos alastrados desse espírito de sublevação próprio da anarquia geral, à qual já não se teria a força de impor uma disciplina qualquer.

Preparar-se-ia o terreno onde, tantos anos mais tarde, seriam decretadas as reformas ortográficas com que se condicionaram e facilitaram a lei do menor esforço e o triunfo da ignorância reinante no Brasil. O finório do Lino, prevendo os maus tempos não seria incomodado com a consciência do seu esforço perdido e daí a indiferença filosófica, ligada ao pouco caso dos seus discípulos da língua de Camões, transportada ao Brasil e por tempos adiante oficialmente mal grafada.

⁷⁰ Segue trecho ilegível no original.

Índice Remissivo

A

Abílio Borges · 48
Afonso Monteiro · 137
Afrodísio Amado Borba · 104
Alberto Torres · 89
Albino Rosière · 3
Alcebiades · 145
Alencar Araripe · 75
Alfredo Mallan · 155
Alfredo Nascimento · 32
Aloys Scherer · 104
Álvares de Azevedo · 51
Andrade Neves · 103
Angelo Agostini · 7
Aníbal · 97, 161
Antíoco Faure · 168
Araújos
 (família) · 85
Argolo · 103
Arquimedes · 157, 164
Auguste Forel · 145
Ausônio · 137
Avis · 30, 129

B

Balzac · 50, 164
barão do Freixal · 4
Barbacena, Souza Dantas · 40
Barbosa Rodrigues · 64
Barbosas Lima · 168
Barrouin · 77
Bastos Tigres · 159
Beaurepaire · 103
Beethoven · 11, 133
Belfort
 Antonio Raymundo Vieira ·
 47
Benjamin Constant · 58, 131,
 134, 138, 140, 153
Bernardo de Vasconcellos · 145
Bernardo Ramos · 71
Bernouilli · 165
Bezout · 164
Bilac
 Olavo · 121
Bismarck · 68
Blacke · 20
Bonifácio
 José · 130

Bonnard

 Abel · 60
Boole · 170
Bourdon · 164
Bragança-Orléans-Hasbsburgo-
 Bourbon · 78
Bruno Seabra · 129, 130
Burton
 Richard · 13
Byron · 53

C

Cambuci do Vale · 32
Camões · 172
Cândido da Fonseca Galvão · 27
Cândido Rondon · 104
Cangussu · 85
Carlos IX · 150
Carlos X · 10, 43
Carneiro da Cunha · 164
Carnot · 164
Carvalhos · 85
Casemiro Rodrigues · 77
Castro Alves · 9, 164
Catão Roxo · 4, 42
Caxias · 38, 42
Chaptal
 conde de · 48
Chernoviz · 171
Cícero · 55
Cipião · 97, 161
Clairaut · 116, 165
Claussen
 Pedro · 73
Coelho Neto · 31, 58
Cômodo
 imperador · 137
Comte · 139, 169
Conde d'Eu · 101, 149, 150, 152
conde de Lippe · 99, 100
Contreiras Rodrigues · 44
Cornélio Nepos · 57
Correia de Almeida
 padre · 55
Cotegipe · 38, 63
Cristina da Suécia · 169
Cromâncio Bastos · 162
Cruz e Sousa · 52, 123
Cunha Júnior · 71
Cyrano de Bergerac · 118

D

D. Leopoldina · 32, 77
D. Quixote · 85, 120
Dantas · 85
Dantas Barreto · 170
Dario
 rei · 155
Daudet
 Léon · 59, 167
Debret · 30
Delaunay · 116
Demóstenes · 167
Deodoro · 5, 34, 35, 36, 98
Descartes · 169
Dinamarquês
 Pedro Cláudio · 73
Diomedes · 146
Domingos Nascimento · 130
Domingos Ribeiro · 104
Durer
 Albert · 120
Dumas · 48, 50

E

Edmundo de Barros · 130, 170
Emanuel Liais · 64
Epitácio Pessoa · 168
Espronceda
 José de · 51
Euclides da Cunha · 18, 68, 118,
 126, 130, 143, 169, 170
Evaristo de Moraes · 58

F

Fabrcio Fabricci · 104
Fedro · 55, 57
Felipe Patroni · 111
Ferreira da Rosa · 31
Ferreira de Araújo · 7
Ferreira de Menezes · 7
Feuillet · 80
Flávio Freire · 19
Floriano Peixoto · 101, 149
Fonseca Costa · 103
Fontoura · 103
Fourier · 165

Frederico Guilherme · 100
Freire
 Ezequiel · 21, 22, 32, 111,
 124, 130
Freire Alemão · 32
Furquim Werneck · 144

G

Gama Lobo · 103
Gastão de Orléans · 102, 150
Gauss · 170
Gay Lussac · 164
Gide
 André · 80, 166
Girardin · 7
Gonçalves Crespo · 66
Górki
 Maxime · 59
Gourmont
 Remi de · 61
Gribouille · 17
Guabirabas · 85
Guerreiros
 (família) · 85
Guilherme I · 68
Guillobel · 30
Guinle · 71
Gustavo Schmidt · 104

H

Hamilton · 169
Heine · 66
Henrique Carneiro Leão Teixeira
 · 42
Henrique Valadares · 144
Herculano
 Alexandre · 50
Hermenegildo Barata · 144
Hugo
 Victor · 51

I

I. L. Roquete · 88
Índio do Brasil · 77
Inocêncio Vasconcellos · 162

J

Jaguaribe Filho · 77
Joaquim Gomes de Souza · 169
Josafá
 (Bíblia) · 118
José Bento · 38

José de Alencar · 133
José Duarte Filho · 87
José Maria Marinho da Silva ·
 161
Júlio César · 8, 77
Júlio Xavier · 32

K

Kipling · 127
Koster · 73, 93

L

Lacroix · 130, 167
Ladislau Neto · 64, 65
Laet · 28
Lafayette · 38
Lagrange · 167
Laurindo Rabelo · 130
Legrange · 165
Leite de Castro · 152, 153
Leoncavallo
 Ruggero · 122
Liautey · 139
Liberatos · 85
Lima e Silva · 103
Lino de Andrade · 171
Lísias · 167
Lobo Viana · 146, 147
Loëfgren · 68
Lopes · 40, 85
Lopes Gama · 40
Lopez · 26, 38, 86, 93
Luís XIV · 133, 135
Lund
 Peter · 73, 74, 75

M

Machado de Assis · 7, 166
Macius · 85
Magalhães Castro · 77
Mallebranche · 165
Marcos Curio · 156
Mardrus
 doutor · 157
Marques de Sá
 general · 101
Marquês de Sá
 general · 155
Marques de Souza · 103
Martim Francisco Terceiro · 98
Martins · 38, 77
Mello Moraes Filho · 27
Mena Barreto · 103
Micrômegas · 98
Miguel Calmon · 10

Militões · 85
Moivre · 165
Montaigne · 55
Montepin · 50, 164
Montherlant
 Henry de · 61
Moraes e Silva · 58
Morais Aurora · 103
Moreira Guimarães · 139
Moreira Pinto · 148, 149, 150
Moreiras · 85
Moura Medrado · 85
Mourões · 85

N

Nabuco
 Joaquim · 7, 40
Napoleão · 3, 89, 157, 158, 159
Navier · 167
Newton · 164, 169
Nicolau Tolentino · 55
Niemyer · 103
Nilo Peçanha · 58
Nonohai
 barão de · 103
Numa Roumestan · 167

O

Ohnet
 George · 80
Orozimbo Barnabé · 104
Osório
 general · 3, 38, 152, 154

P

Pascal · 165, 169
Patrocínio
 José do · 7, 77
Paula Cidade
 coronel · 5
Payot
 Jules · 62
Pedro I · 10, 99
Pedro II · 10, 11, 28, 41, 81, 82,
 83, 84, 94, 100, 101, 137, 150,
 151
Pego Júnior · 159
Pereira · 55, 85
Pessoas · 85
Phoncion Serpa · 112
Pinto Bandeira · 103
Pires d'Almeida · 145
Pisítrato · 146
Plácido de Castro · 87
Plutarco · 48

Ponson da Tarrail · 48
Proudhon · 89
Puvis de Chavannes · 51

R

Rabelais · 17
rainha Vitória · 79
Rego Barros · 103
René Maiseroy · 112
Ribeiro da Luz · 41
Rimbaud · 145
Rocha Filho · 130
Rodolfo da Paixão · 170
Rousseau · 55, 59
Rugendas · 30
Rui Barbosa · 151
Rumbelsperger
 Gustavo · 67, 68

S

Saldanha da Gama · 103
Santo Agostinho · 55
Santos Dumont · 77
Santos Titara · 170
Saraiva

 conselheiro · 63
Sayão Lobato · 77
Servílio Gonçalves · 130
Silva Tavares · 103
Silveira Caldeira · 67
Soares Brandão · 41
Soares de Meireles · 32
Sobragi
 Bento José · 41, 42
Sócrates · 145
Sólon · 145

T

Taunay · 40, 41, 44, 70, 100, 170
Terrail · 50
Thibaudet
 Albert · 114
Tomás Cavalcanti · 168
Tromposwky
 Roberto · 160
Tromposwsky · 168

U

Uchoa Cavalcanti · 170
Ulisses Sarmento · 170

V

Valéry · 80
Vatel · 135
Vauban · 162
Vauvenargues · 48
Veiga Cabral · 87
Vespúcio de Abreu · 168
Viana Ribeiro · 87
Villon · 122
Virgílio · 57
Voltaire · 146, 165, 166
Von Den Stein · 141

W

Wanderley Pinho · 12, 62
Washington Luís · 93
Weiss · 139

X

Xavier de Montepin · 48
Xerxes · 97, 132
Xisto Bahia · 7

Glossário⁷¹

Capítulo 1

Aljube: prisão, aposento sem luz e ar; porão; caverna.

Quelelê: conflito, briga, discussão envolvendo muitas pessoas.

Capítulo 2

Cambapé: rasteira; golpe traiçoeiro; armadilha.

Flabelo: grande leque de folhas.

Capítulo 3

Boscagem: bosque, mata, pequena floresta.

Tutumqué: indivíduo com poder de mando; figura de liderança política.

Jigajoga: brincadeira, jogo; no texto parece ter sido empregada no sentido de ‘bugiganga’.

Capítulo 4

Petrópolis: bastão grosso – leva esse nome porque a fabricação desse objeto se dava na cidade de Petrópolis.

Capítulo 5

Virago: mulher de aspecto, inclinações sexuais e hábitos masculinos.

Capítulo 6

Taful: hábil, elegante.

Capítulo 7

Andaina: conjunto de peças de vestuário que integram o uniforme.

Capítulo 8

Árdego: feroso, árduo.

⁷¹ Elaborado com base nos dicionários Houaiss e Aurélio.

Capítulo 11

Soga: corda grossa.

Propínquo: próximo.

Capítulo 12

Cerâmio: tipo de algas.

Cafarnaum: lugar de desordem, bagunça; confusão.

Coclospermácea: tipo de arbusto ornamental com folhas espirais, palmadas, lobadas ou simples e flores.

Sainete: o que suaviza uma impressão desagradável, que atenua o desprazer; graça, gosto.

Fanfreluche: adorno ligeiro e barato (um rendado, um pompom, uma pluma etc.) do vestuário feminino ou do mobiliário.

Papirógrafo: aquele que exerce a papirografia – processo de gravura, hoje desusado, em que, em vez da pedra litográfica, se usava papel grosso ou cartão preparado com elementos calcários.

Manipanso: ídolo (imagem) africano.

Capítulo 13

Doliconcefalia: condição ou qualidade de dolicocefalo – ou seja o que apresenta o crânio alongado com diâmetro transversal menor do que o diâmetro ântero-posterior (diz-se de crânio humano).

Leptorrino: que ou aquele que possui nariz longo e estreito, ou cujo índice nasal (relação entre o comprimento e a largura do nariz) se situa abaixo de 47 (medido no crânio) ou abaixo de 70 (medido na cabeça de pessoa viva).

Mesorino: que ou aquele que tem índice nasal (relação entre o comprimento e a largura do nariz) mediano, entre 47 e 51 (medido no crânio), ou entre 70 e 85 (medido na cabeça de pessoa viva); mesorrino.

Capítulo 15

Fífia: voz ou som instrumental muito agudo e/ou desafinado.

Puerpério: período que decorre desde o parto até que os órgãos genitais e o estado geral da mulher voltem às condições anteriores à gestação.

Espórtula: donativo em dinheiro ou gêneros; auxílio, esmola, ajuda.

Turiferar (ou *turificar*): adular (alguém) de modo excessivo, visando obter benefícios, falsear a realidade etc.; lisonjear.

Capítulo 16

Desaguisado: desavença entre indivíduos; briga, contenda, rixa; discordância que pode levar a ataque físico ou verbal; desavença, briga, altercação, desentendimento.

Alcavala: imposto forçado, extorquido; logro, fraude.

Taita: que ou aquele que é destemido, corajoso; valentão.

Capítulo 17

Espertina: insônia.

Brançarana: mestiça ou mulata clara que passa por branca; palavra aqui usada em sentido figurado para indicar os brancos ou mestiços em geral.

Reiuno: originalmente, adjetivo que indica aquilo que pertence ao Estado; aqui, pode ser tomado como substantivo que indica o homem que será “propriedade” do exército, em sentido muito pejorativo (já que, como substantivo, a palavra indica o animal que pertence ao Estado).

Capítulo 18

Galucho: soldado inexperiente, recruta; calouro, novato.

Capítulo 19

Arcabuzado: abatido por tiro de arcabuz (antiga arma de fogo, portátil, de cano curto e largo, que em sua origem era disparada quando apoiada numa forquilha; espingardão).

Marnel: pântano.

Cheviote: tecido de lã grossa usado para confecção de casacos masculinos, sobretudos ou costumes femininos.

Hebetado: aparvalhado, imbecilizado.

Capítulo 20

Bostelar: ferir, macular.

Mutacionismo (ou *mitacismo*): frequência muito alta, acima do normal, da consoante [m] num texto, que, se não for proposital, deve ser evitado, pois provoca um efeito estranho ou desagradável; metacismo, mutacismo.

Capítulo 21

Esterlicado (ou *esterlicar*): apertado.

Parênquima: substância celular mole que preenche o espaço entre os órgãos.

Capítulo 22

Janotismo: elegância.

Almecegado: amarelado.

Capítulo 24

Cascabulho: há diversas acepções para essa palavra (coisa de pouca importância, estudante de preparatórios); o que nos parece mais adequado ao texto é: aluno de estúdio inferior de ensino – tendo em vista que Rangel sentiu-se “menor” e “menos interessante” que o amigo Euclides da Cunha.

Capítulo 25

Jaguapeva (ou *jaguapeba*): cão doméstico, sem raça determinada, de pequeno porte e pernas curtas.

Turpilóquio: conversação torpe ou obscena; palavrão.

Capítulo 26

Salsugem: restos, detritos que flutuam à tona da água do mar, nos portos, praias etc.

Embair: induzir deliberadamente em erro; lograr, iludir, seduzir.

Fementido: que é desleal; enganoso, falso; que não cumpre a palavra; perjuro.

Grabato: leito pequeno e miserável; catre.

Capítulo 28

Aulicismo: qualidade, procedimento, hábito próprio dos áulicos; cortesia, palacianismo.

Capítulo 29

Enticar: implicar; criar questão polêmica; teimar.

Capítulo 30

Algarada: termo militar no sentido de expedição ou incursão militar realizada de surpresa; também significa vozeiro, tumulto, como os que ocorrem num ataque militar de surpresa; algazarra. Vale notar o duplo emprego proposital dessa palavra no texto em questão.

Capítulo 31

Corográfico: relativo à descrição geográfica de um território.

Capítulo 32

Biscainho: fuzil; tipo de mosquete de grande calibre.

Clavinote: pequena carabina.

Colubrina: espécie de canhão longo e fino que se empregava como peça de artilharia de praça de guerra ou de sítio.

Estativa: dispositivo para lançar foguetes.

Pabulagem: confiança excessiva em si mesmo; fatuidade, presunção; atitude de quem conta bravatas; fanfarrice; mentira artilosa; embuste.

Capítulo 34

Manigância: técnica ilusionista em que se emprega a agilidade manual; manobra dissimulada de que se lança mão para enganar alguém ou para levá-lo a fazer o que se deseja; ardil, artimanha, intriga.

Cavalo-de-frisa: peça de defesa, de uso militar – trave que, atravessada de puas de ferro, servia para conter ataques.

Ebonite: composto de borracha, usado, por exemplo, em caixas de baterias.

Récipe: receita médica.

Alalia: termo médico (domínio da neurologia e psiquiatria) para a perda total ou parcial da capacidade de falar.